# A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3713 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Quinta-feira, 2 de Dezembro de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 5 centavos


## Situação grave

Um grupo de comerciantes de Lisboa procurou o sr. ministro das finanças, a quem expoz a situação aflitiva da nossa praça, ou para melhor dizer do paiz inteiro, visto que tudo são fenomenos reflexos da grande crise que atravessamos, e pediu-lhe que sobre esta situação tomasse medidas concretas que a atenuassem, quando não resolvessem as suas maiores dificuldades.

Não se pode negar que esta solicitação tem todo o fundamento, porque na realidade, chegamos a ponto de nem já mesmo ser possivel conceber que esta situação se possa manter, quanto mais agravar-se ainda, como infelizmente parece estar indicado.

Não ha equilibrio, e não é facil supôr que continuamos a servir-nos de expedientes que já são inteiramente ilusorios. Todos asfixiamos sob os preços que se elevaram por forma tal que só os ricos podem arcar com o seu exagero. O comercio está paralisado, porque não ha possibilidade do grande publico poder adquirir alguns dos artigos mais indispensaveis á vida social. Nas classes antigamente conhecidas como remediadas, nas classes pobres, não se pode pensar noutra cousa que não seja na alimentação, porque só os generos mais precisos á conservação da existencia levam tudo quanto um chefe de familia pode adquirir com o seu trabalho.

Donde vem todo este espantoso desequilibrio?

A sua principal origem está na nossa falta de producção. Temos de importar tudo, ou quasi tudo, e como é necessario pagar em ouro, e não temos exportação que de leve compense a importação que necessitamos, equilibrando a balança comercial, a nossa moeda desvalorisa-se de dia para dia, agravando-se os cambios de tal maneira que já se pode considerar impossivel comprar lá fora, para transacionar, tudo o que não sejam os generos e os produtos que se não podem dispensar para poder viver.

Milhões de libras nos leva o carvão, milhões de libras nos leva o trigo, e não ha senão um remedio para esta situação: é aproveitarmos os nossos recursos naturaes, procurando dispensar o mais possivel os produtos estrangeiros. No dia em que aproveitarmos convenientemente as nossas quedas d'agua convertendo-as em força motriz e poder iluminante; no dia em que nas nossas colonias produzirem o trigo, que pagamos lá fora a pezo de ouro, o nosso problema economico e financeiro terá dado um grande passo, porque todo esse ouro ficará dentro do paiz, quer se trate da metropole, quer se trate das colonias.

Os comerciantes de Lisboa que procuraram o sr. ministro das finanças significaram no seu acto, a urgencia das soluções praticas para a crise que nos assoberba. Certamente o governo compreenderá que não podemos continuar a recorrer a meros paliativos que, de momento, conjuram certas dificuldades, mas que depois se reconhece não terem sido eficazes, antes perniciosos, porque as questões se agravam e a situação se torna cada vez mais insustentavel.

O que o paiz espera não são gestos impulsivos que só podem comprometer-nos ainda mais. O que o paiz espera são medidas sensatas, convenientemente estudadas, baseadas no criterio de justiça, e realisadas com energia. Só assim sairemos deste verdadeiro pesadelo, em que o espirito nacional se debate angustiado.

## Dr. Madureira e Castro

Realisou-se ante-hontem no Avenida-Palace um banquete oferecido pelo «Nucleo de Ressurgimento Nacional» ao sr. dr. Madureira e Castro que acaba de partir para a America como consul de New Bedford. Ao «toast» brindaram, enaltecendo as qualidades eminentes do homenageado, os srs. Gomes dos Santos e Carlos Fernandes associando-se tambem ás saudações a sra. D. Maria Feio, Fernando Mayer Garção, Norberto Lopes, Luiz d'Oliveira Guimarães pela «Capital». O sr. dr. Madureira e Castro agradeceu, comovido, num pequeno discurso cheio de fé e de vibrante patriotismo.

## "Doida não e não!,,

Tendo o sr. dr. Bernardo Lucas, advogado da sr.ª D. Maria Adelaide Coelho, muito adeantados os trabalhos de impressão, em volume, das cartas que n'«A Capital» teem sido publicadas por essa senhora em sua defeza, para que não percam elas a oportunidade e como ainda não temos regularisado o nosso serviço de tipografia, desistimos de as reeditar, como prometeramos.

Terão, pois, os nossos leitores que pela leitura dessas cartas se interessam, brevemente ocasião de as adquirir, pois a edição será posta á venda simultaneamente nas livrarias de Lisboa e Porto.



## DOIDOS, ELES!

### O Miudinho

A lei notarial não está bem, quando exige que o medico, chamado a atestar a sanidade mental dum outorgante, intervenha no acto «como testemunha».

Ele deveria intervir apenas «como atestante», ficando ás outras pessoas, isto é, ás testemunhas, o encargo de abonar a identidade do outorgante. Mas eu tinha de aceitar a lei tal como ela era e de prevenir, portanto, como de facto preveni, o sr. dr. Augusto Dias de Menezes Vasconcelos (medico da Armada, então residente no Porto, cujos serviços reclamei) de que, por exigencia legal, a sua intervenção seria não só na qualidade de medico, mas tambem na de testemunha; e, para desfazer qualquer duvida que no seu espirito pudesse surgir quanto á identidade da senhora que ele devia examinar, declarei-lhe que eu mesmo interviria como testemunha abonatoria, para com a minha responsabilidade legal lhe garantir que a examinanda que ele tinha de ver era a propria.

O sr. dr. Vasconcelos dispensava uma garantia desta ordem; a minha palavra era-lhe suficiente; mas eu achei melhor assim. De resto, fora do Hospital do Conde de Ferreira não me era facil encontrar de pronto uma pessoa que conhecesse a sr.ª D. Maria Adelaide (esta senhora, antes do seu internamento, tinha residido sempre em Lisboa) e que pudesse, portanto, abonar-lhe a identidade; e lá dentro, eu preferia evitar um convite a qualquer director ou empregado hospitalar, para intervir como testemunha abonatoria, pois que não contando com a amabilidade dêsse pessoal, provavel era que me respondessem com um «não».

São todos muito boas pessoas, mas o melhor era passar sem eles.

E aqui está por que eu fui testemunha na procuração.

Não sendo nela mandatario, podia muito bem ser testemunha. No dia seguinte é que, por substabelecimento do mandatario, que era, como já disse, o solicitador sr. Antonio da Silva Carvalho, passei a ter a honra de contar entre os meus clientes, a sr.ª D. Maria Adelaide.

De tudo que se combinou sobre o que deixo narrado, teve conhecimento prévio o notario que legalisou a procuração, sr. Miguel Joaquim da Silva Leal Junior, um dos mais meticulosos e considerados da sua classe, e que nada teve a opôr ou a estranhar. Nem pessoa alguma de boa fé poderia duvidar da legalidade ou da moralidade do que se fez; só o sr. dr. Cunha, «o miudinho», é que viu no caso uma bicha de sete cabeças! E vae vêr-se como ele então procedeu.

Requerido pela minha cliente, em 31 de maio de 1919, como preparatorio duma inevitavel acção de divorcio, o arrolamento dos bens do seu casal, logo passei a Lisboa para que de subito, antes de qualquer extravio, fossem impostos os selos em tres cofres que a mesma senhora me indicára: dois na «casa de S. Vicente» e um no «Monte-pio Geral». Esta diligencia realisou-se como eu desejava. E' o que o sr. dr. Cunha me não perdôa.

Tinha ele, depois da surpreza e desorientação que lhe causára a noticia, com que não contára nunca, da sua mulher—a incomunicavel...—se revoltar e defender-se, partido para o Porto a vêr se acudia ao que lá se passava. Se desorientado ficára em Lisboa, como bem o revela o telegrama publicado a pag. 71 do «Doida, não!», mais desorientado ficou no Porto, quando de surpreza em surpreza ali teve conhecimento de lhe haverem selado os seus queridos cofres.

Regressou imediatamente a Lisboa e, em vez de se dominar, esperando com serenidade que a diligencia do arrolamento se ultimasse—o que seria a favor da sua correcção, mesmo no caso de se opôr ao divorcio—logo tratou de erguer quantas dificuldades poude á continuação dessa diligencia e começou a atender-me pessoalmente. Se eu era o diabo que tinha aparecido a destruir-lhe a igrejinha dos seus projectos!

E entre os pretextos de que se serviu, contra a lei e contra o bom senso, para vêr se obstava á continuação ou se demorava, pelo menos, a diligencia a que se estava procedendo, lá apareceu a implicar com a qualidade de testemunha que eu tivera na procuração de sua esposa. No dia 14 de junho, quando se arrolaram os primeiros objectos na «Casa de S. Vicente»; ele proprio formulou, leu e fez transcrever na nota judicial um protesto com essa musica da procuração e outras arias igualmente desafinadas. Eu contraprotestei no mesmo acto; e porque, em seguida, me constasse que ele tinha andado no Porto com a mesma musica, resolvi tres ou quatro dias depois tornar mais explicitas as razões da minha intervenção como testemunha, afim de lhe acabar de vez com a cantiga.

¿De vez? Isso sim! Isso era se o sr. dr. Cunha estivesse de boa fé. Calou-se por pouco tempo nos autos, vendo que não podia iludir magistrado algum, mas veiu com a cegarega para o livro das infelicidades, a vêr se era mais bem sucedido deante do publico.

No proximo artigo, hei de mostrar os esclarecimentos complementares que apresentei e que deram ocasião á ironia das palavras «advogado verdadeiro».

Não perde o sr. dr. Cunha pela demora e ha de acabar com a cantiga, por falta de publico que lha ouça e depois de ser corrido do palco a assobios.

**Bernardo Lucas**

## SEGREDOS A TODA A GENTE

### Os barbeiros

*Decididamente os barbeiros estão levando coiro e cabelo. O velho barbeiro de Sevilha se tivesse a fantasia de nascer outra vez—de certo embandeirava em arco. Mas a verdade é que todos nós que temos barbas e não somos barbeiros—estamos atravessando uma crise dolorosa e perturbadora. Onde chegará isto? Não sei. Não sei. O homem vulgar de Linneu ameaça transformar-se em Sansão. Positivamente a vida é o triunfo da mais formidavel incoerencia—emquanto a barba custava um pataco todo o mundo usava barba; hoje, que a barba custa uma fortuna toda a gente rapa a cara...*

### Novos-ricos

*O professor eminente que é Agostinho Fortes disse hontem, na sua conferencia da Sociedade de Geografia, que os novos-ricos não são apenas, como as luvas a vinte mil réis o par, um produto exclusivo da ultima guerra;—pelo contrario, são velhos como gibões de veludo do seculo XVII. São essencialmente como a pimenta, a canela, o gengibre, um produto das descobertas. Foram a consequencia da India. Foram a causa da ruina portugueza. Nunca, como no tempo de D. Manoel ou de D. João III houvera tanta miseria—nunca, como então, houvera tanta riqueza. A historia repete-se. Melhor, a historia continua-se. Os novos-ricos de hoje são indiscutivelmente apenas uma versão moderna dos novos-ricos de hontem.*

### Sexos

*Um jornal parisiense abriu ha dias um inquerito interessante. Pergunta, cheio de indiscreta curiosidade,—se as mulheres desejariam ser convertidas em homens. Evidentemente as mulheres responderam e depreende-se das suas respostas, graças a Deus, que a maioria delas não deseja mudar de sexo—pelo menos por emquanto.*

*O que diz v. ex.ª, minha querida amiga portugueza? Vae reflectir. Mas não se esqueça que isto de ser homem, minha senhora, é uma grande massada—sobretudo por ter de aturar as mulheres. Olhe responda como mademoiselle Cocea dos Bouffes Parisiens que «gosta suficientemente dos homens para não querer ser homem.» Estamos de acordo, não é assim?*

**Luís d'Oliveira Guimarães**

## Prisão dum falsificador e assassino

### Agentes recebidos a tiro de pistola

Como noticiamos oportunamente, evadiu-se da esquadra das Monicas o terrivel gatuno e assassino Antonio Antunes, que ali se encontrava incomunicavel, acusado de, com o nome de Manoel Gonçalves, ter falsificado um cheque na importancia de 12.000 escudos, que recebeu na casa bancaria Tota.

O caso passou-se em 23 de dezembro de 1919, estando as investigações entregues ao agente David Correia. Após a fuga, a policia teve conhecimento de que ele andava a monte, tendo perdido as esperanças de o voltar a prender.

Ha dias, o agente David Mateus soube que ele andava a trabalhar numa quinta em Caxias, o que participou ao chefe Alfredo Maria, o qual imediatamente ordenou que uma brigada composta dos agentes Hermano da Fonseca, David Mateus, Manoel Joaquim Serra e dos guardas 921 e 1786 se dirigisse para ali.

Ante-hontem os agentes assim fizeram e hontem, logo de manhã, cercaram a casa onde o Antunes se encontrava, dando o caso muito que falar naquela povoação. Como o Antunes é individuo perigoso, os agentes iam preparados para o que fosse necessario. O Antunes estava como trabalhador no palacio de D. Manoel, em companhia de seu padrasto Antonio Maria, e assim que viu os agentes puxou por uma pistola e disparou 6 tiros, que, felizmente, não atingiram nenhum dos agentes. Um pobre cão é que foi ferido com duas balas, ficando com uma perna fracturada.

Após a proeza, evadiu-se, indo refugiar-se num casebre e meter-se dentro de uma mala onde os agentes foram dar com ele, não empregando resistencia, e entregando-se imediatamente á prisão.

Veiu para Lisboa, dando entrada nos calabouços do governo civil. O Antunes tem largo cadastro, contando varias prisões por furto e homicidio voluntario, tendo tambem em tempos fugido da cadeia de Aveiro.

Ao ver os agentes, tentou matar o padrasto, por desconfiar que fora ele quem o denunciara á policia.



## O sr. Cunha Leal nas finanças

### O paiz anceia pela verdade

E' o sr. Cunha Leal, ministro das finanças, uma criatura energica e todos dizem que dotada de altos predicados intelectuaes.

Está hoje em situação esplendida para esclarecer e comunicar ao publico a verdade das acusações que por varias vezes lançou do alto da sua poltrona de deputado sobre a administração publica as quaes, escusado é negar, fizeram uma tal ou qual impressão, pela autoridade especial que das funções publicas que tem desempenhado advinha ao acusador que com tanta energia marcava com o latego das suas vibrantes palavras os erros, e possivelmente as culpas, da administração superior do Estado.

Preciso é, porém, que de vez se acabe com o sistema de formular acusações que, passado o momento do escandalo que com elas se quiz provocar, ninguem mais cuida em tirar a limpo, não determinando elas assim a regularisação dos serviços alvejados, e servindo apenas para acumular o material do escandalo que vae despertar no publico, por generalisação injustificada, uma pessima ideia sobre todos os serviços do Estado, o que é altamente inconveniente para o bom nome da nação.

Por isso, o sr. Cunha Leal, que está agora em condições de procurar e encontrar os documentos comprovativos das suas acusações, tem o estrito dever de elucidar completamente o paiz ácerca dos fundamentos das suas categoricas afirmativas, tanto mais que as aparencias, pelo menos, lhes dão um cunho de inteira verdade, visto que, na realidade, serviços ha em que reina uma confusão que as boas normas de administração não pódem nem devem tolerar.

Vae o sr. Cunha Leal, portanto, esclarecer o paiz sobre as razões por que não tem sido possivel apurar as contas dos primeiros oito mezes da exploração da frota mercante alemã, como o declarou á «Capital», aqui ha mezes, um dos membros do conselho da administração dos T. M. E.

Dirá ainda ao paiz o que se lhe oferecer sobre o contracto de aluguer dos navios á «Furness», aclarando devidamente o caso das reparações dos navios ao serviço de outros paizes, por conta de quem elas deveriam correr e quem as tem pago. O pais desejaria tambem saber o que ha com respeito aos seguros dos navios perdidos por motivo das hostilidades ou desastre, se essas indemnisações teem sido pagas, integralmente ou não, ao tesouro portuguez.

Desejaria saber ainda se os navios que ficaram ao serviço do Estado foram tambem regularmente seguros e se a totalidade das indemnisações devidas pelos barcos perdidos se encontra intacta e reservada a novas aquisições.

A nação está tambem farta de viver, no que diz respeito ao abastecimento do trigo em regimen de acaso e imprevidencia e desejaria, portanto, ser esclarecido ácerca das razões que levaram a suspender o contracto celebrado pelo sr. Inocencio Camacho, com uma firma da praça de Lisboa, que assegurava o abastecimento do trigo necessário ao consumo do paiz por preço que não podia ser taxado de exagerado, com certeza inferior ao preço ainda desconhecido do publico por que tem sido pago o trigo fornecido pelo regimen actual de sobresaltos causados pela falta d'aquele cereal de que muitas vezes temos estado ameaçados.

O mesmo se pode dizer do contrato do carvão. Pela sua suspensão continua o Estado a pagar mau carvão pelos preços que lhe quizerem arbitrar os que teem na sua mão esse comercio, quando por aquele contrato poderia ter certo um fornecimento de 30 mil toneladas por mez dos melhores carvões inglezes pelos preços dos mercados de origem acrescidos de 5 %.

O paiz desejaria conhecer as poderosas razões que determinam este estado de coisas que, para os não iniciados nelas, se afigura altamente prejudicial para a nação.

Mas ha mais. A lista negra dos comerciantes que durante a guerra foram excluidos das relações com os aliados por suspeitos de manterem comercio com inimigos, manejada por mãos habeis, poderia ter-se prestado a objectivos que, postos a claro, á luz do dia, pareceriam talvez pouco edificantes. Murmura-se muito nesse sentido, e ótimo seria que se pudesse esclarecer inteiramente qualquer caso digno de censura.

E o que se diz relativamente á lista negra, conta-se tambem a proposito de «permis» obtidos com facilidade por virtude de situações favoraveis e que proporcionavam a entrada em emprezas comerciaes a individuos que toda a gente sabia não possuirem capitaes para grandes vôos.

Tirar tres casos a limpo é tarefa que incumbe ao sr. Cunha Leal, que hoje sobraça a pasta das finanças, e que precisa de mostrar que é o mesmo homem na oposição e no governo.



## Navios de guerra

Vindo do norte, entrou no Tejo o contra-torpedeiro «Tejo».

—Arribou a Las Palmas, com avarias, o navio de guerra «Patrão Lopes».

## Malas postaes

Pelo vapor «Orita» são amanhã expedidas malas postais para o Rio de Janeiro, Montevideu, Buenos Aires e portos do Pacifico, sendo ás 11 horas a ultima tiragem da caixa geral.

*CROQUIS DE VIAGEM*

## NA BOA PAZ

### XXIV — *Genève ou a pobreza d'um paiz riquissimo*

—«Pst... pst...» tal é a impressão nitida que tenho nos ouvidos após as primeiras 24 horas de Genève. Esta gente chama, esta gente suplica, esta gente agarra-nos pela aba do casaco para que lhes comprêmos qualquer coisa. Imagine-se como pode viver um paiz que era um grande hotel cheio de comodidades e confortos, sem hospedes porque um cordão de isolamento os impede de entrar! Esse cordão é... o cambio.

Já em Paris quando debruçado sobre um balcão de «change» contei as notas castanho-esverdeadas da Republica helvetica ficara atonito por receber menos de metade dos meus belos francos francezes; por mil e tal, deram-me quatrocentos suiços, que são quatrocentos só, no meio destes montes e vales onde tudo se paga, porque esses montes coroados de mata e esses vales cheios de grandes plantações de... chocolates Suchard e Nestlé em cartazes, não são outra coisa do que a industria e o comercio da Suiça.

E' nesta altura que entram as palavras que ouvi ainda em Bruxelas, a M. Ador, antigo presidente da Republica Suiça, que ali estava para presidir á Conferencia Financeira Internacional. O encontro foi na legação, casual, juntamente com um jornalista da «Derniere Heure» de Bruxelas.

A Suiça — personificada ali, no seu simpatico Mrs. Ador — estava tratando de fazer explicar ao mundo quanto é erradamente fundamentada a ideia que todos teem sobre a abundancia nos paizes neutros e sobre a sua explendida situação cambial.

—A vida é menos cara do que em qualquer outro paiz é certo, mas encareceu enormemente com a guerra em que não entramos. Males e desgraças cairam sobre nós sem cessar. A febre aftosa deu cabo do nosso gado produzindo uma alta enorme no leite. O seu preço agora é de 30 a 40 centimos o litro...

Nesta altura o belga sorri scepticamente e talvez saudosamente. Na Belgica o leite está a 1 franco e 50 o litro, — o que se a nossa moeda estivesse ao par seriam 3 tostões, e, tal como está, são uns oito.

«O nosso cambio — diz a Suiça falando pela boca do Mr. Ador, — é a nossa maior calamidade...

—Tambem a nossa — disse eu — mas em sentido inverso.

—Ninguem vai aos nossos cantões, ninguem quer negociar comnosco, e a relojoaria, os bordados e os tecidos estão dando perdas assustadoras aos nossos industriaes. Por outro lado o carvão pagamo-lo a 320 francos a tonelada, e ainda não estmos habilitados, se bem que trabalhando activamente para isso, para remediar o mal com a electrificação dos nossos caminhos de ferro graças aos recursos em força motriz que possuimos. Os salarios duplicaram o funcionalismo foi aumentado, de forma que a nossa situação economica é absolutamente precaria.

A Suiça tendo estado em paz, só querendo a paz, foi victima do «tourbillon» que passou em volta de si, e hoje sofre do mesmo mal de todas as nações».

Os belos efeitos de viver em... boa paz. E, o ilustre homem de Estado sabendo que eu tenciono ir até á Suiça, alegra-se, diz palavras amaveis sobre o Portugal, indo—creio eu mas não garanto porque não vi — logo que a palestra terminou enviar um telegrama para Berne anunciando «que... lá vae um».

*

Na fronteira de França, em Bellegarde, ha atrazo no comboio porque foi preso um cavalheiro que levava em uma mala sob um fundo falso, algumas dezenas de moedas de ouro. A França, á saída, apalpa, inquire, investiga; a Suiça, deseja sbaer quantos dias nos demoramos afim de deitar contas á... comida. Quem se demorou mais de 24 horas a atravessar a pequena republica, tem de pagar uns tantos francos por dia. Dizem-me que é para atenuar a sua crise pois acham justo que quem lá vae comer o que já é pouco para os naturaes, tem de o pagar.

Pago, é claro, e volto ao comboio, deserto, abandonado, como uma solitaria negra a sulcar as margens do Rhodano, um Rhodano de menor idade, quasi á nascença, que aqui passa em direcção ao sul. Na estação de «Cornavin» em Genève, sou assaltado por varios corretores de hoteis que denotam o seu espanto pelo recemvindo, e num trem dos muitos que aqui bocejam, sigo para o «Hotel Pension Regina» na avenida Monte Branco, frente ao lago. Da estação ali, são 5 minutos e 5 francos. Passo por um respeitavel edificio onde se instalam os correios e telegrafos, uma pequena egreja e desemboco no caes do Monte Branco. A vista que disfruto todos nós a conhecemos; é a autentica, a dos postaes, a das ilustrações, a que dá Genève com a ilhota de Jean Jacques Rousseau e os seus chorões, no meio do lago Leman, e um fantasma branco lá ao fundo, recortado num ceu muito azul. Se não fosse ser tão corriqueiro, acharia mesmo uma linda fizionomia de cidade; assim fujo á banalidade de lhe atribuir qualquer adjectivo e entro no Pension Regina.

Os senhores já entraram algumas vezes nos... cofres do Estado? Eu tambem não, mas deve ter-se esta mesma impressão que sinto ao entrar agora num hotel da Suiça: tudo vazio... ninguem...

Descubro por fim uma joven—seria a Regina?—que me dá o hotel todo para escolher, excepto o 15, o unico ocupado. A mêdo, o monsieur que acode, esboça um preço, 10 francos, acrescentando de sobre aviso que tambem tem de 8 francos, e, espiando o meu rosto, atreve-se a dizer que demorando-me dois ou trez dias se pode fazer um preço de pensão mais convidativo... Contanto que não me vá embora — percebo eu.

São 10 horas, faço a minha «toilette» e como o almoço é depois do meio dia, preparo-me para ir á policia, onde tenho de me apresentar a pagar... a minha permanencia no sólo helvetico.

A cidade é dividida, como todos nós sabemos, pelo Rhodano que, confluindo com o «Avre» um pouco depois de sair do lago Leman, segue para o Mediterraneo; umas 8 pontes de cantaria ligam as duas margens, havendo ao meio dalgumas, edificios, torres, e passando a linha dos «tramways» electricos. A parte mais bela é a dos longos passeios sobre o lago Leman para onde deita a maior parte dos hoteis, defrontando-se com o Monte Branco, lá ao longe. Vou a pé; atravesso a primeira das pontes, onde vejo passar carros e carros cheios a transbordar de gente, o que me faz pensar que ha mais... Poços do Bispo na terra; nem o lisboeta amigo consentia uma lotação daquelas; entrava em scena a chave das agulhas ou espéçava o carro que nunca mais havia circulação.

De passagem vejo bons estabelecimentos, muitas livrarias, calçadinhas agremes que me levam até á «Catedral de S. Pedro», que visito, depois de ter desencantado uma mulherzinha que me abre a porta mediante 50 centimos.

Nada de particular, senão um belo busto de Calvino—o padre santo cá da terra,—uma nave esguia, fustes delgados de colunas e postaes á venda para os «touristes»: grande cheiro a bafio.

Vou então á «policie» num 3.º andar ali ao pé e volto para baixo ver a parte civilisada da Capital da Sociedade das Nações. E mais me demoraria, na contemplação destes grandes estabelecimentos, se ao parar junto de qualquer montra não acudisse logo um dono ou um empregado, a insistir para que... comprasse; abatimentos... liquidações... uf! pareço o bocado unico de chouriço na terrina de feijão que os 10 frades haviam de comer; deixo-me ir para o fundo a exclamar «meu Deus, eles são tantos»!...

**Armando Ferreira.**

## Ordem publica

Pelo menor Antonio Ratinho morador com seus paes no Largo da Escola do Exercito, 24, r/c, quando andava a brincar no jardim do Campo dos Martires da Patria, foi hontem encontrada debaixo de umas plantas uma espingarda Manelicker que foi enviada para o Governo Civil

José Nunes da Silva, morador na rua da Bela Vista á Graça, 55, foi preso, por andar na rua da Escola do Exercito e imediações, dando tiros de pistola para o ar, alarmando assim os moradores.

Da esquadra dos Terremotos foi participado para o comando da policia que na taberna de Henrique Ferreira, rua do Arco do Carvalhão, 8, foram disparados dois tiros, averiguando-se que ali se encontravam varias praças da guarda republicana e um marinheiro, bastante embriagados, tendo sido os tiros disparados por este ultimo.



## Ensino de creanças anormaes

No edificio onde funciona a escola primaria de ensino geral n.º 73, no largo do Carmo, realisou-se a abertura oficial de um curso especial para crianças perturbadas da palavra, recrutadas pelos medicos escolares entre as que frequentam as escolas primarias de Lisboa. Presidiu ao acto o inspector geral de sanidade escolar, sr. dr. Costa Sacadura, que historiou os esforços ha muito empregados para a realisação desta obra e exaltou os beneficios que dela devem colher-se. Usaram da palavra os srs. drs. Afonso de Menezes, a cujos esforços e tenacidade se deve a abertura daquele curso, e Pacheco de Miranda, que exercia interinamente as funções de inspector geral de sanidade escolar quando ele foi superiormente autorisado em virtude duma proposta que elaborou. Depois da sessão a que assistiram tambem a directora da escola n.º 41, sr.ª D. Maria José Xavier, e a professora sr.ª D. Maria José da Cruz Pereira, a quem foi entregue a regencia do curso, foram feitas experiencias com os alunos matriculados, verificando-se os progressos realisados nas poucas lições dadas e constatando-se as suas evidentes melhoras.

## PELO TELEGRAFO

### Ainda o incendio do "Afonso XIII"

BILBAU, 29.—Os jornaes continuam a comentar o incendio no transatlantico «Afonso XIII» de 14.000 toneladas ha pouco lançado á agua com grande solenidade e que estava a concluir-se.

Atribue-se o incidente a intentos criminosos dos operarios.

Por tal motivo foram encerrados os estaleiros, ficando 4.000 operarios sem trabalho. Estes protestam contra as acusações que lhe são feitas.

A imprensa e a opinião publica reclamam das autoridades, energicas providencias para que se ponha termo a estes actos de terrorismo.—*(Havas).*

BILBAU, 29.—Um exame mais cuidado dos prejuizos do incendio a bordo do «Afonso XIII», faz calcular apenas em 1 milhão de pesetas, em vez de 5 milhões como a principio se supoz.

O navio estava seguro em varias companhias inglezas, dizendo-se que o seguro abrange mesmo os actos de sabotagem.—*(Havas).*

### A actividade dos bolchevistas na India

PARIS, 29.—Comunicam de Stockolmo ao «Eco de Paris» que os jornaes bolchevistas anunciam ter o camarada Sokolnikoff, chefe da circunscrição militar do Turquestan, dado ordem ás suas tropas para se concentrarem nas fronteiras de Afganistan e India, com intenção de executarem um movimento de grande amplitude.

Os bolchevistas não ocultam a intenção do implantarem a bandeira vermelha no planalto central de Palmira. Nas republicas musulmanas faz-se uma intensa propaganda dirigida aos seus correligionarios da India. Ao mesmo tempo, agentes secretos teem sido enviados a diferentes capitaes da Europa a fim de se pôrem em contacto com as organisações indias para um movimento contra os inglezes. Uma outra concentração bolchevista se nota no Caucaso, declarando a imprensa vermelha que os soviets não consentirão os inglezes em Batum, que é a porta ocidental da republica de Azer Beidjaz, aliada da Russia.—*(Havas).*

### O carvão para a França

PARIS, 29.—Informa o «Matin» que a situação da França na compra de carvão extrangeiro melhorou muito ultimamente, devido á boa vontade da America. Os exportadores americanos desde alguns mezes diminuiram de 30 para 18 e 17 «dollars» o preço da tonelada, dando álem disso facilidade de pagamentos a largo prazo. Ha dias foi mesmo feito uma oferta de 1 milhão de toneladas a 15 «dollars». Isto levará os exportadores inglezes a serem mais razoaveis.—*(Havas).*

### Conferencias politicas importantes

PARIS, 1—O Sr. Leygues sáe de Paris na quarta feira pela gare do Norte, voltando a Londres, afim de continuar ali as suas conferencias com o sr. Lloyd George e o conde de Sforza.—*(Havas).*

### Banquete em honra do presidente da Republica franceza

PARIS, 1—O conde Benin Longaro, embaixador da Italia, e a condessa, ofereceram na terça feira, nos salões da embaixada italiana, um banquete em honra do sr. Millerand.—*(Havas).*

### A Austria na Sociedade das Nações

PARIS, 1—A quinta comissão da Sociedade das nações reuniu-se na quarta feira de manhã na grande sala do conselho da Sociedade a fim de ouvir o relatorio de lord Robert Cecil e a moção do sr. Fisher, delegados da Gran-Bretanha e resolveu por unanimidade enviar, com o seu parecer favoravel a assembleia geral, o pedido de entrada da Austria na Sociedade.—*(Havas).*

### A luta no Extremo Oriente

PARIS, 1.—Segundo uma informação que o «*Temps*» reproduz, em consequencia das negociações entaboladas nestes ultimos dias, confirma-se que acaba de se concluir um novo armisticio entre os komalistas e os armenios.—*(Havas).*

### Convite aceite por Wilson

WASHINGTON, 1.—Segundo uma informação da Associated Press o presidente Wilson aceitou o convite que lhe foi dirigido pela sociedade das nações para que interviesse a favor da Armenia nas hostilidades entre esta e os kamalistas, exercendo a sua influencia moral.—*(Havas).*

### Os crimes politicos

PARIS, 1.—O juri foi de parecer que o crime do Rusta Bandir não era um crime politico, mas sim um crime de paixão politica e absolveu o joven estudante albanez, depois da defeza feita pelo sr. de Monzie.—*(Havas).*

### A baixa de materias primas em França

PARIS, 29.—Informa o «Echo de Paris» que persiste a baixa nas materias primas, acentuando-se mesmo em determinados artigos. No Havre, o preço do algodão é de 300 francos os 50 kilos, tendo em relação a abril uma baixa de 700 francos. O mesmo se dá com as lãs que passaram de 1.600 francos os 100 kilos para 890 francos. O aço, cobre e outros metaes, coiros, tapioca e massas alimenticias mantem-se na baixa. Os novos preços fixados pelos baixistas são sobretudos 110 fr.; fatos, 220 francos botas de atanado 29,90; calf, 49,90. Na alimentação sobresae o cacau que baixou em algumas semanas 200 fr. os 100 kilos. Em Marselha oferece-se o arroz da cochinchina a 140 fr. os 100 kilos. Os legumes frescos teem tambem baixado sendo digna de consideração uma tal generalisação do movimento da baixa de preços.—*(Havas).*

# Theatros e Cinemas

## Medalhões

**Adelina Abranches**

*Da velha escola e da velha geração das artistas que nasceram artistas por bafejo dalguma fada Adelina, o eterno Garoto dos Jornaes, não tem tido senão triunfos na sua carreira, e hoje, no marechalato do nosso teatro, é uma das mais queridas, porque a sua arte é compreensivel, é logica, feita para o grande publico. Tocando as gamas mais variadas da declamação, desde os papeis comicos aos de tragedia, ela consegue arrancar ou gargalhadas sinceras, ou lagrimas sentidas.* A Rosa Engeitada *não se levantará mais enquanto a sua interpretação estiver patente aos nossos olhos, e esta professora ridicula, exagerada, grotesca de* La maestrina, *demonstra ainda de quanto poder creador ainda Adelina Abranches dispõe para deixar que outrem lhe ofusque o brilho do nome. No entanto o teatro deve-lhe ainda mais alguma coisa que as suas creações episodicas, a sua creação carnal, essa* Aura *extraordinaria, artista já completa hoje, que irá perpetuar o nome dos Abranches, e cujo titulo de gloria ainda não se pode saber até que ponto irá, mas se adivinha imenso.*

*A Adelina, hoje entregue ao grande e comovedor papel de Avó, na comedia sentimental* A Vida, *enviamos as nossas saudações, que embora não valham, certamente, um sorriso do netinho ou um soneto... da filha, (vá de confiar um segredo; Aura Abranches é uma recatada poetisa, que não damos a conhecer aos nossos leitores por respeitarmos a sua modestia) são a expansão da nossa homenagem á festejada de hoje no Politeama.*

## Os novos societarios do Nacional

**Rafael Marques**

*E' uma bela figura do nosso teatro moderno: linha, vontade, figura. A sua galeria de personagens é já hoje das mais ricas e honestas; não será dificil antever um logar brilhante na nossa scena, quando a calma, a maior reflexão, activarem sobre as suas multiplas qualidades.*

*No Nacional tem o seu logar.*

## Noticiario

**Entre nós**

Publicou-se no Porto o primeiro numero da 2.ª serie do jornal «Terra moça».

—Rafael Marques está tratando da organisação duma companhia que vae percorrer o Brazil. O mesmo actor parte em breve para Paris a escolher peças.

—A associação de classe dos trabalhadores de teatro tem-se manifestado satisfeita com as atribuições dadas pelo ex-ministro da instrução ao director da Escola de Arte de Representar para poder escolher os nomes dos individuos que hão de preencher as vagas existentes no quadro do corpo docente d'aquela escola, tudo levando a crer que os nossos professores sejam indicados pelas classes interessadas no teatro.

—E' falsa a noticia propalada de que a A. C. T. T. se tinha desdobrado; esta colectividade assegura-nos que se trata dum pretexto para introduzir no «Conselho de Arte Teatral» duas hipoteticas colectividades que não tem séde, nem socios nem livros de lei.

—Luiz Palmeirim está escrevendo uma comedia de costumes «Meia tigela».

—Henrique Alves fará o papel principal da opereta «J. P. C.» da parceria, e que já entrou em ensaios no S. Luiz.

—A revista «Tam... Tam», de Ascenção Barbosa e Abreu e Souza, não satisfez a critico.

—No «Homem que assassinou», em scena no Porto, pela companhia Samwell Diniz, reapareceu naquela cidade, em declamação, a actriz Elisa Santos.

—A seguir ao «Chá e torradas», o «Eden» porá em scena a revista, também portuense, «Bomba Real».

# O 1.º de Dezembro

**As festas de hontem foram prejudicadas pelo mau tempo**

Passou hontem o 280.º aniversario da independencia de Portugal.

A cidade, como sempre sucede em taes ocasiões, apareceu engalanada, vendo-se hasteada a bandeira nacional não só nos edificios publicos e fortalezas, como em muitas casas particulares. Os navios de guerra surtos no Tejo embandeiraram em arco, salvando ao meio dia com 21 tiros, correspondendo assim á salva dada por uma bateria de artilharia que para tal fim foi postar-se na Rotunda da Avenida da Liberdade.

Houve alvoradas á porta de todos os quarteis, estralejando de quando em quando os foguetes e os morteiros.

Conto de costume, realisaram-se sessões solenes em diferentes associações e colectividades, lendo uzado da palavra varios oradores que mais uma vez puzeram em destaque a obra patriotica e redemptora dos 40 conspiradores portuguezes que redimiram a patria e a livraram do jugo castelhano.

A' noite houve iluminações n'alguns edificios publicos, Banco de Portugal, Camara Municipal, quarteis da Guarda Republicana, Palacio do Conde de Almada e Monumento dos Restauradores, o qual, devido a um desarranjo na electricidade, só em parte iluminou. Tanto a praça dos Restauradores como o largo de S. Domingos se encontravam ornamentados com mastros, bandeiras e plantas, tendo sido ali armados dois coretos, onde durante a noite executaram peças de concerto as bandas da Marinha e da Guarda Republicana.

A Juventude Catholica mandou rezar, pelo meio dia, uma missa seguida de Te-Deum na egreja de encarnação, tendo feito uma alocução patriotica o rev. Valerio Cordeiro.

A' noite na séde da mesma Associação, realisou-se uma sessão solene comemorativa de 1640 e do IV centenario de Fernão de Magalhães tendo usado da palavra entre outros oradores os srs. Gastão Bettencourt e Jorge Marinho da Silva.

Os alistados da I. M. P., 1.ª e 2.ª secções com os seus corpos gerentes, oficiaes e sargentos instrutores foram apresentar os seus cumprimentos á Comissão Central do 1.º de Dezembro, que se encontrava no palacio do Conde de Almada.

O grupo de escoteiros n.º 14 realisou tambem no lyceu Gil Vicente uma sessão solene, tendo feito o professor sr. Camara Reis uma palestra evocativa, finda a qual se realisou recita seguida de baile.

Os escoteiros de Portugal realisaram a festa na sua nova séde na rua Alexandre Herculano, 129, tendo o Nucleo do Ressurgimento Nacional organisado um festival artistico que se realisou no Salão do Conservatorio.

Como de costume em taes dias, os cafés, «restaurants» e leitarias tiveram auctorisação para estar abertas até ás 3 da madrugada.

A's 21 horas, na Sociedade de Geografia, realisou-se uma sessão solene sobre a presidencia do sr. Liberato Pinto, presidente do ministerio, secretariado pelos srs. ministro da guerra e marinha e coronel Ramos da Costa, sendo dada a palavra ao sr. dr. Agostinho Fortes o qual se referiu ao culto pela nacionalidade e explicando os factos que deram origem ao 1.º de Dezembro, aludindo as frases da Rainha Isabel quando da morte de D. João II.

Disse tambem que o momento revolucionario do 1.º de Dezembro de 1640 foi um movimento sem retaliações, tendo apenas em mira libertar a Patria.

O sr. Presidente da Republica não poude assistir á sessão em virtude de se encontrar encomodado de saude.



## Um retrato do ex-imperador do Brazil

Na montra da papelaria e tipografia Paulo Guedes & Saraiva, na rua do Ouro, 76 a 80, está em exposição uma artistica ampliação do retrato do falecido imperador do Brazil, D. Pedro II, cujos restos mortaes, como se sabe, em breve serão trasladados para aquele paiz.

O retrato saiu dos ateliers de fotografia Fernandes, da rua do Loreto, e, como todos os que de ali saem, um soberbo trabalho, que por si só bastaria a acreditar uma casa, se a do nosso amigo Fernandes precisasse ainda de reclames. Vale a pena perder uns minutos para o ir admirar.



# ULTIMA HORA

## O novo ministerio

**A posse do ministro da instrução**

O sr. dr. Augusto Nobre tomou hoje posse da pasta da instrução, que lhe foi dada pelo seu antecessor sr. dr. Julio Dantas na presença do chefe do governo, dos ministros das colonias, agricultura e trabalho, funcionarios do ministerio e numerosos amigos politicos e particulares. O dr. Julio Dantas, discursando expoz qual era o programa que se propunha executar, se a estabilidade ministerial o permitisse, e, apelando para a competencia do seu sucessor, indica-lhe varios pontos a atender nas diferentes ramos de ensino e das belas artes. Elogiou a competencia e agradeceu a cooperação dos directores geraes do ministerio.

Seguidamente o sr. Liberato Pinto explicou os motivos de caracter politico que determinaram o convite que fez ao sr. dr. Augusto Nobre para sobraçar a pasta da instrução.

O novo ministro, agradecendo as amaveis referencias que lhe dirigiram os dois oradores, concordou com o programa exposto pel sr. dr. Julio Dantas, lamentando, porém, que a pouca estabilidade ministerial não permita a realisação de todas as providencias e medidas que se impõem.

O sr. dr. João de Deus Ramos como secretario geral afirmou que o ministro podia contar com a lealdade absoluta e condjuração de todos os funcionarios.

O sr. Orlando Marçal, na qualidade de «leader» do grupo parlamentar popular, saudou o sr. dr. Augusto Nobre, tendo tambem palavras elogiosas para o sr. dr. Julio Dantas. Aproveitou ainda a oportunidade, por que não o poude fazer na terça feira para prestar a sua homenagem ao chefe do governo.

Por ultimo o deputado sr. Raul Tamagnini Barbosa felicitou-se com o novo ministro da instrução, em nome das comissões politicas do partido republicano portuguez no Porto.

O sr. dr. Augusto Nobre recebeu em seguida em os cumprimentos das pessoas presentes.

O seu gabinete ficou assim constituido: chefe o deputado sr. Tavares Ferreira, e secretarios, os srs. capitão José Alfredo de Paula e Avelino Ribeiro.

O pessoal do gabinete do sr. ministro das colonias é o seguinte: chefe sr. João Brito Crisostomo; secretarios srs. Delfim Costa, capitão Mario d'Oliveira.

## Conselho de ministros

Reune esta noite o conselho de ministros.

**ENTRE SOLDADOS**

## A navalha em acção

Hontem á noute estavam n'uma taberna na rua Gomes Freire, entre outras pessoas, José Miguel Marques, soldado 51 da 2.ª bateria da G. N. R., e Joaquim Xavier de Mascarenhas, 1.º cabo ferrador em serviço na Escola Militar.

Entre as libações, grande discussão se levantou resultando os dois envolverem-se em desordem ficando o Marques ferido na cabeça com uma bacia em resposta ás navalhadas que deu na cara do Mascarenhas.

Grande rebuliço, vendo-se a guarda civica impotente para conter a multidão que á viva força queria agredir o Marques, por ter sido o causador da desordem.

Conduzidos ao proximo hospital Estefania foram pensados, seguindo depois para a esquadra dos Anjos, de onde foram removidos para os seus quarteis, debaixo de escoltas.

## Entre veiculos

Hontem de manhã seguia pelo largo do Municipio o carro electrico 235, de que era guarda freio o n.º 1014, Antonio Figueiredo, de 25 anos, casado, da rua Sant'Ana á Lapa, 170, 1.º

E' sempre costume quando os carros passam junto da porta do Arsenal irem os respectivos guarda-freios fazendo constantes sinaes de campainha e os carros com andamento moderado.

Isto não tem obstado a que já varios desastres se tenham dado, principalmente colisões com veiculos que saiem d'aquele edificio, devido que sempre a falta de cuidado dos seus condutores.

Mais um se deu, indo o electrico de encontro ao auto da Base Naval, cujo «chauffeur», Carlos Mesquita, o meteu em frente do electrico, sem que o guarda-freio tivesse tempo de o fazer travar a fim de evitar o encontro, que causou prejuizos, que muito maiores seriam, se não fosse a rapidez com que o guarda-freio ainda conseguiu travar o carro.



## POLITICA

**Abre-se a nova sessão legislativa. Indicios de vida nova parlamentar. Eleição da mesa.—Apresentação do novo governo**

Inaugurou-se hoje a sessão legislativa coincidindo com a apresentação do novo governo, da presidencia do sr. Liberato Pinto, chefe do Estado maior da Guarda Republicana, que no desempenho do seu cargo se tornou crédor dos amigos da ord m.

Tudo indica que vae entrar-se em nova vida parlamentar, sem excessos de paixões politicas ou pessoaes, terminando as scenas lamentaveis que por vezes se teem dado no Parlamento Portuguez.

Dizia-nos hoje um deputado:

—Passou-se uma esponja por cima do passado...

Assim seja...

Na camara dos deputados eram 16 horas, quando o sr. Ladislau Batalha, como mais velho ocupou a presidencia secretariado pelos deputados mais novos os srs. Nobrega Quintal e João Ornelas da Silva.

Iniciou-se a chamada anunciando a presidencia estarem presentes 70 srs. deputados e que ia proceder-se á eleição da mesa.

Para a presidencia será eleito o sr. dr. Abilio Marçal. Para vice-presidente é indicado o sr. Jorge Nunes pelos democraticos e liberaes. Os populares e reconstituintes escolheram o sr. Vasco de Vasconcelos, falando-se tambem no sr. Mesquita de Carvalho escolhido pelos independentes.

Durante a chamada chegam os membros do novo ministerio que são muito abraçados pelos seus amigos, recebendo o sr. Liberato Pinto muitas provas de simpatia.

O chefe do governo vai conferenciar com o governador civil, parecendo tratar-se da demissão do capitão sr. Lelo Portela, o que só ámanhã será resolvido, parecendo que para aquele cargo irá o major sr. Marreiros, director da policia de segurança do Estado.

* *

A's 17,30 terminou a eleição da mesa sendo eleito para a presidencia o sr. Abilio Marçal e para a vice-presidencia os srs. Jorge Nunes e Vasco de Vasconcelos.

Primeiro secretario, o sr. Baltazar Teixeira; vice-primeiro secretario, o sr. João Ornelas da Silva; segundo secretario, o sr. Antonio Mantas; vice-segundo secretario, o sr. Alvaro Guedes.

Depois dos discursos de saudação do sr. dr. Abilio Marçal, que se prolongaram até ás 17,45 passa a ler-se a acta da sessão anterior e o expediente, findo o qual o novo ministerio entra na sala.

Fez-se silencio, os ministros cumprimentam a presidencia e tomam os seus logares, lendo em seguida o sr. Liberato Pinto a declaração ministerial a que em outro logar nos referimos.

## No Senado

A's 15,35 estão presentes, 33 senadores—numero insuficiente para se proceder á abertura da sessão e só ás 16 se verifica a presença de 36 legisladores.

O sr. Bernardino Machado como mais velho, ocupa a presidencia, convidando para secretarios os srs. Heitor Passos e Travassos.

Vae proceder-se á eleição da mesa.

Após a votação é o escrutinio feito pelos srs. Melo Barreto e Paes Gomes, ficando eleito presidente o sr. Correia Barreto, vice-presidentes os srs. Lima Duque e Augusto Monteiro; secretarios Heitor Passos e Rui Pereira, vice-secretarios Paes Almeida e Travassos Valdez.

Os srs. Bernardino Machado, Herculano Galhardo, Lima Alves, Celestino de Almeida, Alves Monteiro, Dias de Andrade, Sousa e Faro, Melo Barreto e Sousa Varela saudam o sr. Correia Barreto.

A prox ma sessão é ámanhã.

*

Terminada a declaração ministerial o presidente da camara agradece as saudações do governo manifestando desejos de que o novo chefe do gabinete consiga acalmar as paixões politicas.

Apoiam o governo os srs. Antonio Maria da Silva, pelos democraticos, Pereira Bastos, pelos reconstituintes, Vasco Borges, pelos dissidentes democraticos e Vasco de Vasconcelos, pelos populares.

Estão inscritos para a oposição os srs. dr. Antonio Granjo e José d'Almeida.

O sr. Eduardo de Souza pediu a palavra como «selvagem».

## Declaração ministerial

E' do seguinte teor a declaração lida hoje no parlamento pelo chefe do governo:

O Governo que ora se apresenta, assumindo o poder em circunstancias particularmente dificeis, não desconhece as responsabilidades que lhe incumbem, e por isso deseja realisar a sua missão em estreita colaboração com o Parlamento, condição indispensavel para a proficuidade dos seus esforços.

Reconhecendo que a união entre republicanos é indispensavel ao prestigio d Republica, procurará, com o maior imparcialidade e o mais severo espirito de justiça, solucionar as questões de ordem politica que se apresentarem á sua resolução.

A liberdade de reunião, a liberdade de pensamento, garantidas pela Constituição Politica da Republica, serão mantidas e defendidas como convem ás democracias modernas.

A preocupação dominante do Governo é atalhar a crise economica e financeira em que nos encontramos procurando, em colaboração com todas as forças nacionais, resolver as multiplas dificuldades presentes ou atenuar-lhe os efeitos.

Neste sentido, e pelo que respeita á vida financeira do Estado, o Governo administrará com severa economia os dinheiros publicos, limitando todas as despesas ao minimo irredutivel. Ao mesmo tempo procurará o Governo realizar a reforma fiscal de maneira a aumentar, na justa proporção, as receitas do Estado aproximando-as do equilibrio com as despesas ordinarias.

Para isso o Governo apresentará sem demora ao parlamento uma proposta de lei de remodelação dos impostos directos, pedindo para serem imediatamente discutidas algumas das propostas de finanças apresentadas pelos Governos anteriores, e tomando parte no seu exame. Do mesmo modo, proporá o Governo o alargamento do campo de incidencia e a produtividade dos impostos indirectos, e a reforma das pautas alfandegarias num sentido proteccionista, com base em inquéritos parciaes.

Por outro lado atenderá o Governo ás dificeis condições da vida nacional, certo de que só poderão encontrar alteração sensivel na estrita observancia por todos os portuguezes dos principios da economia e do trabalho.

Em harmonia com este pensamento, serão exigidos ao Paiz os inevitaveis sacrificios que a situação reclame, ampliando o regime de restrições já iniciado e estendendo-o ao consumo de todas as manufacturas estrangeiras, do trigo e do carvão, em termos de reduzir as importações ás subsistencias, matérias primas e maquinas que forem indispensaveis.

Procurando desenvolver o trabalho e intensificar a produção por forma a atenuar as deficiencias da nossa vida economica pela valorisação das riquezas nacionais, o Governo lançará as bases dum plano de fomento geral, desenvolverá as exportações e procurará assegurar ás industrias auxilios e garantias.

O governo dedicará uma cuidadosa atenção á reorganisação, já decretada, do Ministerio do Comercio e Comunicações, atendendo, em colaboração com o Parlamento, á justiça das reclamações feitas e preocupar-se-há, especialmente, com as questões dos transportes e da energia para a industria.

Promoverá a reparação e conservação da rêde de estradas, bem como a construção dos lanços mais urgentes, estabelecendo a autonomia destes serviços e propondo para eles a criação de receitas proprias. Procurará resolver o problema dos transportes ferro-viarios em termos de melhorar a exploração, provendo á deficiencia de material e estudando a possibilidade da sua electrificação. Pedirá ao parlamento que resolva definitivamente a questão do aproveitamento de nossa frota mercante e providenciará, em acordo com respectivas juntas autonomas, a construção e aparelhamento dos portos maritimos.

Quanto ao problema da energia para as industrias, o governo promoverá a rapida e intensa utilisação dos nossos combustiveis minerais e impulsionará devidamente o aproveitamento das energias hidro-electricas, tanto no andamento das concessões como na realisação das obras de captação e transporte, participando financeiramente na constituição das empresas em tanto quanto as circunstancias do tesouro o permitirem.

Procurará aumentar a cultura cerealifera nas terras de varzea, providenciando, sem violencias, para que a vinha se fixe de preferencia nos terrenos de encosta; procurará corresponder ás reclamações da lavoura não só contra o aumento das rendas, feitas em função do ultimo preço do trigo, mas tambem contra o agravamento da cultura frumentaria por motivo da elevação de preço dos adubos; providenciará para que as companhias agricolas que tenham contrato com o estado promovam o maior desenvolvimento agricola nos seus terrenos, em harmonia com os seus estatutos e as necessidades do paiz; tratará de evitar a destruição dos arvoredos particulares, regulamentando o seu corte, repovoamento e substituição da cultura; corrigirá os excessos da liberdade do comercio concorrendo o Estado com o comercio livre, por aquisição da parte dos generos produzidos no pais ou importados, conforme as circunstancias o determinarem, pagando os productos adquiridos ao preço do custo, acrescido do legitimo lucro; modificará o regime do pão no sentido de restrição do consumo do trigo; diligenciará por resolver o problema do vestuario, de modo a tornar o seu preço mais acessivel ás classes menos abastadas; em suma, esforçar-se-ha por aumentar a produção, defender a riqueza nacional e corrigir os abusos da liberdade do comercio.

Pela pasta do Trabalho o Governo procurará resolver, dentro da ordem, os mais instantes problemas da ordem social, indo ao encontro das reivindicações justas das classes proletarias, resolvendo-as de forma a conseguir um aumento de produção correspondente á uma correspondente melhoria de situação economica das classes trabalhadoras. Estabelecerá a arbitragem como forma de solução dos conflitos entre o patronato e o operariado. Auxiliará o desenvolvimento do cooperativismo. Estabelecerá o principio da participação do operario nos lucros das empresas a que pertencerem.

Apresentará as bases para uma larga reforma nos serviços da assistencia. Procurará urmor e desenvolver os organismos dependentes do Instituto de Seguros Sociaes Obrigatorios e desenvolver os serviços dependentes da Direcção de Minas, de forma a intensificar a nossa produção carbonifera.

Pelo Ministerio das Colonias procurará o Governo os seus actos pelo respeito aos salutares principios de descentralisação administrativa e financeira e empregará todos os meios no seu alcance para que cada provincia ultramarina possa, por si proprio, fazer face, quando menos, ás despesas ordinarias.

Estimulará o desenvolvimento da riqueza colonial, tendo sempre em vista que uma zelosa e eficaz protecção aos indigenas constitue o mais valioso factor de progresso das nossas colonias.

Cuidará ainda com urgencia da criação do exercito colonial, a fim de garantir, sem os excessivos dispendios que as expedições militares acarretam e com mais eficiencia, a indispensavel tranquilidade.

O Governo propõe-se fazer a reorganisação dos serviços judiciais e do Ministerio Publico, corrigindo as desigualdades verificadas nas tabelas dos vencimentos dos magistrados e regulando a forma do pagamento dos funcionarios e agentes subalternos.

Procurará melhorar, integrando-a na codificação respectiva, toda a legislação sobre direito civil, criminal, comercial e respectivos processos; dará execução, regulamentando-as, ás disposições legais sobre assistencia judiciaria, serviços prisionaes e de protecção a menores delinquentes e apresentará dentro de dias ao Congresso da Republica, ouvidas as classes interessadas, a proposta de lei do inquilinato.

Pela pasta da instrução o Governo propõe-se continuar a revisão e simplificação dos programas do ensino primario, normal e secundario; cuidará do ensino prático e profissionaes das escolas moveis e primarias superiores; promoverá o desenvolvimento da assistencia escolar; aperfeiçoará o ensino universitario, e intensificará o trabalho laboratoriol e de oficinas.

O Governo, reconhecendo a exiguidade das actuaes verbas orçamentaes do ministerio da marinha, procurará, na medida do possivel, modificar esta situação; estudará definitivamente a situação dos nossos arsenaes; dedicará toda a sua atenção ao problema da pesca; e, de acôrdo com o estado maior naval, entrará na delineação de um programa minimo de imediatas realizações, dentro dos novos orçamentos.

Solicitará o Governo ainda, pela pasta da Guerra, a rapida aprovação da proposta sobre os oficiaes milicianos; fará a transferencia dos serviços e industrias do Estado para empresas privadas; alargará os serviços de engenharia e caminhos de ferro, elevando a regimento o respectivo batalhão; promoverá a utilização da aviação em serviços comerciaes e utilizará a telegrafia sem fios, de modo a garantir sempre as comunicações internas e externas em qualquer eventualidade.

Enunciada a sua orientação geral quanto aos problemas que se lhe afiguram de mais instante resolução, o Governo conta com o elevado espirito republicano e patriótico do Parlamento Portuguez.





## Concertos Blanch

Logo que se tornou conhecido o belo programa do 2.º concerto da «Orquestra Sinfonica Portugueza», dirigida pelo maestro Pedro Blanch, que no proximo domingo se realisa no Teatro São Luiz, tem sido enorme a procura de bilhetes, pois todos querem assegurar o seu logar, que a ultima hora dificilmente encontrem. E não admira porque o programa é extraordinario. Basta dizer que se encontra em 1.º audição o celebre poema sinfonico «Don Juan», a famosa obra prima de Strauss e tambem a «Sinfonia Incompleta», de Schubert; «Os Preludios» poema sinfonico lirico, a ouverture Egmont, de Beethoven «Alhambra, Polo Gitano» e «Scenas Andaluzas» de «Bretons»; o «Parsifal» «Os Encantos da sexta feira santa» e a ouverture de «Tannhauser» de Wagner. Com tal programa a tarde de domingo no São Luiz vae ser de grande entusiasmo.



# Ecos & Noticias

JAIME CESAR FARINHA

Contando 36 anos de serviço, e tendo sempre conquistado a estima de todos, aposentou-se este funcionario, que durante muitos anos exerceu o cargo de director dos serviços de contabilidade de marinha.

Perde a contabilidade publica um dos seus mais zelosos funcionarios e o pessoal da sua repartição um dos melhores colegas, pelo que no acto da despedida lhe fizeram entrega duma mensagem em pergaminho artistica posta, na qual patentearam a amisade do bons e leaes colegas e o quanto de pesar lhes causava a sua aposentação, tendo em seguida acompanhado o seu ex-chefe até á porta do ministerio.

## Oscar Monteiro Torres

Por noticias recebidas de França, sabe-se que foi encontrado em Sonon o tumulo do bravo aviador Oscar Monteiro Torres, cujo cadaver virá para Lisboa.

## Léa Bach no Politeama

E' já no proximo domingo que no Politeama se efectua o 1.º dos dois unicos concertos que ali vem dar a eminente harpista Léa Bach, recemchegada de Bruxelas onde obteve um êxito colossal.

Léa Bach não é uma desconhecida no nosso meio. Com saudade a recordam de outra epoca os nossos melhores amadores e as mais distintas familias da nossa primeira sociedade, perante os quais se fez ouvir em programas admiraveis, executados com uma *virtuosidade* que excedeu toda a espectativa e perante a qual se renderam, para tributar-lhe uma hossana de admirações, os mais exigentes criticos.

Léa Bach dá-nos no domingo uma serie de composições. nove das quais em 1.ª audição, que hão de manter-lhe o prestigio que entre nós adquiriu sem favor e contribuir ao mesmo tempo para encher a sala elegante do Politeama o que toda a *élite* de ordinario frequenta.

Os compositores agora escolhidos para esta brilhante festa de arte são Bochsa, Beethoven, Ambroise Thomas, Pierné, Hasselmans, Mac-Dowel, Reipsky-Korsakow, Godefroid, Maurice Pesse, Albeniz e Chopin.

## Um passo em falso

Quem o não dá?

Não só o galanteador, quando conquista; o politico quando governa; a Dulcinea quando se casa...

Todos dão o seu passo em falso, quando chega a ocasião, diz o vulgo, mas a verdade é que tal não sucede com a empresa do Salão Central. Tudo que fez exibir no seu lindissimo écran é sempre recebido com o maior agrado pelos numerosos «habitués» do lindo cinema.

E se «Um passo em falso» acaba de dar, não é na forma como diverte o publico, mas sim no titulo do ultimo episodio da surpreendente pelicula de aventuras, «O rasto do Gavião».

Hoje lá o teremos, com todas as suas belezas, realisando-se tambem ámanhã, 6.ª feira, a estreia do novo episodio intitulado «Frente a frente», titulo não menos sugestivo que o que encima esta noticia.

Até logo, pois, e até ámanhã.

# A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA [illegible]

3714 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Sexta-feira, 3 de Dezembro de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 5 centavos


# Medidas urgentes

Na declaração ministerial, hontem lida no parlamento, o que certamente não peca por falta de promessas, annuncia-se a resolução de variadissimos problemas, não se esquecendo o proposito de melhorar todos os serviços, e annunciando novas reformas, entre as quaes as da propria organisação da propriedade, visto que se promete, como principio assente, a comparticipação dos operarios nos lucros das emprezas a que pertençam.

Entretanto, todos nós sabemos a sorte dos programas governamentaes, que se manifesta desde os tempos em que os discursos da corôa enchiam paginas de succulento texto, rematando pela invocação do auxilio da Divina Providencia, a qual sistematicamente fazia ouvidos de mercador a taes apelos, porquanto de todos esses vistosos programas pouco ou nada se realisava.

Agora, os governos da Republica são mais laconicos, mas nem por isso deixam de patentear ainda uma exuberancia de imaginação, tanto mais mal empregada quanto é certo que já não desperta sequer um sentimento de curiosidade.

O governo que subiu agora ao poder faz muitas promessas para o futuro que, embora isso nos pese, se abismarão porventura no pelago da indiferença nacional. Mas a opinião publica tem o direito de perguntar se não seria mais util e oportuno tentar resolver situações que, pela sua anormalidade, comprometem gravemente a vida do paiz.

N'esta ordem de ideias justificar-se-hia a interrogação, dirigida ao governo, sobre o que tenciona fazer em materia de regularisação de transportes, assunto este que interessa a todo o paiz, a todas as classes, sem excluir o proprio operariado. Porventura estas soluções de interesse pratico e imediato concitariam mais facilmente a confiança publica do que as mais mirabolantes promessas sobre excencias futuras.

Ninguem ignora que no Sul e Sueste e no Minho e Douro continua uma situação anormalissima, tendo os atentados cometidos n'essas linhas obrigado as autoridades a lançarem mão do expediente, sempre ingrato, de mandarem seguir grévistas nos wagons da frente dos comboios, para assim se poder conjurar as contingencias de novos crimes.

Não se ignora tambem que na companhia de Norte e Leste continua a chamada greve surda, deteriorando-se material, prejudicando-se os horarios, desencaminhando-se encomendas, numa palavra anarquisando-se serviços que são hoje um dos factores mais essenciaes da economia da nação.

Para estes aspetos do estado cahotico da sociedade portugueza, para estes sintomas de indisciplina que o espirito da demagogia gera e incita bom seria que o governo deitasse olhos, porque não só nos prejudicam materialmente, como moralmente diminuem a republica no conceito dos nacionaes e estrangeiros.

Não ha nada como um programa espectaculoso, para os efeitos scenograficos da politica; mas para o paiz o que mais se recomendaria, neste instante em que tantos flagelos o perseguem, seria a adopção de medidas rapidas e justas que, resolvendo questões irritantes, e até disparatadas algumas, incutissem esperanças em medidas mais largas por parte dos governos que se abalançam á obra da salvação nacional.

## Jornalistas parlamentares

### Almoço de homenagem aos presidentes das duas Camaras

E' amanhã, ao meio dia, que, na sala dos Passos Perdidos, se realisa o almoço de homenagem que os jornalistas parlamentares oferecem aos presidentes das duas casas do Congresso, que serviram na legislatura que ante-hontem terminou. Varios parlamentares das duas Camaras quizeram, como já noticiámos, associar-se a esta homenagem, o que torna a manifestação dos jornalistas parlamentares um verdadeiro acto de confraternisação que gostosamente registamos. Varios outros nomes temos a acrescentar á lista que ante-hontem inserimos: dr. Barbosa de Magalhães, dr. João Luiz Ricardo, capitão Cunha Leal, ministro das finanças; dr. Antonio da Fonseca, ministro do comercio; dr. Domingos Pereira, ministro dos estrangeiros; dr. Paiva Gomes, ministro das colonias, etc.

## Universidade Popular Portugueza

Na proxima terça-feira, pelas 21 horas, inicia-se uma nova serie de conferencias semanaes pelo sr. capitão-tenente Francisco Trancoso, sobre «As colonias portuguezas, suas riquezas e importancia no problema economico nacional».

A entrada é livre.

## Conferencias

Depois d'amanhã, pelas 21 horas, comemorando a abertura do ano lectivo de 1920-1921, realisa o sr. Emilio Costa, na Associação dos Caixeiros, uma conferencia, dissertando sobre a «Escola dos proletarios».

# DOIDOS, ELES!

## Entra o... Rei dos Advogados

Os esclarecimentos que prometi para hoje ao leitor e que, pela primeira vez apareceram em junho de 1919, na deprecada de arrolamento que foi expedida para Lisboa, constam do requerimento seguinte:

Ex.^mo Senhor Juiz: — D. Maria Adelaide Coelho da Cunha, no processo de imposição de selos e arrolamento que requereu contra seu marido, dr. Alfredo Carneiro da Cunha, entende dever completar com mais uns esclarecimentos o contra protesto em que respondeu ao protesto formulado no dia 14 do corrente por seu marido que visou e pretendeu injustamente ferir ao mesmo tempo a suplicante e o advogado abaixo assinado.

Não se faça espanto, nem misterio de ter este advogado intervindo como testemunha na primeira procuração que a suplicante passou e que está feita com toda a regularidade notarial, visto que o mesmo advogado não era nela mandatario.

Interveiu nela como testemunha abonatoria por um motivo muito simples e até honroso.

A fim de ser passada a procuração nos rigorosos termos do n.º 2 do art. 12 do Decreto notarial n.º 5625, de 10 de Maio de 1919, era preciso que o medico que afirmava a sanidade mental da outorgante interviesse no acto como sua testemunha abonatoria. Assim mandava a lei.

A esse medico foi antes do acto assegurada a identidade da suplicante, para, por sua vez, ele poder assegura-la como testemunha.

O advogado sinatario quiz, porem, levar ao extremo a confiança que devia ser dada ao medico, para este ficar bem convencido de que não houvera uma substituição de pessoa, quando apurasse que a senhora apresentada pela Direção do Hospital como uma doida, não tinha nada de doidice e antes era uma creatura perspicaz, sensata, observadora, prudente.

A melhor prova de confiança que o sinatario podia dar ao medico sobre a identidade da suplicante, era ser ele tambem testemunha abonatoria. E podia-o ser, e foi-o com verdade, porque desde o congresso Internacional de Imprensa realisado em Lisboa, conhecia D. Maria Adelaide Coelho da Cunha.

Se alguem quizer dar-se ao trabalho de procurar entre as fotografias que ao tempo se publicaram, das festas desse congresso e em especial da inauguração do momento a Eduardo Coelho (pae da suplicante) no Passeio de S. Pedro de Alcantara, desta cidade de Lisboa, alguma hade encontrar onde o sinatario e a sua cliente de hoje se notem.

Quiz pôr dentro a sua propria responsabilidade, para garantir e, mais do que isso, por honra que devia prestar ao medico.

Este é o advogado, que quando um dia puder deixar a profissão, hade despir impoluta a sua toga.

A procuração de que se trata não foi ditada pelo sinatario, como o marido da suplicante diz, deitando-se a adivinhar; mas foi, sim, escrita por ele, e lida e copiada pela suplicante.

E D. Maria Adelaide Coelho da Cunha, soube bem o que leu, soube bem o que copiou. Tão tranquila e tão consciente procedia nesse instante que, tendo acabado de escrever a procuração, declarou ao sinatario: «Doutor: minha irmã esteve aqui ha poucos dias e disse-me que meu marido estava gravemente doente. V. vae arrolar os bens. Faça as coisas de modo que a vida de meu marido não perigue. Prefiro o prejuizo dos meus interesses a pôr em risco a vida dele».

E V. Ex.ª deve lembrar-se, sr. juiz, de que na primeira vez em que juntos entrámos, com as mais pessoas de justiça, no Palacio de S. Vicente, para proceder á imposição de sêlos, eu, advogado da senhora D. Maria Adelaide, depois de saber que o marido desta senhora se tinha ausentado para o Norte, perguntei a uma menina que nos fazia as honras da casa, e até insisti na pregunta, se ele não tinha estado doente pouco tempo antes; e ainda V. Ex.ª deve recordar-se de que, finda a deligencia, ao sairmos daquela casa, ambos pezarosos, mas tendo cada um de nós cumprido o seu dever, eu expliquei a V. Ex.ª a razão da pergunta que lá fizera, e revelei esta nota simpatica da minha constituinte.

Eis a senhora que querem dar por doida e que seu marido oprime.

Sr. Juiz: Estas coisas podem parecer desçabidas nuns autos de arrolamento; mas a presente causa tem de ficar no foro portuguez menos como um debate de interesses do que como uma questão de moralidade. — Digne-se V. Ex.ª mandar juntar aos autos o que fica exposto. — O advogado — Bernardo de Almeida Lucas».

O sr. dr. Alfredo da Cunha, descobrindo neste requerimento uma fresta, por onde podia meter-se para me atacar á má fé, exultou de raiva, mas não se atreveu sósinho ao ataque, apesar de ter sido ele proprio quem, na casa de S. Vicente, formulára o protesto a que o requerimento dizia respeito. Embora o incidente estivesse correndo em Lisboa, ele, dando homem por si, como de costume, e desgostoso talvez da correcção do advogado que tinha naquela cidade (o falecido dr. Queiroga), veiu ao Porto e levou daqui pimponeante, o... «Rei dos advogados».

Ao leitor, se é curioso, dou-lhe rapidas informações sobre esta personagem. Um dia, no Tribunal do Comercio do Porto, ao discutir-se uma causa em que intervinha o sr. dr. Afonso Costa, o representante da parte contraria declarou, sabe Deus com que custo, que a sua situação era dificil, por ter como contendor o «principe dos advogados portuguezes». O dito já vinha repetido doutra causa e parece que o dr. Afonso Costa lhe achou umas certas reticencias, porque respondeu da forma que vae ver-se. Ao caber-lhe a voz de usar da palavra, começou por agradecer a qualificação de «principe» que lhe fora dada; dispensou a honraria, e, acompanhando a frase daquele sorriso que todos lhe conhecemos, desconcertador do adversario, acrescentou: — «Os «principes» da advocacia nada valem deante do... «Rei dos advogados».

Os assistentes riam á socapa. A ironia batera em cheio no alvo.

Rei ou não, mas tendo com certeza o rei na barriga (onde creio que tambem sentiu agitar-se um presidente da Republica, num dia de revolução em que viu a arder as barbas do visinho), este é o guarda-costas que o sr. dr. Cunha procurou para me insultar.

Entrou o rei e falou. Amanhã se ha de saber a fala do... Rei.

**Bernardo Lucas**

## SEGREDO Á TODA A GENTE

### Um exemplo

*Permitam que eu recorde as palavras de Venizelos pronunciadas em Nice, ao ouvido dum jornalista: «Não digam mal do meu povo. Ele foi injusto para comigo, mas eu fui talvez duro de mais para com ele. E por muito grande que tenha sido a minha dor, eu já lhe perdoei.» Que lição admiravel de dignidade e de beleza moral! O homem, a quem a Grecia deve tanto e a quem talvez por isso pagou tão mal, não renega, não amaldiçoa o seu povo: perdoa-lhe; justifica-o. E' a humildade — tornada gloria. E' um vencido — transformado em Deus. Dir-se-ia que a alma da velha Grecia renascera nesse homem — mil vezes mais forte, mil vezes mais eloquente, mil vezes mais formidavel do que nunca. Como os portuguezes teriam que aprender — se aprender não fosse mil vezes mais dificil do que injuriar!*

### Lisboa

*Um rapaz meu amigo, cheio de perturbador talento, iniciou hoje num jornal da manhã uma secção curiosa do «Rocio á Garrett». Esse rapaz é João Ameal — esse jornal é a «Situação». Mas, meu amigo, Lisboa não é apenas como você supõe e como você escreveu o Martinho, o Rocio, o Chiado. Nisso estamos em desacordo — como dois bons amigos que somos. Isso é apenas, não é verdade, a toilette com que Lisboa aparece em publico. Mais nada. Pois bem. Fale do Chiado, do Rocio e do Martinho — mas diga que Lisboa é precisamente na sua alma o contrario do Martinho, do Rocio e do Chiado. Olhe que diz uma grande verdade. Um dia vá pé ante pé á meia noite e surpreenda Lisboa em fralda de camisa... Não sei o que verá, o que lhe juro é que ha de ver quem tem razão.*

### Os planos

*Termina ámanhã, creia eu, o praso para cada um de nós manifestar (não por musica mas por escrito) os pianos que possue. Antes de mais nada, julgo oportuno notar-lhes, que esta meia duzia de linhas não é precisamente um edital — da Repartição de Finanças. Se acho bem o imposto? Certamente — porque não tenho piano. Ha apenas um ponto em que discordo. Eu entendo que o imposto não deve recair em favor do Estado: deve reverter apenas a favor da visinhança...*

**Luis d'Oliveira Guimarães.**

## Oscar Monteiro Torres

A proposito da noticia que hontem demos, informou-nos a sr.ª D. Maria Monteiro Torres, viuva do malogrado e saudoso aviador, que já de ha muito ela conhecia a ultima jazida do bravo oficial.

A sr.ª D. Maria Monteiro Torres tem em seu poder não só uma fotografia do tumulo de seu marido, como os documentos comprovativos de que ele foi feito prisioneiro em 19 de novembro de 1917, falecendo no dia 20 em resultado dos ferimentos recebidos e sendo sepultado no cemiterio militar alemão 111 de Laon, grupo G. tumulo 2.

No ministerio da guerra informaram-na de que no que se pensa é, não em trasladar o cadaver para Portugal, mas sim para o cemiterio dos portuguezes que ali se vae construir.

Pois quer-nos parecer que seria uma homenagem condigna a trasladação para Portugal de quem tanto e tão bem soube honrar o nome portuguez.



# Problema de solução urgente

## A revisão da pauta das alfandegas

Já decorreram 28 anos desde que se poz em vigor a pauta que regula os impostos aduaneiros, isto é, estão a passar tres ciclos de dez anos, sem que se tenha feito uma revisão da pauta aconselhada pelas modificações da vida economica dos paizes. Teem criado numerosos adicionaes, que tornam uma coisa horrivel o serviço nas alfandegas. Depois da guerra, orientaram-se novas correntes comerciaes, desenvolveram-se e crearam-se industrias que impõem aos governos a obrigação de, salvaguardando os interesses do tesouro, ver como se pode manter no mercado interior a luta com a concorrencia estrangeira. Alguns impostos, que para certas mercadorias eram de natureza fiscal, terão de passar a proibitivos, outros de natureza protectora terão de ser classificados «ad valorem», ou como especificos.

As circunstancias teem-se modificado por uma forma tal que não se compreende o motivo porque não só os governos, mas as classes, se teem mantido indiferentes a uma tal questão de caracter tão fundamental para a vida economica do paiz.

As associações industrial e comercial já deviam ter dado acordo de si, para se estudar este problema tão importante. Crêmos que não ha mesmo outro assunto que o sobreleve em importancia e por isso só nos surpreende que as suas reclamações não se tenham já formulado de maneira que levassem a estabelecer uma forte corrente de opinião em tal sentido.

Bastavam as dificuldades que se teem feito sentir ha uns dois anos, na saida das mercadorias dos entrepostos, e da estação das encomendas postaes, provenientes do estrangeiro, para levar as associações de classe a provocar um movimento de protesto que fizesse despertar os governos da sua habitual apatia e inconsciente indiferença pelos problemas de solução mais urgente para a vida nacional.

O novo governo, na declaração ministerial lida no Congresso, promete fazer a revisão das pautas alfandegarias, num sentido proteccionista. Ora, este assunto não podem os gvernos resolve-lo, sem ouvir préviamente as classes interessadas. Tem de ser feito um largo inquerito ás industrias e publicar ainda uma série de medidas que simplifiquem os serviços aduaneiros. Depois de se saber quaes são as industrias que merecem protecção, deve-se elaborar o projecto da pauta e ouvir as classes. Deve-se dar um praso a essas classes para reclamarem e serem discutidas as reclamações. Feito o projecto definitivo, deve-se apresentar ao parlamento.

Mas isso é uma questão demorada e é preciso acudir ás circunstancias anormaes da vida nacional, devendo-se, portanto, elaborar uma pauta provisoria mais simples, com unificação de taxas e supressão de adicionaes. O parlamento deverá aprovar essa pauta sem discussão, até que se lhe apresente as taxas definitivas.

A pauta provisoria deverá obedecer ao criterio de que os rendimentos não sejam inferiores aos actuaes. Deve ser posta em exposição, para as classes apresentarem as suas reclamações.

Em face das modificações produzidas na vida industrial do paiz, ha anomalias na pauta que são verdadeiras monstruosidades! Vamos apresentar apenas um exemplo ao leitor, para ajuizar da urgente necessidade de ser feita a revisão. Vejamos na classe de produtos quimicos o que se passa. Um quilograma de santonina custa actualmente dois contos, ou sejam 2 escudos o grama. Paga de imposto «ad valorem» cerca de quatrocentos escudos, com os varios adicionaes, direitos em ouro, etc., etc.

Se a mesma santonina vier em comprimidos ou em pastilhas, paga apenas um escudo de direitos. Ora vejam como é que se pode fabricar em Portugal medicamentos em comprimidos, se o extrangeiro encontram na pauta esta protecção!

Como este, ha muitos outros casos, que exigem uma acção imediata do governo e das associações industrial e comercial.

**J. Correia dos Santos**

## "Doida não e não!"

Tendo o sr. dr. Bernardo Lucas, advogado da sr.ª D. Maria Adelaide Coelho, muito adeantados os trabalhos de impressão, em volume, das cartas que n'«A Capital» teem sido publicadas por essa senhora em sua defeza, para que não percam elas a oportunidade e como ainda não temos regularisado o nosso serviço de tipografia, desistimos de as reeditar, como prometeramos.

Terão, pois, os nossos leitores que pela leitura dessas cartas se interessam, brevemente ocasião de as adquirir, pois a edição será posta á venda simultaneamente nas livrarias de Lisboa e Porto.



CRIMÉA

HORAS TRAGICAS

# O embarque dos refugiados em Sebastopol

## A evacuação das tropas do general Wrangel

O correspondente especial do «Matin» em Sebastopol descreve do seguinte modo a retirada do general Wrangel:

Na tarde do dia 11 de novembro, a cidade tinha grande animação. Os negociantes, cheios de panico, emalam á pressa as mercadorias que tem em deposito.

Defronte dos edificios militares estacionam pezados camions, que transportam para bordo dos navios documentos e caixas de toda a especie.

Nos consulados estrangeiros, desventurados tratam de obter passagem a bordo de qualquer navio.

Chegaram o «Waldeck-Rousseau» e o aviso «Duchaffault».

Circulam as mais contraditorias noticias do «front».

Noite já, percorreu a cidade uma corrente de optimismo, mas, infelizmente, sem o menor fundamento.

Durante toda a noite, veiculos levaram passageiros e bagagens para os caes.

O embarque proseguiu em ordem. O general Wrangel vae dirigir hoje uma proclamação ao povo.

* * *

Os estrangeiros receberam por volta das 12 horas do dia 12, das suas respectivas missões, ordem para embarcarem nos navios que chegaram para proceder á evacuação. Levo as minhas malas para bordo do «Waldeck-Rousseau». O almirante Dumesnil veiu pessoalmente a bordo deste navio na qualidade de comandante da divisão ligeira do Oriente, para dirigir as operações. Tudo se faz com ordem e metodo. Volto á terra, para ver o que ahi se passa; o «Szegdin» com 5000 refugiados, mulheres, creanças e soldados, abandona o caes para ir ancorar a meio da enseada; é substituido pelo «Siam», onde se vão amontoar outros desgraçados com as mais extraordinarias bagagens.

Nas ruas, são numerosas as filas de carros, nos quaes se empilham pessoas e fardos, aguardando pacientemente a hora do embarque; filas. Os soldados evitam que a multidão se acumule.

Os armazens conservam meio corridas as suas portas onduladas, promptas a fecharem totalmente á primeira voz, vendo-se, porém, muitas loja abertas.

Uma libra turca, que ha quinze dias valia 25.000 rublos, vale hoje 130.000.

Ha uma certa animação nas ruas, mas nenhuma desordem. Volto á noite para bordo, ficando a cidade em socego.

* * *

No dia 13 de manhã volto a terra. Durante a noute houvera certa confusão na ocasião do embarque no «Siam». Apenas assinalam algumas quedas ao mar, não se dando caso algum grave.

A's 8 horas da manhã, o alto comissario de França, que se conservou no seu posto até ao derradeiro momento, protegendo com extreme dedicação a evacuação de todos os francezes e de numerosos russos, segue para bordo do «Waldeck-Rousseau». O destacamento de cossacos do Turkestan encarregado da sua guardan embarcou tambem. Os navios inglezes sairam da enseada durante a noute, não se vendo depois fluctuar nenhum pavilhão inglez. Somente as côres russas e franceza se ostentam no porto com o «stripes and stars» dum torpedeiro americano.

Os vermelhos ocuparam no dia 12 Djankoe, a 140 quilometros de Sebastopol.

Ao meio dia e meia hora, o general Wrangel, envergando o capote pardo forrado a vermelho de general russo, passa revista pela ultima vez aos estandartes da escola de oficiaes que regressam da batalha e formam no caes.

As tropas aclamam-no.

Quando eu me encontrava junto da secção de metralhadoras, o general dirige-se-me, de mão estendida, e exclama:

— Ainda aqui está!

— Como vê, excelencia.

— Acabo de receber noticias do «front»; as tropas batem-se com a maior coragem e não recuam um passo. Teremos tempo de realisar a evacuação sem sermos incomodados. Como vê, a cidade está tranquila e os meus soldados vitoriam-me; o moral é excelente e podemos dizer que nos mantivemos até ao fim.

* * *

Findou o dia 13 na maior tranquilidade. Percorri a cidade em todos os sentidos; as ruas estão libertas dos enormes comboios que, durante tres dias enchiam as arterias encontrando se toda a gente que os formava a bordo dos navios surtos na enseada.

Estas ruas teem o aspecto de bivaques abandonados, vendo se pelo chão caixas de conservas vazias, destroços de toda a especie, «residuos» deixados em monte pelos cavalos que durante dois dias se conservaram no mesmo local, sem tugir nem mugir.

Estão no porto mais de cincoenta navios de grande tonelagem, francezes ou russos, couraçados, avisos, navios de passageiros e torpedeiros.

Tres submarinos russos de modelo recente estão prontos a fazer-se ao largo.

A maior parte destes navios já se encontram carregados de refugiados. No convez de alguns inumeras pessoas, de pé, por lhes ser impossivel sentar-se, tão densa é a multidão; ha navios que, construidos para receber 500 passageiros, encerram 3.000!

Ao fundo da enseada, outros barcos, junto ao molhe, estão prontos a receber as forças que pouco a pouco vêm chegando.

A's 17 horas, o general Wrangel, que quer com a sua presença animar a população, passeia a pé pela cidade.

Por toda a parte é alvo de manifestações de simpatias; não sómente os militares fazem a continencia: grande numero de civis se descobrem á sua passagem.

No mercado, aclamaram-no as mulheres do povo, chegando muitas a chorar.

O general recebeu noticias do «front»; os bolchevistas não conseguiram transpor Seferopol, o que os mantem a mais de sessenta quilometros de Sebastopol, e ninguem acredita nas informações dalguns pessimistas que dão como vista a cavalaria vermelha em Inkermann.

Diz-me tambem o general que recebeu um telegrama dos operarios de Eupatoria, que tomaram no dia 12 conta do poder e que garantiram manter a ordem.

Uma delegação operaria de Sebastopol veio pedir espingardas, com o intuito de defender a cidade do ataque dos bolchevistas. Não lhes satisfeil o desejo, pelo facto de serem suficientes as tropas regulares para garantir o embarque dos refugiados.

Por seu lado, os operarios do arsenal tambem se apresentaram a manifestar-lhe o seu pezar pela sua partida e dizer-lhe que, devido a um consideravel excesso de trabalho conseguiram aprontar tres navios nos quaes eram precisas grandes reparações, e que estavam fazendo todo o possivel para acabar os dois ultimos.

O general conta egualmente que recebeu um «radio» dos soviets prometendo poupar a vida a todos e garantindo que não serjam exercidas quaesquer represalias se lhes entregassem os armamentos e edificios militares sem nenhuma deterioração.

— Mandei quebrar o aparelho de T. S. F. — acrescentou Wrangel.

Todavia, n'um manifesto publicado dão-se instruções para que nada seja destruido ou estragado.

«Todas as cousas que pertençam não só ao governo do Sul da Russia, como tambem á nação russa».

Vê-se que, até final, sem ceder a um movimento de colera injustificado, e conservando um sangue frio perfeito, o general não pensou senão no bem do povo e no interesse da Russia.

Os cossacos que não podem embarcar os seus cavalos vendem-nos em publico depois de lhes tirar os arreios.

Encontram-se quantos se quizerem a 40.000 rublos, o que, pelo agio actual representa trez francos pouco mais ou menos!

Pergunto, por curiosidade, o preço duma capa de astrakan, no unico armazem entre-aberto em toda a cidade; é uma capa de ocasião.

Trinta e cinco milhões de rublos! — respondem-me.

Continua a andar gente na rua, mas não se vê um unico oficial.

A maior parte das pessoas que queriam fugir estão já a bordo; alguns retardatarios, carregados de volumes, correm para os caes.

Alta noite vê-se ao longe, [illegible] cumiada, um comboio a arder».

## Zeferino de Oliveira

Chegou hontem a Lisboa, com sua familia, a bordo do «Limburgia», o sr. Zeferino de Oliveira, que no Rio de Janeiro tanto tem honrado e dignificado o nome portuguez, sendo por direito de conquista um dos membros da nossa colonia, no Rio, de mais destaque e de mais justo renome.

Apresentamos-lhe as nossas boas vindas e folgamos com que Zeferino de Oliveira encontre nos ares de Portugal as melhoras que procura para sua gentil filha.

# PELO TELEGRAFO

### Ministro de Portugal em Berlim

BERLIM, 2 — O novo ministro de Portugal, sr. Lambertini Pinto, apresentou as suas credenciaes ao presidente do imperio com o cerimonial do costume, trocando-se nessa ocasião discursos cordiaes. — (*Havas*).

### Convenio sobre navegação aerea

PARIS, 2 — A comissão dos negocios externos da camara dos deputados adopta o projecto que aprova o convenio assinado entre a França, a Bolivia, o Brazil, o Equador, Guatemala, Panamá e Portugal sobre a navegação aerea. — (*Havas*).

### O bloqueio de Fiume por terra e por mar

ROMA, 2 — A esquadra italiana fez hontem uma demonstração pacifica na baia de Fiume, retirando-se depois para fóra da barra. — (*Havas*).

ROMA, 2. — Gabriel d'Annunzio declarou Fiume em estado de guerra com a Italia e determinou que se fizesse a mobilisação geral. — (*Havas*).

ROMA, 2. — O bloqueio de Fiume pelas forças do governo italiano começou na 3.ª feira á meia noite. — (*Havas*).

PARIS, 2. — Segundo uma informação que o *Temps* reproduz, o governo italiano informou oficialmente as potencias da *Entente*, do bloqueio de Fiume, por terra e por mar, e que este começou na 3.ª feira á meia noite. O *Messagero* recebeu noticias de Fiume que a esquadrilha de Pola fez na 4.ª feira uma demonstração pacifica na baia de Fiume, a qual foi recebida com tiros de espingarda que não produziram o menor resultado, não ficando ferido um só marinheiro. — (*Havas*).

### Falencias de casas de modas em Londres

PARIS, 2. — O *Journal* recebeu um telegrama de Londres, dizendo que a abstenção sistematica dos compradores deu logar a uma grave crise comercial em varias casas importantes, especialmente nas lojas de modas, que por esse motivo se acham em estado de quebra. — (*Havas*).

### A aplicação dum artigo do tratado de Versailles

PARIS, 2. — Tendo sido assinado em Bade um acordo provisorio relativo á aplicação do artigo 66.º do tratado de Versailles, que atribue ao Estado francez a propriedade das pontes existentes actualmente sobre o Reno entre a Alsacia e o paiz de Bade no dia 1 de julho de 1920 entre a França e a Alemanha, e tendo-se trocado em Berlim no dia 20 de novembro as ratificações deste acto, o acordo cujo texto foi publicado na quinta feira no «Journal Officiel», entrará em completa execução. — (*Havas*).

### As gréves em Hespanha

BARCELONA, 2 — A paralisação do trabalho generalisou-se a todos os oficios e tambem aos carros electricos e aos serviços dos transportes particulares. O pão escasseia muito. Ignora-se se a paralisação do trabalho é provisoria e só para os operarios poderem assistir ao enterro do ex-deputado Layret, ou se é definitiva, constituindo-se uma nova gréve. Por causa do enterro, que deve realisar-se ás 3 horas da tarde, tomaram-se grandes precauções, pois receiam-se possiveis desordens. — (*Havas*).

SARAGOÇA, 2 — Reabriram todas as fabricas assucareiras. O ex-ministro Lacierva seguiu para Calatayud, conseguindo o governador civil que os ferro-viarios façam um comboio. — (*Havas*).

### Acordo entre a Georgia e o Azerbeidjan

PARIS, 2. — Diz-se que foi concluido um acordo comercial entre a Georgia e Azerbeidjan para a troca entre os dois paizes de certos produtos e mercadorias. — (*Havas*).

### Tratado da Finlandia com os soviets

HELSINGFORS, 2 — A dieta finlandeza votou definitivamente em terceira leitura, o tratado de Dorpat com o governo dos soviets russos. — (*Havas*).

### O voto das mulheres na Italia

ROMA, 2. — A camara dos deputados aprovou a nova lei eleitoral, que estabelece a representação proporcional e o voto das mulheres nas eleições municipaes. — (*Havas*).

### A volta de Constantino ao trono da Grecia

LONDRES, 2. — O rei Jorge V conferenciou largamente com o conde de Sforza. Nos centros politicos e diplomaticos supõe-se que as conferencias dos srs. Leygues, conde de Sforza e Lloyd George devem terminar com uma declaração comum sobr[illegible] [illegible]ão da Grecia, pondo o po[illegible] perante as consequencias do [illegible] de Constantino ao trono. — [illegible]

PARIS, 2. — O «Petit Pa[illegible]» [illegible] que pode considerar-se [illegible] acordo entre os aliados a re[illegible] da questão da Grecia. — (*Havas*).

### O novo presidente do Mexico

MEXICO, 2. — Prestou juramento o novo presidente da Republica, general Obregon. — (*Havas*).

### As relações entre a França e o Vaticano

PARIS, 2. — O «Eco de Paris» diz que será o sr. Herbette, que irá para a embaixada junto do Vaticano e que o nuncio em Paris será monsenhor Forretti. — (*Havas*).

### Ministro da guerra francez

PARIS, 2. — O sr. André Lefévre, ministro da guerra, chegou na 5.ª feira, de manhã, ás seis horas, a Vichy, onde vai fazer uma cura. — (*Havas*).

## "A Noite"

Come[illegible] a publicar-se, sob a direc[illegible] r. Bourbon e Menezes, este [illegible] da noite, ao qual dese[illegible] vida e prosperidades.

# Theatros e Cinemas

## PRIMEIRAS REPRESENTAÇÕES

**TEATRO POLITEAMA**—*A alegria de viver*, (Le Lys) *peça em 4 actos de Wolff e Leroux, tradução de Acacio Antunes*

### Peça

Foi infeliz na escolha da segunda peça desta temporada, a empreza do Politeama. Talvez por simpatia de Aura Abranches pelo papel que lhe coube, o certo é que o publico saiu enfadado sem se impressionar com o tema, nem mesmo desculpando-o com uma boa interpretação.

«Le Lys» é uma das peores peças de Wolff, talvez levemente atraente na 13 anos, mas hoje sem recursos para prender a atenção. Os seus dois primeiros actos, são fraquissimos, diluidos, o primeiro com 3 longos dialogos, o segundo com muita gente em scena, o que quando o conjunto não é absolutamente perfeito, põe em foco o ridiculo das personagens e consequentemente a falta de acção impressionante no publico.

O terceiro é o unico que se salva devido a duas tiradas, uma de Aura outra de Adelina, mas que não são o suficiente para modificar a impressão geral. O quarto acto é insignificante.

Comedia sentimental, fundamentada sobre uma figura de rapariga, que apezar de bela, se viu envelhecer sem ouvir jamais as palavras dum amor, devido ao egoismo de seu pai, e que se revolta quando antevê para sua irmã o mesmo destino triste, tem este efeito tremendo: preconisar ás raparigas que vale mais fugir, ter um amante, arrostar as iras de todos, do que sentir as teias de aranha da velhice a cobrirem-lhes o corpo.

O publico prefere os dois extremos: ou o amor absolutamente puro, que é o unico tema de «La maestrina», ou o amor absolutamente perverso, cheio de adulterio e baixeza do verdadeiro teatro parisiense. Este meio termo, deixa-o indiferente, e a idéa que afloraç simplesmente na peça, não choga a atingir a sensibilidade da plateia.

De resto, a peça tem frases banaes como *«o amor é a unica razão da vida»* e outras queijadas, que a tradução, menos cuidada do que as do costume de Acacio Antunes, põe em cheque com palavras corriqueiras. Não é pois uma obra literaria sequer.

### Tradução

Acabamos do dizer a nossa opinião, restando acrescentar que discordamos em absoluto com a alteração do titulo. Se *Le Lys* não dava para o cartaz, não se devia ter ido buscar o novo titulo para a tradução. O autor escreveu uma peça para mostrar uma figura, coadunou-lhe um titulo, e a nossa tradução dá como razão da peça, uma frase doutro personagem. Não está certo.

### Desempenho

Se o *Grande Amor* primou por um conjunto homogeneo, agradavel, simpatico, *A alegria de viver* é um desagregado de boas vontades, mas que não são suficientes para o sucesso dum desempenho.

Sem duvida que Aura Abranches disse com sinceridade as suas frases expansivas do 2.º acto, muito aquem do seu valor artistico, que Adelina, nos seus 38 anos um pouco forçados, declamou as suas expressões revoltadas, que Sacramento, louro e bem posto se reprimiu bastante para não se estatelar, que Alves da Silva, compoz um tipo sofrivel no 2.º acto, o que Fernanda de Sousa, uma joven, foi interessante do jovialidade a vontade; mas os outros bastante aflitos e com deficiencias graves que, conjugando-se umas ás outras, deram um conjunto mau. Bettencourt d'Ataide —uma estreia—foi um galã inexperiente, e se preferiu falar baixo a gritar em demasia, prejudicou toda a scena do 1.º acto visto que não conseguiu nem fazer-se ouvir, nem ter expressão.

«Gerard» afectado e ridiculo em excesso no 1.º acto, visto depois mostra não ser nada do mancebo caricatura que apresente, precipitou a sua fala principal, embora revelasse a cada instante que pode vir a depurar os seus males. João Henriques—irrisoria personagem creou, os restantes sem desmanchar o conjunto já... de si desmanchado.

No ultimo acto, lembrando tanto o ultimo do «Montmartre» com os mesmos «pares» amorosos entregues aos seus devaneios; os comparsas absolutamente destituidos de gestos, de articulação, grotescos nos seus rajos de guarda-roupa... Tudo isto impressiona mal, creiam.

### Scenarios

Scenarios velhos, muito velhos mesmo, cores cenograficas cruas que não dão ilusão nenhuma. Apenas o 4.º acto—o panorama tirado de Posilipo, tem scenario novo mas estapafurdiamente fizeram um buraco no pano de fundo,—uma boqinha no Vesuvio—por onde de deita fumo com uma velocidade estupenda! Para a provincia deve ser de grande efeito!

### A critica das criticas

Se bem que nem todos os nossos colegas se tenham já referido á peça que hontem subiu á scena, as opiniões que já conhecemos são, como não podiam deixar de ser, unanimes no desagrado.

O «Seculo» da manhã, depois de dizer o que é a peça, escreve que ela se presta *«a discussões e criticas varias, mas sem duvida, interessante para o publico, quando todos os artistas, ou, pelo menos, os que tenham os principaes papeis saibam e possam transmitir a intenção dos autores. Alguns dos que hontem a desempenharam conseguiram esse resultado»*.

O «Diario de Noticias» confessa o mesmo mal, atribuindo á interpretação, o mal de frieza do publico.

*A peça, em sintese, não agradou, ou porque o publico a não sentisse ou porque a interpretação não tivesse conseguido exteriorizar a intenção dos autores.*

A «Epoca» diz que se não foi sucesso, «de maneira nenhuma constituiu um fiasco».

Na «Batalha», Antero de Lima confirma que o tema é inferior:

*O tema tambem não é de molde a inspirar uma grande peça, porquanto se trata duma questiunncula familiar—entre pessoas bem nascidas—que nos dois primeiros actos mal consegue prender a atenção dos espectadores. O conflito é lançado naturalmente, com logica, mas ele é tão fraco que não pode dar, repito, um trabalho forte.*

Alvaro Faria, na «Patria», diz, com a sua justiça sempre categorisada, palavras desagradaveis:

*A tradução é das mais inferiores de Acacio Antunes.*

*Principalmente no 1.º acto ha expressões que ferem por demais os ouvidos (um menino, repetidas vezes empregado, um bravo fome traduzido em por mulher, etc.)*

*E para que alterar a idade dos personagens? Para que fazer nascer Chavreloche em 1874 quando na peça é 1854?*

*Para que aumentar os anos de Odette e Cristiana?*

E, quanto aos restantes, não sabemos as suas opiniões, mas não podem andar longe da bitola geral. Quo o mal não é nosso; é... das peças.

Já agora, mais uma vez, um pedido; não poderá a empreza cessar os seus «claqueurs» a não interrompe rem o espectaculo, para baterem desalmadamente com as mãos?

Quererão fazer-se passar por espectadores? Nescios! Com um criterio daqueles, e umas mãos tão barulhentas...

**Armando Ferreira.**

## Medalhões

*Angela Pinto*

*E' um nome, um grande nome do teatro portuguez. O valor dum artista não envelhece, é bem verdade. Angela Pinto, é hoje ainda uma figura proeminente, das valiosas actrizes cujo talento ou para a comedia ou para o drama, se manifesta com fulgor sem igual.*

*Dizem—as más linguas—que tem feito tres antes, o amor á vida, a ancia de viver, de gosar, que juntamente com uma inteligencia viva e fresca dava rimas ás suas frases, malicia aos seus ditos. No fundo é sentimental, é um bom coração.*

*E mais não diremos porque mais não é preciso dizer. O seu nome é o titulo maior de gloria que possue, e as palmas de logo, á noite os mais quentes elogios á sua obra.*

## Noticiario

No quarta feira, realisa-se no Nacional a premiére da peça do Angel Guimerá *A Pecadora*, traduzida por afael Ferreira.

## O cartaz de hoje

**São Luiz**, ás 21, «A Leiteira de Entre-Arroios».
**Nacional**, ás 21,30, «Leonarda».
**Trindade**, ás 21, «Primeira Caus Ginasio», ás 21,15, «Os irmãos unidos».
**Avenida**, ás 21,15, «Amigo do seu amigo».
**Politeama**, ás 21, «Alegria de viver».
**Apolo**, ás 21,15, «Risos e flores».
**Eden**, ás 21, «Chá e Torradas».
**Coliseu dos Recreios**, ás 21, Companhia de circo, ginastico, acrobatica e comica.

**ANIMATOGRAFOS**

SALÃO FOZ (Calçada da Gloria).
CENTRAL (Avenida da Liberdade).
OLYMPIA (Rua dos Condes).
CINEMA CONDES (Rua dos Condes).
CHIADO TERRASSE Rua A. M. Cardoso).
SALÃO IDEAL (Rua do Loreto).
CHANTECLER (P. dos Restauradores).





## Torpedeiros austriacos

### Valerá a pena ir busca-los?

A indemnisação alemã representou para muita gente credula uma esperança de ressurgimento nacional. Como bons portuguezes, não faltava quem contasse sair do abismo financeiro aberto diante de nós, sem trabalhos e maiores canceiras, á custa do que a Alemanha viesse a legar-nos.

Alimentou-se por algum tempo essa visão doentia, com uma certeza, adquirida não se sabe como, do obter não sabemos já quantos biliões de francos. Afinal a dura realidade não tardou a fazer cair as cataratas dos olhos dos ingenuos, e os mirificos biliões vieram a reduzir-se a alguns decimos por cento não se sabe bem por quê.

Outro tanto sucedeu com a divisão da esquadra alemã.

Não faltaram entusiastas do engrandecimento da marinha de guerra para celebrar a oportunidade de apanharmos alguns navios em numero suficiente para enfileirarmos honradamente entre as potencias maritimas. A breve trecho, porém, sobreveio a desilusão e, depois de se falar em cruzadores, fixaram-se em dois grandes destroyers e, por ultimo, veio a tocar-nos na divisão do despojo maritimo militar alemão coisa nenhuma, sendo-nos dados para consolação meia duzia de torpedeiros austriacos que, segundo se diz, estão em miseravel estado de conservação.

Curioso é notar que com os torpedeiros austriacos vimos a receber parte do despojo duma nação com a qual não estivemos em guerra.

Essa espantosa compensação pelos sacrificios que fizemos, entrando na lucta com os nossos parcos recursos, mas arriscando tudo, inclusivamente talvez a independencia se a sorte das armas se tivesse inclinado para o lado dos nossos inimigos, precisaria de ser sujeita a exame, antes de a aceitarmos, para saber se valerá a pena ir buscar ao Adriatico aqueles velhos torpedeiros, não vá acontecer termos de gastar mais dinheiro do que eles valem, na sua reparação.

E' um caso que exige reflexão.



## MOVIMENTO ASSOCIATIVO

**Associação Auxiliar dos Inhabilitados do Trabalho**—As eleições dos corpos gerentes deram o seguinte resultado:

*Direcção*: Presidente, José Dias; Tesoureiro, Francisco Nunes Carvalho; Secretario, José Francisco Paulo; vogaes, Martinho Ferreira e Raul Joaquim Santos; Suplentes, Antonio Antunes Martins Almeida e José Tomaz Fonseca.

*Assembléa geral*: Presidente, Eduardo Evangelista Alves; vice-presidente, José Francisco Rodrigues; 1.º secretario, Joaquim Pereira; 2.º secretario, Julio Antonio Marques; 1.º vice-secretario Julio Reboredo da Silva; 2.º vice-secretario, Antonio José de Lemos.

*Conselho fiscal*: Joaquim Sá Caldas; Antonio Maria Santos e José Jeaquim Jordão. Suplentes: Joaquim Gil Campos e Manoel Joaquim Cardoso.

## O concerto Blanch de domingo

O celebre poema sinfonico «Don Juan», considerada a prima obra de Strauss e uma das mais notaveis composições musicaes modernas, que traduz em musica a vida aventurosa de «Don Juan», do poema escrito por Lenau, é uma das obras que em 1.ª audição executa no proximo domingo no São Luiz, a «Orquestra Sinfonica Portugueza», dirigida pelo maestro Pedro Blanch, e que está despertando grande interesse e entusiasmo. No programa que é deveras extraordinario, figuram a «Sinfonia Incompleta», de Schubert, «Egmont», de Beethoven, «Os Preludios», de Liszt, «En la Alhambra», «Polo Gitano», «Scenas Andaluzas», de Breton, «Parsifal», «Os Encantos de Sexta-feira Santa» e a ouverture do «Tannhauser», de Wagner. E' um assombroso concerto.

## Leá Bach no Politeama

Tem sido grande a afluencia de pessoas á bilheteira do Politeama para adquirir logares para o concerto que depois de amanhã efectua a eminente concertista de harpa, Leá Bach. Tão grande que já não são muitos os bilhetes que restam. O programa é explendido e escolhido com um gosto e criterio artistico inegualaveis.

O 2.º concerto anuncia-se para a tarde de 8.





# ULTIMA HORA

## POLITICA

### O imposto de rendimento—A contribuição de registo. O conflito ferro-viario

Não resta a menor duvida que o novo ministerio foi bem recebido. De quasi todos os lados da Camara, apoz a declaração ministerial, se pronunciaram discursos de apoio, e aqueles que ficaram na oposição declararam que fariam uma patriotica fiscalisação da obra do governo sem intuitos partidarios.

O novo gabinete não se deixou porém enlevar em tão belas aparencias e parece ter saido da camara com a impressão de que por emquanto poderá contar com o Parlamento mas, que talvez não suceda o mesmo quando lho apresentar medidas de alcance. Receia n'essa altura um tal ou qual obstrucionismo.

Será assim?

Em todo o caso o governo disposto a trabalhar na conformidade do seu programa, reuniu á noite em conselho, tratando, até ás 3 horas, da madrugada, de assuntos que principalmente interessam ás finanças. Propostas de interesse foram discutidas, devendo o sr. ministro das finanças apresentar já na proxima segunda feira á Camara uma tendente a substituir a contribuição predial rustica e urbana e a contribuição industrial por uma só, e tributar a riqueza mobiliaria.

O ministro procura assim estabelecer o imposto de rendimento na sua forma mais racional, adoptando a cedula para as diversas categorias de rendimento. Uma especie de «Incometax» inglez.

Para discussão dessa proposta o ministro pedirá urgencia; assim como pedirá que na terça feira entre em discussão a proposta sobre a contribuição de registo, do sr. Vieira Lopes, na qual pretende todavia, introduzir profundas alterações quando entrar em discussão na especialidade.

O Conselho ocupou-se ainda largamente da greve ferro-viaria nas linhas do Estado, e resolveu que tivessem execução imediata quatro decretos ultimamente publicados, o n.º 7014, creando uma comissão de melhoramentos dos serviços ferro-viarios do Estado, o n.º 7015, alterando as disposições disciplinares da direcção geral dos Caminhos de Ferro do Estado, anexas ao decreto n.º 5605 de 10 de Maio de 1920 e o n.º 7015 remodelando os quadros do pessoal das direcções dos Caminhos de Ferro do Estado e melhorando a sua situação e o n.º 7069 remodelando algumas disposições referentes a licenças e faltas de pessoal dos Caminhos de Ferro do Estado.

O governo está empenhado em solucionar quanto antes o conflito ferro-viario que já se arrasta ha meses, mas não entrará em negociações com os grevistas, emquanto estes não retomarem o trabalho.

Procurará o governo fazer cessar os actos de *sabotage* e nesse sentido vae empregar todas as medidas de repressão necessarias.

### As autoridades administrativas

Não representa a expressão da verdade o que os jornais da manhã dizem sobre autoridades administrativas.

O governo tenciona substitui-las, mas em ocasião oportuna. Os governadores civis serão nomeados segundo os interesses dos partidos representados no governo, tendo-se nesse sentido trocado já impressões.

O governo está porém na intenção de pôr á prova as novas autoridades não hesitando em pôr de parte aquelas que não mostrarem no desempenho a acção necessaria e conforme a orientação governativa.

O governador civil de Lisboa pediu já a demissão, mas o sr. Liberato Pinto, resolveu que o sr. Lelo Portela continue no seu cargo até ser escolhido quem o ha de substituir.

Para o cargo indigita-se o major sr. Joaquim Marreiros, director da policia de Segurança do Estado.

### Apresentação do ministerio no senado

O novo gabinete fez hoje a sua apresentação no senado pelas 17 horas. Depois da leitura da declaração ministerial usaram da palavra dando apoio caloroso ao ministerio o sr. Herculano Galhardo e Moraes Rosa.

O sr. Celestino de Almeida analisa demoradamente a declaração ministerial, ocupando-se em especial das cartas organicas para as colonias e termina por afirmar que os liberaes farão uma oposição patriotica e leal.

A sessão deve prolongar-se até tarde porque á hora a que abandonamos o Senado estavam ainda inscritos para usarem da palavra os srs. Bernardino Machado, Melo Barreto, Dias de Andrade, pelos catolicos, e outros.

### Conferencia

O sr. Machado Santos teve hoje demorada conferencia com o sr. presidente do ministerio.

### Restaurantes e leitarias durante a noite

O sr. Liberato Pinto, relativamente á debatida questão do encerramento dos restaurantes e leitarias depois de certa hora da noite, não concorda com o sistema seguido até agora de se deixar a população da capital sem ter onde comer depois da meia noite, assim como deixar os viajantes chegados nos comboios da noite sem terem onde beber ao menos um copo de leite.

Alguns restaurants fornecem comida clandestinamente, mas com esse procedimento ilegal não concorda o sr. ministro do interior que antes do construir governo chegou a ser vigiado assim como o sr. comissario geral da policia e director da policia de Segurança do Estado, para saber onde eles iam cear...

O sr. ministro do interior vae pois permitir que os restaurantes e leitarias cujos proprietarios o desejarem, possam estar abertos em conformidade com o artigo 12.º do regulamento policial do 21 de Fevereiro de 1916.

## PARLAMENTO

### Na Camara dos Deputados

A's 14,50 faz-se a chamada, a que respondem uns 30 parlamentares.

Lê-se a acta, tomando-se em seguida conta do expediente. Na presidencia, o sr. Abilio Marçal.

Nas galerias, muito pouca gente.

A's 15,20 abre-se a inscrição para antes da ordem do dia, pedindo a palavra diversos oradores.

Em negocio urgente, o sr. Lelo Portela solicita que se tome na devida conta uma representação em que a Associação Comercial do Porto protesta contra a execução da lei que autorisa as camaras a cobrarem o imposto «ad-valorem» sobre as mercadorias exportadas dos concelhos.

O orador reputa vagas as disposições da lei que autorisou essa cobrança e alvitra a revisão desse diploma estabelecendo-se tal encargo apenas para as mercadorias destinadas ao estrangeiro.

Aludindo ao que considera defeitos da lei em questão, aponta de odiosa a clausula que autorisa a camara de Gaia a cobrar, alem do referido imposto mais outro que pode ir até 1 0/0. Isto—diz—criou um enexplica vel regimen de excepção e sobrecarregar os vinhos do Douro, pondo-os em desigualdade de condições em relação com os outros do paiz. Reforçando as suas palavras c os largos argumentos, termina enviando para a mesa, requerendo que ele se discuta hoje, um projecto revogando o artigo 3.º da lei que acaba de analisar.

O sr. Campos Melo envia para a mesa, requerendo para ele urgencia, um projecto de lei concedendo pelo ministerio do trabalho, da verba da Assistencia Publica, um subsidio mensal de mil escudos para o Asilo Escolar Antonio Feliciano Castilho, de Lisboa. Em seguida o orador chama a atenção da camara para dois telegramas que acaba de receber; um da camara municipal de Penamacor solicitando que lhe seja entregue o subsidio de 6.000$000 ha tempos decretado para o edificio escolar daquele concelho, cujo municipio já dispendeu com as respectivas obras, alem de material, a importancia de 14.000$000 e outro em que os oficiaes de justiça da Covilhã pedem a aprovação da proposta de lei que lhes melhora a situação.

O sr. Alfredo de Sousa apresenta dois projectos de lei de interesse regional.

O sr. Antonio Maria da Silva mostra-se de acordo com as considerações feitas pelo sr. Lelo Portela acerca dos impostos que a camara de Gaia está habituada a lançar e que, de facto, prejudicam os vinicultores do Douro.

O sr. Plinio Silva deseja que todos os agrupamentos politicos deem os seus melhores elementos para as comissões parlamentares, na devida harmonia com a sua representação E, neste sentido, alvitra que o sr. presidente, de quem faz o elogio, convida os «leaderes» a reunir antes das respectivas eleições, a fim de procuraram um entendimento.

Sendo horas de se entrar na ordem do dia, submete-se á discussão o projecto autorisando a camara municipal de Coimbra a caucionar o emprestimo de 1.500:000$00 que lhe foi feito pela Caixa Geral dos Depositos, para montagem da iluminação electrica publica e outros melhoramentos, com as respectivas instalações.

Regeitado o requerimento do sr. Campos Melo sobre o Asilo Escolar Antonio Feliciano Castilho, por ao respectivo projecto se opor a lei travão, põe-se á votação o do sr. Lelo Portela acerca dos impostos camararios.

Sobre o modo de votar, falam os srs. Domingos Cruz, que discorda do projecto; Nuno Simões, que lhe é favoravel; Orlando Marçal, que propõe que o projecto se discuta oportunamente em conjunto com outro que acerca da mesma lei ha pouco foi apresentado pelo autor do que se preende discutir já; Lelo Portela, que mantem o seu requerimento, e José de Almeida, que se mostra em desacordo com a urgencia e dispensa do regimento.

Depois do sr. Vasco de Vasconcelos se pronunciar do mesmo modo aprova-se o requerimento do sr. Lelo Portela.

Requerida pelo sr. Domingos Cruz a contra-prova, com contagem, verifica-se falta de numero, pelo que se faz a chamada.

Respondem 65 deputados, que chegam para deliberar.

Repetindo-se a votação, aprova-se a urgencia e dispensa, entrando em discussão.

Falam sobre o projecto os srs. Raul Tamagnini Barbosa, Santos Junior, que faz a sua estreia parlamentar, e Nuno Simões.

### No Senado

O sr. Herculano Galhardo envia para a mesa uma proposta modificando a constituição das comissões encarregadas de estudar a leis, subdividindo-as por forma a resolver com a maior rapidez, os assuntos que lhe foram submetidos.

O sr. Celestino de Almeida, pelo partido liberal, dá o seu voto á proposta.

O sr. Lima Alves propõe que a comissão de instrução se sub-divida em tres—primaria, superior e tecnica.

O sr. Silva Barreto propõe a criação de tres comissões: 1.º ensino primario normal; 2.º secundario e tecnico secundario; 3.º universitario e superior tecnico.

O sr. Herculano Galhardo propõe por ultimo, que se nomeie uma comissão de instrução com a faculdade de se sub-dividir e propor ao Senado sua sub-divisão, como entender.

O sr. Lima Alves e Silva Barreto retiram as suas propostas.

Seguidamente é interrompida a sessão para a confecção de listas.

Reaberta, procede-se ás eleições que dão o seguinte resultado.

Comissão de administração publica—Pasco Marques, Pereira Gil e Pereira Osorio.

Comissão de agricultura.—Lima Alves, Ernesto Navarro e Soveral Rodrigues.

Comissão de colonias.—Bernardino Machado, Alfredo Gaspar, Velez Caroço e Travasso Valdez.

Comissão de cultuaes.—Pereira Osorio, Antonio Teixeira e Paes de Almeida.

Neste momento dá entrada no hemiciclo o novo governo, em silencio ... As galerias estão animadas. Ocupados os «fauteuils» destinados aos representantes do poder executivo, o sr. presidente dá a palavra ao sr. Liberato Pinto que passa a lêr a declaração ministerial, já conhecida do publico. Terminada essa leitura o novo presidente do ministerio saúda o sr. Correia Barreto pela sua reeleição á presidencia do Senado.

Os srs. Herculano Galhardo, pelos democraticos, e Moraes Rosa, pelos populares, dão o seu apoio ao governo. O sr. Celestino de Almeida, pelos liberaes, declara-se em oposição franca e leal.

A sessão continua.

## Na estação da Povoa

### Um choque de comboios de mercadorias—Feridos felizmente sem gravidade

Todos os dias, de manhã, sae da estação de Santa Apolonia um comboio de mercadorias, com destino ao Norte, que rebocado por uma locomotiva, vae até á estação de Braço de Prata, onde aguarda um comboio tambem de mercadorias vindo da estação do Rocio que o toma e conduz ao seu destino.

Hoje de manhã, como de costume, e pela mesma forma, o comboio designado pelo n.º2001 organisou-se e pôz-se em marcha, sem que até á estação da Povoa qualquer incidente se desse, nem tão pouco lhe fosse impedido o avanço.

Nessa mesma ocasião, o comboio 2006, tambem de mercadorias, vindo do Norte, tinha de deixar naquela estação 10 vagons com sal proveniente da Povoa de Marinha.

Para esse efeito e tendo sido desatrelados os outros vagons, o comboio avançou para entrar no S que desvia a linha descendente da ascendente e recuar a fim de deixar os vagons com sal no desvio situado mais ao norte. Ali ficaram os vagons e a maquina avançou, para voltar a rebocar os que se destinavam a Lisboa.

Exactamente na ocasião em que a maquina ia a entrar no S para se desviar para a linha descendente, surgiu em toda a sua velocidade o comboio que ia de Lisboa.

A locomotiva, que a esse tempo estava parada, recebeu o violento choque e a que rebocava o comboio ficou imovel, com alguns vagons quasi desfeitos sobre ela.

Logo que se deu o desastre e emquanto se tratava de socorrer os empregados que iam nas maquinas e vagons, era comunicado para Lisboa o sucedido.

Imediatamente saiu um comboio de socorro de Santa Apolonia, levando o inspector principal sr. José Nascimento, inspector sr. José Rodrigues, os medicos srs. drs. Carlos Lopes, Fernando Waddington, e os enfermeiros, Gomes e Mendes. Chegados ali, verificou-se que havia cinco feridos, os quaes foram recolhidos naquele comboio. Os destroços eram importantes, principalmente na maquina e carruagens do comboio ido de Lisboa; a outra locomotiva, apesar de grandes estragos, estã menos deteriorada.

A linha ficou completamente obstruida, impedindo por completo a passagem dos comboios.

Para Lisboa, no comboio de socorro, vieram os feridos: Manuel Maia Belo, maquinista do comboio 2006, com uma ferida contusa na orelha direita e contusões pelo corpo, Frederico Feliciano, fogueiro do mesmo comboio, com uma ferida contusa na região parietal direita, Silvano dos Santos, fogueiro do comboio 2001, com uma ferida contusa no parietal esquerdo, e João Gaspar, carregador, que ficou com escoriações e contusões no corpo. Tambem ficou ferido, com contusões pelo corpo, Caetano Pereira, soldado do grupo do batarias a cavalo, que ia dentro de um dos vagons, onde conduzia um cavalo, pertencente a um oficial, com destino a Santarem. Todos os feridos foram conduzidos para o posto de socorros em Santa Apolonia, recolhendo, depois de devidamente tratados e por não necessitarem de hospitalisação, ás suas residencias.

O comboio que seguia para o Norte levava varios vagons e tres carruagens vazias para o Entroncamento.

Os vagons que ficaram inutilisados foram os primeiros seis, que levavam briquetes, conservas com peixe, caixotes com massa, um automovel da firma Casal & Irmão com destino a Gaia e o cavalo já mencionado, que ficou um pouco ferido.

Em redor do local do choque viase tudo espalhado conjuntamente com os destroços dos vagons.

O automovel pouco sofreu e um chaufeur que o acompanhava saiu ileso.

Em virtude da linha ter ficado impedida, o comboio do Porto teve de seguir pela linha de oeste, o mesmo sucedendo ao que chega esta noite.

Devido ao desastre os passageiros do comboio do Porto tiveram de fazer transbordo e aguardar a chegada á Povoa do comboio da Beira, chegando todos os passageiros á estação do Rocio ás 13,30. Todos os comboios teem sofrido hoje grandes atrazos e parece que a completa desobstrução das linhas só pode ficar feita esta manhã.

## POEIRA DA ARCADA

**Presidente da Republica**

A mesa da camara dos deputados foi esta tarde cumprimentar o sr. presidente da Republica.

**Abastecimento de carvão**

Consignados ao sr. Manoel Rodrigues Vaquinhas, devem chegar a Lisboa brevemente nada menos de vinte comboios com carvão de azinho e de sobro, vindos do alto Alemtejo. A descarga far-se-ha nas estações de Alcantara-Terra, Rego, Santa Apolonia e Caes da Areia.

**Revisor caido á linha**

Faleceu esta tarde na enfermaria de Santo Antonio, no hospital de S. José, o revisor Antonio Tavares de Almeida, que, como os jornaes da manhã noticiaram, ao passar o comboio em frente da praça de touros, em Vila Franca de Xira, caiu á linha, ficando em estado comatoso.

# A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3715 — 11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Sabado, 4 de Dezembro de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de Impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 5 centavos


## A nossa situação financeira

**A nossa salvação está no desenvolvimento de Angola**

A nossa situação financeira é realmente muito melindrosa. Ninguem o contesta, porque contra a evidencia dos factos não valem subterfugios.

Não é, todavia, desesperada. Nós temos fartos recursos de que lançar mão; a questão está em valorisal-os e é para isso que se devem canalisar os esforços de todos, auxilidos pelos ministerios da riqueza publica e das colonias.

Nada devemos desprezar. O problema é este: o paiz deve bastar-se a si mesmo no que diz respeito á alimentação. Sob este ponto de vista não deveremos viver na dependencia, nem mesmo das nossas colonias.

Impõe-se, portanto, o fomento da cultura intensiva de todos os cereaes, milho, trigo, arroz, etc. dos legumes, da beterraba com o fim do fabrico do açucar, etc.

Mas ao mesmo tempo impende-nos o dever de cuidar dos nossos dominios ultramarinos cujos produtos constituirão para nós uma abundante e perene fonte de ouro que a pouco e pouco fará caminhar para uma normalidade aceitável a nossa situação monetaria.

Mas os nossos dominios coloniaes são muito extensos e os nossos recursos bastante limitados. Manda, por isso, a prudencia que não dispersemos estes demasiadamente, porque desse modo colheriamos apenas resultados insignificantes.

Angola é de todas as nossas colonias a que está em condições de mais urgentemente acudir ás necessidades financeiras da metropole. E' para lá, portanto, que devem convergir todas as nossas energias.

A primeira coisa a fazer é uma activissima propaganda na metropole pró-Angola, enunciando-se as riquezas de toda a espécie existentes n'aquela nossa portentosa provincia ultramarina.

Essa propaganda deveria alcançar todos os meios apropriados, o comercio, industria, a agricultura e, sobretudo, as escolas.

Ao mesmo tempo o governo trataria de colocar Angola em condições de se tornar objecto de explorações de toda a ordem que ali portuguezes pretendessem efectuar com mira em valiosos lucros.

Cuidaria porisso, das ligações do varias regiões do interior entre si, e com o litoral, as quais representam a chave do rapido desenvolvimento das riquezas da provincia.

Utilisaria racionalmente a vastissima rede fluvial que felizmente aquela colonia possue quasi toda muito aproveitavel e dedicar-se-hia conclusão rapida dos tres caminhos de ferro de penetração que, á excepção do de Benguela, são uma verdadeira vergonha nacional. Aquele precisa apenas dum relativamente pequeno auxilio para continuar a sua marcha em direcção á fronteira belga, mas os dois necessitam de que sobre eles se exerça uma acção energica que os transforme em uteis instrumentos de colonisação.

O de Ambaca carece quasi de ser reconstruido desde Loanda a Malange e depois prolongado até á Lunda. O que ele hoje é, o que faz e o que representa para o fomento colonial seria digno de figurar em jornal inimigo que contra nós quizesse iniciar uma campanha de descredito, acusando-nos de incapacidade, porque caminho de ferro daria aparencias de verdade a essas acusações.

Aqui diremos apenas que é uma vergonha e que se torna urgente olhar para aquilo com vontade de o pôr no são.

O de Mossamedes é um exemplo frisante de quanto são dispendiosas as economias mal entendidas. Por economia, construiu-se esse caminho de ferro que não chega ainda sequer ao Lubango, com a bitola insignificante de 60 centimetros. Como esse caminho de ferro ha de constituir pela força das circunstancias a mais importante linha de penetração no sul da provincia, será necessario substituir a parte ja construida por uma via de bitola de 1,067 que é a adoptada nos caminhos de ferro da Africa Central com os quaes a de Mossamedes ha de ir entroncar num futuro mais ou menos proximo. O material da linha actual seria vantajosamente aproveitado numa via a construir desde o Lubango á fronteira sul a ligar com a linha do Ovampo no territorio ex-alemão e que tem tambem a bitola de 60 centimetros. A não ser que os novos senhores do territorio a substituam, como é natural, por outra da bitola de todas as linhas da Africa do Sul.

Estas tres linhas de penetração seriam servidas transversalmente pelas vias fluviaes, enquanto não houvesse recursos para a construção das necessarias vias ferreas. Ao par e passo que se fosse resolvendo este problema fundamental das comunicações das varias regiões do interior entre si e do interior com o litoral, o governo iria pondo em execução um sistema de concessões e colonisação com feição pratica, sem formalidades impeditivas, não esquecendo o estabelecimento nas regiões dos planaltos mais salubres de grandes colonias militares agricolas.

Havendo metodo e persistencia no plano que se adoptasse, as riquezas brotariam da terra como por encanto e nos estariamos salvos.

## D. Maria Judice da Costa

Regressada da Italia chegou a Lisboa acompanhada de sua gentil filha, a ilustre cantora e nossa prezada colaboradora madame Maria Judice da Costa, a quem apresentamos os nossos cumprimentos.

## DOIDOS, ELES!

### D'um argueiro um cavaleiro

O... Rei dos Advogados falou assim:

...........................................

Não tendo, porem, maneira de justificar a sua intervenção como abonador fidedigno de D. Maria Adelaide Coelho da Cunha (que «nem de vista conhecia», porque nunca a tinha visto), o dr. Bernardo Lucas, para colorir por qualquer forma a sua intervenção, não trepidou em alegar que podia ter servido de testemunha—e a unica, segundo diz, com fé abonatoriana procuração aludida e que «o foi com verdade»? (!)

> «porque (escreve ele) desde o Congresso Internacional da Imprensa, realizado em Lisboa, conhecia D. Maria Adelaide Coelho da Cunha».

E, continua:

> «Se alguem quizer dar-se ao trabalho de procurar entre as fotografias que ao tempo se publicaram das festas desse Congresso; e «em especial da inauguração do monumento a Eduardo Coelho (pai da suplicante), no Passeio de S. Pedro de Alcantara, desta cidade de Lisboa, alguma ha de encontrar onde o signatario e a sua cliente de hoje se notem».

Ora, em primeiro logar:

Como é sabido, o Congresso Internacional da Imprensa reuniu-se em Lisboa em Setembro de 1918, e a inauguração do monumento a Eduardo Coelho, que se pretende, para confundir tudo, fazer passar como um numero do programa do mesmo Congresso realizou-se em «29 de Dezembro de 1904—mais de 6 anos depois»!

Em segundo logar:

Havendo falecido a Mãe de D. Maria Adelaide em «21 de Março de 1898», e não sendo esta naquele tempo, pessoa de tão frouxos sentimentos afectivos e familiares que, mal decorridos 6 mezes apenas sobre tal acontecimento, andasse em festas e diversões, onde não a forçavam a comparecer nenhuns deveres aficiais ou de cargo, nem nas fotografias de taes festas se lhe poderá encontrar o retrato, nem sequer nos jornaes da época o nome dela se encontra entre os assistentes a quaisquer sessões ou actos do congresso.

E quem afirma o contrário, que o prove, se fôr capaz!

Em terceiro logar:

As pessoas que segundo se diz, se derem ao trabalho de procurar entre as fotografias da inauguração do monumento a Eduardo Coelho, os dois retratos de D. Maria Adelaide e dr. Bernardo Lucas, perderão o seu tempo.

E isto pela razão simples de que, «nesse dia e a essa hora», o dr. Lucas achava-se «apenas a mais de 340 kilometros distante do local da solenidade»!

D. Maria Adelaide assistiu efectivamente á inauguração do monumento que seu marido tanto concorreu para que fosse erigido a seu Pai, «em 29 de Dezembro de 1904»; mas o dr. Lucas «estava então no Porto» donde enviava, «nesse mesmo dia», ao «Diario de Noticias» o seguinte telegrama, que aquela folha publicou no dia imediato, no alto da ultima coluna da 2.ª página, e de que se junta certidão:

> «Porto, 29.—Saudo a redacção do «Diario de Noticias» em homenagem á memoria veneranda e simpatica de Eduardo Coelho.—«Bernardo Lucas», presidente da Assembleia Geral da Associação dos Jornalistas».

E' o que confirma o relato da solenidade, feito no livro comemorativo do cincoentenário do «Diario de Noticias», intitulado—«O Diario de Noticias, a sua fundação e os seus fundadores»—publicado em dezembro de 1914, e onde se lê o seguinte, a pag. 214, de que se junta um exemplar:

> «Aos milhares de pessoas que assistiram á cerimonia da inauguração do monumento a Eduardo Coelho,) haveria ainda a acrescentar as muitas que, «por não poderem assistir á solenidade», enviaram telegramas e cartas de congratulação e aplausos. Entre elas citarei o então presidente do Conselho de ministros, conselheiro José Luciano de Castro, Maxime Fromont, em nome da «Société des Etudes Portugaises», de Paris, dr. «Bernardo Lucas e Guedes de Oliveira, presidente e secretario da Associação dos Jornalistas do Porto, etc».

Assim, pois, D. Maria Adelaide e o dr. Lucas nunca se poderiam ter encontrado onde e quando aquele advogado diz, apesar de tanto se cansar a garantir a verdade das suas palavras com a honra da sua pessoa!

...........................................

Até aqui falou... o Rei; agora falo eu, mas, antes de mostrar como dum argueiro ele pretende fazer um cavaleiro, vejamos o sr. dr. Cunha, depois de se imaginar seguro com o «guarda-costas—cuja valentia se ha de conhecer ao diante...»—despedir, ele tambem, estes insultos, que escorrem da pag. 87 do livro «Infeliz»:

> «Ha pessoas ingénuas — daquelas que acreditam quanto lêem em letra redonda! — que se impressionam com tudo o que a fantasia alheia inventa para as comover e chamar á sua causa e que acreditarão no livro «Doida não!» como num evangelho.

Ora, como tal volume é obra da responsabilidade do seu editor, indispensável se torna provar que homem «de verdade» ele é, com que «verdade» ele costuma escrever e com que «verdade», portanto, ele faria escrever a D. Maria Adelaide o que porventura no mesmo livro haja do punho desta Senhora.

Depois veremos se o leitor tem ou não o direito, ou melhor, o dever —porque lhe cumpre não julgar mal dos outros só porque mistificadores profissionais os querem fazer passar por maus—de pôr de quarentena ou de condenar ao despreso todo aquele amontoado de aleivosas acusações.

Basta recordar, para amostra, o edificantissimo incidente da captação do mandato de D. Maria Adelaide no Hospital do Conde de Ferreira. Anda minuciosamente narrado numa folha impressa com o titulo—«Menos depressa se apanha um côxo...» —e ele abrirá certamente os olhos aos que não vejam bem!»

...........................................

Devo dizer que até á publicação do livro «Infeliz» eu desconhecia a existencia do pasquim a que o sr. dr. Cunha alude neste ultimo periodo e do qual ainda não vi, nem disso me lamento, qualquer exemplar. O sr. dr. Cunha distribuiu-o, pelo visto, de maneira semelhante áquela por que fez chegar ás mãos de alguns magistrados o célebre parecer dos tres alienistas de Lisboa. Como sempre, atacou ás escondidas; sempre covardemente.

Deixemos-lhe, porém, a glória dos seus processos de ataque, e vamos aos factos.

«Much ado about nothing», dizem os inglezes. Muita parra e pouca uva, direi eu. As «terriveis» cousas que os dois—arcades ambo— apontam, a «trágica» falta de verdade com que de má fé «num ponto que não tem nada de essencial», fizeram um medonho escarcéu, não passa, afinal de contas, duma confusão de memoria dum equivoco perfeitamente explicável, como outros que teem acontecido a vária gente.

No próximo artigo se dirá como o equivoco nasceu.

**Bernardo Lucas.**

## Pobres de "A Capital"

**Um donativo de 50$00**

O donativo de 50$00 que o anonimo J. B. F. nos enviou foram distribuidos pelos seguintes pobres:

Antonia de Castro, R. da Penha de França, 137; Laurinda Cruz, R. do Cruxifixo; Emilia d'Almeida, R. Diario de Noticias, 51, 1.º; Palmira Fernandes, T. da Espera, 21; Conceição Matos, T. da Espera, 27, 4.º; Elvira Gonçalves, T. Fieis de Deus; Maria Rosalia, T. da Bela Vista, 20, r/c; Julia da Conceição, R. dos Industriaes, 7; Conceição Cruz, R. Diario de Noticias, 133; Jaime Gonçalves, R. do Cruxifixo; Mariana Silva, R. S. João dos Bemcasados, 79, 1.º; Mercês Franco, R. do Norte, 14, 4.º; Maria Emilia Sousa, T. da Espera, 66; Luiz Pereira, R. dos Douradoures, 208, 5.º; Clarinda Costa, R. Luz Soriano, 19; Maria Adelaide, R. das Taipas; Maria Ludovina, R. do Arco Carvalhão, 206; Rita Rodrigues, R. do Rato, 207; Felicia Sousa, R. da Era, 26, 4.º; Estefania Ferreira, R. Nova do Loureiro, 37, 3.º, dt.º; Diela da Conceição, T. da Espera, 27, loja; Manuel Fernandes, R. da Barroca, 43; Barbara Nunes, R. Possidonio da Silva, 122, 2.º; Isabel Ferreira, R. da Barroca, 129, 3.º, E; Maria Nabaes, R. das Barracas, 83, 2.º; Ana Wanseulle, L. da Graça, 133; Rosa Pinho, R. da Cruz, 100; Eulalia Jesus, R. da Esperança, 177, 4.º; Ana Joaquina, T. Fieis de Deus, 87, 3.º; Maria Luiza dos Santos, T. do Baúto, 2; Deolinda Ferreira, R. das Trinas, 132; Maria Julia Moura, R. do Norte, 34, 2.º; Maria da Piedade, T. de St.ª Gertrudes, 52; Silvina Jesus, R. da Barroca, 91, 2.º; Francelina da Conceição, R. Nova da Piedade, 42, sotão; Rosa Pereira, R. de S. Bento, 315; Maria Izabel, R. de S. Bento, 114, A; Maria Augusta e Maria José, R. das Salgadeiras, 24, 4.º; Maria Crespo, R. da Creche; Antonio Correia, R. Manuel Bernardes, 10; Maria Augusta, R. de S. Bento, 316, 4.º; Antonio Santos, R. de S. Bento, 202, 2.º; Joaquim Rodrigues, R. Nova da Piedade, 60, A; Maria das Dores, P. Luiz de Camões, 36; José Caetano Matos, R. Garcia da Horta, 46, loja; Ana Rita, R. de S. Felix, 8, r/c; Adelina Assunção, R. de S. Ciro, 55, pateo, Maria Ester, R. de S. João da Mata, 14, 4.º; Maria de Jesus, pateo do Tijolo, 11, 1.º.

Em nome dos contemplados repetimos os nossos agradecimentos.



## SEGREDO A TODA A GENTE

### O Vaticano

*A França vae reatar as suas relações com o Vaticano Dentro em pouco, na velha sala dos Borgias, Benedicto XV, pequeneno, vivo, arguto, eminente como uma sombra de Deus, receberá nas suas mãos palidas as credenciaes da França. O chefe supremo da egreja, o homem cujos gestos vestem sempre de seda vermelha—rejubilará decerto e não deixará de abençoar numa prece, os destinos da sua amiga de hoje. Por seu lado a França lucrará tambem, não precisamente por ter o Vaticano por seu amigo—mas por não ter, apezar de tudo, o Vaticano como seu inimigo.*

### Fiume

*O problema de Fiume em Versailles deixou insolucionado ou melhor insolucionavel,—continuando hoje, como hontem e como amanhã de certo, a mesma equação politica suficientemente inrequieta para que não mereça de nós todos dois dedos de atenção. Fiume é uma escola de heroes—escreveu um dia Antonio Ferro. Mas Fiume é incontestavelmente uma escola de poetas. As notas do Banco e os selos de recibo, as capas de veludo e as gabardines claras de que se veste o exercito—tudo aquilo tem o ar extravagante,* sans-coulottes *quasi irreverente de certos versos. Fiume é uma pagina de literatura politica Gabriel d'Annunzio, cujo tipo lembra certas figuras do Greco, escreveu com a sua espada a sua propria historia,—e nós hoje temos certamente um factor poderoso para surpreender certos pormenores da historia do poeta que os seus livros não nos deixaram adivinhar.*

### Os jornalistas

*Lisboa é uma cidade de jornalistas. Não digo bem: Lisboa é uma cidade de jornaes. Em capital nenhuma da Europa, pelo menos que se saiba, existem tantos jornaes—relativamente, é claro. Em Portugal escreve-se muito e talvez porque se escreva muito, geralmente escreve-se mal. Os jornalistas não se improvisam—e a decadencia hoje acentuada da nossa imprensa deve-se, primeiro que tudo precisamente, aos jornalistas improvisados. Tem-se a impressão—e que dolorosa ela é tantas vezes! —de que os jornaes são feitos, como dizia Souza Monteiro, com «serradura de palavras». Este estado de coisas necessita modificar-se para conveniencia dos jornalistas-amadores e para necessidade dos jornalistas profissionaes.*

**Luis d'Oliveira Guimarães.**

**Ler amanhã na CAPITAL**

**NA BOA PAZ**

**XXV — Genève monumental**

Croquis de viagem por

ARMANDO FERREIRA

## Leote do Rego

Regressou a Lisboa o sr. almirante Leote do Rego, ainda convalescente duma congestão pulmenar.



## PELO TELEGRAFO

**A aventura de Fiume**

PARIS, 3.—Dizem de Roma ao «Excelsior» que o grupo constituinte da camara enviou a Fiume uma delegação para Gabriel d'Annunzio, desista da sua atitude, a qual é muito comentada no mundo inteiro.—(*Havas*).

**A missão hespanhola na America**

SANTIAGO DO CHILE, 3.—O infante D. Fernando, e a missão espanhola assistiram na escola militar de cavalaria a exercicios de equitação; em seguida tomaram parte num banquete em que se trocaram afectuosos brindes.

O presidente fez entrega de duas eguas com destino ao rei Afonso e outras duas para o infante. A missão foi em excursão a uma propriedade situada proximo da capital.

O proprietario tinha convidado mais de mil familias a fim de assistirem á recepção.—(*Havas*).

**A situação do tesouro turco**

CONSTANTINOPLA, 3.—Continua a ser muito precaria a situação do tesouro.

Os oficiaes do exercito e os funcionarios ainda não receberam os seus vencimentos do mez de outubro.—(*Havas*).

**As lãs australianas**

MELBURNE, 3.—Foi levantado o embargo sobre as exportações destinadas á Europa central, com o fim de favorecer a exportação das lãs.—(*Havas*).

**Os rebeldes da Anatolia**

CONSTANTINOPLA, 3. — Partiu para Angora a comissão turca, que está encarregada de entabolar negociações com Kemal Pachá.—(*Havas*).

## "O Norte"

Reapareceu no Porto este nosso colega, que passou a publicar-se á tarde. E' seu director o velho republicano Lopes Teixeira.

Os nossos votos de prosperidades.

AOS SABADOS

## A semana literaria

**Merveilleux Phenoménes de l'au-delá**, por *Madelaine Frondoni Lacombe*. (Ed. da Livraria Ferin).—**Casados... na America**, por *Carlos de Vasconcelos*. (Ed. do autor, New-York).—**Cervantes**, por *Latino Coelho*. (Ed. Santos & Vieira, Lisboa).—**A Ladra**, por *João Amaral Junior*. (Ed. J. Soriano, Lisboa).—**Coisas**, por *Alexandre Tomaz*. (Ed. da «Audacia», Porto) : : : : : : : :

Madame Frondoni Lacombe, espirito culto e literario, que Lisboa conhece de sobejo para que a apresentemos, acaba de publicar um volumoso livro sobre os fenomenos espiritas que tem presenciado, e deu-lhe o sensacional titulo de «Merveilleux Phenoménes de l'au-delá» porque o livro é escrito em francez, como convém á divulgação.

O caracteristico desta obra é que M.me Lacombe, duma honestidade absoluta literaria e de propaganda, não tira nem formula hipoteses, não induz á crença, nem sequer garante que haja espiritos. Narra, expõe o que viu, o que viram varias pessoas de nomes ali apontados, prontos a atestar a veracidade, quando o não fazem já como o dr. Oliveira Feijão. Impressionante e por vezes tão espantoso que o sopro da descrença ainda mais se acentua nos scepticos, o livro não afirma a existencia de espiritos em palavras, mas sim a de qualquer coisa que M.me Lacombe gostaria de saber o que é, e na falta de melhor indicação. Chama «ses petits amis, les esprits»; mas ao mesmo tempo apresenta fotografias, imagens brancas, coisas estranhas, que ora lembram arabes de turbantes, ora figuras humanas conhecidas, ora vagas luminosidades sem coesão, ou manchas negras de vultos encarapuçados.

E' extraordinario que sendo as 400 paginas deste livro só a descrever sessões realisadas, quasi sempre repetindo-se, tenham um interesse enorme, crescente, empolgante, que vem da naturalidade e da simplicidade do descritivo que, mais nitida traz a evocação desse mundo desconhecido de fenomenos de qualquer especie, que nos rodeiam.

Uma sessão em companhia de M.me Lacombe valeria mais que o seu volume de 400 paginas, mas... os «espiritos» nem para todos se dignam aparecer talvez e temos de nos contentar, por emquanto com o descritivo do que outros olhos mais penetrantes já visam além das trevas.

*

**Casados... na America** é um volume de 10 contos, passados no paiz dos dollars, tendo por objecto de estudo a mulher, ou a educação e a moral feminina daquele livre paiz.

O seu autor embora desconhecido para Portugal não é um novo, pois desde 1905 que o Brazil e a America conhecem as suas obras, tendo mesmo publicado em Lisboa já, um livro de «Cartas da America».

Todos os contos são interessantes, num estilo sempre elevado e martirisado procurando patentear-nos mais uma vez, algumas das facetas da alma feminina. A facilidade de atracção nas jovens yankes que no conto «Jine» se traduz por esta frase, depois duma umbigada (sic) de Jim e Gladio Taylor:

— «Não ha que desculpar! E eu até me sinto satisfeita com o ocorrido, por encontrar em sua pessoa um «quê» que me interessa, embora eu não possa ainda dizer o que seja.»

Ou esse encontro telefonico em que a menina exclama ao fim de trez minutos de palestra pelos fios:

—«Vejo que se trata de um perfeito cavalheiro e impavido, sr. Kemp. Eu sou Maud Daly e resido na rua Hudson, numero 1020,—e tal e tal... danso e sei beijar...»

Estamos certos que apesar da moral desses povos nem todas as raparigas norte-americanas teem esta facilidade de... amor; pelo contrario, julgava-mo-las abrigadas sob leis protectoras quasi degradantes para o sexo forte, um pouco castas ou insexuaes...

O livro, é verdade, mas é interessante sobre todos os pontos de vista, e se a linguagem exulta em termos obnoxios, não é por isso que ele no Brazil ou mesmo entre nós deixa de ter uma agradavel aceitação.

*

Proseguindo na sua serie de volumes dando a publico os «Escritos Literarios e Politicos», de Latino Coelho, Arlindo Varela, o compilador, dá-nos em 4.º logar o trabalho do grande espirito republicano, sobre Miguel de Cervantes Saavedra.

A consagração do latino fala na transcrição dum artigo da «Revista Ilustrada», por esse outro belo espirito Pinheiro Chagas, a quando da sua morte.

Mas quer o estudo sobre Cervantes, quer o incompleto trabalho sobre Quintana relacionando-se itimamente com a literatura hespanhola, demonstram a cada passo a cultura invulgar do latino, o seu poder discernente, a sua dedicação ao estudo, o seu valor de estilista, as suas conclusões cheias de certeza e vigor como só os escritores de tempera, hoje desaparecidos sob os fumos «da ilusão literaria»—de que fala o Fradique —não conseguem sequer dar uma palida ideia. Agua chilra...

*

**A Ladra** por João Amaral Junior, é uma novela curta, que entre nós quer inaugurar uma serie semelhante ás «las novelas» ou «novela corta» que a Espanha publica regularmente.

Para preço popular, as condições materiaes não podem ser de grande importancia, mas supre esse inconveniente a prosa interessante, curiosa, vigorosa já, do sr. Amaral Junior o escritor que inaugura a coleção «Os novos».

A sua novela vivida em meios que despertam o interesse geral, com creaturas cujos caracteres são dignos realmente de estudo, é, pois, a primeira pedra para um... futuro novo.

*

**Coisas** é o titulo simplorio dum volume de contos de Alexandre Tomás dedicado «ás suas proprias mãos» Hilariante essa dedicatoria com vislumbres de «fado das mãosinhas» e em que se «escreve»:

*mãos que já subistes á face para secar lagrimas mas nunca para limpar escarros—que a minha face nunca teve escarros, porque, a tê-los, limpar-sehiam a tiro—;*

e mais original, mas já apreensivel a apresentação do autor que se diz no «pleno uso das suas faculdades mentaes» e se confessa como sem ter a condição principal para ter um filho —e não poder assim realisar a maxima arabe da arvore, o lino e o filho; depois as «Coisas». Um pouco de desequilibrio mas facilidade de escrever; temas velhos, alguns futurismos alegoricos, pochadas de tons extranhos «pour epater les bourgeois», podres sociaes, cancros, coisas tristes e sediças, colorido que, á força de querer ser verdadeiro e expressivo atinge o inverosimil por vezes v. g. Pierrot amalgamára-se contra uma parede... (pag. 71)...

Mas, se o autor das «Coisas», nos quizesse dar outras «coisas» melhores relativamente á idéa, com forma mais assente desempoeirado das nevoentas estilisações literarias, poderia então a sua nova obra «amalgamar-se» com a literatura nacional e dela fazer parte integrante e até brilhante.

Ha qualidades a aproveitar, duches frios, talvez a tomar no espirito e na sensibilidade.

**Armando Ferreira.**

## "Doida não e não!,,

Tendo o sr. dr. Bernardo Lucas, advogado da sr.ª D. Maria Adelaide Coelho, muito adeantados os trabalhos de impressão, em volume, das cartas que n'«A Capital» teem sido publicadas por essa senhora em sua defeza, para que não percam elas a oportunidade e como ainda não temos regularisado o nosso serviço de tipografia, desistimos de as reeditar, como prometeramos.

Terão, pois, os nossos leitores que pela leitura dessas cartas se interessam, brevemente ocasião de as adquirir, pois a edição será posta á venda simultaneamente nas livrarias de Lisboa e Porto.



## Norton de Matos

Os jornaes da manhã noticiaram a chegada a Bruxelas do sr. Norton de Matos, alto comissario em Angola, sendo ali magnificamente recebido pelo elemento oficial. O rei Alberto mandou um representante á estação.

E'-nos grato registar aqui estas provas de amizade da Belgica para comnosco, tanto mais que elas se reflectirão por certo de modo benefico nas relações dos dois povos no continente africano do que ambos auferirão notaveis vantagens.

O norte e parte do leste da provincia de Angola, confina, como se sabe com o Congo belga, e muito ha a esperar d'um entendimento entre os governos das duas colonias para determinadas emprezas que só de acordo entre as colonias visinhas poderão dar resultados apreciaveis. Estão n'esse caso, por exemplo, as medidas a tomar para o combate contra a doença do sôno e outras e, bem assim, as que tenderem a insinuar nos costumes indigenas alguns preceitos de higiene, não indispensavel.



AUTENTICAS

## Quem pendura o chocalho?...

Era uma vez um gato, um bichano perverso cuja sanha estava fazendo hecatombe grossa entre a rataria. Aquilo não era gato, parecia o diabo, o diabo dos ratos, se estes tambem teem espirito para se elevarem ás metafisicas concepções do mundo religioso. O pavor começou a ser enorme mal o guapo caçador entrou naquela casa velha, com buracos e quasi a desconjuntar-se. Aqueles desgraçados filhos da noite, eternos refugiados, timoratos á força da mais atroz perseguição, não sabiam que fazer. Todos os dias as vitimas eram contadas ás dezenas; o patife cevava-se por gosto, estava nedio e gordo como qualquer negociante de assucares, de azeite e de margarina. Era uma carnificina diaria, e a fartura tanta que os destroços da sua ferocidade andavam aos montes na pá do lixo da cosinheira, porque limitada era a pá do buxo do gulotão.

Não havia esperteza isolada que os salvasse. Então, reuniram em assembléa magna para assentar na forma possivel de salvação.

O comicio transbordava de eloquencia. Os alvitres apareciam ás fiadas mas pouco resistiam á critica. Inexequiveis ou de exito improvavel era molestia comum a quasi todos.

Por fim, um petiz, de orelhas muito arrebitadas, tambem disse de sua justiça:

—Eu entendo que ha uma maneira muito facil de nos livrarmos da furia desse monstro, e vem a ser pendurar-lhe um chocalho ao pescoço. Assim quando ele se aproximar o chocalho tine e nós passamo-nos — que ouvidos temos nós e apurados...

— Bem lembrado, exultou a assembléa.

— Boa idéa, seu pequenote, comentou uma ratazana experimentada e bem digna de respeito pela sua edade — mas... quem pendura o chocalho?

— Eu, não, disse o ratito.

— Eu tambem não, eu tambem não... foram dizendo todos, ao mesmo tempo que fugiam da assembléa.

E o gato, o terrivel bichano, ainda continua agora sem chocalho, levando os ratos que ainda duram,— porque aquilo assim não é vida,— uma existencia miseravel de fome, de perigo, e de constante sobresalto.

*

Leitor, repara agora e aplica «el cuento». Na sociedade portugueza tambem ha um grande gatarrão: Tem, como o bichano da fabula, tres orgãos mortiferos: garra direita, a industria; garra esquerda, agricultura; fauces bem providas de voraz dentadura, o comercio, o valente comercio. Com estas trez armas nos leva o bicho á degola, apezar dos esforços reiterados de tantos portuguezes que se dabatem.

Todos o sabem, todos o dizem: A industria, o comercio, a agricultura deve pagar mais: deve pagar 5 vezes mais...

Ninguem percebe como o agricultor, que vendia o alqueire de milho a 60 centavos e o vende agora a 6 escudos, contribue com o mesmo obolo d'outrora para salvação do que ele chama a sua Patria querida! Menos atino eu com a razão porque esses lojistas, ganhando dezenas de contos, ainda estão como quando ganhavam dezenas de escudos; e assim por deante.

A vida complica-se, encarece para o Estado, para o consumidor, mas continua um «El-dorado» tributado á antiga para esses trez orgãos felizões do grande gato nacional.

Ha dias dizia-me um industrial:

—Eu pagava 60 escudos; depois 120; o ano passado 250; pois se este ano me pediram 1.000 escudos, eu direi: está certo!

E' um amigo meu, dono de uma fabrica de vidros na Marinha Grande.

São raros os que assim pensam. Todos entendem que é preciso fazer pagar—os outros; mas quando lhes toca pela porta, é só olhar:—os labios contraem-se; as unhas e os dentes refulgem ameaçadores—ouvindo-se já perto um terrivel «miáu!»

Assim tem o gatarrão andado, sem haver um governo que faça esta simples coisa, mas dificil deve ser ela tão dificil como pendurar em ratos um chocalho ao pescoço de um gato quer dizer: fazê lo pagar proporcionalmente aos seus lucros. Será isto possivel? Haverá força para tanto?

Creio que sim; dizem que o sr. Cunha Leal o vae executar. Oxalá! Desta maneira se equilibrará a vida financial, melhorará o cambio, descerá o preço das coisas e a rataria, que aós somos todos, governo e governados, sentirá alivio.

Que «aisance» que já se nota, só porque se supõe, emfim, que aparecem alguem capaz de pendurar o chocalho. Pois venha de lá o gesto que já não vem sem tempo.

**D. Thomaz de Noronha.**

## Alunos do liceu de Pedro Nunes

Uma comissão convocou para amanhã, ás 14 horas, uma reunião de todos os antigos alunos deste liceu, a fim de se tratar da organização dum club com fins simultaneamente sportivos, scientificos, literarios e artisticos. A reunião realisa-se no salão do liceu.

# Theatros e Cinemas

## PRIMEIRAS E REPOSIÇÕES

**TEATRO DA TRINDADE—A primeira causa,** (La femme X...), *peça em 5 actos de Alexandre Bisson, tradução de Cunha e Costa*

### *Peça*

Se em outros tempos, uns quinze anos, não tivessem os ilustres criticos de então feito uma larga e competentissima apreciação da peça de Bisson, alargar-nos-iamos um pouco mais sobre esse drama que, apesar dos seus processos velhos, do seu «truc» dramatico explorado em tantos romances e peças que apresentam réus e defensores como parentes, a começar em Coppée, e... ainda consegue comover uma platéa, uma platéa dificil e cruel como é a platéa das «primeiras» em Portugal.

Assim, limitar-nos-hemos ao desempenho, o brilhante desempenho que hontem voltou a ter entre nós «A Primeira Causa».

### *Desempenho*

Angela Pinto foi o unico dos interpretes que permaneceu no seu papel. E, permaneceu nele, em talento, em edade, em tudo. Foi com verdadeiro entusiasmo, aquele frémito que hoje já raramente os artistas conseguem transmitir ás platéas, que hontem o trabalho de Angela Pinto foi aplaudido. O segundo acto, é de estudo, de observação, os pequenos detalhes marcados com um rigor de artista glorioso em qualquer parte do mundo; Angela teve os nervos em ebulição, as contorsões dum envenenamento lento, a morte brincando nos olhos vitreos onde bailam saudades puras envoltas em visões manchadas.

No quarto acto, a sua dôr foi completa, os seus gritos lancinantes, de arripiar, tocando aquele ponto da interpretação em que se é ou profundamente soberbo ou tristemente ridiculo, atingia a alma de todos que se comoviam no calvario daquela pecadora; e a sua morte, a morte em convulsões, o estertor, — quem se atreve ahi a morrer em scena, ó gente nova? ide ver, ide aprender, para continuarmos o nosso bom teatro!

Acompanharam a parte principal do drama, Ferreira da Silva, (o prisidente Fleuriot)—esse honesto homem, que devendo ter um titulo de gloria pela sua dignidade, pela sua concepção superior de honra, de nome, da familia, o autor leva a um perdão, a um castigo imerecido, e Teodoro Santos (o advogado Raimundo), respetivamente nos papeis que vimos a Augusto Rosa e Alexandre Azevedo.

Do primeiro é escusado falar, é um grande artista; do segundo ha justamente a apontar-lhe um bom triunfo. A sua oração de defeza começada sem grande enfase tribunaria, porque a dição de Teodoro Santos é um pouco monocordica, repetida, cantante, acalorou-se depois e teve expressão, empolgando a plateia que o aplaudiu, esteja porém certo, não só pelo seu trabalho, como pelas palavras do seu discurso.

Maria Lagôa com simplicidade, apareceu-nos uma ingenua a aproveitar em obras de maior folego, agora que o genero tão dificil de mais nos mes novos vae necessitando. Paz Rodrigues compondo uma rabula bem, e Julia Silva, mal composta na cabeleira branca, só á frente, dos ultimos actos.

E' notavel acentuar que o conjunto oi absolutamente harmonico.

Assim Augusto Machado (Laroque) tem neste tipo vindo da Argentina, de passado duvidoso, uma boa composição, e é talvez um dos seus melhores trabalhos dentro do seu modesto nome.

Mário Santos, precisa de cuidar da sua toilette. No 1.º acto não fomos capazes de o ver, de tal forma nos saltaram aos olhos as brancas polainas; e o seu frac mal talhado, as suas calças mal cortadas, ridicularisavam-lhe a personagem, que aguentou regularmente na dição, denotando estudo e boa vontade. Pense nisso e... mude de alfaiate.

Vital dos Santos (Bounard) teve um explendido tipo; marcou, sem exageros, excepto a falsa saida pela porta e. b. no 2.º acto e a frase «enganei-me, ia saindo pelo quarto da madama» que... que... iamos a dizer não é da peça. Artur Duarte egualmente arranjou um tipo comico, que manteve sem fraquejos. Os restantes sabendo cumprir a boa ensenação de Carlos Santos, que se sente a cada instante.

Apenas dois detalhes: deve a ré, que não disse palavra durante a sua prisão, vir de vestido negro, ao seu julgamento?

Reparou por acaso o director de scena que o relogio do tribunal, o que está ao pé da «Republica Portugueza» (á venda na casa Guedes r. de tal Lisboa) anda... mas anda para traz? Eram 3 menos um quarto quando começou a audiencia; o advogado falou e o malvado ponteiro a caminhar para as duas e meia com uma velocidade que nos comovia, até que Angela Pinto deu um grito e... o ponteiro parou nas duas e meia! Por amor de Deus, num conjunto tão limpinho não sejamos tão retrogrados para não dizer... invertidos!

### *Scenarios*

Nem muito novos, nem muito velhos; nem muito ricos, nem muito pobres; mas com os supra citados cuidados scenicos a velar pelo seu bom arranjo.

O publico e todos nós, plenamente satisfeitos.

**Armando Ferreira.**

**Amanhã:**
*A critica das criticas.*

## Noticiario

**Entre nós**

Já não vae á scena, pelo carnaval, no Ginasio a falada peça dum conhecido sportmam. Tratava-se dum original de Ruy da Cunha e Henrique Roldão. As peças de Carnaval neste teatro, serão: «Os Irmãos Unidos», a «Madrinha de Charley» e a peça hespanhola que subirá á scena em seguida «A garra».

—Entrou em ensaios no «Politeama», a peça de Martinez Sierra, «Coraçon Ciego»,

—Estreia-se no «Sá da Bandeira» do Porto, na proxima semana, a tournée Palmira Bastos recemvinda do Brazil.

## O cartaz de hoje

**São Luiz,** ás 21, «A Leiteira de Entre-Arroios».
**Nacional,** ás 21, «Amor de Perdição.
**Trindade,** ás 21, «Primeira Causa».
**Avenida,** ás 21,15, «Amigo do seu amigo.»
**Politeama,** ás 21, «Alegria de viver»
**Apolo,** ás 21,15, «Risos e flores»
**Eden,** ás 21, «Chá e Torradas».
**Coliseu dos Recreios,** ás 21, Companhia de circo, ginastica, acrobatica e comica.

SALÃO FOZ (Calçada da Gloria).
CENTRAL (Avenida da Liberdade).
OLYMPIA (Rua dos Condes).
CINEMA CONDES (Rua dos Condes).

## Quem alvitra? Quem reclama?

**Subvenções diferenciaes nos caminhos de ferro do Estado**

Recebemos uma extensa carta que a falta de espaço nos não permite publicar, na qual um grupo de escriturarios dos caminhos de ferro do Estado fundamenta a razão que lhes assiste em serem abrangidos pelo decreto das subvenções diferenciaes.

Se o decreto—diz a citada carta—excluiu as direcções dos caminhos de ferro do Estado dessa subvenção, por terem sido recentemente beneficiadas, é certo que ao abrigo do mesmo decreto, quasi dia a dia, outras dependencias e serviços autonomos veem sendo atingidos e que do aludido decreto tambem não constavam. Em nada influem os aumentos ultimamente recebidos, pois que a subvenção diferencial seria encontrada entre os vencimentos actuaes e o maximo estabelecido para as diversas categorias pelo respectivo decreto.

Argumentam ainda os sinatarios da carta que, a quando da publicação das tabelas de equiparação de categorias, já o pessoal dos escritorios ali tinha a sua classificação, base para a equiparação de vencimentos, e por ela, pois, podia ser aplicada a subvenção diferencial.

Parece nao haver duvida em que assiste justiça ao pessoal de escritorios dos caminhos de ferro do Estado, em face da leitura da carta, e para que o assunto seja ponderado pelo Conselho de Administração nos fazemos eco do desejo dos funcionarios que se nos dirigem.



## Asilo-Oficina Santo Antonio de Lisboa

**Uma cruzada de bondade**

Assim se pode intitular a acção de propaganda persistente e inteligente de que a direção da Associação Protectora da Infancia Santo Antonio de Lisboa (Asilo Oficina, tomou a iniciativa a favor das instituições de caridade em geral, de que aquela é modelar exemplo, e que o momento por demais dificil que estão atravessando—como todos o saberão avaliar—torna inadiavel.

A'manhã de tarde, o coronel sr. Ferreira Simas realisará no edificio daquela associação, avenida Almirante Reis, 38-A, uma conferencia em que se mostrarão, a par da eficacia de fundações desta ordem, os meios de lhes procurar o desenvolvimento que as sociedades bem organisadas lhes devem garantir.

Ilustres artistas dos nossos teatros e distintos amadores quizeram tambem cooperar em tão justa cruzada, e assim se organisou um programa em que tambem tomam parte as educandas do asilo e que, com a visita que desde as 14 horas se fará ao magnifico edificio, muito deleitará o grande numero de convidados que a direcção pretende interessar nesta bela obra de bondade.

Os socios e pessoas de suas familias terão entrada mediante apresentação da sua quota.



## Universidade Popular Portugueza

Na séde, rua Particular, á rua Almeida e Sousa, em Campo de Ourique, inicia-se na proxima 4.ª feira, pelas 21 horas, uma nova serie de lições populares semanaes pelo sr. dr. Azevedo Perdigão, sobre «Economia social; condição das classes trabalhadoras».

A entrada é livre

# VIDA SPORTIVA

## FOOT-BALL

### Os desafios de amanhã

Quem conhece bem o que seja «foot-ball» e aprecia portanto o popular jogo em toda a sua pureza sabe que tem no encontro Casa Pia-Victoria, marcado para amanhã, em Bemfica, um dos desafios em que melhores garantias se apresentam de jogo correcto e inteligente, pois que ambos os grupos capricham na execução perfeita das boas regras de «foot-ball», treinando-se inteligentemente. Tem o Victoria as suas tradições e tem o Casa Pia o orgulho de nunca ter sido derrotado e de ter derrotado alguns grupos de nomeada. Ha motivos especiaes, portanto, para que ambos proporcionem animado jogo.

No mesmo campo e a seguir, o Sporting e o Bemfica, os velhos e persistentes rivaes de todos os torneios e campeonatos, encontram-se. E' a primeira vez, neste campeonato, que se defrontam. A velha rivalidade surgirá mais uma vez, alimentada pelos dois grupos e pelos partidos sportivos que os acompanham e se entusiasmam com as alternativas dos seus jogos.

Os desafios realisam-se ás 13 e 15 horas respectivamente.

## Ginasio Club Portuguez

Tendo reunido o juri, composto dos srs. João da Silveira Gomes, Raul Ferreira, Francisco P. Bastos, Domingos P. Rodrigues, Carlos Marrafa, Antonio M. dos Reis e Alvaro J. Costa, deliberou dar começo ao campeonato de bilhar na segunda feira, pelas 21 horas, fazendo-se o sorteio nessa noite.

As categorias dos medios e fracos serão divididas em duas series.

A falta de comparencia á primeira chamada nesse dia é considerada como eliminação do campeonato.



## Museu Bordalo Pinheiro

Como de costume, está amanhã patente ao publico, dos 14 ás 17 horas, o muzeu Rafael Bordalo Pinheiro, sito no lado oriental do Campo Grande, 382.

A receita de entradas reverte em favor do Asilo de S. João.

## Universidade Livre

Inicia amanhã nesta prestimosa instituição de ensino papular, pelas 21 horas, o distinto professor sr. dr. Carneiro de Moura um curso em 10 lições sobre a criminologia e direito penal, tratando na primeira lição: da noção do crime, evolução historica de defeza e punição, direito do mais forte, pena de talião, vindicta, criminalidade, origens da moral, variações do direito, agentes do crime, antropometria cefalica e facial, tatuagens o antecedentes pessoaes e familiares.



## O Concerto Blanch de amanhã

Damos em seguida, completo, o notavel e artistico programa do concerto da *Orquestra Sinfonica Portuguesa*, dirigida pelo maestro Pedro Blanch, que amanhã, em matinée, se realisa no Teatro São Luiz, e que é o mais belo que ultimamente se tem organisado:

1.ª parte—I *Egmont*, ouverture, Beetoven; II-III—*En la Alhambra*, *6) Polo Gitano*, das *Scenas Andaluzas*, Th. Breton; IV—*Os Preludios*, poema sinfonico Liszt.

2.ª parte V—*Sinfonia Incompleta; a)* Allegro moderato; b) Andante con moto; Schubert; VI—*Don Juan*, poema sinfonico *(1.ª audição)* R. Strauss,

3.ª parte VII—*Parcifal*, *Os Encantos da Sexta-feira Santa*, Wagner VIII *Tannhauser*, ouverture, Wagner.

## O concerto de amanhã no Politeama

**Léa Bach exibe-se num belo programa**

E' amanhã o 1.º dos dois unicos concertos que Léa Bach realisa no Politeama. A notabilissima concertista de harpa escolhera para esta festa d'arte, que tudo asegura brilhantissimo, um programa admiravel, de composições escolhidas, entre elas nove 1.as audições, e todas servindo para demonstrar o seu gosto supremo e assombrosas faculdades de tecnica. O 2.º concerto e ultimo de Léa Bach é na tarde de 8.



# ULTIMA HORA

# POLITICA

## Reorganisação da policia

Todas as vezes que sobe ao poder um governo novo vem sempre á tela de discussão o estafado projecto de reforma da policia que, afinal, nunca chega a fazer-se.

No Ministerio do Interior existe já um volumoso «dossier» de reformas varias da auctoria dos diferentes governadores civis do districto e outros ainda de inumeras comissões que para tal fim foram nomeadas por portarias variadas.

Foi o sr. dr. Daniel Rodrigues, quando chefe do distrito, que apresentou a primeira reforma policial e depois dele outros governadores civis lhe seguiram o exemplo, mas até hoje sem resultado pratico.

O actual governador civil, para não fazer excepção á regra, tambem apresentou um projecto que foi fazer companhia aos outros que jazem esquecidos nos armarios da secretaria do Interior...

Cairam, pois, por terra os sonhos daqueles que julgavam ver a policia com um corpo de cavalaria, secção de automoveis e esquadrilha de aviões...

O presidente do actual ministerio, que é, alem de militar, um homem decidido e rapido nas concepções, entendeu que a policia civica, até hoje sem proteção ou auxilio, não podia continuar na situação em que encontra. Vá portanto de modificar as coisas na medida do possivel e para isso convocou para hoje á noite uma reunião no Ministerio do Interior, a que devem assistir o comissario geral da policia, o director da policia de Segurança do Estado e o director da policia de investigação.

Que se tratará nessa reunião?

Não nos é possivel adivinhar o futuro, mas sabemos já que o comissario geral instará junto do seu inseparavel amigo, sr. Liberato Pinto, para que á policia seja concedido um aumento monetario, a que tem jus pelo seu arduo serviço.

Os guardas, apesar de aumentados ultimamente nos seus honorarios, ainda não percebem o suficiente para impedir que andem quasi descalços, mal vestidos ou fardados e pessimamente alimentados.

Mas nesse aumento que o comissario geral pretende ha um fundo de grande moralidade. Pede o major sr. Azeredo que seja dado a cada guarda um auxilio de 50 centavos diarios para fardamento e ainda a gratificação de outros 50 centavos diarios para todos os que fazem serviço de patrulhas nas ruas.

Pretende-se assim galardoar os guardas da segurança, aqueles que contribuem para a manutenção da ordem e que velam pela segurança e haveres dos habitantes da capital.

Os restantes ou sejam os impedidos em varios serviços, aqueles que pedem para estar em «conchas» taes como ordenanças dos ministros, das secretarias do Estado, das assistencias, cantinas, centros, hospitaes e varias comissões, nao receberão senão o seu antigo soldo. O que o comissario geral da policia pretende com tal iniciativa é, sobretudo, estimular os guardas que prestam serviço nas ruas, fazendo com que eles não pretendam o serviço das taes «cochas».

Ora o efectivo policial é de 1.834 guardas, numero insuficiente, sem duvida, para vigilancia de uma cidade com a area da de Lisboa. No entanto esse efectivo não está completo pois que a corporação policial conta atualmente 1.400 homens, pouco mais ou menos. Desses 1.400, 700 andam em serviço das ruas o que dá uma média de 175 guardas por cada quarto de serviço.

Os restantes 700 são os taes que estão impedidos nos varios serviços de... conveniencia propria.

Tambem o comissario geral da policia solicitou ou vae solicitar verba para concertos e obras indispensaveis em varias esquadras e postos. De cada vez que ha revoluções em Lisboa, as esquadras policiaes são quasi sempre assaltadas, despedaçadas e arrasadas.

Nunca mais se conseguiu depois pô-las em ordem e ainda hoje em muitas delas existem sómente mesas e bancos de pinho, não havendo iluminação nem tendo sido sustituidos os apetrechos desaparecidos, furtados ou destruidos...

Tambem se pretende aumentar a verba destinada aos «side-cars» que inegavelmente teem prestado optimos serviços em casos de urgencia. A verba para sustento de taes serviços com reparações e gazolina é de 500 escudos mensaes, quantia insuficientissima n'uma ocasião em que a gazolina está cara e as peças que se partem ou deterioram custam um preço exorbitante.

Quasi todos os «sid-cars» estão agora avariados não havendo verba para se proceder ás reparações necessarias.

Em resumo o que se pretende fazer agora?

—Uma remodelação necessaria e urgente nos varios serviços da policia e incluir no respectivo orçamento as verbas para tal fim.

### A policia de Segurança do Estado e a sua acção com a G. N. R.

A policia de Segurança do Estado vae tambem ser reorganisada em bases modernas, estando o governo na disposição de a habilitar com os meios de que a mesma carece pa a que a sua ação seja proficua.

O director desta policia, meramente politica, será o inspector geral em todo o paiz e actuará de combinação com a G. N. R. a qual acatará, conforme lhe for determinado.

Desta forma pretende-se conseguir de uma vez para sempre pôr termo a qualquer especie de conspiratas ou movimentos que por ventura surjam de um momento para o outro.

A segurança do Estado descobre esses movimentos e imediatamente de acordo com a G. N. R. providencia de fórma a evitar que os inimigos da ordem levem por deante os seus planos maquievelicos.

Assim conseguirá o governo trabalhar desafogadamente sem ter de se preocupar com a ordem publica. Procura-se agora arranjar instalação para a policia de Segurança do Estado, pois que no ministerio do interior e no governo civil não existem dependencias aproveitaveis para taes serviços.

## Bolchevista em bolandas

A bordo do paquete «Caxias», chegou a Lisboa, dando entrada nos calabouços do governo civil e sendo entregue á policia de segurança do Estado, Amaro José Marques Pereira, carroceiro, que foi expulso do Brazil por ser ali conhecido como agitador e bolchevista.

Sucede que o preso é de nacionalidade brazileira, solteiro, motivo porque a policia não tem que intervir na acusação que sobre ele peza, devendo ser entregue ao consulado brazileiro, afim de lhe dar o destino que julgar conveniente.

## EM VIAGEM

### De bordo do «Portugal»

Foi hoje recebido o seguinte radiotelegrama:

«Os passageiros de primeira classe do vapor «Portugal» seguem bem e cumprimentam suas familias e amigos».

## Jornalistas Parlamentares

### O almoço oferecido aos presidentes das duas camaras

Na sala dos Passos Perdidos, do Congresso, realisou-se hoje o almoço de confraternisação jornalistico-parlamentar, oferecido pelo jornalistas do Parlamento aos presidentes das duas camaras.

Foi uma linda e entusiastica festa, na qual se fizeram representar parlamentarmente todos os partidos politicos. Iniciou a série de brindes o nosso camarada na imprensa Paulo Freire, que em nome dos seus colegas saudou as presidencias das duas Camaras, que serviram na ultima legislatura.

Agradeceu-lhe o sr. general Correia Barreto, usando em seguida da palavra os srs. ministro do comercio em nome do governo, Antonio Maria da Silva em nome do P. R. P., Herculano Galhardo em nome do Senado, ministro das finanças sr. Cunha Leal, como parlamentar, como jornalista e como ministro; dr. João Luiz Ricardo, Walter Machado, dr Vasco Borges em nome dos dissidentes; Ladislau Batalha, como o mais velho dos jornalistas parlamentares, dr. Abilio Marçal, em nome da presidencia dos deputados, dr. João Camoezas, como parlamentar e jornalista; José de Almeida, em nome do partido socialista, Malheiro Reimão, em nome dos independentes, dr Domingos Pereira, como antigo jornalista e Ferreira da Rocha em nome do partido liberal. Fechou a serie de brindes Paulo Freire, que a todos agradeceu as palavras elogiosas aos jornalistas e á imprensa, rejubilando pelo alto significado patriotico daquela pequena festa de confraternisação.

Foi enviado um telegrama de saudação ao chefe do Estado.

Eis o menu do almoço:

**Sessão extraordinaria em homenagem aos Presidentes das duas Camaras**

*Quorum*
Filetes á Liberato Pinio
*Leitura da acta*
Contelettes de porc aux épinards signé Eduardo Souza
*Ordem do dia*
Dindonne aux truffés au cresson de la ferme Camarade Augusto
*Negocio urgente*
Puding á Herculano Galhardo
*Moção de desconfiança*
Frutas varias dos jardins do Congresso
*Intervenção das galerias*
Vins blanc et rouge et Porto
*Chamada á ordem*
Champagne Nobrega Quintal
*Encerramento da sessão*
Café «reconstituinte»

O almoço terminou perto das 16 horas, no meio da maior confraternisação entre jornalistas e parlamentares.

## A fome em Cabo Verde

O governador de Cabo Verde pediu a interferencia do sr. ministro das colonias, no sentido de que o vapor «Maio», da frota do Estado, que se encontra em S. Vicente, possa ir aos outros portos do arquipelago afim de distribuir generos pelas populações famintas.

## Cruzador «Pedro Nunes»

E' no dia 16 do corrente que o cruzador auxiliar «Pedro Nunes» deixa o tejo com destino aos portos de Africa e Macau, conduzindo funcionarios coloniaes, que regressam aos respectivos logares, e carga do Estado.

## "Restaurants„ e leitarias

### durante a noite

O sr. ministro do Interior vae dar ordens no sentido de serem modificadas as instruções que regulam o encerramento dos «restaurants» e leitarias durante a noite.

E' desejo do ministro que a partir da proxima segunda-feira os «restaurants» possam já estar abertos durante a noite conforme preceituam os regulamentos policiaes.

## O novo ministerio

O chefe do governo conferenciou hoje com o sr. presidente da Republica.

*

A oficialidade da administração militar, acompanhada do director geral dos serviços administrativos do exercito, coronel sr. Macedo Coelho, cumprimentou hoje o sr. presidente do ministerio e ministro da guerra. Tambem o sr. general Pedroso de Lima, comandante geral da guarda republicana, cumprimentou os ministros.

*

O gabinete do sr. ministro do comercio ficou assim organisado: chefe, o engenheiro sr. dr. Ferreira da Silva; secretario particular, o sr. João d'Almeida Saldanha e Quadros (Tavarede) e secretarios, os srs. João Esteves Pereira, funcionario superior da Junta do Credito Publico, a capitão João Ferreira da Silva.

*

O sr. ministro da guerra recebe na terça feira, pelas 14 horas, os cumprimentos dos oficiaes em serviço no ministerio, e na quinta feira, á mesma hora, a oficialidade da guarnição.

*

Tambem a oficialidade em serviço na policia, com o seu comandante á frente, foi esta tarde cumprimentar o sr. presidente do ministerio.

## Club assaltado

A policia de informações, sob as ordens do chefe sr. Teixeira, assaltou hoje de madrugada o Club dos Morcegos, no pateo do Saloma, por suspeitar que ali se estivesse jogando.

A diligencia não deu resultado, pois se averiguou tratar-se d'um ponto de reunião de bohemios, que ali se reuniam todas as noites para diversões de prazer.

## Liberato Pinto

Passou hontem o aniversario natalicio do sr. presidente do ministerio, que por tal motivo recebeu cumprimentos de numerosos amigos pessoaes e politicos.

## Casamento de artistas

Realisou-se hoje o casamento religioso da distincta actriz Amelia Rey Colaço com o actor Robles Monteiro. Os noivos partiram para Paris.

## NOTICIAS DA CAPITAL

**A serie diaria.**— Queixaram-se á policia: W. Tiago, director da Escola Pit calçada do Carmo, 3 3.º de que os gatunos entraram ali, roubando d'um cofre a quantia de 86 escudos; Antonio Mariada Silva, largo Rafael Bordalo Pinheiro, 16, 3.º de que um desconhecido furtou a seu filho José Maria da Silva, de 8 anos, uma mala de mão contendo artigos de retrozeiro no valor de 300 escudos; Gaspar José Dodrigues, rua da Bela Vista á Graça, 152, 2.º de que n'uma taberna da travessa da Senhora da Gloria foi agredido por uns individuos, os quaes lhe furtaram a carteira com a quantia de 79 escudos e outros objectos no valor de 70 escudos, Joaquim Rico Garcia, travessa do Pescadores, 29, 4.º, de que uma tal Amelia que, foi sua hospeda, se ausentou, subtraindo-lhe varios objectos de ouro e roupas no valor de 184 escudos.

**Policia sem o «casse tête».** — O guarda 1682, da esquadra do Rato, participou aos seus superiores que estando de serviço no teatro S. Luiz ali dera por falta do «casse-tête» ignorando se o perdeu ou se lho furtaram.

## Ocupação militar do Barreiro?

Segundo consta, em virtude das agressões de que tem sido alvo alguns ferro-viarios que retomaram o trabalho, entre eles o inspector Carvalho, a vila do Barreiro vae ser ocupado militarmente, sendo nomeado para esse efeito comandante militar o capitão sr. Loureiro.

## LIVROS E PUBLICAÇÕES

**Boletim Farmacologico.**— Recebemos o n.º 22 d'este Boletim do Laboratorio Farmacologico de Lisboa, que insere, entre outros assuntos interessantes, uma carta aberta aos medicos portuguezes.

**A B C.**—O ultimo numero d'este «magazine» insere interessante colaboração e magnificas gravuras. Entre os assuntos de que trata traz uma bela reportagem fotografica das provas automobilistas ultimamente realisadas pelo bi-semanario «Os Sports».

**Comercio do Porto mensal.**—Recebemos e agradecemos o numero d'este mensario relativo a outubro.

**Revista do Instituto Superior de Comercio de Lisboa.**—Está publicado o numero 5.º do 3.º volume, referente a outubro findo. Colaboração escolhida de nomes marcantes entre o professorado, taes como Luiz Viegas, Mattozo Santos, José Candido Corrêa, Manecas Ferreira, Francisco Antonio Corrêa, etc.

**Centro Republicano Portuguez de S. Paulo.**—Este Centro iniciou a publicação d'um Boletim mensal com o numero de setembro e comemorando a data do 5 d'outubro. Na publicação que temos presente e que inser alguns documentos interessantes mais uma vez se afirma o amôr dos que longe mourejam pela Republica e pelo nome portuguez.



## Ordem publica

José Ferreira, morador na Calçada do Livramento, 29, º, sapateiro, foi preso e entregue á policia de segurança do Estado, para averiguações, por ser acusado pelo cabo de policia 140, a quem o denunciaram varias pessoas, de ter dito que em breve se dava no paiz uma revolução monarquica, e que o seu grupo iria assaltar com dinamite as esquadras de policia e os quarteis da guarda republicana e da Marinha.

O preso foi policia na situação dezembrista, com o numero 506, tendo do perseguido varios republicanos residentes em Alcantara, Belem e Ajuda.

## Serviço telegrafico da tarde

**Mais uma proeza dos «soviets»**

COPENHAGNE, 2. — Segundo a agencia russa, foi encarcerado todo o pessoal da Cruz Vermelha polaca recentemente chegado á Russia.—*(Havas)*.

**Fayçal em Londres**

LONDRES, 3.—Chegou o emir Fayçal, que foi recebido por um representante do rei.—*(Havas)*.

**A agitação operaria em Hespanha**

BARCELONA, 3.—O governador civil mandou deter os magarefes, os «chaufeurs» do serviço do correio e os operarios das agencias funerarias para os obrigar a trabalhar á força. Por causa da greve estão insepultos muitos cadaveres nos respectivos domicilios, com risco da saude publica. De Cadiz foram enviados dois torpedeiros para Sevilha por causa da greve geral.—*(Havas)*.

OVIEDO, 3.—Paralisaram o trabalho todos os mineiros, excepto os catolicos.—*(Havas)*.

VALENCIA, 3.—Supõe-se que na 2.ª feira será declarada a greve geral.—*(Havas)*.

SEVILHA, 3.—Foram detidos 8 sindicalistas. Patrulhas de tropas vigiam as ruas.—*(Havas)*.

BARCELONA, 3.—E' geral a paralisação do trabalho; contudo, os estabelecimentos conservam-se abertos. As ruas estão desertas e dos veiculos só funcionam os que se empregam no serviço dos hospitaes, dos quarteis e que servem para o abastecimento da carne. Os enterros efetuam-se com grande dificuldade e as ruas estão cheias de lixo.—*(Havas)*.

MADRID, 3.—Os jornaes publicam um comunicado que receberam da Casa do Povo, dizendo que a greve geral foi adiada por tempo indefinido e que foi assinado o protesto contra a deportação dos sindicalistas de Barcelona.—*(Havas)*.

# A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3716 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Domingo, 5 de Dezembro de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de Impressão — 71, Rua da Bica, 71 | Preço, 5 centavos


## O chefe do governo e a imprensa

O sr. tenente coronel Liberato Pinto, presidente do ministerio, teve hontem a amabilidade de nos vir cumprimentar, atenção que nós agradecemos penhoradissimos, tanto mais que o chefe do governo, manifestando assim a sua consideração pela imprensa, demonstrou publicamente que não perfilha as acusações que um dos membros do ministerio lançou ha dias sobre a imprensa sem que até hoje se tenha dado ao incomodo de provar o que avançou.

A imprensa desagrada, em geral, aos politicos, especialmente aquela que não tem ligações partidarias, porque, divergindo dos seus pontos de vista, quando em desacordo com os interesses do paiz, lhes entrava os planos e por vezes até quaesquer conveniencias que nenhuma relação apresentam com o bem geral da nação. O sr. Liberato Pinto, saudando-a, prestou uma homenagem digna de registo á liberdade de expressão do pensamento que a Constituição garante e que a imprensa consubstancia. Provou assim publicamente a sua intenção de exercer a sua acção governativa dentro das normas constitucionais em regimen de liberrima critica dos seus actos.

*Quem não deve não teme*; e quem tem a consciencia da pureza dos seus intuitos e da correcção do seu procedimento, longe de aborrecer a imprensa, considera-a indispensavel colaboradora da sua acção administrativa, como poderoso instrumento de divulgação e de orientação das grandes massas do paiz. E' por meio dela que qualquer homem de Estado segue atentamente as diferentes modalidades da opinião publica que o habilitam a levar a bom termo a sua dificil tarefa governativa e quem a condena, quem sobre ela lança anatemas fulminantes, não vive no seu tempo e tem de reconhecer que veio tarde de mais a este mundo.

E' certo que se presta por vezes a abusos, mas se fossemos a eliminar todas as instituições de que se abusa, não existiria já neste momento de pé nenhuma organisação social, já não haveria, por exemplo, governos em paiz algum do mundo, porque sempre teem abusado e no nosso paiz talvez mais que em qualquer outro.

O sr. presidente do ministerio com a homenagem prestada á liberdade de pensamento, expressa na sua saudação á imprensa, praticou, pois, um acto eminentemente politico, vindo assegurar que não compartilha das opiniões que acerca daquela instituição imprescindivel num regimen de liberdade, possa ter qualquer dos seus colegas. Nisso manifestou mais uma vez a sua envergadura de homem politico ponderado e sensato de cuja acção muito tem o paiz a esperar.

«A Capital» que não está, nem nunca esteve, jungida aos interesses pessoaes ou partidarios de quem quer que seja, apreciará a obra do sr. Liberato Pinto e dos seus colegas com toda a independencia e imparcialidade, e sempre com os olhos fitos nos interesses do paiz.

O governo pode contar, como já contaram outros anteriores, que, sempre que se tratar insofismavelmente do bem geral da nação, nos encontrará a seu lado na defeza da justiça e do bom senso.

A imprensa é a grande colaboradora dos governos. Mal vai áqueles que não a consideram como tal e que em vez de a auxiliarem, de a estimularem a bem cumprir o seu espinhoso papel, procuram por todos os meios asfixial-a. Chega-nos, por exemplo, neste momento, a informação de que o governo tenciona elevar de novo os direitos de importação do papel de impressão. Não acreditamos na sua veracidade, porque isso, equivaleria a matar muitos dos jornaes hoje existentes. Mas como não ha fumo sem fogo, representa a atoarda, talvez um bom desejo de quem tenha a recear a luz derramada pela publicidade. Por isso chamamos para o caso a atenção do sr. presidente do ministerio ao mesmo tempo que lhe reiteramos os nossos agradecimentos pela amabilidade que para comnosco usou.

## 'OS SPORTS'

### O magnifico numero que hontem foi posto á venda

Foi posto hontem á noite á venda o bi-semanario *Os Sports*, que dia a dia se vem afirmando como o principal orgão do sport nacional.

A sua principal colaboração, pelos principaes jornalistas e technicos da especialidade tem lhe dado merecido nome e valido um acolhimento do publico deveras lisongeiro. O sumario é o seguinte:

Artigo de fundo (Comité e Federação); O desenvolvimento do sport pelo dr. Salazar Carreira; Educação e Cultura Fisica no Exercito pelo capitão Oliveira Tavares; secção de automobilismo, foot-ball, box, ciclismo, consultorio sportivo por Ruy da Cunha, noticiario do Porto, provincias e Portugal e o interessante folhetim «Vinte annos de luta do celebre lutador Paul Pons».

A's quintas feiras, como se sabe, «Os Sports» publica sempre uma magnifica pagina teatral.

Dadas, porém, as condições da sua factura, carissima na actual conjuntura, teve o bi-semanario «Os Sports» de elevar o preço de venda, que passou a ser de $15. Não impedirá isso, estamos certos, que o publico continue a dispensar lhe o mesmo acolhimento que até agora.



AUTENTICAS

## A vingança de Miss Moore

A vingança de «Miss» Moore. Eu estava em Berlim. Regressára á minha pensão na Potsdammer Strasse depois de ter visto experiencias de Zepellins e o Kaiser atravessar as ruas da capital á frente da Leib Garder ou Gard corp de Frederico Grande, os 30.000 homens que o acompanhavam em Potsdam.

Sobre uma ottomana, que me servia muitas vezes de cama, encontrei a correspondencia, vinda de Portugal. Após longos mezes de ausencia, receber seja o que fôr da nossa terrinha é sempre consolo e motivo de certo alvoroço. Corri, pois, para aquela papelada como ao encontro dos braços dum amigo. Mas, ó decepção! De mistura com noticias dos meus, deparava-se-me ali, um pequeno volume, vindo da India. Já viera a Portugal e de cá voára até á patria de Siegfried. Rasguei nervosamente a cinta e o meu anceio de alma teve logo de quietar-se. Nada de materia revelada; a terra dos «fakirs» não me punha em contacto com nenhum caso de medianismo. Todavia tratava-se de uma coisa que só a mim poderia acontecer. Só mim! Depois de largos anos passados na Europa, quando já nem sequer me lembrava dos factos capitaes a que tenho ligada a minha volta da India, eis que me aparece em revista ingleza a mais tremenda descompostura que em prosa alguem jámais poude arquitectar. Quem me zurgia tão impiedosamente? Quem escarnecia com ares desprezativos os bons habitos portuguezes de que o artigo me tornava amostra? «Miss» Moore.

Mas quem era «miss» Moore? perguntará o leitor. Não admira, tambem eu me fiquei na mesma interrogação, quando depois de passar os olhos por frases da mais implacavel troça, corri a ver a assinatura. Felizmente, junto com a revista vinha um «Heraldo», jornal da India portugueza, que ajudou a compôr as minhas reminescencias. Mão generosa, coração amigo, que os deixára lá aos punhados, (desta posso gabar-me afoitamente), saltára em desforço do ausente ofendido e, batendo-se com a hiena raivosa, salvara a minha figura, achincalhada como simbolo da hospitalidade portuguesa.

Estavamos em 3 de setembro de 1908, e, no meio do nevoeiro da linda cidade dos Kaisers, eu pude então contemplar como aparição quasi sobrenatural aquele ressentimento venenoso, profundamente encubado, anos e anos á espera duma oportunidade, para me atirar entre risadas sem dentes, o seu cartel de vindita. Recordei-me então de quem era «miss» Moore.

Uma tarde aparecera em Nova Goa uma linda creatura ingleza, mulher do coronel Hamilton, comandante dum regimento de cavalaria, aquartelado em Poona. Poona é uma bela cidade a duas horas de Bombaim, situada num planalto a 2000 pés de altitude. Para ali vão alguns inglezes refrigerar-se dos ardores de Bombaim e reparar qualquer dano que o clima sem altitude do Hindustão, lhes haja infringido.

Conheci lá o coronel, e quando visitei a sua deliciosa metade na capital da nossa India, não perdi o agradavel ensejo de retribuir algumas gentilezas comigo havidas em Poona. Fui imediatamente cumprimental-a e, como ela já tivesse almoçado, convidei-a para o chá das 4.

A fatalidade, eterna abelhuda que não cessa nunca de se interpor entre os nossos designios e a realidade, fez com que antes das 4 eu passasse na minha bicicleta junto a um trem. O carro parou, e ouvi que me chamavam.

Era Mrs. Hamilton que me pedia, que me perguntava se aquela senhora podia ir com ela...

Anui com todo o prazer, como é uso dizer-se, mas francamente nem reparei na empada que a esposa do coronel lograra impingir-me, não sei se á laia de «chaperon», se á maneira de lá ter, em minha casa, mais companhia. Lembro-me de que ainda lhe disse: «está cá o consul inglez em Mormugão e a mulher; podi-lhes para aparecerem tambem...

Pois a empada era «Miss» Moore, Velha, magra, nodosa, ossuda como só o sabem ser as eguas e as inglezas velhas. Um arenque fumado, um bacalhau. A idade que muitas vezes transforma mulheres em soberbas cathedrais gothicas, fizera daquela um chafariz em ruina. Sendo assim, que admira que dela não curassem, que com ela se não entretivessem os meus convidados daquele dia?

Um presentimento me acometeu logo que Mrs. Hamilton entrou com a sua companheira e receioso de que miss Moore ficasse ao abandono, recomendei ao João, ao meu criado João d'Albuquerque que tratasse da velha. Terminado o chá, indaguei da sua honestidade e galanteria como servira miss Moore; e ele assegurou-me não se ter esquecido como era seu dever, do que eu lhe recomendára; mas que a velha parecia ter sido mordida por uma cobra capêlo —palavras textuaes.

De facto, antes, durante e depois do chá todos estiveramos enlevados na graça e formosura ali representada por Mrs. Hamilton. A' propria consuleza, porque não dizel-o, iam-se-lhe os olhos vivos e alegres na beleza e mocidade da esposa do coronel. Como exigir pois de portuguezes que de tal perfeição desviassem as suas atenções para as desperdiçarem com a minha agressora de 1908?

Ela propria, se fosse amiga de Mrs. Hamilton deveria ter estado desvanecida com o nosso deslumbramento. E depois não houvera descortesia premeditada; falta de tempo para lhe ser util e mais nada. Mas miss Moore não se conformou. Tomou o seu chá e jurou vingar-se.

No dia seguinte ainda fui ver Mrs. Hamilton. Estava em Velha Goa, pintando um trecho de ruinas da velha cidade. Isto a trouxera a Goa. O seu gosto pelas coisas antigas já na vespera m'o mostrara; mas nem Mrs. Hamilton me falou mais da companheira nem eu a tornei a ver.

O que pensaria «Mrs»: Hamilton quando leu, se acaso leu, a «charge» turiosa da sua amiga da India? Com certeza que o seu rosto de seda, aquela coloração de porcelana fina, se tingiu de rubor, que o azul escuro dos seus olhos se enevoou. E pedira-me ela para aquilo tambem ir a minha casa! Aquela decrepita Alcesto, cuja prosa ainda havia um dia de me varar desdenhosamente.

O que ela dizia no artigo? Tudo metia a ridiculo; o chá, a casa, os convivas... Censurou-me porque houvera pouco pão, porque o leite suisso era servido nas proprias latas! Nada houve de que não tomasse nota para, depois da gestação odienta através de longos anos, me lançar em rosto. Os meus convivas... o que ela dizia!... e todavia os consules eram pessoas agradaveis e os militares, como ela lhes chamava eram D. Miguel de Alarcão e Faur da Rosa. A minha casa a que ela juntou epitetos depreciativos, foi, logo que eu a deixei, um templo, a mesquita dos mouros de Nova Goa. Quanto ao serviço não me cabe a mim a defeza. Alguem me reabilitou o chá, com que miss Moore encheu duas colunas duma revista ingleza na mais endiabrada obra de difamação. Velho odio!

Confesso que ao ler aquela critica azeda enfureci. Escrevi então coisas horriveis contra a velhota; tive de empregar um esforço herculeo para a não insultar. Tardio mas amavel o cartão de visita com que agradecera o chá; mas o que havia a esperar duma ingleza a quem a idade roubára o sexo, e que só mostrava com as notas aos defeitos do serviço, que nunca estivera entre gente de boa qualidade?...

Ah! Da sorte que eu dei então falou claro o meu artigo de resposta cabal, logo escrito e enviado para a India. Na verdade, destas só a mim acontecem.

**D. Thomaz de Noronha.**

## PELO TELEGRAFO

### Acidente de automovel

MONTEVIDEU, 4.—Num acidente de automovel ficaram feridos gravemente Viera, ex-presidente de Uruguay e o deputado Arias.—(*Americana*).

### Os desastre da aviação

RIO DE JANEIRO, 4.—O aviador brasileiro Freire morreu em virtude do seu aparelho ter caido da altura de 1.000 metros, por se ter dado uma explosão no motor.—(*Americana*).

### Partindo para a Europa

RIO DE JANEIRO, 4.—O capitão Lafay, aviador, da missão militar franceza, seguirá, em gozo de licença, no «Aurigny», para França.—(*Americana*).

### Navegação brazileira

RIO DE JANEIRO, 4.—José Montero Godoy, consul do Brazil no Havre, pede o restabecimento da navegação para a Europa do Lloyd Brazileiro, declarando que dará a Agencia do Havre uma orientação nova e pratica, em harmonia com a actual situação da navegação.—(*Americana*).

### Uma autorisação

RIO DE JANEIRO, 4.—A sociedade anonima Bafeur Beatty Limited foi autorisada a funcionar no Brazil.—(*Americana*).

### Embaixador do Uruguay no Chili

RIO DE JANEIRO, 4.—Eugenio Garzon, embaixador do Uruguay no Chile, partirá no dia 15, de Buenos Aires para Santiago e voltará aqui em Março, seguindo em abril para Paris.—(*Americana*).

### O embelezamento de Quito

QUITO, 4.—O presidente Tamayo sancionou o decreto atribuindo á municipalidade 5 °/o dos direitos de artigos exportados do Peru recebidos em todas as alfandegas da Republica. O municipio deliberou empregar a totalidade no aformoseamento da cidade.—(*Americana*).



# DOIDOS, ELES!

## Nuvens desfeitas

Na desmedida vaidade que o infla, o rei, não se contentando com a sua realeza, aspirou a Jupiter Olimpico, senhor das tempestades, e sobre a minha cabeça começou a amontoar nuvens, donde me vibraria raios e coriscos, ao mesmo tempo que roncasse para fingir trovoadas.

As nuvens, porém, desfazem-se facilmente. E se o Pae dos deuses não gostar da ventania que se levante a dissipá-las,—que tenha paciencia e se segure bem no trono.

Depois de ler no livro Infeliz o capitulo que venho comentando, procurei antes de mais nada, contraprovar algumas asserções de facto, emitidas pelo sr. dr. Cunha. Verifiquei que o Congresso Internacional da Imprensa, se realizara efectivamente em Setembro de 1898 e se fosse um «miudinho» como ele e usasse de argumentos como os seus, poderia implicar com a circunstancia de ele não ter dito que as festas desse congresso se extenderam até ao dia 4 de outubro; veria nisto um «grande lapso de memoria» e um «sintoma evidente de loucura»!

Tratei, em seguida, de apurar se a sr.ª D. Maria Adelaide não teria estado realmente em qualquer sessão ou festa desse congresso. O dizer o sr. dr. Cunha que, [illegible] passado ainda seis meses sobre o falecimento da Mãe daquela senhora, a inibe de comparecer em festas, onde a não forçavam a comparecer nenhuns deveres oficiais nem de cargo não era argumento que me convencesse.

Para o congresso tinham sido convidados não somente os socios das associações inscritas no «Bureau Central des Associations de Presse», mas tambem as suas esposas e filhas,—que vieram em grande numero a Portugal; o sr. dr. Alfredo da Cunha pertencia ao «comité» portuguez, constituindo para organisação do congresso e recepção dos congressistas (era o «tesoureiro»,—o homem das massas, coisa da sua especialidade e gosto); o dever do seu cargo impunha-lhe, portanto, que nas solemnidades e festas do congresso se apresentasse acompanhado de sua esposa em homenagem ás senhoras estrangeiras.

O luto de familia poderia ser levantado momentaneamente, sem quebra de quaesquer sentimentos afectivos.

A homenagem era, devida tanto ás senhoras estrangeiras como ás portuguezas que compareceram no congresso. Lembro-me, porem, do seguinte episodio Como de Lisboa comunicassem á «Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto» que os congressistas se podiam fazer acompanhar de suas esposas ou filhas, mas tivesse havido o esquecimento de dizer que elas deviam ser inscritas, como os congressistas, eu, que então pertencia á Direcção daquela colectividade, fiz-me acompanhar da minha mulher. Chegado a Lisboa e dirigindo-me á secretaria do Congresso, a primeira pessoa com quem falei foi o sr. dr. Alfredo da Cunha. Pois este senhor, o miudinho, numa teimosia e discussão de que conservo desagradaveis impressões opunha-se a que minha mulher pudesse ser inscrita naquela altura.

Foi precisa a intervenção amabilissima e fidalga do sr. dr. Magalhães Lima, secretario do «Bureau Central», para que o incidente se resolvesse de maneira satisfatória.

Quanto o sr. dr. Cunha deve ter sido amavel e delicado no viver ultimo!

Dele fiquei então a pensar que a sua gentileza para com senhoras não ia muito longe.

Mas o facto é que verifiquei tambem que a sr.ª D. Maria Adelaide não estivera no Congresso. Estava certo. Eu tinha-me enganado.

Não podia ter sido ali que a tinha visto.

Quanto a haver sido em 1905 a inauguração do monumento a Eduardo Coelho, no Passio de S. Pedro de Alcantara, o meu telegrama, transcrito pelo sr. dr. Cunha, é muito claro, para que eu pudesse ter duvida de que me não enganava tambem, ao supor que o monumento fôra inaugurado por ocasião do Congresso Internacional da imprensa.

Devo dizer que o caso me intrigou durante algumas horas.

«Como é que eu arrengei esta confusão?» pensava. «Mas eu hei de dizer que tirei o retrato com os jornalistas estrangeiros e com a familia de Eduardo Coelho junto do monumento? Insistia eu, de mim para mim. «Quando foi então isso e porque motivo?»

Alem dos congressistas da imprensa, de 1898, recordava-me de ter, como secretario da «Associação dos Jornalistas do Porto», acompanhado uma visita de jornalistas inglezes, que tinham sido festivamente acolhidos pelas associações de imprensa de Lisboa e Porto; mas, depois de reflectir um pouco e de consultar apontamentos, cheguei á conclusão de que embora durante alguns dias eu tomasse parte activa na recepção e acompanhamento desses jornalistas, que eram sócios da «British International Association of Journalists» e vieram a Portugal em Fevereiro de 1913, tinha feito tenção, mas não chegara a ir com eles a Lisboa. A ir com eles a Lisboa ou a ir lá esperalos... porque não me recorda em qual das duas cidades eles estiveram primeiro. (Um lapso de memoria sr. dr. Cunha, estou louco!)

Ainda pensei em outro congresso internacional, que em Lisboa se reunira e ao qual eu tinha tambem assistido. Esse não era propriamente de jornalistas; era o Congresso Internacional de Direito Geral e não podia ele ter dado ocasião ao engano.

De subito, porém, a memoria deu-me um rebate. «Alto! disse eu; encontrei!»

E efectivamente encontrara a chave do enigma. Fica para o proximo artigo a decifração.

**Bernardo Lucas.**

## SEGREDOS A TODA A GENTE

### Antonio Granjo

*Só hontem me foi possivel ler o ultimo livro do sr. dr. Antonio Granjo. A grande aventura, tem, incontestavelmente, na literatura da guerra um logar de excepcional relevo. E' uma obra que marca. Representa acima de tudo a suprema consagração dum jornalista. O sr. dr. Antonio Granjo não se limitou a vêr a guerra: sentiu-a. Foi ao mesmo tempo o* reporter *e o soldado. Algumas das suas paginas* (a Primeira patrulha, Dois heroes, Fuga á morte) *respiram o bafo prodigioso de Barbusse. E como eu lamento neste instante que o sr. dr. Antonio Granjo, homem de letras seja ofuscado, com evidente prejuizo para ele e para todos nós pelo dr. Antonio Granjo homem-politico!*

### Moralidade

*Balzac disse um dia: «a moralidade é a cultura da alma». E o autor eminente de* Le père Goriot *disse como sempre, uma grande verdade. Um paiz que não cultiva, como uma flor, a beleza resplandecente da virtude é um paiz que tem (permitam-me a expressão) a alma—em crespo. Portugal está um pouco nestas condições. Portugal necessita positivamente de moralisar-se—sobretudo na politica e no amor. Mas afinal como póde haver moralidade na politica—se a politica é sempre imoralidade?*

*E como pode haver virtude no amor—se os animatografos estão á cunha?*

### A mulher-bengala

*Quando um dia se escrever um estudo sobre a psicologia dos maridos, ha um ponto que mais que nenhum outro, merece a honra duma analise demorada: é o que diz respeito á escolha das mulheres. A que atributos obedece o marido na escolha da sua inimiga?*

*A' beleza? A' virtude? Ao acaso? Talvez. Eu quero, porem, hoje referir-me apenas á mulher que o homem escolhe como se fosse uma bengala de castão doirado.*

*Mas o que é—perguntarão V. Ex.as—a mulher bengala?*

*E' simplesmente a mulher feia, velha, rica a que o homem se apoia para triunfar na vida.*

**Luis d'Oliveira Guimarães.**



## Portugal e Belgica

### Uma entrevista, com o sr. Norton de Matos em Bruxelas

BRUXELAS, 4.—O director da «Agencia Americana» nesta capital, Reinaldo Ferreira, solicitou uma entrevista ao general sr Norton de Matos, «A minha visita á Belgica tem uma significação especial no momento em que vou tomar conta do governo de Angola, cujas fronteiras com o Congo Belga contam milhares de quilometros.

O principal trabalho do meu governo será a questão internacional, questão agradavel de realizar graças a amizade da Belgica. Duas colonias como Angola e o Congo devem conhecer-se melhor. Tive sempre a impressão de que, desde que os dois governos elaborem acordos definitivos, o desenvolvimento economico das respectivas colonias atingirá grandes proporções.

«Esses acordos devem visar sobretudo o problema dos transportes. São necessarias linhas de caminhos de ferro comuns, assim como combinações de navegação maritima e facilidades para os productos das duas colonias nos respectivos portos. Estudarei a emigração etc.

«Conferenciei já com o sr. Frank, ministro das colonias, e com o sr. Jasper, ministro dos estrangeiros, e fiquei com uma impressão optimista».

Como Reinaldo Ferreira lhe pedisse pormenores, o sr. Norton de Matos respondeu:

«Espero que o resultado o não terá muito tempo para se impacientar.

Terei verdadeiro prazer em colaborar numa grande obra com a Belgica e se na Europa os dois paizes estão afastados, em Africa a visinhança das nossas colonias permitir-nos-ha conhecermo-nos melhor e testemunhar por um trabalho pacifico a comum amizade dos nossos dois povos, amizade nascida e cimentada pelos tragicos trabalhos da Grande Guerra».

No jantar oferecido pelo rei Alberto a que assistiram madame e mademoiselle Norton de Matos, a rainha, o governo e outros convidados trocaram-se afirmações de amizade entre os dois paizes.—(*Americana*).

## Liberato Pinto

O tenente coronel sr. Liberato Pinto, ilustre presidente do ministerio e ministro do interior, teve hontem a gentileza de vir apresentar-nos os seus cumprimentos, o que muito nos penhorou agradecendo a honra que nos foi dispensada.

CROQUIS DE VIAGEM

# NA BOA PAZ

### XXV — Genève monumental

O cocheiro faz-me o preço especial de cinco francos, duas horas, vendo tudo que a terra tem para mostrar ao viandante, e com explicação doutrinaria da boleia. Dispenso ao homem as explicações, e até o confundo indicando alguns pontos que desejo ir vêr; a vantagem de se ser viajado... pelo menos nas gravuras das ilustrações e dos jornaes.

Atravessamos a Pont des Bergues, que tem esta peninsula apendicional onde o bronze de Pradies nos faz a apresentação de Rousseau.

—La statue de Jean-Jacques Rousseau! diz o cocheiro.

Apeio-me e visito o grande intelectual, filho da terra, e que se as feições são correctas, a sua mão, o seu gesto em suspensão, indica aquele estado de alma de quem está para ter uma excelente idéa ou apanhar uma mosca; a ilhota onde está de quarentena o autor da «Emile», tem como restante mobiliario algumas relvas, uns bancos desertos em frente aos quaes os cisnes brancos do lago scismam tambem brancamente na crise... porque a Suissa vae atravessando e os atinge tambem a eles, uns candieiros de electricidade e uma meia duzia de arvores.

Seguimos então; para a outra margem. Praças com belos monumentos, ruas largas, — a fisionomia egual de todas as cidades e em todas diferente, — e desembocamos num grande largo.

—«La Place Neuve... voila le Grand-Theatre, la croix-rouge... le...»

Devagar, devagar. O Grand-Theatre, fechado actualmente, é um belo edificio, mas incaracteristico; tanto podia estar aqui como em Lisboa, como em Cape-Town. Sem nunca o ter visto, estou farto de o ver. O museu «Ratts» consome-me algum tempo para o visitar a correr; nunca ouvira falar neste general russo, nascido em Genève e amigo das artes. A galeria de pintura tem pouca gente conhecida e muitas obras locaes, com Calvino, as lutas da reforma, os episodios de Chillon:..

—Vamos embora... e o trem segue, ali ao pé passando no conservatorio de musica, e logo á entrada duma bela avenida:

—«L'Université. C'est ici que...»

Não é preciso, meu bom amigo; todos nós sabemos como Genève é um centro de cultura e de intelectualidade enorme; bastava ver este soberbo edificio, a grande quantidade de faculdades e institutos, a Escola de Chimica, a dos Filosofos, Artes & Industrias, bastava ver os rapazes novos que aqui passeiam em cabelo, uns louros arruivados, outros morenos, de todos os paizes vindos para colher a sua instrução, aqui e em Lausanne; bastava ver o grande numero de livrarias, os programas dos cinemas; e o desenvolvimento dos sports para...

—Voilà le monument de la Reformation. Il faut descendre...

Eis um dos monumentos mais curiosos que tenho visto. E' bem uma pagina de historia este longo muro, todo branco-amarelado, com inscrições e estatuas, baixos relevos e comemorações. Impressiona, é tocante a sua simplicidade grandiosa e não tem a chateza das estatuas sempre banalmente erectas no meio das praças, servindo para adorno ou refugio dos peões. Esta muralha de talvez mais de cem metros é como um longo papyro onde a Patria, a Assembléa em Conselho Geral, Le peuple de Genève, os cidadãos, exaltaram para sempre a sua luta e os seus triunfos pela liberdade de pensamento e religião. Frazes latinas, discursos, saudações, ladeiam em letras rigidas, rectas, sem arredondamentos que são artificios da falsa arte e da arte da falsidade, o grupo central dos grandes reformadores, 3 metros ou mais de alto, grandes homens ou semi-deuses, calvos e barbaças, que nestas grandes batas de pedra branca são como os juizes dum tribunal ultimo. Ao lado, trez de cada banda, figuras acessorias á reforma, este de botas altas, aquele de sapato e meia, este outro de chapeu armado, o grande eleitor, Frederico Guilherme... Em frente um jardim viçoso, a «Promenade des Bastions».

Voltamos atraz e passamos na «Victoria Hall», em estilo Renascença, a casa dos concertos musicaes, oferecida por um consul inglez á Sociedade de «l'Harmonie nautique». Uma soberba sala, rica, um orgão, belas condições acusticas; só o que não gostamos foi do misterio que envolve esta sociedade de concertos: «l'Harmonie nautique»!... harmonia nautica? Na Suissa? Sempre ha cada idéa...

—L'église russe...

Visitemos. Confesso-me embaraçado. Tiro o chapeu ou não?

Mas tudo corre bem felizmente, salvo 2 francos que tenho de dar para a ajuda da... não sei para quê. Tive a impressão de estar dentro duma gema de ôvo. Não sei explicar mais. Antes de voltar á outra margem o trem vagueia agora por uma Genève menos monumental e mais velha, certamente a dos huguenotes e mamelukes: é sempre assim em todas as terras: teem um centro mais modernisado, «a baixa», e as mazelas escondidas. Para não ter decepções depois de ter visitado a fabrica de relojoaria que desejava e que não descreverei para vos não dar cabo dos miolos, ou antes da vista tantas sejam as coisinhas microscopicas a descrever, voltamos ao caes do Monte Branco, passando pela

—L'usine... Vous savez, monsieur? onde se faz o aproveitamento das forças motrizes do Rhodano, com as suas duzias de potentes turbinas, e conserva o nivel do lago pelas barragens do braço esquerdo do rio; depois a «Notre Dame», a velha egreja dos catolicos, que aqui tem esta, como os judeus teem a sua mais adiante, e os anglicanos a respectiva; mas nada de acumulações.

Lá está o Monte Branco, o fantasma encarapuçado, espapaçado no fundo azul deste ceu scenografico; seguimos agora pela margem do lago, dando a esquerda a um esplendido monumento que o cocheiro tirando o chapeu e parando a pileca elucida ser,

—Le monument á Brunswick.

E explica que este senhor duque legou a Genève todos os seus 20 milhões, e repousa agora sob aquele baldaquino hexagonal, com os seus antepassados aos cantos. Não sei se o excelente filantropo se aborrecerá ali debaixo, gosando a admiravel vista que lhe puzeram defronte, mas o que é certo é que pelo sim pelo não, lhe instalaram ao lado o Kursaal para as suas fugidas noturnas.

Retinem campainhas, são 6 horas da tarde, entramos, não para ver o espectaculo onde o meu sobretudo lisboeta não ingressaria sem ofensa, mas para admirar os salões. Qual! um porteiro quasi me trava do braço para ir até ao salão onde 6 pessoas assistem a uma representação de Guignol. Os fantoches não me interessam, mas aproveito para beber cerveja, — era isso o que eles queriam—e descançar não as pernas, mas o espirito. O casino tem condições para ser brilhante, quando cheio e iluminado; varandas deitam sobre o lago, boas salas para musica, para concertos, e se não fosse esta absoluta abundancia de falta de gente, que faz frio nas longas salas a impressão ainda poderia ter sido melhor.

Em frente da porta o «debarcadére», um gazolina pequeno das «mouettes Genevoises» que por 20 centimos me leva num esplendido passeio até ao Parque fronteiro das «Eaux Vives».

A entrada, franca, gradeamento aberto, letreiros varios indicam que aquele parque é da comuna, é de todos; e um museu com recordações de Calvino. Tomo o electrico, neste terminus, sem gente e acessivel, e volto até á baixa, ao Passeio do lago—Jardin anglais—e ao «Monumento Nacional», grupo em bronze que comemora a entrada de Genève para a confederação Helvetica...

Entardeceu; saem as segundas edições dos jornaes, passam homens e raparigas em bicicleta, como em França, e as lojas iluminam-se, sem que se veja contudo muito mais animação pela rua.

Corro ás sopas de M.me Regina, a quem participo que saio no dia seguinte pela manhã, depois de cautelosamente preparada para este tremendo golpe, e vou ao «Cinema-Palace»—2 francos e meio o logar intermedio—para ver o «Trabalho» de Zola, o concurso da mulher mais linda da Suissa, um grande desafio de foot-ball, e fitas comicas.

Não é, não, leitor amigo que te sorris, fóra de proposito este banal enunciar do programa. E' porque, no cinema, como no teatro, como no jornal, ou no cartaz, eu noto nesta caixa de bonbons sem gente que é a Suissa, uma idea de humanidade, de educação, de respeito mutuo que não ha noutros paizes. Não ha nomes de homens, nem de politicos de hoje; ha o «povo de Genève».. «a comuna de Carouge»... «a assembléa de Plainpalais»... numa moral, numa orientação, numa liberdade que significa, no ar que se respira e na vida que se sente democracia, a verdadeira.

Mas apezar disso, no cinema, os bons estudantes, de gorro negro, ou de cabelos ful os para traz, não vinham sós, nem deixavam de estar com os braços num grande e amoravel amplexo...

**Armando Ferreira.**

## Universidade Popular Portugueza

Brevemente, nesta instituição de educação popular, rua Particular, á rua Almeida e Sousa, (em Campo de Ourique), iniciará o professor sr. Emilio Costa uma série de conferencias sobre «A organisação moderna do trabalho».

A entrada é livre.

# Theatros e Cinemas

## PRIMEIRAS E REPOSIÇÕES

**TEATRO POLITEAMA — A Alegria de viver**

**TEATRO DA TRINDADE — A primeira causa**

### *A critica das criticas*

Por não terem saido no dia seguinte ao da première do Politeama, todas as criticas dos jornaes de Lisboa, não pudemos dar completa a nossa secção «critica das criticas», que tem sido compreendida por todos, publico e criticos, o que é lisongeiro em excesso para nós.

O nosso amigo Gustavo Sequeira, reservou 20 linhas—e chegaram—para na «Manhã» ser bondoso para o tradutor, dizendo que ela fôra vertida «com a correcção habitual» mas confessar que é «uma peça desconcatenada e imprecisa, sem grande interesse scenico, nem primores de literatura. Tudo isto representado sem segundas figuras.

Ouçamos agora o sr. Mario Bonanço, no «Jornal do Comercio», que tambem não tem papas na lingua:

«E' uma peça de velhos moldes, onde a logica nem sempre é observada, com dialogos longos e sem interesse pela insistencia com que as idéas n'ella são expostas e repisadas. E o publico assim o entendeu e julgou, não tendo manifestado abertamente o seu desagrado, porque respeitou a homenageada.

O desempenho, excepto Adelina, Aura e Alves da Silva, foi fraco».

Sobre a mesma idéa de que os moldes são velhos diz na «Republica», José de Melo:

«A peça é feita nos moldes dos antigos dramalhões do Teatro Principe Real, sendo dos quatro actos representados o terceiro o unico que foi aplaudido».

«Na Batalha» Antero de Lima, leva o seu dever profissional a explicar as causas do desagrado:

«Sem grande interesse na contextura e na idéa, com scenas demasiado pesadas, sentindo-se bem ser um trabalho um tanto velho, a peça anteontem estreada no Politeama não agradou ao publico. Para a nossa plateia um tanto conservadora em matéria amorosa, a tése da peça pareceu-nos um pouco arrojada e se lhe acrescentarmos a forma como o tema é desenvolvido, as figuras tacanhas que giram nos actos e a monotonia do dialogo, teremos as causas do mau exito da peça».

Pela primeira vez figura nestes recortes simples o nome do sr. João Ameal, que, como critico teatral, nos dá na «Situação» o seu parecer sobre a peça que, de facto, acha tecnicamente apreciável.

Diz:

«Tem uma sequencia interessante—um primeiro acto de preparação, onde passa um fio tenue de idilio sentimental—um segundo acto mundano, acabando numa apreensão dramatica—um terceiro acto de tragedia franca, com declamações e gestos largos—um quarto acto, finalmente, cheio de soluções, onde mais uma vez se colhe o ensinamento classico—tudo quanto acaba bem, está bem»...

Sobre a interpretação acrescenta—«é melhor talvez não nos demorarmos nela».

No que o sr. Mira, na «Luta» diverge um pouco, pois, tauromaquicamente diz que «alguns artistas *cumpriram*».

E acrescenta:

«Não houve, porém, como na peça que esta veiu substituir no cartaz do Politeama, aquela harmonia de conjunto que tanto nos agradou, talvez por se tratar de um mais numeroso grupo de artistas, talvez porque não tivesse havido tempo suficiente de ensaios.»

E' o que se chama uma boa pessoa, ao que é superiormente eclipsado pelo sr. Jaime Vitor, que como «tradutor» de varias peças, tem a vista um pouco cançada pelo que usa as lunetas de Pangloss. Ou vejam:

«O scenario é magnifico, principalmente o do ultimo acto, e a tradução, sendo de Acacio Antunes, não pode deixar de ser primorosa.»

*

Sobre a «reprise» da «Primeira Causa» nem todos os colegas se referiram, o que é pena visto tratar-se duma bela manifestação artistica.

Todos os louvores, porém, dos que «fixes» sairam com as suas criticas, foram para Angela Pinto. Jorge Ourtiz na «Patria» escreve:

«Encarnou-o, viveu-o, sentiu-o com um tão intenso poder emocionante, num tão estupendo destrambelhamento do nervos, impregnou-o de tão dororosa e tragica ternura, em tão impetuosas rajadas de talento, que quasi nos fez esquecer o sediço dramalhão do «Ambigu».

Como na «Batalha» se pode ler o mesmo por outras palavras:

«Ela foi a excelente artista de sempre, duma grande probidade nos seus processos histriónicos, o dum enorme talento na exteriorização de todos os sentimentos.»

Pereira Coelho que no «Diario de Noticias» lança o seu parecer, dentro das normas caseiras, com esta gravidade conselheiral:

«O seu trabalho na peça de hontem é todo notavel, sendo, no entanto, superior, a nosso ver, a scena do segundo acto.»

O «Seculo» elucida que Angela Pinto recebeu muitos e valorosos brindes e o nosso já conhecido e ilustre colega da «Epoca» remata com chave de ouro e pensamento licoroso:

«O publico de Lisboa, não ha muito, apreciou-a (a peça) e aplaudiu-a no teatro S. Luiz.

—E' uma tragedia de familia feita com intensidade crescente de acto para acto, uma peça moralisadora pela angustia que desperta e, porventura, remorsos que suscita...

Quando se chora sente-se, e hontem bastantes lagrimas houve.

Não resta duvida que quando é bem, bom de lei, as esquerdas e direitas, os catolicos e os bolchevistas, integralistas e liberaes estão todos de acordo...

Assim é que deve ser sempre.



## O substituto

Quem é o substituto?

Não é pregunta a que se possa responder com facilidade, politicamente, pelo menos.

E, no entanto, quando algum governo cae, ou está prestes a cair, pregunta muita gente: Quem é o substituto?

O mesmo fazemos nós, tratando do surpreendente *film* que actualmente se exibe no Salão Central, *Rasto do Gavião*, de que se estreia amanhã o penultimo episodio, intitulado *O substituto*:

—Quem é? Quem será?

*O substituto* tem de ser personagem de alta valia e grande sucesso. Não faltaremos.

No espectaculo desta noite ainda figuram quatro episodios da afamada pelicula, um dos quaes sae amanhã do programa.

O que se deve fazer? Ir hoje ver o que sae e amanhã o que entra.



## Postos de Socorros Nocturnos

O movimento dos postos continua aumentando, demonstrando assim a sua utilidade e o bom serviço que estão prestando ao publico.

Os postos estão abertos todas as noites, das 22 ás 8 horas.



# A lei do inquilinato

## Demoras mais que injustificadas. Impõe-se a instituição dum tribunal especial

*Sr. director de "A Capital"* — Permita-me que faça algumas considerações acerca da lei do inquilinato porque, nisto de senhorios, ha de tudo, como em tudo, bom e mau. Se alguns, realmente, são dignos de gozar uma vista magnifica, cuidadosamente pendurados pelo pescoço, no zimborio da Estrela, outros não teem jus, decerto, a tão alta posição social.

E não devemos esquecer aqueles pobres proprietarios, que, muito ao invés dos novos-ricos, levaram uma vida de escravos a trabalhar honradamente para transformar o negro suor do rosto numa casita de rendimento, e, com esse rendimento de ha dez anos, ou mais, teem de se governar agora, quando todos os recursos da vida decuplicaram, pelo menos...

E lembrêmos as miseras viuvas, etc., em caso identico, não tendo senão o recurso dos rendimentos antigos do predio, a que se não pode levantar a renda, quando tudo se levanta assombrosamente em preços mais altos do que a famosa serra da Estrela!...

Parece que a Justiça e o Direito — salvo o de não trabalhar — fugiram da face da Terra! Ou actuam duma banda só, ás vezes banda de musica, com forte «pancadaria»!... Adeante.

A paternal lei do inquilinato e seus apendices, — paternal só para quem é — teem coisas curiosas. Esta, por exemplo: uma inquilina porta-se mal, com escandalo e respectivo protesto da visinhança; pois o senhorio tem de a gramar, porque, pela tal lei, não póde pô-la na rua!

Mas, mesmo nos raros casos explicitamente comprehendidos na lei, ela é por tal forma traiçoeira, hipocrita, contraproducente, com pau de dois bicos, pelo menos na forma de a aplicar, que se dá, entre muitos, o picaresco e incrivel facto seguinte, em que cooperam juizes, advogados, procuradores, escrivães, e toda a sacra familia da Má-Hora, desde o beleguim arteiro até ao juiz integerrimo.

Um senhorio que, benignissimo, nunca aumentou rendas, e as tem hoje, como sempre as teve, baixas de ha trinta anos para cá, baixissimas até ao inverosimil presentemente, é achincalhado por um inquilino, com um dos rarissimos motivos em que a lei permite pôr o cavalheiro com dono, instaura-lhe processo, tendo previamente consultado um advogado antigo e de polpa, da maxima respeitibilidade, e um procurador de egual quilate, não fosse escassear lhe razão.

Ahi por novembro de 1919, foi tentada a acção, após os preparos lentos como lento é tudo que se relaciona com a nossa peregrina Justiça, e só se conseguiu a primeira audiencia em fevereiro de 1920. Foi adiada lá por umas tricas vulgarissimas na Má-Hora. E salta para março a segunda audiencia, tambem adiada pelas tradicionaes tricas, já referidas. Novo salto para maio, com inquirição de duas testemunhas, que no malfadado processo são dez! Nova marcação de audiencia para julho e inquirição de uma unica testemunha! Solicitamente o meretissimo juiz marca outra audiencia, então para outubro!!! a qual, pelas já citadas tricas, não se realisa! Nos abstrusos designios do Destino não é facil desvendar quando será a sexta audiencia, para resolver um asunto, que devia ser solucionado numa só audiencia, dada a esmagadora e convincentissima força dos «factos» comprovativos da imperiosa razão que assiste ao senhorio.

Estes processos de inquilinato deviam ser sumarios, com juizes especiaes, como se faz aos cavalheiros com cadastro volumoso e de peso. Assim, nos raros casos em que a lei faculta ao senhorio o uso dum direito incontestavel, a lei transforma-se num ludibrio, e os joguetes das tricas e das rabulas de Má-Hora, resultando: desprestigio para a magistratura, achincalhamento para a Justiça, negação dela a quem a tem e erradamente se presume ao abrigo de equidade e de razão, com tripudio escarninho dos reus, ainda por cima, que continuam por tempo escandalosamente indefinido no uso e abuso do que fraudulentamente exploram em detrimento de terceiro!

Tudo, absolutamente tudo, se ergue na Má-Hora contra o senhorio, desde o inicio do processo, sempre demorado e cheio de peias, até ao alcançar a primeira audiencia, que, como todas as seguintes, é marcada para as 13 horas, começando, infalivelmente, depois das 15, o que não dá tempo, nunca para os trabalhos das ditas audiencias, e provoca a sucessão indefinida do julgamento do processo!

E ainda ha uma coisa curiosa: os inquilinos depositam as rendas, que seja qual for a decisão do juiz, pertencem indiscutivelmente ao senhorio, pois obtê-las é mais dificil do que o velho ditado de meter uma lança em Africa!

No caso, repetidissimo, que nos serve de exemplo, absolutamente autentico, o senhorio ainda não recebeu um centavo das rendas depositadas!

Parece que ha mais de um milhar de depositos de rendas, do que se infere que ha mais de um milhar de processos em andamento—de quem está parado!

A lei é má para os senhorios, e certos juizes parece que se intimidam só com a idéa de desagradarem á massa anonima dos inquilinos, que sonha com corações de senhorio trincados por dentes de chacaes, sem lhe lembrar certos colegas, que pagam de renda trinta escudos e alugam dois quartos por quarenta e cinco, como outros que sublocam o que não é deles pelo dobro ou triplo do que pagam, exigindo ainda trez contos de reis ... pelos oleados!!!...

Na Má-Hora os inquilinos emperram certas mólas, o desleixo imperante produz o resto: marasmo!

Não pode ser! Os integerrimos juizes da Má-Hora teem processos de vulto, muito mais ponderosos do que simples contendas entre os inquilinos e senhorios, contendas que se referem a casos minimos duma evidencia imperiosa, que só a má vontade ou a absoluta falta de tempo não deixa vêr e decidir com brevidade.

O que não pode e não deve admitir-se é que um processo simplicissimo, um caso flagrantissimo do direito dum senhorio, seja arrastado por mais dum ano, com prejuizo dele e ganho injustissimo do inquilino matreiro.

Nada: institua-se um tribunal especial, que julgue rapidamente assuntos que só por escandalosos e inconfessaveis motivos, são indifinidamente adiados.

Se o legislador tentou, em rarissimas hipoteses, defender sagrados direitos dos senhorios, a morosidade extrema dos processos e seus julgamentos anula completamente aquele intuito, com ludibrio pleno da lei e do ministro, que nela tentou aplanar algumas asperezas mais crueis contra o senhorio.—Um senhorio antigo.

# Porto de Lisboa

## Os seus melhoramentos—O que urge fazer

Já ha algum tem o que se fala nos melhoramentos que vão ser introduzidos no nosso porto, taes como o prolongamento do caes até ao Poço do Bispo, reconstrução de parte da doca de Alcantara, que o ano passado se desmoronou, e colocação de nossos guindastes.

Para a construção do caes, além Caminho Ferro, segundo informações que obtivemos, as obras ainda não começaram.

A' reconstrução da muralha está-se procedendo, mas com tal morosidade que só d'aqui algum tempo essa obra se poderá concluir.

Quanto a guindastes, estivemos no caes de Alcantara, onde estão sendo sendo montados, saimos d'ali com a desagradavel impressão de que não são nada do que se esperava, nem tão pouco veem desenvolver, como era desejo dos agentes de navegação, o serviço de cargas e descargas.

A maioria d'esses guindastes são de 3.500 quilos e poucos são os de maior força.

O acaso fez-nos deparar um empregado de uma agencia de vapores, com quem tracámos impressões. Informou-nos de que boas vontades por parte da direcção do porto de Lisboa não faltam, mas pouco de positivo se vê feito, o que transtorna enormemente e dificulta os serviços.

Disse-nos ainda que muitos navios deixam de vir a Lisboa devido ás enormes dificuldades de se fazerem as cargas e descargas. Quando demoram mais dias do que aqueles que estão marcados, acarreta esse facto frequentissimo, muito maior despeza, que vai incidir sobre os preços das mercadorias.

O que é necessario, o que é urgente, é que se modernise o porto de Lisboa dotando-o não só com armazens suficientes, pois os atuaes estão completamente cheios, mas que seja adquirido material de forma a tornar o nosso porto o que ele deve ser em virtude de sua situação geografica.



# ULTIMA HORA

## Os ferro-viarios do Estado

### Uma greve geral de solidariedade?

Um jornal da manhã de hontem noticiava que o conselho confederal da C. G. T. havia reunido para apreciar a deliberação do Conselho de Ministros em que o governo para a solução do conflito ferro-viario resolveu pôr imediatamente em vigor os decretos 7015, 7016 e 7069, aos quaes *A Capital* lá a dias se referiu.

N'essa reunião chegou a aventar-se a ideia de uma greve geral de solidariedade para com os ferro-viarios, parecendo — no entanto, — segundo consta ao mesmo jornal—que a ideia foi posta de parte no intuito de não irritar mais o conflito e tornar ainda possivel por parte da C. G. T. um acordo entre grevistas e o Estado.

Ainda o nosso colega dizia que fôra resolvido promover a realisação de sessões de protesto contra a maneira como se pretende resolver o conflito, procurando-se dar a este protesto a maior latitude possivel.

Ora estas informações não condizem com as que teem sido recebidas nas estações oficiaes, porquanto o governo tem conhecimento de que se persiste na ideia de uma greve geral por solidariedade, a que, decretada por 48 horas, poderá no entanto entender-se por mais alguns dias, caso os seus dirigentes assim o pretendam. Poderá o Conselho Confederal da C. G. T. não concordar com esse movimento, mas o facto é que varias organisações operarias continuam a preparar-se para ele, tendo-se nesse sentido realisado inumeras reuniões.

Muitas subscrições foram abertas nas associações syndicalisadas, mas a verba total até hoje recebida de 11.000 escudos não chega para suprir as dificuldades dos ferro-viarios em greve e d'ahi o desanimo que se vae já notando. A's organisações operarias não convem porem que o movimento se perca, como tem sucedido ultimamente com varias greves e entre elas dos alfaiates, dos operarios da Camara Municipal e outras. A perda de um movimento como o dos ferro-viarios, após dois meses e tanto de luta, representa um enfraquecimento da classe já depauperada com o fracasso do movimento dos seus camaradas da C. P.

Entendem, portanto, as organisações operarias que se deve reagir mas com violencia, enquanto os mais calmos são de opinião contraria.

Em 23 do corrente foram afixados, em Viana do Castelo, uns manifestos em que se faziam insinuações criminosas ao governo Granjo, incitando os ferro-viarios á revolta e a não retomarem o trabalho. Um dos que maior propaganda tem feito no norte a favor dos grevistas é um antigo inspector do Minho e Douro, que foi um dos mais dedicados defensores da Traulitania em 1919 e que por tal motivo foi demitido.

Esse mesmo individuo não ha muitos dias no apeadeiro da Areosa apareceu a levantar vivas á Monarquia, pretendendo arrastar para a manifestação alguns soldados de artilharia 5, que ali se encontravam de vigilancia á linha.

Mais uma vez os inimigos da Republica pretendem entravar-lhe a marcha e para isso procuram por todas as formas arrastar as classes operarias.

O «Comité» da greve ferro-viario, apoia ainda a sua firmeza no auxilio monetario das organisações operarias sindicalisadas e no movimento de solidariedade ou seja a greve geral que se anuncia para breves dias, tendo já dado o seu apoio muitos sindicatos um dos quaes subscreveu com 200 escudos. As peças das maquinas sabotadas em Alfarelos apareceram ali escondidas numa vinha proxima da estação, sendo a descoberta devida a uma carta anonime enviada a um chefe de serviço.

## As novas propostas de finanças

O sr. ministro das Finanças conservou-se hoje todo o dia no seu gabinete trabalhando no projecto de lei tendente a substituir a contribuição predial rustica e urbana e a contribuição industrial por uma só, e tributar a riqueza mobiliaria, o que será amanhã presente ao parlamento.

O projecto, que é acompanhado de um volumoso relatorio e que tem uns 60 artigos, esteve sendo hoje passado á maquina por varias dactilografas, sendo o ministro auxiliado nos seus trabalhos por todo o pessoal do gabinete.

## Manifestos e jornais apreendidos

Foram presos varios individuos, que andavam distribuindo e afixando nas paredes manifestos em que se comemorava o aniversario de 5 de Dezembro.

A policia andou por diferentes pontos rasgando os que já estavam colados.

Foram apreendidos os jornaes «A Vanguarda», de hontem, e «A Revolução de Dezembro», saido hoje.



## Constitucionaes e integralistas

### Continuam conspirando cada um pelo seu rei — Ralham as comadres...

Tem vindo ultimamente a publico varias noticias tendentes a demonstrar que monarquicos constitucionaes e integralistas deram as mãos afim de trabalharem de comum acordo pela mesma causa.

Ora as nossas informações não condizem com o que sobre o assunto ultimamente se tem dito.

Os intigralistas não viam com bons olhos a resolução tomada pelos constitucionaes de concorrerem a futuras eleições e apoiarem a candidatura ao trono do ex-rei D. Manuel.

Os manuelistas acusam os integralistas de germonofilos e n'esse sentido conseguiram crear uma atmosfera de desconfiança em redor dos seus rivaes afirmando por ultimo, para os desorientar, que D. Manuel voltará, não n'um dia de nevoeiro, mas com o apoio dos aliados. Conseguiram os constitucionaes, por intermedio de agentes seus que teem no extrangeiro, uma campanha fortissima de descredito não só em redor dos partidarios de D. Duarte Nuno, como contra a Republica, procurando dificultar por todos os meios as nossas relações exteriores.

Ainda os Manuelistas tem tentado desacreditar-nos em Inglaterra, caluniando a nossa delegação de Abastecimentos que funciona em Londres, o mesmo tendo feito em Paris.

Por todas as formas, esses santos varões procuram demonstrar que por parte do governo portuguez, houve má fé nas requisições de fornecimentos, a preços baixos, que o governo inglez só fornecia aos aliados para fins de guerra.

Por sua vez, os integralistas desacreditam os constitucionaes acusando-os de terem procurado um rei estrangeiro para Portugal e de apoiarem as candidaturas de Antonio Hohenzollern e Renato de Bourbon Parma.

Acusam ainda Paiva Couceiro e Solari Alegre, de, em combinação com uma alta individualidade hespanhola, terem encetado negociações n'esse sentido, mezes depois da revolta do nosso paiz.

Nada ha como ralharem as comadres para se descobrirem as verdades...

## Pessoal da Imprensa Nacional

Na Associação do Pessoal da Imprensa Nacional, realisou-se uma sessão soléne presidida pelo sr. Francisco Cristo, para a inauguração da bandeira, e prestar homenagem aos falecidos socios Antonio Guerra Mendes e Carlos Chaves, tendo feito uso da palavra os srs. Fernando Chaves, Antonio Pereira, Raul Leal etc., que enalteceram as qualidades dos homenageados.

## NOTICIAS DA CAPITAL

**A serie diaria.**—Queixaram-se á policia: Paul Lafons François, hospedado no Hotel Portuense, de que lhe roubaram um sobretudo e chapeu; Anibal Barbosa, na rua Palmira, 25, A-2.º de que, num carro electrico, lhe roubaram corrente, relogio e berloque de ouro e uma bolsa de prata, tudo no valor de 300 escudos; Manuel Lacerda, na rua Aurea, 60, de que lhe roubaram no Hotel das Duas Nações, emquanto estava jantando, uma gabardine no valor de 150 escudos; José Pires Aragão, com oficina de marceneiro na rua do Livramento, 37, de que os gatunos entraram ali por meio de arrombamento.

**Prisão dum faquista.**—Foi preso Esequiel da Silva, sapateiro, morador na travessa de Santo Antonio, 1-1.º, a pedido de Alfredo Antonio Rezende, que o acusa de ter sido o autor do esfaqueamento de seu irmão João Maria da Cruz Rezende, que está em tratamento no hospital de S. José.

## Serviço telegrafico da tarde

NOVA YORK, 4.—O pianista brazileiro Alfredo Oswaldo deu um concerto no Acolian Hall, alcançando um grande exito. A sala estava cheia.

O «Times» elogia Oswaldo e declara que o pianista deve dar ouvidos á critica, que lhe é em geral favoravel, apreciando as obras de seu pae, o compositor Henrique Oswaldo.—*Americana*).

SANTOS, 4—Cotações de café: tipo 4, 9$260 reis os dez quilos; tipo 7, 8$100 reis. Vendidas, 27.000 sacas, ficando um stock de 2.574.266.—(*America*).

LONDRES, 4.—Os srs. Georges Leygues, Lloyd George e o conde Sforza, reuniram por duas vezes na sexta-feira em Downing Street, tomando a seguinte resolução no final da sessão: Antes de se tomar uma decisão definitiva a respeito das medidas a que convirá recorrer sobre o estabelecimento de uma paz duradoura no Oriente, as 3 potencias concordam em que ha motivo para conhecer as resoluções que o governo e o povo grego tomarem.—(*Havas*).

# A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3717 — 11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Segunda-feira, 6 de Dezembro de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 5 centavos

## A LUTA DOS ELEMENTOS

Num pensamento estão concordes todos os que se preocupam com a situação portugueza. Esse pensamento é o de que o segredo da salvação para a nossa nacionalidade está em procurarem o ponto de equilibrio que permita a nossa reparação economica e financeira.

Para isso cumpre, sobretudo, regularisar a balança comercial, porque a depreciação da moeda conduzindo á situação tristissima em que nos encontramos, continuará a ser um facto cujo agravamento progressivo não sofre duvidas, senão nos decidirmos a lançar mão dos recursos que as colonias e a propria metropole nos asseguram, desenvolvendo e intensificando a produção do seu solo, explorando todas as riquezas naturaes que ele possue.

O trabalho tem de ser enorme e por isso mesmo as iniciativas teem de ser grandiosas. Dessas iniciativas precisa essencialmente a nação.

Mas não existem elas? Não ha neste paiz inteligencias, energias, actividades, que sacudam esta modorra, e possam realisar aquilo que não é um milagre, porque constituirá o resultado infalivel dum grande esforço do labor humano?

Ha. Mas ha tambem os velhos costumes, a rotina, a inveja, o desejo malevolo de inutilisar toda a acção que se reconheça rival ou independente de determinados interesses financeiros.

Ninguem ignora que a nossa finança está dividida em grupos, ou antes tribus, que continuamente se hostilisam, não deixando levar nada a efeito, senão quando se chega a acordos que representam encargos, cujo peso dificilmente permite vantagens reaes para o paiz.

Se amanhã uma empreza se formar para desenvolver um ramo do comercio ou da industria, imediatamente se indagará quem está á frente dessa empreza, e se for do grupo A imediatamente o grupo B, e os outros grupos que porventura existam em condições semelhantes formados, lhe moverão uma guerra desapiedada, que não cessará emquanto se não aniquilar a iniciativa esboçada.

E' então a ocasião de apelar para a causa da patria, para os supremos interesses do paiz, quando se não trate senão da causa de varias entidades financeiras, quando se não servem senão interesses particulares, muitas vezes injustificaveis.

O que o paiz necessita, acima de tudo, é que se trabalhe, é que se aproveite tudo o que possa contribuir para a riqueza nacional, tudo o que dê garantias de que não continuaremos a ser um Estado sem credito e uma sociedade empobrecida e enervada. O que paiz necessita é que se ande para deante, e estas lutas, estas rivalidades, estes antagonismos de grupos que querem ser os unicos a explorar todos os negocios, e que acabam por não fazer nenhum, só dá em resultado não se dar um passo, embora as circunstancias cada vez imponham mais como a unica salvação o trabalho, a iniciativa, a actividade, o desenvolvimento de todos os serviços publicos e de todos os recursos nacionaes.

Não produzimos, e precisamos produzir, mas quando se trata de lançar hombros a essa verdadeira obra de ressurgimento patrio, levanta-se o côro das suspeições, desmascaram-se todas as baterias de ataque e não se faz, não se deixa fazer nada, porque ha um grupo que não está contente, porque ha uma tribu que se julga prejudicada por não ser ela que faça o que outros tencionam fazer.

Assim, não ha maneira de sahir do labirinto em que vagueamos perdidos.

## O abastecimento de trigo

Noticiam os jornaes que o sr. ministro da agricultura encontrou a fórma de obter trigo sem que o Estado tenha prejuizos e possa manter o preço actual.

E' mais um elixir a experimentar, quando teriamos assegurado o fornecimento de trigo, se o parlamento não tivesse suspendido o contrato ultimamente realisado, não se sabe bem porquê.

No nosso paiz sucede sempre assim. Não se resolvem os problemas mais instantes, porque para todos eles tem cada qual um elixir ou um interesse que não póde aparecer á luz do dia. Muitas vezes elixir e interesse resumem-se na mesma pessôa.

Pelo contrato em questão tinhamos o abastecimento de trigo assegurado com o seu pagamento feito a credito n'uma parte importante do seu preço.

O que porém importava não era resolver o problema em beneficio do publico e de acôrdo com os interesses do Estado, mas sim fazer cada qual vingar o seu elixir e muitos outros o seu interesse. D'ahi o maldito sestro de tudo se empatar e nada se resolver.

Agora aparece tambem o sr. ministro da agricultura com o seu elixir e, emquanto ele se experimenta, continuará o governo a comprar os trigos que lhe aparecem no Tejo «por acaso» e consignados a outros, e por isso por preço elevadissimo.

E, a proposito, bom seria que o governo dissesse por que preço se tem pago o trigo que temos comido fornecido n'este regimen de imprevidencia e acaso por intermediarios que certamente não trabalham «pró Deo»

# DOIDOS, ELES!

## Ceu claro

Vamos á decifração do enigma.

Tinha estado em Lisboa outro grupo de jornalistas estrangeiros, cuja visita não me ocorria á memória pela circunstancia de eles não terem vindo tratar do assunto propriamente seu. Foi por ocasião da viagem de Mr. Loubet, Presidente da Republica Franceza, a Portugal.

As associações de imprensa de Lisboa acolheram festivamente esses confrades, e a Associação de Jornalistas do Porto, acompanhando-as no seu gesto, mandou-me á Capital saudar, em seu nome, os representantes da imprensa franceza. Se não fora por ocasião das outras visitas, devia ter sido naquela que se tirara a fotografia junto ao monumento de Eduardo Coelho, pai da minha constituinte.

Depois desta relembrança, o meu primeiro trabalho foi para saber ao certo a época em que Mr. Loubet estivera entre nós. Ora cá por casa, se não existem os papeis usados, trapos, chapeus velhos e calçado rôt que o sr. Cunha coleciona desveladamente religiosamente, porque podem um dia valer muito dinheiro, tambem se guardam documentos e, por isso, eu pude com facilidade saber, pelos cartões de convite que recebera para as festas em honra de Mr. Loubet, que o ilustre Presidente fora nosso hospede desde 23 a 30 de Outubro de 1905.

(Perdõe-me leitor uma interrupção. Não posso deixar de lembrar ao sr. dr. Cunha, como objecto de importancia para a sua colecção de calçado velho a que acima aludi, o par de sapatos de que sua esposa ja tem falado nas crónicas da «Capital». E' coisa de que o sr. dr. Cunha pode vir a tirar um explendido lucro!).

Puz-me a folhear, depois disso, a «Ilustração Portugueza» (1.ª série), a ver se encontrava a fotografia. Nada! Percorri em seguida a «Illustration Française». Tambem lá não estava.

Recorri então ao «Diario de Noticias» e — graças a Deus, o que é vivo aparece! — lá estava no n.º 14:342, de 3.ª feira 31 de Outubro de 1905, uma gravura com a seguinte legenda: **«Grupo de jornalistas, junto ao monumento a Eduardo Coelho, tirado antes da partida para a visita á cidade».**

Não se conhecem nessa gravura os rostos dos fotografados, por imperfeição do desenho que foi feito por decalque sobre a prova fotográfica, mas o texto que a acompanha é bem esclarecedor. Ei-lo:

**Jornalistas estrangeiros. O dia de ontem.**

A comissão da imprensa de Lisboa havia confeccionado o seu programa de recepção aos seus colegas estrangeiros por fórma que, a par do programa oficial em honra do presidente da Republica Franceza, eles pudessem ter uma festa intima e um dia em que, apreciando as belezas da nossa capital, egualmente admirassem algumas das coisas mais valiosas que Lisboa possue. Foi, pois, o dia de ontem aquele em que camaradas com camaradas puderam completar a série dos festejos.

A's 11 horas da manhã os nossos colegas estrangeiros achavam-se reunidos no Jardim de S. Pedro de Alcantara, ponto de partida para a excursão á cidade. Alguns almoçaram no «Restaurant Paris», por gentilissimo oferecimento da comissão de imprensa de Lisboa, que ali se achava representada pelos nossos colegas dr. Magalhães Lima, Consiglieri Pedroso, Jaime Vitor, Higino de Mendonça, Eduardo Coelho, Tavares de Melo, Rangel de Lima, Abel Botelho e Mendonça e Costa.

Ao meio dia reuniram-se todos em torno da esttaua de Eduardo Coelho, o saudoso fundador do «Diario de Noticias», monumento que muito apreciaram pela sua alta significação e nesse momento foi tirado o grupo fotografico que reproduzimos.

Ao meio dia e meia hora tomaram todos logar em automoveis, que a Sociedade de Automoveis gentilissimamente havia posto á disposição da comissão, solicitando dos seus proprietarios a amavel cedencia.

Nêles tomaram assento os jornalistas estrangeiros seguintes: Edmond Clarisse, do Petite République; Louis Daussat da «Petite Gironde»; Maurice Ganssorgues de «L'Information»; Louis Bosset, da «Agence Photographique; Scott, da «Illustration Française»; Bourdon, do «Figaro»; Jean Bernard e esposa, da «Presse Associée»; madame Servant, de «L'Armée Marine»; Rubens e esposa, do «Petit Bleu»; Destez, do «Gil Blas»; Flachon, da «Lanterne»; Richard, do «Petit Parisien»; e madame Delaunay, do «Evénement», acompanhados pelos nossos colegas dr. Magalhães Lima, Eduardo Coelho, Jaime Victor e dr. Bernardo Lucas. Descendo a rua do Alecrim, seguiu-se para o mosteiro dos Jeronimos, etc...

..........

Foi neste grupo fotografico de 1905 que eu entrei.

«Mas não entrou nêle a sr.ª D. Maria Adelaide», dirá o Miudinho.

—Sim, não entrou, e por isso vejo que me enganei; mas êste grupo, e as circunstancias que se relacionam com ele explicam, reunidas a uma impressão que no meu cerebro existia a proposito da inauguração do monumento a Eduardo Coelho o processo psicológico que deu em resultado confundirem-se as minhas idéas.

A fotografia tinha-se tirado, como se vê, por ocasião de festas em honra de jornalistas estrangeiros; a intervenção de Eduardo Coelho (filho do consagrado no monumento e irmão, portanto da minha constituinte) apagando-se em parte no meu espirito com o decorrer dos anos, transformara-se, por um trabalho subconsciente, na impressão vaga de ter intervindo «familia» de Eduardo Coelho (pai) na indicada fotografia; a parte que eu tomara, embora de longe, na inauguração do monumento, sentindo com sinceridade—eu que sei o que é o doloroso esfôrço de subir trabalhando — a honra concedida á memoria de Eduardo Coelho, que ascendera, árdua, mas honradamente, da pequenez do seu caixotim de tipografo a grandeza social e bem estar em que todos o conhecemos: a saudação que num telegrama caloroso enviei ao «Diario de Noticias» e que pela sua intensidade psiquica se gravou mais fundo nas minhas celulas cerebraes do que outras circunstancias que se apagaram com o tempo, entre 1905 e 1919, ou seja durante o largo espaço de 14 anos: a intervenção de jornalistas portuguezes, cujos nomes o meu espirito estava habituado a relacionar quasi unicamente com varios congressos internacionaes de imprensa, onde me tinha encontrado com êles (dr. Magalhães Lima, Consiglieri Pedroso, Jaime Victor, Tavares de Melo, Mendonça e Costa) a facilidade com que eram entre si associaveis as ideas de «familia» e «filha» de Eduardo Coelho, sobrepostas á idéa da «inauguração»: e a tambem facil associação de idéas que se estabeleceu entre a qualidade, que o sr. dr. Cunha tinha, de membro do «comité» e o comparecimento de sua esposa, como consequencia que deveria ser daquela qualidade:—tudo isto entrelaçado formou, como resultante, o equivoco de que involuntariamente fui autor e vitima.

Mas agora reparo que estou cansando o leitor. Descansemos um pouco..

**Bernardo Lucas.**

PORTUGAL E BELGICA

## O rei Alberto e o sr. Norton de Matos

### O jantar oferecido ao alto comissario de Angola e o brinde do rei belga

BRUXELAS, 5.-Durante o jantar que o rei Alberto ofereceu no dia 1 ao sr. Norton de Matos e suas esposa e filha o rei pronunciou o seguinte discurso:

«Ha muito que conheço a individualidade do general Norton como colonial e como guerreiro. Ele representa bem a alma desse povo, dos primeiros entre os primeiros na civilização mundial, como descobridores e colonisadores.

Portugal, durante um seculo, descobriu mais territorios que todas as outras nações em toda a historia.

«Foi com grande prazer que tive conhecimento de que a Republica nomeara o general Norton de Matos alto comissario em Angola.

As nossas colonias teem centenas de quilometros de fronteiras comuns, ambos teem a mesma necessidade de aumentar a exportação de productos para fazer face ao «deficit» da Europa, derivado da guerra, de combater doenças, de tratar das condições moraes e materiaes do indigena.

Para a realização desta obra comum muito ha-de concorrer, estou convencido, a acção do general Norton. Bebo, pois, á saude do general Norton, á de sua esposa e á de sua graciosa filha».

O sr. Norton de Matos respondeu que o brinde do rei o comovia tanto mais quanto palavras por ele proferidas se dirigiam principalmente ao seu paiz, que bem feliz se sentia em poder demonstrar a grande admiração do povo portuguez pelo rei belga.

Falou seguidamente das duas colónias, que teem os mesmos principios de administração e os mesmos fins de civilisação inspirados nos sentimentos dos dois povos e, por isso, a obra da Belgica no Congo, tanto a obra da ocupação militar, como a administrativa e a economica merecem a admiração do mundo.

Fez o elogio de Leopoldo II e de Alberto I, que tão inteligentemente tem continuado a obra de Leopoldo, e do povo belga, que tão confiantemente tem continuado a obra dos dois reis.

Terminou agradecendo ao rei e á rainha as honras dispensadas, tanto a ele como a sua mulher e a sua filha.

No dia 2, o sr. Norton de Matos visitou o Museu Colonial, dizendo ao director da «Agencia Americana» em Bruxelas que o achara perfeito e completo. Em seguida, almoçou com Jaspar, ministro dos estrangeiros. No dia 3 foi convidado, com sua esposa e sua filha, a um almoço intimo com a familia real no palacio de Laeken.

A' tarde recebeu no Palaco Hotel varias personalidades belgas, com quem tratou dos interesses de Angola.

Ontem almoçou no ministerio das colonias, a convite do respectivo ministro, Frank.

Hoje, o sr. Norton de Matos partirá para Genebra, onde vae conferenciar com o sr. dr. Afonso Costa.—(*Americana*).

## Manipuladores de tabaco

A comissão de melhoramentos dos manipuladores de tabaco, acompanhada do deputado sr. Antonio Francisco Pereira, procurou o sr. ministro das finanças para tratar das suas velhas reclamações. Foi atendida pelo sr. Virgilio Costa, secretario do sr. Cunha Leal.

CANTORAS PORTUGUESAS

## O triunfo de Tagide Tavares na "Walkiria", em Veneza

Os nossos leitores certamente, estão informados do enorme exito alcançado pela nossa compatriota no importante teatro «La Fenice» de Veneza.

O que porém desconhecem são os interessantes pormenores d'este auspicioso debute.

Conseguir debutar sob a regencia d'um maestro exigente como Antonio Guarniéri, não é coisa facil; obter, como debutante, um exito completo ainda o é menos.

Tagide perseverando no estudo, ocupando-se dos mais pequeninos detalhes, viveu escrupulosamente a sua não facil parte de Siglinda, conseguindo, apezar de debutante, colocar-se em primeira linha ao lado de companheiros distintos, quaes são Matini Pierali, baixo que conta, em Lisboa, muitos admiradores e o tenor Caleja que atualmente se dedica unicamente ao genero Wagneriano e que é um elemento de reconhecido valor.

A sua figura de matrona romana, adapta-se maravilhosamente a encarnar o tipo que Wotan idealisou para aperfeiçoar e engrandecer uma raça de heroes; a procreadora que devia gerar Sigfrid encontrou, na nossa Tagide, o fisico preponderante e robusto desejado.

Vestiu a rigor de estilo e não como em geral vestem em Italia tal personagem, pois conseguimos encontrar quadros autenticos alemães que nos serviram de modelo; a sua entrada em scena causou sensação, a cabeleira loira, levemente ondeada, longa e farta, dava-lhe um aspeto de «Madonna» encantador!

Gesto largo, linhas sobrias, caminhar cadenciado, olhar vago, expressão doce na fisionomia sonhadora e mistica, eis o conjunto harmonico que contemplamos na primeira e segunda da Walkiria com que abriu o Theatro Fenice, de Veneza, á qual assistimos com o coração duplamente palpitante, como portugueza e protetora da nossa compatriota.

A sua maravilhosa voz refulgia, dominando a soberba orquestra e vibrante resoava pela linda sala do Fenice, de Veneza.

Para difini-la repetiremos as palavras do maestro Guarniere «é uma soberba voz á «antiga»; esta palavra concentra, em si, um mundo de elogios. Hoje, infelizmente, para todos, a arte descae. Não se canta, grita-se!

A confirmar a opinião do grande maestro tem a critica emanime em tecer-lhe elogios, das quaes destacaremos a do mais importante jornal, não só de Veneza, mas de todo o Veneto.

A «Gazzetta de Venezia diz».

«Sul palco scenico se é una scolta di Artisti valentissimi dei quali riescirebbe, difficile farne graduatorie.

Per cavalleria cominceremo dall'elemento feminile.

La Signorina Tagide Tavares, una portoguese, afrontava iersera per la prima volta il fuoco della ribalta, eppure fu una Siglinda imparegiabile per purezza di stile, profonda comprensione é realizzazione del personaggio, sicurezza di canto é di fraseggio Merito precipuo di Antonio Guarnieri ché innamorato della voce magnifica che essa possiede, ampia, calda, bem timbrata, nei bassi, robusta e squilante negli acuti, con cura amorosa seppe infonderle tutte quele qualitá artistiche é sceniche che il personaggio richiede.

Eis a tradução para os poucos que não conhecem italiano.

No palco havia um nucleo de artistas valorisissimos que dificilmente poderemos graduar.

Por galanteria começaremos pelo elemento feminino.

A senhora Tagide Tavares, portugueza, que hontem pela primeira vez afrontava o fogo da ribalta deu-nos uma Siglinda incomparavel pela pureza do estilo, profunda compreensão e realização da personagem, cantando e frasejando com firmeza, merito principal de Antonio Guarnieri que apaixonado pela magnifica voz que ela possue, ampla, quente, bem timbrada nas notas graves, robusta e vibrante nos agudos, soube infundir-lhe todas as qualidades artisticas e scenicas que a personagem requer.

E' com verdadeira satisfação e orgulho que transcrevemos estas linhas, por ver o nosso trabalho e enormes sacrificios de ordem moral e material, coroados de tão grande exito.

Com ardor desejamos que entre nós se desenvolva e cultive a arte lirica, para que possamos, como a vizinha Hespanha, dar á arte canora um bom contingente.

**Maria Judice**

## Conselho de ministros

O conselho de ministros reune-se esta noite na secretaria do interior.

## Cumprimentos ao chefe do governo

O corpo docente da escola industrial Marquez de Pombal cumprimentou hoje o chefe do governo, em consequencia do sr. Liberato Pinto ser professor dequele estabelecimento de ensino.



CROQUIS DE VIAGEM

# NA BOA PAZ

### XXVI — *Genève-Montreux*

Ao domingo ha vapor até Villeneuve, o que me faz aproveitar para, aliando o util ao agradavel, fazer a excursão sem volta, até Montreux. Vapor conhecido de todas as oleografias. Preço em 1.ª classe, 10 francos. Fornecimento de indicações, explicações, detalhes, horarios, tudo, com boa vontade e bons sorrisos: é a recomendação especial do patrão, o Estado. Como o vapor leva pouca gente, um casal inglez, e meia duzia de pessoas do paiz, acomodo a bagagem num logar do tombadilho, junto a estes bancos pintados a ripolin branco em frente a mezinhas de egual côr, e, desfruto o panoroma. O barco desamarrou á hora, atravessou a «rade», e vim para proximo da margem suissa do lago, a que fica fronteira ao Monte Branco.

Agora sim; estamos vendo a Suissa, a encantadora, que é feita duma surpreendente colecção de bilhetes postaes ilustrados por Deus, criador, e senhor da mais bela paleta de todos os tempos. Um fundo recortado de montes, tantos, tantos, que desta arrecadação por grosso e miudo podiam sair para todos os paizes algumas duzias de cordilheiras e ainda ficavam nos alpes muitas carcóvas gigantescas para uso dos touristas e dos tisicos. A'quem dos montes vegetação, até ao lago, e entre a verdura, chalets de madeira, vilas modernas vendo dançar na agua a seu reflexo iluminado por um sol acariciador. Uma linha de comboio a meia encosta agora, logo descendo até ao nivel d'agua, galgando vales que vem do norte a jorrar torrentes, acompanha a margem do rio. Aldeias, apinhoadas de casas, tipicas nos seus telhados campanudos, torreões fusiformes, esquinadas construções que a ferrugem verde das trepadeiras, faz desaparecer aos pedaços confundindo-as com os fundos de nogueiras, castanheiros, arvores frondosas; fumos cinzentos de chaminés escondidas, empoando os macissos de verdura; depois a sobreposição dos fundos que termina sempre por uma montanha encarquilhada e cheia de cãs a que o dedo dum guia ou o nosso instinto põe um nome conhecido.

O vaporsinho vae tocando em povoações que nunca ouvi designar: Versoy, Coppet, Celigny, uma bela vila sobre o lago, Nyon, mostrando da margem um velho castelo ao tourista, depois... depois o almoço, a bordo, numa simpatica sala de jantar, donde se vê todo o exterior pelas largas vidraças; a vista para a comida tambem não é má merecendo os 7 francos e meio que me custa.

Em todos estes pequenos portos de desembarque ha, ordenadamente, gente que sae e gente que entra. O barco encosta a pontes de embarque, com uma marquize envidraçada, adornado sempre com os seus canteiros e as suas flores rosadas, especie de sardinheiras, o que dá um conjunto simpatico, embora de cromo barato, e agradavel ao viajante. Do outro lado é a margem franceza, mas nem se vê a parte plana do litoral, só se alvejando o enrugado das montanhas da «Savoia», o Monte branco já para traz. Morges, um outro castelo velho que ainda dá sinais de vida com o enxerto dum arsenal que lá se instala, e «Ouchy», uma pitoresca ponta verdejante estendida no azul vivo da agua. E' o porto de desembarque para Lausanne, que, só se descobre do outro lado do cabo, grande cidade, a dormir em declive aos pés duma catedral.

Dois petizes que tem vindo ha uma hora, a dar pontapés nos meus ouvidos com a sua tagarelice em alemão, mas que pelo tipo não antipatico dos paes gordos, tenho a certeza são suissos, entretem-se a deitar bocados de pão para as gaivotas que aos bandos veem a acompanhar o vapor; o espectaculo, o bater das azas, a descida dos pequenos aeroplanos vivos a apanhar á tona da agua as migalhas, a grasnada da assembléa, a fuga á voz de um qualquer comando ignorado por mim da passarada, é interessante, e assim passo as terras em y, Putry, Lutry, Cully, sem que me canse o panorama sempre diverso de montanhas, e de casas pitorescas.

A outra margem caminha para nós (sente-se já que estamos a aproximarnos do extremo do lago) trazendo consigo uma colecção de respeitaveis montanhas onde se tocaria com apreensão e propriedade Wagner; travamos relações com um queixal voltado para o ceu e que se chama o «Dent du Midi». Parece que está ali, a duzentos metros e fica a um par de quilometros. Verey—optima cidadesinha para as creanças—pois é a patria da farinha Nestlé, tem pretensões com os seus jardins, a sua esquadra de «catraios», fundeada num porto minusculo. Depois, uma curva mais, pois a costa é toda galantemente dentada e desfruta-se ao fundo, na magnificencia dos seus hoteis em pedra branca, Montreaux, a Nice, a Biarritz, a Ostende cá do paiz, praia sem ter mar mas onde se nada... em dinheiro.

Um pouco antes, sem grande solução de continuidade, Clarens. No meio do lago la «Roche des Mouettes», ilha artificial—na Suissa a decoração é tal que não se sabe ao certo o que é natural ou artificial—que uma vila em estilo branco, talvez como a alma dum romano, entre seis arvores verde-negras, vem lembrar edilios, e susurrar... pouca vergonha. E quem sabe? Tambem nestas montanhas altas, nestes pincaros onde muitos veem passar a lua de mel, sorver qualquer coisa de edenico, os escarros de sangue lá por cima são tantos que é precisa toda esta neve para os cumes dos montes não serem raiados de vermelho...

Brr!

Montreux; apeio-me; o «Lausanne» segue para o fundo do lago, no sentido figurado de fundo.

São 6 e meia. Os cumes brancos são rosados, chispam fogo numa apoteose de revista ferica; e se ha 3 horas já que estou em Montreux, não me sinto ainda desentorpecido do encantamento que me invade. Aligei as malas no «Montreux-Palace», uma construção babilonica, um dos mais belos e maiores hoteis... do mundo, que até tem um teatro dentro de si, e um anexo mais barato, maior que qualquer hotel da nossa boa terra; e depois de escovadinho, fui ver esta montra bem conservada que é a pitoresca vila de Montreux. Que aceio, que higiene, que ar tão composto, que riquezas por essas montras, que de chocolates e gulodices, sem ninguem que as olhe e sem ninguem que as coma, o que é peor. Todas estas cidadesinhas que os montes empurram para a agua, são como a sobreposição na encosta, de ruas betuminadas, asfaltadas, bordejando as inferiores a agua muito azul e implicante do lago, as superiores, entre vinhas e arvoredos desenrolando o panorama belo do lago, tendo quasi por baixo as construções feitas para o luxo e para o prazer, hoteis, hoteis, hoteis, casinos e restaurants. Tudo isto muito limpo, muito passado a ferro, os trens, equipagens elegantes matracando no chão, tac-tac, os funiculares grimpando pela vertente até aos pincaros, os comboiosinhos circulando com assiduidade, os tremvias electricos levando sonambulas creaturas—talvez doentes—até aos pontos altos les Rochers de Naye, uns engelhados e leitosos picos que servem de pano de fundo a este scenario.

Depois de passear entrei então no salão de chá de «Montreux-Palace» e afligi-me ao ver tanta gente, a maior quantidade de pessoas que estes ultimos dias tenho visto juntas, sentadas a mastigar como em qualquer outra parte do mundo «cakes», «gateaux» ou bolos, e sorver chá. Eram sem grande exagero perto de cincoenta pessoas.

O hotel... tem mais de 1 milhar de quartos!

**Armando Ferreira.**

## PELO TELEGRAFO

### Os que morrem

RIO DE JANEIRO, 5.—Morreram o coronel João Calmon de Pinho Almeida e o dr. Emilio Guerreiro, ministro da Venezuela no Brazil.—(*Americana*).

### Consules brazileiros

RIO DE JANEIRO, 5.—O consul Jaime do Nascimento Brito foi nomeado adido ao consulado do Brazil no Havre.—(*Americana*).

### Os aviadores italianos no Equador

QUITO, 5.—O aviador italiano Elias Liut efectuou um segundo «raid» de Riobamba a esta capital. Apezar do mau tempo, da chuva e do vento a tentativa foi coroado de brilhante exito.

A' noite o consul de Italia ofereceu um jantar em sua honra, a que assistiram personalidades sportivas.—(*Americana*).

### A reorganisação do Lloyd Brazileiro

RIO DE JANEIRO, 5.—Para reorganisar o Lloyd Brazileiro, a direcção propoz que se constitua em sociedade anonima com o capital de 30.000 contos em acções e um emprestimo de 30.000 contos em obrigações a juro de quatro e meio por cento. O Lloyd toma as medidas necessarias para satisfazer a reclamação franceza sobre a transgressão da convenção internacional radio-telegrafica.—(*Americana*).

A «Agencia Americana» pede-nos a publicação do seguinte comunicado:

«O pessimo serviço dos correios e telegrafos estão causando atrasos e transtornos á «Agencia Americana» em que os nossos presados assinantes teem feito decerto justo reparo e de que, embora não sejamos culpados, pedimos desculpa. Assim, por exemplo telegramas expedidos no mesmo dia e na mesma hora das nossas sucursaes de Paris e de Bruxelas para Portugal e Espanha chegam por vezes com um grande avanço a Madrid, o que motiva consequentemente só tarde os podermos fornecer aos jornaes portuguezes. O facto da transmissão telegrafica das nossas noticias ser feita simultaneamente das referidas sucursaes para Portugal e Espanha pode verificar-se pelas provas que estão patentes a todos os nossos assinantes, na séde em Lisboa da «Agencia Americana».

## SEGREDO A TODA A GENTE

### O casamento

*O casamento é ou não é uma tolice? — perguntava-me hontem, uma rapariga nova com o mais indiscreto dos sorrisos. Não sei. Sei apenas que, como dizia Garrutti, é mais facil conhecer uma mulher pelas suas perguntas do que pelas suas respostas. Mas, deixe-me dizer-lhe, minha boa amiga, que o seu sorriso respondeu encantadoramente á sua pergunta. Para si e para todas as raparigas solteiras, o casamento é como o pó de arroz nas mulheres pretenciosas: tem de se usar. Para mim e para todos os homens, o casamento — tanta vez o repetiu Balzac — é apenas uma armadilha que a natureza prepara aos incautos. E quando se trata de mulheres, de mulheres bonitas como você, os homens teem sempre o maior prazer em ser — incautos. Pois não é assim, minha senhora pretenciosa?*

### A gravata

*A gravata é hoje indispensavel na vida do homem. Define-o. Revela a sua elegancia — e a sua convicção. Quem não usa gravata, quem não ata ao pescoço esses sessenta centimetros de seda — não tem personalidade. Não cabe no Codigo Civil. A gravata é hoje um preconceito indispensavel. Temos de a usar. E' fatal. E, afinal nas relações sociaes, quantos pescoços não tem enforcado esse simples farrapo que toda a gente usa e que constitue hoje, mais do que nenhum outro, o ponto de egualdade entre todas as classes...*

### Bernstein

*Deve amanhã subir á scena no Ginasio, A Garra. O teatro de Bernstein merece a nossa atenção. Caracterisa-o a violencia, a rajada, o frisson. E' o triunfo da acção. E' acima de tudo o triunfo da carpintaria. Bernstein dá-nos a impressão — já o notara Sousa Pinto — de despir o casaco, de arregaçar as mangas e de sentar-se á mesa para escrever... Mas nem por isso e decerto por isso mesmo o seu teatro deixa de ser duma flagrante actualidade. E' seculo XX. E' hoje. Perdão: é só amanhã.*

**Luis d'Oliveira Guimarães.**

## As concessões a companhias coloniaes

Discute-se agora a renovação da concessão feita á Companhia do Niassa. Esta companhia é uma das que lograram obter do Estado direitos de soberania nos territorios da concessão.

Já aqui por vezes temos afirmado que só em cerebros portuguezes poderia ter germinado a idea de conceder direitos *soberanos* a companhias organisadas com capitaes estrangeiros e até com *comités* directivos com sêde em cidades estrangeiras. E isto n'uma provincia que é objecto de cobiças irreprimiveis de visinhos sempre mal humorados.

Por isso, ainda que a Companhia do Niassa tivesse cumprido fielmente o seu contrato, nós manifestar-nos-iamos absolutamente contrarios á renovação da concessão feita nos mesmos termos da anterior. A verdade, porém, é que a Companhia do Niassa é de todas as companhias coloniaes uma das que tem dado peor conta de si. Nada tem feito que digno seja de registo. Aquela enorme e feracissima região que n'outros tempos constituiu o distrito de Cabo Delgado está hoje no mesmo estado de atrazo em que a Companhia a encontrou.

Porque se lhe hade, pois, renovar a concessão?

Para impedir o progresso agricola de tão vasto territorio? Só se for para isso.

Mas o estado é ainda prejudicado nas suas receitas alfandegarias com a existencia da tal companhia, pois tendo ela liberdade de estabelecer pautas alfandegarias nos seus territorios, estas foram organisadas de tal modo que fomentam um intensivo contrabando no distrito de Moçambique.

O regimen pautal da provincia de Moçambique e excessivamente curioso e complexo devido ás companhias soberanas.

Vigoram ali pautas diversas o que prejudica imenso o comercio nos territorios do Estado. E' um dos mais importantes problemas da administração da provincia, digno da atenção do alto comissario, sr. dr. Brito Camacho.

Mas nós nada temos que ver com esta ou aquela companhia. A nós só nos move o interesse do Estado e este manda que se não renove concessão alguma ás companhias existentes sem prévio exame do modo como cumpriram os compromissos a que se obrigaram.

A'quelas que apresentarem razões amplamente justificativas da falta de cumprimento das clausulas expressas nos seus estatutos, deve o Estado conceder facilidade e facultar-lhes até auxilios para se colocarem em situação de legalidade, mas áquelas que nada tiverem feito por falta de capacidade administrativa negligencia ou qualquer outro motivo não justificado perante a razão e o bom senso, deverá ser retirada a concessão.

Em qualquer caso cumpre ao Estado não reincidir no erro da concessão de direitos soberanos.

# Theatros e Cinemas

## Noticiario

**Entre nós**

Cumprimentou-nos o escritor e poeta sr. Avelino de Souza, que foi ao Brazil, secretariar a companhia Carlos Leal, e se encontra já de regresso.

—Deve ainda esta epoca estrear-se num dos nossos teatros de declamação um oficial do exercito, de nome conhecido, o que vae trocar a carreira das armas pela do palco. Em virtude dos optimas referencias que dele temos de gente do teatro, e do seu grande amor á arte scenica, é de esperar uma nova revelação e um excelente elemento para o nosso novo teatro.

—A companhia de Palmira Bastos e Rafael Marques, que vae trabalhar no Sá da Bandeira, estrear-se-ha no dia 1 de janeiro com «Marionettes», fundindo em si os elementos que ali estão trabalhando.

## Reclames

Ha o maior interesse em assistir á sensacional creação de Aura Abranches, na «Migalha», a peça que no Politeama vae proceder a sensacional «premiére» do «Coração cego», de Martinez Sierro, já em ensaios de apuro.

E' deslumbrante a montagem scenica do «Coração cego», que foi um dos maiores exitos de Madrid, na epoca finda.

Hoje repete-se a «Alegria de viver», cujo desempenho é soberbo.

## Agenda da Semana

3.ª FEIRA, 7.—**Teatro do Ginasio:** 1.ª representação de *A. Garra*, de H. Bernstein.

4.ª FEIRA, 8.—**Teatro Nacional:** 1.ª representação de *A pecadôra*, de Guimerá (adiavel).

6.ª FEIRA, 10.—**Teatro Apolo:** 1.ª representação de *O Burro em Pé*, (adiavel... com certeza).

# Vida Sportiva

## Comité Olympico Portuguez

Segundo informou um jornal da manhã, o Comité Olympico Portuguez vae em breve apresentar o relatorio dos seus trabalhos sobre a representação dos portuguezes na VII Olympiada, relatorio cuja publicação pelo jornal «Os Sports» vem sendo pedida, afim de se constituir definitivamente o nosso Comité Olympico assim como para se reorganisar a Federação Portugueza de Sports.

O mesmo jornal da manhã acrescenta que o C. O. P. vae conferir uma medalha ao nosso camarada A. de Campos Junior, pelos serviços que prestou ao C. O. P. e á representação nacional em Anvers.

## Automovel Club de Portugal

Continua a atacar-se o Automovel Club de Portugal que tanto interesse e dedicação demonstrou a quando da realisação das provas automobilistas que «Os Sports» ultimamente levou a efeito.

Não sabemos os intuitos que o redactor sportivo, autor da campanha, tem em mira atacando essa prestimosa agremiação, cuja acção, pelos motivos que já apresentamos, não pode, como seria seu desejo, intensificar-se no desenvolvimento do automobilismo. Sabemos que um grupo de automobilistas e a direcção do Automovel Club de Portugal estão no proposito de fazer um protesto, afim de terminar a campanha que se está fazendo sem razão alguma.



## AUTENTICAS

### V. Ex.ª partiu o boneco

Tive de ir hontem de repente ao Campo Grande, tomei um automovel na Avenida, ali ao pé da rua das Pretas, e mandei que fôsse depressa. Como um dos vidros da frente estava descido e, por ali, entrava aragem cortante, corri a cortina.

Neste momento senti cair qualquer coisa muito leve um som quasi imperceptivel, como de botão que se tivesse soltado do casaco.

Todo entregue aos motivos daquela correria, tal impressão passou sem eu quasi dar por ela.

Eu não ia só. Uma senhora ainda minha parente, co-interessada na transação dos terrenos que iamos ver, entrára comigo no carro.

Devo acrescentar que ao lado da sua formosura e elegancia, do chic das suas joias, sua linha fria e aristocratica, não é de molde a levantar suspeitas.

E' o que se chama uma grande dama, apezar de bem nova ainda.

Ao chegarmos ao nosso destino, saltamos e eu perguntei quanto era.

—São 14 escudos,—disse o «chauffeur».

Abri a carteira, ele recebeu o dinheiro e depois de o contar:

«Está muito bem; muito obrigado; mas falta o boneco».

—Qual boneco?

—E' que v. ex.ª têm de pagar o boneco.

Comecei a agastar-me:

—Qual boneco?... Deixemo-nos de graças!

—«Não é graça; é que v. ex.ª partiu o boneco.

Um acesso de colera relampejou em todo o meu ser. O quê?... aquele miseravel permitia-se fazer uma suposição torpe sobre uma verdadeira senhora, ali na presença dela? A gaiatice, acostumada a aventuras em autos, levava a sua audacia a vir em termos de giria desacatar uma pessoa digna do maior respeito. Exacerbeime e meti a mão na algibeira, disposto a tudo.

Mas a minha companheira coitada, que não podia perceber o motivo da minha furia, interveiu em auxilio da minha irritabilidade.

—Mas nós não partimos nenhum boneco—disse a adoravel creatura, num frio tom de sinceridade, mas tambem com a autoridade propria de pessoa da sua raça.

A isto acrescentei que era de mau gosto e insolente vir com «sous-entendus» para extorquir dinheiro a qualquer freguez.

O homem, então, domado pela austera e insinuante figura da minha companheira gentil, deu-me a optativa:

—Isso é com v. ex.ª e com a sua consciencia; se quizer não pague, mas... e então já receoso de reproduzir a frase, — tem a bondade vem ver o boneco.

Fui; e ao chegar ao carro, de que nos haviamos afastado por causa da lama, verifiquei que um infeliz «amuleto», um cabeçudo «porte bonheur» se achava suspenso, no logar onde é costume pôrem jarras com flores, mas ái dele! parecia um mutilado da guerra. Os seus braços delicados jaziam em baixo no tapete, feito em estilhaços.

—Eu não dizia a v. ex.ª?

Tinha razão; ao puxar a cortina eu havia com efeito quebrado o boneco, e talvez destruido a esperança, pelo menos, da boa fortuna que tal feitiço inspirava ao seu dono.

Perguntei, discretamente, como corrido, quanto era.

—Oito escudos.

Paguei e pedi-lhe desculpa, duas desculpas: pela minha insensata alteração de nervos e por lhe ter quebrado o «porte bonheur».

Quanta maroteira vira eu, ali, repentinamente, como alusão garota, no que afinal não era mais do que uma reclamação inocente!

Jurei entretanto a todos os bonecos que advogam as minhas coisas da vida, nunca mais entrar em carro que teve boneco, sem fazer tudo o que s. ex.ª

**D. Thomaz de Noronha.**



## Comissario dos Abastecimentos

No edificio do antigo ministerio dos abastecimentos, no largo Trindade Coelho, tomou hoje, ás 14,30, posse do logar de comissario dos abastecimentos, o capitão de fragata sr. Francisco Trancoso.

A posse foi-lhe dada pelo sr. Ministro da Agricultura, que elogiou o nomeado de quem, diz, tudo ha a esperar para bom exito do cargo que ia exercer.

O sr. Trancoso agradeceu e prometeu esforçar-se para que correspondam os seus desejos aos desejos do paiz.

Ao acto assistiram o comissario demissionario, sr. José Joaquim de Azevedo, os sr. Lima Basto, Cristovam Moniz, D. Luiz Mesquitela, Serafim Cardoso, etc.



# ULTIMA HORA

## POLITICA

### As propostas de fazenda—O sr. Cunha Leal faz declarações sensacionaes sobre a nossa situação financeira—O imposto de rendimento

A sessão de hoje na Camara dos Deputados ficou assinalada pelo discurso que o sr. ministro das finanças proferiu antes do ter enviado para a mesa as suas primeiras anunciadas propostas a que já por varias vezes nos temos referido e a que os jornaes da manhã de hoje tambem fazem referencia.

O sr. Cunha Leal foi escutado no meio do maior silencio e constantemente apoiado por todos os lados da Camara, inclusivamente d'aqueles que ainda não ha muitos dias não viram com bons olhos a entrada do actual ministro para a pasta das finanças.

O sr. Cunha Leal foi claro e positivo ao expor rapidamente a situação precaria do tesouro publico e mostrou a necessidade—ao que todos concordaram—de obrigar a pagar aqueles que estão em melhores condições de o fazer pelas grandes fortunas que desfrutam.

Decididamente o sr. Cunha Leal ganhou hoje alguma coisa na sua situação ministerial, muito embora haja ainda quem afirme que a Camara está dividida sobre o apoio a dar ao governo.

Apontam-se, por exemplo, os democraticos em desacordo com o seu directorio por motivo da eterna questão da escolha das autoridades administrativas, mas alguns marechaes do P. R. P. com quem hoje nos avistámos desmentem em absoluto esses boatos afirmando que se trata de uma intriga, sendo prematuro tudo quanto se diz, pois que, nem o directorio, nem o grupo parlamentar do referido partido ainda trocaram impressões sobre o assunto.

Mas, em redor do logar de governador civil de Lisboa, ao qual se habilitam muitos pretendentes, alguma coisa ha de parecido com o que acima fica dito.

O sr. ministro do interior, que ainda se não manifestou, aguarda oportunidade para proceder, parecendo que hoje á noite se trocarão impressões sobre o assumpto na reunião do conselho de ministros, tanto mais que varias colectividades, taes como os grupos federados da Defesa da Republica, Associação do Registo Civil e do Livre Pensamento, vão reunir para pedir ao governo a nomeação de um novo chefe do districto, no que concordam alguns agrupamentos que apoiam o ministerio. N'este ponto os democraticos, segundo se diz, deixarão o caso entregue ao governo, dando-lhe livre acção para proceder como melhor achar conveniente.

### Os dissidentes democraticos socialistas?

Um boato que parece ter certo fundamento corre, hoje no parlamento: Os democraticos dissidentes iam ingressar no partido socialista como intervencionistas. já se entabolaram negociações—diz-se—entre o sr. dr. Domingos Pereira e o «leader» dos socialistas, deputado sr. José de Almeida, e dr. Ramada Curto, presidente do Conselho Central do referido partido. Que não se chegou ainda a um acordo definitivo diz-se tambem, mas tudo parece indicar que algo ha, não tendo passado despercebido aos que se ocupam de politica o brinde que o «leader» socialista, no almoço de ha dias oferecido pelos jornalistas parlamentares aos presidentes das duas Camaras, dedicou ao sr. dr. Domingos Pereira...

Poder-se-hão ou não fazer quaes quer acordos entre dissidentes e socialistas mas o que se verificou ante-hontem mais uma vez, é que acordos entre dominguistas e democraticos é que não se farão tão cedo. Entre uns e outros existe um grande abismo e prova-o ainda um caso que também se passou no almoço a que acima nos referimos.

Entre os retardatarios a esse almoço figuravam os srs. ministro dos estrangeiros e o sr. dr. João Camoesas. Este chegou apoz o primeiro e como existisse vaga uma cadeira junto do sr. dr. Domingos Pereira tomou n'ela logar. Reparando, porém, quem era o seu companheiro do lado, imediatamente o dr. João Camoesas se levantou, indo procurar outro logar...

### Scenas parlamentares

Como acima deixamos dito o sr. ministro das finanças apresentou as suas propostas que a camara ouviu em silencio e por vezes apoiou.

Mas logo correu que se procurava fazer obstrucionismo e como tal foi apontado o procedimento do sr. Mariano Martins pedindo a palavra sobre a forma de votar.

O sr. Mariano Martins exaltando-se com um aparte do sr. Paes Rovisco, replicou asperamente, o que deu em resultado dar-se um serio conflicto entre aqueles dois deputados.

Houve troca de murros, obrigando o presidente a suspender a sessão e a mandar evacuar as galerias para se evitar um espectaculo improprio do parlamento portuguez.

### Agressão de que resulta a morte

Joaquim Luiz do Carmo, morador na travessa da Mão d'Agua, 23, envolveu-se esta manhã em desordem com varios civis e o soldado n.º 51 do 1.º batalhão da guarda republicana, no largo 28 de Janeiro, sendo agredido á facada.

Conduzido ao hospital de S. José, recebeu ali curativo no banco e apesar dos medicos o aconselharem a ficar hospitalisado, recusou-se a isso, recolhendo a sua casa, onde pouco depois faleceu.



## PARLAMENTO

### Na Camara dos Deputados

**Uma scena de pugilato—A sessão interrompida**

A' chamada, feita ás 14,45, responderam 15 deputados.

Na presidencia, o sr. Abilio Marçal. Galerias, pouco concorridas.

Visto não estar ninguem inscrito para antes da ordem do dia, espera-se.

Em certa altura, porem, o sr. Eduardo de Sousa envia para a mesa o seguinte requerimento:

«Requeiro que, para se dar cumprimento á deliberação tomada pela Camara, seja eleita quanto antes a comissão encarregada de dar parecer acêrca dos contractos para aquisição de trigo e carvão elaborados no ministerio presidido pelo sr. dr. Antonio Granjo».

Volta a esperar-se até ás 15,55.

O sr. ministro das finanças, declarando que vai desobrigar-se duma promessa por ele feita no Parlamento, anuncia as suas primeiras propostas financeiras, com a consciencia perfeitamente serena, acrescentando não estar arrependido de todas as afirmações feitas como deputado. Honrando essas suas afirmações e mantendo-as sem lhes alterar uma unica virgula, iniciará nesto momento as suas diligencias como ministro para que a nossa administração publica se modifique no sentido de robustecer o credito do Estado. Nunca depois os motivos que o levaram a propor o aumento da circulação fiduciaria, descrevendo tambem as razões porque não se fez o emprestimo interno. Preconisando a necessidade de se encetar vida nova e de regeneração nacional, verbera a pouca atenção que as comissões parlamentares dão aos assuntos de capital importancia para o Paiz. A hora dos subterfugios acabou. Agora temos de olhar para a realidade.

O nosso deficit anda á volta de 300 mil contos, com tendencia para agravamento, é isto, que oferece perigo grave, deve ser ponderado. Ha dias—conta—tendo falado com uma alta figura representativa das classes superiores, apelou para o seu patriotismo. Disse-lhe ser preciso que essas classes vissem bem que tem de pagar, que chegou para elas o momento de pagar, por termos chegado á altura de se encarar de face a nossa situação.

O mesmo dirá no Parlamento, fazendo-lhe sentir que urge mudar de processos administrativos, ordenando as receitas em relação com as despezas e estas com aquelas.

Diz depois que os serviços de contabilidade publica estão num cáos, importando reformal-os, e, passando a produzir outras considerações de natureza economico-financeira, defende em seguida, mandando-as para a mesa, propostas de lei estabelecendo o imposto sobre as diversas categorias de rendimento, actualisando e modificando a contribuição de registo, e criando cedulas A. B. C. D. E. e F., respeitantes aos rendimentos que proveem da posse, do usufructo ou ocupação por arrendamento da propriedade mistica.

O sr. Cunha Leal diz ainda que talvez esses documentos motivem retraimento de capitaes e que, por consequencia, convém criar atmosfera. Requer urgencia para a segunda e solicita-a em especial ás comissões para que o inimigo não tenha tempo de se organisar e fazer com que tenhamos de chorar sobre as ruinas.

Roga ainda á Camara que não demore os seus trabalhos mais de 10 dias. A sua proposta sobre registo—diz—aproveita materia contida na do ex-ministro sr. Pina Lopes, que, lamentavelmente, dorme o sono dos justos no seio amavel das comissões.

Requer que a discussão dela se faça na quarta feira.

Termina com o incitamento a todos os patriotas para que se unam num grande interesse de salvarem a Patria.

Concedida urgencia para a proposta de contribuição, sobre rendimento.

O sr. Mariano Martins declara-se contrario áquele que se refere á contribuição de registo. Em certa altura d'orador classifica de petulancia o requerimento do sr. ministro das finanças para que ela se discuta sem parecer das comissões.

O sr. Paes Rovisco crescendo para o sr. Mariano Martins: — Petulante é você. «E, dizendo isto, dá lho um soco. Estabeleceu-se a confusão.

Os contendores, divididos pela carteira do dr. Mariano Martins, esbofeteiam-se fortemente, até que são separados a custo.

O sr. presidente declara suspensos os trabalhos, pos o chapeu na cabeça e desce da tribuna, seguido dos secretarios.

As galerias são evacuadas e os adversarios, rodeados pelos seus correligionarios, verberam-se, sendo por fim dissuadidos.

O caso dá aso a varios e asperos comentarios da parte dos grupos que se formam na sala.

### Nas linhas do Sul e Sueste

O serviço na estação do Terreiro do Paço continuam decorrendo sem alteração.

Hoje apresentaram-se ao serviço 20 carregadores, motivo por que não deixaram ali de fazer serviço de carga e descarga as praças de infantaria 1 que desde o inicio da gréve ali se encontravam.

### Malas postaes

Pelo vapor «Lutetia» são amanhã expedidas malas postaes para o Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Aires, sendo ás 9 horas a ultima tiragem da caixa geral.



## O ex-kronprinz pensa em voltar á Alemanha

O enviado especial do *Matin* em Doorn envia-lhe a seguinte correspondencia:

«N'este artigo acêrca da residencia do ex-kaiser na Holanda, fala-se em numerosas idas e vindas entre Doorn e a Alemanha.

Por outro lado, na segunda camara dos Estados geraes, um deputado holandez, o sr. van Ravesteyn, acaba de pedir ao ministro do interior explicações acêrca das relações existentes entre o ex-kronprinz e os seus amigos da Alemanha, por meio d'um serviço regular de correios.

Era exacto que n'uma carta o ex-kronprinz tivesse formulado o voto de vêr rebentar imediatamente um movimento monarquico na Baviera? Não conviria, em taes condições, submeter as acções e os gestos do ex-kronprinz a uma rigorosa fiscalisação?

N'uma resposta, habilmente florescida, o ministro do interior declarou que era necessario ser muito prudente quando se tratava de desmentir factos que se tinham produzido entre outras pessoas, mas que, apezar d'isso, o governo holandez tinha todos os motivos para não dar credito ás hipoteses contidas nas preguntas do sr. van Ravesteyn, e que, por consequencia, não havia motivo para agir no sentido indicado por esse deputado.

Ora, ao que parece, é do lado alemão que ha inquietações.

A «Freiheit», orgão do partido independente alemão, declara por seu turno, no numero de 24 de novembro:

«O ministro holandez está mal informado. Não póde mesmo estar ao corrente do que se passa, porque a correspondencia de que se trata não foi enviada pelo correio neerlandez, mas sim por intermedio dos correios que o ex-kronprinz tem á sua disposição em numero ilimitado.

Mantemos a exactidão dos nossas asserções.

«N'uma das suas ultimas cartas, o ex-kronprinz exprimiu o voto de poder voltar em breve para a Alemanha. Não se diverte n'esse «öde Land mit seiner Huhem und den B wahnern mit den Hianiverfussen»—esse paiz isolado com as suas vacas e os seus habitantes cujos pés fazem um ruido de piano—naturalmente por causa dos tamancos.

«Aspira a voltar e tornar a caçar á camurça. Eis porque se sente feliz em verificar que o movimento monarquico cada vez alastra mais na Baviera. Por isso, espera que dentro em pouco seu sobrinho Rupprecht subirá ao trono...»

E' muito natural, alem disso, que os Hohenzollern contem ainda numerosos partidarios no seu paiz... Não se queima tão depressa o que se adorou.

No dia 23 de novembro os oficiaes do 11.º corpo de hussares alemães mandaram depôr em Delft uma corôa no tumulo do rei Guilherme III, que foi comandante-honorario d'esse regimento, comemorando assim o trigesimo aniversario da sua morte».

## Poeira da Arcada

**Convite não aceito**

O tenente coronel sr. Pompeu Garrido declinou o convite para chefe do gabinete do sr. ministro da guerra.

**Pessoal dos correios e telegrafos**

Uma comissão de pessoal menor dos correios e telegrafos conferenciou hoje com o sr. ministro do comercio sobre interesses da classe.

## Serviço telegrafico da tarde

**Tratado comercial entre o Mexico e os Estados Unidos**

MEXICO, 5.—Colby propoz ao governo mexicano para ser nomeada uma comissão de representantes dos dois paizes, encarregada de elaborar um tratado comercial.—(*Americana*).

**Noticias da Argentina**

BUENOS AIRES, 5.—Chegou Kuncyl, presidente da Camara do Comercio Franceza.—(*Americana*).

# A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3718 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Ter[ça-f]eira, 7 de Dezembro de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de Impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 5 centavos

## A' QUEIMA-ROUPA

Diz hoje o *Diario de Noticias* que vae iniciar um inquerito para apreciar as propostas de finanças, hontem apresentadas ao parlamento pelo sr. Cunha Leal. De tanta importancia as reputa o *Diario de Noticias*, de tal forma comprehende ser preciso que não haja ninguem em Portugal, que deles tome conhecimento, das cidades ás aldeias, dos logarejos aos casaes, das planicies ás serranias, que não hesita em afirmar solemnemente que «nesta questão todo o paiz deve votar». Justificam-se, pela magnitude do assunto, estas palavras, mas como póde o *Diario de Noticias* concilia-las com a vontade expressa do sr. ministro das finanças que hontem declarou que era necessario abrir já a discussão sobre as propostas, prescindindo do exame atento das comissões, não mostrando ter em nenhuma linha de conta quaesquer reclamações que sobre elas possam expressar classes ou individuos, de maneira a num praso de meia duzia de dias elas se tornarem lei do paiz?

Não ha duvida que numa questão desta ordem todo o paiz se deveria pronunciar. Mas se nem ao proprio parlamento é dado pronunciar-se, a não ser duma maneira superficial e rapida? Nos passamos pelo desencadeiamento da conflagração mundial, fomos envolvidos nela, declarando nos a guerra um dos maiores imperios do mundo. Pois bem! Nessas circunstancias urgentes, opressivas, criticas como outras não podem desenhar-se no horisonte de nenhum povo, o parlamento nao recebeu um *ultimatum* desta natureza. Tudo se discutiu, não se fez tabua-rasa das praxes parlamentares. Agora não. As propostas de finanças são apresentadas ao parlamento e ao paiz como quem lhes aponta uma pistola ao peito, ameaçando-os á queima-roupa.

O *Diario de Noticias* vae iniciar um inquerito as propostas de finanças! E entende que «nesta questão todo o paiz pode votar!» Pobre paiz! O que ele vê diante de si é qualquer coisa de nebuloso e vago, com algumas expressões matematicas, cujos termos não compreende, mas que se lhes afiguram ainda mais terriveis do que a famosa inscrição babilonica que o sr. Alvaro de Castro enxergou nas paredes da Camara. E que pode fazer o paiz? E que pode fazer o parlamento? E que pode fazer a imprensa? A' mais pequena observação o menos que lhe pode suceder é levar um sôco, o que é uma explicação como qualquer outra, ou ver, das galerias do parlamento, apontados para o hemiciclo onde se presume que a soberania nacional vigora, rostos apopleticos e punhos cerrados, entre um clamor de ameaças e improperios.

Fez-nos hoje sorrir, o «Diario de Noticias», empregando as suas mais vistosas parangonas para anunciar aos seus leitores um inquerito feito ao paiz no sentido de saber dele o que pensa sobre propostas que já se determinou que estejam votadas em breves dias. Isso era para os bons tempos em que de facto um regimen parlamentar vigorava na Republica, em condições de independencia e força.

Nesta questão não votará todo o paiz, porque não deixarão votar; mas o que ninguem pode impedir é que todo o paiz tome conhecimento das condições em que se legisla em Portugal

## Norton de Matos

A proposito das homenagens prestadas na Belgica ao sr. general Norton de Matos, alto comissario em Angola, murmuram por ahi algumas almas onde a inveja se instalou como em casa propria que elas não foram dirigidas á pessoa daquele ilustre republicano, mas ao paiz que dispõe das colonias. Esquecem estes «ilustres» patriotas que colonias teem o paiz ha muito tempo e que por muitas vezes teem ido ao estrangeiro governadores ultramarinos sem que tenham sido alvo de qualquer manifestação de apreço.

Ha, portanto, nas deferencias prodigalisadas ao sr. Norton de Matos alguma coisa mais que a expressão das boas relações que unem os dois paizes. Algumas dessas manifestações tiveram até um tal caracter de intimidade desusado, em geral, nesta especie de relações que marcaram bem um cunho de apreço pessoal.

O Rei, as autoridades e o povo belga festejaram no sr. Norton de Matos o antigo governador geral de Angola que soube manter relações de entendimento e amizade com o Congo belga, o antigo ministro da guerra da Republica que, vencendo com rara energia dificuldades de toda a ordem, morais e materiais, conseguiu organisar o corpo expedicionario que ao lado dos aliados se bateu com bravura pela libertação da patria belga e ainda o alto comissario que, no desempenho das suas elevadas funções, vai continuar as tradições do seu notavel governo, mantendo com os visinhos da colonia as melhores relações de simpatia e amizade.

Foi, portanto, ás qualidades pessoaes do sr. Norton de Matos que o Rei, as autoridades e o povo belgas quizeram prestar homenagem em que peze ás toupeiras que com a sua maledicencia andam a minar o solo da Patria.



# DOIDOS, ELES!

## "Sonnez la charge!"

Enganei-me. Não era, como tinha dito, «desde o Congresso Internacional da Imprensa,» que eu conhecia a sra. D. Maria Adelaide. Mas que admira o engano, sr. dr. Alfredo da Cunha?

V. Ex.a nunca se enganou?

Procure V. Ex.a recordar a epoca e local certos em que travou relações com a maior parte dos seus amigos, e eu aposto que, apezar da sua memoria de «miudinho», V. Ex.a não ha de encontrar o inicio de muitas dessas relações e que se enganará bastas vezes, ao imaginar ter rememorado o local e o momento em que pela primeira vez, viu ou falou a determinadas pessoas.

V. Ex.a não deveria, pois, ter-se aproveitado do meu engano para no livro «Infeliz» e num pasquim, me atacar, como fez.

Do outro, do seu guarda-costas, não me espanto. Esse nunca se engana; é infalivel. Cabe aos Papas a infalibilidade, e ele tambem aspirou a Papa, se não quando menino de côro, algum tempo mais tarde, quando, já seminarista, lhe abriram (ou estiveram para abrir), para usar de uma frase de Junqueiro:

> ... na cabeça, a golpes de tesoura,
> a marca industrial do fabricante,—
> um zero.

Foi isto no tempo em que ele tinha cabelo...

Mas o ter-me enganado daquela forma autorisa-o, porventura, sr. dr. Cunha, a dizer que antes de 29 de maio de 1919 eu «nunca tinha encontrado» sua esposa e que «nem sequer de vista a conhecia?

V. Ex.a não raciocina em ordem...

Eu escrevi que «desde o Congresso Internacional da Imprensa conhecia sua esposa...»; V. Ex.a podia apenas concluir que «desde então» não podia eu conhecê-la; mas afirmar que eu «nunca a vira», que eu nunca a encontrara, é um disparate.

V. Ex.a não ignora que fiz parte da Camara dos Deputados; por esse motivo frequentei Lisboa, desde o meado do ano de 1913 até fins de 1917.

Ora neste espaço de tempo, e num meio relativamente acanhado, onde, como se costuma dizer, todos nos conhecemos, acha V. Ex.a impossivel ou dificil que duas pessoas se encontrem, e até se notem, na rua, num carro electrico, á saida de um teatro, num cinema, num «magasin», numa sala de chá, em qualquer dos pontos habituaes de reunião?

Se até na sociedade de Lisboa já entrou o habito de, á hora da moda, frequentar o Chiado e a rua do Ouro, para ver ou ser visto!

Parece-lhe coisa impossivel!

Pois um dia e local certos lhe aponto eu, em que estive ao pé de sua esposa: foi no dia 3 de abril de 1916, numa das salas de entrada do paço de Belem.

A sr.ª D. Maria Adelaide era a esse tempo uma senhora em destaque na sociedade, pelas festas que se haviam dado na casa de S. Vicente, pelos dotes artisticos que os jornaes lhe atribuiam ao elogiar o seu grande talento de recitadora. O retrato dela era conhecido do publico; v. ex.ª mesmo o fez estampar no livro que publicou em 1915, com o titulo de «A influencia da mulher na poesia e nos poetas»; e, como v. ex.ª, miudinho como é, pode lembrar-se de dizer que o publico não tinha conhecimento desse livro, por ele não ter sido posto á venda, deixe-me aqui explicar-lhe que, a esse tempo, já um exemplar dessa obra me era familiar em casa do meu prezadissimo parente e amigo sr. Joaquim Pacheco, ao tempo um dos proprietarios e directores do «Primeiro de Janeiro», a quem v. ex.ª o oferecera.

Mas o retrato de sua esposa andava tambem nas «ilustrações». V. ex.ª não ignora que, quando a revista «O Teatro» inseriu o formoso artigo da sr.ª D. Branca de Gonta Colaço, ácerca da minha cliente, trouxe na capa desse numero um belo retrato da sr.ª D. Maria Adelaide.

Tambem a «Ilustração Portugueza» publicara, pouco depois das festas, na casa de S. Vicente, o retrato da sr.ª D. Maria Adelaide, ao qual até, por sinal, fazia «pendant», em flagrante contraste, a carrancuda fisionomia de v. ex.ª.

Aquele numero de «O Teatro» conhecia-o eu, desde o seu aparecimento. O retrato da «Ilustração Portugueza» indicaram-mo, no Roção, em abril de 1919, ao informarem-me que os policias que lá tinham estado, haviam trazido um retrato que fora mandado reproduzir, num «atelier» fotografico de Lamego, duma gravura que estava num dos numeros da «Ilustração Portugueza». Foi precisamente assim como lhe conto.

Os dois primeiros retratos que eu vira, a curiosidade que me levára a olhar detidamente uma senhora de quem se diziam maravilhas, a insistencia natural com que, por fim, examinei repetidas vezes o retrato da «Ilustração Portugueza», numa ocasião em que a s.ª D. Maria Adelaide, me interessava dum modo especial, porque eu fôra já convidado a defendê-la.—eis quatro razões bem justificativas de me não serem estranhos os seus traços fisionomicos.

Não tinha tido a honra de ser apresentado a esta senhora, mas quantas pessoas nos conhecem sem que nós as conheçamos!

Se, como está visto, eu já conhecia a referida senhora, quando, pela primeira vez, entrei por causa dela no manicomio do Conde de Ferreira, em 29 de Maio de 1919, a sua identidade confirmou-se ali por uma forma indiscutivel.

O sr. director do manicomio apresentou-ma como tal e bastava esta circunstancia para, depois dela, eu poder abonar, perante o notario a identidade da mesma senhora.

Mas não houve só isto.

Eu estive durante cêrca de três horas, conversando então com a mesma Senhora, que pelas referencias que me ia fazendo a factos que eu conhecia como acontecidos com ela, me demonstraram, da maneira inegavel, a sua identidade. Depois disto é que se lavrou a procuração.

Como é, pois, que V. Ex.ª se atreve, sr. dr. Cunha, a dizer que fui um abonador «infidedigno»? A que vem,—após estas coisas, umas das quaes V. Ex.ª não ignorava, ao passo que devia presumir outras,—a referencia ao engano que eu tive? Fê-lo para lançar poeira aos olhos do publico e ao mesmo tempo insultar-me.

E considera o publico tão ingenuo, que até lhe faz a lamuria de eu ter fornecido á sr.ª D. Maria Adelaide, a norma da procuração!

Dá-me licença que lhe chame pateta? Pois que advogado é ou foi V. Ex.ª que não sabe que isto se faz todos os dias, dentro dos escritorios dos nossos colegas e que é a coisa mais simples, natural e logica do mundo?

O outro, o seu guarda-costas, esse nunca deu a norma duma procuração a qualquer constituinte... As procurações aparecem-lhe por obra e graça do Divino Espirito Santo. (Ele deve ser Espirito Santo, porque decerto aspirou tambem á Divindade e tem a pureza imaculada de uma pomba!)

E por esta mesma razão as soluções que os mais advogados, sem sairem da lei, dão ás dificuldades que lhes surguem, quando alguem como ele se lembra de andar desgraçadamente, pelos cartorios dos notarios a fazer a triste figura que ele fez para obstar á passagem da procuração da minha cliente (caso que expliquei no «Felizmente oculta!») são «captações de mandato!!!»

Como se deverá classificar o que tão alta personagem fez?

Sr. dr. Cunha, V. Ex.ª fazendo correr mundo esse pasquim ignobilmente inutilado «Menos depressa se apanha um côxo...», com a agravante de o espalhar ás escondidas, foi de uma baixeza de sentimentos que o definem.

Uma pessoa enganar-se não é mentir.

Mentira, é saber que uma senhora está no goso das suas faculdades mentaes e querê-la fazer passar por louca.

Mentira foi andar espalhando, no circulo dos seus parentes e amigos, versões contrarias á verdade que V. Ex.ª conhecia dos factos.

Mentira (é para continuar a deixar na miseria sua Esposa que o fez rico), desculpar-se com o pretexto de não saber se ela é viva!

Estas e outras coisas parecidas é que são mentira.

*

Em resumo: ¿Que se conclue de tudo isto?

—Que, mais do que pateta, V. Ex.ª é tolo, e tolo mau.

**Bernardo Lucas.**

## Contra o parlamento

Com o titulo de «Republicanos!» foi hoje distribuido o seguinte manifesto:

«O parlamento pretende atraiçoar os sentimentos do povo republicano, fazendo cair o governo.

Por esse gesto, o pais fica maiz uma vez á mercê dos odios politicos e das tricas pessoaes.

Não devemos consentir semelhante afronta, sobretudo quando ela encobre vergonhosas coligações com elementos perseguidores dos soldados da Republica.

Vamos ao chefe do Estado pedir-lhe que encerre as portas daquele palco de baixa comedia.

E' a nação que o exige. São os verdadeiros republicanos e patriotas que o reclamam.

Sua ex.ª será o primeiro a reconhecer a urgencia de semelhante acto.

Por isso, a seguir á sessão de hoje, vamos a sua casa, todos, sem distinção de partidos.

E' a patria que no-lo pede de mãos postas!

Viva a republica!—Abaixo os quadrilheiros!

(Um grupo de republicanos)».

## SEGREDO A TODA A GENTE

### As arvores

*As velhas arvores do Rocio, tão velhas que ainda se lembravam, de certo, das saias de balão e dos pretos caiadores, cairam esta madrugada, sob o golpe de ferro da municipalidade. As ramadas altas, sacudidas, varejadas, desmaiaram sobre a calçada. Pobres arvores! O acto consumou-se. Mais uma vez triunfou a incompetencia. Uma vez mais ainda o respeito pela arvore foi uma coisa nula. Mas, ao menos, para que tudo se não perca aproveitemos os troncos — para crucificar M.me Vereação.*

### As voadoras

*As mulheres poderão voar? Melhor: as mulheres serão realmente excelentes voadoras? Adrienne Rolland não será apenas uma excepção? Ou de facto* notre soeur farouche *realisará, pela sua leveza, pela sua fantasia, pela sua transparencia, as condições necessarias a um bom As? Responder é sempre incomparavelmente mais dificil do que perguntar. Mas é possivel que sejam optimas aviadoras. E' até naturalmente provavel. Ha mesmo provas todas os dias — da sua capacidade aerea.*

*Como é possivel que as mulheres vôem tambem em Portugal e se lembrem de fazer o* looping-the-loop *— julgo oportuno, lembrar ao sr. governador civil, que em casos taes, não se esqueça de mandar retirar, em nome da moral publica, todos os homens que estiverem por baixo...*

### Box

*As scenas de pugilato estão hoje em moda — como a má educação. Constituem quasi um dever de cortezia. Todo o bom portuguez se constitue na obrigação de esmurrar o seu semelhante — com a mais carinhosa das amabilidades. E de facto não terá reconhecidas vantagens este* box *ameno e encantador que se cultiva á porta dos cafés e na camara dos deputados? E' forçoso, pelo menos, reconhecer-lhe duas: fortifica os musculos e dá ganho ás farmacias.*

**Luis d'Oliveira Guimarães.**

## PELO TELEGRAFO

MADRID, 6.—Os nacionalistas catalães, vasconços e irlandezes, residentes em Madrid, sufragaram a alma de lord mayor de Cork.—(*Havas*).

BRUXELAS, 6.—O marquez de Villalobar visitou os reis da Belgica, a quem entregou um convite do rei Afonso para que visitem oficialmente a Espanha.—(*Havas*).

GENEBRA, 6.—A Finlandia foi admitida na Sociedade das Nações.—Está em estudo a admissão da Livonia, da Estonia, da Lituania, da Georgia e da Armenia. Foi aprovado o orçamento de despezas da Sociedade para o ano de 1921.—(*Havas*).

SANTIAGO DO CHILE, 6. — O infante D. Fernando e a missão espanhola embarcaram com rumo a Punta Arenas, indo altamente reconhecidos pelo carinho e manifestações de simpatia de que fôram alvo.—(*Havas*).

MADRID, 6. — Espera-se que fique solucionada hoje a greve dos padeiros madrilenos. A greve que estava em projecto parece que se malogrará, pois os operarios de todos os oficios, que estão cansados de greve, protestaram ontem contra ela.—(*Havas*).

LONDRES, 6.—Na camara dos comuns o sr. Lloyd George declarou que o governo envida a todos os esforços para restabelecer a ordem na Irlanda e que examinará qualquer proposta que neste sentido lhe seja apresentada por um representante autorisado dos «sinn-feiners».—(*Havas*).

DUBLIM, 6. — O comité regional «sinn-feiner» declarou que será considerado traidor á Irlanda todo aquele que tratar do conflito irlandez com um governo estrangeiro, sem previa e expressa autorisação dos «sinn-feiners».—(*Havas*).

MADRID, 6. — Reina actualmente em Madrid socego completo. As noticias oficiaes recebidas de Valencia, Sevilha e Saragoça é que se mantem ali o «statu quo». Em Valencia estão abertos todos os estabelecimentos e os electricos circulam. Em Sevilha tambem circulavam hoje alguns electricos.—(*Havas*).

BARCELONA, 6.—Esta tarde começaram a circular alguns electricos, mas só compareceram ao trabalho os padeiros, os cortadores e os confeiteiros. O atentado de que foram victimas um oficial e alguns agentes da policia, foi devido a uma cilada, na qual cairam por causa da falsa denuncia de que havia uma reunião clandestina de sindicalistas.—(*Havas*)

ROMA, 6.—A imprensa diz que está para breve um entendimento com Gabriel d'Annunzio sobre a questão de Fiume e o reconhecimento da regencia de Quarnero.—(*Havas*).

GENEBRA, 6.—Não tendo o conselho da Sociedade das Nações adoptado o exame imediato da moção de reforma do pacto que apresentou a delegação argentica, esta deu por terminada a sua colaboração, segundo uma carta que remeteu ao presidente da assembléa. Esta resolução é muito comentada e supõe-se ser devida a um lamentavel equivoco.—(*Havas*).

BRUXELAS, 6.— Os jornaes dizem que os reis da Belgica visitarão a Espanha na segunda quinzena de Fevereiro.—(*Havas*).

## O presidente do Mexico

**Desmente-se o seu assassinio**

PARIS, 6.—A imprensa publica o comunicado da legação do Mexico desmentindo o boato do assassinio do presidente Obregon e confirmando a noticia dada pela «Agencia Americana» do atentado contra o general Pancho Villa.—(*Americana*).

AUTENTICAS

## Sombras que fogem

Ha 10 anos que elas me passam pelos cursos do 6.º e 7.º anos. Algumas são vivas, inteligentes; quasi todas estudiosas. Uma vez ou outra aparecem mesmo cerebrações previlegiadas e eu fico-me á espera de as vêr mais tarde surgir na vida triunfantes, tornando-se alguem nesta terra de valores minusculos.

Saem dos liceus e vão para as universidades; mas não sei de que massa amorfa aquilo por lá é feito, que depois de ali chegarem, é como se toda a vivacidade daqueles jovens espiritos désse de encontro a uma fossa de absorvente materialidade.

Podia citá-las ás 5, ás 10 em cada ano.

Tenho mesmo chegado a dizer-lhes nas aulas:

Acordem, meninas; sirva-lhes o cerebro para mais alguma coisa do que aprender o que os livros e os outros lhes ensinam! Juntem-se, sindiquem-se, façam conferencias, encaminhem as suas inteligencias e o seu saber para qualquer utilidade social; deem vida a esses corpos mortos das doutrinas. Escrevam; sejam a guarda avançada do que em Portugal ha a fazer...

Lembrem-se de que Dante no seu Inferno é aos que nada realisaram que distribue o mais horrivel suplicio.

Para seguirem apenas a indicação do dedo da natureza, não são precisos os altos estudos.

Elas ouvem, dão provas brilhantes nas lições, nos exames, mas mais tarde ólho para a nossa sociedade decrepita, falida e quasi acefala e não as encontro, não as encontro nunca!

Dir-se-ia que a Patria não carece de reaes valores; que os seres masculinos da nossa especie são em Portugal verdadeiras maravilhas de saber, tino e resolução.

Entretanto, as letras decairam brutalmente nestes ultimos tempos, a arte, coitada, anda pelas ruas da amargura, num constante decalque dos tipos francezes, já de si tambem bastante safados; e a politica, a eterna politica está tão manca que até chega a ser feio falar dela. Pois é em meio desta contextura deploravel que elas se perdem cheias de talento.

Por mais que as procure, como anjos salvadores desta decadencia desconsolante, não ha meio de as topar.

Pobre coborte de imberbes, invalida, estafada antes de gasta, a caminho do amanuensado!

Germinam pelos cursos superiores e quando menos se espera—ei-las a sacrificar perante o altar augusto dum matrimonio banal todas as esperanças duma nacionalidade que, vendo os homens liquidados, só nelas pode antever o resgate.

Em vão tenho bradado, todos os anos, áqueles corações e cerebros novos e valorosos. O vortice gigante não cessa de as atrair e elas não param de nele se engolfar, de desaparecerem, sem vida e sem obra. Vae tudo dar á alcova matrimonial: saber, talento, audacia juvenil, formosura, ás vezes!

Ai delas?... não! ái de nós que, sem homens, as não vemos surgir. E no mundo ha tanta mulher ilustre! Nem o exemplo de «miss» Pankurst, e de tantas outras martires de grandes ideologias as tenta. Para elas não ha arte, não ha revoluções, são a tradição familiar que se perpetua, semsaboronamente, nos mais rasgados tempos de modernismos—um horror!

Nem ao menos uma comunista em destaque; nem o lance de um gesto. Que tristeza! que amargura! Decididamente somos um povo de sombras do passado; ai de nós!

**D. Thomaz de Noronha.**

## Compressão de despezas

Foram ontem presentes ao parlamento as propostas de finanças que o publico pôde lêr na integra em alguns jornaes da manhã.

O povo leu, mas perdeu-se por certo no meio de todos aqueles *TT* e *rr*, ficando-lhe apenas a impressão de que terá de pagar para as despezas do Estado muito mais do que até agora.

Isso não foi, porem, para ele uma surpreza—ter de pagar mais—ha muito tempo que estava convencido de que isso viria a acontecer e a isso estava já resignado. Mas se as propostas de finanças não constituiram para o povo uma surpresa, representaram, pelo menos, mais uma desilusão. Com efeito, debalde se procura em qualquer das propostas um capitulo, um artigo, um paragrafo, uma alinea, dando a quem se vê forçado a despejar as algibeiras nos cofres do Estado uma esperança de melhoria na administração publica.

As propostas reclamam sacrificios, mas não prometem redução de despezas e o povo reflete muito naturalmente em que é duro de roer ter de sacrificar-se para continuar o esbanjamento dos dinheiros publicos que até aqui se tem observado.

Coincidencia notavel: nos mesmos jornaes em que o publico veio a conhecer os pesados sacrificios que o Estado pretende exigir-lhe, pôde lêr tambem as noticias da partida do sr. Felix Horta para adido comercial em Berlim e do sr. Jaime de Souza, seguido do seu adido, sr. Velhinho Correia, para Paris e em seguida para Genebra, com destino á Conferencia da Paz. E' um rosario de adidos todos com belos proventos, que hão de sair dos «TT» e dos «rr» com que o sr. ministro das finanças brindou o publico.

Os vencimentos daqueles tres politicos, pagos em oiro, orçam na totalidade por novecentos escudos diarios.

Diz-se que recolhem ao paiz os srs. Vitorino Guimarães e tenente Nordeste, mas no fim ficam lá todos. E' o costume e desta vez melhor que em qualquer outra ocasião, porque os «TT» e os «rr» darão para tudo.

Mas é que não ha emenda. Ainda ha pouco andou por lá o sr. Alberto Xavier com o pretexto de um inquerito ou sindicancia ao instituto de Santo Antonio de Roma e não ha muito tambem que o actual ministro do comercio, sr. Antonio da Fonseca por lá se esqueceu varios mezes a estudar uma questão de «coupons» ou coisa parecida.

Curioso é notar que são quasi todos «reconstituintes». Vê-se que se trata duma reconstituição, mas não do Estado...

O povo está convencido e resignado a pagar mais, mas pretende, e muito legitimamente, no uso de um plenissimo direito, que o seu dinheiro não seja, como até aqui, malbaratado, para que o seu sacrificio não resulte inutil.

Não tinha, portanto, o sr. ministro das finanças o direito de exigir sacrificios ao paiz sem paralelamente apresentar propostas fundamentadas de compressão das despezas publicas, assim como não devia consentir que continue o exodo de funcionarios para o estrangeiro sem necessidade de maior, gastando nos rios de dinheiro em oiro.

## Cumprimentos de oficiaes

Os oficiaes em serviço na secretaria da guerra cumprimentaram hoje o seu ministro, sr. dr. Alvaro de Castro, sendo as apresentações feitas pelo director da primeira direcção geral sr. general Ferreira Gil

VIDA TEATRAL

## "La Griffe" de Bernstein

**POR ARTISTAS PORTUGUEZES**

E' um arrojado empreendimento o que a empreza do Ginasio completa hoje. Do teatro de Bernstein, *La Griffe*, é uma das peças mais discutidas e de mais dificil interpretação; Guitry que acompanhou a manufactura dessa obra, levou tempo a estudar o papel desse *fraco* sr. Cortelon, tão aspero, extenuante é ele, tão necessaria a essa meia vida dum homem de acção se torna o observar demorado, o estudo psicologico da alma que se deixa dominar avassaladoramente pelas garras duma aventureira. Guitry, tinha nele um soberbo ensejo para demonstrar o valor incontestavel do seu grande nome.

*O autor* (Bernstein)

Entre nós, arrojou-se a confrontalo um dos nossos actores mais novos, mas mais cheio de fé e de talento histrionico: Alves da Cunha. Vencerá! Temos a convicção de que a sua força de vontade, a confiança, a certeza cega dos que sabem avaliar a grandeza de quanto aspiram, são bastantes elementos para o fazer arrancar á plateia de hoje, as aclamações dum grande triunfo.

*O tradutor* (Avelino) — *O ensaiador* (Araujo)

Não é aqui do homem forte que se trata, nem desses tipos da galeria máscula de Bernstein, bandidos ou apostolos, representando a «*vontade*» humana em frente a uma crise, moral ou social, que os pretende aniquilar. Aqui, é exactamente o contrario; o lado fraco dos *fortes*; o exemplo, apenas o exemplo — porque Bernstein não tira ilações, nem dá resultados, apenas põe em equação os seus grandes problemas da Vida—da acção corroedôra dum amor tardio, quasi senil, lento degradar das forças intelectuaes, das forças moraes dum homem.

*Doulers* (Otello de Carvalho)

Os quatro quadros desta progressão decrescente na vitalidade, na honestidade, na fé, de Cortelon, passa-se um intervalo de anos bastante para que os traços fisionomicos do personagem levem o actor que se encarna neste politico abastardado a crear 4 papeis diferentes, complicados, psycologicos, arduos, independentes mas ligados pela mesma personalidade carnal.

*Cortelon* (4.º acto) (Alves da Cunha)

Mas... não nos precipitemos. O pano vae subir, e o *frisson* perpassa já na plateia.

Silencio nos corações; atenção nos espiritos.

A gente nova, tão arredia do Teatro Nacional vae dar-nos uma pagina de arte. Pelo menos a vontade, pelo menos a iniciativa merecem já as nossas palmas verdadeiras.

O velho Doulers ensina sua filha sereia lançar a rêde ao bom senhor Aquiles Cortelon. O drama vae principiar; o corrosivo do amor vae começar a correr.

Silencio nos corações, atenção nos espiritos .. Tam... Tam... Tam... As tres pancadas de Molière.. **A. F.**

*Antoinette* (Berta) — *Leclerc* (Oliveira) — *Doulers* (Berardi)

(*Croquis de Alberto Lacerda*).

# Theatros e Cinemas

## O' da guarda!

**O AMOR DE PERDIÇÃO no NACIONAL**

**faz a critica gritar: AQUI D'EL-REI!**

**Onde está o comissario do governo?**

**Que faz o ministro da instrução?**

Não nos quizemos ante-hontem referir á interessantissima reprise que o *Nacional* levou no sabado passado, porque quizemos apoiar-nos em bem fundamentados opiniões e ver a atitude de todos os nossos colegas, sobre a *obra* espantosa que ali se vae realisando.

Depois da *Leonarda*; depois das ultimos maus tratos, a ultima e mais completa degradação sob todos os pontos de vista...

Mas não digamos de nossa justiça; mostremos os brados que se estão a soltar, e apoiemo-los, para terminar de vez com tal estado de coisas e que nos deslustra, dia a dia mais. Ouçamos o que diz Jorge Outiz:

«Crucificaram-no hontem mais uma vez; desta, porem, com requintes de ferocidade inaudita.

Esfrangalhar; esfarrapar, rojar na mais desmarcada salsugem *artistica* a obra admiravel do mais portuguez dos nossos romancistas e do mais portuguez dos nossos dramaturgos, mais do que lastima, causa revolta e pavor. Não ha positivamente o direito de representar assim em qualquer teatro de infima ordem, e muito menos na casa de... Garrett, no teatro do... Estado.

Senhor ministro da instrução, sr. comissario do governo, sr. administrador, se a arte não é um mito, se a probidade artistica não é uma fantasia, se a arte de representar não é uma fabula, no teatro Nacional,—ha um unico caminho honesto, alevantado e digno a seguir: proibir terminantemente, sob penas severas, a exibição do *Amor de perdição*, pelos seus actuaes interpretes, pessoalmente excelentes creaturas e até apreciaveis utilidades noutras peças, mas nesta, com excepção da Laura Cruz, que nos conseguiu dar, a relanços, uma leve restea de emoção, menos que mediocres actores.

..................

Dos scenarios, basta dizer que menos cuidados, menos pobres, menos rotos e esfiampados não surdem na Feira de Agosto.

Sr. ministro, sr. comissario.

*Aqui del-rei!*

E José Sarmento, competente autoridade, grita a plenos pulmões na 1.ª pagina de *A manhã*, aos ouvidos do sr. presidente do *governo*, do sr. ministro da instrução, da direcção geral de Belas Artes, palavras de verdadeira revolta:

«Pois não viram os senhores — ninguem reparou, não é verdade? — qual foi a distribuição do *Amor de Perdição* hontem representado? A obra imortal de Camilo, cujos grandes papeis foram creados por artistas gloriosos, desceu o ultimo degrau e veio parar á viela toda feita em deploraveis farrapos. Os proprios modestos interpretes de hontem á noite devem ter sentido um arripio de espinha quando os meteram em tão altas cavalarias. Mas onde está o comissario da Republica, que não cura de obstar a estes abortos artisticos? Onde está ele? sabe o governo, sabe o sr. ministro da instrução publica, sabe a direcção geral de Belas Artes o que se fez dentro do teatro Nacional Almeida Garrett, em materia de arte e de beleza? Parece que ninguem se importa com estas ninharias, tão preocupados andam todos com a carestia do azeite e com a falta de carvão. Mas nem só de azeite e de carvão o homem vive. E' preciso mais alguma coisa que nos distancie deste ar primitivo e selvagem em que resvalamos com uma inconsciencia lamentavel.

«Aquilo, tal como está, é que não pode continuar. Que sirva de incentivo para a primeira martelada aquela audaciosa tentativa de teatro de cordel, posta em pratica pela calada da noite, hontem ainda, com o sr. Calazans — aliaz um rapaz muito simpatico e muito trabalhador — a carregar sobre os seus hombros debeis com o peso da personagem creada por Ferreira da Silva, gloria incontestavel da arte dramatica contemporanea. Os olhos do governo teem de descer do Olimpo até estas miserias e estas frandulagens com que se pretende mascarar, num carnaval perpetuo, sem sombra de pudor, uma das mais belas manifestações do caracter e do espirito dum povo — a sua arte — quer ela seja representada em obra nacional, quer interpréte costumes ou estado de alma de nacionalidades estranhas.

«Ha muito tempo que em volta do teatro do Estado se ouvem sussurros, vagos murmurios de reprovação. Aqui e ali, vozes isoladas teem erguido o seu clamor de protesto, sem que ouvidos oficiaes tenham procurado inquirir da verdade. Chegou o momento de pôr de parte pieguices de sentimentalismo e de encarar de frente o terrivel dragão.»

Bravo! Bravo! Mas como quer José Sarmento que alguem saiba o que lá se passa se ninguem — que tenha olhos de vêr — lá vae já? Se aquela palhaçada *ignóbil*, é lá com eles, no mutismo e na convencia dos que tendo responsabilidades sorriem eslingicamente emquanto empalmam os ministros com duas lérias! Só ha uma palavra para aquilo, para aquele *Amor de Perdição*, mas, mesmo essa, apezar de usada desde Cambronne para cá para efeitos menos teatraes, é limpa em excesso para se lhe aplicar!

Chega a acreditar-se que é um firme proposito, este de inutilisar e desacreditar o teatro Nacional... para evitar a concorrencia, que doutro modo fazia, ao Eden ao Apolo ou ao São Luiz.

Irra...

**Armando Ferreira.**



## VIDA ARTISTICA

No salão Bobone, á rua Serpa Pinto, abre depois d'amanhã, ás 13 horas, a exposição de pintura do considerado artista Frederico Ayres.

O dia de amanhã, é destinado á visita da Imprensa.

—Tambem amanhã, pelas 14 horas, no salão da Sociedade Propaganda de Portugal, abre a 2.ª exposição de pintura, desenho e pastel do distinto artista J. Pedro Cruz.



## Concerto no Conservatorio

Para comemorar o 150.º aniversario do nascimento de Beethoven, realisa-se no proximo dia 16 um concerto no Conservatorio Nacional de Musica, no qual tomará parte o director d'aquele estabelecimento, o ilustre artista sr. Vianna da Motta.

## O proximo concerto Blanch

No empenho de tornar conhecidas do publico as mais notaveis obras primas musicaes, o maestro Pedro Blanch inclue no belo programa do 1.º concerto da «Orquestra Sinfonica Portugueza», que no proximo domingo se realisa no São Luiz, duas primeiras audições celebres: «Romeu e Julieta», «A Rainha Mab ou a Fada dos Sonhos», famoso scherzo, considerado em todo o mundo musical a mais notavel composição de Berlioz, e a extraordinaria introducção do 1.º acto de «Fervaal», de Vincent d'Indy, o maior compositor moderno. Alem disso, executa-se a «Sinfonia do Novo Mundo», de Dvorake, a «Freyschutz» de Weber, a «Rapsodia hungara em fá», de Lizt, a «Marcha hungara» «La Damnation de Faust» de Berlioz e outras obras.



## Manifestos de sementeira e producção agricola

Pela direcção geral da Economia e Estatistica Agricola está correndo actualmente o inquerito ás cementeiras de cereaes e legumes do inverno e o do descasque de arroz, para o que foram afixados editaes nos logares publicos de todas as freguesias. Do mesmo modo se procura saber a producção do azeite, no corrente ano agricola.

Nunca, como agora, em virtude das dificuldades crescentes em materia de abastecimento, foi tão necessario saber-se o quantitativo exacto da nossa producção, para se regularisar o abastecimento do paiz, como é mister. Trata-se, como se vê, dum caso do supremo conveniencia dos interesses do publico e da economia nacional. Não devem, pois, os produtores daqueles generos e os fabricantes de azeites deixar de contribuir com a precisa exactidão; os primeiros, as quantidades que semeiam, os segundos, os resultados da laboração nos seus moinhos, azenhas ou fabricas, no corrente ano.

Presta-se um acto altamente patriotico informando com seriedade e no devido tempo. Nenhum produtor deve deixar de fazê-lo.

## MUSICA

**Concertos Léa Bach**

Uma das singularidades do concerto de amanhã no Politeama, 2.º e ultimo da eximia harpista Léa Bach, e porventura um dos seus maiores atractivos — excluindo, é claro, os meritos extraordinarios da artista, por demais reconhecidos, e o brilhantismo de execução que ha-de dar a todos os numeros—reside no facto de, na 3.ª parte, executar o que a sua inspiração do momento lhe lembrar. Quer dizer, liberta da subordinação a um programa, entregue á sua disposição de temperamento ocasional, influenciada pela atmosfera carinhosa e enternecida que ha de rodeá-la, a artista mimosear-nos-ha com verdadeiras maravilhas, tocadas com um calor e uma emoção ainda não presenceadas. Só temos que aplaudir-lhe a resolução. Nas duas partes [illegible] figuram, como já dissemos, obras de Bach, Beethoven, Mozart, M. Pesse, A. Thomaz, Schubert e Godefroid.

## MOVIMENTO ASSOCIATIVO

**Conselho Nacional das Mulheres Portuguezas.**—Reune a assembléa geral depois de amanhã, pelas 20,30 horas, tendo por ordem da noite a leitura de relatorios, contas e eleições. Havendo falta de numero fica a reunião transferida para o dia 23, á mesma hora.

# ULTIMA HORA

## POLITICA

**Concessão duma pensão.—Autoridades administrativas**

Dia sem interesse o de hoje com respeito a politica. No parlamento as sessões decorreram sem importancia de maior, gastando-se parte da sessão na camara dos deputados a discutir se deveria ou não aprovar-se uma proposta do sr. ministro da justiça concedendo uma pensão de 2 400 escudos á viuva do juiz dr. Pedro de Matos, assassinado ha tempos.

Perdeu-se muito tempo para afinal ser a proposta aprovada apenas com o voto contrario dos socialistas, e do sr. Sá Pereira democratico.

enquanto a Camara depois pela voz do sr. Leote do Rego presta homenagem aos que se bateram no Rato contra as colunas de Sidonio Paes, alguns parlamentares formam pequenos grupos na sala dos Passos Perdidos para discutir o assunto que prende a atenção de quasi todos os legisladores—a escolha das autoridades administrativas,—das quais, ao que se diz, o conselho de ministros hontem se ocupou. Parece que divergencias surgiram com referencia a alguns districtos, tendo-se o conselho manifestado contrario á escolha de independentes para os governos civis.

Com referencia a Aveiro os reconstituintes mostraram-se intransigentes, exigindo que o seu governo seja confiado a um seu correligionario.

No que todos concordaram foi em que os cargos de governadores civis fossem ocupados somente por correligionarios do Governo...

**Boatos e combinações**

Alguem lançou hoje o boato de que os resconstituintes, populares e dissidentes democraticos se fundiriam n'um só partido, forte e unido. Alguns dos marechaes desmentem o boato, dizendo não se tratar de fusão, mas sim da formação d'um bloco a que já por várias vezes «A Capital» se tem referido.

Acerca da falada fusão de dominguistas e socialistas, um antigo socialista afirma ser inteiramente verdade o que «A Capital» hontem disse, embora apareçam desmentidos por não convir por emquanto a publicidade de tal facto.

Algumas combinações tem havido nesse sentido as quais estão agora pendentes.

## Entre inquilinos e senhorio

**Uma compra por 50$00 que rende de 200 a 300 contes**

Foi pronunciado pelo juizo do 4.º districto d'investigação, tendo recolhido ao Limoeiro, Manuel Lourenço Rodrigues, cabeça de casal n'um inventario que corre pela 3.ª vara, no qual teve ingresso, por ter comprado ha tempos o direito e acção a um herdeiro por 50$00.

Aos bens da herança pertence um quarteirão de casas sitas no largo de S. Paulo, e tendo falecido o usufrutuario d'esses bens, o cabeça de casal entendeu que devia despedir todos os inquilinos, o que lhe não é permitido pela lei do inquilinato, e que fez com que os inquilinos depositassem as rendas na Caixa Geral de Depositos.

Ele, porém, não desanimou, fez um arrendamento a um individuo qualquer e acompanhado por este e outros foram a casa d'um inquilino, arrombaram a porta e preparavam-se para pôr na rua o mobiliario, quando apareceu o inquilino, o qual pediu a intervenção da policia; do que resultou a pronuncia e a prisão do senhorio, que agravou para o Tribunal da Relação.

O consul da Noruega, interveiu no processo, reclamando contra a violencia de que fôra vitima o verdadeiro inquilino subdito da sua nação.

O que é mais curioso é que, em consequencia da valorisação da propriedade, deve vir a caber ao cabeça de casal, em partilhas, 200 a 300 contos.

## Uma burla de perto de dez contos

Ha dias foi apresentada á policia uma queixa, pelo sr. João Nunes Alberto, avenida da Republica, 32, contra Bernardino Antonio Ferreira dos Santos, rua Ferreira á Lapa, 17, 3.º, e Manuel Rodrigues da Silva, rua das Farinhas, 54, 3.º, acusando o primeiro de o ter burlado com uma senha falsificada dos caminhos de ferro, referente a um wagon com assucar no valor de 9:925 escudos e o segundo de ter conhecimento da burla e ter recebido do primeiro a quantia de 1:500 escudos para o não denunciar.

A queixa foi entregue ao chefe Murtinheira, que encarregou o agente Duarte Agostinho d'Oliveira, de proceder a investigações.

Apurou esse agente que o Bernardino, logo que praticou a proeza se evadiu para o Porto, onde foi preso a pedido do director da policia de investigação, sendo tambem preso o Rodrigues da Silva, os quaes confessaram. Vão ser enviados para juizo.

## Caindo d'um andaime

Na enfermaria de Santo Antonio, do hospital de S. José, deu entrada o pedreiro José Joaquim, de 18 anos, morador na calçada de Arroyos, que caiu d'um andaime da altura d'um terceiro andar n'uma obra da rua José Bonifacio, ficando gravemente contundido pelo corpo.

## Um teimoso...

Foi preso Gabriel Rodrigues, morador na rua da Escola Politecnica, 19, por se ter recusado a preencher o boletim do recenceamento, transgredindo assim a lei de 25 de agosto de 1889.

## Carvão vegetal

Não se sabe bem para que serviram todas as réclamadas competencias que sucessivamente ocuparam o cargo de director geral das subsistencias, visto que o problema da satisfação das necessidades exigidas pela alimentação da população da cidade continua por resolver.

Cereais, batatas, legumes, hortaliças, leite, ovos, carne, peixe e frutas tudo tem atingido preços inconcebiveis e absolutamente injustificados, sem que alguem se incomode a estudar as causas de tão prejudicial fenomeno para as debelar com a energia que as circunstancias requerem e com a autoridade que lhe daria o apoio de toda a população esfomeada.

A tabela faz desaparecer os generos e o comercio livre serve só para mostrar a ausencia de escrupulos dos srs. comerciantes em meter as mãos nas algibeiras do publico.

O sr. ministro da agricultura, reconhecendo hontem estas verdades já por todos verificadas, saiu-se com a ameaça de chamar o Estado a si toda a produção e fazer ele a distribuição. Valha-nos Deus que, se isso chegasse a realisar-se, morreriamos todos de fome, porque a maioria da população não conseguiria vêr em sua casa qualquer coisa para comer senão depois de ter perdido dia e meio numa bicha interminavel. Se o Estado tem alguma capacidade para transitoriamente se tornar comerciante, deveria limitar-se ao papel de concorrente para regular os preços. Mas evidentemente não conseguiria o seu fim com duas ou tres baiucas que mandasse abrir na cidade; seria necessario abrir algumas centenas delas. Na pratica mostrar-se-hia expediente insuficiente.

O remedio tem de ser outro. A's capacidades que assumem os cargos superiores dos ministerios da agricultura e do comercio, é que compete encontrá-lo.

Não temos, porém, esperança de que assim suceda. Já agora iremos rolando assim até isto estalar talvez.

O que se dá com o carvão vegetal é tipico.

Para se fabricar um quilo de carvão vegetal gastam-se quatro quilos de lenha.

Esta, consumida em grandes quantidades pelos caminhos de ferro, atingiu preços elevados e dahi resultou o desaparecimento do carvão. E não admira porque com a lenha a 15 centavos o quilo seria necessario vender o carvão a 76 centavos o quilo para haver alguma vantagem em o fabricar.

Que haveria pois a fazer? Tabelar o carvão vegetal e a lenha em consequencia.

Assentando, por exemplo, em que o carvão se vendesse por 20 centavos o quilo, seria necessario tabelar a lenha a 4 centavos a mesma quantidade para que houvesse vantagem no fabrico do carvão A lenha desapareceria talvez, mas para este produto tem o Estado facil remedio, visto que é impossivel fazer desaparecer as arvores Venderia a lenha por sua conta depois de a ter mandado cortar por algumas companhias de sapadores.

O que não pode continuar é o estado de coisas presente. Não ha carvão de coke, porque não se fabrica gaz, não ha carvão vegetal, porque não vale a pena fabricá-lo, não se chega á lenha porque está excessivamente cara; com que ha-de cosinhar a pobre população de Lisboa?

Muitos lançam mão do recurso da serradura que tambem já está por um preço elevadissimo e outros cosinham com bolas feitas de pós de sapatos, barro e amostras de pó de carvão e que custam já 25 centavos a duzia!

E' caçoar com a tropa!

Preciso é que alguem lance para isto olhos misericordiosos e sapientes.

## NOTICIAS DA CAPITAL

**Barbeiro com maus figados**

Foi preso José Joaquim de Miranda Carrilho, morador na rua do Loureiro, 6, barbeiro, por ser acusado de ameaçar de morte Mariana Pereira, residente nas escadinhas da Saude, 5, 5.º, tendo-lhe sido apreendida a navalha de barba com que pretendia pôr em pratica as suas sinistras intenções.

**Prisão dum desertor**

João Guilherme da Fonseca, morador na travessa do Jordão, 4, foi preso por ser desertor do regimento de sapadores mineiros.

**Gatunos terriveis**

Joaquim Pinto Ribeiro, o *Farrusca ou o Pericas*, com largo cadastro, vae ser enviado para a colonia penal de Cintra, donde se evadiu, tendo ha dias sido preso na estação do Rocio pelo agente Pimentel por ali andar metendo as mãos nas algibeiras dos passageiros.

O agente Henrique de Figueiredo prendeu na estação do Rocio o conhecido carteirista Augusto Antonio da Rocha, ou José Bento Rocha, ou José Bento Lopes ou ainda José dos Santos Rocha com 48 prisões, acusado de fazer parte de uma quadrilha que ultimamente naquela estação tem praticado roubos de carteiras, relogios, correntes e malas de senhoras.

## Granadas abandonadas

N'um tapume de uma obra em construção na rua das amoreiras, alguns operarios encontraram duas granadas de mão, uma das quaes carregada.

Foram entregues na esquadra do Rato, que por sua vez as enviaram para a policia da segurança do Estado

## PARLAMENTO

### Na Camara dos Deputados

O sr. Abilio Marçal, que preside, manda fazer a chamada ás 14,30. Respondem uns 20 membros da camara.

Meia hora depois abre-se a sessão com 31 deputados presentes, lendo-se a acta e a correspondencia.

Os especiadores, nas galerias, são em pequeno numero.

O sr. José de Almeida chama a atenção do sr. ministro da justiça para o facto de na comarca de Oliveira de Azemeis ter sido condenada a 2 anos de prisão, com 6 meses de multa, uma mulher que furtou 3 molhos de lenha. Essa criatura, que tem filhos, cumpriu já um ano de clausura e como se trata duma desgraçada mãe, ele, orador, pede ao sr. Lopes Cardoso que interceda junto do sr. presidente da Republica no sentido de que o resto da pena seja comutada.

O sr. ministro da justiça promete satisfazer esse desejo, visto não haver outra forma de remediar o caso, que pode ter sido justo ou exagerado. E, estando no uso da palavra, envia para a mesa uma proposta de lei estabelecendo a pensão de 2.400$00 por ano á viuva do vogal do Tribunal de Defeza Social sr. dr. Pedro de Matos.

Requer urgencia do regimento para essa proposta, justificando-a com a necessidade de se auxiliar a familia do referido magistrado e de se garantir aos juizes que servem no referido tribunal alguma independencia e segurança no futuro dos seus.

O sr. Manuel Fragoso diz ser indispensavel modificar a legislação criminal, porquanto actualmente, em consequencia do aumento de valor dos objectos, se estão infligindo penas graves de mais para pequenos crimes de furto.

O sr. ministro da justiça declara que tenciona apresentar á camara uma proposta alterando o que sobre esse assunto se encontra codificado. Em seguida pede que se discuta com brevidade o projecto que autorisa uma verba destinada ao pagamento das despezas feitas com a alimentação dos presos.

O sr. Sá Pereira declara não votar a pensão á viuva do sr. dr. Pedro de Matos, muito embora reconheça que esse integerrimo juiz morreu no seu posto, em defeza da ordem e da Republica. Não vota por lhe constar que essa senhora tem fortuna.

O sr. ministro da justiça entende que a viuva, se não precisasse da pensão, não a teria requerido. Mas deve ainda dizer que na altura em que o sr. dr. Pedro de Matos se ofereceu para o logar que lhe deu a morte ninguem foi inquirir dos seus meios de fortuna. E cumpre ao Parlamento—diz—oferecer, como já disse, garantias a quem se preste a exercer tão espinhosos cargos. Em reforço destas suas palavras, conta com magua, que o actual presidente do tribunal em questão, tendo querido fazer seguro de vida, obteve das companhias a declaração de que os membros desse tribunal não podiam segurar as suas vidas.

O sr. Domingos Cruz, aprovará a proposta, visto ter informações de que a familia do malogrado juiz não vive em situação desafogada. Porem, a comissão de finanças tem para estudo alguns projectos doutras pensões a familias de militares e civis mortos na defeza da Republica. Sobre eles convem que, igualmente, se observe urgencia.

O sr. Afonso de Melo, acha que o voto da camara não deverá basear-se numa devassa vexatoria para a familia dúma figura cuja memoria se deve homenagear.

O sr. Sá Pereira, declara não modificar o seu ponto de vista emquanto não estiver convencido da necessidade que a pretendente tem do socorro do Estado.

O sr. Plinio Silva, recorda que, quando da discussão da proposta que criou o Tribunal de Defeza Social, a combateu, por ela não constituir medida eficaz contra os crimes que a presente lei atinge. Todavia, votará a pensão.

O sr. ministro da justiça aponta tambem a sua atitude na discussão de que saiu a criação do referido tribunal. Combateu a creação deste, por entender que sob o ponto de vista substentivo, como sob o aspecto processavel, essa lei carece de modificações. Sendo adverso a todas as medidas de excepção, acha que a Republica tem o direito e a obrigação de defender a ordem.

O sr. Antonio Maria da Silva considerando o facto de não ser uso regatear pensão ás familias dos que caem no campo da batalha, dá o seu voto á proposta.

Os srs. Vasco Borges e Carlos Olavo vêem na proposta um acto de justiça que toda a camara deve prestar á memoria dum homem que bem mereceu da sua Patria.

O sr. José de Almeida, regeita a proposta, esperando que o sr. ministro da justiça traga ao Parlamento uma proposta que extinga o aludido tribunal.

Os srs. Vasco de Vasconcelos e Eduardo de Sousa aprovam, votando-se depois a proposta.

O sr. Leote do Rego, passando hoje o 3.º aniversario duma data em que a Republica foi conspurcada, sauda os briosos militares e civis que se bateram contra a onda sidonista. Aproveita o ensejo para lembrar que os partidarios de Sidonio Paes ainda não largaram as armas, não desdenhando ocasião nenhuma de ameaçar os republicanos. Citando os nomes dos vultos que mais denodadamente se salientaram na defesa das instituições democraticas em dezembro de 1917, faz-lhes alevantado elogio.

O sr. Afonso de Macedo associa-se ás saudações feitas áqueles que lutaram contra a traição sidonista. Propõe um voto de sentimento pelos mortos nessas condições e outro de saudação a Afonso de Cerqueira, Sá Cardoso e Agatão Lança.

O sr. João Camoesas dá a sua solidariedade ao modo de sentir dos dois ultimos oradores, lastimando, porem, que a tirania dezembrista esteja esquecida como exemplo, continuando a fazer-se uma politica de falsos personalismos, olvidando-se o sacrificio dos que empaparam de sangue as ruas de Lisboa sem que o seu sacrificio fosse aproveitado. De todos estes colocará em primeiro lugar, como extraordinario heroe, Agatão Lança, portuguez intrepido que a metralha dos inimigos da Republica crivou mas sem conseguir abalar-lhe a fé, o desinteresse nem a galhardia.

O orador relata alguns episodios das horas incertas de 5, 6 e 7 de dezembro de 1917, enaltecendo ainda o nome de Afonso de Cerqueira, invocando tambem e envolvendo em frases de homenagem os heroes humildes e anonimos que se evidenciaram na luta.

Derivando depois na apreciação do que se tem passado sobre administração publica após Monsanto, critica asperamente os factos produzidos, classificando-os de politica vasia e sem objectivo de regeneração nacional, com inclinações para sectarismo estreito.

### No Senado

Preside o sr. Correia Barreto, secretariado pelos srs. Heitor Passos e Ramos Pereira, respondendo á chamada 30 legisladores e estando no seu logar, o sr. presidente do governo, Ata aprovada, sem reparos, e expediente ao seu destino.

O sr. Alfredo Portugal sauda o sr. Correia Barreto pela sua reeleição, e envia para a mesa um projecto de lei permitindo que os delegados, conservadores e notarios interinos possam, independentemente da pratica de 6 mezes, concorrer aos logares abertos pelo concurso de 4 de novembro, ultimo, para delegados do Procurador da Republica, conservadores do registo predial e notarios,—pratica essa que se acha instituida no decreto 5265 de 15 de novembro de 1919 como já se encontrava nos decretos de 23 de dezembro de 1897, de 20 de janeiro de 1888, de 14 de setembro de 1900 e de 24 de outubro de 1901.

Aprova-se a urgencia para este projecto.

O sr. Melo Barreto responde ás considerações feitas na pretorita sessão pelo sr. Bernardino Machado, fazendo uma larga exposição dos seus actos e, em especial, das nomeações que fizera durante o periodo de tempo que geriu a pasta dos negocios estrangeiros.

O orador, com calor e entusiasmo, defende a sua acção como ministro, declarando que se torna urgente a creação de serviço de propaganda e defeza da Republica Portugueza no estrangeiro.

(Apoiados).

O sr. Bernardino Machado faz justiça ás altas qualidades do sr. Melo Barreto e critica a representação portugueza na conferencia de Bruxelas. Tal representação... não é desempenhada por republicanos de uma só fé.

## Serviço telegrafico da tarde

RIO DE JANEIRO, 6. —Elisio Campos, delegado do Brazil no comité permanente do Instituto Internacional de Agricultura de Roma, foi reeleito por unanimidade vice-presidente do comité de estatistica comercial e agricola do Instituto, por um periodo de tres anos.

Na votação tomaram parte delegados da França, Belgica, Estados Unidos, Inglaterra, Espanha, Noruega, Italia, Russia e Uruguay.

Elisio Campos tem sido muito felicitado.—*(Americana)*

RIO DE JANEIRO, 6. — Foram nomeados adidos aos consulados do Brazil:

Em Paris, Emeterio Toledo e Arnaldo Guimaraes; em Londres, Narciso José Nogueira. Ubirajara Nogueira Reys, do consulado de Londres, passou para Hamburgo.—*(Americana)*.

RIO DE JANEIRO, 6.—O cadaver do dr. Emilio Guerrero, foi inhumado no cemiterio de S. João Batista.—*(Americana)*.

RIO DE JANEIRO, 6.—O tenente Roberto Marques, comissionado pelo Estado do Rio, embarcou no «Pecene» com destino a Europa.—*(Americana)*.

RIO DE JANEIRO, 6.—Realizou-se uma festa a bordo do «Mendoza», pela sua primeira viagem ao Brazil. A' imprensa foi oferecido um delicado lunch. —*(Americana)*.

RIO DE JANEIRO, 6.—A imprensa paraense deu uma recepção em honra do comandante do paquete «Lima», retribuindo as gentilezas de que foi alvo o dr. Baptista Moreira, comparecendo os agentes, o consul, o dr. Baptista Moreira, e representantes da Camara Portugueza de Comercio e Industria.—*(Americana)*.

RIO DE JANEIRO, 6.—Foi assinado o decreto autorisando o pagamento de 2.500 contos á Companhia do caminho de ferro de Araguary, no Estado de Matto Grosso.—*(Americana)*.

SANTIAGO, 6.—Com a entrada das companhias nitreiras alemãs na Associação dos produtores chilenos para a producção total do salitre, a Associação conta presentemente 98 filiados.—*(Americana)*.

RIO DE JANEIRO, 6.—O total das exportações pelo porto de Santos, Estado de S. Paulo, durante o ano de 1919 atingiu a quantia de 1.002,011 contos de reis.—*(Americana)*.

RIO DE JANEIRO, 6.—Roberto Veiga, secretario de Raul Veiga, presidente do Estado do Rio, embarcou no «Pecene para a Europa—*(Americana)*.

RIO DE JANEIRO, 6.—Jehan Panes ministro da Suecia, apresentou as suas credenciaes ao sr. dr. Epitacio Pessoa.—*(Americana)*.





## POEIRA DA ARCADA

**Conferencia entre ministros**

Realisou-se hoje demorada conferencia entre o sr. ministro da guerra e os seus colegas da justiça, marinha estrangeiro. Tambem esteve conferenciando com o sr. dr. Alvaro de Castro, o sr. general Mousinho de Albuquerque, comandante da 5.ª divisão do exercito.

**Professores do licêu**

Foi aberto concurso para provimento de uma vaga de professor efectivo do 4.º grupo do liceu de Beja.

**Regresso de ministros**

Regressaram hoje de manhã do Porto os srs. ministros do trabalho e instrução.

## Facada mortal

A policia de investigação começou hoje as suas averiguações sobre o crime praticado ante-hontem á noite na carvoaria de Manoel Maria Lourenço Cal, no largo 28 de Janeiro, 27, do qual resultou a morte de Joaquim Luiz do Carmo, morador na travessa da Mãe de Agua, 23.

O soldado 51 do 1.º batalhão da guarda republicana já está preso para averiguações, mas a policia não conseguiu ainda prender Frederico da Silva, morador na rua Castelo Branco Saraiva, 5, 1.º, que, segundo afirma o soldado, foi quem vibrou no Joaquim Luiz a facada que lhe causou a morte.

## LIVROS E PUBLICAÇÕES

**Manual de modelações, desenho e caligrafia.**—O distincto professor que é o coronel de infantaria sr. José Vicente de Freitas, um espirito progressivo e integrado plenamente na moderna orientação pedagogica, acaba de editar este manual, organisado conforme os programas de 7 de novembro findo.

Dividiu o auctor o seu trabalho em duas partes: «Livro do mestre» e «Livro do aluno», com o que presta assim um verdadeiro serviço tanto a professores como a alunos.

Exposição clara e metodica, aumentando gradualmente as dificuldades, o trabalho de José Vicente de Freitas é dos que ficam.

## Salão Central

**Frente a frente**

E' o decimo quarto episodio da surpreendente pelicula «O rasto do Gavião», prodigioso trabalho do notavel actor norte americano King Baggot.

A sua estreia foi um sucesso, que esta noite se repetirá, não só pelas novidades que encerra, como pelas suas arrojadas aventuras.

Amanhã, 4.ª feira, estreia na matinée do ultimo episodio «O homem d'além tumulo», desenlace da extraordinaria fita que tanto tem alvoroçado toda Lisboa.



**Beatriz da Natividade Gonçalves Ferreira**

**FALECEU**

Manoel Maria Gonçalves Ferreira e suas irmãs participam ás pessoas de suas relações e amizade, o falecimento de sua estremosa irmã, e que o seu funeral se realisa no dia 8 do corrente pelas 14 horas, saindo o prestito da sua residencia, praça da Alegria, 25, 3.º para o cemiterio dos Prazeres.

**Companhia Nacional de Caminhos de Ferro**

**Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada**

**Capital Esc: 934·365:00**

Nos termos dos Estatutos se anuncia que, no dia 11 do corrente pelas 14 horas, se procederá na séde da Companhia, rua de S. Nicolau, 88, 1.º ao sorteio das obrigações da série «Mirandela - Bragança» que teem de ser amortisadas em harmonia com a respectiva tabela.

Lisboa, 4 de Dezembro de 1920

O Director de Serviço

*Manuel I. d'Oliveira Bello*

# A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3719 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães. Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Quarta-feira, 8 de Dezembro de 1920 | Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL. Officina de impressão — 71, Rua da Rosa, 71 | Preço, 5 centavos


## A CONTABILIDADE PUBLICA

Os jornaes da manhã publicam uma nota oficiosa em que se afirma não ter o sr. ministro das finanças declarado, no parlamento, estarem os serviços da administração publica num cáos. Segundo essa nota, o que o sr. Cunha Leal disse foi que as ligações entre os diversos serviços do Estado não estão estabelecidas com regularidade, de modo que se não seguem, por vezes, os tramites devidos para a realisação de despezas e para a abertura de creditos no estrangeiro, do que tem resultado efectuarem-se despezas sem que, previamente, as repartições de contabilidade tenham verificado a existencia de possibilidades nas verbas orçamentaes aplicaveis, encontrando-se assim por escriturar nas contas publicas quantias dispendidas, bastante elevadas. Acrescenta a nota oficiosa, a que nos referimos, que «não podem, pois, essas contas ser a expressão da verdade, tornando-se absolutamente necessario que todos os organismos se subordinem aos preceitos geraes estabelecidos, reformando-se os processos administrativos deficientes e irregulares até agora seguidos».

Afigura-se-nos desnecessario encarecer a importancia desta nota. As afirmações que nela se encontram, referindo-se a factos concretos, que não será exagerado classificar de muito graves, são bem mais alarmantes do que a designação de cáos atribuido ao estado em que os serviços da Contabilidade Publica se encontrem. Essa designação podia o publico leval-a á conta duma simples figura de rectorica politica. Pelo seu caracter vago já não sobresaltam ninguem afirmações desta natureza, de tal modo os nossos pessimos costumes politicos nos teem habituado a taes excessos de linguagem sem fundamento em factos incontroversos. Mas o que o Sr. ministro das finanças disse é grave, tanto mais que ninguem ignora que o sr. Cunha Leal, apezar de não estar ha muito tempo á frente da sua pasta, tem trabalhado activamente no seu ministerio, até altas horas da noite, com o auxilio dos dedicados cooperadores como são os srs. Pinto de Lima, Julio Pires e Lino Henriques, pessoas de sua absoluta confiança, que constituem, se não estamos em erro, o pessoal do seu gabinete particular.

O sr. Cunha Leal deve a estas horas, e a nota oficiosa que reproduzimos é disso certamente um claro indicio, estar amplamente documentado sobre a maneira como estão organizados os serviços mais importantes do ministerio cuja pasta neste momento sobraça. Por isso mesmo as suas declarações, proferidas depois de bem esmiuçados os arquivos do seu ministerio, tem uma importancia excepcional, e que nós entendemos que se deve acentuar bem frisantemente a fim de que a opinião publica atente nesta questão, o se impunha, podendo o apuramento de todas as irregularidades cometidas.

Diga o sr. Cunha Leal tudo quanto for apurando no seu exame minucioso das contas do Estado. Diga tudo, torne conhecida toda a documentação em que tenciona estribar a sua acção politica e administrativa. O país, a quem o sr. Cunha Leal reclama sacrificios, e d'essa forma tão violenta, tem o direito de saber se se faz ou não justiça em Portugal, e se se vae realmente entrar n'um caminho de legalidade e de moralidade triumphantes.

### Ministro da guerra

O sr. ministro da guerra recebe ás sextas-feiras as pessoas estranhas aos serviços do seu ministerio, pela ordem em que se inscreverem.

### Pessoal de gabinete

Foram nomeados adjuntos da repartição do gabinete da secretaria da guerra o tenente de administração militar, sr. David Aboim e o alferes de infantaria, sr. Francisco da Conceição Costa, e deixou de prestar serviço ali, o capitão do secretariado militar, sr. Joaquim José Magro, que regressou á guarda republicana.

### Limite de edade

Foi auctorisado a continuar no exercicio de magisterio, embora tenha atingido o limite de edade, o professor da escola da Fajã de Cima, concelho de Ponta Delgada, sr. Eugenio Xavier Tavares.

### A circulação fiduciaria

A direcção do Banco de Portugal conferenciou com o sr. ministro das finanças, acerca do alargamento da circulação fiduciaria.

### O novo arcebispo de Paris

PARIS, 7.—Vindo de Rouen, chegou a Paris o cardeal Dubois.

Na 5.ª feira terá logar a entronisação solene do novo arcebispo de Paris, que fará a sua entrada na egreja de Notre Dame.—*(Havas).*

### Um trabalho perfeitissimo



## DOIDOS, ELES!

### Documentação

No ultimo artigo disse ter visto a sr.ª D. Maria Adelaide, em 3 de abril de 1916, numa das salas de entrada do Palacio de Belem.

Para poupar ao sr. dr. Cunha, um trabalho semelhante ao que teve a proposito da referencia que fiz á inauguração do monumento em S. Pedro de Alcantara,—buscas e rebuscas para saber se em determinado dia eu tinha estado ou não em Lisboa—aqui lhe vou apresentar a bastante documentação. Poupa tempo e, como tempo é dinheiro, será caso de o sr. dr. Cunha, arregalar o olho.

Tendo eu sido, como já disse, e por mal dos meus pecados, deputado ao Parlamento no ano de 1916, consultemos o «Diario da Camara dos Deputados». Cá está: "Sessão n.º 64, em 3 de abril de 1916". Ora leia:

"Abertura da sessão ás 15 horas. Presentes á chamada 74 srs. deputados. São os seguintes:... «vá lendo sempre e veja se falta alguma virgula»... «tau, tau, tau».

... «Bernardo de Almeida Lucas»... etc.

Viu? está satisfeito?

Eu achava-me, pois, em Lisboa, no dia 3 de abril de 1916.

¿E que razão me levaria a Belem? Vae saber.

A esse tempo andavam empenhadas num movimento de altruismo, e de simpatia a favor dos nossos soldados e das vitimas da grande guerra, as senhoras portuguezas, sem excepção de jerarquia nem de credo politico. A alma feminina lisboeta brilhou então em varios nucleos patrioticos. A sr.ª D. Maria Adelaide, coração delicado como poucos, amante do seu paiz e da sua raça, mixto admiravel de idealismo e de energia pratica, alma de povo e de fidalga, não podia faltar, e não faltou nenhum deles. Ela o diz a pag. 12 do «Doida não!»:

«Eu andava, depois de começar a guerra, com uma filha de minha collaça, uma pequena a quem eu queria muito, Maria da Conceição, tirando o curso de enfermagem, e costumava-mos ir ás conferencias que o sr. dr. Melo Breyner realizava em casa da sr.ª condessa de Ficalho, na rua dos Caetanos. Na minha qualidade incolor, eu era a unica senhora que fazia parte das duas comissões ás vitimas da guerra e podia, nessas circunstancias, sem melindre para ninguem, prestar serviços em qualquer delas. Tanto ia a casa da sr.ª condessa de Ficalho como á da sr.ª D. Luiza Braamcamp Freire, ás reuniões da comissão administrativa de que fazia parte. Ao palacio de Belem ia quando era preciso».

E nos jornaes dessa época encontra-se, não só a confirmação dos dizeres da sr.ª D. Maria Adelaide, mas tambem o mais que é preciso ao convencimento do sr. Miudinho.

Aqui temos, por exemplo, a respeito do curso de enfermagem o «Diario de Noticias», de domingo, 2 de abril de 1916:

«Assistencia das portuguezas ás vitimas da guerra. Os cursos teoricos de enfermagem.»—No Palacio Ficalho realisou ontem de manhã o sr. D. Tomaz de Melo Breyner mais uma conferencia no curso teorico de enfermagem. Foi muito grande a concorrencia. Até hoje estão inscritas nesse curso as sr.as Marqueza de Lavradio, condessas de Ficalho, de Arnoso, do Calhariz, de Bemfica, de Tarouca, de Alferrarede e de Castelo Mendo, viscondessas de Santo Tirso e de Olivaes, **D. Maria Adelaide Coelho da Cunha**... etc.»

Esta transcripção faço-a especialmente por se encontrar nela o nome completo da sr.ª D. Maria Adelaide.

Vejamos agora a mesma senhora assistindo a outra reunião. Desta vez é em casa do sr. Tomaz de Melo Breyner e não se trata do curso de enfermagem, mas sim dos trabalhos da comissão administrativa da Assistencia. A esta reunião alude o «Diario de Noticias» de 3 de Abril de 1916 nos termos seguintes:

«Em casa do sr. dr. Tomaz de Melo Breyner reuniu-se ontem a Comissão da Assistencia das Portuguezas ás Vitimas da Guerra, a que assistiram as sr.as Condessa de Sabogosa, Marqueza de Lavradio, D. Tereza Lobo de Almeida de Vilhena, Viscondessa de Santo Tirso, Condessa do Ficalho, **D. Adelaide Coelho da Cunha**...

«**A sr.ª D. Adelaide Coelho da Cunha** comunicou que lhe tinha sido feito o oferecimento do Jardim Zoologico para um festival a favor da Assistencia das Portuguezas ás Vitimas da Guerra»

Nesta noticia não aparece o nome «Maria» antecendo o de «Adelaide», mas pela noticia transcrita anteriormente o leitor fica convencido de que em ambas as locaes se trata da minha cliente. E melhor se convencem disto as pessoas das relações desta senhora, pois que a familia costumava tratá-la somente por «Adelaide».

E por hoje basta. Nem o leitor nem eu estamos para ser vitimas desta guerra que o sr. dr. Cunha desencadeou.

**Bernardo Lucas.**

## PELO TELEGRAFO

### Uma greve

SANTOS, 7—Não tendo os empregados do porto obtido o aumento do salario que pediram, interromperam o trabalho.—*(Americana).*

### Cotações do café de Santos

SANTOS, 7—Cotação do café; typo 4, 9$075 reis os dez quilos; typo 7, 7$975. Vendidas 90.000 sacas, ficando um stock de 2.058.769.—*(Americana).*

### Cambio sobre Londres, valor do escudo

RIO DE JANEIRO, 7—Cotação do café, 11$100; cambio sobre Londres, 11 3/8 e 11 7/16; valor do escudo portuguez, 71), 775 reis.—*(Americana).*

### Regressando á Europa

RIO DE JANEIRO, 6—O aviador Lafay, da missão militar franceza, partiu no «Auriguy» para a Europa.—*(Americana).*

### Aformoseamentos em Nictheroy

RIO DE JANEIRO, 7—A Pearson Engeneering Corporation propoz á municipalidade de Nictheroy, capital do Estado do Rio, um emprestimo de trez milhões de dollars, destinados a trabalhos de melhoramentos da cidade, por ela executados.—*(Americana).*

### General Candido Rodrigues

RIO DE JANEIRO, 7.— Está melhor o general Candido Rodrigues, vice-presidente do Estado de S. Paulo, que, como noticiamos, foi vitima dum acidente de automovel.—*(Americana).*

### Apelo em favor da Austria

RIO DE JANEIRO, 7—O sr. presidente da Republica acolheu bem o apelo em favor da Austria que lhe foi dirigido pelo sr. Oscar Tefé, ministro do Brazil em Viena.—*(Americana).*

### O Brazil reconhece o governo mexicano

RIO DE JANEIRO, 7—Foi assinado o decreto pelo qual o Brazil reconhece o novo governo do Mexico.

Torres Dias, ministro dessa nação no Rio, apresentará proximamente as suas credenciaes.—*(Americana).*

### Morte dum diplomata

QUITO, 7—Morreu o coronel Mendoza Guerra, encarregado de negocios de Cuba. O governo do Equador decretou que lhe fossem prestadas as devidas honras militares e que os funeraes fossem por conta do Estado.—*(Americana).*



## O ARTIGO 55.º

A intimativa do sr. ministro das finanças ao parlamento para no praso de dez dias discutir as propostas que lhe apresentou e que dizem respeito aos encargos a distribuir pelos cidadãos, para ocorrer ás despezas do Estado, não pode, nem deve ser obedecida, não só pela independencia do poder legislativo que lhe incumbe defender vis-á-vis do executivo para se não cair numa ditadura mascarada, mas ainda porque as propostas são duma grande complexidade e demandam demorado estudo para serem conscienciosamente apreciadas em todas as suas modalidades.

Quanto mais as estudamos, quanto mais mergulhamos o nosso espirito naquela enfadonha prosa onde os «TT» e os «rr» dançam uma farandola ameaçadora para a algibeira dos contribuintes, mais nos convencemos de que o parlamento precisa de se entregar a um sério exame de tão melindroso assunto. Necessario é que o poder legislativo não deixe nas mãos do executivo alguma tremenda arma que coloque os contribuintes á mercê das suas incuraveis prodigalidades.

O povo quer pagar mais do que até aqui, está a isso inteiramente resignado, porque comprehende a obrigação que lhe impende de acudir ás necessidades instantes do Estado, mas pretende fazê-lo com a inteira confiança de que os sacrificios que lhe exigem, não são para malbaratar como até agora tem acontecido e quer pagar apenas aquilo que fôr legalmente estipulado, sem extorsões nem vexames contra os quaes a lei o deixe, porventura, sem defeza.

Por isso deve ter o parlamento muito especial cuidado em arredar da proposta que se discute, tudo o que se pareça com alçapões por onde possam vir a surgir a arbitrariedade e a violencia.

Está nesse caso o artigo 55.º, o penultimo artigo da proposta, que coloca os contribuintes completamente á mercê do arbitrio do poder executivo. E' senão, veja-se. Diz esse artigo:

«Fica o poder executivo autorisado a decretar a aprovação de regulamentos respeitantes a esta lei, regulamentos que podem ter a «maxima latitude» e em que se estabelecerá a fórma de fazer a fiscalisação das declarações dos contribuintes, o modo de exercicio no direito de reclamação, as regras para o calculo do rendimento colectavel, quando este dependa da avaliação directa, as penalidades para a falsidade das declarações, no caso em que esta lei seja omissa a tal respeito e tudo o mais que importe á boa execução da lei».

Tem este artigo um paragrafo unico que reza assim:

«Emquanto não forem publicados estes regulamentos, *o ministerio das finanças poderá expedir*, por intermedio da direção geral das contribuições e impostos *instruções que os substituam parcialmente.*»

E acabando de lêr isto que ahi fica, perguntará por certo o leitor, muito admirado, para que serviriam os 54 artigos anteriores. Foi a pergunta que a nós mesmo fizemos, visto que o artigo transcrito resume o que provavelmente se tem em vista—entregar o contribuinte amarrado de pés e mãos ao arbitrio do poder.

Dar a maxima latitude aos regulamentos, estabelecendo a forma de fiscalisar as declarações dos contribuintes e regulando o exercicio do direito de reclamação, equivale a obrigar o contribuinte a pagar o que ao poder executivo aprouver sem «tugir nem mugir». E' levar ao maximo rigor aquele proloquio popular—é pagar e cara alegre.

E então aquela liberdade com que ficará o ministro das finanças de estabelecer a forma de fiscalisar as declarações dos contribuintes, faz-te mer que venha a ter execução uma celebre frase pronunciada no parlamento por um impulsivo deputado que entregava á guarda republicana um papel preponderante no cumprimento das medidas de finanças.

O parlamento não pódo nem deve consentir que subsista tal monstruosidade. Os regulamentos tem de ser feitos absolutamente dentro do ambito e dos termos expressos da lei, sem mais latitude de qualquer especie e tudo o mais que se refere á fiscalisação das declarações, ao direito de reclamação e ás penalidades, deve ficar bem expresso na lei.

O paragrafo unico é, porém, ainda peor que o artigo, pois que, emquanto não forem elaborados os regulamentos, o que poderá levar propositadamente muitos anos, reinará em materia de contribuições o mais genuino arbitrio.

Ora o arbitrio não é de recoser em nenhuma organização nem serviço social e muito menos nos serviços em que se trata de esvasiar as algibeiras aos contribuintes.

Ahi poderá até dar origem a graves perturbações.

E como haverá possivelmente muitos outros artigos semelhantes a este monstruoso artigo 55, não pode nem deve o parlamento discutir a proposta do sr. ministro das finanças sem um demorado e consciencioso estudo, sendo insuficiente o praso que o titular das finanças lhe marcou, com uma errada noção da latitude dos seus poderes.

## PARLAMENTO

### Na Camara dos Deputados

A's 14,30, faz-se a chamada, verificando-se estarem na sala 20 legisladores.

Na presidencia, o sr. Abilio Marçal.

Com 30 logares ocupados, abre-se a sessão vinte minutos depois; lendo-se a acta e o expediente.

As galerias estão completamente desertas.

O sr. Ladislau Batalha solicita á presidencia que marque para amanhã, antes da ordem, o seu projecto pelo qual se proibe a exportação da azeitona.

O sr. presidente responde que já marcou para antes da ordem.

Nas galerias ha já nesta altura alguns espectadores.

O sr. Mariano Martins deseja que se discuta com brevidade o diploma que melhora a situação dos oficiaes de justiça e lê telegramas de Ceia e Meda em que os funcionarios dessa categoria naquelas localidades pedem aumento de vencimentos.

O sr. presidente toma o caso na devida consideração.

Depois, aprovam a acta 59 membros da camara, em seguida ao que o sr. presidente comunica os nomes dos deputados escolhidos para as vagas existentes em algumas comissões regimentais, visto estas terem sido reconstituidas provisoriamente.

Seguidamente, convida a comissão de finanças a reunir imediatamente.

O sr. Mariano Martins pede escusa de vogal desta.

O sr. presidente lembra que não pode tomar conhecimento desse pedido, por isso exceder as suas atribuições.

Reata-se a discussão do projecto referente á lei 999, que autorisa as camaras municipais a tributarem «ad valorem» as mercadorias exportadas nos seus concelhos.

O sr. Manuel José da Silva, do Porto, que hontem ficára com a palavra reservada, expõe a opinião de que a lei 999 já origina encargos e que, por consequencia, se deve manter até rectificar o nosso regime tributario. Isto muito embora esse diploma esteja em desacordo com os proprios principios da descentralisação administrativa e com a razão da nacionalidade.

O sr. Antonio Maria da Silva volta a salientar as desegualdades a que a lei 999 da logar, condenando a subdivisão de impostos e fazendo largas considerações sobre a vida dos municipios, em regra precaria, alguns com direito a criarem receitas correspondentes a sua produção regional. A proposito, refere-se detidamente aos vinhos do Douro, preconisando a ideia de, por intermedio do ministerio dos negocios estrangeiros, se reformar a nossa convenção com a França sobre esse genero. Defende a descentralisação municipal e na questão de Gaia desejaria saber o que ela cobra pela faculdade do receber sobre os 3 % ha um imposto que pode ir até 1 %.

O sr. Mem Verdial envia para a mesa a seguinte moção:

«A Camara dos Deputados, reconhecendo que a suspensão do artigo 3.º da lei 999 não resolvia os inconvenientes que porventura houvesse na sua integral execução, passa a ordem do dia».

Defendendo este seu documento, o orador diz que a camara de Gaia, tendo das que tem mais vasta area, carece de faculdades, o que, de resto, foi reconhecido pelo Parlamento quando votou a lei 999.

Nunca o lavrador do Douro reclamou o que reclamam os exportadores dos seus vinhos, que, com a sua ganancia, não desejam nem promover o nosso descredito no estrangeiro.

### No Senado

Preside o sr. Correia Barreto, secretariado pelos srs. Heitor Passos e Ramos Pereira, aprovando a acta 23 senadores e ocupando o seu «fauteuil» o sr. ministro do trabalho. Abre o expediente como de costume.

O sr. Rego Chagas endereça para a mesa um telegrama dos oficiaes de justiça, de Faro e Tavira, em que pedem a aprovação de um projecto melhorando a sua situação.

Em seguida procede-se á eleição das seguintes comissões:

Marinha — Celestino de Almeida, Azevedo Gomes, Travassos Valdez, Rodrigues Gaspar e Sousa e Faro.

Estrangeiros—Augusto de Vasconcelos, Celestino de Almeida, Augusto Martins, Bernardino Machado e Machado Serpa.

Legislação—Alfredo Portugal, Alves de Oliveira, Nunes do Nascimento, Dias de Andrade, Catanho de Menezes, Pereira Osorio e Oliveira e Castro.

Instrução. — Heitor Passos, Afonso de Lemos, Augusto de Vasconcelos, Abel Hipolito, Cristovão Moniz, Dias de Andrade, Dias Saraivo, Fernandes Torres, Lima Alves, Bernardino Machado, Silva Barreto, Rego Chagas, Pereira Gil, Raimundo Meira e Oliveira e Castro.

O sr. Paes Gomes pede providencias contra as ordens que inibiram as eleições de algumas Misericordias do paiz—ordem que teem sido dadas de que se não coadunam com a necessaria harmonia que deve existir entre todos os republicanos.

O sr. ministro do trabalho declara que as aludidas ordens não foram expedidas pelo seu ministerio, mas sim pelo do interior, isto porque essas eleições ameaçavam alteração de ordem. Como a situação financeira das Misericordias é dificil, promete que breve apresentar ao parlamento uma proposta de lei para obviar a tal situação.

O sr. Alves de Oliveira pede recursos para a camara de Ponta Delgada, visto ali grassar com intensidade a epidemia.


*(Vêr continuação na Ultima Hora)*


## Compressão de despesas

A nota que hontem inserimos com este titulo, levantou reparos, porque ha ainda muita gente convencida de que isto ha-de continuar, como até agora, em regimen de prodigalidade desenfreada. Engana-se redondamente quem assim pensar.

Até aqui, como o Estado nada mais podia do que aquilo que o povo estava habituado a pagar, este desinteressava-se do modo como as coisas publicas corriam. Admirava-se bem por vezes, que fossem os homens publicos buscar o dinheiro que tão inconscientemente malbaratavam, mas como nada mais lhe pediam, passava adiante.

O caso muda agora muito de figura. Está pendente da aprovação do parlamento uma proposta, em virtude da qual a pele do contribuinte fica a escorrer sangue e este, doendo-se, arrependido de não ter intervindo a tempo, insurge-se muito naturalmente contra a continuação do galope assustador das despezas publicas.

—Pago, mas ha-de ser bem empregado e a administração ha-de ser economica, diz, e muito bem, o contribuinte.

E' eis a questão. Se querem exigir do povo sacrificios, teem de paralelamente demonstrar por factos que as despezas serão reduzidas ao minimo indispensavel.

Senão, não.

Na nossa nota de hontem registavamos serem todos reconstituintes os politicos brindados com comissões rendosas no estrangeiro.

Vimos alguns que reconstituintes são apenas dois e que os outros são suplementistas.

Para o caso não importa. O engano é natural. Os nossos politicos andam n'uma tal dobadoura, de partido para partido, para grupos ou grupelhos, que muito dificil é distinguir-lhes a côr. E é por isso, que o povo tanto os confunde, n'aquela sua frase tão terminante: «são todos o mesmo».

O caso é este, insofismavel:

Querem sacrificios?

Reduzam as despezas.

## Pobres de «A Capital»

A quantia de $50 que o anonimo M. nos enviou, foi entregue a Manuel Correia Sampaio, rua Moeda, 15, 2.º.

O nosso agente sr. Caetano Ferreira Viola entregou-nos duas cautelas do numero 2.435, de $50 centavos cada uma, da proxima loteria do Natal, para, caso caiba algum premio a esse numero, reverter em favor dos pobres nossos protegidos.



## Movimento fisiologico da população de Portugal

O Instituto Central de Higiene publicou o primeiro volume desta estatistica, relativa a 1913, data do inicio dessa estatistica, que abrange o decenio de 1901 a 1910.

Em 1911 verificou-se que a cidade de Lisboa tinha uma area de 82,45 kilometros quadrados, sendo de 87,70 em 1910. Neste ano, a população da cidade era de 211.303 varões e 224.560 femeas, totalidade que em 1901 era de 174.987 varões e 181.022 femeas. As creanças até 10 anos eram em numero de 73.358.

Efectuaram-se 11.616 casamentos e deram-se 10.286 obitos no decenio 1901-1910.

Por esses obitos, nota-se que o flagelo da humanidade em Lisboa foi a terrivel tuberculose que vitimou 1709 pessoas, seguida no cortejo da morte pela lesão organica de coração que fez 834 vitimas. Em Portugal os tuberculosos falecidos no decenio 1901-1910 foram 123 054 individuos, tendo nascido 193.906.

E' um util trabalho o que agora foi lançado a publico pelo Instituto Central de Higiene.

## A guarnição do canal do Panamá

Segundo um telegrama de Washington, publicado pelo «Morning Post», em consequencia da viagem de inspecção realizada pelo presidente eleito dos Estados Unidos, Harding, diz-se que as fortificações do Canal de Panamá vão ser demolidas e substituidas por outras, ultra modernas.

Pessoas relacionadas com Harding declaram que a guarnição actual é insuficiente e vae ser consideravelmente aumentada.

O «Washington Times» diz que a Gran-Bretanha faz esforços inauditos para impedir que os navios americanos sejam isentos dos direitos de passagem pelo canal. Esse jornal acrescenta que em razão dessa vigorosa campanha, que se reflecte no discurso recentemente proferido pelo embaixador britanico, está posta a questão de saber se são os Estados Unidos ou a Gran-Bretanha que devem fixalisar o canal do Panamá.

## Pessoal da Companhia dos Telefones

Não tendo a direcção da companhia dos telefones podido atender as reclamações do seu pessoal, em virtude de, apezar do aumento de tarifas que ultimamente lhe foi concedido, não estarem ainda equilibradas as suas receitas e despezas, esse pessoal vae entender-se com o governo, a fim de intervir no assunto.

As reclamações do pessoal, ao que nos consta, são um aumento de 100$00 mensaes nos ordenados.

## SEGREDOS A TODA A GENTE

### A duvida

*Uma rapariga minha conhecida, toda ela o tipo de boneca de caixa de lenços, dizia-me, hoje, debaixo da sua sombrinha de seda encharcada:—Porque não escreve você uma cronica sobre a duvida?» Mas como, minha amiga,—se eu neste momento não tenho duvida nenhuma. Bem sabe que eu nunca duvidei de si—nem dos seus beiços pintados nem das suas olheiras roxas, nem dos seus pensamentos inconstantes. De resto, tenho apenas a duvida que os homens teem de todas as mulheres: como será você por dentro. Mas—pelo amor de Deus—eu não disse isto para você ir ámanhã gritar á sua modista que se quer despir por completo...*

### Na Bobone

*Abre ámanhã, ao publico, na Bobone uma exposição de pintura. Firma-a Frederico Aires. Percorri-a hoje. Interessou-me, sobretudo, pela côr bem portugueza das suas telas. Adivinha-se, surpreende-se em toda ela o céu azul, o luar v rde-alga, o sol dourado portuguez que explende, que chameja, que incendeia como uma nuvem de ouro que descesse, envolvendo perturbadoramente—aqui uma meda de palha, ali um caminho de serra, além um solar velho, minhoto, com o seu alpendre de tijolo e o seu beiral florido... E' possivel que a pintura não seja excelente—mas foi hoje neste dia de chuva o unico ponto de Lisboa onde vi o nosso sol.*

### «Recordar»

*Um poeta meu amigo, cujo colarinho de bicos talvez consiga ainda definir um admiravel tipo literario, publicou —Deus lhe perdoe—o seu inevitavel livro de versos. E' bom? E' mau? Nem sim, nem não—antes pelo contrario. Ha, porém, um ponto em que desde já discordo do titulo. Quando todos nós aos dezeseis anos temos que recordar só temos uma solução aos setenta: esquecer. A não ser que você tivesse nascido velho. Mas nesse caso, se você tem apenas dezeseis anos—começou a ser velho antes de ter nascido. E se isto lhe não dá a categoria de poeta, dá-lhe pelo menos a categoria de fenomeno.*

**Luis d'Oliveira Guimarães.**

### Lêr ámanhã na CAPITAL

**NA BOA PAZ**

**XXVII—A douta Lausanne... de cabeleira**

Croquis de viagem por

ARMANDO FERREIRA



## Tribunal Militar Especial

### O general sr. Macedo e Brito é absolvido

No tribunal Militar Especial, no Campo de Santa Clara, reuniu hoje este tribunal para julgamento do general sr. João Ricardo de Miranda Macedo e Brito.

O tribunal era composto do general sr. Francisco Rodrigues da Silva, presidente; promotor, general sr. José Vitorino de Souza; defensor, coronel sr. José Coutinho de Gouveia; auditor, sr. dr. Esculcas; secretario sr. tenente Gonçalves. O juri era composto dos generaes srs. Fernando Tamagnini de Abreu e Silva, Luiz Alberto Homem Cunha Corte Real, Braz Mousinho de Albuquerque, Alvaro Carlos da Silveira, Joaquim José Ribeiro Junior.

Constituido o tribunal dá-se começo ao julgamento ás 12.30

Feita a chamada das testemunhas, e depois d'estas recolherem a uma das salas, o presidente dirigiu ao acusado as perguntas de estilo.

A defeza contesta que o réu tenha praticado o crime de que é acusado.

Em seguida o reu que, sendo comandante de divisão e tendo-lhe constado que la haver qualquer movimento, mandou chamar os comandantes das diversas unidades, os quaes lhe responderam que nada sabiam.

Foi esperar o ministro da guerra, acompanhou-o ao quartel-general e a diversos quarteis e quando novamente o procurou, o ministro já tinha seguido para Lisboa e o dirigiu-se para o Monte Pedral, ouviu uma salva de artilharia e, depois de informado, soube ser a bandeira monarquica que estava sendo arvorada e que tinha sido restaurada a monarquia no Porto. Imediatamente comunicou para Lisboa o que se passava e disse mais que não tinha forças suficientes para sufocar o movimento, que pedia a demissão do seu cargo.

Seguem-se as testemunhas, começando por serem ouvidos os coroneis srs. Jacinto José Fragoso e Lucio Carolino de Melo Leite Gama Lobo, que disseram que não podiam opor resistencia por não terem homens nem armamento. O coronel sr. Costa Pereira diz que quiz operar no movimento de reacção mas não deu conhecimento ao general Macedo e Brito; diz saber terem sido chamados os comandantes dos corpos, mas ele não o foi. Nesta altura intervem o defeza que diz:—Sim, não o foi porque é alferes.

E' ouvida a testemunha de defeza, sr. Freitas Soares, então ministro da guerra, que afirma que na visita que fez ao Porto em companhia de alguns ministros, ficou com a convicção de que o general sr. Macedo e Brito, não pediu o movimento por não dispôr de forças, e só depois mais tarde novamente a bandeira republicana voltou a tremular no Porto, foi devido a efeitos de ordem estrategica das tropas republicanas na linha do Vouga.

O sr. defensor, dispensa as outras testemunhas.

Em seguida, é dada a palavra ao promotor que se refere ao libelo e conclue dizendo que o reu devia ter avançado para o local onde tinha sido restaurada a monarquia para ver se conseguia evitar que proseguisse aquele movimento.

O sr. defensor diz que, firmado nos depoimentos das testemunhas de acusação e ainda no notavel depoimento do tenente-coronel Freitas Soares se o sr. general Macedo e Brito, não opôs resistencia ás forças monarquicas foi devido á insuficiencia de tropas fieis e nunca por covardia ou desejo em não cumprir o seu dever como militar por este motivo pede a absolvição do reu.

Terminado o debate recolheu o juri para responder aos quesitos após o que voltaram á sala, sendo lida a sentença que absolveu o general sr. Macedo de Brito.

## As resoluções do conselho de ministros francez

PARIS, 7.—Na 3.ª feira houve reunião do conselho de ministros sob a presidencia do sr. Millerand. O sr. Leygues deu conta aos seus colegas dos resultados da conferencia de Londres; o sr. Albert Sarraut, ministro das colonias fez assinar diversos decretos sobre a realisação, na Africa Ocidental, das assembleas representativas sob a base de uma mais larga colaboração dos elementos indigenas e colonisadores; o sub secretario de estado da marinha mercante deu a conhecer ao conselho o programa proposto para a liquidação da frota do Estado.—*(Havas).*

## Doenças oftalmologicas

# Theatros e Cinemas

## PRIMEIRAS E REPOSIÇÕES

**THEATRO DO GINASIO — A Garra (La Griffe)** *4 actos de Henry Bernstein, trad. de Avelino d'Almeida*

### Peça

Folgo muito em ver que algumas emprezas dos nossos teatros vão tentando escolher os seus reportorios, emancipando-se de certo mau gosto que outras teimam em conservar.

Eu sou dos que creem que o nosso publico dos espectaculos de Arte—de toda a Arte—se tem educado. A recente pateada á interpretação da «Leonarda» e os triunfos de «Os Lobos»—e isto só pelo que respeita ao Teatro, e a um teatro—foram para mim duas agradaveis surprezas. Os emprezarios disputam-se as boas peças e os cartazes prometem nos uma epoca magnifica.

Bem hajam por esse papel inteligentemente educativo e patrioticamente util.

O entusiasmo pela literatura teatral cresce dia a dia, não só na leitura como na autoria de peças ou na critica de teatro: os livreiros arrumam estantes só com a secção do teatro e os novos dramaturgos portuguezes enxameiam—só seis tenho eu já aqui á mão, a participar em breves notas, com os seus manuscritos, notas que publicarei brevemente!

Criticos de teatro, ha-os muito rasoaveis em todos os jornaes, alguns teem-nos em duplicado ou em triplicado e até os ha... desempregados!...

Com tal movimento, a noite de hontem no Ginasio era esperada com ancia. E o sr. Alves da Cunha, procurando uma tradução de «La Griffe» deu no vinte.

Henry Bernstein e o seu teatro não precisam de ser aqui apresentados. No domingo passado o sr. José Parreira publicou no «Seculo» da noite, um belo artigo a proposito do teatro de Bernstein, e eu cairia em repetições enfadonhas vindo tres dias depois apontar os topicos daquela escola.

Já não se póde mesmo ouvir nem se deve portanto dizer que o teatro de Bernstein é horrivelmente belo, que o amor nos personagens de Bataille se encontra não no que eles dizem, mas sim no que não dizem, que o teatro do Wolff é choramingas, que o de Sacha Guitry é pitoresco e o de Bourget maçudamente doutrinario, etc., etc.

Ha, no entanto, a proposito da obra de Bernstein uma boa frase que classifica primorosamente a sua galeria psicologica. Essa frase é de Henry Bordeaux, escritor que convem citar aqui porque anda agora na pena de todos os nossos criticos. Escreveu ele que o teatro de Bernstein parece «um ginasio onde se veem atletas em todas as posições excepto na normal». Ora em «A Garra», a mais repugnante da serie de peças de seis letras, vê-se uma cambalhota por Cortelon e uns passeios em corda bamba por Maria Antonia. E tudo pelo seguinte:

No 1.º acto, passado em casa do jornalista Doulers, Maria Antonia, sua filha, impulsiva e ambiciosa, leva o patrão de seu pae, Achiles Cortelon, chefe do partido da oposição socialista e director do «Popular», a pedi-la em casamento.

No 2.º acto, Maria Antonia é já a senhora Cortelon.

Avida de sensações de amôr e de luxo material — o amôr é um luxo espiritual! — desvaira tanto o marido com a sua sedução, que este compromete o seu nome politico em negocios obscuros, para lh'as satisfazer. E por isso, Ana, filha do primeiro matrimonio, vê-se forçada a abandona-lo como tambem Vicente Leclerc, o seu melhor e mais intransigente redactor. No 3.º acto, Cortelon, escorraçado por dez anos de dissabôres conjugaes — Maria Antonia, desbragada de todo, coleciona amantes ricos — vae procurar consolar-se — honesta consolação! — ao «Studio» da filha, artista com bastante fama, e encontra ali o seu ex-amigo Leclerc, que em tempos amou Maria Antonia, o que Cortelon julga que é hoje correspondido.

E deante deste homem, agora seu adversario irreductivel, faz uma scena vergonhosa em que se humilha ao ultimo ponto, numa crise de gagaismo...

Mas com o 4.º acto, é elevado ao poder, e vêmo-lo ministro, e por causa de sua mulher, ministro concussionario... Uma prova da sua concussão está nas mãos dos seus adversarios e vão interpelá-lo no parlamento, para o que ele precisa da maior energia e da mais ousada coragem. Estes só lh'as dará o amor que tem pela sua mulher, o que persiste sempre...

Mas Maria Antonia, presentindo a catastrofe, foge com um amante, e Cortelon, caindo num acesso de demencia senil, delira...

—Ora foi a este pantano, onde nem se quer entra um raiosinho de sol, de ideal, de lirismo, de amor,—o amor de Cortelon é um destempero—de que o publico do Ginasio hontem se abeirou.

Se ha peça Bernstein em que duma maneira completa estejam banidos os otimismos mentirosos, as impossiveis dedicações incondicionaes, os triunfos inexactos do justo e do belo—os atentados contra a Arte, as impiedades e os insultos para com a miseria humana, como os classifica o proprio Bernstein—é «A Garra», bem mais ainda do que «Samsão».

Por isso, «A Garra» apresenta se nos dumas asperezas insolita, duma brutalidade extrema. Sacode-nos com força os nervos e desconsola-nos o coração, mas está-se interessado, gosta-se de vêr e de ouvir até ao fim, traz-se uma emoção para casa...

E' tanto quanto basta em teatro...

### A tradução

Um pouco abusiva no calão. Já bastava o que o autor lhe poz... a tradução do titulo é cacofonica... E' justa, mas sôa desairosamente a titulo de revista do ano.. Em Arte, nem sempre o belo é o justo...

**Ruy de Veras**

### Desempenho

Alves da Cunha teve hontem, entre nós, o papel de maior responsabilidade da sua vida artistica. Venceu e venceu bem. O primeiro acto só tinha de dificil a declaração, sempre ridicula quando feita dum velho a uma rapariga; foi correto e não nos estranhou a sua bôa linha bonacheirona. No segundo tem um trivial papel, optimo para a mascara de apreensão, de incerteza — a mascara dos ultimos escrupulos a evolarem-se — mas que para Alves da Cunha era de facil interpretação, e nós não duvidavamos o seu sucesso. No 3.º acto, principalmente neste, o valor de Alves da Cunha estava á prova; neste acto, o seu trabalho teve altos e baixos, nem podia deixar de ser.

Não deu a interpretação de Guitry; deu uma sua interpretação, e se tropeçou, quantas vezes, nos laços imperceptiveis dum papel dificilimo, venceu brilhantemente noutras passagens, tendo comtudo esta honra, este brilho de ter feito obra sua.

A sua entrada é espectral.

A rubrica da peça em que Berstein escreve sob a figura de Cortelon «Un spectre» existe só no 4.º acto; Cortelon deve vir apenas amachucado; as suas lagrimas, a conversação com sua filha, a parte mais sentimental, deve ter qualquer coisa de doloroso, de amorfanhado; não deve ser ridiculo ainda, e o marido «idiota» que Alves da Cunha levanta ante os nossos olhos, não é ainda tão verdadeiro como ele proprio se classifica; ainda é um homem que tem a lucidez para se conhecer, e deve lembrar-se, devia lembrar-se o nosso belo actor, que esse velho irrisprio que nos apresenta, ainda tem 4 anos para viver e no ultimo acto, passados 4 anos é ministro. Quem levaria a ministro uma figura como a do já demente personagem que Alves da Cunha nos dá tão brilhantemente? Parece-nos na nossa modesta opinião, e sem atentarmos contra a grande admiração por Alves da Cunha muito antes pelo contrario, que Cortelon é nesta altura da peça apenas um vencido, um apaixonado, um obstinado duma idéa perversa, fisicamente abatido, mas com o espirito ainda suficientemente claro para emitir essas rajadas de bom senso, de adeus á dignidade, á estima, ao respeito dos outros...

Boas mascaras, jogo fisionomico por vezes explendido, dição calma segura, em varias scenas; a queda é de seguro efeito.

O ultimo acto é perfeitissimo. O papel é mais egual, não tem subtilidades para grandes actores; é creação a encarar de frente, e Alves da Cunha venceu-o admiravelmente.

Em volta deste explendido actor muito boas vontades; a sr.ª Berta Bivar exageradamente hipocrita, mais hipocrita do que é de natural, tendo de quando em vez olhares bons, instintivos.

Joaquim d'Almeida, um bom rabelista, apresentou-nos um «frac» socialista com estudo Otelo de Carvalho, continua na galeria de tipos bem observados. e Maria Izabel, necessitando de quem lhe diga para não entrar em scena como um pequeno atleta, os punhos fechados, os braços um pouco curvos ao longo do corpo. Mas... nos restantes e todos mais... bôas vontades e muito bôa direcção scenica; aquele menino academico trazia um dedo admiravel de ensaiador que aliaz por toda a parte se sentia.

Muitas palmas, grande e incontestavel sucesso.

E' verdade que metade do entusiasmo foi devido e merecidissimo ao valor de Alves da Cunha, e a outra metade, de afecto e simpatia, se pode encontrar explicada na psicologia das multidões de Gustave Le Bon. Mas, sim, um belo espectaculo no todo. Sae-se satisfeito.

«Scenarios.—Tirando a conhecida casa de Doulers, onde todos nós temos estado já por vezes, muito simpatico no seu papel de garças—aliasivo—os restantes scenarios são novos e bem cuidados. Menção especial para o arranjo do interior do atelier.

Muito bem. Opinião ultima e decisiva: gostámos, aplaudimos, e quem tem inveja que faça o mesmo.

E' isso o que desejamos.

**Armando Ferreira.**

Ler amanhã «A Sala» e «A critica das criticas».

## Noticiario

**Entre nós**

Publica-se amanhã a «Pagina Teatral», de «Os Sports» que tanto interesse tem despertado no nosso meio artistico. A sua colaboração escolhida marca pela justeza da sua critica e pela sinceridade das suas opiniões, entre os bastidores. E de tal forma o publico tem correspondido com o seu fervoroso acolhimento á «Pagina Teatral»—que a partir de janeiro esta começar-se-ha a publicar ás quintas e domingos, com a mais escolhida colaboração.

# ULTIMA HORA

## POLITICA

### Desacordo acêrca das autoridades administrativas — São muito mais os pretendentes que os distritos

A questão das autoridades administrativas é o assunto que mais prende as atenções dos politicos. Os ministros teem por varias vezes trocado impressões sobre o assunto, mas ainda se não chegou a acordo, parecendo que hoje á noite volte o conselho a ocupar-se do caso. Cada agrupamento politico que constitue o ministerio, deseja para si ou para os seus amigos varios distritos o que dá em resultado haver treze quatro pretendentes para um ou outro districto.

O cargo de governador civil de Lisboa é o mais disputado pelos populares e reconstituintes, tendo-se desinteressado do caso, os democraticos, que se julgam satisfeitos com a escolha que fizer o presidente do ministerio e ministro do Interior.

O capitão, sr. Lelo Portela, não ficará a exercer o cargo.

Isso é coisa assente.

Está resolvido que os governos civis serão divididos irmãmente por todos os grupos e partidos que teem representação no governo: 5 para os democraticos, 5 para os reconstituintes, 5 para os populares, 5 para os suplementistas e 1 independente que naturalmente será o de Lisboa.

Amanhã terá o assunto a sua sanção definitiva em conselho de ministros, conforme ha pouco nos afirmou o sr. presidente do ministerio.

### O parlamento exige redução de despezas, protestando contra as nomeações para comissões no estrangeiro

A nomeação dos srs. Jaime de Sousa e Velhinho Correia para a comissão de reparações em França, parece destinada a levantar certa celeuma no parlamento. O ministro que fez taes nomeações, o sr. dr. Domingos Pereira, vae so que consta, ser interpelado na camara sobre esse caso.

N'uma ocasião em que se exigem sacrificios ao povo continua-se a prodigalisar sem conta nem medida o dinheiro dos contribuintes.

O sr. Jayme de Souza vae receber com essa comissão choruda uma coisa equivalente a 118:779$65 por ano, ao cambio de hoje 7 3/8.

O sr. Velhinho Correia perceberá ao mesmo cambio 96:023$72 por ano, o que da um total de 213:803$38,4 por ano!!

Num paiz cujos cofres estão exaustos, conforme ha dias declarou o sr. ministro das finanças, não será luxo demasiado?...

### Os independentes

Os independentes resolveram não constituir grupo. E' natural! Pois se são independentes, como hão-de agrupar-se? Deixariam de o ser. São 11 deputados e 8 senadores. Concordaram reunir todas as semanas para estudar alguns assunto e no caso de chegarem a acordo delegar num deles a incumbencia de falar por todos nas sessões. Cada semana será escolhido um para esse efeito.

O sr. dr. Costa Junior, dissidente socialista, conta-se agora no numero dos independentes.

### Os populares

Os populares estão trabalhando activamente para o seu congresso que se realisará em meiados do proximo mez de Janeiro, no teatro Apolo.

## No Senado

Os srs. Alves de Oliveira e Alvares Cabral secundam o pedido de providencias formulada pelo orador antecedente.

O sr. ministro do trabalho promete adentro dos recursos de que pode dispor, atender ás referidas reclamações.

Os srs. Pereira Gil, Alfredo Portugal e André de Freitas remetem para a mesa varios telegramas dos oficiaes de justiça da Covilhã, Idanha, Certã, Porto e Ilha do Pico pedindo a votação do diploma que os ha de beneficiar.

O sr. Bernardino Machado ocupase do 2.º aniversario da revolução de dezembro que classifica de vil atentado contra a Republica, pois que, esse movimento, destituiu o Presidente da Republica e dissolveu um Parlamento legal.

Envia para a meza uma proposta de saudação aos militares Agatão Lança e Afonso Cerqueira que—Jiz—se bateram por essa ocasião.

O sr. Herculano Galhardo, associa-e á saudação, enaltecendo tambem a a acção do sr. senador tenente-coronel Velez Caróço, no citado movimento.

Os sr. Lima Alves, Americo de Almeida, Alves Monteiro, pelos partidos reconstituinte, liberal e dsidente; Liberato Pinto, pelo governo; Melo Barreto e Oliveira e Castro em nome pessoal egualmente se associam á proposta que é aprovada por unanimidade.

O sr. Velez Caroço, agradece as palavras amaveis que lhe foram dirigidas, declarando que, apenas cumpriu o seu dever.

Na ordem do dia, continua a eleição das diversas comissões.

Obras publicas, portos e comunicações—Herculano Galhardo, Sousa e Faro, Gaspar de Lemos, Alvares Cabral André de Freitas, Azevedo Gomes Cristovão Moniz e Fernandes Torres.

Petições—Sousa Varela, Abel Hipolito, Travassos Valdez, Pereira Gil e Silva Barreto.

Orçamento—Rodrigues Gaspar. Rego Chagas, Ernesto Navarro, Vicente Ramos, Pereira Gil, Borges da Costa, Velez Caroço, Alvares Cabral, Rodrigo de Castro, Lima Duque, Constancio de Oliveira, Cristovam Moniz, André de Freitas, Augusto de Vasconcelos, Lima Alves, Fernandes Torres e Celorico Palma.

A sessão continua.

## Universidade Popular Portugueza

Realisa-se hoje, pelas 21 horas, a primeira d'uma série de conferencias pelo sr. dr. Azevedo Perdigão, sobre «Economia social; condição das classes trabalhadoras».

A entrada é livre.

## LIVROS E PUBLICAÇÕES

**Triangulo Vermelho.**—D'esta revista mensal, orgão das Associações Cristãs da Mocidade, e de que é director o sr. Eduardo Moreira, saiu o primeiro numero, muito bem ilustrado e bem redigido. Agradecendo a sua visita, assim como a do seu director, que teve a gentileza de nos vir cumprimentar, desejamos-lhe longa e prospera vida.

**Camara Portugueza do Rio de Janeiro.**—Recebemos os numeros 7 e 8 do 8.º ano do Boletim da Camara Portugueza de Comercio e Industria do Rio de Janeiro, relativo a julho e agosto findos.

**La Hacienda.**—O numero 1 do 16.º volume d'esta revista, de que é representante em Lisboa a casa Silva Dias, da rua do Arco do Marquez d'Alegrete, 13, vem, como de costume, profusamente ilustrado.

## NOTICIAS DA CAPITAL

**A serie diaria.**—Queixaram-se á policia: Antonio Fernandes de Oliveira, rua das Cavalariças do Infante, 45, 3.º, e encarregado das oficinas metalurgicas na rua da Costa pertencentes ao ministerio do comercio, direcção dos edificios publicos, de que os gatunos entraram nas referidas oficinas por meio de arrombamento, subtraindo chumbo e outros metaes, cujo valor ainda se desconhece; Vitor de Araujo, rua do Salvador, 43, 2.º, de que na hospedaria da rua das Atafonas, 25 1.º, lhe furtaram um sobretudo no valor de 150 escudos; Albino Gomes, rua da Maria da Fonte, 9, 2.º, de que tendo alugado uma bicicleta no valor de 150 escudos a um desconhecido, este se evadiu com a maquina.

—Francisco Augusto, rua Zofimo Pedroso, 4, foi preso, por ter assaltado com outros individuos que se evadiram, José Borrego, rua Vale Formoso de Baixo, 1, o qual ficou com varias contusões pelo corpo e sem a carteira.

**Prisão do encarregado de uma obra.**—Antonio Simões, morador na rua do Meio á Cascalheira, 6, foi preso, porque sendo encarregado das obras de um predio em construção na rua de D. Estefania, este não está nas devidas condições de segurança, principalmente quanto á montagem dos andaimes, o que deu ocasião a que o operario José Joaquim de 18 anos, morador na calçada de Arroios 7, caisse da altura de um terceiro andar, ficando com varias contusões pelo corpo e tendo de recolher a uma das enfermarias do hospital de S. José, como noticiámos.



## VIDA SPORTIVA

### Reunião hipica

A Sociedade Hipica Portugueza, se o tempo se mantiver bom, realisará no proximo domingo, no seu Hipodromo de Palhavã, uma reunião hipica que se comporá de duas «poules», um para cavalos sem handicap e outra par cavalos com handicap.



## O concerto Blanch de domingo

E' dos que hão de ficar memoraveis o concerto da «Orquestra Sinfonica Portugueza», dirigida pelo maestro Pedro Blanch, que no proximo domingo se realisa no teatro São Luiz. Executam-se pela 1.ª vez em Lisboa duas composições celebres, o famoso «scherzo, A Rainha Mab ou a Fada dos Sonhos, Romeu e Julieta», considerado em todo o mundo musical a mais notavel obra prima do grande Berlioz ea Introdução do 1.º acto de «Fervaal» a extraordinaria composição de Vincent d'Indy. E ainda a «Sinfonia do «Novo Mundo», de Dvorak; o «Freyocholtz» de Weber; a «Rapsodia em fá», de Liszt, a «Marcha hungara de Damnation da Faust», de Berlioz, e outras composições celebres. E' um magnifico programa como dificilmente se tornará a ouvir.



## Alfandega de Lisboa

### Leilão

Quinta-feira, 9, ás 12 horas, no armazem de leilões, serão vendidas mercadorias descarregadas dos vapores ex-alemães, que constam de: 70 maquinas para costura, tapetes orientaes, 1.500 sacas de café e 300 de cacau, 150 caixas de cerveja, 4 barricas de erva dôce, tintas preparadas Burrel e em pó, objetos para escritorio, leques, our nois esmaltados, candieiros, lampadas, fio de algodão e diferentes pertences para electricidade, serras e serrões.

Alfandega de Lisboa, 4 de dezembro de 1920.

O escrivão
Alfredo Marcolino de Almeida

## Monte-pio Comercial e Industrial

(Associação de Socorros Mutuos)

### Meza da Assembléa Geral

**Convocação**

Por ordem do sr. Presidente, convoco os senhores associados, no goso integral dos seus direitos, a reunirem em assembléa geral ordinaria, na séde deste Monte-pio, pelas vinte e umah oras do proximo dia 22 do corrente, afim de elegerem os corpos gerentes e o delegado ao Conselho Regional para o exercicio de 1921. Não reunindo numero legal, realisar-se-ha a sessão no imediato dia 30, no mesmos local e hora, com egual ordem de trabalhos e qualquer numero de socios presentes.

Lisboa, 7 de Dezembro de 1920

O 1.º Secretario
*Raul Dias d'Almeida Braz*

## Alfandega de Lisboa

Sexta-feira, 10, ás 14 horas, no Entreposto da Exploração do Porto de Lisboa, armazem 1, proceder-se-ha á venda, por conta e risco de quem pertencer, de 27:000 kilos de arco de ferro para pipas e barris.

Alfandega de Lisboa, 6 de dezembro de 1920.

O escrivão.
Alfredo Marcolino de Almeida

# A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3720 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Quinta-feira, 9 de Dezembro de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71 | Preço, 5 centavos

## Monstruosidade

Tudo indica que ficará celebre o estupendo art. 55.º da proposta de finanças apresentada pelo sr. Cunha Leal no parlamento. E' que, na realidade, nunca se viu ameaçar mais ousadamente com o arbitrio precisamente quando se pede ao parlamento uma lei que, ao menos, deveria eximir os contribuintes ás prepotencias e aos caprichos dos governantes.

Já hontem a «Capital» publicou em fantastico artigo, mercê de qual não ha perseguição, não ha vexame, não ha expoliação que não sejam possiveis. Mas entendemos ser conveniente reproduzi-lo mais uma vez para que todos possam gravar na imaginação o espirito afrontoso ofensivo de todas as garantias da constituição da Republica, que inilodivelmente o ditou.

Diz o art. 55.º:

«Fica o poder executivo autorisado a decretar a aprovação de regulamentos respeitantes a esta lei, regulamentos que podem ter a maxima latitude, e em que se estabelecerá a forma de fazer a fiscalisação das declarações dos contribuintes, o modo de exercicio no direito da reclamação, as regras para o calculo do rendimento colectavel, quando esta dependa da avaliação directa, as penalidades para a falsidade das declarações, no caso em que esta lei seja omissa a tal respeito, e tudo o mais que importa á boa execução da lei».

Um paragrafo deste artigo consigna ainda que emquanto os regulamentos a que o artigo alude não forem publicados, o ministerio das finanças expedirá as suas instrucções que terão por fim substitui-los.

Lê-se este monstruoso artigo e fica-se pasmado de que, no nosso tempo, e na vigencia dum regimen como a Republica, possa haver a audacia de o apresentar ao parlamento duma nação livre!

Com efeito, apesar da proposta de finanças contar 57 artigos, ainda por fim se anuncia a elaboração de regulamentos que não necessitarão da aprovação do poder legislativo, e concebidos com tal latitude que dentro deles tudo cabe, desde os vexames até ás devassas, desde a invasão do domicilio até á privação da liberdade dos cidadãos.

Estes diplomas necessitarão apenas dum decreto do governo. E' abrir a porta ao mais escandaloso arbitrio de que possa haver memoria em terra portugueza.

De resto, o arbitrio começará desde a aprovação da proposta, porque o ministro enviará as suas instrucções, emquanto não tiver publicado os draconianos regulamentos que anuncia.

E' espantoso, mas é assim mesmo!

Não contente em querer fazer aprovar de afogadilho o documento mais grave que tem aparecido até agora em materia tributaria, o sr. Cunha Leal ainda ameaça o paiz inteiro com mais uma aluvião de leis feitas por ele proprio, sem necessidade de sanção parlamentar, e para a qual quer armar-se com uma autorisação que lhe permita «a maxima latitude»!

Pode o parlamento tolerar isto? Não pode.

E' preciso que se saiba o que o governo pensa do parlamento, se entende que ele é um joguete que se maneja, ou uma assembléa de creanças que se amedrontam. E' preciso que se saiba o que está atraz de tudo isto, e se, a pretexto de que o parlamento tem merecido censuras, já se vislumbra o reflexo das espadas que pretendem degolá-lo.

A verdade é que o parlamento tem cometido erros, a verdade é que a sua composição deixa muito a desejar; mas acima de tudo é necessario não esquecer que a Republica não tem existencia verdadeira sem a existencia do poder legislativo, e que o poder legislativo é representado por este parlamento.

Pode ele ser substituido? Pode, em casos que as circunstancias apontem e pela forma regular que a Constituição preceitua. Mas não pode ser ultrajado; mas, emquanto existe, tem de ser acatado, porque desacatá-lo é ferir a Republica no coração.

Temos tido periodos em que o parlamento tem sido desacatado? E' certo: tivemos o pimentismo, tivemos o sidoismo, ambos com o desprezo do parlamento, procurando-se reduzir-nos a uma republica no genero das da America Central. Não supomos crivel que, depois de experiencias tão funestas, possamos cair no que se poderia denominar o [illegible]haitismo, e que possivelmente seria de todas a mais absurda e desastrosa.

O parlamento tem que olhar a serio para a proposta que o sr. Cunha Leal lhe apresentou, ácerca da qual se desenha já em toda a parte um movimento de indignação, sucedendo á primeira impressão de surpreza o pasmo que não podia deixar de suscitar.



## DOIDOS, ELES!

### Mais documentos. — A colecção zoologica

Outro grupo de senhoras, constituido com o mesmo patriotico fim da assistencia, foi a *Cruzada das Mulheres Portuguezas*. Esta instituição, onde predominava o espirito democratico, reuniu-se algumas vezes **no Paço de Belem**; e uma das suas sessões efectuou-se nesse local no dia **3 de Abril de 1916**, data que eu citei na carta anterior.

A proposito desta sessão, dizia previamente o *Diario de Noticias* da mesma data:

«**Cruzada das Mulheres Portuguezas.** — Reunem-se hoje as 16 horas, no Palacio de Belem, as comissões eleitas *e mais as senhoras convidadas*, para se discutirem assuntos referentes a esta patriotica iniciativa».

Não diz o jornal quem foram *as senhoras convidadas*, mas é sabido que, entre outras damas, receberam convite as esposas dos membros do Parlamento.

Teve logar efectivamente a reunião na tarde desse dia e a ela compareceu a minha cliente sr.ª D. Maria Adelaide Coelho da Cunha.

Comquanto o *Noticias* do dia seguinte não trouxesse o nome dela, o leitor vae vêr que ela esteve lá. De resto, se esse jornal não trouxe o nome da minha cliente, foi porque se limitou a indicar os nomes das senhoras que então compareceram pela primeira vez. «*Além das senhoras que assistiram á sessão anterior*», diz ele, estiveram presentes taes e taes.

Tambem não dissera quaes as senhoras que tinham estado presentes á sessão anterior (efectuada em 27 de março de 1916), mas o *Seculo* de 28 de março, preenche esta lacuna, com a sua completa informação nos termos seguintes:

«Assistiram as senhoras D. Joana Gomes Gulhardo, D. Leonil Vigiante Gomes, D. Ester Norton de Matos, D. Ana de Castro Osório, D. Maria Luiza da Cunha Braamcamp Freire, D. Tereza Teixeira de Queiroz, D. Maria Leonor Correia Barreto, D. Amelia Leote do Rego, D. Adelaide de Menezes Parreira Fernandes Costa, D. Maria Guerra Junqueiro Mesquita de Carvalho, **M.me Alfredo da Cunha**, D. Ana Marques da Costa, D. Angelina Melo de Azevedo Gomes Shirley».

Desejo, todavia, prova mais segura da ida da minha cliente ao Paço de Belem em 3 de abril de 1616, e vou buscá-la ao *Mundo*. Este jornal, no seu n.º 5050, de 4 de abril, traz a seguinte local:

«**A Cruzada das Mulheres Portuguezas.** — Sob a presidencia da sr.ª D. Alzira Dantas Machado, esposa do sr. Presidente da Republica, reuniu ontem, no Palacio de Belem, a Cruzada das Mulheres Portuguezas, cóm grande concorrencia de senhoras da nossa primeira sociedade, entre as quaes as esposas dos actuaes membros do Govêrno e de todos ou quasi todos os antigos ministros.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Receberam se varias adesões e oferecimentos, entre os quaes... do Jardim Zoologico, oferecendo-se, por intermedio da sr.ª **D. Adelaide da Cunha**, para qualquer festa que a Cruzada queira levar a efeito naquele jardim.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

«Entre outras estiveram presentes as seguintes senhoras: D. Maria Joana de Almeida, D. Etelvina Pereira de Eça, D. Estefania Macieira, D. Ana de Castro Osorio, D. Adelaide Fernandes Costa, D. Maria da Conceição Pereira de Eça, D. Henriqueta Alvares Cabral, D. Eugenia Prestes, **D. Adelaide Cunha.**»

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Basta por agora. Eis a minha cliente. Comeram-lhe o Coelho, mas é a mesma.

E pela *Luta* (n.º 3696) e *Republica* (1879) é confirmada a informação do *Mundo*.

Ninguem pode duvidar, portanto, do que a minha cliente estivesse em Belem, no dia mencionado.

*

Decerto o leitor já presumiu a razão que tambem me levou lá nesse dia. O sr. Dr. Cunha, esse está a fingir que não percebe.

Com uma senhora que me diz proximamente respeito, e que, tendo recebido convite, lá foi tambem, tinha eu combinado sair da Camara antes de findar a sessão dos deputados e ir a Belem buscá-la. Assim fiz e, quando depois da reunião da Cruzada e dum *chá* que o sr. Presidente da Republica gentilmente ofereceu a todas as senhoras, eu lá cheguei, segundo a combinação feita, encontrava-me, numa das salas de entrada do palacio, com a senhora que ia buscar e com varias senhoras que se dispunham a sair. Uma destas era a sr.ª D. Maria Adelaide, para a qual me foi chamada a atenção e que tive a ocasião de examinar de perto durante alguns minutos.

Agora me recordo de que deixei ha pouco interrompida a lista das senhoras presentes no Palacio de Belem, que vinha transcrevendo do *Mundo* e que é, com pequenas diferenças, a mesma que se lê tambem em alguns outros diarios dessa epoca. Completemo-la:

«... D. Raquel Vicente Ferreira, D. Maria Luisa Braamcamp Freire, D. Carolina de Pádua Franco, D. Tereza Teixeira de Queiroz, D. Elisa Stromp, D. Joaquina Dias Ferreira, D. Adelaide Cupertino Ribeiro, D. Berta Castelo Branco, M.lle Ribeira Brava, D. Laura Moraes Sarmento e Simas, D. Amalia Arantes Pedroso, D. Joana Gomes Galhardo, **D. Elisa de Almeida Lucas**, D. Ema Marques da Costa e D. Ester Norton de Matos».

Ora veja lá, sr. Cunha, se adivinha por causa de quem eu iria nessa tarde ao Palacio da Presidencia?...

Ainda lhe parece impossivel que eu me encontrasse alguma vez com S. Ex.ma Esposa antes de a visitar no Palacio do Conde de Ferreira, onde a gentileza de **V. Ex.ª** lhe deu hospedagem?

*

Do que tenho pêna é de que a sr.ª D. Maria Adelaide já não disponha do *Jardim Zoologico*. Se tivesse ás ordens tal recinto, não iria ali decerto fazer neste momento uma festa, mas poderia abrir uma soberba exposição de raridades.

Lá teria cabimento uma fera, de que, ha mais de dois anos, anda a livrar-se; passearia dentro de uma jaulá um imponente leão amoroso, de jubá á maestro; ao lado dele, em singulár contraste, ficaria bem um destes canichos que a gente costuma ver, a fingir de leões pelo corte do pelo, mas que são humildes e andam sempre atraz do dôno; mais alem, mostrar-se-hiam dois leõsitos, filhos do leão grande, sem fortes instintos sanguinarios por emquanto, mas que já vão mordendo, excitados pelo pai; na capoeira um galo descrépito ocuparia, apesar da sua decrepitude, um logar de honra, pelo brilho da plumágem e pela sonoridade com que outr'ora cantou entre os galos francezes; abaixo dele, um galispo, esganiçando-se por cantar alto, sem o conseguir, ver-se-hia fazer mil esforços para saltar ao poleiro do outro — cousa dificil por não ter azas para voar, nem forças para dar o salto; iriam tambem para a exposição duas ratazanas, que nunca ninguem viu dentro de casa, mas que por fim cairam na ratoeira; talvez para lá se apanhasse algum rato de sacristia; a *Girafa* do Conde de Ferreira poderia ali exibir a sua elegancia; não faltaria uma linda gaiola para o Ave-Negra, passaro de estimação que eu sinceramente estimo; alguma vibora havia tambem de aparecer de veneno subtil; como raridade excepcionalissima e inconfundivel, um casal de camaleões teria logar de destaque (a fêmea, sobretudo, é um curioso bicho, embora nas suas cambiantes mostre que é feio); e, para alegrar o conjunto, espalhar-se-hiam, uns melros de bico bem amarelo e alguns passaritos bisnaus.

Que esplendida colecção zoological Desde os grandes animaes ferozes até a miuçalha inofensiva, percorrendo a escala dos que mordem, dos que laceram, dos que marram, dos que escoicinham, dos que rastejam, dos que babam, dos que empeçonham e desde os que uivam, roncam, zurram, guincham ou ladram, até aos que sómente chiam, a sr.ª D. Maria Adelaide talvez não reunisse muitos, mas havia de encontrar, por certo, alguns exemplares perfeitos que chamassem a atenção do publico.

Infelizmente não tem agora á sua disposição o *Parque das Larangeiras*.

**Bernardo Lucas.**

## SEGREDOS A TODA A GENTE

### Constipadas

*Lisboa anda positivamente com o pingo no nariz. E' a fruta do tempo. E' a obra do frio. Temos de nos resignar — como todos os que sofrem; temos de resistir — como todos os que vivem. Dezembro constipou-nos — decerto como reclame ao chá de limão e ás papas de linhaça. Mas é interessante notar que Dezembro constipou sobretudo as mulheres, e constipou-as precisamente depois de elas se terem abafado. Donde se conclue, salva opinião em contrario, que não ha nada para resistir ao frio — como andar nu*

### Os óculos

*Em Portugal finge-se que se não vê. Melhor: em Portugal vê-se pouco. Ou antes: em Portugal todo o mundo usa oculos. E' um truc como o foi a luneta d'oiro de Pina Manique? E' apenas um acidente de* toilette *— como a gravata, o chapeu, a bengala? Ou não será antes em muitos casos uma verdadeira necessidade profissional? Ha de tudo — e em qualquer dos casos o facto é mais ou menos legitimo. O que não compreendo é porque se ressurgiu em pleno seculo XX os velhos oculos de Quevedo tão grandes, tão redondos, tão exquisitos, que me dão a idéa duma bicicleta de rodas de vidro — fazendo equilibrios sobre o nariz de toda a gente.*

### O fumo

*Fumar será realmente um vicio? Não. Fumar é antes uma grande virtude — dos fumadores. O cigarro é como o sorriso e o sorriso é a melhor obra do homem. Mas suponhamos que o cigarro é um pecado como o amor? Mesmo assim chegariamos á conclusão de que se destroe a si mesmo — o que é incontestavelmente uma virtude. Mesmo para os grandes platonicos, como Leão XIII fumar não é um vicio: é apenas um mau habito.*

**Luis d'Oliveira Guimarães.**

## Ordem publica

A policia de Segurança do Estado enviou hoje para o 3.º juizo de investigação criminal: Alvaro Machado, José Pinto Martins, João Fernandes Gonçalves, João Passos, Francisco José Casanova Ferreira, Eduardo Navarro Gorjão e Anibal da Silva Junior, uns que andavam afixando manifestos do aniversario de 5 de dezembro e outros porque andavam fazendo propaganda monarquica.

Foram restituidos á liberdade José Penalva e Amaro José Marques Pereira, sobre os quaes se não fez prova testemunhal.



## Compressão de despesas

E' curioso como custa resolver aqueles que mandam na administração do Estado, a reduzir as despezas publicas. Se se aponta um desvario, um desperdicio injustificavel, logo acordem todos em defeza da prodigalidade que levantou justos reparos, com o pretexto de urgencias ou necessidades imprescindiveis dos publicos negocios.

Mas na pressa de justificar aquilo que não tem defeza possivel, baralham-sse, confundem-se e contradizem-se a ponto de ficar em toda a gente a convicção de que mais uma vez do pão do nosso compadre, o povo, grossa fatia foi parar ás mãos do afilhado.

E' o que sucede com a nomeação para a comissão de reparações dos srs. Jaime de Souza e Velhinho Correia.

O sr. Cunha Leal, disse hontem na camara dos deputados, em abono d'essas nomeações, o seguinte que reproduzimos do extrato d'um jornal da manhã:

«A viagem dos srs. Jaime de Souza e Velhinho Correia, foi originada pelos altos interesses do Estado. As nomeações foram feitas pelo sr. ministro dos Estrangeiros, que bem pode com as responsabilidades que lhe cabem.

Como as palavras do sr. Alfredo de Souza, atingem o governo, dirá que os referidos delegados foram escolhidos a instancias do sr. Vitorino Guimarães, que por eles insistiu, a ponto de ameaçar com o abandono do seu lugar na conferencia, se as nomeações não se fizessem».

Por seu lado «O Mundo» publica hoje de novo o que já dissera no seu numero de 6 do corrente, garantindo assim a autenticidade da sua versão que é a seguinte:

«Os nossos queridos amigos, srs. Jaime de Souza e Velhinho Correia, vão ser nomeados delegados portuguezes na Comissão de Reparações, em substituição dos srs. Vitorino Guimarães e Alfredo Nordeste, que, por motivos da sua vida particular, pediram a exoneração desses cargos.

Não se trata de creação de novos lugares, como para ahi, talvez um pouco tendenciosamente, se tem espalhado.

Tendo-se dado as vagas pelas razões que expômos e sendo indispensavel preenchê-las para defeza dos interesses do Paiz, o governo escolheu e muito bem os dois ilustres parlamentares nossos queridos amigos».

E d'este modo dificil é descortinar a verdade.

Não se fica sabendo se aqueles dois felizes ex-ministros suplementistas vão tapar duas vagas na comissão de reparações, como afiança «O Mundo», ou se a sua nomeação foi devida á intimação do sr. Vitorino Guimarães, que, no dizer do sr. Cunha Leal, chegou a ameaçar com o abandono do logar, se ela não fosse feita.

Conhecemos suficientemente o sr. Vitorino Guimarães, para podermos afiançar que em caso algum deixaria ao abandono as suas funções.

Mas onde estará afinal a verdade? Está aqui: os dois felizes nomeados vão constituir um suplemento á comissão de reparações. E se não pergunte-o quem por isso se interessar, ao sr. Domingos Pereira, se é ou não é assim, ou antes, pergunte-o ao chefe do gabinete d'aquele ministro, o sr. Urbano Rodrigues, que é pessoa muito enfarinhada n'esses assuntos e que não deixará de satisfazer a curiosidade de quem mostrar desejar conhecer a verdade.

*

Estranha-se ainda que tivessemos dito na primeira nota que inserimos com o titulo desta, que eram reconstituintes os ex-ministros nomeados para a comissão de reparções. Já hontem reconhecemos termo-nos enganado: não são reconstituintes, não, são suplementistas. Mas, chamando-lhes reconstituintes provamos apenas que prevemos de longe os acontecimentos, porque a verdade é que, se eles não são reconstituintes, estão para o ser. E' o «Diario de Noticias» de hoje que o diz: «Teem prosseguido as negociações para a fusão dos reconstituintes com os dominguistas, afirmando-se que com bom exito».

Mais uma vez os partidarios do sr. Domingos Pereira se afirmam suplementistas, indo servir de suplemento aos reconstituintes. Deste modo passarão a ser reconstituintes sem deixar de ser suplementistas.

«Que trapalhada!

Nós temos por vezes aqui afirmado terem andado a tratar os partidarios do sr. Domingos Pereira de ingressar no partido socialista. Parece ter havido engano da nossa parte, mas se engano houve, é mais que justificado, visto o sr. Domingos Pereira, quando presidente do ministerio, com a publicação daquela interminavel série de suplementos ao «Diario do Governo» de 10 de Maio, ter mostrado muito acentuadas tendencias para a socialisação do Estado, tendencias que ainda ha pouco se manifestaram com a nomeação do sr. Velhinho Correia para adido do sr. Jaime de Souza; pois, na verdade, o que é um adido senão um suplemento?

## Universidade Popular Portugueza

Realisa-se hoje a segunda lição da serie «Curso popular de historia de Portugal», pelos r. dr. Reys Santos, professor assistente da Faculdade de Letras.

A entrada é publica.



*CROQUIS DE VIAGEM*

## NA BOA PAZ

### XXVII — *A douta Lausanne... de cabeleira*

Ce matin je suis allé á Chillon par un admirable soleil. Le chemin court entre les vignes au bord du lac. Le vent faisait du Leman une immense moire bleue; les voiles blanches étincelaient. Au bas de la route les mouettes s'accostaient gracieusement sur les roches á fleur d'eau. Vers Genève l'horizont imitait l'ocean.

Chillon é um bloco de torres sobre um bloco de rochedos...

Isto escrevia em 21 de setembro de 1800 e tantos, o meu colega de imprensa Victor Hugo, com muito mais barba branca de que eu talvez, dizem as más linguas, com muito mais talento tambem. Mas o mesmo escreveria eu para os meus leitores de Portugal, pois estou certo, foi nesta mesma tipoia, que apenas sei existir pelo chocalho do animal, de tal forma desliza suavemente, silenciosamente no pavimento liso como um espelho, que o autor de «Le Rhin» passeou a sua filosofia e os seus ossos até ao Castelo de Chillon.

E' assim um pouco de paraizo, o paraizo terrestre, com a tentação empacotada em caixas gordas de chocolates, esta terra que atravesso ha 3 dias colhendo apenas duas impressões fundamentaes: a da natureza arrumando neste museu natural de belezas o seu grande sortido de panoramas lindos, diversos desde as geleiras branco-azuladas, aos bosques verde-negros, e as dos homens arrumando a casa, cuidando da sua grande montra natural e alindando-a para seu maximo proveito: quando se fala com um suisso, deve-se ter sempre presente que ele está por detraz do balcão... da sua patria, folheando-nos o catalogo das suas belezas:

— Já foi a Chillon?

— Já subiu a Davosplatz?

— Porque não vae a Interlaken? são perguntas que me dão a ideia duma «etamine em verde claro ás risquinhas» que tambem temos ao fundo da loja»... etc. etc.

Um trem marca Singer como este dá ocasião a que vá reflexionando, emquanto passo em «Territtet» cá em baixo, a dois palmos da agua do lago, e que estende a mão dum funicular empinado á Territtet lá de cima, povoada de hoteis, mais hoteis, sempre hoteis. Serpeando o caminho chega como já chegou no tempo de Vitor Hugo, á entrada do Castelo de Chillon, uma duzia de torreões que se encostaram uns aos outros para banhar os pés no lago.

Entro, adquiro por 20 centimos um papel amarelo que serve de bilhete e é ao mesmo tempo a planta da velha construção.

Olho para o pateo de entrada, aventuro-me nas salas frias cujo chão é qualquer coisa de pedregoso e irregular, e considero profundamente que o castelo é imensamente historico. Subo escadas de pinho, duma epoca talvez menos historica, olho as teias de aranha, e os ninhos de aves que habitam os vigamentos á mostra, desço a um salão cavado na rocha com um renque de colunas, abrindo ao topo com palmeiras de pedra, e onde esteve Bonivard.

Com franqueza não era das minhas relações e o caso não me comove, achando mais interesse a procurar nas colunas os nomes dos individuos que por ali teem passado e que teem o mau gosto e a falta de civilidade de gravarem na pedra os seus nomes: entre essa garotada, lá li os de Eugene Sue, de George Sand, de Vitor Hugo e até de Byron, este ao que me segrêdam falsificado: Hesitei em gravar, como bom portuguez, o nome de Camões, mas por causa do guarda, deixei para o futuro, que outrem grave tambem o meu nome...

Palavra, esta visita a Chillon, que o cocheiro me indicou, embora cause arrepios aos ilustres arqueologos e scientistas que juram a passagem dum «glacier», e que na edade do bronze, já o homem — meu antepassado feliz — estava instalado em Chillon, mais tarde convertido em porto romano; muito embora eu me penitencie de ser um vandalo por não querer profundar a luta e os segredos terriveis desse castelo que levou Byron a escrever o seu poema «Le Prisonier de Chillon», e onde pagaram o terem a lingua comprida... muitos livres pensadores de Genève, o castelo, enxertado com escadas de mão e janelas com vasinhos de flôr não me deu arrepio nenhum na alma e passou para a lista das coisas velhas que tenho visitado sem deixar saudades.

Volto á ponte levadiça, e volto ao trem para gosar a natura, dizendo adeus ás «mademoiselles» que num estabelecimento improvisado, em frente ao portão, me chamam para comprar um souvenir, postaes, troncos, albuns, quadros a oleo, chocolates e sorrisos.

A volta para Montreux fá-la, meu amigo cocheiro, a meia encosta, num deslumbrante panorama. Ao alto os «Rochedos de la Naye», lá em baixo o lago, quasi ao pé da ponta dos meus dedos, tão por cima ando, a barba do Padre Eterno. Porque, é curioso, é aqui que ele se sente, nesta imensidade de montanhas, de vales, de aguas correntes, de leite coalhado em gelo, de nuvens cinzentas descendo para cima nós.

— Vamos ter chuva, diz-me o cocheiro. Belo tempo para ir visitar as «Gorge de...»

Perco-lhe o nome, mas como desconfio do reclame, mesmo debaixo de agua, resolvo tomar o comboio e fugir á chuva, aproveitando melhor o meu tempo.

Parto então para Lausanne, 2 francos, duas horas de comboio, com muita gente na carruagem. Toda a gente viaja tambem em 3.ª, pouca em 2.ª classe, embora qualquer delas seja inferior ás carruagens inglezas. Os revisores, bem postos, são amaveis, e prestam-se a todas as facilidades.

Depreendo de varias conversações que em Berne, no norte, tem chovido e que a molestia se vae propagando para o sul, o que me acentua a decisão de acelerar a marcha para a Italia. Porque não? Está ali a dois passos. Desta vez estou cá fora, as noticias de Italia dizem que aquilo está mesmo a acabar, aproveito; quando cá quizesse vir mais tarde, era capaz de já não existir nada que ver.

Reservo 24 horas para Lausanne, e quero marcar logares no rapido para Milão. As 24 horas posso realmente reservar, agora o logar é que não: democratica e amavelmente, o sr. empregado da gare central de Lausanne participa-me que na Suissa ninguem pode reservar logares; quem chegar primeiro é quem goza; mas consola-me dizendo que basta vir com duas horas de antecedencia, e que o bilhete em 1.ª são 30 e tal francos, ou antes 10 francos e alguns milhões de «lyras» mas... que a «lyra» não vale nada!

*

E, aqui estou em Lausanne, a douta Lausanne, agora de cabeleira branca, porque as nuvens descem, descem sobre nós, sobre o lago, sobre as minhas ferias de jornalista.

Desapareceram as montanhas, desapareceram os rochedos, não ha já neve; e, não é menos interessante esta paisagem diferente da que ha duas horas observára! Antes que chova meto a travar relações com a terra, uma Coimbra perfeita, nas suas vielas toroidas a galgar montes, com estudantes aos lotes e rapariguinhas bem postas mas com ar de «midinettes», a suspirar alguns romances com a mocidade da Universidade, passeando afogueadamente. Uma praça larga — o Rocio, medito eu, — tem ao meio a egreja de S. Francisco, a cujas paredes se encostam os passeantes de electrico que aqui tem tambem o seu expedidor — gordo ou não, ignoro.

O «Hotel des Postes» — mais modestamente o «Correio geral», um belo edificio em cantaria, e o «Banco Cantonal» sua digna parelha. Electricos manhosos, apinhados de gente, chocalhando timbres extranhos. Ali desemboca uma grande ponte, sobre um vale povoado, onde passam carroças, mercadorias, coisas cinzentas.

Esta ponte que liga os dois bairros de Lausanne, tem dum lado edificios, hoteis, o teatro Lumen, rez do chão ao nivel da ponte, e no qual é necessario descer 4 andares para chegar aos fauteuils. Montras ricas de alguns «magazins» com os frutos de... Paris.

Ao fundo o Kursaal, café ou casino, incaracteristico, e tomando á direita por ruas estreitas e subindo, a «Place de la Reforme», com o seu grande palacio canelado, a Universidade; grupos, escadarias, rapaziada em cabelo, algaravia do francez cosmopolita de todos estes jovens que o orçamento familiar envia para aqui a aprender a beber cerveja e a amar as pequenas costureiras dos «magazins». Vale ainda a visita o «Tribunal Federal», estilo renascença, sobrio e rispido mas atrahente na sua forma clara, nas suas colunas brancas, mais sobressaindo agora no «gris» escuro do ceu. E, a catedral, em gotico primitivo, e que visito antes para desfructar o panorama do nevoeiro frio, do que para evocar as disputas teologaes que Calvino, Farel e Viret aqui tiveram.

Lausanne, dentro de si, pouco mais tem para ver. A beleza de todas estas terras está nos passeios em volta, quando se sae das ruas ingremes, do burgo mal construido para a natureza sempre prodiga e linda.

Anoiteceu antes da noite. Iluminam-se montras; passa um grupo marchando, de bandolins á frente e atroando os ares com canções que provocam risos e gargalhadas. No «Hotel de la Cloche», juntamente com um coronel francez, um caixeiro viajante italiano e uma pintura de Pisarro, de nação desconhecida, vestida com bravura de tons verdes e provocantes, tão provocantes que o coronel — ia jurar — não se sente muito tranquilo a trinchar o pato, janto esta ultima tarde da Suissa. A dona do hotel, vem visitar á sala de jantar os seus hospedes, inquerir se é preciso alguma coisa; só a M.le Duvidosa, não pergunta nada, olhando-a de soslaio. Lamenta que eu parta já para a Italia, garantindo que está tudo mau por lá, isto a meia voz, não vá espantar o outro hospede! O coronel — que é hospede velho — fala-lhe baixo sobre o inconveniente da outra hospede... a do vestido verde: a moral...

E tudo depois corre silenciosamente, numa calmaria impropria dum hotel que se diz... «de la Cloche»!

Para passar a noite vou ao teatro Lunen ver uma tournée franceza, com Draken, um bom cançonetista comico, á frente. Casa cheia; estudantes e raparigas, caixeiros e patrões, toda a cidade mobilisada pelo teatro... raro ali. Até lá estava, numa friza, a dama do vestido verde... e num fauteuil, em frente, o coronel do 122 Colonial, dardejando olhares de grande guerra.

*

Apontei no meu canhenho: «Frei Tomaz... tambem visita a Suissa».

**Armando Ferreira.**

AUTENTICAS

## O sapateiro da travessa dos Poiaes

Todos os dias o via. Sentado á janela do rez-do-chão, rubicundo e forte como um soldado prussiano. E quando por ali passava estava sempre a ler «A Batalha». Um camarada, um sapateiro, ia jurar. O seu aspecto, maneiras e até a posição de estar sentado fizeram com que lhe atribuisse este rendoso oficio; mas eu nunca o via trabalhar; todas as manhãs ele ali estava numa pontualidade impressionante, mas em vez de utensilios, nas suas mãos vigorosas só resplendia «A Batalha», a folha do proletariado, das classes trabalhadoras, dos que produzem. E eu seguia sempre aborrecido com o homem. Assim não é possivel animar uma causa. Embebido nos assertos da folha dos trabalhadores ele não trabalhava; chamando-se naturalmente um produtor, nada produzia.

Irritava-me o sujeito: eu ia para os meus labores, arduos labores do ensino, ele ficava saboreando o descanço; e, já lobrigava até naquelas pupilas revolucionarias odios, intenções sinistras de tudo subverter, para contemplar os seus ocios com gordas uxarias, o seu espirito com a leitura doutros jornaes comunistas, as suas carnes com a aproximação macia das burguesinhas em [illegible].

Passei mais um dia e já não pude conter-me: «Lá está o sapateiro ralaço» — disse para comigo e segui.

Depois o filosofo surgia e pensava: no fim de contas ele tem pelo menos tanto direito á mandria como qualquer açambarcador. O mundo é feito de homens que trabalham e de homens que fazem trabalhar os outros em seu proveito. Estes ultimos são os mais fortes. O meu sapateiro d'«A Batalha» era pois um forte; e como não era eu que trabalhava para ele, o que tinha eu que ver, que me indignar com a sua ociosidade?

Comtudo a visão d'aquela força inutilisada voltava a bater-me em cheio na besta sentimental e hereditaria que todos nós cá temos dentro, e de que não é facil descartarmo-nos a toda a hora, e eu tornava a imprecar contra aquele Budha espadaudo e quedo, que nem sequer dava pela minha periodica e infantil indignação.

Pelo contrario, ele lá ficava todo entregue á leitura, emquanto eu acelerava os meus passos para reganhar segundos perdidos naquela observação desconsolante e frustre.

Aquilo acabaria mal; um dia por certo não deixaria de lhe perguntar se se considerava proletario, trabalhador, intrinseca parte das classes produtoras, por ler «A Batalha».

A auto-sugestão já andava a contas comigo; a impertinencia da minha bisbilhotice viria com certeza. Hontem, porém, quando mais uma vez passava pela janela do homem que eu trazia de ponta, o que imagina o leitor que se me depara?

O meu homem..., o meu suposto sapateiro da travessa dos Poiaes, saindo de casa numa cadeira de rodas. Aproximei-me contrito. Que animal eu fôra nas minhas suposições infelizes! Sem pernas, tronco tão raso que dificil fôra equilibra-lo na cadeira, ele ia partir, levado pelos braços piedosos dum amigo.

Só eu, só uma alma envenenada pelos vapores duma ascendencia que nunca se fartou de exigir que outros trabalhassem, podia ter praguejado tanto contra o infeliz, sem nele adivinhar a sua triste mutilação.

**D. Thomaz de Noronha.**

## Album roubado do quartel do Carmo

Quando do movimento revolucionario de 5 de outubro de 1910 furtaram do quartel do Carmo varios objectos de valor, entre os quais figuravam dois grandes candelabros de bronze e um dos albuns destinados aos visitantes inscreverem os seus nomes.

Os candelabros até hoje não apareceram, mas um dos albuns, com folhas douradas e cuja capa é de «chagrin» tendo a inscrição a ouro «Guardas Municipaes — Visitantes» — encimada com o escudo em prata das armas reaes e competente corôa, foi hontem encontrado á venda num leilão pelo actor Alves da Cunha, do teatro do Ginasio, que o adquiriu por 45 escudos.

O album tem apenas na primeira pagina a assinatura do sr. Antonio Felisberto Dias Costa, que, quando ministro do Reino, visitou o quartel do Carmo

O album foi entregue pelo comprador ao major sr. Marreiros, director da policia de Segurança do Estado.

# Theatros e Cinemas

**PRIMEIRAS E REPOSIÇÕES**

**THEATRO DO GINASIO** — *A Garra (La Griffe) 4 actos de Henry Bernstein, trad. de Avelino d'Almeida*

## A sala

Cheguei ao teatro a... na crença do atrazo habitual... Enganei-me; á porta do «promenoir», unico logar que alcancei fóra da **GARRA** do contractador, estava fechada porque o espectaculo já tinha começado, e quando entrei fui recebido com invectivas e espirros de uma matilha humana — sem ofensa! — que gritava: «Schiu!» — «Que civismo!» — «Feche a porta!»... etc.—Encolhi-me de medo, mas com isso fiquei tão baixo que nem via para que banda era o palco. Orientei-me pelas anatomias dos meus companheiros de lado, um «ganga» e um «smocking» — por acaso este era o sr. dr. Cortez, proximo dramaturgo com a peça «Zilda», e que, como eu, não teve vergonha do logar, o que tambem era muito ter. No palco havia varias vozes; qui senhor do que se tratava e de quem se tratava.

Em bicos dos pés consegui enxergar uma senhora vestida de verde. Tinham-me dito que quando visse no palco uma senhora vestida de verde, essa seria a sr.ª Viana da Mota. Devia então ser. Chamaram-lhe Maria Antonia.

Ah, sim, era ela, a sr.ª Viana da Mota, a **GARRA, GARRA** verde—sempre pisada a Luva Verde.

**AGARRA** lá ao sr. Othelo de Carvalho, a **GARRA** contava o seus projectos de amor.

Assim de perfil achei-a muito mais bonita do que no retrato que o Alberto de Lacerda ante-hontem lhe publicou n'*A Capital*.

Voltei aos meus calcanhares e engrenando as minhas axilas e as minhas ilhargas nos cotovelos dos outros progredi um pouco. Era já o intervalo. Mas só podia ver quem estava de pé.

A 1.ª fila era a 1.ª fila do costume, uma 1.ª fila de narizes de cera, uma 1.ª fila que vejo sempre em todas as «premiéres», sejam em que teatro forem. Teem esse nariz de cera nas «premiéres» os srs: João Lobo Antunes, Teles, Roque do Fonseca, dr. Souza Pereira, dr. F. Janeiro e outros só conhecidos de vista.

N'uma coxia, um cacho de criticos teatraes, em aglutinação oftalmologica, parecendo o bulcão do Ribeiro oculista: Armando Ferreira e Ruy de Veras de «A Capital», de oculos de tartaruga, vegetal; José de Melo, da «Republica», de oculos d'oiro e tartaruga nitida; Jorge Ortiz, da «Patria», Gustavo de Sequeira, da «Manhã», Eduardo Noronha, do «Diario de Noticias», C. Dias, da «Monarquia» Alvaro Lima, da «Noite», e Rocha Junior do «Seculo», todos de lunetas; F. Mira, da «Lucta» de oculos de ferro; Avelino d'Almeida e Accacio de Paiva, do «Seculo», e Jorge Bonança, do «Jornal do Comercio», de monoculo. Tudo gente que vê pouco...

Quereis ser critico teatral? Ide ao Ribeiro oculista.

No «Pêle-mêle», a sr.ª Constança d'Ernelo—sempre com muita atenção a olhar para a frente.—Rafael Marques, Eduardo Freitas, Seixas Pereira e outros revoltosos do Nacional. Emfim, todos novos que querem aprender. O resto, o que as cronicas mundanas dizem. Poucos intelectuaes, rarissimas elegantes — 1.º premio a uma «região» elegantissima ornamentada com inumeras esmeraldas, a pedra da moda, como se vae já vêr — muitissimas «candida puelle»... e uma profusão de desconhecidos, que devem ser os assinantes das «premiéres». Ficaremos a conhecê-los.

Nos actos seguintes instalei-me numa dobradiça a meias com um «muchacho» acolhedor. Lá voltei a vêr a **GARRA** verde... O verde já não era tão **GARRido**; tambem tinham-se passado anos! Era verde «Jade», o ultimo verde, ultimo porque já é quasi azul, e ultimo porque é o verde da ultima moda verde. (Numa frisa, por cima da «nossa» dobradiça, estava o sr. Chagas Verde, sobrinho do poeta Cesario Verde.)

Seguiram-se outros verdes: a sr.ª Viana da Mota nunca esqueceu a côr paradoxal da sua indumentaria. E como a sr.ª Viana da Mota foi a unica nota luminosa de toda a peça, sombria e tenebrosa—tudo o que é l'oiro é luz—pode dizer-se que a sr.ª Viana da Mota foi um Raio Verde.

No ultimo intervalo fui ao palco saber se no vestibulo do *atelier* de Ana Cortelon ha bengaleiro. Guitry quando entrava em scena, no 3.º acto, trazia um sobretudo com gola de marta e chapeu alto, e poisava este no banco que está já na scena, á entrada da porta. O sr. Alves da Cunha entrou em fato de passeio, sem chapeu, como se fosse da casa e lá estivesse. Mas o Paulo Inacio e o Nathaniel levam o chapeu, a bengala e a pasta para dentro do *atelier*. Serão mais desconfiados? Ha bengaleiro? Não ha bengaleiro? Era este o meu dilema... haver ou não haver bengaleiro; *that is the question*...

O contra-regra não me soube dizer porque estava preocupado: as **GARRAs** de *champagne* não tinham estalado a tempo. Vou indagar amanhã.

Entretanto era meia noite e meia hora. Já não **AGARRAva** eléctrico. Cheguei á porta da **GARRott**, na esperança de poder tomar uma chavena de chá, mas a ordem do sr. Liberato Pinto não está ainda em vigor. Tive muita pena. Queria fazer a minha modesta e silenciosa homenagem á sra. Viana da Motta, bebendo uma chavena de chá *verde*...

**José Deleve.**

Lêr amanhã: *A critica das criticas.*

# A ACÇÃO DO GOVERNADOR DE MACAU

## O capitão-tenente Corrêa da Silva honra, como sempre, a sua farda e o seu Paiz

Pelo correio de hontem recebemos a seguinte carta, fazendo um pedido, a que gostosamente acedemos, por se tratar de pôr em relevo as qualidades dum bravo, que sempre, e em todas as ocasiões e circunstancias, tem sabido levantar bem alto o nome de portuguez.

Não esqueça ainda, nem pode nunca esquecer, que Corrêa da Silva era o comandante da canhoneira «Ibo», o primeiro navio de guerra portuguez que foi atacado pelos submarinos alemães.

Seguem os documentos que recebemos:

Sr. director d'«A Capital»—Rogo a v. a fineza da publicação no seu conceituado jornal, da carta de que envio copia e que nesta data remeto ao sr. director do jornal «O Tempo».—De v., etc.—Macau, 26 de outubro de 1920.—*Vieira Branco.*

Ex.mo Sr. director do jornal «O Tempo».—No numero 291, de 8 de setembro, do jornal «O Tempo», vejo um artigo intitulado «O que vae por Macau» sobre o qual v. ex.ª permitirá que faça algumas observações.

Não se arreceiem os leitores de v. ex.ª da «inconsciencia assustadora» com que, segundo o artigo, estão sendo administradas as cousas de Macau. V. ex.ª conhece o actual governador e sabe bem o nome que ele deixou nas terras de Angola; pessoalmente as atenções de v. ex.ª para com ele mereceram sempre uma consideração muito diferente da que mereceria um governador de «inconsciencia assustadora»; e tanto assim é, permita-me v. ex.ª recordá-lo, que o partido que suponho que o jornal de v. ex.ª representa ainda, que foi o do governo de Sidonio Paes, levou o seu empenho em entregar de novo um governo ao sr. Corrêa da Silva (Paço de Arcos), a ponto de, apesar da negativa dele, o decreto chegou a estar pronto para ir á assinatura, não tendo sido assinado simplesmente pela intransigencia de Corrêa da Silva em não aceitar o logar.

Como nos seus anteriores logares, quer administrativos quer militares, Corrêa da Silva vive aqui cercado do respeito e da consideração da colonia inteira. Pela voz do Conselho do Governo, votando por aclamação, e sendo nesse voto acompanhado por outras corporações da colonia, foi pedido ha poucos meses ao governo da metropole para serem dados a Corrêa da Silva poderes de alto comissario, havendo até na imprensa da colonia, em votos do proprio conselho do governo a expressão do desejo de que esses poderes lhe fossem acrescentados com os da nossa representação na China; e a essa atitude da colonia, saiba v. ex.ª o que se opoz foi tambem desta vez a resistencia de Corrêa da Silva, o homem que v. ex.ª apresenta como um enfatuado, a quem chama despresivelmente «constela do», naturalmente porque supõe tambem que obedeceu a alguma vaidade o facto de esse governador ter jogado um sem numero de vezes a sua vida no mar, onde ganhou as condecorações que tem.

Esteja o articulista descançado; se estivessemos em vesperas de uma guerra com a China, por sinal que por motivo de umas obras encetadas em governo anterior ao de Corrêa da Silva, a acção desse governador foi tão digna e tão correcta que oito ministros das colonias, ou quantos tem havido desde que ele está em Macau, a teem aprovado plenamente, e a ocorrer essa acção as negociações com a China estão concluidas e de modo a terem trazido ao governador felicitações do governo, da nossa legação em Pekin, do conselho do governo da colonia, da imprensa desta cidade, algumas delas bem calorosas, e a permitir que as obras do porto, a que é necessario que a metropole formalmente o impeçam, prossigam e vão ao seu termo.

Fez v. ex.ª bem em transcrever a noticia do «Liberal», referente ao incidente havido com os navios de guerra chinezes. E' que essa transcrição, longe de mostrar que o governador é um «inconsciente», mostra apenas que ele nessa oportunidade dificil, mais uma vez soube vêr bem o seu dever... A não ser que v. ex.ª atribua á inconsciencia do governador o facto de dois navios chinezes se terem sublevado, terem escolhido Macau para se abastecer e terem desacatado instruções de tal maneira simples da nossa autoridade.

Sobre «conflito» com a Companhia de aviação, descancem tambem os leitores do «Tempo». Apesar de o seu jornal o considerar um conflito que põe em paralelo com o da China, deixando talvez o receio de que os aviões revoltados bombardeassem Macau, o que houve foi apenas uma divergencia na interpretação numa clausula da convenção internacional sobre aviação, clausula que Correa da Silva interpretou como obrigando a Companhia á nacionalidade portugueza caso quizesse ter a sua base em Macau. A companhia mediante as condições de «esbanjamento» que foram referidas para a Metropole, de ter quatro aviões sempre prontos para o serviço militar da provincia, de dar escola de aviação aos militares portuguezes e de transportar malas do correio, em troca utilisando um hangar do Governo pelo qual pagaria a renda de com patacas por mez, e recebendo um subsidio de seiscentos escudos mensaes nos dois primeiros anos, e de duzentos escudos mensaes no terceiro, resolvia nacionalizar-se portugueza.

Como porém a campanha do seu ilustre jornal talvez tenha impressionado o publico e o Governo como se se tratasse de um grave ataque aos dinheiros de Macau, a resolução da Metropole tem demorado tanto, que a Companhia, farta de esperar, tem já mudado o arraial quasi por completo para terras estrangeiras.

Não ha duvida que se foi o seu jornal que conseguiu esse triunfo da empatadela, alguma coisa contribuiu para o progresso das colonias portuguezas. O peor é que, para termos aviação militar portugueza, propriamente dita, o que ninguem achará disparatado numa colonia tão afastada da Metropole e cercada por uma quasi que toda aqui ao pé, esquadras de navios e de aviões, havemos de gastar em vez de meia duzia de contos... meia duzia de duzias!

As-se-ber aqui na colonia o seu jornal, ficou-se com a impressão de que o artigo era inspirado, se não escrito, pelo sr. Artur Tamagnini Barbosa... e sabe v. ex.ª um comentario que a proposito ouvi?

«—E' curioso que o Tamagnini, que, sendo oficial da Fazenda das colonias, mandou fazer uma farda de general para vir governar Macau, troce de Corrêa da Silva porque usa na sua farda de capitão-tenente as fivelas das condecorações que tem ganho em campanha»...

E por aqui me fico, esperando que v. ex.ª não leve a mal que me reserve o direito de fazer uso desta carta.

De v. ex.a—Macau, 26 de Outubro de 1920.—(a) *Vieira Branco.*

# ULTIMA HORA

# POLITICA

## Ainda as autoridades administrativas. Não se pensa noutra coisa

Pelo governo civil de Lisboa foi hoje pelas 3 horas da madrugada enviada aos jornaes uma nota oficiosa que pretende desmentir as nossas informações, colhidas nas fontes oficiaes, sobre a substituição do actual chefe do districto.

O ilustre oficial sr. Lelo Portela, que é um dos mais distintos aviadores do exercito portuguez, que é um republicano sincero não tem, porem, conseguido agradar a gregos nem a troianos, mercê sem duvida da sua linha de conduta direita e inflexivel, propria dum militar brioso na edade em que o scepticismo ainda não destruiu certa ilusões.

Temos dito que o governador civil de Lisboa será substituido e temos razões para crer que estamos na verdade.

Os parlamentares do partido democratico reuniram-se hontem á noite na sua sessão ordinaria, a que assistiram os ministros do partido, entre eles o chefe do governo.

Nessa reunião tratou-se da escolha das autoridades administrativas que cabem ao P. R. P., não tendo porem, sido apontado qualquer nome para substituir o do chefe do districto, visto todos serem unanimes em que essa escolha fosse feita pelo sr. ministro do interior, mas ficou assente que o sr. Lelo Portela fosse substituido, por quanto os democraticos não o aceitam.

Esta é a verdade, devendo o assunto ficar definitivamente resolvido hoje em conselho de ministros.

## Comprimir despezas? Isso sim! Do modo nenhum

A sessão de hoje no parlamento decorreu com um pouco mais de interesse, voltando a discutir-se o imposto «ad-valorem» sobre os vinhos do Porto, findo o que o sr. Eduardo de Sousa se ocupou das nomeações dos srs. Jaime de Sousa e Velhinho Correia ministros dos ultimos gabinetes para a comissão de reparações em França.

O sr. ministro dos estrangeiros com grande copia de argumentos, leitura de telegramas, etc., mostrou que o sr. Vitorino Guimarães e o seu adjunto se encontram em Paris, pediram, por vezes, insistentemente, as suas demissões, motivo porque convidou o sr. Melo Barreto que declinou tendo depois disso escolhido os novos substitutos.

O sr. Leote do Rego em aparte interveem dizendo que os referidos delegados vão ganhar mais que os ordenados de todos os ministros reunidos, quando anual no estrangeiro se pode bem viver com 3 libras, não são necessarias 8, replicando o ministro que nunca serve em comissões de serviço no estrangeiro e que, portanto, ignorava se era muito ou pouco o dinheiro dispendido em tal comissão. A verba fora aprovada quando do governo Sá Cardoso e ele ministro mais não fez do que seguir o que já se fizera.

## Discute-se a promoção dum alferes que partiu uma perna em combate contra os monarquicos

O sr. Julio Cruz mandou hoje para a meza um projecto de lei, para ser promovido ao posto imediato o alferes da G. N. R. sr. Alfredo Salvação, que quando do ataque aos revoltosos de Monsanto caiu da montada, sofrendo fractura de uma perna.

A camara que ultimamente se tem manifestado contraria a promoções, entendeu sem duvida a justiça que assiste á proposta, visto tratar-se de um dedicado republicano, que, combatendo contra os monarquicos, foi vitima de um desastre. E assim foi que a camara aprovou a urgencia para a discussão da proposta.

«Assim sucederá sempre que as propostas de finanças não forem acompanhadas por outras comprimindo as despezas».

Correm boatos de crise, diz-se que o governo não se aguentará por causa das medidas de finanças ultimamente apresentadas á camara dos deputados pelo sr. Cunha Leal e que se está já levantando grande coluna principalmente entre os proprietarios, comerciantes, etc.

No parlamento, parece que será larga a discussão, hontem iniciada pelo sr. Alfredo de Sousa, que sendo democratico, a combateu já de começo e antes do leader do seu partido, sr. Antonio Maria da Silva, se ter manifestado, tendo o caso levantado reparos.

Sobre a sorte das propostas do sr. Cunha Leal dividem-se as opiniões, afirmando um que o trabalho do sr. ministro das finanças acabará após larga discussão, por baixar ás comissões, onde ficará dormindo de companhia com outros que lá se encontram ha tempos. Outros afirmam que as referidas propostas arrastarão o Governo a uma nova crise, sendo provavel que para meados de Janeiro se dê uma recomposição, saindo o sr. Cunha Leal.

Registamos apenas o boato a titulo de informação.

## Perguntas em tanto indiscretas

Recebemos a seguinte carta:

«Sr. director d'«A Capital»—Diz-se que ha empregados publicos a mais e isso parece ser verdade a calcular pela caterva de janotas que cavam as costas pelas esquinas das ruas.

Pois se assim é, como é que na alfandega as mercadorias esperam mezes e mezes, estragando-se, enferrujando-se e... desaparecendo, que lhes chegue a vez de irem para casa dos seus donos?

O comercio deve pagar mais, mas o estado tem obrigação de o servir, e mandar servir, pelo menos, razoavelmente. Porque é, que há mercadorias, mezes sem fim, aguardando que os Caminhos de Ferro todos eles da C. P. e os do Estado, forneçam vagons para seguirem ao seu destino?

Se estamos no tempo das economias, porque é que o sr. Melo Barreto ... ilegalmente mais um adido á legação de Berlim, com £ 5.0.0 ouro por dia?

Se devem ser punidos os ladrões, porque é que ainda o não foram os fornecedores de lenhas aos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste e os da *camorra* que despachavam *agua* para, depois, á chegada a Lisboa, reclamarem *azeite*?

O dr. Alberto Xavier foi a Roma inspeccionar o Instituto Portuguez?... Não iria gastar S. Ex.ª muito mais na viagem do que valem os paridiotas a inspeccionar? Seria absolutamente necessario manda-lo a Roma estando lá o sr. dr. Eusebio Leão e um 1.º oficial do Ministerio das Finanças? Não terá isso sido uma *sinecura*?»

Desculpe, sr. director, tomar-lhe tempo.—**C. V.**

## Ferro-viarios do Sul e Sueste

De Lisboa seguiram hoje para o Barreiro, varios operarios e empregados dos Caminhos de Ferro do Estado, afim de se apresentarem ao serviço.

Com o mesmo intuito tambem se apresentaram muitos empregados na Direcção, á S. Mamede, de diversos serviços, tendo sido notificado pelo director tenente-coronel sr. Raul Esteves, a uma comissão que pretendia falar-lhe, que não era dispensável o requerimento de readmissão. Em virtude d'isso foram os mesmos ferro-viarios procurar o sr. ministro do comercio, para tratar do caso.

## No tribunal militar

### E' julgado um soldado pelo crime de homicidio

No tribunal militar de Santa Clara, realisou-se hoje o julgamento de Manuel da Costa Guilherme, soldado n.º 798, da 11.ª companhia de infantaria 2, acusado dos crimes de estupro e homicidio na pessoa da sua namorada, Maria Travessa, caso este que se passou no dia 5 de Maio, de 1917, na vila de Salvaterra de Magos.

Constituido o tribunal pelos srs. Anibal Miranda, juri, auditor, sr. dr. João Coutinho Ribeiro, promotor, sr. Francisco Queiroz, defensor, sr. alferes Bernardo, estudante de direito e secretario sr. alferes Amaral, e os respectivos vogaes.

Introduzido o reu na sala, foram-lhe feitas as perguntas do estilo.

Apoz o que pelo defensor foi presente um requerimento do defensor e depois de ouvido o ministerio Publico, foi dado incompetente o tribunal para julgar o crime de estupro, por nos termos (precisos da lei, não ter sido apresentado antecipadamente participação sobre o caso. Por esse motivo proseguiu o julgamento, só na parte referente ao crime de homicidio de que o reu é acusado.

Depois do reu ter terminado as suas respostas ao auditor foram ouvidas a mãe e a avó da victima e 16 testemunhas de acusação, cuja inquirição se prolongou até tarde. A sentença deve ser lida ja d'noite.

# PARLAMENTO

## Na Camara dos Deputados

O sr. Julio Cruz manda para a mesa, requerendo urgencia, um projecto de lei promovendo ao posto imediato o alferes de cavalaria sr. Alfredo Salvação que na tomada de Monsanto caiu dum cavalo, fracturando uma perna.

Prosegue em seguida a discussão do projecto de lei do sr. Lelo Portela suspendendo o artigo 3.º da lei 999, relativa aos impostos camararios «ad-valorem», falando sobre eles os srs. Nuno Simões, que se mostra adverso e Alfredo de Sousa que manda para a mesa a seguinte moção:

A camara dos deputados, reconhecendo a necessidade de modificar o artigo 3.º da lei 999, continua na ordem do dia...

Em seguida apresenta um contra projecto tornando extensiva a todos os concelhos por onde se faça exportação para o estrangeiro a contribuição a que se refere o aludido artigo, não podendo, quanto a vinhos, ser superior, por hectolitro, á quantia de 40 centavos para os vinhos licorosos e vinte para os vinhos comuns.

Aprovada a acta, o sr. Eduardo de Sousa, ampliando a sua pergunta feita hontem acerca das nomeações dos srs. Jaime de Sousa e Velhinho Correia, como delegados á conferencia internacional de reparações, em França, pede completos esclarecimentos ao sr. ministro dos negocios estrangeiros, não sem primeiro lembrar que a situação financeira do paiz não comporta despezas que não sejam as indispensaveis.

O sr. ministro dos estrangeiros dá varios explicações e lê telegramas para comprovar a necessidade d'aquelas nomeações.

O sr. Eduardo de Sousa, observando que não classificou o caso de escandalo, lembra a facilidade com que lá fora se deturpam as melhores e mais sinceras intenções e submetendo o seu direito de provocar explicações necessarias ao paiz. O orador faz ainda outras considerações, por vezes interrompidas pelo sr. ministro dos negocios estrangeiros, dizendo em certa altura ser indispensavel que se acabem os nordestes que exploram o paiz.

O sr. presidente pede ao orador que se abstenha de fazer referencias pessoais.

O orador continua o seu discurso em dialogo com alguns deputados, salientando que o paiz precisa saber até que ponto são uteis as comissões no estrangeiro.

## No Senado

O sr. Abel Hipolito lê um telegrama assinado por varios membros da Misericordia de Vizeu em nome dos partidos republicanos democratico-dissidente, liberal, reconstituinte e popular, protestando contra a anulação da ultima eleição para os mezarios daquela Santa Casa.

O sr. ... Gomes trata da forma pouco escrupulosa, como é feita a recolha dos boletins do recenseamento da população. Ha fogos que ainda teem em seu poder os aludidos boletins, quando é certo que deviam ser preenchidos na noite de 30 de novembro para 1 de Dezembro, corrente. Chama, por isso, a atenção da presidencia do senado para transmitir o facto a quem de direito.

Não havendo mais oradores inscritos passa-se á ordem do dia, sendo aprovados os seguintes projetos:

«Modificando o artigo 17.º do regulamento de 27 de maio de 1911, sobre a circulação de automoveis, no sentido de facilitar a mesma circulação; autorisando a camara municipal do concelho de Faro a alienar, independentemente de preceituado nas leis de desamortisação, os terrenos baldios existentes na area do concelho, que se destinaram a quaesquer construções suburbanas; permitindo que os sargentos possam fazer o seu tirocinio em escolas particulares alem da de Lisboa e tambem com o de marcar o tempo de tirocinio a satisfazer pelos sargentos artilheiros, do serviço geral e manobra para o secretariado naval e auxiliar de manobras; criando uma assembleia eleitoral em Tinalhas, no concelho de Castelo Branco.

A proxima sessão ficou designada para amanhã, á hora regimental.

# Pelo Telegrafo

## O significado da visita dos reis da Dinamarca á França

PARIS, 8.—Não é uma visita ordinaria a do rei Cristiano e da rainha Alexandrina, da Dinamarca, a Paris. Entre a França e a Dinamarca existe um laço intimo: é a volta de Seleswig á patria dinamarqueza.

Os soldados francezes que votaram pela boa execução da consulta voluntaria que se fez no Seleswig, foram aclamados pela população daquela região. A visita dos soberanos dinamarquezes não é, pois, simplesmente uma visita de cortezia; é tambem um acto de reconhecimento e de amizade. O rei Cristiano e a rainha Alexandrina, serão recebidos pelo sr. Millerand; visitarão Verdun e Reims, e depois partirão para a Italia.

A' sua chegada a Paris que se efectuou na quarta-feira, depois de terem visitado a Inglaterra, os regios visitantes foram cumprimentados pelo comandante do Rondiger, em nome do presidente da Republica. O sr. Georges Leygues, presidente do conselho de ministros e ministro dos negocios estrangeiros, bem como o sr. Barnhoft, ministro da Dinamarca em Paris, tinham-se dirigido a Calais ao encontro dos soberanos, assim como os oficiaes da casa militar do presidente da Republica.

O rei respondeu com uma grande afabilidade ás boas vindas que lhe deram e declarou que se sentia feliz por se encontrar em França, acrescentando que por varias vezes ele mesmo quiz vir agradecer á França, o que esta tinha feito pelo seu paiz.—(*Havas*).

## Comemoração do heroismo francez—O monumento na «Trincheira das baionetas»

PARIS, 8.—O presidente da Republica saiu de Paris na quarta feira de manhã em direcção a Verdun, onde foi inaugurar o monumento erguido nos arredores de Douaumont, no local da *Trincheira das baionetas*. Acompanhavam-no o embaixador dos Estados Unidos, Hugues Wallace, os marechaes Petain e Joffre. Durante esta viagem foi entregue ao presidente da Republica e carruagem na qual foi assinado o armisticio de 11 de novembro. O embaixador dos Estados Unidos, glorificou o heroismo dos combatentes de Verdun. Grande é a gloria da França, disse o sr. Hugues Wallace, pois ela pode reivindicar Verdun, como a sua propriedade propria; é a divida de reconhecimento que ela impoz ao mundo, pois em Verdun ela esteve sosinha a afrontar os barbaros; a vitoria que mais uma vez salvou a civilisação é sua exclusivamente sua e ninguem pode reclamar a menor parte nesse orgulho. O monumento, que foi erguido no local da *Trincheira das baionetas*, é da iniciativa do sr. Hugues Wallace e é devido á liberalidade do americano, o sr. George Rand. Tem a inscripção seguinte: A memoria dos soldados francezes que dormem de pé com a espingarda na mão nesta trincheira.—(*Havas*).

# Poeira da Arcada

**Cumprimentos a ministros.**

A oficialidade da guarnição cumprimentou hoje o sr. ministro da guerra.

**Pessoal dos telefones**

Uma comissão de empregados da Companhia dos Telefones foi hoje solicitar os bons oficios do sr. ministro do comercio, junto da direcção da Companhia, no sentido de ser aumentado o vencimento de cada empregado, em 100$ por mez.

**Um pedido de professores**

A direcção da Associação dos professores de ensino particular cumprimentou hoje o sr. ministro da instrução e entregou uma mensagem para que advogue junto do seu colega da justiça a necessidade de impor aos senhorios a obrigação de não ordenarem o despejo de casas ocupadas por estabelecimentos de ensino particular, como se vae fazer para as de ensino oficial.

**O imposto para a Biblioteca**

Uma comissão de livreiros editores, acompanhada do sr. dr. Jaime Cortezão, director da Biblioteca Nacional, procurou, hoje, o sr. ministro das finanças, para tratar da aplicação do decreto n.º 7002, que criou um imposto para beneficiação daquele estabelecimento.

**Em favor dos cegos**

O deputado sr. Campos Melo conferenciou com o sr. ministro do trabalho, a quem solicitou um subsidio para o Asilo Escola Antonio Feliciano Castilho, enquanto não se votar o projecto da sua autoria desviando uma verba especial para esse fim, dos fundos da Assistencia Publica. O sr. Domingues dos Santos prometeu acceder.

O referido projecto já está na respectiva comissão parlamentar.

## Impostos sobre a contribuição predial

### O que diz uma pequena senhoria

...Sr. director de *A Capital*

«O seu jornal, do que sou assidua leitora, é o unico que conta o direito, dá a quem deve. Por isso, lhe venho pedir a publicação d'esta carta e que nos defenda das injustiças de que somos vitimas.

Sou uma pequena proprietaria. Tenho quatro casitas, que me rendem 100$00 por mez. Deduzidas todas as despezas, ficam-me livres apenas quarenta e tantos escudos, muito menos de metade do que ganha qualquer operario. Não estou já em edade de poder trabalhar. Posso viver com quarenta e tantos escudos? Não posso.

Ora ao ler as propostas de finanças apresentadas pelo sr. Cunha Leal, fiquei estupefacta, porque fica demonstrado a evidencia que aquele senhor não tem competencia para ocupar o logar.

Ha quarenta anos, quando se lançaram impostos sobre a contribuição predial, davam-se 10 % para conservação. Isto foi ha quarenta anos, quando os operarios trabalhavam de sol a sol, ganhavam de 600 a 800 reis diarios; os materiaes de construção e o preço dos prego, por exemplo era de 90 réis o kilo, e tudo o mais barato e a vida era baratissima. Hoje, que os operarios trabalham somente 8 horas, os salarios regulam por cinco, seis e 9 mil reis diarios, os materiaes estão pelo preço que se sabe e o custo da vida é apavorante, o sr. Cunha Leal, augmentando as contribuições, lança-nos mesmos 10 % para reparações! E' isto possivel? Que a esclarecida inteligencia de v. faça os comentarios precisos.

De v. ... etc.

*Adelaide Ferreira*

## O concerto Bianca de domingo

Nem nos grandes centros musicaes do estrangeiro se organiza um programa tão notavel, tão atraente e tão artistico como o 3.º concerto da «Orquestra Sinfonica Portugueza» dirigida pelo maestro Pedro Blanch, que no proximo domingo se realiza no teatro São Luiz.

Basta dizer que em 1.ª audição se executam 2 notaveis musicas nunca ouvidas em Lisboa: o celebre Scherzo de «Romeu e Julieta», «A Rainha Mab» e a «Fada dos Sonhos», considerada a melhor obra prima de Berlioz, e o extraordinario «Fervaal», do grande Vincent d'Indy. Além destas executam-se a «Sinfonia do Novo Mundo», de Dvorak, o «Freyschutz», de Weber, a «Rapsodia hungara da Damnation de Faust», de Berlioz e outras obras.

Não admira, pois, o entusiasmo que existe para este famoso concerto.

## MUSICA

### Léa Bach no Politeama

Atendendo aos pedidos que lhe foram feitos, a insigne artista Léa Bach dá ainda um concerto, o ultimo no Politeama, no proximo domingo. O programa é admiravel como sempre, incluindo composições de Godefroid, Mozart, Saint-Saëns, Beetoven e Anselmanta. Na 3.ª parte Léa Bach executará o que de momento lhe lembrar, acrescendo como atractivo a colaboração na 2.ª parte do violinista Paulo Manso.

## Conferencias

O astronomo do Observatorio da Ajuda sr. Melo e Sima realisa amanhã, pelas 21 horas, na séde da Federação Nacional Republicana, rua do Jardim do Regedor, 24, 1.º, uma conferencia subordinada ao thema: A classe media e a resolução do problema economico».

A entrada é publica.

## Viajar de borla...

José Maria Rodrigues, morador na rua do Lumiar, 35, foi preso por andar viajando nos carros electricos com um passe falsificado.

# A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3721 — 11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Sexta-feira, 10 de Dezembro de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de Impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 5 centavos


## Tudo se quer no seu lugar

Discutem-se no parlamento as propostas de finanças e mobilisam-se todas as classes interessadas, a agricultura, a industria, o comercio, os capitalistas, o operariado, o funcionalismo, etc, todas as classes emfim que são atingidas pelas referidas propostas, e que em reuniões parciaes e sucessivas estudam a questão sob o ponto de vista de seus interesses especiaes, para representar ao parlamento aquilo que se lhes oferecer de mais conveniente. Nada mais justo, nem mais logico. A todas as classes é permitido o direito de representação, a todas é licito velar pelos seus interesses que o Estado pode até inconscientemente ofender.

Por isso esse movimento que já por ahi se nota das reuniões extraordinarias de algumas das referidas classes a proposito da discussão das propostas de finanças, é tudo quanto ha de mais corrente, de mais natural e de mais legitimo.

Isso prova apenas que o paiz não dorme, o que é uma vantagem e uma esperança de melhores dias, e que cada uma das classes que têem que perder, não está disposta a deixar se espoliar pelo primeiro politico que se proponha a salvador da... Patria. E' a essencia das verdadeiras democracias—a colaboração da nação na direcção e gerencia dos negocios publicos.

Ninguem pode, portanto, estranhar que numa republica democratica, como a nossa, se produza aquele fenomeno, antes deve isso ser motivo para todos nos congratularmos, visto que representa um indicio seguro da vitalidade do paiz.

O parlamento é, de direito, o representante da nação e ao parlamento incumbe no exercicio do poder legislativo que a constituição lhe confere, o estudo e a aprovação das leis que hão-de reger a comunidade. Mas nem todos os interesses se encontram representados no parlamento e, por isso, este nem sempre encara as questões, submetidas ao seu estudo, debaixo do ponto de vista da harmonisação justa e racional dos interesses de todos.

Para que as leis sáiam tão perfeitas quanto é possivel á falibilidade humana, é, pois, muito util, necessario, e até indispensavel a colaboração das classes interessadas. Mas só destas, isto é, das que teem realmente quaesquer relações de interesses com a lei submetida ao estudo do parlamento.

Discutem-se propostas de finanças, e, portanto, natural que reunam, estudem e troquem impressões todos aquêles que teem que pagar ao Estado as contribuições que as propostas pretendam criar, aumentar, reduzir ou suprimir. E' tudo quanto ha de mais legitimo. Mas o que se não compreende, o que, em boa verdade, se não pode aplaudir, porque não é necessario, nem util, é que reunam para discutir propostas de finanças, individuos ou corporações que não teem existencia economica, isto é, que não produzem nem se ocupam em qualquer trabalho.

Esta n'este caso o Centro radical publicano, cuja reunião foi convocada para tratar das propostas de fazenda.

Ora este centro na vida economica da nação não representa coisa alguma, é um zero. Na vida politica do paiz pode ser que a sua acção tenha sido, beneficamente eficaz. Nada sabemos, para poder afirmar ou negar. Mas a esse campo deveria limitar a sua actividade, e só de questões politicas deveria tratar.

E' muito possivel que todos os seus membros tenham uma profissão que lhes dê logar na vida economica do paiz e, então, nas reuniões das suas classes profissionaes poderiam e até deveriam tratar das propostas de finanças, sob o ponto de vista dos seus interesses de classe, mas, como membros do Centro radical republicano, isso não. E' falsear o papel d'esta agremiação meramente politica e confundir e baralhar os objectos e as funções de todas as partes vivas da nação.

Tudo sequer no seu logar. Por não nos compenetrarmos d'esta verdade insofismavel, é que nós vivemos n'uma inextrincavel confusão de principios, processos e fins.

## Guarda Nacional Republicana

O general sr. Pedroso de Lima, comandante geral da G. N. R., em seu nome e no da corporação do seu comando, vem, por este meio, agradecer e manifestar o seu reconhecimento á imprensa e a todas as entidades oficiaes, bem como a todas as colectividades e povo de Lisboa e pessoas que se dignaram corresponder ao seu convite, honrando com o concurso da sua presença ou representação, o acto do descerramento da lápide que no cemiterio do Alto de S. João, no dia 21 de novembro findo, ficou assinalando a sepultura do leal e heroico soldado da G. N. R. Francisco Carneiro Alves, que tão valorosamente se deixou matar pelos inimigos da Republica, quando estes pretenderam compeli-lo a atacar as tropas á mesma Republica fieis e cuja defecção se recusou, nos combates de Monsanto, em janeiro do ano proximo passado.

O MARTIRIO DE UMA MULHER

## "Doida não e não!"

### Freira! . . .

Leitor: o prometido é devido. Cá me tem, de novo, a conversar comsigo.

A inexcedivel bondade do digno director deste jornal, que tem sido de uma dedicação invulgar, permite que eu, nos intervalos das cronicas do meu advogado, o sr. dr. Bernardo Lucas, ponha o leitor ao corrente do que se passa.

Depois da minha ultima carta — «Até breve» — publicada em 19 de novembro p. p., pouco tem sucedido; mas êsse mesmo pouco lhe vou contar.

Como, porém, tenho recebido varia correspondencia e alguma interessante, é desta que tratarei em primeiro logar.

Está deante de mim aberta a carta duma anonima que me aconselha a entrada em uma casa religiosa, do estrangeiro.

Nunca gostei de discutir, com pessoa alguma as suas crenças religiosas, porque entendo que, para que nos respeitem as nossas, devemos respeitar as dos outros. E' por isso que respeito a crença da senhora que julga que apenas debaixo das abóbadas dum claustro conventual, o meu coração pode encontrar tranquilidade. Tão pouco discuto o conselho que me dá, nem a intenção com que me é dado; não consegue, porém, ele, actuar no meu espirito.

Agradeço o alvitre e a franqueza com que me diz, essa senhora, que pretende «sugestionar-me», ao mesmo tempo que pretende desviar-me da maldade dos homens e responder lhe-hei, tambem, com sinceridade.

Sou crente, sem ser fanatica. Experimentada, como poucas mulheres, pelo infortunio, tem sido sempre com fé, que nas horas mais penosas da minha vida, tenho pedido a Deus fôrças para suportar a desgraça, sem sucumbir.

Em creancinha, minha mãe, ao deitar-me no meu pequenino leito, fazia-me ajoelhar todas as noutes e, pegando-me na mãosita direita, ensinava-me a benzer. Quando eu repetia «livre-nos Deus, nosso Senhor, dos nossos inimigos», o meu cerebro infantil não podia, por certo, atingir o que queria dizer «os nossos inimigos».

Conservando-me, sempre, na religião em que me educaram, á medida que fui crescendo fui adquirindo a noção do que significavam essas palavras que os meus labios murmuravam, emquanto a minha mão fazia o sinal da cruz; e hoje, por fatalidade, como poucas pessoas, sei o que são «os nossos inimigos».

E' deles que a anonima, que diz ter-me conhecido ha anos, julga que a cela dum convento me livraria; mas para se entrar numa casa destas é necessario, a meu ver, renunciar ao mundo, esquecer o passado, o presente e não pensar no futuro.

Ir, num convento, ajoelhar aos pés da cruz, fitando o rosto macerado e palido do Cristo, tendo deante dos olhos um outro rosto palido e macerado pelo sofrimento dum longo e injusto cativeiro; querer murmurar preces, quando os nossos labios só murmuram, saudosos, outras palavras; bater no peito, em atitude contrita, para que o coração não palpite a um outro sentimento humano e terrestre, seria um pecado, mil vezes maior, do que não ajoelhar nunca aos pés do Nazareno.

Entregar-me, apenas, aparentemente, á vida monastica? A mentira repugna-me, e mentiria, se dissesse que me encanta a vida monacal.

O conselho não pode por isso, aproveitar-me.

Se o sofrimento redime os pecados, devo estar purificada, porque para que existisse o perdão foi necessario que existisse a culpa.

Na religião em que nasci, morrerei, e nem o maior infortunio, nem a maior felicidade, se a tiver, me farão renegá-la. Com a mesma fé com que em creança resava, reso ainda hoje. Mas, porque entendi, sempre, que a verdadeira religião não quer ostentações, não entrarei para nenhum convento.

Tranquilise-se, porém, a anonima, pois que, ao persinar-me, não deixo de pedir, como em pequenina, mas agora sabendo o que peço «livre-nos Deus, nosso Senhor, dos nossos inimigos»; e, completando a minha oração diaria, peço-lhe mais «que o pão nosso de cada dia» me dê hoje.

**Maria Adelaide.**

AUTENTICAS

## Sombras que passam

### Em resposta...

Tendo lido, na «Capital» um artigo intitulado «Sombras» que se refere á mocidade academica feminina, julgo meu dever responder o que me ocorre sobre o assunto.

Bem sei que nem o meu adeantamento, nem a minha inteligencia me permitem replicar a uma pessoa tão autorisada como o sr. D. Tomaz de Noronha; no entanto, na qualidade de estudante portugueza, a minha consciencia obriga-me a defender as minhas colegas e predecessoras da acusação, talvez injusta, de apatia e indiferença.

Decerto vozes mais eloquentes do que esta se hão de erguer para o mesmo fim, porem, embora humildemente, quero contribuir para a reabilitação da Academia feminina.

Acusa-as, V. Ex.ª de preferir a tranquilidade e doçura duma vida banal ás lutas e sacrificios por essa cruzada altruista: a dignificação da mulher.

Não será injusto e prematuro esse julgamento?

Ainda ha relativamente pouco tempo que o sexo feminino se instrue. Que admira que ainda não existisse uma com a energia, a abnegação necessaria para, rompendo com as tradições, sacrificar a um Ideal a paz, a saude, a felicidade e receber em troca o riso e as chufas de todos os homens e ainda mais doloroso, de muitas mulheres?

As Almas de apostolos são raras! Quantas se apontam entre os homens?

Escravisada por uma longa hereditariedade de ignorancia e clausura, a mulher portugueza não tem ainda força suficiente para se libertar.

Paciencia. Um dia chegará...

Lastima v. ex.ª que as alunas dos cursos superiores, entre as quaes aliás, existem senhoras distintissimas, sacrifiquem no casamento a sua intelectualidade sempre valiosa, por vezes brilhante.

E porventura não serão essas uteis tambem á causa do sexo? Porque não?

As energias latentes são as mais poderosas.

Instruidas, possuindo uma individualidade propria, já com aspirações elevadas, elas, mães de familia, educarão a geração nova numa atmosfera de inteligencia e moralidade, formando uma raça mais nobre, mais energica, emfim, mais apta para o ressurgimento nacional. As filhas serão mais coscnias dos seus direitos, melhor preparadas para a luta. Os filhos, pelo exemplo do lar materno, habituar-se-hão a considerar a mulher como alguma coisa de superior a um ente futil e caprichoso.

Qual será a obra de que uma mulher se deve orgulhar mais? Qual será mais util á patria? Um livro de versos? Uma conferencia? Ou um filho perfeitamente educado?

Não lastimem pois os srs. professores os conselhos e disvelos que prodigam ás suas alunas. Esse trabalho não será perdido. Mais tarde uma geração laboriosa e feliz lhes agradecerá o carinho dispensado áquelas que foram suas mãos e educadoras.

**Elina Guimarães.**

## PELO TELEGRAFO

### A volta de Constantino á Grecia

ATENAS, 9.—O governo telegrafou ao ex-rei Constantino, anunciando-lhe o resultado do plebiscito e convidando-o a voltar á Grecia.—(*Havas*).

LONDRES, 9.—O governo grego tenciona publicar uma declaração justificando o procedimento de Constantino durante a guerra.—(*Havas*).

### A visita da missão hespanhola ao Brazil

GENEBRA, 9.—Durante um banquete oferecido á delegação hespanhola por todas as delegações da America latina, o delegado brazileiro comunicou que o infante D. Fernando e a missão espanhola, que se encontram atualmente no Chile, aceitam o convite para visitar o Brazil.—(*Havas*).

### Greves e censura prévia em Hespanha

MADRID, 10.—Foram já solucionadas as greves geraes em Murcia, Alicante e Saragoça.

O jornal «España Nueva» suspendeu a publicação por causa da censura previa, voltando a publicar-se logo que a censura cesse.—(*Havas*).

### Honras ao cardeal Neto

MADRID, 10.—O governo determinou ás autoridades que ao cadaver do ex-cardeal patriarca de Lisboa sejam prestadas as honras funebres de capitão general falecido no comando de uma praça.—(*Havas*).

### Um petardo em Madrid

MADRID, 10.—Por volta da meia noite e quinze minutos rebentou um pequeno petardo sem consequencias, na fachada posterior do ministerio do interior, que dá para as cocheiras.—(*Havas*).

### A Argentina vae publicar um Livro Azul

BUENOS AIRES, 9.—A chancelaria deve publicar brevemente um Livro Azul sobre as questões da Sociedade das Nações.

O governo autorisou a exportação de trigos e farinhas.—(*Havas*).

PARIS, 9.—O delegado argentino sr. Puyrredon, protestando muito embora a sua simpatia pela França e pela Inglaterra, insiste em que deve admitir-se a Alemanha na Sociedade das Nações.—(*Havas*).

### A questão da Irlanda

LONDRES, 9.—O partido operario preconisa que se façam treguas na Irlanda, precursoras do acordo definitivo —(*Havas*).

LONDRES, 9.—Espera-se que o sr. Lloyd George encontre brevemente uma solução satisfatoria para a questão irlandeza.—(*Havas*).

### O custo da guerra aos Estados-Unidos

WASHINGTON, 9.—As despezas da ultima guerra atingem a importancia de 24:010 milhões de dolars.—(*Havas*)

## A's pessoas que precisem de iodetos

ALBUFEIRA, 5.—O ilustre medico sr. dr. Costa de Menezes tem usado pessoalmente o «IODAL», que considera como o melhor perparado de Iodo até agora conhecido

### O Rocio

*Quem o vê já hoje o não conhece — tão diferente ele é do que era hontem. Modernisou-se talvez? Engano. Apenas perdeu o seu pitoresco, a sua fisionomia, o seu arvoredo — as suas sobras viçosas. Pobre Rocio! Quem o viu e quem o vê! O mundo é o inferno e divide-se em almas atormentadas e demonios atormentadores — disse-o Shopenhauer. As almas atormentadas somos nós; os demonios atormentadores—figas diabo—são nossos eminentes edis. Mas como se conseguiu fazer duma das mais admiraveis praças da Europa — um galheteiro em ponto grande!*

### A critica

*Estamos trez ou quatro em volta duma mesa do Martinho. Conversou-se. Falou-se de tudo: arte, mulheres, literatura. De repente, um poeta moço e com muito menos talento do que ele proprio supõe, referiu-se desdenhosamente aos criticos literarios. Discordei—como tenho discordado sempre. A decadencia da nossa literatura actual deve-se, não apenas ao homem que escreve, mas sobretudo ao homem que critica. O critico entre nós é demasiado benevolente—talvez porque o nosso meio seja restrito.*

*E' incapaz de abstrair o homem—ao referir-se á sua obra. E' por isso que entre nós a critica necessita de orientar-se no sentido duma mais ampla observação ao livro e duma menos preocupação com o figurino do seu autor.*

### A Grecia

*Constantino regressa no proximo domingo ao trono doirado da Grecia. E' curioso notar que entra em Athenas—precisamente no dia do descanço semanal. Como programa dum rei que anuncia trabalhar parece-me suficientemente comprometedor este pequenino promenor. Que especie de politica será a sua? —perguntam neste instante os gabinetes de Londres, de Paris, de Berlim. Não se sabe. Em todo o caso, tenho algumas razões para afirmar que Constantino se vai ver grego—pela segunda vez.*

**Luis d'Oliveira Guimarães**

## "El Portugal,,

Sobre a nossa banca de trabalho repousa ha dias, á espera duma referencia, o livro admiravel do ilustre consul geral do Chile em Lisboa, sr. dr. Armando Labra Carvajal, acêrca do nosso paiz e subordinado ao titulo desta breve noticia. E porque não queremos demorar por mais tempo o nosso agradecimento, comovido pela sua oferta — antes de lhe prestarmos, na secção respectiva, as honras a que tem legitimo direito—limitamo-nos por hoje a cumprir aquele dever de cortezia.

Livro excelente de observação e de analise, livro encantador de entusiasmo e de fé nas nossas virtudes nacionaes, todos nós, portuguezes, devemos agradece-lo com rendido afecto.

Abre por uma carta-prefacio do sr. dr. Sousa Costa. E a edição, cuidadissima, é da livraria Férin.

## Assuntos de Macau

Sobre assuntos de Macau, funcionalismo, obras do porto, etc., conferenciou hoje com o sr. ministro das colonias o senador sr. Henrique Valdez.

## Legados a Misericordias

A misericordia de Alcacer do Sal foi auctorisada a aceitar o legado deixado por Manuel Augusto de Matos, constituindo por dois terços da propriedade de todos os bens legados que foram deixados em usufructo a Joana Palma.

## Ministro da instrução

O sr. dr. Julio Dantas foi hoje cumprimentar o seu sucessor na pasta da instrução sr. dr. Augusto Nobre.

Tambem o deputado sr. Anibal Lucio de Azevedo conferenciou hoje com o mesmo ministro sobre assuntos escolares que interessam ao circulo de Torres Vedras.

## Tolerancia de uso de uniformes

Podem ainda ser usados até 30 de junho de 1921 os artigos de uniforme militar cujo uso terminava em 31 do corrente.

## Ordem publica

Pela policia de segurança do Estado foi preso Luiz Canhão, empregado no comercio, acusado de andar nos carros electricos fazendo propaganda monarquica.

Recolheu á esquadra do pateo de D. Fradique, onde ficou incomunicavel.

## Malas postaes

Pelo vapor «Funchal» são amanhã expedidas malas postaes para a Madeira e Açores e Africa Oriental, via Madeira, sendo ás 9 horas a ultima tiragem da caixa geral.

## Um trabalho perfeitissimo

E' não só o *Iodal* mas tambem a *Kola granulada-glicerofosfatada* obtida com a maquina de granular e de extracção dos produtos activos da noz de Kola, como não ha superior no estrangeiro, e foi adquirida pelo Laboratorio Farmacologico, de que é depositario exclusivo, Raul Vieira Ltda, Rua da Prata, 51, 3.º.



CROQUIS DE VIAGEM

## NA BOA PAZ

### XXVIII — *Os ultimos chocolates e os primeiros macarrões*

Na Suissa está-se fazendo neste mez de outubro de 1920, o apuramento final para se saber qual é a mais linda mulher do paiz. A mesma febre passou na Belgica e em França onde a idéa abelhuda nasceu. A forma como se sabe qual é a mais bonita é a eleição. Os cinemas—nesta parte entra o negocio—de todo o paiz inserem nos seus programas durante 8 dias cada serie de «6 damas», as escolhidas de cada provincia; numeradas, o espectador não tem mais do que fixar o numero da que lhe agradou, escrever esse numero no bilhete do cinema ou teatro, e deitá-lo na caixa propria colocada no átrio. Tudo quanto ha de mais falivel, e só assim se compreende esta risota, das mulheres, quando os camafeus mais bonitos sorriem no «écrain» a pedir votos. Indiscutivelmente a mulher mais bonita de qualquer paiz é aquela... com quem se fala, e são escusados mais concursos...

Parece-me que era nisto que eu sonhava deliciosamente no Hotel de la Cloche, quando o «valet» me bateu com os nós dos dedos á porta dos meus sonhos, a lembrar que eram horas de ir fechando as malas. Um chocolate com compota e delicioso pão com manteiga, que chegava para trez, embora com assucar a meia ração—até aqui—aquece-me o intimo e dispõe-me bem, mesmo para com o tempo que está de cara muito feia.

Dali á estação, ainda tenho ocasião de me munir com um grande carregamento de chocolate, de que depois me arrepeadi, quando os vim encontrar em Lisboa em varias montras conhecidas.

Arranjo logar junto á porta para o corredor, numa carruagem da Companhia Internacional, depois duma primeira altercação com o revisor italiano: o malvado achava a minha mala maior como se já a tivesse visto mais magra, e não queria que a levasse no wagon.

Demonstrei-lhe que era uma mala em tamanho natural, com duas liras, e convenci-me que com quatro até o homem jurava que era uma simples carteira, tão risonha cara mostrou.

A viagem para Milão dura das 10 da manhã até ás 8 da noite, e, se não fosse o trajecto mais encantadoramente diverso que tenho feito, voltaria a pagina e seguiria adeante, sem vos dizer nada.

Assim, levo o dia em pé junto da janela aberta, o que faz fugir todos os companheiros com grande satisfação da minha portuguezissima pessoa. Vejo-me pequenino, neste comboio banal, mas que mais parece um brinquedo entre os ciclopicos montes que emparedam o vale onde ele corre.

E' o Rhodano ainda, cinzento, enegrecido, caminhando precipitadamente para o lago, dando saltos bruscos, refervendo em escuma; o que para aqui vae de montanhas, tocando as nuvens, testas coroadas de neve, penedias inacessiveis. As povoações, agora á encosta dêstes monstros cobertos de verdura uns, cheios de agrestes rochas outros, tem um caracteristico selvatico, como a habitação de gente dos tempos primitivos. Em Martigny, uma destas vilórias, o comboio curva-se, quasi toca como as pescadinhas de rabo na boca, a locomotiva com os engates a cauda, e volta para o norte, em paralelo com o rio, galopando sobre canaes e barragens sobre viadutos e pontes. O «Dent du Midi» perto de 4 kilometros de terra e gelo em pé, aparece-me agora com outro aspecto, confundindo já as nuvens com formas imprecisas de outras montanhas; as estações pobres mas aceadas, são pequenas barracas que a grandiosidade em volta ridicularisa; são caixas de fosforos, são casas de grilos, com os competentes kiosques para venda de chocolates.

«Syon» é uma cidade perdida nestas alturas, e que eu vejo atravez as vidraças do vagon-restaurant; é aqui que travo relações com a Italia, pois no menu da «collazione», o primeiro prato é o autentico macarrão, esticado, comprido como um film de 15 series, adornado de massa de tomate, e me sabe liricamente bem.

Vinhas, casteios pitorescos, tuneis e estamos em «Brigue», a fronteira Suissa. Apeamo-nos todos, vamos á revista, atravessando as galerias inferiores da gare; passaportes visados, e bem visados porque a Suissa quer ter a certeza se os visitantes se demoraram o tempo de ante-mão fixado ou... comeram a mais.

Duas horas ali, naquele êrmo, vendo lá ao fundo a bocarra do «Simplon» prestes a devorar-me, vagueando entre a mulher dos postaes, dos jornaes, dos «magazines» e o comboio hirto no meio da linha, emquanto a maquina foi lá deante satisfazer as suas necessidades. Que remedio tenho senão travar relações com os meus companheiros, dois francezes hoteleiros, um grego—sem ser eu—e um «signor Bresciani», que é como a providencia vestido de caixeiro viajante, visto que me dá um bilhetinho para o gerente do «Palace» de Milão, unica gazua capaz de abrir um logar no hotel.

O «Simplon» é um respeitavel tunel, um avantajado buraco, 20 minutos de escuridão; não sei que beleza se pode achar nesta travessia: dum lado tudo preto, do outro tudo negro, e, só a vaidade humana a dizer que passou no maior tunel ou esteve no pico mais alto pode achar encanto a taes monstruosidades sem interesse de maior; curvo-me á grande perfuração daninha da montanha, e oprimem-me o peito estes 3 mil e tantos metros de terra que estão sobre mim; uf! eis a claridade, eis de novo o ceu; mas agora a paisagem á atroz, é imensa, é nada; corre agua do alto de fraguas, penedos cinzentos, esquinados, formam um corredor estreito, e mal cabe o comboio entre os dois tuneis consecutivos. «Trasquera» é o primeiro apeadeiro italiano e a primeira palavra que leio é «Retirata»... para homens e senhoras.

Fardamentos esverdeados, humidade, tristeza, uma negrura de dia, que estes montes a pino ainda mais tenebrosos tornam; no fundo do vale, borbulha um rio, prata brilhante a quebrar-se nas arestas das rochas cinzentas. E mais um tunel, e uma queda de agua, outra galeria, nova ponte, arcos, e ao fim duma boa hora de paisagem diversa, espantosamente bela, estamos em Domodossola, a primeira terra de Italia de vulto.

Outra hora de demora, numa estação sombria, agora com outros jornaes, outras revistas, sem chocolates, e anunciando a legalidade do «change» num pequeno quiosque anexo. Por 22 francos suissos recebo 94 liras, o que me rejubila, e dá desejos de começar a comprar coisas. Felizmente que o comboio anda, vagarosamente, mas anda...

Eu aconselho a todos os homens de gosto uma travessia pelo vale de Iselle, por esta linha de «Sempione», de Lausanne a Milão. Não é descritivel, é qualquer coisa dum panorama diverso que corre sem fatigar sob os nossos olhos. Agora, os montes altos vão ficando para o norte e entra-se nos vales viçosos, ricos, do norte da Italia; ha casas de campo empoleiradas nas encostas, e familias que regressam a Milão, batidas pelas asperezas do inverno que se aproxima, enchendo o corredor do wagon, com as suas maletas, as caixas de chapeus, os cestos; uma misturada de gente começa a pejar os logares que já não ha... no comboio, e quando passamos ao lado do lago Maior, muito calmo, muito espelhento, povoado de vilas poeticas, entrecortado de macissos de verdura, já as primeiras calmas da tarde caem.

Arona deve ser uma cidade, mas é só um montão de luzes, e constato que o comboio traz umas trez horas de atrazo.

Para entreter falo italiano, como um bom frequentador da geral do Coliseu em tempo de Tito Schipa, com o meu amigo Bresciani. Já sei como hei-de chamar o moço para me levar as bagagens—«il fachino»—e até obtenho informações sobre a «stopiato generale»—a greve geral — que se anuncia para depois de amanhã, para reconhecimento da comuna russa.

Deitando um olhar de pessoa conhecida, atravez das vidraças, o meu amigo Bresciani afirma que esta escuridão é Gallarate e que ás 9 da noite estaremos em Milão. Realmente ás 10 horas chegamos e eu, deixo sair todos, ponho as maletas no chão e chamo com muita propriedade:

—Fachino!... Fachino!...

A gare é muito longa e eu fiquei bastante arredado da saida.

Ponho as mãos na boca, em porta-voz, e grito em italiano de opera e aflição:

—Fachino!... Fachino!...

A's 10 e quarentas, dava entrada no «Palace Hotel», com 4 malas penduradas de mim e uma ilusão a mais: os «fachinos» tinham essa noite fatal, ido assistir a uma «picolo comicio contra a burguezia...

**Armando Ferreira.**

## As propostas de finanças

### O celebre artigo 23.º

*Sr. redactor*—Não é só o art.º 55.º e o seu § unico, nas propostas do sr. Cunha Leal, que nos devem causar terror.

Ha disposições mais perigosas e que são de caracter permanente, como seja o art.º 23.º

Por ele pode a Direcção Geral das Contribuições e Impostos ordenar «varejos e diligencias de toda a especie, para verificar a exactidão dos dados fornecidos pelos contribuintes. A latitude d'esta disposição não se abrange com a primeira leitura.

Ella só de per si revoga todos os direitos e garantias constitucionaes.

E' a devassa pura e simples não só da escrita como de todos os documentos que constituem a chave d'uma casa comercial, a tecnica d'uma industria, ou o segredo d'uma profissão.

Agradecendo a publicação d'estas linhas, sou de v., etc.—*Jorge Faria*, comerciante.

## Inspectores escolares

Tomou posse na secretaria da instrução, o novo inspector do circulo escolar de Torres Vedras, sr. José de Meireles Pinto.

## A reforma das pautas

### Um problema de solução urgente — A missão que devem desempenhar as associações industrial e comercial

Já dissémos, que está a terminar o terceiro decenio dos decorridos desde a data em que foi posta vigor a pauta das alfandegas.

Quer dizer: já deixaram passar dois periodos, que impunham uma revisão a fazer-nas taxas lançadas sobre as mercadorias recebidas do estrangeiro, porque, como se sabe, a evolução das diversas industrias, no fim de cada dez anos, impõe a necessidade de ver quaes são as que continuam merecendo a protecção pautal.

Mas devemos acentuar um facto, que revela como os nossos governos não são orientados, ou antes impulsionados, pelas correntes de opinião, que devem ser formadas pelas associações de classe. Se as associações industriaes e comerciaes tivessem defendido os interesses das classes que representam, no que respeita aos impostos aduaneiros, talvez tivessem conseguido a revisão no seu devido tempo. Assim como tambem, se tem lamentado bastante que estas associações não tivessem formulado os seus protestos pelos transtornos causados ás industrias e ao comercio, com a demora havida nos despachos de mercadorias estagnadas nos entrepostos.

A Associação Industrial Portugueza enviou agora uma circular aos seus socios pedindo lhes o sacrificio do aumento de quota. Mas para que esse sacrificio seja feito, é necessario que todos se compenetrem das vantagens provenientes para a classe, da existencia de tal instituição.

As associações de classe devem procurar imediatamente promover conferencias, para serem ventilados os assuntos que exigem uma modificação nas pautas, para que o governo, quando elabore o projecto das mesmas, já anunciado, as classes saibam o que hão de exigir com justiça e em harmonia com os seus interesses e os do Estado.

Além disso a Associação Industrial Portugueza deve elaborar os programas de algumas conferencias a realisar, que possam orientar o publico e os governos no sentido de ser creada riqueza publica.

Para se poderem equilibrar as propostas de finanças, que nada deixam escapar pelas apertadas malhas da sua rêde, é preciso crear riqueza, fazendo valorisar importantes recursos nacionaes.

Assim por exemplo, porque não convida a Associação Industrial alguns dos mais distintos professores para fazerem conferencias, versando, por exemplo, os assuntos seguintes:

*a)* Aproveitamento das quedas de agua, melhor fórma da sua utilisação para a produção da energia electrica, barateamento da energia mecanica em Lisboa.

*b)* Produção da energia electrica para iluminação da capital, apreciação dos contratos existentes entre a Camara Municipal e as Companhias reunidas gaz e electricidade.

*c)* Estudo da exploração das minas carboniferas existentes no paiz.

*d)* Produção do gaz de agua para iluminação e industrias.

*e)* Aproveitamento das riquezas naturaes para o desenvolvimento da industria quimica.

Por outro lado a Associação Comercial, deve tambem promover algumas conferencias, onde se versem os assuntos:

*a)* Aproveitamento da nossa frota maritima, em melhores condições do que as actuaes.

*b)* Aproveitamento dos recursos coloniaes para serem conduzidos para o abastecimento da metropole.

*c)* Abastecimento de carnes, pelo gado da costa ocidental de Africa, ou pelo sistema de frigorificos, ou pelo transporte do gado vivo. Meios de facilitar o transporte para o litoral.

*d)* Despacho de mercadorias por meio de declaração no acto da verificação, ainda mesmo nas mercadorias de dificil verificação.

Ora aqui teem os srs. directores das referidas associações, um plano de propaganda nacional que facilmente poderão executar, convidando professores das escolas, ou outros individuos de reconhecida competencia para fazerem conferencias versando esses assuntos de maior oportunidade.

E' preciso que essas associações não deem acordo de si, para protestarem contra as medidas dos governos, que não lhes agrada aos seus interesses; devem cooperar, orientando, apresentando alvitres que não são para desprezar em qualquer epoca e muito menos quando se pense em medidas de salvação publica.

**J. Correia dos Santos.**

## EM VIAGEM

### De bordo do «Portugal»

Foi hoje recebido o seguinte radio: «DAKAR, 5, ás 16.—Os passageiros do vapor *Portugal* cumprimentam suas familias e seguem sem novidade».

# Theatros e Cinemas

## PRIMEIRAS E REPOSIÇÕES

**THEATRO DO GINASIO — A Garra (La Griffe)** *4 actos de Henry Bernstein, trad. de Avelino d'Almeida*

### *A critica das criticas*

A peça era daquelas que faz á criticos puxar um pouco mais pelos seus conhecimentos, e tambem das que se prestam mais para divergencia de opiniões.

Eduardo Noronha, acha-a «aspera, irritante, com verdades e inverosimilhanças», Antero de Lima acha-a «inverosimil como todo o teatro de Bernstein, mas dando boas scenas de teatro», o sr. da «Epoca» diz que «a tese da peça é discutivel» mas não tem tempo nem espaço para a discutir, emquanto Alvaro Lima, com tempo e espaço e até com umas gravuras detestaveis de Amarelhe, faz considerações sobre o teatro de Bernstein em geral, dizendo que «sempre se sae do teatro doente, amarfanhado, irritado pela subjugação sofrida a que não conseguimos escapar e é esse, sem sombra de duvida, o grande segredo do seu teatro que vai, quantas vezes, até á ousadia duma linguagem em que, não ha sequer tempo, para reparar.»

Jorge Ortiz reedita a opinião de Henry Bordeaux, por palavras suas:

«O autor do «Ladrão» é, na moderna dramaturgia franceza, o mais alto e bizarro acrobata de emoções perturbantes, violentas, o mais poderoso «jongleur» de situações imprevistas e brutaes.

As suas peças atingem um tal volume de tensão dramatica que não ha na actual literatura dramatica, salvante certos dramas de Bracio e certas tragedias sicilianas, maior dominador de sensações.»

Para o sr. Fernando Mira, «A Garra» «é uma peça forte» mas altamente «antipatica», emquanto o sr. Jaime Vitor diz que é necessario remontar a Shakespeare «para se atingir um seu ante-passado intelectual» ! !

E os restantes criticos passam antes á tradução e ao desempenho onde as opiniões são absolutamente concordes...

A «tradução» pareceu correcta a Mario Bonança; para Jaime Vitor e José Melo mereceu reparos; a Jorge Ortiz, depois de prestar honras ao tradutor, pergunta «se os actores terão dito o que o tradutor escreveu». Porquê? E' boa para a restante maioria, sendo unanimes todos em reconhecer que era tarefa muito dificil.

Sobre Alves da Cunha as opiniões repetem-se com adjectivos a mais, ou a menos.

Mas, para o restante desempenho dividem-se os pareceres. O «Seculo» acha tudo optimo... A «Noite» diz que é o melhor trabalho que tem feito a sr.ª Viana da Mota, embora longe de perfeito; a «Patria» atribue-lhe scenas felizes no 1.º acto; o «Tempo» diz que ela com os seus risos felizes, as suas explendorosas toilettes, a sua carne provocante e a sua perversidade moral, deu um belo relevo ao papel. O «Jornal do Comercio» acha o seu melhor trabalho, e a «Manhã» nem fala nela. A «Vitoria» diz que no 4.º acto teve uma violencia muito para aplaudir, e a «Batalha» diz que não esteve á altura das responsabilidades embora avançando aqui lentamente; o «Diario de Noticias» diz que ela teve scenas bem indicadas.

*

Do conjunto geral e dos scenarios a opinião é regular, louvando porém, toda a imprensa, o arrojo, a iniciativa da empreza.

Nem podia deixar de ser.

## Noticiario

**Entre nós**

Angel Guimerá o autor da peça «A pecadora», que, traduzida pelo nosso colega no jornalismo Rafael Ferreira, vae ser representada no Nacional,—Gimerá, diziamos, conta cerca de 70 anos, mas, apesar disso, ainda trabalha, entusiasticamente, para o teatro, escrevendo peças que comovem, em extremo, o publico de todas as nacionalidades e de todas as classes, visto que em todas as suas obras vibra, intensamente, a sua alma de poeta que aos 20 anos obtinha já os primeiros premios nos «Jogos Floraes de Barcelona».

O papel de protagonista d'«A Pecadora», que foi desempenhado, em Italia, por Mimi Aguglia, e em Hespanha, por Maria Guerrero, está, no Nacional, confiado á distinta actriz Augusta Cordeiro, o que constitue garantia duma esplendida interpretação.

—Contrariamente ao que alguns jornaes publicaram, não foi o consciencioso ator sr. João Calazans quem fez o papel antigamente interpretado por Ferreira da Silva, no «Amor de Perdição», mas sim o actor Pato Moniz.

—Segundo nos consta alguns admiradores e amigos de Alves da Cunha, estão tratando de organisar um almoço de homenagem particular ao distinto actor, ao qual desde já nos associamos.

—No Coliseu dos Recreios realisa-se amanhã a apresentação de quatro leões, que nos dizem ser soberbos exemplares, pelo dumador Fortunio.

A imprensa foi convidada a hoje pelas 23 horas e meia, assistir, em sessão especial, a uma apresentação dos belos animaes. Agradecemos o convite.



### O concerto Blanch de domingo

E' dos que hão de ficar memoraveis o concerto da «Orquestra Sinfonica Portugueza», dirigida pelo maestro Pedro Blanch, que no proximo domingo se realisa no teatro São Luiz. Executam-se pela 1.ª vez em Lisboa duas composições celebres, o famoso «scherzo «A Rainha Mab ou a Fada dos Sonhos» e a «Romeu e Julieta», considerado em todo o mundo musical a mais notavel obra prima do grande Berlioz e a Introdução do 1.º acto de «Fervaal», a extraordinaria composição de Vincent d'Indy. E ainda a Sinfonia do «Novo Mundo», de Dvorak; o «Freyscholtz», de Weber; a «Rapsodia em fá», de Liszt; a «Marcha hungara de Damnation da Faust», de Berlioz, e outras composições celebres. E' um magnifico programa como dificilmente se tornará a ouvir.



### Maciste apaixonado

E' o titulo duma belissima pelicula em 3 episodios, 6 partes que hoje se estreia no Salão Central. O formidavel actor e atleta itiliano Maciste, que deu o seu nome para tão extraordinaria produção cinematografica, tem a seu cargo o protagonista, o que é uma segura garantia para que a concorrencia áquele elegante cinema seja bastante numerosa. Maciste tem admiradores em todo o mundo, pela sua força herculea, pela sua arte, pelos seus dotes unicos de actor de primeira ordem e pela intrepidez com que desempenha as suas personagens.

E' um actor de aventuras que o nosso publico muito aprecia e que sempre prefere.

A noite de hoje, no Salão Central, é de verdadeira festa, já pela estreia da surpreendente fita *Maciste apaixonado*, já por figurarem tambem no programa os tres ultimos episodios da grande pelicula *O rasto do gavião*.



## MUSICA

### O ultimo concerto de Léa Bach

A pedido de muitas familias a eminente concertista d'harpa Léa Bach dá-nos ainda depois d'amanhã no Politeama, um dos seus concertos, o ultimo. Todo o programa é magistral, estando indicadas para a primeira parte. composições de Godefroid, Mozart e Hasselmans. Na 3.ª parte, como no concerto de hontem, executará a grande artista, d'entre os muitos trechos que lhe forem solicitados, aqueles que de momento lhe ocorrerem. Na 2.ª, os trechos tocados terão o acompanhamento do joven e distinto violinista Paulo Manso, atractivo que mais interessante torna ainda esta festa d'arte que tão cedo não voltaremos a gosar.



## Banco de Portugal

**Convocação da Assembléa geral extraordinaria**

Por circular expedida aos srs. accionistas, é convocada esta Assembléa geral extraordinaria do Banco a reunir na proxima segunda-feira, 13 do corrente mez, pelas 14 horas, (2 horas da tarde), nos termos do n.º 4 dos artigos 82.º e 85.º dos Estatutos, como caso urgente para apreciar as propostas do Governo para execução da lei n.º 1074.

Lisboa.—Secretaria da Assembléa geral do Banco de Portugal em 9 de Dezembro de 1920.

O secretario

a) Fernando Ennes Ulrich



## VIDA SPORTIVA

### Campeonato de Foot-ball

Efectuam-se depois d'amanhã, no campo atletico do Campo Grande, dois dos melhores desafios de primeiras categorias do Campeonato de Lisboa.

N'um d'eles tem o campeão de Lisboa, o Sport Lisboa e Bemfica, de entender-se com um grupo dos mais novos n'esta categoria mas que tem dado que fazer e dará porque é pesado, está cheio de entusiasmo e procura aperfeiçoar-se constantemente, o Carcavelinhos.

N'outro desafio, o Vitoria Foot-ball Club, de Setubal, terá contra si um dos mais vigorosos agrupamentos, um dos verdadeiros favoritos do Campeonato, os Belenenses, que todavia não devem esquecer que o Vitoria tem feito boa figura no Campeonato e que no Porto venceu recentemente os mais fortes clubs do norte.

São dois favoritos do Campeonato, o Bemfica e os Belenenses, que arriscam as suas probabilidades contra dois clubs que estão anciosos de gloria.

COMO SE TRABALHA

## Portuguezes que não fazem politica

Fomos a Setubal ha dias e visitamos as importantes fabricas de conservas, moagens e litografias que ali existem, etc., bem como varias das principaes casas comerciaes daquela praça, tudo o que nos impressionou profundamente pelo contraste que notamos entre o trabalho, esforço e actividade a que assistimos nos meios industriaes e comerciaes em qualquer localidade da nossa terra e o que estamos habituados a vêr em muitas secretarias, serviços publicos etc.

Demos depois uma volta pelo caes pois tinhamos ouvido dizer que Setubal se tornára, de ha tempo para cá, um dos principaes portos comerciaes da Republica. Indagamos o que vinham fazer diversos navios que ali se achavam ancorados e o nosso cicerone prontificou-se a acompanhar-nos ao escritorio do consignatario, por que ele apenas sabia que vinham carregar... sal. Nunca supuzemos tal genero objecto de tão importante comercio, pelo que acedemos ao convite e ao escritorio nos dirigimos.

Apresentados ao chefe da casa, sr. Alexandre Liverio, ficamos surpreendidos em primeiro logar, vendo-o desculpar-se para a direita e para a esquerda em diversos idiomas (alguns dos quaes não compreendemos) por ter de se afastar momentos para nos atender.

Alvo das maiores das atenções da sua parte, explicou-nos então que era realmente ao sal, ao afamado «St. Ybes,» ou «St. Ubes-Bay Salt,» bem como á especial cortiça e vinhos, etc. de Setubal, que todos aqueles navios ou vapores vinham, os quaes eram de mui varias nacionalidades, sendo os individuos com quem falava seus comandantes. Havia, se bem nos lembra, dois dinamarquezes, dois francezes, um inglez ou americano, um norueguez, um finlandez, etc. Enfim, uma verdadeira torre de Babel.

Quem não está, como nós, habituado aquele meio mercantil maritimo, acha motivo para surpreza o facto de tal afluencia de navios a um porto como o de Setubal; porem, o nosso amavel informador, pessoa modesta, o verdadeiro tipo do «self-made-men», mas um «self-made-men-up-to-date» recorrendo ao seu registo de entradas e saidas de navios, provou-nos que, ocasiões tem havido, de se juntarem ali dois e tres vapores com oito a dez veleiros, todos activamente efectuando operações de carga e descarga dos referidos e outros generos.

E disse-nos ele: Maior desenvolvimento teria o nosso porto não só devido aos meus esforços mas egualmente ao dos meus colegas, (nem só eu me ocupo do assunto) se o serviço de pilotagem aqui, não fosse hoje apenas um engano. Constou já no estrangeiro, que o porto de Setubal nem pilotos tinha! Não é verdade, pois os tem, mas sem possuirem hoje hiate de cruzeiro, que va deixá-los a bordo dos navios fóra da barra para poderem comandar as manobras de entrada. Então os pilotos não teem navio? (perguntamos). Não senhor, venderam aquele que possuiam, para poderem viver durante a guerra, com autorisação superior é claro, o que comtudo não atenuou a gravidade do facto. De forma que, ao entrarem os navios, o piloto vae de bote para bordo, fazendo apenas acto de presença, depois de o navio já ca estar do lado de dentro, se, como ja tem sucedido e la fora transpirou, não deu nos baixos e não se afundou...

O nosso informador, aproveitando o oferecimento que lhe fizemos, pediu-nos então para no nosso jornal chamarmos a atenção dos poderes publicos para tal estado de coisas, que desvia de um dos mais florescentes portos nacionaes, bastante navegação para o de Cadiz e Torrevieja. Com muito gosto o fazemos, agradecendo ao mesmo tempo as suas informações, convictos de que se houvesse em Portugal mais 500 a 1000 «Self-made Amen» a trabalharem assim, a valer, e com inteligencia, pelo resurgimento do nosso comercio de exportação, (e salvo o caso de a eterna politica não anular taes diligencias), o nosso paiz, atingiria de novo, o apogeu das suas passadas glorias!

S.



# ULTIMA HORA

## PARLAMENTO

### Na Camara dos Deputados

Abre a sessão com 29 deputados presentes, lendo-se a acta e o expediente.

O sr. Alberto Vidal manda para a mesa, requerendo para ele urgencia, um projecto de lei autorisando o governo a ceder gratuitamente e a mandar fundir o bronze necessario para a estatua a Antonio José da Silva, o «Judeu», que deve ser erigida em Lisboa, conforme a *maquette* aprovada e em poder da camara municipal.

Reentra depois em discussão o projecto Lelo Portela, que suspende a execução do artigo 3.º da lei 999 sobre os impostos camararios *ad-valorem*.

O sr. João Salema concorda com ele, por lhe ver a intenção de melhorar esse diploma e porque nenhuma excepção pode ser simpatica.

O sr. Lelo Portela constata que toda a camara se mostrou favoravel quanto á necessidade de se modificar a lei 999, mas tambem verifica que bastou essa atitude parlamentar para que a camara de Gaia e respectivas juntas de paroquia se insurgissem, fazendo comicios onde se fizeram todas as insinuações. Mas o seu projecto foi ditado pela defesa dos interesses do Douro, donde tem recebido centenares de telegramas solicitando a sua aprovação, provando-se assim a razão do documento em debate.

E se não propoz a revogação da lei 999 foi por não poder nem querer ir contra a constituição da Republica Não conhece o motivo por que o vinho do Douro ha-de ser sobrecarregado com um imposto de que o vinho dos outros pontos do paiz está isento.

Mantem o seu projecto, por entender que ele representa a unica formula aceitavel de se fazer justiça e de se observarem os interesses do paiz.

Aprovada a acta e votado e requerimento do sr. Alberto Vidal, o sr. Alves dos Santos, diz que algumas camaras em vez de fazerem uso da faculdade de lançarem impostos *ad-valorem* teem consultado os municipes sobre a execução da lei 999.

O sr. Raul Tamagnini Barbosa, retira a sua proposta de emenda e declara concordar com a do sr. Alfredo de Sousa.

Rejeita-se o projecto do sr. Lelo Portela, aprovando-se o contra-projecto do sr. Alfredo de Sousa, pelo que ficou assente tornar extensiva a todos os concelhos por onde se façam exportações para o estrangeiro, a contribuição a que se refere o artigo 3.º da lei 999, não podendo, quanto a vinhos, ser superior, por hectolitro, á quantia de 40 centavos para os vinhos licorosos e vinte centavos para os vinhos comuns.

Seguidamente o sr. ministro do comercio anuncia o termo da gréve ferro-viaria das linhas do Estado, declarando que os grévistas reconheceram que a sua atitude era neste momento prejudicial ao paiz.

Resolveram eles retomar o trabalho, sem condições por confiarem inteiramente no governo que reconhecé a necessidade de estudar as reclamações feitas.

O sr. Antonio Francisco Pereira, constando-lhe que o conselho de administração dos Caminhos de Ferro do Estado se opõe á readmissão de alguns dos grevistas, lastima que assim aconteça.

O sr. ministro da comercio responde que o governo não tera duvida em promover o reingresso dos elementos de ordem, mas será inexoravel para os autores de «sabotage», criminosos que nem a classe ferro-viaria se honra de ter no seu seio.

O sr. Augusto Dias da Silva requer, para em negocio urgente, trata do mesmo assunto, com prejuizo do debate sobre a proposta do sr. ministro das finanças.

Rejeita-se essa prova e contra prova.

O sr. Velhinho Correia requer, por sua vez, que a questão seja tratada na segunda feira sem prejuizo da ordem do dia.

Em contra prova, vota-se favoravelmente.

O sr. Leote do Rego, aludindo á discussão feita hontem a proposito da missão diplomatica á conferencia de reparações em França, diz que as explicações dadas pelo sr. ministro dos estrangeiros apenas o satisfizeram em parte. Não comprehende que os srs Vitorino Guimarães e Alfredo Nordeste tivessem ameaçado o governo de se retirarem do desempenho daquela missão se não fossem substituidos. Reputa depois, de grande importancia, o fim da conferencia e, a proposito, refere a acção do sr. Afonso Costa na conferencia de Versailles. Diz depois que as delegações á conferencia da paz já nos custou desde fevereiro de 1918 uma coisa como 40.000 libras. Concorda com que o sr. Afonso Costa continue a ganhar 10 libras por dia mas desejaria que da sua iniciativa partisse a resolução de se diminuirem algum tanto os vencimentos dos outros delegados. Para reforçar a consistencia da sua opinião sobre a maneira como se estão dispendendo os dinheiros publicos, o orador diz que tendo ha tempo o parlamento autorisado 6.400:000$00 para a compra de cruzadores, tal uso se fez do dinheiro, retardando o seu cambio em libras, que o Estado já gastou 1.400:000$00, quando poderia ter gasto 490:000$00.

Afirma tambem que os adidos navais em Paris, Londres e Washington nos custam mensalmente 83.000$00. Cita ainda outros casos que considera de pessima administração e chama a atenção do governo para que termine com os esbanjamentos.

### No Senado

O sr. Bernardino Machado expõe a sua opinião acerca de nomeações de governadores civis. Essas nomeações, diz, devem merecer sempre o maior cuidado aos governos de concentração e recair em individuos que mereçam toda a confiança do regimen vigente.

O sr. presidente do governo declara que ainda não foi resolvida a nomeação das autoridades administrativas, porque outros assuntos de maior importancia tem ocupado todo o tempo o seu ministerio. Garante que o seu gabinete continuará mantendo a maior unidade de ação e que as futuras nomeações para os aludidos cargos, deverão recair em cidadãos que ofereçam a maior garantia de bem cumprirem a sua missão em defeza das instituições. Refere-se ao problema das subsistencias que o governo da sua presidencia não tem descurado e conclue por asseverar que as nomeações das citadas autoridades devem ser feitas sem se olhar ás suas filiações partidarias: basta, apenas, a demonstração exuberante do seu republicanismo.

O sr. Silva Barreto ocupa-se largamente da emigração, chamando a atenção do governo para um artigo publicado no «Primeiro de Janeiro», do Porto, pelo jornalista sr. Guedes de Oliveira. Diz que é impossivel reprimir a forma desumana como os engajadores exercem a sua «profissão», principalmente no Minho e Traz-os-Montes. Diz que os salarios no Minho variam entre 1$20 e 1$50, o que dá logar a que a emigração se transforme num negocio de carne humano.

O sr. Gaspar de Lemos chama a atenção do sr. ministro da justiça para o facto de o Deposito Penal Maritimo se encontrar ao abandono.

O sr. ministro da guerra promete interessar-se e transmitir o assunto ao seu respectivo colega.

O sr. Silva Barreto requer urgencia e dispensa do regimento para a proposta de lei tornando efectivos os professores das escolas normais primarias desde que o seu plano de lições seja aprovado por uma comissão composta pelo director da Escola Normal Superior, um director das Escolas Normaes Primarias e por um professor eleito por uma das escolas normaes primarias.

Aprovados: urgencia, dispensa e proposta.

O sr. Travassos Valdez envia para a mesa um projecto criando o logar de escrivão da repartição dos serviços de marinha de Macau e provendo nesse logar o 1.º amanuense da capitania dos portos. A apoiar o seu projecto, diz, tem o governador de Macau o voto unanime do seu conselho de governo.

A proxima sessão realisa-se na terça-feira.

## Porto de Leixões

### A junta autonoma apresenta uma proposta de lei para execução de obras

Uma grande comissão de portuenses que constituem a junta autonoma das instalações maritimas do Porto—Douro Leixões—esteve hoje largo tempo no Parlamento pedindo aos Deputados, senadores, e «leaders» dos varios partidos, aprovação para uma proposta de lei rectificativa da lei n.º 1028 de 20 de Agosto de 1920 sobre as obras a executar pela referida junta.

Damos em seguida um extrato da referida proposto de lei:

E' fixado em trinta mil contos, o custo das obras a executar em Leixões.

Para auxiliar a Junta a satisfazer os encargos dos emprestimos a realizar para a execução das obras de Leixões é fixada a verba setecentos e cincoenta contos.

As obras de Leixões serão executadas por uma só empreitada ou por empreitadas parcices, adjudicadas em concurso publico.

A Junta Autonoma gozará para as expropriações necessarias, da faculdade concedida pelo § 2.º do art. 6.º do lei de 26 de julho de 1912.

Da Junta Autonoma fará parte tambem, como vogal, o presidente da camara municipal de Matosinhos.

São abolidos: O direito de carga, creado pela lei de lei de 16 de setembro 1890; e bem assim as adicionaes n'ela estabelecidos.

As percentagens que incidem sobre a imposto de farolagem e sobre o direito de carga, provenientes dos impostos adicional, complementar e extraordinario, criados respectivamente pelas leis de 27 de Abril de 1882 30 de julho de 1890 e 25 de julho de 1898.

Os impostos estabelecidos pelas leis de 19 de julho de 1841, 16 de junho de 1848, para as obras da Praça do Comercio do Porto exclusivamente nas taxas que incidem sobre as embarcações tanto de longo curso como costeiras.

Os impostos estabelecidos nos artigos 2.º e 3.º do decreto de 8 de outubro de 1900 aplicaveis á construção do posto de desinfecção de Leixões, tambem exclusivamente nas taxas que incidem sobre as embarcações.

Os impostos designado nas tabelas A, B e D, do decreto de 27 de maio de 1893.

As percentagens que incidem sobre os impostos designados nas ditas tabelas A, B e D, provenientes dos impostos adicional, complementar e extraordinario, creados, respectivamente, pelas leis de 27 de abril de 1882 30 de Julho de 1890 e 25 de Junho de 1898.

Em substituição do imposto e das percentagens abolidas, é creado o «imposto de comercio maritimo» ao qual ficam sugeitas todas as embarcações que entraren nos portos do continente e ilhas adjacentes e neles realisarem operações comerciaes.

Art. 9.º As embarcações estrangeiras, de vela ou movidas por qualquer sistema de propulsão mecanica, pagarão o imposto de comercio maritimo segundo a tabela seguinte:—Carga descarregada: Por cada tonelada de 1:000 kilogramas de carvão de pedra, antracite, linhite, aglomerados de carvão (*briquette*), coque, enxofre, minerios em bruto, adubos para a agricultura, gêsso, barro ou tijolos, $50; por cada tonelada de qualquer outra mercadoria. 1$00.—Carga carregada: Até 20 toneladas de peso bruto, imposto fixo, 5$00; quantidade com peso superior a 20 toneladas, imposto fixo, 40$00.—Passageiros desembarcados: Cada um, 1$00.—Passageiros embarcados: Cada um, 3$00.

Art. 10.º O comercio maritimo de cabotagem nos portos do continente e ilhas adjacentes continua reservado para embarcações portuguesas'

Ficará á escolha da Junta Autonoma a prioridade das obras a executar como parte do plano geral dos melhoramentos do porto do Douro.



### Entre inquilinos e senhorios

A proposito d'uma local que démos com este titulo no nosso numero do dia 7, escreve-nos o sr. Antonio Lourenço Rodrigues, e não Manuel Lourenço Rodrigues, como na local se lhe chamava, uma longa carta, que a falta de espaço nos impede em absoluto de publicar.

D'essa carta, porem, se vê que não só o sr. Antonio Lourenço Rodrigues adquiriu legitimamente a parte que lhe pertence no inventario Leal, como ainda tem sido bom senhorio, apezar dos contratos com os inquilinos terem ha mais de oito mezes caducado, em virtude do falecimento da usufutuaria do predio de que se trata, a viscondessa de Massamá.

Quanto ao que se passou com o norueguez sr Gunderson, diz o sr. Antonio Lourenço Rodrigues, que não só ele não habita na casa, pois a sua residencia é na Damaia, como ainda que pagando 10$00 mensaes, tinha sobrealugada metade da casa por 50$00 mensaes a um alemão, o sr. Julio Kraft, o qual desistiu da casa, em razão das exigencias do sublocador. D'ahi o facto do sr. Lourenço Rodrigues, no uso legitimo d'um direito, como cabeça de casal, ter feito arrendamento a outra pessoa. E narra, na carta a que nos referimos, o que se passou, não agora, mas ha cerca de dois mezes.

Apenas diremos que as informações que a tal respeito publicámos nos foram fornecidas no tribunal da Boa Hora e que, ao que esclarece o nosso solicito informador, tudo o que narramos se depreende do processo.

Como o caso está afecto aos tribunaes, a eles compete decidir.

## NOTICIAS DA CAPITAL

**A serie diaria.**—Foi preso Manuel Mendes, sem residencia, por ser encontrado escondido dentro de uma das despendencias dos Armazens do Chiado. Conduzido para a esquadra da rua dos Capelistas, ali declarou que estava ali escondido com o fim de roubar, sendo já a segunda vez que ali se introduz, tendo furtado um chapeu de chuva.

Tambem foram presos: Ermelinda da Conceição, rua do Calvario, 39, 2.º, por ter subtraido da porta do estabelecimento de Mario Jorge Fernandes, rua dos Fanqueiros, 111, uma peça de fazenda; José Lopes Cavaleiro, José Joaquim Neves, ambos sem residencia, Manuel de Souza Coelho, rua do Arco do Marquez de Alegrete, 49, 1.º, Honorato Lopes, travessa da Faustina, 7. José Martins, calçada de Sant'Ana, 7, 3.º e José Pedroso, Telheiras de Baixo, 2, detidos pela rusga da esquadra da Praça da Alegria por suspeita de rerem os autores dos furtos de carteiras e correntes que ultimamente se teem dado nos carros electricos.

# A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3722 — II.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Sabado, 11 de Dezembro de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de Impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 5 centavos


# As propostas de finanças

O artigo 36.º das propostas de finanças, apresentada ao parlamento pelo sr. Cunha Leal, refere-se á contribuição correspondente á cedula F., á qual é devida pelo montante bruto dos rendimentos representados pelos dividendos, juros ou quaesquer outros proventos de:

*a*) acções, obrigações ou emprestimos, que não derivem dum contracto de conta corrente ou se não liquidem por letras comerciaes, de todas as sociedades sem distincção, com séde no territorio da Republica, menos quando esses titulos sejam emitidos com garantia do Estado portuguez, uma vez que não gosem de privilegios e imunidades consignadas em leis especiaes;

*b*) acções, obrigações ou emprestimos, nas condições exaradas na alinea anterior, de sociedades com séde em paizes estrangeiros;

*c*) fundos publicos de paizes estrangeiros;

*d*) todas as dividas que, por exclusão de qualquer acto mercantil, não apresentem o caracter juridico dum emprestimo comercial;

*e*) depositos de numerario, á vista ou a prazo, qualquer que seja o depositario e o destino do deposito;

*f*) cauções em dinheiro.

O art. 37.º diz:

«Os rendimentos provenientes da posse de fundos publicos portuguezes só podem ser tributados por leis especiaes, continuando em vigor todas as disposições que lhes respeitem anteriores á vigencia desta lei».

O art. 38.º diz:

«Ficam isentos do pagamento da contribuição correspondente á cedula F.:

*a*) os juros de depositos efectuados na Caixa Economica e na Caixa Geral dos Depositos;

*b*) os juros das dividas hipotecarias, em representação das quaes as sociedades ou companhias para tal autorisadas emitam obrigações, titulos ou valores que, por sua vez, estejam sujeitos ao pagamento dum imposto sobre o rendimento.»

Agora, a nota oficiosa que pelo ministerio das finanças foi enviada aos jornaes da manhã que hontem a publicaram:

«Tendo-se propalado por errada interpretação dos artigos 36.º e 37.º do capitulo 5.º das propostas de finanças apresentadas ao parlamento que sobre os depositos efectuados por particulares em Bancos e casas bancarias incide a contribuição correspondente á cedula F., declara-se que é menos exacta essa interpretação, pois o imposto incide apenas sobre os juros desses depositos que, de ha muito, era pago em Portugal pelos estabelecimentos bancarios.

Outrosim se comunica que ficam isentos do pagamento da contribuição correspondente á cedula F. os juros de depositos efectuados nas Caixas Economicas, na Caixa Geral dos Depositos, os juros dos bilhetes de tesouro, dos saques, a praso, da agencia financial de Portugal no Rio de Janeiro e todos os papeis de credito internos e externos representativos de dividas do Estado.

Continuam tambem isentos de selos de recibos e de endossos, nos termos da legislação em vigor, os bilhetes do tesouro e os saques da agencia financial de Portugal no Rio de Janeiro.»

Quizemos transcrever os artigos da proposta e esta nota oficiosa para que o leitor tenha presente aos seus olhos as disposições novas que ela contem, e que, sendo aprovada a proposta tal como o governo a apresentou, não ficariam no texto da lei.

Por meio d'uma simples nota oficiosa, o sr. Cunha Leal estabeleceu essas novas disposições, isentando agora, como mais tarde pode incluir ou agravar. Deve esta nota ser já um exemplo da forma como o sr. ministro das finanças dará as suas instrucções ou formulará os seus regulamentos, para os quaes exige a maxima latitude.

Em todo o caso, ninguem poderá recusar-se a reconhecer que o que o sr. Cunha Leal já sente a necessidade de esclarecer e ampliar, senão alterar, os termos da sua proposta, e n'estas condições como é que se póde reclamar que o parlamento vote de afogadilho um diploma que se presta a más interpretações ou é omisso em pontos de importancia, como aquelles a que faz referencia a nota oficiosa?

Parece-nos que este facto vem dar razão aos que desejam que se estude com ponderação o projecto governamental, e que andam realmente apressados de mais os elementos que já se movimentam para fazer sobre o parlamento mais uma d'essas já habituaes pressões da rua, anunciando reuniões em que se exija das camaras a votação imediata das propostas de finanças que demandam aturado estudo e que não terão nenhuma especie de viabilidade se não forem orientadas n'um sentido de justiça e de harmonia com as possibilidades das classes e dos individuos.

O MARTIRIO DE UMA MULHER

# "Doida não e não!"

## Atraz de tempo...

Hoje analisarei um postal, tambem dum anonimo. E' o segundo que me escreve sobre o mesmo assunto.

Diz-me ele que faço mal, como mal faz o meu advogado, sr. dr. Bernardo Lucas, em deixarmos sem reparo a atitude que o *Diario de Noticias* tem assumido contra mim, porque, quem os seus inimigos poupa ás mãos lhe morra».

Sim, ensina-nos isso a sabedoria das nações.

E' certo que eu nada ou pouco tenho dito ácerca do aludido jornal. Ha, porém, dois motivos para isso: primeiro, porque no seu cabeçalho figuram, ainda, dois nomes que eu respeito—Eduardo Coelho e Conde de S. Marçal.—Atacar esse jornal dá-me a impressão do insultar esses dois vultos que devem, já por vezes, nos seus tumulos, ter estremecido de indignação, ao verem que nas colunas do seu querido *Diario de Noticias*, se pretende completar uma obra de odio, de que resultaria o aniquilamento da filha dum desses honrados mortos e afilhada do outro; segundo, porque o que eu poderia dizer já o publico o tem dito.

Que o *Diario de Noticias* se desviou do caminho digno que os seus fundadores lhe traçaram, para atacar a herdeira desses mesmos fundadores, ex-proprietaria dessa folha; que, querendo continuar a ser um jornal serio, o *Diario de Noticias*, por principio nenhum deveria envolver-se numa questão em que estava em jogo a vida de uma das antigas donas dessa casa;

que o *Diario de Noticias* consente que, sem a assinatura de alguem que lhe assuma a responsabilidade, se dirijam, nas suas colunas, a fingir de anuncios, insultos, cousa que esse jornal, de honrosas tradições não consentia outrora.

O publico diz isto e tem razão.

Emquanto, porém, no *Diario de Noticias* se procede assim, eu, a dementa, como nos quatro ventos pela cidade se espalha; tenho-me conservado calada.

Quem tem procedido bem? Eu ou o *Diario de Noticias*?

Diz-me mais o anonimo que o sr. dr. Alfredo da Cunha tem todos os dias largas conferencias com o actual Director da mesma folha e que este senhor, porque se propôz a ser nosso ministro plenipotenciario em qualquer terra estrangeira, aproveita, para os seus fins, o nome do antigo Director, sr. dr. Alfredo da Cunha, emquanto que este aproveita, para fins que tem em vista, o nome do sr. dr. Augusto de Castro.

Será assim? Não será?

Agradeço, no entanto, ao meu informador todas as mais interessantes revelações que me faz, mas não tenciono usar delas.

Prefiro ter o direito de censurar, a ser censurada.

Insurgir-me contra a actual Direcção do jornal fundado por meu Pai, repugna-me, embora eu seja, segundo na mesma folha se tem proclamado, uma inconsciente.

Falar dos actos particulares da vida do sr. dr. Augusto de Castro, não o farei.

Sua Ex.ª leva a vida que lhe apraz, que julga dever levar e eu não tenho absolutamente nada com isso.

Subscrevendo com o seu nome, esse senhor ainda, que eu saiba não me dirigiu um ataque qualquer. Consente que me ataquem, isso sim, mas quem pode perder com isso não sou eu; portanto, tão pouco me revolto contra ele por esse facto.

Defendendo-me, eu não ataco senão quem me ataca directamente.

Podem, pois, continuar á vontade os dois Doutores do «Diario de Noticias».

Resta-me agradecer ao anonimo os seus bons desejos de me ser util, ao mesmo tempo que lhe peço que não se impressione em demasia com a atitude desse jornal, porque o mundo dá muita volta e... atraz de tempo, tempo vem.

**Maria Adelaide.**

AUTENTICAS

# Ecce mulier!

Tive hontem o prazer de dar publicidade aqui a uma certa modelo. Modelo do estilo, modelo de pensar e modelo de virtudes.

Mas se as considerações e a sua forma são de admirar em pessoa de tão verde edade, mais de assombrar me parecem a modestia e a generosidade, ocultas sob um gesto que a muitos poderá parecer arrojado.

Elina Guimarães, a autora do comunicado hontem aqui inserto, em resposta a um punhado de verdades duras por mim escritas sobre a academia feminina do nosso paiz, tentou justificar como o seu brilho, a sua cultura invulgar aos 15 anos, as meninas que vão para as universidades como os inglezes vão para a India: para casar!

Quando eu pedia mulheres de acção ela inculca-me preparadoras, pela educação dos filhos, de hipoteticos estudos sociaes em que a mulher se possa sentir mais á vontade.

Olhando naturalmente como eu, em redor de si, ninguem viu capaz de com gesto vigoroso alçapremar a mulher aos fastigios dum papel decisivo na obra emancipadora das suas camaradas, e dahi a sua bondade a cobrir, magnanimamente, a insuficiencia das que falham. Adoravel teoria. Não as vê capazes de serem Lutheros, Newtons, Albuquerques, Lenines; mas podem pela maternidade e educação preparar o advento de enormes figuras...

E quando eu exigia na minha exortação, que outra coisa não foi a minha cronica de ha dias, «Sombras que fogem», obra revolucionaria feminina, Elina Guimarães, tão desacompanhada se viu que só pôde dar ao seu sexo essa misericordiosa missão de preparar adventos.

E' porém certo que tanta complacencia só pode partir de quem se sente pessoalmente capaz de muito mais; e que a conheço quero dar ao leitor a prova dos meus assertos:

Elina Guimarães ouviu ha dias no final duma aula um seu condiscipulo assegurar que a inteligencia feminina é inferior á dos homens.

Sem estranhar esta audacia do teor daquela que levou 12 portuguezes á Inglaterra, ela, moderna, actual, não carreceu dum Magriço, tomou ela o defeza do seu sexo.

Respondeu serenamente:

«E' uma opinião que carece de prova, e estou pronta a provar o contrario.

Combinou-se então a justa e dentro de breves dias, os dois contendores davam as suas provas perante o reitor e um grupo de professores escolhidos.

A sala estava cheia, e o assunto alargo transcendente foi por ambos exposto com correcção.

Era a teoria do «Eu» exposta na Inteligencia de Taine.

Terminada a exposição, o reitor autorisou-os a trocar ideas sobre o assunto, e os deuses tutelares do chamado sexo forte, a mulher, a creança triunfou.

Pelo consenso do juri, pelo «veredictum» da assistencia d'ambos os sexos Elina Guimarães recebeu 18 valores, o rapaz 16.

Agora perceberá o leitor as linhas iniciaes desta cronica. Elina Guimarães será, dentro em pouco a alma, a vida das reivindicações femininas neste sertão que se chama Portugal. Mas escreve que nem todos podem ser apostolos. E' a sua generosidade a justificar as que eu increpei, as que mergulham com tanta intelectualidade como ela.

Eu bem sei que se não pode exigir que sobre os hombros de cada mulher de estudo, esteja a cabeça d'uma Bertha Breshkowskaia, mãe da revolução russa, que chega a Petrogado com os seus 50 anos de vida presidiaria na Siberia; mas seria dissimuladora a espectativa forçada, para onde nos arremessa Elina Guimarães, pondo-nos á espera da obra educadora dos que somos por não terem a coragem de arrostar com o consuetudinario e ronceiro.

São necessarias arremações fortes de individualidades rijas, indiferentes ao chasco, ás vaias e até ás mais crueis perseguições. E' isso que a Patria exige. Vontades indomaveis que nem deem pelas pedras que os pigmeus lhes toquem. Essas exortei;—uma me parece que apareceu.

Em resumo, a parte dinamica que executa a evolução rapida, e não a sacrificio que só se entretem com os seus lentos preparativos.

**D. Thomaz de Noronha.**

AOS SABADOS

# A semana literaria

**Cronicas e Frazes de Godofredo de Alencar**, por *João do Rio*. (*Ed. Aillaud e Bertrand. Lisbôa—Rio de Janeiro*).—**Ribatejanos** por *Neves de Carvalho*. (*Ed. do autor. Lisbôa*.—**José Bonifacio. Antologia Brazileira** (*Ed. Aillaud e Bertrand*).—**O ultimo senhor de S. Gião**, por *Vicente Arnozo* (*Ed. Portugal Brazil*).—**Responsabilidades**, por *Furtado de Mendonça* (*Ed. Aillaud e Bertrand Lisboa*).

Um puro deslumbramento escreveu o bom senhor Abel Botelho, quasi ao voltar a ultima pagina da sua vida, sobre as «Cronicas e Frases de Godofredo de Alencar». Um puro deslumbramento resume admiração dum altissimo espirito literario em frente dum belo volume de prosa de João do Rio. E, realmente, deslumbra esta afluencia filosofica, ora subtil, ora profunda, toda ironica aqui, alem magnifica de colorido, sempre cheia de atractivos e belezas... Godofredo de Alencar, da familia das figuras como Fradique, é um «temperamento lirico-ironico, que viajou e sabe escrever, nascido no Rio, e que os amigos lançam para a luz do reclame publicando-lhe algumas frases, observações, alegorias. E, bem se pode dizer do presente livro: o romance mental de um homem que não é de todo desinteressante.» Conhecei-lo; vimo-lo até, na «Eva», o raisonneur da peça, a figura imaginada por João do Rio, creada á custa da sua imaginação e enxertada dum pouco do seu «eu». O que pensa, o que escreve, quer as suas cronicas, quer as suas frases, são tão semelhantes no estilo

ás de João do Rio, que se confunde o seu duplo talento. O «Triptico dos Sonhos» é um resplandecente exemplo da sua extraordinaria filosofia ligeira, demolidora, estranha, maliciosa, paradoxal; o «Poncio Pilatos» explicando a sua figura, deixando o rasto da sua tunica branca na mente do escritor; os «tres reis magos», vagueando ainda pela terra e confundindo a «Estrela» com um farol de automovel; a extraordinaria sinfonia azul de Belo Horizonte; as paginas «O sonho da Atlantida», são belissimos pedaços duma literatura nova, rica, feita na nossa linguagem tão deca dente.

As «frases» de «Godofredo de Alencar» teem cicuta e teem ambrozia; escreve:

—«A mulher veiu ao mundo para fazer perder tempo aos outros. Foi a primeira grande medida preventiva contra a actividade e a inteligencia do homem.»

—A grande tolice da humanidade foi fazer do amor uma ideia. O amor é o instincto. Dar-lhe cerebro é entristece-lo.

—A moral é uma capacidade que se exige nos outros. E é sempre uma covardia defensiva. Os elefantes não teem moral e não os animaes mais honestos da criação».

O livro é assim feito de paradoxos, de ironias na parte das «frases». Mas o que é inegavel é que este maravilhoso do sr. Godofredo era um talento, e uma cultura de primeira ordem. Pena é que não tenha escrito mais...

Neves de Carvalho, autor cujo nome nos lembra um titulo, «Batendo os matos», publica um novo volume de contos, episodios do campo que enfeixou sob o titulo «Ribatejanos». São sete novelas, tendo por scenario a nossa terra do Ribatejo e por figuras a gente, boa e má, do campo. Procurando dar a expressão caracteristica dosses tipos, buscando-os para a tela que pinta, Neves de Carvalho consegue o seu duplo fim, de desabafar as suas saudades mostrando á cidade essa gente, e publicando uma obra simpatica, agradavel e diferente da banalidade de todos os dias.

José Bonifacio de Andrade e Silva, o patriarca da independencia, não tinha até hoje a sua obra dispersa, de memorias, discursos, cartas, reunidas ou compilada de forma a que o investigador ou o estudioso facilmente recorresse á sua erudita obra; Afranio Peixoto, encarregando-se da «Antologia Brazileira», dedica a José Bonifacio (o velho e o moço) o seu primeiro volume publicado, prestando homenagem ao grande vulto do Brazil e um grande serviço ás letras nacionaes.

Lembram-se por certo, do «Ultimo Senhor de S. Gião», uma peça em 3 actos de Vicente Arnozo, no extremo da Republica, ao principio do seu passado? Chaby era o senhor S. Gião, um negociante de panos, enriquecido, dominando com a sua corpulencia dinheirama, os mal aguentados escrupulos dum fidalgo velho e arruinado—Ferreira da Silva. E' uma peça verdadeira e triste, um exemplo, restaurada de tantos outros identicos de hoje em dia. Como teatro, como ideas; seria surperfluo e improprio voltar a falar na obra, e como obra literaria, escusado é demorar mais. do poeta Vicente Arnozo, da «Coluna da terra d'amores» e do «Cantigas, leva-as o vento».

Com o sub-titulo «Comentarios do «Senhor toda a gente», o sr. Furtado de Mendonça publica um volume onde trata de instrução, imprensa, eleições, magistratura, politica...

Como se vê pelo cheiro tudo que ha de menos literario. Não nos interessa.

**A. F.**

**Registo de entradas.**

*Coisas minhas*, Chagas Roquette.—*Recordar*, Jaime Azancourt.—*Flandres*, Cunha Dias.

# PELO TELEGRAFO

**A atitude da delegação argentina na conferencia de Genebra**

BUENOS AIRES, 10.—A imprensa anuncia que o presidente Irigoyen aprova por completo a atitude de Puyrrodon na conferencia de Genebra, seguindo as instrucções do presidente.

A maioria da imprensa desaprova a retirada da delegação argentina. Os jornaes «La Nacion» e «La Prensa» recordam que o governo aderiu sem reservas ao pacto da Sociedade das Nações, dizendo que a lealdade obrigava a aceitar as resoluções da maioria, reconhecendo que Puyrredon tinha uma missão imperativa.—(*Americana*).

**Para diminuir o preço do trigo**

BUENOS AIRES, 10.—O ministro da marinha cedeu o transporte «Chubut» para transportar trigo para Rosario, a fim de combater a elevação de preços.—(*Americana*).

**Socorros á população de Viena**

BUENOS AIRES, 10.—A comissão especial abriu 36 propostas de abastecimento alimenticio da população de Viena.—(*Americana*).

**Congresso de estudantes no Equador**

QUITO, 10.—O presidente Tamayo assinou os decretos autorisando as despezas com o Congresso dos estudantes do Equador e Colombia, que reunirá em Quito no dia 24 de maio futuro, e para a creação do monumento ao general Antonio Suoro em Berruecos, local onde foi assassinado.—(*Americana*).

**Festa nacional no Equador e na Colombia**

QUITO, 10.—O governo da Colombia assinou o decreto associando-se ao Equador na celebração do primeiro aniversario da batalha de Pichuhila, no dia 24 de maio, dia de festa nacional no Equador e na Colombia.—(*Americana*).

**O café de Santos**

SANTOS, 10.—Cotações do café: tipo 4, 18$590 reis os dez quilos; tipo 7, 7$975. Vendidas 14.000 sacas, ficando um stock de 2.797.356—(*Americana*).

**Navios de guerra no Uruguay**

MONTEVIDEU, 10.—Chegaram os couraçados japonezes, «Asama» e «Iwate».—(*Americana*).



# Boatos sem fundamento

Teem ultimamente corrido inconvenientes e tendenciosos boatos ácerca da situação financeira de determinadas casas bancarias, boatos que teem alarmado um pouco aquelles que não andam, em geral, muito enfronhados nos negocios e que aceitam tudo o que lhes cae nos ouvidos sem discernirem a verdade no meio dos pormenores adrede preparados para dar maiores visos de verdade aos boatos que ha interesse em espalhar.

E' necessario que todos se acautelem contra essa campanha surda. A nossa situação financeira não é na verdade, desafogada, mas não é com boatos, nem com injustificadas desconfianças que ela se resolve.

Socieguem os que os Bancos confiaram as suas economias que não ha razão para sobresaltos. Antes pelo contrario, cumpre-nos auxiliar as casas bancarias com a nossa absoluta confiança, porque é o somatorio do credito de ellas que constitue o credito do paiz.

O patriotismo ordena-nos sangue frio e tranquilidade. Temos de nos unir todos para repelir aquelles que pre endem lançar o descredito na nossa praça.

De notar é este facto curioso que dará animo aos mais timidos. Apezar da nossa situação financeira ser má, ainda nenhum dos nossos Bancos abriu falencia, nem abrirá, emquanto que estrangeiro nos chegam todos os dias noticias de quebras de Bancos.

Continuemos, pois, a prestar ás casas bancarias a nossa confiança e mostremos que, se não temos dinheiro, nos sobra felizmente o amor da nossa Patria, para ampararmos a nação nas suas crises aflictivas.

# "Os Sports,,

**O magnifico numero de hoje**

E' posto hoje á venda o bi-semanario «Os Sports». A sua primeira pagina vem magnificamente ilustrada com fotografias de figuras de sport e teatro.

A sua colaboração nas secções de foot-ball, automobilismo, aviação, box, etc., deveras interessante.

**Lêr amanhã na CAPITAL**

**NA BOA PAZ**

**XXIX—Milão, cidade franceza...**

Croquis de viagem por

ARMANDO FERREIRA

# Conferencias

No Gremio Luso-Escocez realisa-se na proxima terça feira, pelas 21 horas, uma conferencia pelo radio-telegrafia.

# Revelações do sr. Leote do Rego

**Comissões desnecessarias com chorudos vencimentos**

O sr. Leote do Rego fez hontem na camara dos deputados uma exposição de edificantes desperdicios que deixou toda a gente assombrada.

Bradou contra a inoportuna nomeação dos srs. Jaime de Sousa e Velhinho Correia para a comissão de reparações em França, flagelou a manutenção dos adidos militares e navais ás legações de Londres, Paris, Roma e Whashington, insurgiu-se contra o numero excessivo de individuos que em França estão gosando á sombra protectora do sr. Afonso Costa e advogou a desistencia do «raid» aviatorio ao Brazil e a supressão da divisão naval ligeira bem como da comissão de aprovisionamentos que funciona no caes da Rocha de Conde de Obidos.

As revelações do ilustre deputado e distinto marinheiro foram ouvidas em profundo silencio por aqueles que apoiam ou teem apoiado os governos responsaveis por tais desperdicios e com francos aplausos por todos os que teem tido a felicidade de conservar uma linha de conducta extranha a tais exageros e que, diga-se em abono da verdade, são muito poucos.

O sr. Leote do Rego foi hontem o inspirado porta voz de todos aqueles que, com toda a razão e justiça, protestam contra a cruel dureza dos propos do sr. Cunha Leal que arrancam a pele ao paiz para sustentar sumtuosas comissões, onde os felizes funcionarios ostentam um luxo e prodigalidade que até afrontam a nação que se debate numa crise financeira sem precedentes na sua historia.

Para estar o sr. Nordeste, embora muito serviçal e inteligente, a gosar em Paris em companhia do seu amigo, sr. Afonso Costa, não havemos nós, que por aqui mourejamos sem poder levantar a cabeça para descançar um bocado do nosso arduo trabalho, despojar-nos d'aquilo que com tanto esforço vamos angariando dia a dia.

Não e não. Se querem que a nação faça sacrificios mostrem primeiro que estão dispostos a comprimir as despezas ao estritamente indispensavel para o bom andamento dos serviços do Estado, cortando todo o que representa luxo ou superfluidade na administração publica. Todos nós estamos fartos de saber que ha infelizmente muito por onde cortar e emquanto se não enveredar por esse caminho escusado é pedir sacrificios a um paiz que não responderá ao apêlo.

Ninguem está disposto a deixar se espoliar para o sr. dr. Felix Horta, ir passear para Berlim com cerca de 200 escudos por dia, e para muitos outros fazerem o mesmo em outras atraentes capitaes.

Não faz sentido o governo sustentar de pé todas essas dispendiosissimas comissões e atirar ao paiz com uma proposta de contribuição de registo que quasi dissolve os laços que ligam os membros da Familia e na qual o Estado, não se sabe em nome de que direito, se habilita a todas as heranças, declarando-se coherdeiro n'elas e com o direito de reclamar a licitação dos imoveis, quando isso lhe convenha, ou convenha a alguem que se oculte por detraz da suposta conveniencia do Estado.

Isto não é extremismo, não é coisa alguma de senso, é pura e simplesmente a subversão.

O Estado tem apenas o direito de exigir o pagamento duma contribuição representada por uma taxa rasoavel sobre o rendimento de cada individuo. Tudo que fôr alem disto é abuso, e abuso contraproducente, porque ninguem está disposto a trabalhar para que uma parte importante do produto do seu esforço vá parar ao Estado para sustentar a legião de desocupados que passam a vida a declamar férias. Nada, isso não.

Se o governo quer que o paiz corresponda ao seu apêlo, disponho-se a sacrificios para salvar a nação das dificuldades em que se debate, faça primeiro recolher ao templo de Eolo todos os «nordestes» que andam lá por fóra desabridos atirando ás mãos cheias lufadas do nosso rico dinheiro.

# SEGREDOS A TODA A GENTE

## Um bicho

*Hoje de manhã, em plena rua do Ouro, tive a sensação inquietante de que ia ser devorado por uma fera. Tremeram-me as mãos. Latejaram-me as fontes. Entretanto a fera olhou para mim e passou. Reconheci depois que era uma mulher—coberta de peles. Mas haverá realmente tanto frio que obrigue uma mulher—a vestir-se de rapoza? Parece que não. De que não resta duvida é que não ha mulher nenhuma, pelo menos em Lisboa, que valha as peles que traz em cima.*

## Os oculos e os criticos

*Ante-hontem falei dos oculos; hontem falei dos criticos; hoje vou simplesmente falar dos criticos—com oculos. E' curioso notar, sem sombra de calemburgo, que os nossos criticos são miopes. Querem vêr? Quem não conhece os oculos de tartaruga de Armando Ferreira; as lunetas de Gustavo Sequeira, de Eduardo de Noronha, de Alvaro Lima, o monoculo sintilante de Avelino d'Almeida e de Acacio de Paiva? Quem os não conhece de os vêr passar! Mas de facto os nossos artistas terão tão pouco talento—que seja necessario usar oculos para o vêr?*

## Os atropelamentos

*Os atropelamentos sucedem-se. Os Benz, os Anders, os Peugeot continuam a levar gente—para o outro mundo. E' o progresso? Engano. E' a fatalidade? Ainda menos. Mas afinal de quem é a culpa? Dos automoveis? Não. Dos chauffeurs? Em parte. A culpa é sobretudo da policia que assiste de braços cruzados ao atropelamento diario—dos regulamentos sobre viação.*

**Luis d'Oliveira Guimarães.**

# VIDA ARTISTICA

Abre depois de amanhã, pelas 13 horas, no edificio do Carmo, a exposição de aguarela e desenho do ilustre artista Alberto Souza.

# A aviação comercial em França

O sub-secretariado de Estado da aeronautica militar facultou á imprensa franceza a seguinte estatistica acêrca do desenvolvimento da aviação comercial.

Estão sendo regularmente exploradas 4500 quilometros de linhas aereas.

Em 1919 os aviões francezes haviam percorrido 350.000 quilometros e durante os dez primeiros mezes de 1920 já percorreram 1.500.000 quilometros.

Deu-se apenas um desastre por cada 100.000 quilometros.

O numero de passageiros, transportados passou de 960, em 1919, a 6.750 nos dez primeiros mezes deste ano.

Serviço de correios: 460 quilos de correspondencia em 1919; 5.210 em 1920.

Serviço de transportes: 13.980 quilos em 1919; 103.380 em 1920.

O sub-secretariado de Estado registou regularmente 275 aviões de transporte publico aptos a voar e 79 aviões particulares.



# O abastecimento de trigos

**Avultados prejuizos para o Estado resultantes do regimen seguido nos fornecimentos**

Lembram-se por certo todos os nossos leitores que o sr. Cunha Leal e outros se insurgiram contra o contrato do abastecimento de trigos, realisado pelo sr. Inocencio Camacho com uma firma da praça de Lisboa, em virtude do qual ficava assegurado o fornecimento de trigo ao paiz por tres anos, pelo preço dos mercados de origem, acrescidos duma percentagem de 1,5 % e com a vantagem de quando o não dispozesse o Estado ouro senão por um terço do fornecimento anual comprando os outros dois terços a credito por meio de bilhetes do tesouro reformaveis em determinadas condições.

Os que impugnaram o contrato alegaram que havia interesses nele envolvidos. Nunca, porém, disseram quaes fossem esses interesses.

O caso é que o contrato foi relegado para o seio de qualquer comissão parlamentar e, entretanto, vae o paiz comprando o trigo de que precisa nas condições leoninas reveladas por uma nota que «O Seculo» publicou e que são de sobra razões para afirmar que é a expressão da verdade. Diz essa nota o seguinte:

«Segundo nos consta, as ultimas compras de trigo para o abastecimento do paiz, feitas no estrangeiro, causaram graves prejuizos ao Estado, convindo que o sr. ministro da agricultura tome as providencias necessarias para evitar a repetição de taes factos. Ao que se diz por ali, o comissariado dos abastecimentos comprou ultimamente um carregamento de 8000 toneladas de trigo a 750 schillings, que tendo chegado ao Tejo apenas 6000 centeio, fazendo perder assim ao Estado a pequena quantia de 700 contos.

Tambem se diz que foram ajustadas dois vapores para carregarem trigo a 583 schillings, pagando, porém, o Estado a 614 schillings, com o agravante de terem sido postas de parte propostas pelo preço de 590 e 595 schellings.

Ha quem afirme que estes processos de abastecimento são mais regulares e zelam mais os interesses do Estado e do consumidor do que os que resultavam naturalmente do contrato dos trigos que tanta celeuma levantou. Opiniões com que nada temos. Lamentando apenas que os dinheiros publicos não sejam mais cautelosamente defendidos».

Leram e repararam bem?

Compram-se 8.000 toneladas de trigo e chegam ao Tejo apenas 6000 e 1500 de centeio, perdendo o Estado 700 contos. Em favor de quem? Para algibeira de quem? E' indispensavel sabe-lo.

Mais: Foram ajustados dois vapores para carregar trigo a 583 shillings, mas para o Estado pagar a 614 com a agravante de terem sido regeitadas propostas a 590 e 595 schillings.

E' um caso que urge esclarecer. O sr. Cunha Leal que, na oposição, tanto falou em interesses particulares, a proposito do contracto dos trigos, não tem o direito de ficar mudo e quedo em presença de factos como os revelados na nota acima transcrita e que repetimos, podemos afirmar que representa a expressão da verdade.

Então não ha aqui, n'este regimen em que o Estado perde centenas de contos e em que se póem de parte propostas de fornecimento mais em conta, interesses menos legitimos e menos de atender do que no contrato realisado pelo sr. Inocencio Camacho, em que tudo era claro e favoravel ao Estado?

Precisa é que se expliquem os casos referidos na nota supracitada e as razões que levam os poderes publicos a preferir o regimen de acaso e imprevidencia agora seguido e que se pesa demais ao Estado, como se esta vendo, ao regimen de contrato que garantia o fornecimento era assegurado por preços rasoaveis, com a vantagem de não ter o governo que dispender desde já uma terça parte em ouro.

Melhor é que as explique o governo do que nós. Melhor é que o governo venha a dizer quem que por tal processo e aprove e oferece negocios na China, como aquelles referidos na nota que «O Seculo» publicou.

# Vida Sportiva

## MOTOCICLISMO

**Um conflito que termina depois de uma explicação**

Não somos d'aquelles que mantemos por frazes qualquer campanha contra quem quer que seja e muito menos contra um colega das lides jornalisticas.

Quando somos forçados a tal é porque realmente temos razão para o fazer, o neste caso do ataque, embora na «penumbra», ás provas que «Os Sports» levou a efeito, e á direcção do Automovel Club de Portugal, não podiamos ficar calados. O ataque ás provas do «Os Sports» era injusto e quanto ao feito ao Automovel Club, razão nenhuma o explicava.

Terminou o conflito o com a explicação que o redactor de um diario da noite deu, declarando, quanto á primeira parte, não pretender atingir as provas ultimamente efectuadas e terminando, quanto á segunda parte, por concordar com a atitude do Automovel Club, dizendo que «não ha estrados proprias para andar em automovel».

E assim ficam as coisas no seu logar, lamentando apenas que o redactor citado fôsse infeliz na escolha do artigo que transcreveu sobre automoveis.

## Campeonato de foot-ball

**Os desafios de amanhã**

O esplendido reciuto de jogos sportivos do Campo Grande é o designado para os atraentes desafios que a Associação de Foot-ball de Lisboa, marcou para amanhã e que colocou em luta o Bemfica contra o Carcavelinhos, e o Vitoria de Setubal contra os Belenenses.

Os Belenenses constituem um dos clubs favoritos do Campeonato, visto que já no ultimo campeonato foram finalistas, e finalistas foram tambem no recente torneio da «Taça Associação». O Vitoria, que com eles se defronta, tem feito boa figura nos desafios de Lisboa e triunfou agora, no Porto, dos melhores clubs do norte.

O Bemfica é o campeão de Lisboa. O Carcavelos é um grupo novo, forte, com aspirações e que tem preocupado os bons grupos de Lisboa.

A Associação marcou para as 13 horas o desafio Vitoria-Belenenses e para as 15 horas o desafio Bemfica-Carcavelinhos.

## Reunião hipica

Se se mantiver bom o tempo, realisam-se amanhã, pelas 14 horas, duas «poules» hipicas no Hipodromo de Palhavã.

# MUSICA

## O ultimo concerto de Léa Bach

E' magistral o programa do grande e ultimo concerto que amanhã se efectua no Politeama pela eminente concertista de harpa, Léa Bach e em que toma parte o distinto violinista Paulo Manso. As mais escolhidas obras dos mestres de celebridade mundial nele se executam e na 3.ª parte a grande artista, a exemplo do concerto anterior, tocará as peças que de momento lhe ocorrerem. O exito desta deliberação verificamo-lo, repetiu-se, no concerto anterior, e é talvez o maior atractivo que tem esta brilhante festa de arte.



## O concerto Blanch de amanhã

Damos em seguida o belo programa do 3.º concerto da «Orquestra Sinfonica Portugueza», dirigida pelo maestro Pedro Blanch, que se realisa amanhã, domingo, em matinée no teatro São Luiz, em que figuram duas notaveis primeiras audições em Lisboa:

1.ª parte — I «Freyschutz», ouverture, Weber; II - «Fervaal», introducção do 1.º acto, (1.ª audição), Vincent de Indy; III - «Rapsodia hungara em fá», Listz.

2.ª parte — IV - «Sinfonia do Novo Mundo», *a)* Adagio, allegro molto; *b)* Largo; *c)* Scherzo; *d)* Alegro com fuoco, Dvorak.

3.ª parte — V - «Romeu e Julieta», «A rainha Mab ou a Fada dos sonhos», scherzo, (1.ª audição), Berlioz; VI «Damnation du Faust», «Marcha hungara», Berlioz.



# Theatros e Cinemas

**Avelino de Sousa**

Encontra-se gravemente enfermo, no hospital de Santa Marta, este aplaudido escritor, teatral, recem-chegado do Brazil.

Segundo nos consta um grupo de amigos e admiradores pensa em realisar uma recita em sua homenagem.



## Perguntas um tanto indiscretas

**As nomeações de adidos «extraordinarios»**

Sr. redactor d'«A Capital» — Subordinado ao titulo de «Perguntas um tanto indiscretas» publicava no seu numero de 9 do corrente «A Capital» uma carta do sr. C. V., sobre a nomeação ilegal de um adido de legação para Berlim.

Permita-me v., visto que tanto se fala em moralidade, que explique o caso, por dele ter perfeito conhecimento:

A pessoa de que se trata é o sr. dr. Felix Horta, com o vencimento de 5 £ ouro, diarias, o que ao cambio actual prefaz a soma aproximada de esc. 220$00, e que, atendendo á baixa cotação do marco, dá margem a que S. Ex.ª possa ostentar em Berlim um luxo verdadeiramente asiatico.

A nomeação é ultra-ilegal, pois o logar de adido de legação é por lei gratuito, e o vencimento de £ 5 (ouro) diarias é superior ainda ao do respectivo ministro, sr. dr. Lambertini Pinto.

Diz o decreto de nomeação do sr. Felix Horta, que é ele nomeado com o fim de estudar as relações comerciaes entre Portugal e a Alemanha.

O sr. Felix Horta, que na advocacia se dedicou a questões criminaes, depois esteve em França como oficial de artilharia, e seguidamente foi juiz do Tribunal de Defeza Social e governador civil nas Ilhas (e nem sabe falar alemão) é, sem duvida de especie alguma, como se está vendo, a pessoa que melhor estaria indicada para semelhante missão!

E é assim que emquanto alguns se vão pavonear ao estrangeiro, com rendosas comissões, os funcionarios diplomaticos e consulares morrem de fome nos seus respectivos postos.

Quando começará emfim a haver moralidade e se acabará com a escandalosa classe de adidos extra-ordinarios?

Sou de v. etc. — *Antonio Silva*, oficial do exercito.

## Museu Bordalo Pinheiro

Como de costume em todos os domingos, está patente amanhã ao publico, das 14 ás 17 horas, o museu Bordalo Pinheiro, sito no lado oriental do Campo Grande, 382.

O produto das entradas reverte a favor do Asilo de S. João.

# Noticias da Capital

**A cronica do roubo** — Foram presos Luiz Antonio Galvão, travessa nova de S. Domingos, 42, por ter furtado 80 duzias de colheres de aluminio, e outros artigos, no valor de 161 escudos, a José Ferreira, rua do Amparo, 94, e Antonio Maria, rua Saraiva de Carvalho, 278, 1.º, por ter subtraido uma maquina de costura e outros objectos a Henrique Antonio Pinheiro, rua do Livramento, 138, indo-os empenhar por 90 escudos.



## A provincia n'A CAPITAL

PORTALEGRE, 8. — Realisou-se hontem no Centro Republicano Democratico uma sessão de homenagem ao dr. Afonso Costa e de congratulação pelo exito obtido pela Delegação Portugueza á conferencia da Sociedade das Nações.

A concorrencia foi enorme, estando as salas apinhadas.

Presidiu o sr. João de Brito, secretariado pelos srs. alferes Rego e José Avelino Tacha.

Usaram da palavra, prestando homenagem ao dr. Afonso Costa e realçando o esforço portuguez na grande guerra, os srs. João de Brito, alferes José Augusto Cardoso, alferes José da Camara Sampaio e Manuel Geraldo Canola, sendo os seus discursos bastante aplaudidos e aprovado, no meio de calorosas saudações á Patria e á Republica, o seguinte telegrama:

«Doutor Afonso Costa — Presidente da Delegação Portugueza na Conferencia da Sociedade das Nações. — Genebra. — Um punhado de portuguezes republicanos e patriotas, vendo em V. Ex.ª um intransigente defensor dos nossos direitos nacionaes com os quaes pode ser redimida a nossa Patria, felicita V. Ex.ª, congratulando-se pelo grande exito obtido n'essa conferencia.

Viva a Republica. — A mesa: João de Brito, alferes Rego, José Avelino Tacha» — C.

## A CAPITAL no Porto

**Encontra-se á venda na tabacaria Africana, rua 31 de Janeiro, e nos seguintes kiosques: Carmo, Hospital, Carlos Alberto, Chiado, Santo André, S. Lazaro, Tiburcio, Pavão, Passos Manuel, Pintasilgo, Marquez de Pombal e Conde Ferreira.**

# ULTIMA HORA

## POLITICA

**As propostas de Finanças — A reunião da Associação Comercial**

As forças vivas do paiz começam a agitar-se por motivo das propostas de finanças.

No Porto, teem-se realisado várias reuniões para as estudar.

Em Lisboa estava anunciada para hoje uma reunião conjunta da direcção da Associação Comercial, das suas várias secções e das entidades categoriados d'esta praça.

E' intento da referida Associação ouvir em tão magno assunto todas as entidades interessadas.

Estava a reunião marcada para as 16 horas, no antigo «Palace Club», sua nova séde. Só depois da hora começaram a chegar os interessados.

Emquanto esperam, os assistentes trocam impressões.

Era opinião de quasi todos que as propostas não teem viabilidade possivel chegando a afirmar-se que o sr. Cunha Leal não se pode aguentar, pois que, segundo diziam, o conselho de ministros já hontem ou ante-hontem descordara.

Mas eu dizia que sendo o sr. Liberato Pinto, conservador retinto, não pode ligar-se com os extremistas que levam o paiz para o bolchevismo.

Todos concordam em que a situação é má,

São todos unanimes em afirmar que o sr. Ministro das Finanças, contra quem se estão levantando dificuldades não pode permanecer muito tempo no seu posto.

Anuncia-se como inevitavel uma recomposição ministerial, parecendo que desta vez os liberaes, dispostos a mais um sacrificio, vão ocupar o logar dos populares, tanto mais que eles teem propostas de finanças que parece serem perfilhadas pelo comercio, industria, agricultura, etc.

Cerca das 17 horas começou a reunião, mas a ela não assistiu a imprensa por se tratar de uma assemblea meramente particular.

Caso alguma coisa fique resolvido, será enviada aos jornaes a nota respectiva.

## Serviço telegrafico da tarde

BUENOS AIRES, 10. — A Companhia Hispano-Americana de Electricidade, que pretende adquirir a concessão da Sociedade Alemã Transatlantica, de electricidade, pediu a aprovação da municipalidade desta capital. — *(Americana).*

RIO DE JANEIRO, 10. — Conseguiu-se salvar parte do carregamento do paquete «Gregory», que, como noticiamos, naufragou na bahia de Tutuya. — *(Americana).*

RIO DE JANEIRO, 10 — Faleceu a mãe do senador Francisco Sales. — *(Americana).*

QUITO, 10. — Um grupo de altas personalidades desta cidade ofereceu ao aviador equatoriano Suarez Avila um aeroplano tipo Spad, de 200 H. P., no valor de 85.000 francos.

O aviador efectuará um «raid» da cidade de Ibarva, na fronteira norte, á cidade de Popoyan, na Colombia. — *(Americana).*

CEIA, 10. — Pela autoridade administrativa tem sido empregados todos os meios para obstar á destruição das oliveiras pelos «rebsucadores», gente sem meios e sem vontade de trabalhar, que assaltam os olivaes cortam ramos e oliveiras pela raiz. Estão presos 6 desses criminosos mulheres, do logar de carragosela ás quaes foi apreendida grande porção de azeite. O frio tem sido intencissimo. O termometro marca 3 graus negativos. A serra está coberta de neve. — *(Havas).*

VASHINGTON, 9. — A embaixada ingleza recusou-se a conceder passaportes aos membros da comissão eleita pela jornal «The Nation» para procederem a um minucioso inquerito na Irlanda sobre o conflicto com a Grã-Bretanha. — *(Havas).*

ROMA, 9 — Informa a «Epoca» que todos os oficiaes pertencentes á guarnição dos 2 torpedeiros que entraram no porto de Fiume por imposição dos marinheiros adherentes a D'Anunzio, abandonaram Fiume, á excepção de um só. — *(Havas).*

LONDRES, 9. — Assegura-se que a intervenção do partido trabalhista com o fim de obter uma tregua na Irlanda como preliminar de um acordo definitivo que solucione a dificil situação atual, fracassou por completo. — *(Havas).*

DUBLIN, 9. — Os ferroviarios da linha Donegal consentiram efectuar o transporte de tropas e munições a que até aqui se haviam oposto. Espera-se que, brevemente, sigam o exemplo os restantes ferro-viarios da Irlanda. — *(Havas).*

GENEBRA, 10. — O barão de Ishii, primeiro delegado do Japão na assembleia de Genebra, recebendo na 5.ª feira uma representação da imprensa dos dois continentes, declarou que as assembléas da Sociedade das Nações e a mesma Sociedade não terão atingido o seu pleno desenvolvimento senão quando os Estados-Unidos e a Alemanha fizerem parte da Sociedade. No entender do Barão de Ishii, uma das questões mais importantes na presente assembléa é a do desarmamento e a este respeito a harmonia não existe em todos os paizes. O Japão compreende que ninguem pensa na guerra; o Japão tem o maximo desejo de manter relações pacificas com a China e considera feliz por ver que a China tratada nesta assembleia no mesmo pé de igualdade que o Japão. A respeito de Kiao Tchoou o Japão estaria disposto a conversar com a China e estaria pronto a retirar as suas tropas se á China pudesse apresentar algumas garantias para uma negociação; mas infelizmente na China ha perturbações e a ausencia de um forte governo central tem impedido até hoje que se inicie qualquer negociação util. — *(Havas).*

PARIS, 10 — Comparecendo na 5.ª feira perante a comissão dos negocios estrangeiros da camara dos deputados, o sr. Leygues declarou que os aliados tinham feito um protesto contra o emprego do premio Bismark oiro para destino diferente do da melhoria da sorte dos mineiros alemães. Foi enviado um outro protesto a Berlim, este com a adesão da America, contra os discursos pronunciados pelos ministros alemães na Romania. O sr. Leygues terminou por lembrar que em Londres tinha vencido a tese franceza no que respeita á questão grega. — (Havas).

MADRID, 10. — Foram detidos varios sindicalistas em evidencia por se suspeitar que ocultavam um deposito de armas. — (Havas).

PARIS, 10. — Ainda não terminaram as negociações relativas ao tratado de Sevres, mas o sr. Leygues tem a impressão segundo escreve o «Petit Parisien», que os aliados chegarão a um acordo sobre as alterações a introduzir-lhe. O sr. Leygues deseja declarar que a imprensa ingleza foi unanime em reconhecer que a entrevista de Londres tinha apertado ainda mais os laços da entente. — (Havas).

LONDRES, 11. — Na camara dos Comuns a moção limitando as despezas governamentaes a 808 milhões de libras esterlinas foi regeitada por 321 votos contra 66, e a emenda ordenando ao governo que reduza as suas despezas foi adoptada por 307 votos contra 30.

O chanceler da fazenda declarou que o gabinete está decidido a não fazer novas reformas que envolvam aumento de despeza. Os ministerios da marinha mercante e das munições serão agregados á outros, em março, e o ministerio dos abastecimentos desaparecerá no fim do ano.

Não haverá novo programa de construções navaes até que a comissão imperial de defeza conclua o estudo a que esta procedendo. A mais estreita economia será estabelecida nas forças aereas. — *(Agencia Radio).*

LONDRES, 11. — O primeiro ministro falando na Camara dos Comuns sobre a Irlanda e referindo-se ás recentes entrevistas disse que o governo está profundamente convencido que o grupo dirigente da politica de violencia na Irlanda está pronto a fazer a paz a qual só é possivel se forem dadas garantias, e for assente em bases que não quebrem a unidade do Reino Unido.

O governo não tem deferencia por qualquer partido, mas continua a intensificar a campanha contra a minoria que desesperada e altamente organisada tem cometido os grandes crimes da Irlanda, estando comtudo disposto a encorajar qualquer plataforma para uma honrosa liquidação da questão a qual conduziria a uma real e definitiva paz.

No sul e no leste os terroristas teem alterado a ordem a ponto de ser proclamada a lei marcial em todos os distritos, afim de poderem ser exterminados os bandos de rebeldes. Passado o tempo fixado pela proclamação militar todas as pessoas encontradas com armas que auxiliem os rebeldes ou vistam uniformes militares, serão condenadas á pena de morte.

Referindo-se depois ao telegrama do padre Aflagagan e a outras mensagens, o primeiro ministro afirmou que o governo está preparado para facilitar a reunião de todas as pessoas constitucionalmente eleitas para as constituintes irlandezas e que o governo não podia garantir a liberdade d'aquelles que teem alterado a ordem e são suspeitos de atentar contra o governo imperial e que a lista já preparada para processar os cabeças não pode ser anulada.

Respondendo a interpelações sobre amistia, Lloyd Georges declarou que ela só podia ser tomada em consideração depois da paz e não agora. — *(Radio).*

QUITO, 10. — Foram adoptadas por unanimidade, pelo juri, os planos do arquitecto americano Sridder, para a construção do hospital em Marchachi. Os trabalhos vão começar imediatamente. — *(Americana).*

BUENOS AIRES, 10 — Faleceu Jesus Creta, ministro do Mexico na Argentina. — *(Americana).*

BUENOS AIRES, 10. — O presidente Irigoyen assinou o decreto permitindo a livre exportação do trigo e da farinha. — *(Americana).*

MONTEVIDEU, 10. — Pelas informações agricolas recebidas, a colheita do trigo é inferior em 40 % á que se esperava. — *(Americana).*

## Poeira da Arcada

**Presidente da Republica**

O sr. presidente da Republica dirigiu pesames ao sr. Amadeu da Cunha por motivo do falecimento da sr.ª D. Maria Amalia da Cunha Amaral, comerciante na praça do Porto e irmã daquele nosso camarada na imprensa.

**Relogio perdido na secretaria da guerra**

Na repartição do gabinete da secretaria da guerra está depositado um relogio de pulso que foi encontrado no salão do ministerio no dia dos cumprimentos dos oficiaes da guarnição ao ministro, e que será entregue a quem provar pertencer-lhe.

**Cumprimentos da guarda republicana**

A oficialidade da guarda republicana cumprimentou hoje o sr. presidente do ministerio, que foi saudado pelo comandante geral, sr. general Pedroso de Lima, agradecendo-lhe o sr. Liberato Pinto.

Iguaes cumprimentos foram feitos ao sr. ministro da guerra, e, extra oficialmente, ao sr. ministro das finanças.



## Nova gréve dos electricos?

**O que nos diz um dos empregados — A opinião publica recebe mal a noticia**

Um dos membros da comissão de melhoramentos do pessoal da Companhia Carris de Ferro com quem falámos, disse-nos que, alem da melhoria de situação de todo o pessoal, em 2$50 para os que teem mais de 18 anos, de 1$50 para os que teem menos que aquela edade e uma melhoria para os reformados; deseja tambem o pessoal que pela companhia seja cumprido o que dispõe o artigo 2.º da sentença arbitral de 1910 que se refere aos 12 dias de licença por ano, e que seja tambem cumprido o n.º 3 do acordo de maio do corrente ano, que foi nessa altura aceite pela Companhia, não querendo ela agora pagar o dia do mez de Agosto findo, dizendo que o pessoal esteve em greve, facto que não é previsto na sentença e no acordo.

Reclama ainda o pessoal que seja mantido sem subterfugios o artigo 3.º do mesmo acordo em referencia ao descanço semanal e á forma de pagamento.

Quanto ao pessoal se lançar na greve, nada ainda está assente, pois isso está dependente de resoluções e da completa satisfação das reclamações do pessoal por parte da companhia

Noticias colhidas na Arcada dizem que, a proposito da gréve, se pensa num energico movimento de protesto contra ela e na organisação de um serviço de voluntarios para substituir os grevistas, afim de que a população da capital não venha a sofrer novamente graves prejuizos como aqueles de que tem sido vitima quando da paralisação dos serviços da viação eletrica em Lisboa.

## Ordem publica

Foi entregue á policia de Segurança do Estado, e deu entrada nos calabouços do governo civil, Alvaro Figueira Simões, que foi preso em Setubal, sob a acusação de ser agitador das classes operarias.

## No Sul e Sueste

Na estação do Terreiro do Paço tem-se apresentado muito pessoal, estando já ao serviço todo o pessoal da secção administrativa e quasi todo o pessoal jornaleiro, faltando apenas os telegrafistas.

Por esse motivo muitos soldados que estavam prestando serviço naquela estação já recolheram ás suas unidades.

O serviço de policia feito por praças da guarda republicana tambem vae ser reduzido.

No Barreiro teem-se apresentado muitos empregados, aguardando os que tem requerido em conformidade com o decreto ha dias publicado que os mandou apresentar.

## Malas postaes

São amanhã expedidas malas postaes pelo vapor *Gaza*, para a Africa Ocidental, e pelo *Moçambique* para a Africa Oriental, sendo as ultimas tiragens da caixa geral, respectivamente ás 9 e ás 12 horas

# A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3723 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Domingo, 12 de Dezembro de 1920 | Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71 | Preço, 5 centavos


# ERROS

Informa um jornal que, ao escrever-se, nas propostas de finanças, que «R» era «o rendimento colectavel, expresso em centenares de escudos, de todos os predios rusticos, possuidos ou usufruidos em todo o continente e ilhas adjacentes «pelos contribuintes da cedula A» ou ocupados, por arrendamento, «pelos contribuintes da cedula B», se queria dizer que «R» era o rendimento collectavel, expresso em centenares de escudos, de todos os «predios que cada contribuinte da cedula A» ou «cada contribuinte da cedula B» possue.

Como se vê, a celeberrima proposta do sr. Cunha Leal não precisa só de explicações e aditamentos como os que hontèm acentuámos, comparando alguns dos seus artigos com a nota oficiosa que os esclarecem e modificam. Contém egualmente erros essenciaes, como é este que acima transcrevemos e que certamente invalida todos os calculos. E' já sina das propostas de finanças, pois que a do sr. Pina Lopes tambem continha um pequeno erro de alguns milhares de contos.

E' facil agora compreender porque se queria a proposta votada de afogadilho, sem attento estudo parlamentar. A proposta seria votada a olhos fechados, e depois o sr. Cunha Leal e a dedicada falange dos seus colaboradores iria, em notas oficiosas, em instruções aos funcionarios e em regulamentos «ad hoc», formulando as condições em que os pagamentos se deveriam efectuar. Tudo dependeria do arbitrio governamental, de maneira que a propria lei pouco ou nada valeria nas parcas garantias que offerecem aos contribuintes.

O parlamento não o entende assim, e como não se presta a deixar passar sem exame um diploma de tamanha importancia, como quer saber o que vota, e não abdica do seu direito de emendar o que lhe parece defeituoso, como queira dar tempo a que os contribuintes saibam o que teem de pagar e como teem de pagar, já se grita que ha obstrucionismo, muito embora as propostas entrassem imediatamente em discussão, assim como já se exclama que ninguem está disposto a pagar para se regularisar a situação do paiz.

Não é testo. A verdade é que todos entendem que tem de se aumentar a tributação. Simplesmente, o reconhecimento dessa necessidade não autorisa ninguem a inventar absurdos e a estabelecer violencias, de caracter contraproducente.

Pagar, sim, mas pagar para que não continuem a praticar-se escandalos, como os que neste mesmo momento estão sendo verbrados no parlamento, com as despezas loucas que se têm creado a proposito de uma delegação á Conferencia da Paz, para varios interesses publicos e pessoaes.

Pagar, sim; mas de maneira que se não agrave a miseria publica. Pagar, sim; mas em condições taes que todos reconheçam que se procede com justiça e se trabalha para um fim definido e util.

Já se movimentam, ao que parece, os centros, os grupos, e as comissões que costumam ver em tudo o que não sae de um gremio um perigo ou uma afronta para a Republica. Descancem. Socéguem. A questão de que se trata não implica com a natureza do regimen. A Republica está fóra dela. Do que se trata é de alcançar recursos para resolver o problema financeiro do paiz. Não desloquemos a questão, e deixemos que sobre ela se pronunciem as classes atingidas que, no seu conjunto, representam esse mesmo paiz. A proposta apresentada ao parlamento presta-se a más interpretações; necessita esclarecimentos indispensaveis; precisa ser acrescentada em varios casos; enferma mesmo de erros como os que servem de assunto a estas considerações. Isto não são alegações vagas; são factos concretos. O proprio governo os reconhece. Deixem discutir as propostas; deixem reclamar os interessados. Esta questão não pode ser resolvida nem sob a pressão dos governos, nem sob a pressão das ruas.

## PELO TELEGRAFO

**Visita ao presidente do Estado do Pará**

RIO DE JANEIRO, 11.—O consul portuguez no Pará visitou Sousa Castro, presidente recem-eleito do Estado.—*(Americana).*

**Cotações, valor do escudo**

RIO DE JANEIRO, 11.—Cotação d, café, 11$100; cambio sobre Londres 11 3/16 e 11 1/4; valor do escudo portuguez, 700, 770 reis.—*(Americana).*

**A volta de Constantino á Grecia**

ATENAS, 11.—O sr. Gounaris declarou que o ex-rei Constantino partirá na 2.ª feira de Lucerne para a Grecia.—*(Havas).*

ATENAS, 11.—O ministro de França fez entrega no dia 9 de uma nota identica á da Inglaterra.—*(Havas).*



O MARTIRIO DE UMA MULHER

# "Doida não e não!"

## Emfim...

Mais uma amavel anonima tem hoje direito á minha resposta, mas permita-me, leitor, que a dê, dirigindo-me directamente a essa senhora, pois que muito grata lhe estou pela informação que me manda.

Não resisto á tentação de transcrever a parte mais interessante da carta que me foi enviada e que me perdôe a ignorada informadora, se é uma indiscreção.

..........

«O sr. dr. A. da Cunha, como v. ex.ª já deve saber, mandou fazer 3.ª edição do livro «Infeliz» e anda ele proprio, de porta em porta, a distribui-lo pelas pessoas das suas relações e mesmo áquelas a quem mal conhece. Só assim conseguirá exgotar a edição com tão intensa propaganda.

Sei tambem que ele comprou grande quantidade de numeros do jornal «A Opinião» com as cartas que mandou escrever á sr.ª Feio e com elas fez identica distribuição á do livro «Infeliz».

30 de novembro de 1920.»

Ex.ma Senhora:

A simpatia que, sem me conhecer, lhe inspiro e que com gratidão lhe agradeço, levou-a a comunicar-me um caso curioso, sobre o qual lhe vou dar o meu parecer — sem alusão aos psiquiatras.

O sr. dr. Alfredo da Cunha, distribuindo ele proprio a 3.ª edição do «Infeliz», mostra apenas *a grande generosidade do seu coração.*

Nao sei se V. Ex.ª, minha senhora, sabe que o producto da venda desse livro é destinado para instituições de assistencia. E' mesmo a ultima nota simpatica que dessa obra resalta.

Ora, apesar do luxo de tres edições, que podiam ter sido apenas de 10 ou 100 exemplares, mas que, a avaliar pela quantidade de livros que das 2 primeiras ainda ha por vender devem ter sido maiores, o «Infeliz» não tem tido a extracção que era para desejar, atendendo ao fim caritativo a que se destina o seu producto. Isto afligiu, naturalmente, a alma *piedosa* do sr. dr. Alfredo da Cunha que resolveu, então, ir ele, de porta em porta, como V. Ex.ª me diz, pedir para os pobres.

Nada ha a censurar-lhe, minha senhora, porque cada qual exerce a caridade a seu modo.

O sr. dr. Alfredo da Cunha, para se penitenciar de ter a mulher sem recursos, a trabalhar como qualquer pobre de Christo, pede para os que precisam, a trôco dos recortes das cartas que essa mesma mulher, com uma ingenuidade que roçava pelas raias da estupidez, passou parte da vida a escrever-lhe, a ele e a outras pessoas da familia que, com *uma apreciável abnegação pelos necessitados,* as cederam para valorisar a obra.

E' assim que eu explico o gesto *nobre* do sr. dr. Alfredo da Cunha, quanto á distribuição aos domicilios do livro «Infeliz».

No que respeita aos jornaes que, qual garoto dos ditos, tambem nos domicilios distribue, a caridade não anda alheia a esse trabalho fatigante, só bem que, provavelmente, como garoto de jornaes *dernier cri,* o sr. dr. Alfredo da Cunha o faça de automovel.

A sr. D. Maria Feio, distinta escritora, que eu não conheço senão de nome, vive hoje, como viveu sempre, se as informações que tenho são exatas, desde que está separada do marido, dos seus trabalhos literarios. Como todos sabemos, entre nós é preciso, para que as obras sejam bem pagas, que o escritor tenha nomeada. Não é, por certo, nome que falta á aludida senhora, porque, lá diz o ditádo: Maria faz por ser bôa, que a tua fama além sôa. A sr.ª D. Maria Feio, é muito conhecida, talvez conhecida até de mais, mas nem sempre tem obras literarias a fazer.

O sr. dr. Alfredo da Cunha, no intuito, certamente, de a favorecer, divulga a obra que encomendou e que o satisfaz e tenta ver se consegue arranjar encomendas á sr.ª D. Maria Feio, fazendo reclame com esse trabalho.

Ja vê, pois, V. Ex.ª, que, se podem oferecer-nos duvidas quaesquer actos da vida do sr. dr. Alfredo da Cunha, não é este que no-las inspira. A intenção é boa, mas... minha senhora, tudo nesta vida tem um—mas—e algumas vezes é este bem indiscreto, por isso, fiquemo-nos por aqui.

Renovo os meus agradecimentos pela sua gentil fineza e para terminar deixe-me lembrar o que numa das minhas cartas, aqui publicadas, disse: já fui costureira de roupa branca; hoje trabalho para ganhar honestamente a minha vida, numa industria um pouco mais rendosa. O sr. dr. Alfredo da Cunha, talvez, como novo genero de sport, distribue livros e jornaes pelas casas; emfim...

**Maria Adelaide.**

AUTENTICAS

# A fuga da Virgem

Alma simples e cheia de unção, minha tia beijava-me todas as manhãs em cruz. Mal se erguia, vinha dar-me os bons dias, e como na cabeceira do meu leito havia deliciosas gravuras empaineladas de santos, e o rosto maderado dum Cristo cingido com a corôa de espinhos, por eles começava as suas saudações. Mas o seu coração de mulher casta descia depois sobre o malandrão do seculo que eu ali representava e, distraída, habituada ás osculações em cruz pelas imagens da sua devoção, transferia para o meu rosto o mesmo sinal. Era uma fiada de beijos pequeninos e leves, como um colar de aljofres. E aquilo fazia-me bem. Tonificava-me a alma. Se ela era tão pura, e assim morreu,—imaculada.

A sua vida hei-de um dia escreve-la para edificação das mulheres destes tempos, todas entregues apenas ao luxo, aos prazeres do estomago, aos calidos efluvios do sangue e da carne.

Que clareira de luz me abre no peito a reminiscencia da sua vida tranquila entre orações e desvelos por mim!

Bem empregados, não haja duvida. Aqueles delicados beijos, castos e divinisados pelas imagens donde vinham seus labios, só deviam ungir o meu coração de poeta; soerguido em osculos santos, e na forma redemptora, porque não me sentira eu santificado?

No meu quarto, até mesmo, aos pés do meu leito, do leito dos meus sonhos perversos e dissolutos, havia um oratorio soberbo, rico e sempre alumiado, os costumes, lá em casa, eram patriarcaes, e assim não foram poucas as vezes que eu perguntei a mim mesmo porque estaria eu tão desmoralisado.

Mas como tinha 16 para 17 anos, não sabia responder.

Hoje sei; prouvera á Sabedoria Universal á Vontade, Força que tudo anima que o não soubessem ainda! Era o veneno de Satam, era a intoxicação da sciencia, do pedantismo scientifico literario que de mim se apossára.

Frequentava então o curso superior de letras, e ali Teofilo Braga, Consiglieri Pedroso e outras figuras de secular irreverencia, tinham abusado da minha alma candida e confiante, apeando os deuses e fazendo-me crer nas sandices dos homens.

Levado naquela ancia que derrubou Prometeo e Babel, eu não tentára escalar o ceu, mas tinha já reunido uma biblioteca que me levára bons cobres e em troca me dera o alvorecer deste maldito sorriso, com que hoje encaro as grandes convicções, minhas e dos outros.

Depois a Fé chegou a servir-me sómente para, á semelhança daqueles turcos do Jean Jacques—que andavam pela Europa a fazerem-se batizar para viverem das oferendas que a sua conversão lhes grangeava,—me propôr tambem a ser convertido por quaisquer divinos olhos.

Aqueles mestres,—que o destino reservado ás almas os não condene, reeditando tardiamente entre nós o barbaro altruismo e irreverencia da revolução franceza, essa porcaria de crime e sangue, barafustadela em nome da liberdade que deixou o povo francez nas mesmas algemas da dependencia dos graúdos, apenas com os nomes trocados,—tinham tomado de assalto a minha disposição para a ironia e feito de mim um Voltaire de via-reduzida.

Foi então que em uma manhã aquela minha especie de mãe adoptiva, vindo beijar-me como de costume, me encontrou empunhando um livro e lendo as suas primeiras paginas. Havia nele uma gravura feliz de Durand; e ela, contemplando-a perguntou-me o que era.

Eu tinha lido, tinha mesmo o cerebro cheio das explicações sapateiraes por sugestão de tantos milagres. Compulsára recentemente o Huxley que conta coisas estupendas acerca de reliquias trocadas produzirem os mesmos efeitos milagrosos; ossadas de facinoras do Piemonte sal varem cegos e estericos por serem tidos como santos, e quiz fazer a experiencia.

Respondi pois, áquela pobre senhora que era a fuga de Nossa Senhora para o Egito.

Ela beijou a gravura cheia da mais recolhida unção, e pediu-lhe qualquer coisa que se realisou triunfantemente.

O' mocidade-estouvada e estulta! O que não fiz eu com o sucesso?!

Contei o caso ignobilmente; entendia a minha pessoa augusta que trouxera para a historia mais um facto de sugestão interessante.

O livro que eu tinha nas mãos, que a nobre senhora contemplara reverente e efusiva, era a «Iliada» de Homero, da edição «Napier», uma edição galante que parece um «Livro das Horas», e a gravura osculada como Nossa Senhora a fugir para o Egito representava o rapto de Helena!

Como hoje me sinto vexado, como um rubor discreto, vindo do fundo do meu ser, me aflue ás faces, ao recordar o que para mim fôra proeza então, e que hoje reputo uma infamia.

Pobre senhora! A tua muita bondade me perdoará; sirva-me esta narrativa de penitencia.

**D. Thomaz de Noronha.**

*CROQUIS DE VIAGEM*

# NA BOA PAZ

**XXIX** — *Milão, cidade franceza...*

Custa-me a crer que esteja em Italia, comido e dormido, num explendido hotel, sem ter ouvido ainda nenhuma bomba, nem o tiroteio das reivindicações sociaes. E' verdade que tive de trazer as malas até ao Hotel, ao lado «della Stazione Centrale»; é verdade que á queima-roupa e na presença de uma meia duzia de companheiros de viagem o «gerente» me disse que não havia neste «albergo» sequer uma «camera»; é verdade que estes papelinhos cinzentos, côr de rosa, azues que é o dinheiro do paiz—«Buono di cassa a corso legale da una lira», duas, cinco, dez liras—correm com uma velocidade estupenda por qualquer gesto dos «facchinos», dos creados, do porteiro; é verdade que no «pranzo»—o jantar—de hontem fiquei sabendo que as gorgetas são proibidas—«é vietata la mancie»—em virtude do ultimo acordo do trabalho entre operarios e patrões; mas o que é certo é que cheguei sem ferimentos, dormi num explendido quarto, depois de ter dito ao ouvido do gerente o nome magico do meu providencial sr. Bresciani, e até, na visita rapida que fiz á cidade, logo que arrumei o estomago e as malas, a achei faiscante de luz, cheia de gente passeando, satisfeita, a divertir-se, a gosar por cinemas, passeios e teatros.

Chegar a uma terra desconhecida, á noite, percorrer o ignorado da sua planta, tentar perscrutar a fisionomia da cidade, de palpebras caidas, é um dos melhores prazeres da sagacidade do viajante; por isso, eram 11 horas da noite quando tomei o «tramvie n.º 1 del comune di Milano», carro amarelo ou esverdeado sujo, mal-iluminado, de campainha electrica para chamar o guarda-freio, e estendi uma lira sem indicar destino, mas com ares importantes de quem conhece a cidade a palmo. Em troca recebi o bilhete de 30 centimos, vario cobre que por lá ainda sobejou, algumas moedas duma liga semelhante ao dos nossos patacos e uma ficha de metal amarelo, que vale outra carreira no eletrico, e que a companhia dos tramvias cunhou para facilidade dos trocos.

Pequenos detalhes da vida de cada dia, e que, não interessando a ninguem, me apraz registar, em homenagem á digna corporação dos viajantes do eletrico em Lisboa, que em materia de trocos ficam sempre comidos.

O carro pára e eu desço com todos; e parece que acertei porque caio em plena «piazza del Duomo». Um perfeito algarvio no Rocio. A catedral de Milão, a autentica, aquela cuja silhueta aos gritos estridulos para o ceu conheço do final de varias fitas, está sob os meus olhos. Chego a convenser-me que nunca a tinha visto tão diferente, tão bela me parece na sua frouxa iluminação que vem das galerias lateraes, destacando-se, otimamente situada, no meio da grande praça, sobrelevando-se a todos o casario em redór. São tantas as agulhas para o ceu, que me lembra a crepitação dum fogo filamentado em pedra. E, comtudo, é só a sua sombra que diviso. Enveredo por sob as arcadas da esquerda, furo por entre uma multidão, a multidão sem colorido caracteristico dos grandes centros, e convenço-me que estou ainda em França, pela animação pela vida, pelas «vitrines» e «etalages» artisticas dos estabelecimentos, pelo retinir das campainhas cinematograficas, o pregão dos jornaes, as cocottes que passam, com a mesma caiação e o mesmo debrum azulado nos olhos das francezas, matando talvez a graça duns olhos mais expressivos...

Ao meio das arcadas da esquerda vem desembocar uma galeria envidraçada, a primeira que vejo, e que afinal é mais antiga do que eu nos seus 60 anos de nomeada! A multidão aqui é compacta; transborda dos cafés que fazem esquina sob a rotunda central, apinha-se em volta duma orquestra á paisana, passeia nos 200 metros que vão da praça de «Duomo» até á praça de la «Scala», onde a galeria vae dar. Mundanismo, grandes capas cinzentas de opera-buffa que trazem por baixo oficiaes, caixeiros e paisanas, burguesitas que saem dos cinemas, de ver este veneno de sensualidade e luxuria que é o film italiano com Bertini ou Manicheli; gritos assustadores de «Ultima hora» do rapazio anunciando as edições sempre frescas dos periodicos e que com largas «en-têtes» feitas dum telegrama esticado me põem de sobre avizo contra este negociosito do «grande sucesso».

Vida intensa de prazer e de comercio, tal é a primeira impressão que tiro de Milão, em tudo uma cidade franceza, diferente no aceio, na civilisação, no gosto das cidades italianas do sul, que depois visitei.

Quando na manhã seguinte, depois de tomado o chocolate com o seu pãosinho negro como o lisboeta, o seu açucar que não adoça, desço de novo á rua, a côr das coisas dando maior encantamento ao vulto da vespera não faz senão ampliar a bela impressão que tive de Milão.

Antes de descer ao centro da cidade, ao Duome, aproveito para tomar pelos Bastiones de Garibaldi— infalivelmente Garibaldi nos aparece aqui em toda a parte mais o seu amigo Vitor Emmanuel II—e de Porta Nuova afim de ir visitar o Campo Santo, «il Cimitero Monumentale». Os «bastiones» são os «boulevards», grandes avenidas largas, menos cuidado o pavimento, que aqui já não é de asfalto, com um aspecto que se aproxima do das nossas avenidas; o «cimitero monumentale» volta para o largo que lhe dá acesso uma frontaria em tres corpos avançados, o do meio «Famedio», consagrado aos milanezes ilustres; por dentro a riqueza de estatuaria, a beleza de grupos alegoricos em marmore, o trabalho dos pequenos artistas italianos, dá... vontade de morrer, mesmo a quem já visitou o «Pere Lachaise», o simpatico cemiterio de «Montmartre», e até o nosso lindo «Alto de S. João onde se goza duma exelente visita para o Tejo.

O certo é que a visita aos mortos me lembra de tratar dos vivos; pois sem saude não ha forma de se chegar á velhice e consequentemente á... morte. Vamos pois almoçar «alla carta», num daqueles simpaticos restaurantes da Galeria Victor Emmanuel estendendo umas tres filas de mezas postas, cá de fóra.

Em Milão, o que já não sucede com tanta facilidade noutras cidades italianas, come-se, e come-se bem. O que é dificil é saber o que se ha-de comer. No Savini, estendem-me uma lista de coisas terriveis, desde o «Anti-pasti» ou «Minestra» ao «Dolce». Que de coisas exquisitas o «camieriere» me dá a escolher depois da «Paste asciutte»—o autentico macarrãosinho—que eu tenho de comer, e confesso, com muito prazer, porque, ou a seco, numa tachada enorme que vae a servir todos os freguezes, ou em caldo, é uma autentica especialidade da... casa; tem ainda a vantagem de embuxar e isto é meio caminho andado para a economia nos tempos que vão correndo.

Um cavalheiro louro, de lunetas, está em minha frente e como se entende menos com o menu do que eu, levantou-se e vae inspecionar as mezas servidas, acompanhado do creado; o seu dedo aponta o que deseja e assim, na linguagem da tal parenta de Eça, que para pedir «uova», os seus ovos, em qualquer lingua, se acocorava, o alemão escolhe o seu almoço.

Um alemão, é verdade. Uma entrevista, uma auscultação apresenta-se ao meu espirito de jornalista; vim a saber que o ilustre e fino cavalheiro vinha a Milão para comer; vivia em S. Petersburgo, onde tinha fabricas, automoveis, «ecuries», que sei eu... Durante a guerra esteve internado; com os bolchevistas, tinham-no posto na Alemanha sem fabrica, sem automoveis e sem «ecurie». Andava fazendo a cobrança por alguns freguezes da sua ex-fabrica, e a Italia vinha de vez em quando comer. E explicava que, na Alemanha, não se comiam coisas naturaes; tudo era artificial e que, só quem tinha o seu quintalorio, mesmo dois palmos de terra que fosse, podia saber o que comia plantando os seus nabos e as suas beterrabas. A Italia, estava riquissima, dizia atascando-se nos compridissimos macarrões, e realmente era lastimavel que os aliados tivessem sido tão desapiedados. Em Hamburgo os marinheiros choravam como creanças quando lhes tiraram os navios, e hoje é uma insignificante doca vazia; as indemnisações foram fortissimas e porquê? Sim, porquê?

—Se a Alemanha ficasse vencedora...

—Mas tambem não ficou vencida! Não, não,... Foi necessario terminar a guerra, acabou-se; mas os aliados não deviam ser tão crueis... Um fato na Alemanha custa alguns milhares de marcos, a vida assim é impossivel...

E chorava-se, o bom, o inteligente senhor de lunetas de aro de ouro, acusando de impoliticos os 4 prussianos que conduziam a guerra, mas garantindo que o paiz, a grande maioria era contra esses processos...

—Mas foram tambem os que nada tinham com a guerra, os que mais vitimas foram; o bombardeamento de Paris pelo grande canhão... as vilas inofensivas bombeadas de aeroplano...

O homem de lunetas de aro de ouro teve um sôrvo rapido a fazer desaparecer um macarrão comprido que lhe cahia do bigode á escovinha até ao prato, parou, sorriu e inquiriu com prazer:

—Grande surpreza, hein? Explendidos industriaes! E os nossos aviadores não eram dos primeiros do mundo?...

**Armando Ferreira.**



# Concessões coloniaes

## No planalto da Huila — As concessões na Humpata

E' inegavel que a nomeação dos altos comissarios para as grandes colonias africanas tem dado um tal ou qual impulso aos projectos de empresas coloniaes. Não se tem por emquanto passado de projectos, mas, se da parte das autoridades da metropole e das colonias, houver bom senso, natural é que alguma coisa de util e pratico venha a aproveitar-se desse movimento iniciado.

E', todavia, de toda a conveniencia vigiar que para as provincias ultramarinas se não transportem processos que, longe de fomentar a producção de riqueza, vão, talvez, atrofial-a, acorrentados á orientação dominante na metropole da ancia de enriquecer em pouco tempo e com pouco trabalho, á custa de especulações audaciosas.

Ha toda a vantagem para o desenvolvimento da riqueza em libertar as concessões de terrenos de toda a especie de formalidades demoradas e enfadonhas, mas é de toda a conveniencia não perder de vista que essa libertação poderá prestar-se á especulação dum habilidoso que colocaria na sua dependencia todos os que pretendessem realmente trabalhar.

Por exemplo. A Humpata é talvez o melhor bocado de todo o planalto de Huila. De clima saluberrimo e terreno fertilissimo, o colono que ali se estabeleça com um pequeno capital tem a certeza de o multiplicar em poucos anos. Está ali fundada uma granja militar que se não tem desentranhado em maravilhas, porque luta com todos os empecilhos em que é fertil a administração do Estado. Ha nas suas proximidades um enorme desfiladeiro por onde corre um pequeno rio que com uma barragem de facilima execução forneceria em abundancia a agua necessaria para todas as herdades que ali viessem a estabelecer-se.

Inutilmente se vem reclamando, ha anos, a construção dessa barragem que então se levaria a fim com pequeno dispendio.

Os poderes publicos não se comovem facilmente com os negocios que não envolvam qualquer intrigasinha politica e a barragem continua a ser uma legitima aspiração de todos os que conhecem a região. Nela concorrem todas as condições para se promover com esplendido exito uma colonisação essencialmente portugueza, dividindo o terreno em talhões de extensão nunca excedente a alguns mil hectares, poucos, e fornecendo agua a todos.

Haveria n'essa colonisação vantagens fundamente nacionais, porque, como todos devem estar lembra os, foi a Humpata o ponto escolhido pelos boers que ha muitos anos emigraram do Transvaal, para se estabelecerem, como com efeito fizeram.

Esses colonos não se misturam, não se cruzam com os de outras raças, de modo que ali continuam a marcar uma entidade á parte, com os seus usos e costumes, e até com as suas leis, fazendo pouco caso das autoridades portuguezas. Se maiores inconvenientes não resultaram d'essa invasão, é porque felizmente não são eles dados a formar nucleos de população e vivem disseminados no terreno entregues ao labor das suas granjas e á criação de gado, principalmente.

Podemos, portanto, tolera-los sem inconveniente de maior, mas a mais elementar prudencia manda promover ali a colonisação portuguesa para se opôr á desnacionalisação no futuro possivel d'aquela região.

Ora essa colonisação está ameaçada de nunca se poder realisar e isso pelo motivo de terem sido requeridos pela mesma personalidade quasi todos, senão todos, os terrenos que ali existem disponiveis, bem como a autorisação para proceder á construção da barragem acima referida.

A ser deferido o requerimento ficarão colonos que pretendam ir para a Humpata na dependencia absoluta d'aquela personalidade, pagando-lhe os terrenos que ela obtera com meia folha de papel selado, pelo preço que lhe aprouvér exigir.

Devemos declarar que não somos avêssos á largueza das concessões, antes pelo contrario, entendemos que elas devem ser feitas, como acima dizemos, amplamente e sem entorpecimentos burocraticos. Mas julgamos que, promovendo-se uma colonisação de povoamento, como a que convem ao planalto de Huila, as concessões a cada individuo se deveriam limitar a poucos hectares, mil, dois mil... conforme a natureza do terreno e a cultura adaptavel.

Parece-nos, pois, que para cada concessão deveria haver apenas uma formalidade— um contrato por escritura publica que ficasse exarada nos livros de qualquer notario da localidade ou da capital da provincia para os efeitos juridicos consequentes.

Devendo limitar-se assim a extensão das concessões, evidente parece que não devem ser concedidos os terrenos da Humpata á pessoa que os requereu e cujo nome não vem para o caso, porque não é a pessoa que pretendemos visar, mas sim assentar n'um principio.

E com respeito a barragem, sucede que da necessario é que alguem a faça, poaque, se ficarmos á espera de que a execute o Estado, por certo nunca a veremos construida. Mas se a alguem fôr feita essa concessão, é indispensavel que se garanta bem os preços por que mais tarde será fornecida a agua a quem d'ela precisar e a obrigação de a fornecer.

## SEGREDO A TODA A GENTE

### A avó

*Uma senhora mandou-me hoje o seguinte bilhete: «Nasceu hontem o meu neto. Não imagina — que gorducho! Quero que venha vê-lo. Logo que nasceu abriu muito os olhitos pretos e fez uma cara tão engraçada... Se visse! Acham-no parecido com a mãe. O meu primeiro neto! Ah! meu amigo, como eu estou velha, tão velha que já tenho netos como a minha avó»... Engano, minha senhora, v. ex.ª teria começado hontem a rejuvenescer — se de facto a sua velhice não passasse duma* blague. *Não sou eu que lh'o digo. E' a boquita vermelha do seu primeiro neto. Foi a primavera que entrou em sua casa—em pleno inverno. Foi o menino — Jesusque chegou — quinze dias mais cedo. Pois não é verdade que a juventude lhe entrou pela porta dentro? Ande, diga que sim. Até amanhã. Estou ancioso por conhecer o seu bébé. Os netos, minha senhora, hão de ser sempre a mocidade dos avós. Sabe quem o disse? Carlyle.*

### A educação

*Portugal, tenho-o escrito tantas vezes, atravessa ta uma crise gravissima. Crise não apenas provocada pela guerra; crise não apenas complicada ao inverosimil pelos governantes, crise de hontem, crise de hoje, crise por ventura de amanhã se os governos e mais do que os governos cada um dentro de nós proprios, não procurar soluciona-la como ela deve ser solucionada. Esta crise é a crise da educação e eu quero propositadamente envolver neste termo, sobretudo,—a educação moral. Um caracter— é um paiz condenado; uma nação sem dignidade—é uma nação que se suicida. Esta dupla falta de dignidade e de caracter tem sido a causa da nossa ruina, da nossa miseria, da nossa decadencia, e se não houver reacção—e eu confio que haja—será amanhã a unica razão da nossa propria morte.*

### Electricos

*A greve dos electricos esté votada — em principio. Possivel é que em breve andaremos a pé—como remedio para o reumatismo. Vê-se que os exemplos frisantes da ultima greve não colheram efeitos entre os empregados. Vê-se que o passado nada lhes aproveita, constata se que, para eles, a historia é um valor nulo. E' o unico triunfo dos inconscientes. A greve de amanhã terá indiscutivelmente pesadas desvantagens para nós, mas terá, sobretudo para eles, a lição sempre aproveitavel das desilusões.*

**Luis d'Oliveira Guimarães.**

## Imprensa

Sae no proximo sabado o primeiro numero do semanario republicano «A Independencia», de que é director o sr. Lopes Bispo.

# A pretensa "miseria" da Alemanha

## Uma empreza de exploração de caridade publica

O professor agregado da Universidade de Paris Edmond Laskine escreve no *Matin* do dia 9 o seguinte interessante artigo, que vem demonstrar á saciedade que a Alemanha está em melhores condições economicas e financeiras do que aquelas que pretendem aparentar:

«A Alemanha pleiteia incançavelmente perante o mundo que a sua situação é espantosa e desesperada, e que para ela ha apenas uma probabilidade de poder levantar-se e até mesmo de sobreviver: a anulação do tratado. E' preciso escolher, clamam todos os dias os alemães e os seus advogados no mundo: «A morte da Alemanha ou a morte do tratado! Ou haverá Alemanha ou não haverá reparações!»

A tese é fundada na alegação d'uma irremediavel miseria economica e financeira Economica porque a industria alemã não está em estado de exportar o bastante para o estrangeiro para poder pagar as importações necessarias á vida do povo alemão. Financeira, porque o fardo das dividas impostas pela guerra e principalmente pelo tratado tornaria a bancarota inevitavel n'um curto prazo.

Em ambos os ramos d'este raciocinio é facil—e não teem deixado de o fazer—arranjar requisitorios eloquentes contra a barbarie dos aliados e apelos pateticos á piedade dos neutros e dos paizes que menos sofreram com a guerra. E' egualmente facil acusar de mentira ou de cegueira os viajantes das diversas nacionalidades que recentemente percorrem a Alemanha sem ahi verem os sinaes d'uma miseria irremediavel e excepcional.

Mas será mais dificil, sem duvida, negar o testemunho dos factos e o dos proprios alemães.

* * *

A exportação alemã foi tão pouco animada pela guerra e pelo tratado que durante muitos meses de 1920 deu já um balanço de comercio activo, o que não sucede com a França e que não sucedia mesmo com a Alemanha antes da guerra. A capacidade de exportação da industria alemã está tão pouco entravada pela guerra e pelo tratado que de todos os lados se veem em Inglaterra fabricas fechadas e povoações operarias sem trabalho, porque a Inglaterra vê-se invadida pela chapelaria alemã, por productos quimicos e corantes alemães, por lampadas alemãs, por automoveis alemães e, nas vesperas das festas de Natal, literalmente submer-

# Theatros e Cinemas

## PRIMEIRAS E REPOSIÇÕES

**TEATRO APOLO** — *Burro em pé, 2 actos de Marçal Vaz e Xavier de Magalhães, musica de Luz Junior e Vasco de Macedo*

### Peça

E' o que se chama uma peça fadista, desde o *compere* Pirilau, aos fados varios que aparecem, aos marialvas e cocheiros, aos tipos baixos e numeros de calão. Tem piadas boas e isso é o bastante para que o publico goste, ria e pague. O quadro de comedia é bom, mas, como todas as revistas, fraqueja no final, embora com quadros de fantazia afrancezados, e, como todas as revistas, com cortes, alterações, e quasi uma revista nova fica obra muito aproveitavel.

### Musica

A musica não é nova, quasi toda conhecida ou aproveitada, não ficando nada no ouvido; o *fado no teatro* é o unico numero bisavel.

### Desempenho

Nascimento Fernandes muito bem a gosto popular, numa creação. Emquanto o papel dá, tem vida e animação, para o final está um pouco contrafeito com o canastrão; contudo não perde a sua linha nem os detalhes e diz sempre as suas piadas com graça e naturalidade. Um papel... todo fadista.

Erico Braga, muito gordo; pobre rapaz, que era uma esperança do nosso teatro, a dizer lerias inflamadas numa revista.

Roldão é sempre um excelente actor comico e para os seus papeis foram os melhores risos e o maior agrado do publico. João Silva nas suas rabulas vae o costume com propriedade, destacando o hospede pelo tipo que arranjou.

Os restantes, tenorinos e comicos, ajudaram o conjunto.

Adelina Fernandes, muito deslocada no genero, teve dois papeis que agradaram, cantando com sentimento um fado dificil.

As varias Marias e restantes artistas femininas sem nada que as sobrelevasse no desempenho geral.

### Scenarios e guarda-roupa

Os scenarios são regularmente bons, mas a apoteose do 1.º acto, apesar de todos os efeitos de pintura, é fraquinha; a do ultimo acto é limpa e aceitavel, se bem que em carpinteria tenhamos já visto entre nós muito melhor.

Ha nesta revista um relativo abuso dos quadros vivos no fundo, panos que se levantam ou abrem e que não dão sempre o resultado desejado. O guarda roupa é explendido, vistoso, elegante, garrido, rico.

**Armando Ferreira.**

### A sala

Muitos homens, algumas mulheres-homens. Os Macedos todos, os amigos do Erico e os admiradores do Nascimento, os frequentadores do Socorro e os «habitués» das primeiras. Risos bons de vez em quando, principalmente dum joven que estava ao nosso lado e que ria como um perdido, tomava notas, olhava para mim como a querer fazer-me cocegas.

Quando terminaram os 2 actos, houve a principio uma certa frieldade porque a peça não é tão electrisante como desejariamos, ou talvez porque toda a gente aflita á procura dos seus joelhos debaixo da cadeira da frente ou ao colo do visinho do lado, não rompesse logo nas aclamações do costume.

Só o joven ao meu lado estendia os braços para a frente sobre a cabeça da sr. Sofia Gallini e chamava, um por um, todos os nomes do cartaz, deitando-me cada olho de meter medo.

Não pudemos resistir:

— Ha-de desculpar a indiscreção! O senhor está assim tão entusiasmado com a revista?

Olhou-nos com alegria triunfal e explicou:

— Não gostei, não. Mas é que sou autor de revistas e nisto, o senhor sabe, temos que nos ajudar uns aos outros, porque onde elas se fazem... é onde elas se pagam.

**José Deleve.**

Lêr amanhã

*A critica das criticas.*

*A Migalha* reprise no Politeama.

## Noticiario

**Entre nós**

A sr. D. Laura Sant'Ana Galhardo, esposa do sr. Luiz Galhardo, administrador do teatro Nacional, vae levar a efeito, naquela casa de espectaculos, uma recita de beneficencia a favor dos ceguinhos do Asilo Feliciano de Castilho e do Instituto Branco Rodrigues, manifestando por esta forma altamente simpatica a sua congratulação pelo quasi completo restabelecimento de seu filho José Galhardo. O programa do espectaculo, que se apresenta repleto de atrações, será em breve anunciado.

---

da sob brinquedos e relogios fabricados na Alemanha.

Como antes da guerra e em alguns casos muito antes da guerra, a mercadoria *made in Germany*, favorecida por um *dumping* voluntario ou involuntario, ameaça a propria vida das industrias inglezas. Trata-se de saber como poder defender-se contra essa concorrencia: os nossos amigos inglezes estão tratando de o estudar, não sem angustia. Em todo o caso, os factos estão claros: não nos mostram uma industria lomã exangue e debil, mas sim uma industria poderosamente preparada, bem armada para a expressão e conquistadora, hoje como hontem.

* *

Dizem-nos e repetem-nos que a Alemanha está reduzida á maior miseria, incapaz de alimentar e vestir os seus filhos, por não poder pagar as suas importações.

Pois registe-se o pondere-se bem o seguinte testemunho escolhido entre muitos outros: emana d'um homem competente, especialista conhecido das questões economicas e financeiras, director da revista *Die Bank*, e não é suspeito, visto que o sr. Lansburg é alemão e mais hostil que ninguem ao tratado de Versailles. Eis o que ele escreve, o que os seus olhos viram:

«Parece verdadeiramente singular que a Alemanha não esteja em estado de importar a quantidade relativamente fraca de cereaes estrangeiros que assegurariam á sua população melhor pão... Isso parece ainda muito estranho quando se veem expostas nas ruas das cidades e das aldeias alemãs e acumuladas nos estabelecimentos, por exemplo, quantidades de chocolate fabricado com cacau *sulamericano* e que indicam um *consumo muito superior ao de antes da guerra*.

O espanto aumenta quando examinamos os vestuarios da população alemã, na cidade e no campo.

Nunca o luxo foi levado tão longe no que diz respeito a calçado, que na maior parte é feito com couro exotico. Não se verifica em parte alguma, muito ao contrario, penuria de roupas brancas feitas com algodão *americano*, nem de roupa branca fabricada com lã *proveniente da Australia e da Argentina*... Não se póde imaginar um aprendiz de dezasseis anos sem o seu cigarro *inglez*. A pretensa falta de benzina e de borracha não impede que haja hoje, em Berlim, cêrca de duas vezes mais armazens de venda de automoveis do que antes da guerra.

O numero de perfumarias, de armazens de comestiveis, de *cabarets* chics não permite concluir por uma diminuição qualquer do consumo de artigo de luxo *estrangeiros. Ora comodos os esses artigos não nos são entregues a credito, mas são pagos por nós com trabalho alemão*, necessário é que as coisas não vão tão mal como se pretende no que diz respeito á capacidade de produção da Alemanha. (*Die Bank*, de novembro de 1920).

Não se póde falar melhor. Mas se as exportações alemãs são suficientes para pagar a dinheiro de contado todo esse superfluo, a quem é que se fará crêr que a infeliz Alemanha tem falta do necessário? E se ela se priva de pão para poder comer mais chocolate do que antes da guerra, de quem é a culpa?

Ha pobres envergonhados que sofrem e se definham por dignidade e por pudor, e, talvez, no que respeita ás feridas das nossas regiões devastadas, temos sido dignos de mais, discretos de mais.

Mas ao lado do pobre envergonhado, todos nós conhecemos o mendigo que inspira piedade ao publico com as suas falsas ulceras e as suas molestias artificiaes, e que, depois de ter durante todo o dia explorado a piedade dos iludidos, vae sentar-se á noite a uma meza bem provida, á custa das boas almas.

E' prestar á sociedade europeia e até mesmo á Sociedade das Nações um bom serviço o de lhe denunciar alguns d'esses exploradores impudentes da caridade publica».

# VIDA SPORTIVA

## Sporting Club «Sempre Fixe»

A direcção do Sporting Club «Sempre Fixe» avisa todos os clubs de foot-ball de Lisboa e arredores de que, em virtude de se querer filiar na Associação de Foot-Ball de Lisboa, e essa associação não permitir a sua filiação com o nome de Sporting Club «Sempre Fixe», por não estar em harmonia com os estatutos da referida Associação, este club muda o seu nome para Sporting Club Lisbonense.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Rua Ferreira Borges, 64, rez-do-chão.



# ULTIMA HORA

## Comicio da U. S. O.

### a favor dos ferro-viarios

Nos terrenos onde se projecta construir o Bairro America, na Rua do Vale de Santo Antonio, realisou-se hoje como estava anunciado o comicio promovido pela U. S. O. de solidariedade para com os ferro-viarios.

Antes da hora anunciada, compareceu no local uma força de 30 policias, que sob as ordens do sr. tenente Graça, auxiliado pelo chefe Duarte e alguns cabos, se espalharam por diferentes pontos do recinto.

A pouco e pouco, iam chegando pessoas prra assistir ao comicio que estava anunciado para as 13 horas, e teve o seu começo ás 14,45, tendo por presidente o sr. Eduardo Jorge, secretario geral da U. S. O. e secretarios os srs. Carlos Dias e Julio Henrique. Usando a presidente da palavra disse qual o motivo porque tinha sido convocado aquele comicio, que era para apreciar a forma como tinha sido solucionada a greve dos ferroviarios do Sul e Sueste.

Em seguida falaram o sr. Alfredo, pelos ferro-viarios do Sul e Sueste que explica e aprecia a forma como o governo Granjo tratou aquele assunto das varias «démarches» que foram feitas perante o Ministro do Comercio, sr. Antonio da Fonseca e protesta contra a proibição das visitas aos funcionarios presos em S. Julião da Barra.

Usam mais da palavra os sr. Julio de Mitos, pela C. G. T., Joaquim Cardoso, delegado da Federação da Construção Civil, Inocencio de Sousa, delegado da Federação de calçado de couro e peles, Domingos Pereira, delegado dos manipuladores de pão, e Jacinto Rufino, pela Classe Metalurgica, os quais afirmam a sua solidariedade para com aqueles e abordam á questão economica.

A hora em que nos retiramos, continua o comicio na melhor ordem.

## Manifestações ao governo

Estava anunciada para hoje, pelas 16 horas, uma manifestação de apoio ao governo, promovida pelos republicanos do Campo Grande, S. Sebastião da Pedreira e Campolide.

Pouco depois da hora marcada começaram afluindo ao Rocio algumas pessoas, formando um grupo de pouco mais de 300 manifestantes, que pelas 17,30 seguiram pela rua Augusta, em direcção aos ministerios, levando duas bandeiras nacionaes e entre palmas e vivas.

Os manifestantes chegaram ao ministerio do interior pelas 18 horas, sendo recebida a comissão por eles delagada pelo capitão sr. Faria Leal que na ausencia do sr. presidente do ministerio, que está fora de Lisboa, mandou chamar o sr. ministro das finanças, que se encontrava no seu gabinete a trabalhar.

O sr. Cunha Leal, comparecia d'ai a momentos e assomava a uma das janelas do ministerio do interior sendo recebido com vivas e palmas.

Falaram os srs. Magalhães Ferraz e João Carlos Marques, assegurando o seu apoio ao governo.

O sr. Cunha Leal, agradecendo, afirma que o governo será energico e fará obra dedicadamente republicana, mas fará tambem pagar quem deve, entrando assim nos cofres do Estado os dinheiros que deles andam desviados.

Aqueles que, pela sua obra de traição á Patria e á Republica, prevaricarem, serão metidos na cadeia, assim como os que pretendam alterar a ordem publica.

Que o povo auxilie o governo.

Muitos vivas, muitas palmas e os manifestantes debandaram na melhor ordem.

## A acção do governador de Macau

### Uma carta do ex-governador sr. Tamagnini de Barbosa

Sr. director de «A Capital» — No seu jornal de hontem e sob o titulo «A acção do governador de Macau» dá-se publicidade a uma carta que no final é alusiva á minha pessoa, atribuindo-se-me a auctoria, ou, pelo menos, a inspiração, de um artigo referente a actos de administração daquela colonia que o jornal «O Tempo» inseriu.

E' signatario da referida carta um sr. Vieira Branco, que não conheço e que na colonia não viveu emquanto a governei.

Ocupa-se, porém, em relatar para a metropole os comentarios que diz ter ouvido agora em Macau sobre a minha personalidade. Está no seu direito; mas certo deve ficar de que esses comentarios me não deslustram e em nada ofuscam a sentença que a colonia unanimemente proferiu sobre a forma como a administrei, quando foi conhecedora da minha exoneração e que foi revelada pelo seu conselho do governo, com muita honra para mim: «O conselho do governo, acatando como lhe cumpre as determinações do governo da metropole, lastima, contudo, profundamente, o afastamento do governador que, com tanto criterio, zelo e inteligencia se estava dedicando ao progresso da colonia.»

Sabe V., sr. director de «A Capital», que contra mim corre um inquerito, o qual abrange a minha acção como governador, que fui, de Macau, cargo que aceitei a instancias insistentes do velho republicano, antigo ministro e muito meu prezado amigo, o Ex.mo comandante Carlos da Maia.

Por virtude d'esse inquerito, e por um natural melindre, não tenho escrito, nem tão pouco inspirado quaesquer publicações sobre assuntos que a Macau digam respeito. N'esta atitude me conservei até liquidação do referido processo, cuja ultimação não receio e antes desejo a brevidade, reservando-me, porém, o direito de mudar depois de orientação, relatando tudo quanto entenda dever tornar publico sobre actos do meu processo, apreciando as resoluções do meu sucessor que tenham destruido os efeitos de algum ou alguns d'esses actos e, no meu criterio, hajam causado ou possam causar prejuizos para os interesses locaes e do Paiz.

Fica assim esclarecida a parte final da carta a que acabo de fazer alusão.

Porque devo este esclarecimento ao publico, leitor do jornal de v., eu solicito a inserção destas linhas no seu numero de hoje e muito grato pela sua fineza subscrevo-me de v. etc.—Lisboa, 10-12-920

*Artur Tamagnini de Barbosa*

## POLITICA

O sr. ministro das finanças vai por estes dias responder, em conferencia publica, aos ataques dirigidos ás suas propostas, fazendo a analise da critica que lhes tem feito a imprensa.

Vamos a ver como o sr. Cunha Leal justifica aquela monstruosidade.

## Navios de guerra no Tejo

**A entrada do «Presidente Sarmiento»**

Entrou hoje no Tejo, onde era esperado ha dias, a fragata «Presidente Sarmiento», da marinha de guerra argentina, conduzindo os aspirantes que tendo concluido o curso na Escola Naval de Buenos Aires estão realisando uma viagem de circumnavegação, para serem promovidos a guardas marinhas. A «Presidente Sarmiento», que vem sob o comando do capitão de fragata sr. Joaquim Arnaud, desloca 2.500 toneladas e tem 360 tripulantes. Os aspirantes são 29 combatentes e 6 da administração naval. O navio, que se demora 4 dias no Tejo, ao fundear salvou ao comando das forças navais surtas no Tejo, correspondendo a essa saudação o cruzador «Vasco da Gama».

## Serviço telegrafico da tarde

VILNA, 11.— O concelho dos *D. N.* nomeou trez comissarios sob a presidencia do coronel Chardigny, para fixarem a zona do plebiscito de Vilna. São ele o general inglez Burtls, o consul de Espanha em Bruxelas, sr. Saura e o sr. Sidon, sueco.—(*Havas*).

VIENA, 11.—O chanceler austriaco dr. Mayer, fez uma posição aos representantes dos aliados para lhes demonstrar a gravidade da situação em que se encontra a Austria e para insistir na necessidade de um auxilio urgente por parte da *Entente*.—(*Havas*).

BRUXELAS, 11.—A comissão dos tecnicos alemães e aliados deve reunir-se nesta capital no dia 16 do corrente.—(*Havas*).

BUCAREST, 11. — As vitimas da bomba que rebentou na camara foram as seguintes: morto o bispo de Oradamaro; feridos gravemente, cinco figurando entre eles o ministro da justiça e o bispo de Basadour; feridos levemente o presidente do senado e dois senadores, incluindo um sacerdote.—(*Havas*).

ROMA, 11.—Ao chegar o contratorpedeiro italiano «Esperodo» entrado em Fiume, o comandante que estava amarrado a um canhão, e com o uniforme esfarrapado, trocou frases durissimas com Gabriel d'Annunzio, o qual subiu a bordo do contra-torpedeiro e deu á tripulação um premio de 10.000 liras.—(*Havas*).

PARIS, 11.—O dr. Leite de Vasconcelos foi nomeado membro correspondente da Academia Franceza de Inscrições de Belas-Letras.—(*Havas*).

BELFAST, 11.—Os «sinn feiners» apoderaram-se de toda a correspondencia que conduzia um comboio, sem serem incomodados.—(*Havas*).

VALONA, 11.—Houve um tremor de terra, que destruiu por completo a cidade de Tepeleni, morrendo 200 pessoas e ficando mais de 15.000 sem abrigo.—(*Havas*).

SAN FRANCISCO, 11.—A multidão linchou 3 presos convictos de assassinato.—(*Havas*).

CRISTIANIA, 11.—Para o premio Nobel em 1920 foram popostos o presidente Wilson e o sr. Leon Bourgeois.—(*Havas*).

SANTIAGO DO CHILI, 11.—O ministro dos negocios estrangeiros declarou ao correspondente da Agencia Havas que a delegação chilena na assembleia da Sociedade das Nações continuava colaborando com a assembleia, pois a de legação argentina retirou-se sem consultar a opinião das demais delegações sulmericanas.—(*Havas*).

PARIS, 11.—O joven atleta francez Cadine bateu o record do mundo levantando um pezo de 185 quilos.—(*Havas*).

## Universidade Popular Portugueza

Realisa-se hoje, pelas 21 horas, a 19.ª conferencia da serie sobre «As questões moraes e sociaes na literatura», pelo sr. dr. Camara Reis, que continua a tratar nesta conferencia de Tolstoi.

A entrada é publica.

## Postos de socorros nocturnos

Os postos continuam funcionando normalmente, tendo reabrido novamente o posto do Beato.

## NOTICIAS DA CAPITAL

**A cronica do roubo.** — Foram presos Joaquim d'Assunção, morador na rua de Campo de Ourique, por ter furtado a quantia de 705 escudos na tabacaria de Eduardo Manuel dos Santos, largo do Rato, 9, e Ernesto Ferreira das Neves, calçada da Mouraria, 9, por tentar subtrair uma corrente e medalha de ouro a Joaquim Antunes rua Garcia da Horta, 1, 1.º.

—Queixou-se José Jacinto, rua do Olival, J. J., do que Artur Jorge, sem residencia, lhe furtou uma nota de 100 escudos.

# A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3724 — II.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Segunda-feira, 13 de Dezembro de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina da Impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 5 centavos


## O INIMIGO

Para justificar a urgencia da aprovação das suas propostas de finanças, procurando assim eximi-las ao exame atento das comissões, e até ao simples debate parlamentar, o sr. Cunha Leal declarou que era preciso não dar tempo ao inimigo para se defender. E' o mesmo pensamento que o anima, pondo mais uma vez a faca aos peitos da representação nacional, visto que vae hoje, segundo se anuncia, declarar que a proposta da contribuição do registo tem de ser aprovada em quatro dias, para que o Estado não perca 60.000 contos.

Quem é o inimigo?

O inimigo, para o sr. Cunha Leal, é o contribuinte, somos nós todos, é o paiz inteiro. A sua frase guerreira atinge em cheio os seus concidadãos. Para o ministro das finanças de Portugal o inimigo são os portuguezes, e nem mesmo se lhes deve dar tempo a defender-se. O ataque tem de ser á queima roupa, e, como nas lutas medievaes, em que o saque era permitido, após a facil vitoria o inimigo será despojado de tudo ou quasi tudo o que tiver.

Quanto á possibilidade da perda de 60.000 contos, se o parlamento não votar imediatamente a proposta da contribuição do registo, ninguem ignora a que se refere o sr. Cunha Leal. Refere-se ás heranças em aberto. O que ele quer é habilitar o fisco a espreitar nas casas enlutadas, avaliando o pouco ou muito que a morte póde trazer para o Estado, considerado mais legitimo herdeiro do que os filhos dos que morreram, e possuindo mais privilegios do que eles. Com as heranças em aberto é que o sr. Cunha Leal pensa receber, esse dinheiro, porque o Estado ha de receber em dinheiro, enquanto os outros herdeiros podem só receber em bens moveis ou imoveis, essas dezenas de milhares de contos que representarão em muitos casos a terça parte da totalidade das heranças.

Eis como se trata o inimigo, que é o paiz, que somos nós todos.

Não se imagine, porém, que só os que possuem bens se encontram ameaçados. Ainda hontem os operarios, reunidos em comicio, protestaram energicamente contra as propostas de finanças. Porquê? Porque se se trata como inimigos os que possuem bens não menos são tratados como inimigos os que só dispõem do seu braço. Os salarios vão ser tributados como as riquezas, e o imposto incidirá desde 150 escudos para cima, para que os não escapem os que não chegam a ganhar para o sustento diario.

Tal é a situação. Tal é o combate que o sr. ministro das finanças declara a toda a sociedade portugueza.

Não é isto o que pode resolver os nossos angustiosos problemas, porque a solução tem de ser encontrada, pelo contrario, numa intima colaboração de governantes e governados para a obra titanica da redempção nacional.

Por isso mesmo aqueles que tinham atribuido uma significação precipitada e forçosamente inexacta á atitude da guarda republicana quando do cumprimento ao governo, devem já estar refeitos de qualquer má impressão. A guarda republicana é um sustentaculo da ordem, é o esteio de toda a sociedade. O que ela deseja é o que todos os portuguezes desejam, isto é, que se encontrem formulas justas e eficazes para o nosso equilibrio financeiro. Foi isso o que a sua atitude exprimiu, e não o proposito de pesar de qualquer forma sobre o parlamento e o paiz para a aprovação de qualquer medida cujo efeito seria contraproducente para as suas patrioticas aspirações. Não é natural que a guarda tenha estudado as propostas do sr. Cunha Leal. Não é essa a sua função, e nem isso lhe seria facil em meia duzia de dias, tão complexo é o assunto e tão complicadas são a maior parte das disposições que as propostas encerram. E não seria admissivel qualquer pressão da força armada para a solução de questões que outras entidades têm por função estudar. A guarda republicana é a força ao serviço da lei e do direito. Seria injuria-la atribuir-lhe pensamentos que nesta altissima missão se não resumam e condensem.

Neste momento é que o alcance das propostas do sr. Cunha Leal começa a ser medido por todas as classes, por todos os individuos, por todo o paiz. Que a opinião publica não quer que um assunto de tal magnitude seja tratado de animo leve, pesando sobre o presente, e comprometendo o futuro, prova-o a atitude que ainda hontem o povo de Lisboa assumiu, não se associando a manifestações com que se procura exercer uma pressão intoleravel sobre o espirito dos legisladores.

### Sociedade de Estudos Pedagogicos

Realisa-se depois d'amanhã, pelas 21 horas, a sessão inaugural desta Sociedade, que provisoriamente está instalada na Faculdade de Siencias.



O MARTIRIO DE UMA MULHER

## "Doida não e não!"

### ... A tua fama além sôa

Leitor: dê-me licença que esta minha carta seja ainda uma resposta. Escreve-me uma senhora que já mais vezes o tem feito, sem todavia me revelar o seu nome, perguntando-me porque não respondo ás cartas que a sr.ª D. Maria Feio publica num jornal que á tarde se distribue em Lisboa.

Porquê?

Minha senhora: eu lhe digo, mas primeiro permita que transcreva aqui o que a respeito da sr.ª D. Maria Feio escrevi em 4 de setembro p. p. neste jornal:

«A' sr.ª D. Maria Feio, distinta escritora, agradeço o sentimento de piedade e de revolta que a levou a escrever o seu livro «Doida não! Antes vitima». Não nos conhecemos pessoalmente, mas nem isso era preciso para que, como mulheres, as nossas almas se unissem num impulso de protesto contra as violencias permitidas por certas leis, executadas por certos homens e de que só certos homens se aproveitam, para com elas, tornarem o sexo fragil, mais fragil ainda, tirando-lhe todos os direitos: o de se governar e até o da propria liberdade. A sr.ª D. Maria Feio defendendo-me, defende todas as mulheres portuguezas. Honra lhe seja».

Quando escrevi na «Capital» estas palavras mal conhecia de nome a sr.ª D. Maria Feio. Mas assim que apareceu este meu agradecimento recebi algumas cartas, umas com assinatura, outras sem ela, em que me recomendavam cuidado com as aproximações dessa senhora; contavam-me casos da sua vida particular, e da sua vida de escritora e, em uma delas, dizia-me até um desconhecido que: ...«Antes ela defendesse o dr. Alfredo da Cunha, porque (são as proprias expressões) a V. Ex.ª, sr.ª D. Maria Adelaide, não a honra a defeza dessa senhora»...

A volubilidade de caracter da sr.ª D. Maria Feio tem-se prestado, é certo, a comentarios crueis, mas eu não daria um passo para saber cousa alguma a respeito quer do seu passado quer do seu presente. Veem, no entanto, ter comigo essas informações e hoje possuo elementos para lhe fazer a biografia completa, mas não a farei e a razão é simples.

A sr.ª D. Maria Feio precisa ganhar a sua vida. Escolheu para isso o mistér que mais lhe agrada e eu nunca gostei de prejudicar ninguem.

A sr.ª D. Maria Feio que é, indiscutivelmente, uma escritora de valor, perde muito pela inconstancia das suas opiniões. Ora diz que o branco é preto, ora diz que o preto é branco, mas não é por mal que o faz. Afirma que é branco, convencida do que afirma. Depois, teima que é preto julgando ter a certeza de que não se engana e não será para admirar, se a virmos tornar a insistir que é branco o que já disse que era preto e depois que é preto o que afirmou ser branco e assim sucessivamente.

Segundo me dizem, minha sr.ª, já ha 25 anos a sr.ª D. Maria Feio, em Vila Real, onde nasceu, foi muito falada por casos que não são aqui chamados e teem sempre deixado nome nas terras por onde passa.

Em Coimbra é conhecidissima, no Porto e em Lisboa não o é menos. Tem, pois, essa senhora a sua fama feita. Boa? Má? Entre as opiniões correntes «mon cœur balance;» e é por isso que não darei a minha a seu respeito; reporto-me ás que me mandam.

A sr.ª D. Maria Feio, diz-me V. Ex.ª, pretende que eu me reconcilie com os meus, porque vê nisso algum lucro. Não devemos censurá-la por isso, minha senhora, devemos, apenas, lamentá-la. A reconciliação que a sr. D. Maria Feio me aconselha seria uma indignidade quer para mim, quer para os meus, se fosse aceite; portanto, lamentemos a sr. D. Maria Feio pela sua infeliz ideia, e lamentamo-la, tambem, se é certo que pensa em auferir lucros por esse meio, porque a reconciliação não se dará.

Mas eu não creio, minha senhora, que seja esse o intuito da sr.ª D. Maria Feio. E' feitio que ela tem. Sente-se feliz, envolvendo-se nas vidas alheias. Creia que é isto. Contaram-me que uma vez taes discordias levantou entre marido e mulher que estiveram para se divorciar, tendo sido, até então, sempre amigos. E não é caso unico. Na familia duma ilustre advogada tambem se deram conflitos por sua causa. Já vê, pois, V. Ex.ª que é um gosto especial da sr. D. Maria Feio.

Desta vez quer reconciliar; doutras tem lançado a discordia nos lares onde se mete.

Diz-me ainda V. Ex.ª que aquela senhora não tem autoridade moral para censurar quaesquer actos da vida de mulher alguma. Sei isso, minha senhora, mas a sr.ª D. Maria Feio fica muito satisfeita, tentando iludir-se a si propria e imaginando que ilude os outros. Que lhe havemos de fazer? Deixá-la, minha senhora...

No tempo em que eu era para a sr.ª D. Maria Feio, Doida, não! Antes vitima, agradeci-lhe as suas palavras de defeza; agora que passei a ser, para ela, vitima não, antes doida, mandei-lhe um cartão de visita, registado, para ter a certeza de que lhe chegava ás mãos e no qual lhe dizia apenas:

—Maria Adelaide Coelho, agradece as flores, os livros e os jornaes,— porque a sr.ª D. Maria Feio, mandou-me flores do tumulo de meus Paes, dois livros da sua autoria, com dedicatoria e alguns numeros do jornal onde publica as suas cartas.

Cumpri das duas vezes um dever de delicadeza.

Se amanhã tiver de mandar mais algum agradecimento a essa senhora, mandar-lho-hei do mesmo modo, porque a educação que recebi isso me preceitua.

Mas responder ás suas cartas? Não.

Meditar sobre elas, como a sr.ª D. Maria Feio, deseja? Essa senhora esquece que uma doida não medita ao gosto de qualquer.

Aceitar a reconciliação que ela me aconselha?

Minha senhora, eu não sou Maria Feio... sou.

Maria Adelaide.

## SEGREDO Á TODA A GENTE

### Uma questão

*Um homem deve oferecer o seu logar no electrico a uma senhora—quando ela o não tenha? E' um problema a resolver. Ou melhor: é uma questão a discutir. Evidentemente não assiste ao homem, nem mesmo ao homem bem educado, o dever moral de o fazer. Não é um caso previsto na arte de viver em sociedade — com senhoras. E' mesmo uma questão que se não póde resolver por analogia. A minha opinião? Eu apenas ofereço o meu logar a senhoras muito velhas—ou muito bonitas...*

### Lorvão

*Tem interessado toda a gente mais ou menos culta o roubo das preciosidades de Lorvão. O velho mobiliario quasi desapareceu, uma parte adquirida nos leilões das freiras falecidas; a outra subtraida, com a maior naturalidade deste mundo, por todos os amadores da arte de roubar. E' curioso que o avô do ultimo ladrão foi condenado em tempos por ter praticado um grande roubo no velho mosteiro. Como veem estamos em presença dum caso interessantissimo de cleopatomania hereditaria—posto ao serviço duma familia de cultores do movel velho.*

### Autoridade

*Hontem, ao anoitecer, foi atropelado na rua da Palma um homem. Este facto nada tinha de extraordinario se esse homem fôsse como todos nós. Mas não era: era um policia. Representava por consequencia, a autoridade. Não foi apenas o seu capote que se rasgou: foi o prestigio da corporação que foi atropelado. Quando eu ha pouco notava, nesta meia duzia de linhas, a quebra diaria dos regulamentos policiaes —estava bem longe de supôr que dois dias depois teria a exemplificação pratica do que afirmava. A fatalidade de hontem foi uma desgraça. Mas ao menos, para que nem tudo se perca, que ela sirva de exemplo á corporação.*

Luis d'Oliveira Guimarães.

AUTENTICAS

## Industria nova

Quem se vê obrigado a transitar pelas estradas do Ribatejo em automovel, envelhece a galope, vitima do enervamento que o estado ruinoso daquela viação suscita. São covas onde se póde enterrar o cantoneiro com a mulher e os filhos. Entre a estação do Carregado e a vila já pouca gente se atreve a meter em carro; de Vila Franca para Alemquer é a mesma miseria. E, todavia, aquilo é uma região riquissima; os carros cheios de toneis de vinho, de cestos de frutos, de cereaes, passam por elas como em procissão.

Sempre que vou a Alemquer ver a familia, quando ela está na quinta do Brandão, volto, jurando que nunca mais lá voltarão os meus sagrados pés. Ainda não ha muito, duas senhoras que eu trazia comigo no automovel de lá para Vila Franca, vieram todo o caminho a vomitar, como em barco sobre oceano revolto; e diga-se de passagem, uma delas tem o estomago mais forte que o papo de um avestruz.

Mas isto ainda é pão com mel; ahi pelas alturas do Bombarral, para todos esses lados do oeste, até ás Caldas da Rainha, ha genuinos abismos pelos caminhos traçados. Ha mesmo um ponto perto do Bombarral, que ainda póde ser mais tarde visitado pelos *touristes*, como notabilidade nacional. Ali se afundam diariamente alguns automoveis e isto já não é de hontem nem de hoje!

Os lavradores das proximidades é que souberam tirar partido do caso. Fartos de serem solicitados para virem com juntas de bois acudir aos naufragos soterrados em lama ou em pó, conforme a estação, construiram ali duas casas de madeira e dotaram-nas com uma junta de bois.

Todos os dias ha serviço constante para os animaes. Da ultima vez que ali passei já o local ia ser dotado com outra junta. A toda a hora os pacientes animaes extraem automoveis daqueles insondaveis fossos como qualquer mão vigorosa tira uma rolha dum frasco! E levam por isto 15 escudos. A extracção de trez ou quatro automoveis por dia que eles teem garantida, dá-lhes um rendimento com que nunca contaram, embora os bois estejam por alto preço.

E' a riqueza, e tão persuadidos estão do exito da nova industria que só pedem ao Altissimo o esburacamento de toda a viação dos seus sitios.

Quando ouvem falar em reparações de estradas põem-se-lhes os cabelos noar, puderal e se não forem reparadas dentro de pouco tempo nunca mais o serão, isto digo-lh'o eu; e sabem porquê? Porque em eles estando ricos, teem votos, teem dinheiro para o suborno, teem tudo com que se emperra as medidas de salvação, quer seja do Estado quer dos nossos pobres ossos, pelas estradas do meu paiz.

E, no fim de contas, é uma industria simpatica.

D. Thomaz de Noronha.

## S. Carlos

Dentro de poucos dias teremos o prazer de ver abrir, novamente, as portas do nosso primeiro templo d'arte.

Não podemos deixar, mais uma vez, de enviar á Sociedade do Teatro de S. Carlos o nosso sincero aplauso, por vêr toda a abnegação que a guia, em tempos como os actuaes, para afrontar sem temor e a despeito dos inumeraveis boatos, uma empreza como esta!!!

A verdadeira politica patriotica é esta, muitos ou quasi todos ignoram a enorme importancia politica que tem para o nosso paiz, no estrangeiro, o funcionamento regular do nosso primeiro teatro, cujas tradições são universalmente conhecidas tanto ou mais que aqui S. Carlos fechado é o descredito, é a confirmação dum perturbamento constante de ordem publica. S. Carlos aberto, brilhante, repleto, é o desmentido mais energico, mais categorico, mais poderoso, a todas estas calamidades!

O elenco que o Diretor Artistico Ercol Casali, conseguiu reunir é dos mais brilhantes. Nós, que regressamos ha pouco de Italia tivemos ocasião de presenciar as grandes dificuldades com que hoje se luta para reunir um elenco de bons elementos; portanto apreciamos o criterio com que Casali soube juntar nomes gloriosos e distintos de artistas, onde sobre tudo predomina o elemento lirico-italiano.

Os nossos vizinhos, da Hespanha, este ano, formaram uns cartazes liricos, que não se conseguem lêr, sem ter a impressão de varios espirros seguidos.

Ahi vae uma amostra dos nomes do elenco do Teatro Real!

Sopranos Hafgren, Jonghaus, Lu, Kappel, Kurt, tenores Kirchoff, Trantoul, baritonos, Eck, Planschke etc,... quasi todos do Teatro de Carlsruhe.

No Liceu de Barcelona ainda é peor. Certo que a celebre Barrientos, Borgioli, Montessanto e outros figuram egualmente n'estes elencos, mas a Barrientos é ali como aqui um meteoro que deslisa rapido e que se o publico não estiver devidamente prevenido, quando der por ele já se terá eclipsado.

Convem, por tanto, pôr os nossos amadores ao facto d'estes pormenores para que compreendam e apreciem todo o trabalho e sacrificio d'uma empreza d'Opera, na epoca actual com as cotações de bolsa que nos sofocam e, sem ninguem supôr onde irão parar.

Desejariamos elucidar o publico sobre os artistas que formam o elenco de S. Carlos, mas isso seria largo e contentar-nos-hemos, por emquanto, em dizer algumas palavras sobre aqueles que conhecemos e que pelo seu valor merecem apresentaçao feita por alguem que até hoje nunca enganou o seu publico.

O maestro Guy, regente, é uma das figuras mais notaveis entre os jovens directores de orquestra italianos; o seu debute em Italia no teatro de Bergamo causou no mundo lirico profunda admiração!

Foi mais que uma estreia, uma revelação; o joven maestro saiu desse primeiro teatro já consagrado; de então para cá tem em sucesso crescente percorrido os principaes centros de Arte; prestou galhardamente o seu concurso na guerra, e agora vitorioso empunha de novo a batuta, como soube briosamente manejar a espada.

Maria Barrientos, a celebre soprano-ligeiro catalã, é um astro dos mais fulgurantes da arte lirica. Assistimos ao seu debute com a «Lakmé» no Teatro Lirico de Milão e jamais esqueceremos essa noite.

As suas 17 primaveras franzinas, os seus gestos infantis, a sua voz maravilhosa, despertaram um verdadeiro delirio entre os entendidos. Era uma nova Patti que surgia, então a sua voz educada a todas as ginasticas e acrobatismos do genero, possuia notas sobre-agudas duma potencia até então nunca ouvidas em nenhuma outra da sua corda.

Antes mesmo de aparecer cantando a aria interna, essa subjugára por completo o publico; por isso logo que surgiu ante os nossos olhos foi para ser coberta de interminaveis aclamações.

Passaram-se anos, Maria tem continuado, sem interrupção, a sua carreira triunfal e gloriosa.

Tem-se refinado muito, tem sabido egualar a sua grande Arte, aos dotes naturaes que já possuia. Ali mesmo, no Lirico, tisnada com a côr escura e quente de Lakmé ela assinou logo na noite do seu debute contratos para dois anos seguidos! Em Arte o que conta, não é o reclame mais ou menos rufado em tambores sonoros, por este ou aquele entendido no oficio, são os factos que contam e estes representam para uma Artista, o *numero* e a *qualidade* de teatros percorridos.

Artista que debute, mesmo obtendo sucesso, se estiolar e não proseguir imediatamente a sua carreira, está liquidada. Em hespanhol ha um proverbio a este caso bem aplicado, «el movimiento se demuestra andando!

Maria Barrientos tem andado muito, tem voado de terra em terra, querida na Europa, adorada nas Americas do Norte ao Sul. E' talvez a unica das verdadeiras estrelas de primeira magnitude *autentica*, que nunca pisou o palco em S. Carlos.

O nosso publico que tanto aprecia a verdeira arte, dar-nos-ha razão: mas é necessario que aproveitem... o que é bom dura pouco.

No elemento femenino temos Maria Llacer que creará entre nós o papel de Kundri no Parsifal, prestando á interessante figura o seu talento e beleza. Amereglio, um soprano dramatico que dizem possue bela voz; a nossa compatriota Manuela Pinto Basto, temperamento de primeira ordem, em S. Carlos terá ensejo de se fazer apreciar em todo o seu valor. Fanny Anitua, meio soprano contralto de soberba voz que em Lisboa já se fez aplaudir e finalmente Madelaine Bugg da opera de Paris que inaugurará com o Fausto, ao lado de Borgioli e Cirino, a epoca lirica.

O sexo forte é representado por valiosos elementos como Borgioli, bem querido do publico de Lisboa, Montessanto que igualmente goza de enormes simpatias, o magnifico baixo Cirino que colherá entusiasticos aplausos e muitos outros que seria longo hoje enumerar.

Reportorio para todos os gostos, desde as tão adoradas Gioconda e Norma que ha anos se não houvem em S. Carlos, ás estreias da Opera do maestro Ruy Coelho o «Auto do Berço» que está despertando grande interesse, ao colossal «Parsifal» que será um espectaculo imponente scenicamente, e pelos elementos artisticos que são chamados a interpretá-lo.

Felicitamos o distinto compositor Freitas Branco, que na proxima 4.ª feira em S. Carlos, elucidará o publico numa conferencia sobre a obra do imortal triumfador de Bayreuth.

Maria Judice

## ARTE

### 2.ª exposição de pintura, desenho e pastel de Pedro Cruz, no Salão da Sociedade de Propaganda de Portugal : : : : : : :

Sae-se de lá com a cabeça em agua e sem grande prazer na visita. Uma aglomeração enorme de pequenos, grandes quadros, em 8 metros quadrados, muitas molduras, muitos frutos, paisagens, rios, creanças, costas de paizes e costas de gente, Cristos e melancias, o menino Hermano e uma Couve, e tudo mais que se pode imaginar.

A crueza de alguns tons, a banalidade dos assuntos, a imperfeição de tecnica que é flagrante nas pequenas telas a oleo, «Poente», (19) com um sol muito vermelhinho, a agua espadanando como se granadas caissem na «Boca do Inferno» (10), um «Ceu de trovoada» (55) que pode ser uma omelete, as linhas rigidas, quasi sem perpectiva e um bomboio muito prosaico na «Parede» (63), as quedas de agua a pastel da «Ponte Velha» (75) e mais algumas paisagens do mesmo jaez. E' claro que tem trabalhos mais completos, como por exemplo a primeira pose» (7) de boa carnação, bom desenho, em tudo superior á «Malicia» (6) sua parente mas que é defeituosa nos braços, no torso da figura, com o pescoço desaparecido, bastante microcefala; O «Cristo» (1) vale muito mais que as telas grandes, «Meditando» (9) uma pose forçada dum vestido de canda, ou essa detestavel taboleta anunciadora de tinas e esquentadores que se insitula «O banho» (12) «Mondando arroz». (Estarreja) (56) é das paisagens talvez a que tem mais ambiente, mais côr local com cambiantes e luz propicia. Mas para ser justo, onde se deve elogiar sem reservas o expositor, discipulo de Conceição e Silva, «Jean Paul Laurens», Baschet e Royer, e 1.º premio de desenho em Paris em 1919, é nos seus «desenhos e pasteis», perfeitos, correctissimos, estudos, carvões, esboços que atestam a justiça do 1.º premio obtido em Paris.

E' pois sob este aspecto um professor recomendavel.

A exposição está aberta tambem durante a noite, duas vezes por semana. Afinal sempre é pintura que o artista autor não se importa de expor á luz falsissima da electricidade.

### Exposição de pintura, de Frederico Aires, no Salão Bobone : : : : : : : : : : :

A exposição de Frederico Aires é pequena e limitada: Uma «tela» grande cheia de banalidade. «A' tarde» (1) egual a tantos outros que este artista e todos os artistas pintam, sobre um motivo que é tambem sempre egual; o recorte cinzento duns montes ao fundo, a lonjura amarelecida dos campos, o primeiro plano com algumas pedras e os pequenos arbustos e folhagens batidas pela aragem.

A exposição é toda assim de trechos da nossa terra, repetidos nos modelos, uma rua ingreme, a entrada duma vilória, um casal; para que não confessar que se sae da exposição sem grandes emoções?

E' certo que por toda a parte se reconhece a honestidade e o valor do artista, mas a exposição é fraca, devido á doença que deitando abaixo o pintor quando ia começar os seus trabalhos, só o deixou fazer estas duas duzias de telas dos sopés da Serra da Estrela. Já na parede da direita, 4 ou 5 telas que são quasi eguaes, repetidas, diferindo apenas da luz da manhã ou da tarde, o que já de si demonstra o pulso do artista; mas o tema é o mesmo: «A minha rua» (4) ou «Uma rua» (14) ou as outras telas que se seguem repetem-se na retina e tiram umas ás outras os efeitos que teriam entre telas mais diversas. No «Em frente á Serra» (11) tem um trabalho bom, a «Casa do Gonçalo» (10) pareceu-nos com má luz, agradando-nos de preferencia a «Rua das Quatro Quinas» (18), a mancha do Minho «Dia triste» (27), o caminho acinzentado na Serra (3).

Ha ainda pequenos palmos de tela, com pochades, costas, uma mancha sobre Campolide, e que no todo se nada acrescentam ao nome que Frederico Aires já muito justamente tem, tambem não desmerecem da paternidade.

E' um artista novo trabalhando, seguro, equilibrado, perfeito, que viu desfalcada a sua bela exposição d'este ano por uma doença que o impediu de fazer as melhores telas.

### A exposição de aguarela e desenho, de Alberto de Sousa, no Museu Arqueologico do Carmo : : : : : : : : : : : : : :

Alberto Souza triunfa dos seus proprios triunfos. Ainda não nos haviamos esquecido das suas paginas deliciosas da nossa paisagem, arrancados á natureza e á arte pelo seu pincel cheio de «nuances» e riqueza de côres, já outra exposição, com a mesma amplitude e melhores quadros ainda nos dá, sem espalhafatos, sem reclames, sem molduras de palmo, pelo contrario simples nas suas «baguettes» despalidas.

※

Um triunfo.

Em geral, hoje, pinta-se facil como se escreve dificil; Alberto Souza pinta facil, compreensivel, reproduz a vida, a paz dos campos e na claridade dos seus cartões, na transparencia das suas aguarelas denota-se, apreende-se que tudo aquilo é feito com facilidade, verdadeira inspiração de artista.

E' um trabalhador e isso nos surpreende, tanto mais que não abusa na quantidade em desprimôr da qualidade. 57 trabalhos, onde apenas dois ou tres são interiores, denotando a préssa de acabar, alegram a vista, deleitam todos que passam em contemplação carinhosa pela sua frente. Alberto Souza, dá-nos este ano, ceus nublados, trovoadas, sombrios dias sobre Buarcos e sobre Coimbra; dá-nos a claridade fresca das praias, do ar maritimo, os costumes de gente pescadôra. Dá-nos tambem o luar sobre Coimbra, o sol do Alemtejo sobre Evora, a sinfonia em luz, em branco de Evoramonte.

Lanchas e moinhos, pateos e quintas, casas historicas e documentos arquitetonicos; a «Sé Velha» de Coimbra, tão dificil de figurar em fotografias e telas, de pé, um documento admiravel, o «Claustro do Silencio» (Santa Cruz), o «Tumulo de D. Sancho I»... Mas seria necessario reproduzir o catalogo, e isso enfadaria mais os leitores que uma visita ao Carmo.

Os desenhos são explendidos, duma correcção e certeza de traços caracteristicos; em resumo, um grande abraço ao expositor, que é dos mais ilustres, mais patriotas da geração contemporanea.

Armando Ferreira.

## PELO TELEGRAFO

RIO DE JANEIRO, 12.—Henrique Miray, foi nomeado vice-consul do Brazil em Strasburgo.—(Americana).

RIO DE JANEIRO, 12.—Raul Gaia, adido ao consulado do Brazil em Lisboa, foi conservado nesse logar. Joaquim Pinto Moreira, adido ao consulado no Havre, foi transferido para Leverpool.—(Americana).

RIO DE JANEIRO, 12.—Barbosa Carneiro foi nomeado conselheiro tecnico comercial á delegação do Brazil á Liga das Nações.—(Americana).

RIO DE JANEIRO, 12.—Os jornaes publicam os telegramas trocados entre a delegação brazileira á Liga das Nações e o ministro dos negocios estrangeiros Azevedo Marques, relativamente á arbitragem da questão turco-armenia.—(Americana).

SANTIAGO, 12.—Foi assinado o contrato provisorio da admissão das casas alemãs na Associação Nitreira —(Americana).

SANTIAGO, 12.—A imprensa diz que o primeiro gabinete do presidente eleito Allessandri será assim constituido: interior, Pedro Agnirre; estrangeiros, Juan Tocornal; finanças, Carlos Vildola; justiça, Anibal Letelier; guerra, Carlos Ruiz; industria, Guilherme Balodos.—(Americana).

## VIDA PARTIDARIA

Partido liberal.— Reunem amanhã, ás 21 horas, os membros efectivos e substitutos da comissão politica de Santa Catarina. A reunião efectua-se no Centro Liberal, largo do Calhariz, 17.



MOMENTO GRAVE

## Banco de Portugal

### Não reuniu hoje a assembleia geral para tratar do aumento de circulação fiduciaria

Estava marcada para hoje uma reunião da assembleia geral do Banco de Portugal com o fim de tratar do aumento da circulação fiduciaria permitido pela lei votada ultimamente

Não reuniu por falta de numero e o que é mais grave ainda é que já se sabia antecipadamente que não haveria numero...

No entanto o que ali se devia tratar era de extrema gravidade, nada mais, nada menos, que a salvação do comercio e da industria nacionaes pelo alento que lhes dariam os capitaes provenientes do aumento de circulação fiduciaria.

Não o entendeu, porém, assim o Banco de Portugal, ou alguem por ele, não se sabe com que fins.

Pois seria de desejar que neste gravissimo momento o patriotismo fosse colocado acima de tudo e que o Banco de Portugal se compenetrasse conscienciosamente dos seus deveres de primeiro estabelecimento de credito do paiz, e priveligiado pelas suas relações intimas com o Estado.

## Ordem publica

Foi preso e entregue á policia de segurança do Estado José da Costa Pires, morador na praça de S. Paulo, 12, 4.º, e empregado nos correios, por na praça de D. Pedro, quando hontem passava a manifestação de apoio ao governo, proferir palavras de protesto contra os atuaes membros do governo e declarar que tinha em casa um caixote com bombas, que mais tarde ou mais cedo haviam de produzir efeito.

Tambem foi detido e entregue á mesma policia Augusto Antunes Gabriel, trabalhador, morador na rua da Beneficencia, 12, por insultar uma força da guarda republicana, quando esta passava á porta da sua residencia.



## O roubo no convento de Lorvão

### Um palio vendido para Hespanha

Ha dias, o director da policia de investigação, sr. dr. Reis Junior, recebeu um telegrama do comissario de policia de Coimbra, pedindo a apreensão d'um rico palio que fazia parte dos objectos roubados no convento de Lorvão e que se sabia ter vindo para Lisboa.

A investigação do caso foi entregue ao chefe Alfredo Maria e encarregado das deligencias o guarda Figueiredo, da 3.ª secção, que descobriu que o palio tinha sido vendido ao armador da rua da Madalena sr. Antonio Quirino. Indo ali o agente para apreender o palio, não o encontrou declarando o sr. Quirino tê-lo vendido por 960 escudos a uns hespanhoes.

As suas declarações foram reduzidas a auto.

# VIDA SPORTIVA

## PESOS E ALTERES

**Fala-se na realisação de um torneio para amadores e profissionaes**

Com a vinda para Lisboa do atleta Borges de Castro, o sport do pesos e alteres, que até aqui tem estado, por assim dizer, estacionario, vae ressurgir.

Este sport sempre teve cultores entusiastas, embora ultimamente em numero bastante reduzido, e também porque alguns dos atletas passaram á vida profissional de outras especialidades, mas as deficiencias dos actuaes regulamentos e mesmo a classificação de amador e profissional é ainda hoje no nosso meio sportivo tão vaga que nos levou ao insucesso dos ultimos campeonatos, em que apenas se inscreveram tres concorrentes e onde todos fizeram o menos que puderam, os minimos.

Não, não pode ser. O sport do pesos e alteres deve novamente levantar-se; ressurgir com tanto ou mais entusiasmo do que nos tempos em que Silveira, Padinha, José Diegues, José Dias, H. Caldas, Antonio Pereira, Borges de Castro, Pinto d'Almeida, Teotonio de Aguiar, Henriques d'Oliveira e outros se dedicavam a este exercicio com grande fervor, tendo-se conseguido «recordas» do mundo e alguns nacionaes de grande valor.

O actual regulamento do pesos e alteres do G. C. P. não permite a inclusão dos nossos profissionaes, que, diga-se de passagem, não merecem o abandono a que os nossos clubs os teem votado; são homens com valor e que devem merecer a mesma consideração que os amadores. Torna-se, portanto, necessario que se realise um torneio nacional de pesos e alteres para amadores e profissionaes para vermos este sport progredir, os nossos records elevarem-se e prestar-se aos actuaes profissionaes a homenagem de que são dignos.

O nosso colega do «Diario de Noticias», que está ultimamente tratando de todos os assuntos de sport com o maior desenvolvimento, refere-se hoje ao assunto, pondo a questão como ela deve ser posta.

Recortamos a parte que julgamos do maior interesse para o leitor poder avaliar a utilidade da realisação do torneio a que acima nos referimos.

«Na organização do campeonato—diz o nosso colega—«alguem pensa já com tanto entusiasmo que a sua realisação é um assunto resolvido. Do encargo se desempenhará um periodico desportivo que á boa propaganda da cultura fisica tem prestado já serviços de valor.

E' natural que este assunto venha despertar melindres e sensibilidades, é possivel que a estafada questão dos profissionais e amadores surja novamente, em todos os seus mesquinhos e irritantes aspectos. Se assim acontecer, que interessantes considerações e que curiosas revelações não virão a publico, definindo pessoas e pondo a questão no seu verdadeiro, justo e racional pé!»

Estamos absolutamente de acordo. Resta agora a opinião dos nossos atletas amadores e profissionaes.

Que fale quem deva...

A. de C.



## Banco de Portugal

**Assembléa Geral Extraordinaria**

Não tendo podido realisar-se a Assembléa Geral Extraordinaria, que fora anunciada para hoje, por falta de numero, é novamente convocada a mesma Assembléa, na conformidade do art.º 90.º dos Estatutos, para o dia 29 do corrente mez, pelas 14 horas (2 horas da tarde) no edificio do Banco para o fim da anterior convocação.

Lisboa, Secretaria da Assembléa Geral do Banco de Portugal em 13 de Dezembro de 1920.

O Secretario

*Fernando Emnes Ulrich*



# Desperdicio! Esbanjamento!

**Hontem desperdiçou-se eloquencia.—Os srs. Cunha Leal e Alvaro de Castro de acordo—Quem são os inimigos?—Os ricos ou os operarios?**

Hontem houve grande dispendio de eloquencia. Ou não estivessemos em Portugal. Falou o sr. Cunha Leal no Terreiro do Paço, falou o sr. Alvaro de Castro em Belem e falaram os operarios no Bairro America.

O sr. Cunha Leal, embalado numa ilusão de popularidade que lhe dava a reunião dumas centenas de pessoas debaixo das janelas do ministerio do interior, soltou as molas ao seu impetuoso temperamento e deixou cair lá de cima trases que não vae decorrendo, o ultimo maximo da loucura que atingiu o poder. Extratamos de um jornal da manhã:

«Referindo-se á oposição que se esboça ás propostas de finanças, declarou que os argentarios que á custa da guerra enriqueceram, pagarão o que lhes fôr exigido pelas circunstancias, ainda que para tal seja mister empregar meios violentos. Ao proferir esta afirmação, foi feita ao ministro uma manifestação, ouvindo-se prolongadas palmas e muitos vivas, após o que os manifestantes debandaram na melhor ordem.

Quem falou e disse isso que ahi fica, foi o sr. Cunha Leal, ministro das finanças, e, ao que parece, não foram até lá aquelas centenas de pessoas, senão para lhe ouvirem a afirmação de que empregaria até meios violentos para obrigar os ricos a pagar ao tesouro aquilo que a ele, ministro das finanças, lhe apeteça exigir, pois logo a seguir houve vivas e palmas e retiraram os manifestantes muito satisfeitos.

Em Belem afinou o sr. Alvaro de Castro pelo mesmo diapasão. O mesmo jornal da manhã, referindo-se-lhe, conta assim o que ali se passou:

«Expoz depois a aflitiva situação financeira do paiz, afirmando que, ao ser chamado para formar gabinete, tinha os meios necessarios para resolver a crise que nos assoberba, esperançado como estava em que o parlamento, conhecedor das medidas que projectava pôr em execução, lhe desse o apoio necessario.

A cabala politica não o consentiu, porém; mas com prazer vê que, no actual governo, as principais pastas são ocupadas pelos mesmos ministros do governo transato. Aludindo ás propostas de finanças, atribue o alarme provocado por ellas aos argentarios que, cariquecidos desmedidamente, não querem pagar ao Estado o que ao Estado devem. Poderão ter algumas arestas vivas, exclama o orador, mas no seu conjunto, são exequiveis e a licaveis ao nosso meio social, lá estando, de resto, o parlamento para limar essas arestas.»

Ora não admira, na verdade, que o sr. Alvaro de Castro sinta prazer por ver algumas das pastas confiadas agora a alguns dos ministros que constituiram o seu ministerio. Não admira, porque, no fundo, o ministerio é o mesmo. Caiu o ministerio Alvaro de Castro, surgiu o ministerio Liberato Pinto, mas o que ficou de pé foi o ministerio Cunha Leal.

No que diz respeito ás propostas de finanças cantou o sr. Alvaro de Castro a estafada aria do que os ricos não querem pagar, o que não é verdadeiro.

Ninguem se recusa a pagar. Antes pelo contrario reconhece toda a gente que é necessario acudir ao Estado, mas o que ninguem quer, e isso com toda a razão, justiça e direito, é deixar-se espoliar para que se mantenham no poder entronisados a prodigalidade, o desperdicio e esbanjamento dos dinheiros publicos.

E não são só os ricos que não querem pagar. Ouçam os nossos leitores o que se passou no comicio operario da Bairro America. Um dos oradores referiu um jornal da manhã, atacou as propostas de fazenda, na parte referente ao imposto sobre os salarios, e sobre os senhorios, que, segundo ele, terão depois o direito de aumentar as rendas.

Disse um dia o sr. Cunha Leal no parlamento que era necessario apressar depressa as propostas de finanças para não dar tempo ao inimigo a armar-se. Quem é o inimigo—os ricos ou os operarios?

Este bordão dos ricos a que tanto se agarram os srs. Cunha Leal e Alvaro de Castro para explicar a oposição á monstruosidade juridica e financeira que as propos de finanças representam, não tem consistencia alguma. Se o Estado espera dahi a sua salvação, mal lhe vai, pois que as pessoas muito ricas não vão em Portugal alem de algumas dezenas.

O que abunda no nosso paiz são as fortunas medias e essas seo barbaramente atingidas pelas propostas de fazenda a que representarão para os seus possuidores, se as propostas chegassem a ser aprovadas, uma vida atribulada no futuro com que o paiz nada lucraria, antes bem pelo contrario



## Asilo Antonio Feliciano de Castilho

**«Matinée» literaria musical**

No dia 18, pelas 14 horas, realisa-se no Asilo Escola Antonio Feliciano de Castilho, rua Correia Teles, uma «matinée» literaria musical, promovida pela sr.ª D. Palmira Rangel Baptista Mendes, com o concurso das sr.ª D. Zulmira Franco Teixeira, D. Maria Amelia Cid Pereira Coutinho, D. Luisa Maria Ferreira Cardoso, D. Elisa Reis, D. Fernanda de Castro Quadros e D. Maria de Lourdes Rangel Baptista Mendes e dos srs. Francisco Santos Tavares e Thomaz de Gonta Colaço.

Haverá um sorteio de brindes que gentilmente foram oferecidos e cujo produto reverterá em favor da benemerita instituição.



# ULTIMA HORA

## POLITICA

**Impera o campanario que sós falso nos conselhos ministeriais**

Entruviscam-se os ares na politica. A governação marcha com atrictos, que é dificil vencer.

Julgará talvez o leitor que o governo emperraria as propostas de finanças?

Puro engano!... Por ora, não.

As desinteligencias, por mais extraordinario que isso pareça nesta ocasião da crise nacional, são determinadas pela nomeação das autoridades administrativas. Repicam com força os sinos dos campanarios na politica.

Os populares e os suplementistas impõe-se para que lhes sejam dados tantos governadores civis como aos outros dois grupos que participam do poder, alegando—curioso, vão ver!—que constituindo germens de partidos a organisar precisam de ter governadores civis seus!

Os reconstituintes e os democraticos entendem por sua vez que devem ter maior numero de governadores civis por serem partidos de muito maior força. Já se inventou, como se vê, o partidometro.

A questão promete eternisar-se e sobre ela se bordam boatos de proxima crise ministerial.

Será assim?

Diz-se que talvez os suplementistas e populares abandonem o governo mas então o sr. Liberato Pinto sairá tambem, voltando ao seu antigo logar de chefe do Estado Maior da G. N. R.

**Desinteligencias e boatos de crise**

Mas, embora tais boatos não passem de atoardas, como se pretende fazer crer, hoje dizia-se na Sala dos Passos Perdidos da Camara dos Deputados que o governo não se aguentaria no poder por motivo da gravidade da questão financeira.

O sr. Cunha Leal que se mostra optimista, afirmou em pleno parlamento que tudo se conseguirá desde que a Camara trabalhe com ele.

São precisos sacrificios para se remodelar a nossa vida economica e espera ter ouro desde que a Camara o ajude. Senão abandonará o seu logar consciо de que cumpriu o seu dever, mas que o não deixaram trabalhar.

O sr. Cunha Leal mostra-se desgostoso com umas declarações feitas publicamente pelo sr. Alvaro de Castro, do que era preciso limar algumas arestas ás propostas de finanças, pois não suporta que toquem nas referidas propostas e não ser no que respeita a algumas modificações que ele proprio entende dever introduzir-lhes.

As declarações do sr. Alvaro de Castro, contribuiram para os boatos da crise que acima referimos.

A dar-se a necessidade duma crise ministerial, ela seria total, porque o sr. Liberato Pinto, julga dever solidarisar-se com os seus ministros.

O sr. Cunha Leal, vae responder na conferencia publica aos ataques, que teem sido feitos ás suas propostas.

Essa conferencia realisa-se depois de amanhã na sociedade de Geografia e o ministro aceita a controversia.

# PARLAMENTO

## Na Camara dos Deputados

No antes da ordem, o sr. Augusto Dias da Silva, concorda com a punição dos autores de sabotagem criminosa, acha que nesta classificação não podem entrar episodios como, por exemplo, a apreensão, por parte dos grevistas, de algumas peças das maquinas, acção que nada tem de punivel por significar apenas um recurso para se vencer na luta.

Diz que no conselho de administração dos caminhos de ferro do Sul e Sueste está um monarquico e reacionario que, para desintegrar o operariado da Republica, ilude os pontos de vista do governo.

O sr. ministro do comercio dá explicações, declarando que nenhuma que merecesse punição se tem levado a efeito, nem se levará, tanto mais que no caso preside a maior benevolencia, devendo ainda dizer que o sr. Dias da Silva pode ter confiança nele, ministro, a quem cabe a responsabilidade do que se fizer em materia de caminhos de ferro do Estado.

O sr. Augusto Dias da Silva responde e reclama contra o facto da Associação dos Ferro-viarios no Barreiro estar transformada em quartel da guarda republicana, sendo certo que a renda é paga pelos referidos operarios.

O sr. Velhinho Correia não se regosija, afirma, com a derrota dos grevistas, mas acha que ela deverá servir de ensinamento ao proletariado para que ele se não lance em movimentos imprudentes e sem terem esgotado todos os meios legaes para o consequimento dos seus interesses.

O sr. ministro do comercio, em certa altura do discurso do sr. Velhinho Correia, recorda que a Republica aumentou consideravelmente as despezas com os ferro-viarios do Estado, melhorando-lhes os ordenados á medida que a vida tem encarecido.

O orador ficou com a palavra reservada.

O sr. Fernandes Costa trata em negocio urgente, da depressão cambial, assunto que considera de essencial importancia sob o ponto de vista dos interesses do Estado e dos particulares, como da economia nacional. O orador alarga-se em extensas considerações.

O sr. ministro das finanças diz termos chegado a uma hora de franqueza.

A nossa balança de contas desce com «deficits», que só podem ser conjurados com economia de capitaes.

Quanto a importações, algumas são indispensaveis, como sejam as de carvão, trigo e materias primas.

Diz que os ministros da afinidade que teem lutado com as maiores dificuldades. Regista mesmo que as suas medidas financeiras responderam algumas forças com uma franca oposição.

Entende que o parlamento não pode recursar-se a trabalhar com o ministro das finanças.

Enquanto faltar ouro em Portugal os cambios não podem melhorar. A Camara tem o dever de não entrar no ano de 1921 sem novos impostos direitos.

O sr. Tamagnini Barbosa afirma que a questão cambial se ressente da forma como se fazem importações e exportações, sendo certo que muitas pessoas retiram todos os capitais que podem para os bancos estrangeiros.

O sr. ministro das finanças, declarando que não faz politica com a sua atitude, acrescenta que mais convem caminhar depressa, do que ir de vagar.

## A reunião na Associação Central de Agricultura

**A aprovação das propostas de fazenda levar-nos-hia á ruina, á bancarrota, diz o sr. dr. Pinto Gouveia**

Com numerosa concorrencia e sob a presidencia do sr. José Oliveira Soares, realisou-se hoje na Associação Central de Agricultura uma sessão tendo por fim o estudo das propostas de fazenda.

Aberta a inscrição ás 14,30 e exposto pelo presidente o fim da sessão, foi lido o expediente, entre o qual se encontravam muitos telegramas de varios pontos do paiz, em que não só se dava apoio ás deliberações tomadas e se protestava contra as propostas, como ainda se indicavam delegados que ali representavam os sindicatos; podendo dizer-se que eram todos os do paiz.

Lido o expediente, foi pelo presidente convidado um membro da direcção, como convocadora da reunião, a usar da palavra.

O sr. dr. Mexia refere-se ás propostas que não podiam, diz, por serem inviaveis. Crê que todos estão dispostos a fazer sacrificio, mas é necessario que os governos, antes de exigirem esses sacrificios, comprimam as despezas, para terem autoridade para os exigir.

O sr. dr. Tiago Sales começa por dizer que é de absoluta necessidade que se manifestem os organismos agricolas. Refere-se á gréve ferro-viaria, que tão grandes prejuizos trouxe ao paiz.

Entendem que todos devem fazer um sacrificio em bem do paiz, mas é preciso que se façam economias, reduzindo despezas inuteis, que são verdadeiros desperdicios, diz que é preciso que regressem ás oficinas e ao balcão individuos que estão prestando serviços nas repartições publicas, bem como aos ateliers muitas criaturas que estão tambem empregadas como dactilografas, referindo se ainda a outros serviços, em que o dinheiro do Estado é desperdiçado.

Todos sabem que muita gente trabalha até ao ultimo dia da sua vida, com o unico fim de deixar aos seus alguma coisa e, agora, esse fito desaparece.

Pedem sacrificios a todos, mas devem saber administrar, para não lhes faltar autoridade para os pedirem.

O sr. dr. Fogaça, que se segue no uso da palavra, refere-se ás propostas que veem arrancar a todos os lavradores do paiz dinheiro unicamente para sustentar quem nada faz: Diminuam primeiro as despezas.

O sr. dr. Pinto Gouveia diz que as despezas devem ser reduzidas ao minimo, devendo por-se sempre de parte qualquer idéa politica. O que é preciso é crear autoridade moral para se exigir o pagamento dos impostos.

Não é de chefe que se passa de um sistema a outro, e a historia é fertil em alterações na vida dos povos e por issa mesmo não se deve brincar aos impostos.

E' preciso que os impostos sejam agravados?

E' mas é necessario que isso se faça com lealdade. Analisa na generosidade as propostas de finanças sob todos os seus aspectos, começando pelo juridico, que acusa de anarquia pois a ignorancia dos principios juridicos é evidente.

Sob o aspecto financeiro, afirma que as propostas são inexequiveis, são insuficientes, dão cabo do paiz, arruinam a todos e, assim, vemos passar á bancarrota.

Sob o aspecto economico, que desgraça, pois são o caos e um verdadeiro atentado á propriedade.

A' hora a que fechamos este extrato, o orador continua no uso da palavra.

## Corveta «Presidente Sarmiento»

Realisaram-se hoje os cumprimentos oficiais de parte do comando da corveta argentina «Presidente Sarmiento».

O seu comandante declarou ao sr. ministro da marinha que não vinha a Lisboa só como porto de escala, mas encarregado de cumprimentar o governo portuguez em nome da Republica Argentina.

## Barbosa, Machados, & Companhia, Limitada

Em observancia da disposição legal se torna publico que por escritura celebrada em 30 de novembro findo pelo notario Eugenio de Carvalho e Silva, de Lisboa, foi dissolvida a sociedade que, sob esta firma Barbosa, Machados & Companhia, Limitada, existia nesta cidade de Lisboa, entrando imediatamente em liquidação e sendo nomeado liquidatario o socio Augusto Zeferino de Azevedo Machado Santos, que deverá dar a mesma liquidação por concluida dentro do prazo de um mez a contar da data da referida escritura, devendo todos os lucros, ou prejuizos que vierem a verificar-se, ser repartidos pelos ex-socios em partes eguaes.

Lisboa, 2 de Dezembro de 1920.

O notario,

*Eugenio de Carvalho e Silva.*

# NOTICIAS DA CAPITAL

**A cronica do roubo**—Foram presos: José Maria Ribeiro, rua General Taborda, 10, José da Cruz, calçada do Carmo, 30, 2.º, João Mendes, caminho do Forno do Tijolo, e Francisco Augusto Rodrigues, do Cabo Ruivo, pela rusga da esquadra do Governo Civil, por se entregarem á vadiagem e serem conhecidos pela policia como não tendo modo de vida; Joaquim Pereira, rua D. João de Castro, 52, e Antonio Melo de Carvalho, travessa do Machado, 4, que por meio de arrombamento entraram na oficina de Ignacio Ramalho na rua de D. João de Castro, onde roubaram ferramentas e metaes no valor de 300 escudos.

—Queixaram-se á policia Antonio dos Santos Martins, rua dos Douradores, 32, 1.º, de que lhe furtaram uma capa de borracha no valor de 100 escudos; Antonio Castanheira, de que tambem lhe subtrairam roupas e outros objectos no valor de 400 escudos, e José Cipriano dos Santos, ambos da mesma residencia, de que lhe furtaram roupas e outros objectos no valor de 500 escudos.

Os queixosos suspeitam que os furtos foram praticados pelos inquilinos do 3.º andar do mesmo predio.

Amadeu da Silva 1.º cabo da guarda republicana, do posto d'Almada, queixou-se de que um individuo de nome Artur, que ali fazia a limpeza, se ausentara, levando-lhe dinheiro e roupas do fardamento no valor de 460 escudos; a Valeriano de Matos, rua dos Poiaes de S. Bento, 12 furtaram do seu estabelecimento duas peças de fazenda no valor de 400 escudos, e a José Carlos Miguel, rua do Campolide, 138, 1.º, subtrairam uma capa de borracha no valor de 150 escudos.

**O preto roubado.**—O caso a que alguns jornaes da manhã de hoje se referem, de terem sido roubados ao preto Afonso Correia a carteira com um cheque do Banco de França no importancia de 3.000 escudos, 60 escudos em dinheiro portuguez e um cheque do 50 escudos do Banco Nacional Ultramarino, passou-se na cerca de trez semanas n'uma casa de hospedes na travessa do Marquez de Sampaio, caso que os jornaes noticiaram.

As investigações foram entregues ao agente Botelho, da 4.ª secção, mas, apesar das diligencias empregadas, não houve ainda meio de descobrir o autor ou autores do roubo.

O roubado ficou completamente desprevenido de dinheiro e todos os dias vae ao governo civil, onde o oficial de serviço lhe fornece uma senha para comer n'uma taberna e á noite ir dormir a uma hospedaria, despesas que são pagas pelo cofre da policia.

O desgraçado, para mal dos seus pecados, anda gravemente doente, com uma molestia contagiosa.

## MUSICA

**Grandioso Festival de Beethoven**

Comemorando o 150.º aniversario do nascimento de Beethoven, a «Orquestra Sinfonica Portugueza», dirigida pelo maestro Pedro Blanch, realisa no proximo domingo, 19, um grande concerto extraordinario, em que, entre outras obras do grande mestre, serão executados o celebre «Septimino», completo com todos os andamentos, a famosa 5.ª «Sinfonia» e «Allegretto Scherzando» da 8.ª Sinfonia» e a «ouverture» da «Leonora», grandes exitos da Orquestra Blanch. Os assinantes teem preferencia aos seus logares pelo mesmo preço da assinatura até amanhã, terça-feira, á noite.

## Associação dos Bombeiros Voluntarios de Lisboa

**Mesa da Assembléa Geral**

**AVISO**

Convoco a reunião da Assembléa Geral extraordinaria para o proximo dia 21, pelas 20 1|2 horas, na sua séde, com a seguinte

**Ordem dos trabalhos**

1.º Apreciação dos oficios de suas excelencias os Srs. Presidente e Vice-Presidente da Assembléa Geral.

2.º Discussão e votação do Relatorio e Contas da Gerencia de 1919.

3.º Eleição dos Corpos Gerentes para o ano de 1921.

Nos termos dos nossos Estatutos, o relatorio e documentos relativos á gerencia de 1919, encontram-se patentes para o exame dos nossos associados.

Caso não se reuna o numero legal de Socios para a Assembléa poder funcionar n'esta 1.ª convocação, fica desde já e por este meio feita a 2.ª convocação, para o dia 29 d'este mesmo mez, pelas 20 1|2 horas, no mesmo local e com a mesma ordem de trabalhos.

Lisboa e séde da Associação dos Bombeiros Voluntarios de Lisboa, 7 de Dezembro, de 1920.

O 1.º Secretario da Meza

a) *Carlos João Madeira*

# Alfandega de Lisboa

## Leilão

Quarta e quinta-feira, 15 e 16, ás 12 horas, no armazem de leilões, serão vendidas mercadorias descarregadas dos vapores ex-alemães, que constam de tapetes orientaes (com defeito), objectos para escritorio, artigos para electricidade, tintas preparadas e em pó, 60 maquinas para costura, gralhas para fornalhas, tijolos refractarios, serras e serrotes, macacos de ferro e outras que serão presentes no acto do leilão.

Alfandega de Lisboa, 6 de dezembro de 1920.

O escrivão.

Alfredo Marcolino de Almeida

# A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA N...

3725 — 11.º ano

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Terça-feira, 14 de Dezembro de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITA...
Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 5 centavos

# O PÃO

Segundo informam os jornaes da manhã, o pão vae ser racionado.

Já ha dias se anunciava que se pensava em fabricar pão sem trigo. Como não abundam no paiz outros cereaes panificaveis, nem sabiamos a que conclusão chegar. Mas, ao que parece, mudou-se de resolução, pelo que o pão continuará a ser de trigo, restringindo-se porém o seu consumo em proporções que por emquanto não podemos apreciar.

Vae, pois, o pão ser racionado. Que quantidade caberá a cada familia, a cada pessoa? O certo é que, não se tendo tratado de adquirir a porção de trigo que suprisse as necessidades do paiz, que não produz o trigo suficiente para os seus habitantes, e sendo realmente fabulosa, agora, com a crescente depressão cambial, a acquisição d'esse trigo no estrangeiro, o meio mais simplista que podia ocorrer á imaginação era o do racionamento.

Simplesmente, o racionamento será a fome.

E' que o pão, o governo não o pode ignorar, constitue a base principal da nossa alimentação, e apesar do seu preço ter gradualmente aumentado, ele é ainda, em confronto com outros preços, aquele a que o povo apenas consegue chegar.

Não ha dinheiro para comprar o peixe, a carne, o bacalhau, os ovos? Compra-se mais um, mais dois pães, e consegue-se garantir a existencia.

E' isto o que explica que se esteja consumindo agora mais pão do que antigamente. O pão é o recurso de toda a gente. O pão é o alimento essencial.

Que consequencias vae ter o racionamento?

As consequencias vão ser dificultar-se ainda mais a vida para as classes menos abastadas, porque não só lhes falta o pão, como os outros generos; diminuindo essa concorrencia, aumentariam ainda mais os seus preços.

Foi tudo isto devidamente ponderado?

Ha em todas as questões um ponto agudo, que é aquele em que se torna necessario não tocar, se se procura evitar uma explosão. Nesta o ponto agudo, o ponto delicado, o ponto principal, é o pão.

Quando se chega a acabar o pão, acabou-se tudo.

Deante duma sociedade ergue-se o espectro da fome. E' a visão antecipada do desastre.

Se é isto a acção com que se procura salvar o paiz, levantar-lhe o nivel moral, assegurar-lhe a existencia e o futuro, devemos confessar que não percebemos nada.

### Feias

*Vejo-as parer. São feias. Mas feias —porquê? Porque lhes falta essa graça ondulante e perturbadora, «esse não sei quê» virginal e perverso que são o maior encanto de todas as mulheres — e a maior fatalidade de todos os maridos. As feias riem como as outras, amam como as outras, choram indiscutivelmente muito melhor do que as outras e, apesar disso, e talvez por isso mesmo, o homem nem sequer para elas olha. Pois as feias são as unicas mulheres que adoram a escuridão—porque esta, se lhes não inventa a beleza, dá-lhes pelo menos a idéa consoladora de que os homens não lhes vêem a cara.*

### Frei Tomaz

*Como represalia contra os ultimos ataques sinn-feiners, as tropas inglezas lançaram fogo á cidade de Cork. Isto dizem os jornaes desta manhã. O facto não necessita de comentarios—porque ha factos, e este é um deles, que, por uma singular coincidencia, são o melhor comentario de si proprios. Os sinn-feiners teem cometido excessos? De acordo. Mas a verdade é que a peor maneira de combater uma violencia—é responder com violencia identica. O gesto de John Bull merece o nosso mais vivo protesto—mas lembra-nos que na Inglaterra tambem existe—Santo Deus! —a instituição de Frei Tomaz...*

### O chapeu de chuva

*Entre nós ha uma tendencia acentuada — para o chapeu de chuva. O exemplo venerando do sr. dr. Teofilo Braga multiplica-se em todas as mãos. Mas o chapeu de chuva é incomodo — como todas as coisas imprescindiveis. E' incomodo—e feissimo. Dá-me a impressão de que andamos debaixo dum grande cogumelo de seda preta. Mas afinal, pensando bem, o chapeu de chuva é inutil. Não sei se já repararam que nós trazemos sempre chapeu de sol quando chove e trazemos sempre chapeu de chuva—quando faz sol.*

**Luis d'Oliveira Guimarães.**



# A crise financeira

## Os nossos estabelecimentos de credito venceram heroicamente as dificuldades de momento : : :

O *Diario de Noticias* publicou hoje uma nota d'uma importancia extraordinaria para a crise que o paiz atravessa. E' a seguinte:

«Ao que nos consta, o sr. ministro das finanças vai apresentar ao parlamento, com urgencia e dispensa do regimento, uma proposta de lei, na qual se estabelece um pesado imposto sobre os capitaes depositados em bancos estrangeiros, com séde em Portugal.

Parece ser intenção do ministro, como medida de protecção aos bancos nacionaes; e atendendo ás dificuldades de momento, eliminar da sua proposta sobre impostos de rendimento, a taxa nela estabelecida sobre os juros dos depositos em bancos nacionaes».

Pelo que se vê o sr. Cunha Leal reflectiu e chegou á conclusão de que necessitava acudir com urgencia á situação afilitiva da praça, causada principalmente pelas suas propostas de fazenda excessivamente radicais e inadaptaveis ás condições do nosso meio social.

Sempre que em materia financeira se pretende avançar depressa de mais, o resultado é sempre este — mal estar, sobresaltos e perturbações inconvenientissimas e até perigosos para a situação geral do paiz.

Foi o que sucedeu em França com as medidas radicaes (radiçaes?... comparadas com as do sr. Cunha Leal quasi pareceriam conservadoras) que Caillaux apresentou e que determinaram nos meios financeiros francezes um verdadeiro panico, não faltando quem transferisse apressadamente os seus capitaes para a Suissa. Felizmente veiu, a breve trecho, o bom senso e tudo voltou á normalidade. Passava-se isto antes da guerra o que quer dizer, em condições de normalidade na vida do povo francez.

Não é, pois, de admirar que, num meio como o nosso, sacudido pelas violentas comoções das consequencias da guerra, as propostas ferozmente radicaes do sr. Cunha Leal tenham determinado um real sobresalto, e se não fossem as tradições fundamente arreigadas de solidez e respeitabilidade das nossas casas bancarias, nem nós poderemos imaginar o que teria sucedido.

Devemos, em todo o caso, confessar que o povo portuguez não mostrou nesta emergencia aquelas altas qualidades de confiança, serenidade e patriotismo que demonstrou em outras crises da nossa longa historia.

Houve rasgos individuais verdadeiramente dignos de registo e de figurar entre os nobres feitos da raça portugueza. Quando um dia se puderem contar, ver-se-ha que, louvado Deus, ainda ha entre os portuguezes quem, nas crises afilitivas, manifeste uma nobreza de caracter e um desinteresse comovedores. Mas a grande massa deixou-se sugestionar pelas impressões de momento.

O resultado foi que a crise se agravou até ao ponto de causar alguns receios que, felizmente, a firmeza, o sangue frio, e o espirito de sacrificio dos homens que dirigem as casas bancarias conseguiram debelar.

A anunciada medida do sr. ministro das finanças veio a talhe de foice para completar a obra benemerita dos Bancos.

Os depositos das casas bancarias portuguezas não pagarão imposto, enquanto que sobre os capitais depositados em Bancos estrangeiros com séde em Lisboa recairá uma pesada contribuição. Muito bem.

Podem, pois, os capitais portuguezes regressar aos Bancos. Quem os conservar em casa, continuando a furtal-os ao movimento das transacções de toda a especie, não só os reterá improdutivos, agravando, com a sua teimosia, a deficiencia do dinheiro na praça concorrerá para o agravamento da situação financeira e portanto, para a desvalorisação dos seus proprios valores assim guardados.

Ora vejamos: esse que lhes [illegible] aferrolhar um papel que tem esse valor meramente convencional? De nada.

D'ahi só lhes póde resultar prejuizo e se um dia, pela sua teimosa inconsciencia, a situação financeira se agravar de maneira irremediavel, esse papel, assim recolhido, só lhes servirá... para vender a peso.

Se, em vez d'isso, fizerem entrar esse dinheiro na circulação dos Bancos, não só ele lhes renderá um juro razoavel, mas pelas inumeras transações a que se entregam os estabelecimentos de credito, auxiliando a agricultura, a industria e o comercio, afastarão para longe o espectro duma derrocada.

Vamos. A salvação é relativamente muito menos dificil se nos unirmos todos com esse objectivo e procedermos com serenidade, senso e inteligencia.

Por mais de uma vez deu o povo portuguez flagrantes e brilhantissimas provas de energia, patriotismo e fé no seu destino. Escusado é cital-os, pois são por demais conhecidos esses admiraveis episodios.

Pois bem. Hoje, mais que nunca, precisamos dessa energia, serenidade, constancia patriotica e fé no futuro, porque nunca sofreu a nacionalidade portugueza tão rude abalo, como este, derivado da guerra que assolou o mundo e que foi, sem duvida, o acontecimento de mais terriveis consequencias que até hoje se tem dado na vida da humanidade.

Precisamos, pois, de nos mostrarmos á altura das circunstancias e de mais uma vez afirmarmos bem alto, pelo nosso procedimento, que queremos viver independentes.

E o mundo mais uma vez nos prestará a sua homenagem!

## Manifestações de simpatia a uma antiga casa bancaria

Ha tempos que se iniciou um movimento de levantamento dos depositos confiados a uma casa bancaria da praça de Lisboa. E' constituida por uma firma e, apezar de ser representada assim por um pequeno numero de individuos, dava-se a circunstancia de gozar de sólido credito que, felizmente, ainda não foi possivel destruir. O que hoje se passou na Baixa é tipico. Os donos da casa a cuja nunca desmentida honestidade todos prestam justiça, foram alvo de aclamações de todos os que lhes enchiam as repartições, e aqueles que lá tinham ido levantar os seus depositos, acabaram por lh'os tornar a confiar, desfazendo as manobras de meia duzia de interessados que originaram toda esta trapalhada.

Felizmente o bom senso do povo portuguez que sempre acaba por triumfar nas mais criticas ocasiões, venceu a eventualidade que ameaçava os negocios da referida casa bancaria e o credito da praça de Lisboa.

Mas contemos o que se passou hoje na principal arteria da cidade no estabelecimento bancario referido.

Por alarme injustificado desde ha dias que acorriam a levantar os seus depositos dezenas e dezenas de pessoas. A todos a casa bancaria satisfazia pronta e heroicamente os seus compromissos. Hoje, como nos dias anteriores, acorreu ali grande numero de pessoas.

O estabelecimento estava repleto de interessados e de curiosos e os empregados da casa apresentavam-se com um soberbo aspecto de impassibilidade. De subito dentre os espectadores uma voz forte e indignada gritou:

—Canalhas! Esquecem-se que o homem a quem veem arrancar este dinheiro é o que lhes deu a mão para subir, é o mesmo que ha sessenta anos auxilia o comercio de todo o paiz mantendo-se firme no seu posto de heroicidade e patriotismo.

Era um industrial conhecidissimo na nossa praça que, assistindo á scena que se estava desenrolando, não pôde mais sufocar a sua trasbordante indignação.

Então nasce na assistencia um movimento de simpatia e de aplauso.

Rasgam-se cheques já assinados, arremessa-se o dinheiro para cima dos balcões, vêem-se lagrimas em todos os olhos, desponta em fim uma corrente de patriotismo que se manifesta em delirantes aclamações aos donos do estabelecimento.

Como n'este momento aparecesse o velho dono da casa, com cerca de 80 anos de idade e 60 de trabalho, braços entusiasmados levantam-no no ar e levam-no em triunfo.

Quando a noite se aproximava, ainda uma imensa multidão estacionava em frente do estabelecimento bancario que se encerrava tendo em cofre uma quantia avultadissima.

## Governador da Guiné

Ao sr. ministro das colonias foi dirigido o seguinte telegrama:

BISSAU, 10.—Em aditamento aos nossos telegramas, rogamos a v. ex.ª a conservação do capitão Souza Guerra, á testa do governo da provincia, a bem dos superiores interesses da colonia e da nação.—Pela comissão de negociantes e proprietarios de Bissau; Leopoldo Ferreira, vogal representante do comercio e do conselho do governo, Cesar Medina, negociante e vogal municipal, Caetano José Nozoliny, decano dos negociantes.

## Cruzada Nacional Nun'Alvares Pereira

Sob a presidencia do sr. dr. Hermano de Medeiros reuniu ante-hontem a comissão executiva, afim de dar cumprimento ao mandato da assembleia geral do dia 12 de julho, começando por nomear a direcção geral que por eleição ficou definitivamente assim constituida:

Presidente, Anselmo Braancamp Freire; vice-presidentes, Augusto Freire d'Andrade, Anselmo d'Andrade, Vice-almirante, Bernardo da Costa Mesquitela, Constancio d'Oliveira, dr. Eduardo Alfredo de Souza, dr. J. A. da Cunha e Costa, Conego José Duarte Dias d'Andrade, General Manoel d'Oliveira Gomes da Costa, dr. Pedro José da Cunha e dr. Tomaz de Melo Breyner; Vogaes, dr. Antonio Centeno, dr. Antonio Pereira Sarmento Brandão, Afonso de Dornelas, Antonio dos Reis Mesquita de Carvalho, Antonio Luiz Rebelo da Silva, dr. Alexandre Metelo de Napoles e Lemos de Seixas, dr. Eduardo Fernandes d'Oliveira, dr. José Adriano Pequito Rebelo, Henrique Droumond Castle, dr. José Antonio da Costa Junior, Visconde de Santarem e Luzarte de Mendonça; comissão executiva: dr. Hermano José de Medeiros, dr. Antonio Fontes e Monsr. Carlos Alberto Martins do Rego; Director geral d'acção e propaganda: João Afonso de Miranda; tesoureiro geral: dr. Outero Carreiro de Freitas; 1.º secretario: Pedro de Souza Cacuapuz; 2.º secretario: Abel d'Oliveira Jardim;

As restantes vagas da Direcção geral, conselho fiscal e as varias comissões são oportunamente eleitas.

# VIDA SCIENTIFICA

## EDISON

«Meu caro redactor»: — Pede-me uma cronica em que cite factos que encerrem novidade sobre este grande homem! A tarefa é dificilima, e impossivel seria mesmo enumerar todos os factos que se relacionam com aquela singular existencia toda dedicada, não como se julga, só á Fisica, na sua especialidade da electricidade, mas aos mais variados ramos de actividade scientifica, desde a Botanica que profundou para o estudo dos filamentos vegetaes, da sua primeira lampada de incandescencia (em 1880) até á aplicação da electridade, á Biologia como continuação dos estudos de Loeb e Delage sobre Partenogenese (geração artificial de seres num meio saturado de electricidade!).

Se, ultimamente até dele se falou, como adepto do espiritismo e consequentemente estudando aparelhos que permitissem comunicar com o Além... — Edison, é de facto um crente, a quem por tal sinal o éco dos canticos evangelicos no seu côro na egreja, ao domingo, sugeriu a invenção do gramofone.—Como crente, sabe-se que não repudia os ensinamentos espiritas, mas alguem que se diz bem informado afirma que o aparelho de que certas indiscrições trataram, se baseia na ideia de, sem os presentes poderem (segundo se alega), influir telepaticamente nos «mediuns», registar para posterior «contrôle» a presença de Inteligencias Extra-Materiaes, ativas, perto do aparelho, mas longe de qualquer ser vivo!

Mas... como mencionar em detalhe as invenções de Edison...? Se são aos centenares..., antes milhares, os registos de «patentes de invenção» dele e dos estabelecimentos industriaes de que é chefe, todas elas com intervenção pessoal dele, pelo menos para o aperfeiçoamento final! Desde o mais insignificante ferro de engomar a electricidade, ao mais potente guindastre electrico; desde o seu primitivo acumulador, com «briquettes» de oxido de ferro e oxido de niquel em solução potassica, ao acumulador que ele ainda prepara, para emprego exclusivo na aviação e navegação sub marina, pela sua prodigiosa leveza; desde os seus aperfeiçoamentos em viação electrica urbana (sistema sem rails, e 2 troleys permitindo aos carros contornar obstaculos) ás aplicações de electricidade á industria mineira, desde o seu primitivo telefone com Gower e Bell (1876), á modernissima lampada de incandescencia, de que ele forneceu os principios, que série interminavel de invenções!

Constitue, porém, o principio por ele descoberto para as modernas lampadas, uma das maiores descobertas dos ultimos anos, e foi devido a estudos da moderna teoria electrónica da Materia, que tal deixára prever.

Da constatação que á perspicacia de Edison se deveu então, de que o filamento das lampadas de incandescencia gerava uma corrente negativa a qual não era aproveitada, resultou quasi uma revolução industrial na iluminação electrica! Não foi ainda só esse o resultado da descoberta. Baseados n'ela inumeros sabios trabalharam e seria enorme a lista dos ramos de tecnica que com isso aproveitam, devendo enumerar-se porem especialmente como sua consequencia a chamada «valvula de Fleming, (lampada de 2 e 3 elétrodos, filamento e placa). O grande poder iluminante das modernas lampadas é pois todo devido a Edison. Tanto a telegrafia (pelo Solo), e a radio-goniometria, como a Telefonia S. F. durante a guerra utilisaram largamente aplicações baseadas na dita feliz descoberta de Edison.

Quanto ao homem, o que se poderia dizer que se não tenha já escrito em todas as linguas, em milhares de «magazines» revistas de sciencias e periodicos da grande imprensa? Os seus principios industriaes toda a gente conhece... foi como vendedor de brochuras e jornaes nos comboios, que começou! Devido a isso pensou e realisou o plano de imprimir um jornal em viagem, nos comboios de uma grande linha transoceanica, noticiando os factos importantes que o telegrafo ia tornando conhecidos.— A tal ideia, que lhe permitiu a compra de algumas ações de Emprezas ferro-viarias, se deve o principio da sua colossal fortuna actual, que a exploração da industria de aparelhos cinematograficos tem grandemente augmentado. A sua quasi surdez foi devida a um acidente n'esse inicio de carreira e já depois d'isso outro acidente na sua actividade scientifica, segundo se diz, o ia cegando.

A vida de Edison pode dizer-se que tem sido passada no seu gabinete de inventor, atelier e laboratorio. Ahi, alguem que o afirma, viu não ha muito, a par de novas pilhas, estudos de aparelhos de telefonia S. F. para os quaes os montes deixem de ser obstaculos, e estudos de um torpedo aereo e submarino, que de muito longe reduziria qualquer inimigo da America á impotencia...

Das 24 horas talvez ainda hoje não retire ao todo 7 ou 8 para dormir, tomar as frugaes refeições, (ás vezes quando o prende descoberta de grande interesse, 2 maçãs e pão!) etc.

Se até ha quem afirme que, na noute do seu enlace matrimonial as exigencias de uma das suas maiores descobertas o impossibilitaram de ir pronunciar o tradicional «enfin seuls...» antes do sol claro do dia seguinte...

Aqui tendes a largos traços o homem de quem um dos seus mais antigos auxiliares disse que «não pode assistir cinco minutos» «á má execução de qualquer serviço, sem que descubra logo» «forma de o remodelar transformando tudo radicalmente, aparelhos» «utensilios ou pessoas... e remediando por completo em geral os defeitos» «notados!» E eis o que é esta grande Gloria viva da livre America e o brilhante espirito predestinado a dotar os seus semelhantes, com o fruto de descobertas que traduzem as maiores manifestações do Progresso contemporaneo!

S.

# PELO TELEGRAFO

### Abalos sismicos

S. SALVADOR, 13.—Ha noticia de violentos abalos sismicos em Choluteca, na Republica de Honduras, e em Chinandogo e Corinto, na Republica de Nicaragua.

Felizmente não ha a lamentar vitimas.—(*Americana*).

### Oferecimento d'um emprestimo retirado

BUENOS AIRES, 13.—Segundo o jornal «El Diario», a demora do governo em aceitar o emprestimo oferecido pelos banqueiros norte-americanos, estes resolveram retirar as propostas.—(*Americana*).

### Revisão do tratado

GENEBRA, 13. — A delegação do Peru á Liga das Nações retirou o pedido de revisão do tratado de Ancos, reservando-se para o apresentar na proxima assembléa.—(*Americana*).

### Uma saudação ao Brazil

GENOVA, 13. — De regresso da America do Sul, o senador Orlando expressou ao director da *Agencia Americana* o seu vivo entusiasmo pelos paizes que visitou. Admirou a sua assombrosa fecundidade, pedindo-lhe para dizer ao Brazil que a magia das belezas do grande e hospitaleiro paiz lhe deixou fundas impressões, como magnificas impressões lhe produziu a força admiravel do povo brazileiro. Acompanharam-no no seu regresso á patria, queridas e inolvidaveis recordações.

Um estreito laço une os dois paizes.

Deseja enviar uma cordeal saudação ao grande povo brazileira.—(*Americana*).

### Os oficiaes brazileiros em Paris

PARIS, 13.—Chegaram aqui ante-hontem o comandante e os oficiaes do «São Paulo», sendo esperados na gare por Clark, encarregado de negocios do Brazil, consul Andrade Neves, adido militar, representante do ministro da marinha e membros da colonia brazileira.

Hontem foram visitar Verdun, seguindo hoje para Reims.

No regresso a esta capital haverá «soirée» de gala na Opera Comica e á noite banquete no Club Interaliado oferecido por Clark. Na quarta feira seguem para embarcar com destino a Lisboa.—(*Americana*).

### A delegação da Colombia á reunião de Genebra

PARIS, 13.—A legação da Colombia desmente que a delegação colombiana á Liga das Nações em Genebra siga o exemplo da Argentina, continuando a colaborar nos trabalhos segundo a declaração de Urrutia, chefe dessa delegação.—(*Americana*).

### Uma conferencia

BRUXELAS, 13. — Leo Gerard fez na Sociedade dos Engenheiros Belgas uma conferencia sobre o Brazil, os seus recursos, o seu futuro e a sua amizade em relação os interesses belgas.—(*Americana*).

### Agradecimento do comandante do «São Paulo»

BRUXELAS, 13. — Tancredo Gomensoro, comandante do «São Paulo» enviou radiogramas ao rei e ao burgomestre de Antuerpia, agradecendo em seu nome e no da oficialidade o acolhimento que lhe foi feito durante a sua estada na Belgica. — *Americana*).

### As impressões do rei Alberto

BRUXELAS, 13. — O rei, falando com Luiz Silveira, comissario do Estado de S. Paulo, poz em destaque a actividade febril desse estado e disse ter satisfação em apertar a mão do representante desse Estado. Nunca esquecerá a hospitalidade afectuosa dos paulistas, assim como o espirito, a iniciativa e a actividade do Brazil. —(*Americana*).

### A paz com a Alemanha

PARIS, 13. — Os presidentes de Honduras, Nicaragua e Panamá ratificaram o tratado de paz com a Alemanha. O presidente de Cuba ractificou o tratado com a Austria. — (*Americana*)

*CROQUIS DE VIAGEM*

# NA BOA PAZ

### XXX — *Milão de pedra e cal*

Encontrei na via Dante o grego que saiu comigo no comboio. Passou a noite vagueando de «albergho» para «albergho» sem conseguir um alojamento para o seu magro corpo. Todos os hoteis abarrotam de gente, e comtudo na Italia ha presentemente poucos «touristes», raros extrangeiros, apenas os que o negocio obriga a lá irem ou correspondentes de jornaes a apalpar o estado social. Ha nos hoteis grande quantidade de italianos, familias que deixaram a vida insuportavel da casa e vieram viver para os hoteis; quem sair desamparado nestas terras, já sabe que tem de passar a noite ao relento, ou aconchegar-se a guarida menos propria mas não menos agradavel.

Dois dias em qualquer cidade é o bastante para fazer uma idéa menos que superficial da sua vida, da sua educação, da sua moral, ou dos seus costumes. Mas o tempo escasseia e para mim, para fazer idéa do que seria este grande centro de actividade italiana, bastam e bem, os dois dias que reservei para tomar o pulso a Milão.

E' muito possivel que se errem completamente as deduções tiradas após uma tão curta visita, e por isso abstenho-me de fazer conclusões, estabelecer costumes por factos observados, não passando de registar apenas o que vi. De resto a Italia é ainda hibrida, diversa, e a sua homogenia geografica desaparece quando se está em contacto com os diferentes povos das antigas cidades livres, cada qual com seu temperamento, seus caracteres, seus habitos tradicionaes. O veneziano e o napolitano, o milanez e o romano são como ainda subditos das republicas anteriores á unificação, menos dum seculo ainda...

Vá uma pessoa fiar-se em conclusões tiradas duma rapida visita; nada. O melhor é tomar um trem, ou um electrico, porque a cidade é pequena e gira sempre em volta dum polo, a «piazza del Duomo», e vejamos a rua.

A catedral já a conhecemos; é soberba de conjunto embora os que sabem desta suprema e intrincada coisa de arte digam que é um exemplar autentico da falta de unidade arquitectonica: ao que parece esta renda em pé levou a completar quatrocentos anos, pois iniciada em 1386 ainda se estava compondo nos principios do seculo passado. Com tantas gerações a meterem o bedelho na obra, imagine-se como isto pode dar certo. O que vale é o conjunto duma beleza estupenda, dum efeito unico, nas suas flechas de pedra, nos seus rendilhados, nas suas quatro mil estatuas anichadas em volta.

A' entrada a legião dos vendilhões assalta-nos; são postaes e são camafeus, são mosaicos pequenos, filigranas que desdenhoso olhei ao lembrar-me do que a nossa pequena industria regional faz e... o nacional ignora, quanto mais o estrangeiro. O interior é menos impressionante do que as fachadas, principalmente para quem já se sentiu boiar na imensidade de «S. Paulo» de Londres; no entanto não se perde tempo com a visita, porque em qualquer recanto, no menor motivo, a arte italiana se expande com exuberancia.

Trepar até lá cima é um dever de bom gosto; de relance, para ver o trabalho sobre os marmores brancos do tecto e da torre mais alta, mas principalmente para estender a vista até aos Alpes, dominando Milão completamente e apanhando um golpe de vista admiravel sobre as planicies em redor.

Em frente da catedral, o monumento a «Vittorio Emanuel II», muito façanhudo, de espada na mão, montado num cavalo a que dá o vento por estibordo, o que lhe compromete a beleza heroica. De fronte da imensidade da catedral, a estatua desaparece facilmente. A um canto da praça fica o «Pallazo Reale», com capotes cinzento-esverdeados passeando ao portão e pinturas muraes para distracção do espirito dos que o vão visitar. Nanja eu, que vá perder o meu tempo por aqui; tomemos então pela curta «via dei Mercanti» recheada de lojas de primeira ordem, deixemos os varios palacios com recordações mais ou menos historicas que por toda a parte abundam, admiremos esta praça moderna, «piazzia Cordusio», com o poeta «Parini» no meio sobre uma «peanha» banalissima, continuemos pela «via Dante», a arteria chic, e ahi temos ao fim, o nosso velho Garibaldi, muitissimo equestre, entre o teatro Eden e o teatro Olimpia, numa avantajadissima praça que se chama o largo Cairol.

Estamos em frente ao «Castello», a velha cidadela de Milão, cuja historia é mais comprida que o caminho para lá ir dar. E' um quadrado de tijolo, de aspecto confuso entre caserna e prisão, e que hoje é uma das salas do grande museu que a Italia afinal é. No pateo, andam aos pontapés, alguns canhões austriacos, olhando o ceu com as suas bocarras secas e mudas.

Por meio de muitas escadas complicadas, de madeira, ajustadas ás paredes avermelhadas da «Rocchetta» ou da «torre di Bona di Savoia», e por meio duma «lira», para o Estado, grande protector das artes para uso do estrangeiro, visita-se o museu do «Risorgimento», «arte moderna», deixando para quem tiver tempo o «museu arqueologico e artistico» instalado na «Corte ducale»; e scismo em quanto tempo seria necessario estar aqui a olhar todas as belezas amontoadas; a nota, porém, mais curiosa, foi, ter encontrado numa sala perdida no baralhar de salas onde circulei, aguarelas que iria jurar serem de Gameiro. A mesma tecnica, a mesma minucia,... fixei o nome: Ferrario. E, lá estava, no meio dos modernos como Lawrence, Pruddhon, Vernet, e dos velhos Tintoreto, Corrége, Titien, Moreto. O que aqui vae de pintura religiosa! tantos meninos, tantas madonas, tantos santos tão ingenuos nas suas figuras de desenho puro sobre perspectivas primitivas, tantas... O melhor é sair e não perder mais tempo; estamos num parque cuidado, frondoso, cheio duma poesia calma e sensual a que emprestam viço, frescura, a atmosfera e o ceu de Italia. Ao fundo o «Arco della Pace», imitação dos arcos romanos, mas iniciado no tempo de Napoleão, quando este imaginava ser imperador... romano.

Tem um belo aspecto no local onde se prantou deitando para um largo «Corso»; a «Aréna», construção moderna para 30 mil espectadores fica a um recanto do parque e por estes lados nada mais ha para ver; ruas estreitas, cheinhas de estabelecimentos, menos aceio do que nas outras cidades que visitei e... Mas estamos em frente da «Pinacoteça di Breda», o museu de pintura mais afamado do Norte de Italia. Dois garotecos elucidam que a visita é impossivel porque... se está em «vacanoes!» E como o museu «Poldi Pezzoli» está egualmente fechado, mais depressa nos encontramos na «Piazza della Scala», onde admiro, com o respeito que tenho pelo teatro, a veneranda fachada do celebre «Scala» de Milão, mesmo nas costas do mr. «Leonardo de Vinci» que aqui está de sobretudo branco e barbas da mesma respeitosa côr, ladeado dos seus discipulos mais queridos. E vejam o que é o convencionalismo; afinal o que eu admirei foi a camara municipal, instalada no vistoso palacio Marino que pela cara ostentosa julgava ser o Scala. Ahi me deito á procura do grande teatro, vindo encontra-lo, para socego de meu espirito, no lado oposto, muito acocorado e sem grande vista exterior; mas, se o aspecto me desagrada, consola-me um pequeno letreiro sobre uma portinha anexa, onde leio: «Museu teatral». Dou até duas liras para penetrar nesse meio novo e desconhecido para mim, por saciar os olhos nos objectos da antiguidade, com representações scenicas, mascaras, estatuetas gregas, e o que mais não digo porque gastei duas liras e os meus amigos... meio tostão. Palavra, já ganhei o dia, embora o bilhete para o espectaculo da noite me esfole um bocado.

Resta ver os edificios da Bolsa, Correios, a Biblioteca Ambroseana, os monumentos a Cavour, uma boa expressão sobria e dura, num paletot e umas calças de burguez, e nisto se consome o tempo. Sacrilegio seria não deitar até «Santa Maria delle Grazie», um montão de tijolos em estilo gotico, onde se encosta a uma parede a autentica «ceia» de Leonardo.

Chego lá ás 4 e meia da tarde e o rotundico irmão que me recebe á porta do quintal, diz que é impossivel ir á «Ceia»... fora de horas. Para o convencer de que sou estrangeiro, e que retiro amanhã para Veneza, não ha argumento melhor que duas liras. Com este recurso pode já cear-se... fora de horas.

Pois senhores, podem limpar as mãos á parede! Ali existiu em tempo a «ceia» de Vinci, e agora, só os velhos dos dominicanos que aqui tem o refeitorio, quando a divisarem as figuras que o «Lacrima Cristo», ou o «Chiante» criam nas imaginações inspiradas pelo sumo da uva de Piemonte, podem achar beleza nas figuras dos apostolos que mal se veem, no Cristo que desapareceu, coçado de todo pelos olhares dos peregrinos da arte roçando ha seculos pela obra de Vinci.

Não vale a pena, amigos meus; é voltar para a cidade, agora iluminada pelo sol poente, chamejando as flexas da catedral sobre todos os telhados, e jantêmos, esta sopa de macarrão, os dois pratos do regulamento e vamos para o «Scala» assistir a uma opera banal, mas que considero como a melhor que tenho ouvido; quando saio venho mais inchado, por ter estado num dos mais afamados e mais ricos teatros do mundo lirico; é o que se chama um teatro de se lhe tirar o chapeu.

O chapeu, o sobretudo e gosar o espectaculo do publico e da sala, que a opera é genero que não me comova.

**Armando Ferreira.**

# Theatros e Cinemas

## PRIMEIRAS E REPOSIÇÕES

**O BURRO EM PÉ, no Apolo**

*A critica das criticas*

A opinião unanime é de que a revista tem mais vida, mais boas piadas, melhores charges do que as suas colegas dos ultimos tempos. Houve, é certo, da parte dos colegas do oficio, encarregados de fazerem criticas, elogio a mais, força de expressão, entusiasmo fraternal, mas não injusto de todo. Acácio de Paiva na edição matutina do *Seculo* escreve:

«São dois actos leves, com alguns quadros de muito graça e outros de boa fantazia, não fatigando o espectador, que dá por bem passados as três horas em que decorrem.»

e A. B. no *Diario de Noticias*, após muitos elogios, escreve:

«Tem graça, tem leveza e tem observação! O comentario é sempre bem achado e muitas vezes provocou a franca gargalhada.»

A. B. tanto pode ser Alberto Barbosa como Ali Bubá, de forma que o misterio das iniciaes fica em nós com o encanto do desconhecido.

Henrique Roldão diz no *Vitoria!*

«A peça tem graça, ditos felizes o bem condimentados, movimento e, por vezes, o seu tom literario, que lhe fica bem.»

e Matos Sequeira, no *Manhã*, romata com espirito:

«Tem graça, não dá coices na gramatica e, quando zurra, é de maneira a não ofender os ouvidos...»

depois de ter dito:

«*O burro em pé*, como revista moderna, portanto sem arrojos de imaginação, já agora impossiveis, é gracioso, leve e movimentado.»

A *Patria* diz por seu lado, já com menos entusiasmo:

«O genero já está estafado, já deu o tinha a dar; emquanto não descobrirem processos novos de fazer revista ou coisa que se pareça é melhor desistir do intento. E, todavia, aquela que hontem se estreiou, dos srs. Marçal Vaz e Xavier de Magalhães, não é inferior ás outras. E' mesmo um pouco diferente das outras.»

e Jaime Vitor no *Tempo*, diz que a revista em geral, ou se é insipido ou grosseiro. Mas aqui:

«Foi o meio termo que os srs. Lino de Macedo e Xavier de Magalhães encontraram com rara habilidade, auxiliados na musica, que tem deliciosos numeros.»

*C. D.* (cá volta o misterio das iniciaes) escreve na *Opinião*:

«Os autores do *Burro em pé*, embora chamassem ao seu trabalho revista, saíram, contudo, fóra dos moldes d'esta e deram-nos uma interessante fantasia em que ha muita originalidade e espirito.»

no que é correspondido pelo critico da *Lita* dizendo:

«*O Burro em pé* não é propriamente uma revista de costumes ou de acontecimentos publicos. Mas é uma revista de côres, luzes, mulheres, vestimentas, coplas, musica, e por isso mereço aquelo nome.»

Os restantes exemplos que poderiamos tirar, oscilam em volta dos mesmos adjectivos. E' pois um lisongeiro exito que os autores, pela sua simpatia pessoal, muito merecem.

E nós fazemos côro.

**TEATRO POLITEAMA. — A Migalha, 3 actos de Dario Nicodemi, trad. Afonso Gaio**

*Peça*

Já conhecida para nos referirmos a ela.

*A tradução*

Muito bôa.

*Desempenho*

Inferior. Aura Abranches, a nossa explendida artista, um pouco deslocada do papel, ou antes uma *migalha* muito graúda. Bôas-mas caras, Adelina, bem. Sacramento, regular, Grijó regular. Os restantes menos que regular.

*Scenarios e mise-en-scene*

Pouco bons os primeiros, apressada a segunda. E' uma peça que apesar de tão bela, vem só preencher o intervalo entre as peças da epoca.

A. F.

## Nota do dia

O *Mundo* publica a seguinte nota oficiosa do *Teatro Nacional*, onde são alvejados os jornalistas José Sarmento, Jorge Ortiz, outros redactores teatraes e até nós.

O *Mundo* é o jornal onde o comissario do governo faz as suas explendidas criticas e por isso está certo que defenda a sua pessoa e o seu trabalho mas dahi a convencer-nos que as *habituaes campanhas* são injustas...

Ora vejamos o que nos diz a *nota oficiosa*.

«Alguns jornaes recomeçaram as suas habituaes campanhas contra o Teatro Nacional. Basta assistir a esses jornaes um leve assomo de justiça, para, ... ... se atirarem ... do governo como S. Tiago aos mouros. E, no entanto, podemos afirmá-lo, o comissario do governo tem empregado no exercicio do seu arduo cargo os maiores esforços e despendido um trabalho assiduo, inglorio talvez, mas probo.

O que de pronto, como expressão de arte, por vezes sucede na casa de Garrett não é verosimilmente culpa do comissario. A culpar alguem, culpe-se o espirito de indisciplina e de ganancia que faz com que artistas de maior relevo ou pretendam tornar-se independentes de toda e qual quer tutela, ou ganhando companhias suas, ou aceitam em outros teatros os ordenados fabulosos com que lhes acenam e que o Nacional lhes não poderá dar.

Atravessa-se uma hora febril na luta de interesses e os grandes artistas e os que julgam sê-lo nada querem senão ganhar. Perdem-se, por vezes agora sacrificar as imediatas compensações de caracter material com que de todos os lados os atraiem.

Com os escassos elementos estaveis no Teatro Nacional não se pode singrar, e cremos que da falta de talento artistico, que alguns desses elementos evidenciam, não se poderá culpar o comissario do governo. Ou não é isto uma verdade? Os criticos que nos jornaes recomeçaram as suas habituaes campanhas contra o Teatro Nacional que nos respondam».

Pela nossa parte não atacamos o comissario do governo, que realmente nada faz, nunca fez, nem pode fazer naquelo deserto de elementos estaveis e falta de talentos artisticos, mas o que não podemos é dei xar de chamar ás coisas os nomes que lhes são devidos.

O resto é léria.

*O incidente Brazão*

O sr. Santos Tavares, comissario do Governo junto ao teatro Nacional Almeida Garrett, envia-nos a seguinte nota oficiosa:—«A proposito do incidente havido com o actor Eduardo Brazão na «tournée» ao Brasil, de que o mesmo fez parte, e ainda sobre o intuito por ele manifestado de não voltar a representar no teatro Nacional, onde tantos triunfos alcançou e de que é um dos mais categorisados societarios, tendo resultado infrutiferas varias «démarches» feitas para demover o conflito existente, recorreu-se a uma arbitragem, proposta pelo sr. dr. Augusto Gil, director geral da repartição de Belas Artes, em reunião a que assistiram os dois interessados e o sr. comissario do Governo, e para a constituição da qual foram convidados alguns amigos de Eduardo Brazão e de Luiz Galhardo, conhecedores do assunto. Esses amigos, reunidos no salão do teatro Nacional, trocadas as mais amplas e satisfatorias explicações, concordaram em que não havia desprimor no regresso de Eduardo Brazão ao mesmo teatro, e resolveram convidá-lo a reassumir ali o seu alto posto de arte.

Lisboa, 13 de dezembro de 1920.

A carta enviada por Lucinda Simões ao mesmo senhor comissario e publicada hoje num jornal da manhã nos expressivos termos que em seguida transcrevemos, vem demonstrar que nem todos os actores se acham dispostos a entrar em scena na peça do grande espectaculo «A arbitragem».

Segue a carta, e aguardamos os resultados:

«*Ex.mo sr. ministro da instrução, Superintendente geral dos teatros e da Suprema Arte em Portugal*—latimada por ordem superior a apresentar-me no teatro Nacional Almeida Garret, na qualidade de societaria o que julgo infimo, atendendo ao estado de inferioridade e abandono artistico em que se encontra esse mesmo teatro, permita-me v. ex.ª responder com um trecho do discurso de M. Jules Claretie, na comemoração dos 40 anos de teatro do grande artista Mounet Sully, gloria da França:

*Um artista que honra a sua arte nesse gabinete de trabalho deante do seu cavalete ou do seu piano, no seu atelier ou no palco, tem direito a todas as honras, desde que a sua existencia é ao mesmo tempo um modelo de talento e de honestidade.*

Atendendo, pois, aos meus 53 anos de trabalho, apêlo para a sua suprema justiça, para que v. ex.ª decida em sua consciencia se posso entrar num recinto no estado improprio em que ele se acha e sugeitar-me a um administrador que ainda não liquidou comigo negocios findos, em que procedeu com a maior incorrecção,—assino—De v. ex.ª mt.º at. e ven.ª—Lisboa, 13 de Dezembro de 1920.—*Lucinda Simões*».

*Agenda da Semana*

QUARTA-FEIRA, 15.—1.ª representação de **A Peccadôra**, no *Teatro Nacional*. (Deve realisar-se porque já foi adiada 4 vezes).

QUINTA-FEIRA, 16.—1.ª representação em Lisboa da **Bomba Real**, no *Eden Teatro* (adiavel; as revistas nunca vão a primeiro).

1.ª representação em Lisboa da **Carlota Joaquina**, no *Teatro Avenida*. (é possivel que não passe para 6.ª feira).

## Noticiario

**Entre nós**

Não tem fundamento a noticia propalada da actriz Ilda Stichini ir para o Teatro do Ginasio.

—Calazans deixa o Nacional—mais um—para ir para o Teatro da Trindade.

—A actriz Maria Pia d'Almeida que hontem adoeceu gravemente, irá fazer uma peça ao *Ginasio* após a *Ventoinha*, em ensaios actualmente.



## MOVIMENTO ASSOCIATIVO

**Cruzada das Mulheres Portuguezas**.—Reune a assembleia geral no dia 19 ás 14 horas, para apresentação e verificação de todas as contas da Cruzada e apresentação de varios assuntos.



# As propostas de finanças

## A quem pertence a sua paternidade?

A'parte algumas dezenas de aclamadores do oficio, as propostas de finanças apresentadas ao parlamento pelo sr. Cunha Leal, foram recebidas pelo paiz com geral reprovação.

Os protestos ouvem-se de todos os lados, e todo a gente reclama contra a espoliação que a ameaça. Apezar de todas as diligencias, empregadas pelo sr. Cunha Leal, apezar mesmo das suas claras ameaças, as propostas foram condenadas pelo paiz e não haverá força capaz de as fazer vingar.

O sr. Cunha Leal não quiz vêr que a situação requer soluções racionaes e praticas, para serem aceitaveis, o não comporta vôos pelos dominios da fautasia.

A primeira condição de sucesso de quesquer propostas de finanças é serem consideradas razoaveis e justas por toda a gente que por ellas é atingida e que n'essas condições paguem de boa vontade aquilo que lhe competisse.

A chave do problema não está em exigir muito, mas em pagarem *todos* uma percentagem razoavel dos seus rendimentos.

O sr. ministro das finanças não teve n'este lance o critério de homem de Estado que vê as coisas de alto e no seu conjunto; limitou-se ao critério d'um arrecadador de impostos. Estamos quasi em crêr que so as propostas tivessem sido elaboradas pelo sr. Cunha Leal, a sua luminosa e assaz reputada inteligencia não o teria traido e teria apresentado um trabalho condigno da sua elevada intelectualidade.

Mas as propostas foram elaboradas pelo sr. Julio Maria Baptista, director geral das contribuições e impostos e, por isso, não podiam deixar de ser o que são, porque o critério d'um director geral d'aquela repartição é para todas as dificuldades financeiras, a arrecadação de mais impostos.

Simplesmente os ministros das finanças deveriam encarar as coisas por outro prisma de mais largo alcance, mas não o fizeram nem o sr. Pina Lopes, nem o sr. Cunha Leal.

Este até encarnou de tal modo no critério espoliador que ainda foi acrescentar á proposta da contribuição de registo o artigo 3.º, aquele em que o Estado se habilita a todas as heranças, como coherdeiro, com o direito de fazer licitar todos os bens da herança quando isso lhe convenha ou a alguem por ele.

O «Diario de Noticias» apresentava hontem no artigo editorial o exemplo d'uma herança de 100 contos que um tio deixasse a 4 sobrinhos.

Cada um dos sobrinhos receberia 17 contos e o Estado 30!

Querem-no mais ao vivo?

E tudo isto para quê?

Para sustentar comissões de funcionarios desnecessarios, magnificamente pagos, no estrangeiro, para outros esbanjamentos de egual jaez.

Por isso é geral a oposição ás propostas e não haverá forças que as façam vingar.

# Vida Sportiva

**Grupo sportivo «Casa Totta»**

Promovido por este grupo, realisa-se no proximo dia 18, nas salas do Centro Español, rua Nova da Trindade, uma festa dedicada aos srs. João C. Lopes, João Gomes e Antonio Ramos e na qual tomam parte as amadoras sr.as D. Emilia Ferreira, D. Estefania Silva e D. Elisa Santos.

Será representada a comedia «A voz do sangue», seguindo-se a distribuição dos premios das provas sportivas organisadas pelo Grupo, de 1920-1921, e baile, que se prolongará até ás 6 horas.

Agradecemos o convite que nos foi dirigido.



## Novos caminhos de ferro

O engenheiro sr. Francisco dos Santos Viegas, que ha tempos pediu a concessão d'uma linha ferrea do Lumiar a Montachique, requereu ao governo que lhe seja concedida a faculdade de prolongar essa linha até á Ericeira, passando por Malveira e Mafra.

O parecer sobre a concessão vae ser relatado pelo engenheiro sr. Fernando José de Souza, por parte do Conselho Superior dos Caminhos de Ferro, dizendo-se que a Companhia Portugueza não fez qualquer objecção ao traçado da nova linha ferrea.



## Grande Festival de Beethoven

Comemorando o 50.º aniversario do nascimento de Beethoven, a Orquestra Sinfonica Portugueza, dirigida pelo maestro Pedro Blanch, realisa no proximo domingo um grande concerto extraordinario em que, entre outras obras do grande mestre, serão executados o celebre «Septimino», completo com todos os andamentos, a famosa «5.ª sinfonia», o «Alegretto» echerzando da 3.ª sinfonia, a «Ouverture de Leonora», grandes exitos da Orquestra Blanch. Os assinantes teem preferencia aos seus logares pelo mesmo preço da assinatura, até hoje á noite.

## AUTENTICAS

# A FERA

A fera humana é a mais dificil de domesticar. Desde a epoca terciaria que ela se corrige a si propria em seus desmandos sanguinarios, e, contudo desde a sua existencia prehistorica, desde ha milhares de anos para cá, sempre que sente um momento a sua bravura leonina, é só para aperfeiçoar a sua malicia de tigre ou de cobra.

O que se obtem em poucos anos de ensino de qualquer animal feroz, não o conseguiu a historia em seculos e seculos desse admiravel ilusionismo, chamado civilisação.

Mas como não ha de ser assim, se sómente á nossa maior ferocidade devemos o triunfo sobre as outras especies, e o nosso tão jactado progresso intelectual?!...

E' pois com as imagens vivificadas de todos os quadros sangrentos da historia, desde as atrocidades dum Cambises, que tanto impressionaram o ingenuo Herodoto, até ás proezas dos inglezes e dos «sin-feiners», que eu contemplo este mundo hoje tão apartado da posia das coisas.

Dolorosa observação seria esta, se eu não me lembrasse sempre da infantil indignação de mestre Herodoto, perante as monstruosidades dos tiranos dos tempos já idos para ele.

Dentro, pois, da minha tunica impermeavel, atravez da qual não passa a estupida irritabilidade dos mal-humorados, ha muito que aceitei a formula explendida do outro grande mestre—o padre Antonio Vieira:—não louvo nem condemno, admiro-me com as turbas!

Fazendo á sentença a necessaria correção, quer dizer, prescindindo da sua segunda parte, visto que as turbas ignaras e sujas nunca se admiraram dum admirar de coisa alguma, o dito é filosoficamente perfeito.

Já outro grande espirito o dissera: «não julgareis!»

De facto não vale a pena julgar. Cristo via com a lucidez dos iluminados, e o que não nos deve deslumbrar daquela luz divina, é sem duvida o conhecimento das nossas imperfeições, ele que teve pouco tempo menos azado logar para se medir com esta miseria humana que continuamos a ser ainda após a sua lição.

«Quem estiver sem culpa que lhe atire a primeira pedra»—disse o Nazareno, aos fariseus quando estes lhe trouxeram a adultera.

Pois é assim mesmo, e hontem tive a prova. Um homem, de paz, conservador, pacato, que eu tanta vez ouvi condemnar as acções extremadas, tipo de bondade comoda, dessa que dá sem custo o que não lhe faz falta, que acaricia leal por que não ve acção de trair, porque na escola do infortunio nunca aprendeu a ser duro, emfim o que por cá na Terra se chama um santo, um homem de bem, apareceu-me de subito a preconisar a revolta, o atentado!

E sabe o leitor porquê? Porque — diz ele — as propostas de finanças não lhe são de ser tão.

Debalde lhe puz diante dos olhos o tremendo dualismo entre o Estado em periclitancia na solvencia dos seus encargos inadiaveis, e os particulares a imperem de riqueza e porque eu terminasse apostando pela vitoria do Estado, visto que é ele que tem dado mil baionetas para manter a ordem e levar a sua ávante, naquela alma de pomba, evoluiu-se toda a doçura periferica dos seus habitos cheios de brandura e prestabilidade e pensou no atentado!

Fiquei atonito. O quê! Tambem ele? Aquela figura suave e paciente que até as creanças achavam bom de mais?!...

Era lá possivel!...

Pois era, infelizmente era; e sabem porquê? Porque perante a grande comoção que o abalava, os seus estimulos pessoaes cediam o logar á quantidade de ferocidade constante, que entra em todos os vasos humanos que somos nós; e assim eu pude descobrir naquela ameaça platonica, mas viva de irritação, o quociente destes dois termos: a indole da especie humana, por onde comecei a cronica e os capitaes que o homem tem pelos Bancos.

E disse o Spencer que á humanidade só se póde atribuir, com segurança, um progresso moral: do mais cruel para o menos cruel!

Estamos todos os dias a ver esse progresso, não haja duvida; o por e ser só esse o passo dado pelos homens a caminho da perfeição.

Assim o mesmo homem, que tanta vez terá vociferado contra os iniquietos politicos, por fazerem revoluções ou atentados para usofruirem o Poder, tambem é capaz de os abençoar para bem da intangibilidade dos seus fundos!

São todos assim e sempre o foram.

**D. Thomaz de Noronha.**

# Alfandega de Lisboa

## Leilão

Sexta-feira, 17, ás 13 horas, nos armazens d'esta casa fiscal, em Porto Franco (Junqueira), serão vendidos, por conta e risco de quem pertencer: 200:000 kilos de bacalhau, parte da carga da chalupa ingleza «Silver Queen».

O bacalhau é vendido em lotes de 250 kilos.

Alfandega de Lisboa, 9 de dezembro de 1920.

O escrivão,
Alferdo Marcelino de Almeida



# ULTIMA HORA

# POLITICA

## As propostas de finanças

Finalmente reuniu hoje a comissão de finanças para dar parecer sobre as propostas apresentadas pelo sr. Cunha Leal.

Está reunida á hora a que «A Capital» vae para a maquina, não sendo facil afirmar qual será a sua atitude.

Houve quem afirmasse que estavam removidas as dificuldades, em virtude das *demarches* entre varios chefes e *leaders* politicos.

De facto hontem e hoje realisaram-se varias conferencias em que politicos que se ocupam de assuntos financeiros tiveram interferencia.

Feito, pois, um acordo desaparecerm os boatos da crise os quaes tambem espiraram depois do sr. Cunha Leal ter afirmado haver em deposito alguns milhões de libras para fazer face aos compromissos do Estado durante algum tempo.

O que tudo hoje faria prevêr é que as propostas do sr. Cunha Leal vão entrar em discussão em breves dias.

Sobre politica é tudo quanto de interessante nos deu hoje a Sala dos Passos Perdidos.

Sobre a escolha das auctoridades administrativas, parece que o caso soferá um compasso de espera.

## A agencia financial do Rio de Janeiro

Quando se suprimiu a agencia financial do Rio de Janeiro e se entregaram os seus serviços ao Banco Portuguez Brazileiro, disse-se que o fim desse contrato era principalmente fornecer de maior numero de cambiaes o mercado de Lisboa e assim influenciar beneficamente no movimento cambial. O beneficio está a ver-se. O cambio estava então a 27 e hoje está a 6 3|8.

O movimento cambial pronunciou-se desde então por ininterrupta descida. A experiencia está feita e necessario é fazer-se novo contrato, mas só para Bancos Portuguezes, porque a verdade é que com o regimen estabelecido não lucrou nada o Estado, mas ganharam o London and Brazilian Bank, o River Plate, o Crédit Lyonnais, a casa Torlades e a casa Sotto Maior.

Venha, pois, novo contrato que tenha como consequencia importar-se mais com os interesses portuguezes que com os estrangeiros.

**UMA CONJURA**

## "O Mundo, e os graficos

O *Mundo* referia-se hoje a uma conjura contra a imprensa independente por meio de reclamações dos graficos com que não podem as empresas jornalisticas.

O *Mundo* sabe muito bem que essas reclamações ficaram a elaborar desde a ultima greve dos graficos. Escusa, portanto, de filiar essas reclamações, se vieram a luz do dia, na fantasia de ser isso tatica empregada pelos que não concordam com as propostas de finanças.

Queixem-se antes da pressa com que alguns colegas se submeteram ás exigencias formuladas na ultima greve e que deram aos graficos animo para novas reclamações. Desse pecado não temos nós que nos arrepender.

## Tribunal do C. E. P.

No Tribunal do C.E.P. realisaram-se hoje os julgamentos dos tenentes milicianos Jorge das Neves Larcher e Luiz Rodrigues e do major sr. Pedro Afonso Chelmicki, acusados de varias irregularidades na escrituração do concelho Administrativo do Q. G. B. do C. E. O.

Foram ouvidas as testemunhas, Alferes Sarro, Sargento Mota, cap. Sousa, coronel Baptista Coelho, tenente coronel Almeida Santos, coronel Romeiras Macedo, major Felipe de Souza, tenente coronel José Pinto Queimada, capitão Oscar Mota, tenente Leonel Barreto Xadomé, Alberto de Araujo e Cunha, sub-inspetor da fazenda, Francisco Bernardo Canto tenente coronel, tendo todas para com os acusados as mais elogiosas referencias da sua conduta dizendo serem oficiaes zelosos.

# Como se curam certas doenças

E' a impureza do sangue a causa principal que origina e faz estacionar a doença Combater a causa é o tratamento mais racional e proveitoso que o doente pode fazer. A syphilis, o rheumatismo, escrophulas, tumor e eczemas seccos e humidos, as doenças do utero e ovario, muitas doenças dos olhos, etc., curam-se sempre pela expulsão de toxinas contidas no sangue. E' o depurativo Dias Amado (Antonio) não confundir, o unico preparado que ha perto de vinte e cinco annos tem feito milhares e milhares de curas d'este genero de doenças. O verdadeiro depurativo o unico que está registado é o de Antonio Dias Amado.

**Deposito geral—Farmacia Luso Brazileira—praça de S. Paulo, 20 e 22.—Telef. 1676.**



# PARLAMENTO

## Na Camara dos Deputados

O sr. ministro do comercio manda para a mesa uma proposta de lei destinada a proteger a agricultura e a industria nacionaes, estabelecendo auxilios e garantias com a creação duma comissão de fomento, aproveitamento de quedas de agua, regimen de cultura secarina, utilisação mecanica industrial e agricola. Segundo as bases desse documento, facilita-se e estimula-se, com emprestimos e reduções alfandegarias e outras medidas, a intensificação do trabalho, devendo o Estado comparticipar dos beneficios desse desenvolvimento, assim como das suas responsabilidades, para que emitirá coupons especiaes.

Requer a publicação no Diario do Governo, e requer a urgencia frisando que o governo não limitará a sua acção a pedir sacrificios ao povo.

Em seguida pede que hoje mesmo se discuta a proposta que autorisa o governo a ceder aos Transportes Maritimos do Estado a quantia de dois mil contos destinada ao pagamento de dividas contraidas por essa entidade e que a manterem-se poderão concorrer para a ruina de algumas casas, descalabro possivel e do qual o Estado não deve assumir responsabilidades. Não seria logico nem decoroso. Finalmente, pede tambem urgencia para uma proposta modificando a taxa de juro do emprestimo de 25,000 contos para obras do porto de Lisboa.

Votadas todas as dispensas para esta ultima proposta. Aprova-se o aumento de taxa para os emprestimos das obras do porto de Leixões e das r. des telegraficas e telefonicas do Estado.

Contra o credito para os Transportes Maritimos do Estado manifesta-se o sr. Augusto Dias da Silva.

Falam em seguida os srs. Velhinho Correia, João Camoezas, Sá Pereira, Plinio Silva, ministro do comercio, Ladislau Batalha e Costa Junior. E' aprovado o credito.

## No Senado

O sr. Virgilio Chaves requer urgencia para um projecto que manda para a meza sobre promoções de oficiaes de infantaria e cavalaria.

O sr. Vasco Marques volta a instar pela instalação de um posto de telegrafia sem fios na ilha da Madeira.

O sr. Dias de Andrade propõe um voto de pezar pelo falecimento do cardeal D. José Neto.

O sr. Paes Gomes refere-se a uma incorrecção praticada pelo comandante do cruzador «São Paulo».

E' aprovado um projecto apresentado pelo sr. Herculano Galhardo contando aos empregados dos caminhos de ferro do Estado, para efeitos da concessão de diuturnidade, o tempo que serviram no exercito.

O sr. Pereira Osorio protesta contra as manifestações que hoje foram feitas em comemoração do 2.º aniversario do assassinato do dr. Sidonio Paes.

O sr. Julio Ribeiro envia para a meza um requerimento com varios considerandos, terminando por uma contra-proposta de realisação imediata, a qual consta de 4 artigos.

Amanhã ha sessão.

## Parque Automovel Militar

O Conselho Administrativo faz publico por esta forma que no dia 29 do corrente, pelas 15 horas, na séde deste Parque em Belem, se procederá á venda em hasta publica dos seguintes artigos:

| | |
|---|---|
| Barricas servidas a oleo | 8 |
| Caixas de gasolina, vasias | 200 |
| Pneus, lisos, velhos | 114 |
| Pneus ferrados | 80 |
| Bandages de camions | 36 |
| Sucata de ferro-forjado | |
| » » -aço | |
| » » -fundido | |
| Carrosseries | 12 |
| 1 lote de madeira de azinho. | |

Todos estes artigos se acham no Parque Automovel Militar em Belem á excepção dos dois ultimos que se encontram na Garage da Rua Tomaz Ribeiro onde podem ser examinados todos os dias uteis das 11 ás 16 horas.

Parque em Belem, 13 de Dezembro de 1920.

O Tesoureiro
*Antonio José Alvaro da Silva e Costa*
(Tenente de Adm. Militar)



# Resposta á actriz Lucinda Simões

Luiz Galhardo, abaixo assinado, declara serem redondamente falsas as afirmações feitas na ultima parte do requerimento que a ilustre actriz Lucinda Simões enviou ao sr. Ministro da Instrução. Nem a administração do Teatro Nacional, em que não se pode apontar uma unica ilegalidade, nem a Empreza de Digressão aos Estados Unidos do Brazil, que ultimamente contratou a referida actriz, lhe deve cousa alguma. Muito ao contrario, excedeu sempre e generosamente com a mesma artista, como consta de documentos por ela propria assinados, todos os compromissos que com ela tomou.

Os primôres devidos ao seu sexo e ao seu talento não excluem a responsabilidade moral e juridica em que incorre com afirmações caluniosas e tendentes a acirrar uma campanha com que inutilmente se tem pretendido assaltar o Teatro Nacional e a autoridade e credito do signatario.

Quanto ás suas restantes alegações, destroe-as o facto da notavel actriz, desde que é societaria do Teatro Nacional, ter preferido usar sempre, por seu proprio interesse, a situação de licenciada que a Lei e a tolerancia do Administrador lhe permitiram, á de colaboradora da obra d'aquele Teatro, cujos restantes e fieis societarios tão caluniados teem sido.

Não continuarão, felizmente, taes situações a ser permitidas, graças á força que as expressas determinações do sr. Comissario do Governo e da Repartição competente impuzeram ao signatario d'estas linhas.

Lisboa, 14 de dezembro de 1920.

*Luiz Galhardo*

# A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3726 — 11.º anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Quarta-feira, 15 de Dezembro de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 5 centavos


# O dever nacional

As crises mais graves chegam sempre a um ponto em que resolvem para bem ou para mal. E' o seu ponto agudo, o seu ponto culminante. Tudo parece indicar que chegámos a esse ponto decisivo, e—seja-nos licito formular esta boa impressão—parece que ele pode estar destinado a marcar, não o desaparecimento de todas as virtudes e de todas as energias da raça, o que equivaleria á perda da propria nacionalidade, mas o seu revigoramento que deve, em contraposição, assegura-lhe a vitalidade e a permanencia.

O que hontem se passou com a corrida á casa Totta é animador. A certa altura, o panico transforma-se em segurança, ao descredito a confiança sucede. Uma expontanea onda de entusiasmo expulsa, quasi por meio d'um milagre, as frias cinzas d'uma descrença que só podia significar a morte. O sentimento intervem, e n'um recinto onde se diria que só interesses materiaes poderiam ter voz, perpassa como que um raio de luz astral, sente-se como que palpitar em muitos peitos um unico coração. E' o triunfo d'um solidariedade que constitue o testemunho mais vivo, a garantia mais segura dos laços que devem unir uma sociedade. Adivinha-se, compreende-se que só com um grande movimento d'esta natureza, com uma conjugação de vontades, de dedicações e de esforços se poderia salvar o paiz, nos poderemos salvar todos!

Semelhante fenomeno reacende a fé em peitos que porventura a iam perdendo. Representa uma lição, um estimulo, um exemplo. E' preciso acentuá-lo em toda a sua significação, não o esquecer, não o desprezar. Ele mostra que o sistema das imposições, das durezas, das ameaças, das pressões nunca dará resultado, e que só o convencimento, só o apelo ás mais nobres qualidades do caracter humano é que serão eficazes para os grandes impulsos nacionaes.

Ao mesmo tempo que este facto se produz, surgem sintomas, não menos apreciaveis, de que o governo procura retirar ás suas propostas tributarias os aspectos mais duros, que por egual alarmavam e atrontavam os contribuintes. O parlamento empenha-se em que a remodelação tributaria tenha um caracter de moderação e justiça, sem o qual será, não só irritante, mas ineficaz. A verdade é que todo o acto, seja de que natureza for, que n'este momento se pratique sem uma nota de conciliação nacional, não pode dar senão um resultado contraproducente. O sr. Cunha Leal já d'isso parece capacitado, e os seus actos, ainda mais do que as suas palavras, afiguram-se penhores d'essa transformação por muitos titulos meritoria.

E' que estar no governo não é o mesmo que estar na oposição. Construir ou conservar não é o mesmo que demolir. Dizia Barjona de Freitas que quem não soubesse ou não quizesse ser moderado, ponderado, no poder, que é um ponto de observação e reflexão, não merecia o nome de estadista, porque não possuia os talentos necessarios para reclamar essa designação. O sr. Cunha Leal é um homem muito inteligente, e só quem não atende ás circunstancias, é que não recolhe as lições da experiencia.

Como se vê, parece que felizmente tudo tende a harmonizar-se, e é isso o que reclama, o que necessita a sociedade portugueza. Qualquer nota que destôe n'esta harmonia nascente representará um erro quando não signifique um crime. E' preciso placidez, tranquilidade, nada de reivindictas, nada que altere uma expectativa que favorece os interesses do governo, propiciando os da nação. Por isso mesmo não compreendemos a necessidade do comicio que se prepara sobre as propostas de finanças, com as consequentes manifestações que se anunciam. Nunca, em actos de tal especie, se consegue pôr de parte a paixão politica, e a paixã politica leva as ilusões irritantes, ás demonstrações agressivas, a tudo que divide em vez de reunir os portuguezes. Não se compreende para que são essas manifestações. Para dar força ao sr. Cunha Leal? O que não falta ao sr. Cunha Leal é a força. Para exercer sobre ele uma especie de pressão querendo-se amarral-o a afirmações radicaes da oposição que as circunstancias não lhe permitam efectivar no poder? No fundo, o que se pretende realisar é ineficaz ou contraproducente, e, em relação ao sr. Cunha Leal, tem mais um aspecto de suspeição do que um aspecto de confiança.

Deixem o governo, deixem o sr. Cunha Leal, entregues á sua missão.

O dever nacional circunscreve-se, n'este momento, a este simples dever: promover a confiança necessaria á salvação do paiz, e aceitar o sacrificio justificado que fornecerá os meios de a realisar.

## Sociedade de Estudos Pedagogicos

Como já noticiámos, é hoje, pelas 21 horas prefixas, que no anfiteatro da Faculdade de Sciencias, se realisa a sessão inaugural do ano lectivo de 1920-1921 da Sociedade de Estudos Pedagogicos, cuja séde provisoria é n'essa faculdade.



# As propostas de finanças e as forças vivas

## A vida nacional portugueza depende de uma série de problemas a pôr em equação

Seja qual fôr a forma porque se procure acudir á situação financeira do Estado, não podemos deixar de olhar primeiro, para a posição em que se encontra o fiel da nossa balança economica. E para isso, temos de ir procurar os dados fornecidos pela nossa estatistica comercial. Transcrevendo as verbas oficiaes, relativas á importação e exportação, registadas pela alfandega, antes e depois da guerra, nós vemos o seguinte:

| A nossa exportação | | A nossa importação | |
|---|---|---|---|
| Em 1912 — 34.598 | contos | 75.687 | contos |
| » 1913 — 36.684 | » | 89.481 | » |
| » 1914 — 28.848 | » | 70.343 | » |
| » 1915 — 36.365 | » | 79.592 | » |
| » 1916 — 56.466 | » | 137.882 | » |
| » 1917 — 55 189 | » | 129.779 | » |
| » 1918 — 83.439 | » | 178.230 | » |
| » 1919 — 111.000 | » | 232.000 | » |

Quem repare nestes algarismos verá imediatamente em que situação se encontra o fiel da balança economica e compreenderá como teem razão aqueles que insistem em afirmar, que as propostas de finanças teem de ser acompanhadas de medidas, que se relacionem com a solução de numerosos problemas nacionaes que é urgente pôr em equação. E' preciso que se trate de tirar todo o partido das riquezas que possuimos e de dar ás industrias o apoio de que carecem, para poderem concorrer com industrias identicas.

Ora um paiz, que tem de importar todo o carvão de que precisa para a sua laboração fabril, pelos mais elevados preços; que não pode sustentar um alto forno para a redução do seu minerio de ferro, que tem de exportar; que não aproveita devidamente os jazigos de lignite e antracite que existem, com grande dificuldade poderá sustentar a sua industria, cuja manutenção lhe ha de ficar sempre cara. Temos exportado os minerios de ferro, de chumbo, de cobre para serem reduzidos lá fóra e importarmo-los depois como materia prima, e portanto, pagando apenas um direito estatistico. Sucede o mesmo com o assucar. Exportamos as ramas, em vez de as refinarmos primeiramente para ser exportado o assucar pilé o que traria ouro para o paiz. E exportamos as ramas, como exportamos outras materias primas, porque os governos—santo Deus muita inepcia tem havido!—não compreende que ha 28 anos foram reformadas as pautas e não se resolveu ainda a achar oportuno o momento de fazer a sua revisão urgente.

Porque não se ha de estabelecer o «drawback» (restituição dos direitos) para os productos fabricados no paiz?

Continuamos pois exportando as materias primas que possuimos; enviámo-las aos grandes centros industriaes, e, depois de devidamente transformadas, vamos lá compra-las, como materia prima para os nossos industrias!

Ora, para se ver, como se modifica por completo a vida economica de uma nação, reparemos no que se passou com a nossa visinha Espanha, que tratou de fazer valorisar as materias primas e de as transformar directamente, deixando de as enviar aos centros industriaes estrangeiros:

Façamos para a Espanha a mesma copia que fizemos de dados estatisticos, de exportação e importação:

| Exportação espanhola | | | | Importação espanhola | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Em 1912 — 1.045 | milhões | de | pesetas..... | 1.052 | milhões | de | pesetas |
| » 1913 — 1.079 | » | » | » ..... | 1.309 | » | » | » |
| » 1914 — 887 | » | » | » ..... | 1.047 | » | » | » |
| » 1917 — 1.321 | » | » | » ..... | 1.326 | » | » | » |
| » 1918 — 1.009 | » | » | » ..... | 623 | » | » | » |
| » 1919 — 1.323 | » | » | » ..... | 1.087 | » | » | » |

Fazendo o confronto das verbas da importação e exportação espanhola vemos que de 1912 até 1919, tem-se procurado aumentar a exportação, havendo em 1919, um «superavit» de cerca de 300 milhões de pesetas. Ora ahi está a causa do extraordinario valor que tem atingido a peseta. Mas como foi que a Espanha conseguiu tamanha prosperidade economica? Fazendo com que os produtos fabricados, que em 1913 foram exportados na importancia de 251 milhões de pesetas, passassem a atingir em 1917, o valor de 533 milhões e se mantivessem nesta altura até 1919. A intensificação das culturas permitiu-lhe elevar a sua exportação em 1919 a 625 milhões de pesetas, de substancias alimenticias contra 454 milhões exportados em 1913. Tem-se trabalhado com inteligencia e actividade, aproveitando as «elites», pela maneira como já dissemos aqui, ha tempos, num artigo publicado neste jornal.

Para se pôrem em equação os problemas de que depende a vida nacional portugueza é preciso chamem á colaboração do seu estado as forças vivas da nação, as diversas classes neles interessadas, como já o faziam os povos da antiguidade oriental. As associações teem de dar acordo de si, organisando congressos nacionaes, como o que se realisou ha uns 14 anos na Sociedade de Geografia, sob a iniciativa da Liga Naval e que bastante produziu de util.

Não podemos vir assistindo aos espétaculos de vermos as associações industriaes, comerciaes, de agricultura, etc., carpir magoas, a combater propostas, embora o façam com justiça, mas sem apresentarem um unico alvitre, uma unica idéa aproveitavel para se atacar resolutamente os problemas nacionaes, que urge resolver, para pôr um dique á sahida de tantos milhares de contos para o estrangeiro.

Vae reunir amanhã a assembéa da Associação Industrial. Oxalá que dahi saia algum plano, alguma idéa aproveitavel para a reconstrução da vida economica portuguesa.

J. Correia dos Santos

## Conferencia contraditoria

### E' provavel que ninguem aceite a controversia

E' hoje que o sr. Cunha Leal realisa a sua conferencia sobre as propostas de finanças para a qual declarou admitir a contraversia. Não sabemos se aparecerá alguem a contraditar o sr. Cunha Leal. Queremos crêr que não, porque a critica está feita e não ha habilidades, por mais luminosa que seja a inteligencia que delas se sirva, que consiga deitar poeira nos olhos do publico. A analise está feita e a condenação foi geral.

Ha, todavia, mais uma razão, e é de peso, para julgarmos que não aparecerá ninguem a contrapor as razões de toda a gente de senso aos artificios do sr. Cunha Leal. E' o que sucedeu no parlamento, quando da apresentação das propostas. Todos se lembram, decerto, que contra aqueles que logo ali manifestaram discordancia do modo de ver do sr. ministro das finanças, se aduziram argumentos contundentes de peso e interjeições imperativas nas mais altas notas que comporta a escala musical.

O receio de que a musica com zabumba se reproduza a aplaudir quem não concorde com o sr. Cunha Leal, fará com que ninguem apareça a contraditá-lo, porque ninguem gosta daquelas manifestações festivas e tão barulhentas.

Mas isso não significará que aquilo que o sr. Cunha Leal possa dizer, calo no espirito dos assistentes.

## Conservatorio Nacional de Musica

Em memoria do 150.º aniversario do nascimento de Beethoven, realisa-se amanhã, ás 14 horas, no Conservatorio Nacional de Musica, um concerto em que tomam parte os professores srs. Viana da Mota, Luiz de Freitas Branco, Ivo da Cunha e Silva e João Passos, sendo o programa o seguinte:

Algumas palavras sobre Beethoven pelo professor Luiz de Freitas Branco; Trio em ré maior op. 70 N.º 1. Allegro vivace e con brio, largo assai ed despressivo, presto, pelos professores Viana da Mota, Ivo da Cunha e Silva e João Passos; sonata em lá maior para piano e violoncelo op. 69: Allegro ma non tanto, scherzo: Allegro molto, Adagio cantabile —Allegro vivace, pelos professores Viana da Motta e João Passos; Sonata em fá menor op. 57 para piano: Allegro assai, ondante con moto, allegro ma non troppo—Presto, pelo professor Viana da Mota.

## Partido comunista

Consta-nos que a formar-se o partido comunista, resultante da nova tatica que está sendo muito discutida nos meios operarios categorisados, será seu orgão na imprensa o jornal «Bandeira Vermelha», que passa a diario, saindo da sua direcção o jornalista sr. Manuel Ribeiro, que parece disposto a abandonar a actividade politica e recuperar a sua liberdade d'acção, em consequencia de um oficio da C. G. T., aos presos por questões sociaes do Limoeiro, que visava aquele jornalista e com que ele se sentiu melindrado.

# Segredos a toda a gente

### Um pintor

*Leitão de Barros, quiz ter a cativante gentileza de convidar-me a ir tomar uma chicara de chá a sua casa e a ver os seus ultimos trabalhos. Passei lá trez horas, encantado. O pintor adoravel dos Abat-jours vermelhos não é apenas um grande aguarelista; é tambem um conversador e um* blaugeur *como tenho conhecido poucos. Os seus ultimos trabalhos, trez aguarelas curiosissimas, revelam bem, melhor acentuam bem, as tendencias do artista. Tem a preocupação do ambiente—como Alberto de Souza, tem a preocupação do pormenor. Procura sempre—e consegue-o sempre—dar-nos com a aguarela a impressão nitida da pintura a oleo. Não se esqueçam de ir á proxima exposição de Belas-Artes tirar o seu chapeu de irreverentes ás ultimas télas de Barros—um trecho de Alcobaça, o seu mosteiro escorrendo de luz macia e doirada; a rua dos Clerigos com as suas casas velhas e a sua tranquilidade cinzenta; um interior da Egreja de S. Francisco do Porto, onde não falta o brilho opulento da sua talha doirada e a mancha deliciosa dum sacristão pequenino...*

### As leis

*Em Portugal ha uma coisa mais complicada do que fazer leis: é aplicá-las. O portuguez, como todos os povos meridionaes, tem a sua doçura, a sua pacatez—é a sua irreverencia. A lei entre nós ou levanta protestos—ou ninguem faz caso dela. Não ha meio termo. Não ha solução intermedia. Talvez porque as leis sejam mal feitas? Em grande parte é assim. As nossas leis reflectem, não o estado de espirito do povo para que são feitas, mas a falta de competencia dos homens que as fazem...*

### A joia

*Ha dias, uma senhora passou por mim, olhou o brilhante do meu alfinete de gravata e disse que eu ouvi:—«Antes queria o alfinete do que o queria a ele». Não fiz caso—porque era uma mulher feia quem o disse. Entretanto devo dizer-lhe, minha ilustre desconhecida, que as mulheres enganam-se quase sempre. V. Ex.ª queria o meu brilhante que é uma joia falsa como todas as mulheres e não me queria a mim que sou uma joia verdadeira como todos os homens...*

Luis d'Oliveira Guimarães.



## MUSICA

*Politeama*

### Lea Bach

Que deliciosa tarde proporcionou n'este teatro aos verdadeiros entendidos e amadores da bela arte a sublime artista Lea Bach!

Os nossos teatros que em geral são bastante barulhentos, transformam-se em verdadeiros templos, quando acontece, como hontem ouvir-se alguem como a divina harpista. Não se respirava, ninguem tossia.

A intuição e gosto que predomina na nossa raça ante as nobres manifestações d'um talento superior, demonstra-se pela concentrada atenção.

Emquanto os dedos magicos d'essa sereia acariciava o seu magnifico instrumento de cordas douradas, as nossas almas, os nossos espiritos, a essencia poetica de tudo o nosso ser vibrava e vivia minutos deliciosos, atravez das suas multiplas interpretações.

Para! que citar trechos! Lea Bach é sempre grande. A sua fisionomia serena e sonhadora exprime todo o sentimento que infunde ás suas soberbas interpretações; o seu belo corpo flexivel inclina-se levemente transmitindo ao mavioso instrumento a exuberante alma que a anima.

O publico entusiasta aclamou-a com delirio, e este não era o publico snob que vae ao teatro para se mostrar; este vae ao Politeama para ouvir, para apreciar, para deliciar-se com as maravilhas d'esta magnifica interprete que eleva a harpa a um intrumento sublime, divino! Ora languida, ora em balatas que teem mais de sobrenatural que de humano, nos dominava, subjugando-nos completamente.

Ao lado da genial artista brilhou intensamente o talento pouco vulgar do joven violinista, Paulo Manso, que com soberda maestria e alma interpretou Bethowen e Saint-Saens, fundindo-se ambos maravilhosamente na expressão correcta e elevada.

Paulo Manso deveria iá estar fora de Portugal aprefeiçoando o seu belo e prometedor talento, mas apezar de recentemente ter ganho o concurso... por falta de fundos... permanece e estiola-se aqui!!! Como bem mal se compreende e ainda peor se quadjuva a Arte na nossa terra!

Maria Judice



*CROQUIS DE VIAGEM*

# NA BOA PAZ

### XXXI — *Veneza, a Terra onde não ha terra*

Confesso que é de Milão que tenho mais saudades ao partir. O seu ar civilisado, a sua vida febril, os seus teatros afamados suprem a falta de grandes monumentos e até as impressões que poderia ter dos museus, se estes estivessem abertos. Mas o tempo escasseia cada vez mais; como o dr. Assis iria afirmar que cada 24 horas que passam pela ampulheta do tempo, é um dia a menos de ferias! Faço por isso as contas no Albergho, despeço-me com saudade da boa mesa dos «trattori» da Galeria, adquiro «biglietti combinati» para o resto da passeata, e ás 5 da manhã depois de gorgetas variadissimas a todos os fachinos, empregados da estação e moços do hotel, que—tal é a exploração—fazem nos 50 metros que distam do quarto do hotel á carruagem, um serviço de recovagem combinado, estupendo em materia de comodismo, mandria e... taylorismo.

O comboio diz o horario é «directissimo», o superlativo mais veloz em calão ferro-viario; directissimo, quer dizer pelo menos tres horas mais que o horario. Quando partiu já levava quasi uma hora de atrazo, o que é naturalissimo para os habitantes. E, já que estamos no comboio é bom fixar ideias sobre estes serviços, o peor da Europa por onde temos viajado, quasi tão mau, imaginem, como o do Sul e Sueste. E' possivel que noutros tempos os serviços ferroviarios da Italia não fossem assim; agora, não ha «wagon lit», não ha primeira classe que resista á porcaria geral, como não ha horario que resista aos atrazos, ás alterações, ao criterio social dos proprios condutores.

Na carruagem onde vou, estabeleceram loja alguns caixeiros viajantes, mercadores de Veneza seculo XX, ou representantes da industria milaneza. O que esta gente é loquaz, expansiva, suja tudo com os pés, cospe para o chão desalmadamente! Aconchegado á vidraça partida, de que as cortinas ha muito desapareceram, vou vendo á esquerda os Alpes, mais baixos e menos frios do que os seus maiores da Suissa.

Os vales, a planicie são de riqueza fertil, tendo trechos de Portugal a cada passo, quebrados na ilusão por uma construção rustica diferente, mais caracteristica do paiz do que a natureza.

Pelas estações, algumas com ares importantes de caes de cidades, Brescia, Verona, passeiam garotos fornecendo almoços num saco de papel por 5 liras: um ovo cosido, duas transparentes rodas dum chouriço largo, um pão negro, meia fatia de queijo, um pero e... sal.

Pequenas garrafas de vinho, em forma de balões de laboratorio, são «extraordinario» 2 liras com direito a... vomitar a zurrapa azeda.

Por fim, os ultimos contrafortes dos Alpes desaparecem, os vales conhecidos da guerra, com nomes que despertam recordações, o Adige, começam a estabelecer a transição para a planicie de Padua e de Veneza.

Da linha ferrea, todas as cidades são um aglomerado onde predomina o castanho arruivado dos telhados; reconhecem-se nesses ninhos de casas, os castelos, as catedraes, as arenas ovaes, restos doutros tempos, mas, mais nada.

Os tipos caracteristicos, os trajos são coisas que desapareceram por completo; massa amorfua, parda, gente que ou põe colarinho e jaquetão, ou enverga sarias grossas, barretes negros, capotes longos. As cores garridas dos costumes os crómos de fantazia com os habitos das regiões figuram apenas nos albuns. A humanidade é cinzenta, só cinzenta.

Ahi temos depois de Padua, o Brenta, que se galga numa ponte elegante, e em pouco tempo de planicie, planicie recortada de salinas, de lagoas, como nas proximidades de Aveiro, estamos em «Mestre». A falta de vegetação alta, de arvores, de montanhas, o reflexo da luz solar sobre as aguas, dá á atmosfera na região que atravessamos uma luminosidade que se reconhece em quadros de Ziem. E' brilho, poalha, douro é sol pulverisado...

Para que esconder o meu nervoseismo, dum lado para o outro da carruagem, agora quasi vazia, procurando fixar a paisagem dum lado e doutro. Mas, julgo por vezes ter-me enganado: O comboio caminha perpendicularmente á costa, e não vejo mais cidade alguma. Veneza a submergir se no Adriatico, teria sido sorvida pelas aguas? ficaria após tantos canaes decantados, um canal apenas?...

A terra termina aqui; as ultimas plantas verdes, amareladas, tocam a agua e tudo terminou. Mas o comboio avança, avança sempre, pelo mar dentro, dum lado e outro, rodeado de agua azul anilada, calma, prateada, iluminada do sol do meio dia.

A costa fica já para traz, a cem, a duzentos metros, e o comboio avança ainda, passa junto de barquitos que devem ser parentes das gondolas e que vem atracar-se, prender-se como animaes a postes cabeçudos de madeira a emergir da agua.

Vamos num quilometro, vamos em dois quilometros desta viagem original e não adivinho o fim. Debruço-me: o comboio corre numa ponte viaduto a duas vias, lingua compridissima que vem dar ao fim de quasi 4 quilometros de tamanho natural, a Veneza.

Arregaço as calças para descer, não vá molhar-me. Confesso que não vou tranquilo para esta terra furada, minada pela agua, onde não ha terra, nem carros, nem animaes e um grande perfume a Passado, aquele passado dos Doges, dos espadachins, dos mouros ricos, das donzelas raptadas em gondolas que fogem a sete... remos, da casa de «Desdemona», das lutas com a «Terra Ferma» dos mercadores de faca e barbichas, centro de proezas de «Shyloc e Yago,...

E assim, alma cautelosa, sofrega, eu desço em Veneza, cidade unica no mundo, para contemplar extasiado uma das mais interessantes paginas de Deus.

*

Sae-se do comboio, atravessa-se uma «gare» cinzenta, mal arrumada, pejada de bagagens vadias e está-se num caes onde acostam gondolas pretas. Disputam-se os viajantes; mendigos e garotos, homens que nada fazem senão fingir que segeram a gondola junto ao caes, instam, pedem, tateiam, pucham, exigem dinheiro; a dois passos um vaporsito engole a turba das classes baratas, que os corretores de hoteis conduzem; estamos emfim numa gondola, feito o preço de ante-mão, porque estes malvados teem costela de traficantes, e este é o «Canal Grande». Dum lado e doutro casas de pés dentro de agua, ruas, vielas, travessas, encruzilhadas, cujo chão é agua; quando muito, em algumas vielas ha um metro de pedra a servir de passeio, mas a grande maioria não usa essa reminiscencia da terra firme.

Pontes minusculas, outras grandiosas, estacas cujos reflexos bailam no azul-acinzentado das... ruas, palacios dourados, arquitecturas ricas, scenario mil vezes repetido em fantazias teatraes e nunca idealisado como é. Não é lodoza a agua dos canaes, como os deprimentes a diziam, nem azul ferrete como os scenografos a pintam; ha avenidas largas e ruas sujas.

Um silencio de cidade morta; não ha o rodar de carros, nem as campainhas dos electricos; ha apenas, de vez em quando, o chap... chap... chap... lento, compassado, dum remo na agua, ou o grito apavonado, qualquer coisa de lugubre, que o gondoleiro vae pelas esquinas soltando:

— Eh!... Aôôô..

*

Estendo-me mais nas almofadas comodas da gondola, e procuro nas janelas semi-cerradas destes palacetes misteriosos, o rosto encantador e perturbado duma donzela de sonho, Dulcinéa candida ou escondida «donna». A janela abre-se, debruçam-se dois braços gordos e vermelhaços e despejam, por um triz para cima da minha gondola e do meu fatinho de ver aos doges, uma prosaica e modernissima tijela da casa.

Venezia... la bella... il amore...

Armando Ferreira.

## Uma promoção justa

Ha dias o deputado sr. Julio Cruz apresentou na camara uma proposta para que fôsse promovido ao posto imediato o alferes da guarda nacional republicana sr. Alfredo Salvação, que a quando do ataque a Monsanto cahiu da montada, fracturando uma perna.

A camara reconheceu a urgencia, por se tratar d'um bom republicano, devendo nós acrescentar que esse oficial, a quem «A Capital» já em tempo largamente se referiu, não foi promovido quando voltou de Africa ainda sargento, mas com direito á promoção, na ocasião do 5 de dezembro, por ser conhecido pelas suas idéas. Mais ainda: a Ordem do Exercito em que a sua promoção vinha foi mandada inutilisar.

Ha quasi dois anos que o brioso oficial se encontra em tratamento. Justo nos parece, pois, que a sua promoção seja quanto antes feita, como recompensa merecida a quem sempre serviu dedicadamente a Republica. E o deputado sr. Julio Cruz honrou-se apresentando essa proposta.

## Trasladação dos ex-imperadores do Brazil

A egreja de S. Vicente está já completamente decorada para as exequias que se realisarão por ocasião da trasladação dos restos mortaes do ex-imperador do Brazil, cerimonia que se efectuará no dia 22, pelas 10 horas.

O cruzador «S. Paulo» é esperado no Tejo amanhã.



# Manifestação de simpatia á casa Tota

### Visita-nos uma comissão de comerciantes — A'quela casa bancaria afluiram hoje os depositos de dinheiro

Por um escrupulo facil de compreender não quizemos hontem designar a casa bancaria que, apoz sobresaltos determinados por malevolos boatos facilmente acreditados por todos aqueles que estão sempre dispos a crer no mal dos outros, foi alvo duma brilhante e justa manifestação de simpatia que traduziu uma nobilissima homenagem á nunca desmentida honestidade daquela casa bancaria.

Andou hontem pelas redacções dos jornaes uma comissão composta de acreditadissimos negociantes da nossa praça, afirmando a sua solidariedade e a de todo o comercio de Lisboa com a casa Tota, fazendo o mais rasgado elogio ás altas qualidades de inteligencia, altruismo e honestidade dos dirigentes daquela casa.

Essa comissão encontrou já fechados os nossos escritorios e teve a gentileza que muito reconhecidamente agradecemos, de nos visitar hoje, significando a sua simpatia pelo nosso jornal, tendo para nós palavras de imerecido louvor que comovidamente registamos e agradecemos.

Era essa comissão composta dos srs. Raul Correia Betencourt Furtado Antonio Bastos, Jacob Rush, Victor Guedes e Manoel Barroso.

A' casa Tota acorreu hoje muita gente, não para levantar, mas para efectuar depositos que atingiram a soma de alguns milhares de contos. Nem pôde fechar ao meio dia tal era a afluencia de depositantes em cujos rostos se denotava a alegria da bonança que sempre sucede á tempestade.

O bom senso e o patriotismo venceram por fim todos as somsaborias que mal disfarçadas malevolencias semearam no caminho daquela honradissima casa bancaria. Os seus dirigentes foram hoje muito abraçados e comprimentados.

# Compressão de despezas

### Por pretendida urgencia do serviço é nomeada mais uma dactilografa para o ministerio do trabalho

*A Luta* de hontem inseria um artigo do sr. dr. Brito Camacho no qual, apreciando o enorme aumento das despezas publicas, diz, entre outras coisas, o seguinte:

«Certo é que os dinheiros publicos de ha tempos a esta parte, tem sido gastos sem aquele escrupulo de bôa aplicação que deve ser a regra de proceder a quem assume o encargo de gerir a fazenda alheia, não pela força imperativa da lei, mas por interesse proprio de qualquer natureza, que mais não seja para satisfação da vaidade.

Não se exagera quando se diz que os cofres publicos têm estado a saque, e para se ver que assim é, bastará atentar na creação de serviços que se tem feito, sem justificação cabal, e no enxame de parasitas que desfrutam a colmeia do tesouro, comendo o escasso mel que fabricam as abelhas que trabalham».

Ninguem poderá de boa fé contestar a verdade de taes afirmações. Não se compreende, com efeito, o acrescimo extraordinario das despezas publicas, senão concordando que o paiz tem sido tratado pelos que o teem governado como roupa de francezes.

O lema dos governantes tem sido sempre este: «Do pão do nosso compadre grossa fatia ao afilhado». Mas a culpa não é só dos incompetentes e dos desonestos. E' tambem d'aqueles que, podendo ter feito sentir na governação publica a influencia da sua competencia e, sobretudo da sua honestidade, se recolheram a um comodo abstencionismo não inteiramente liberto, porém, de responsabilidades, e graves.

De resto, parece que isto não tem emenda possivel. Ainda agora foi nomeada mais uma dactilografa para o ministerio do trabalho com o especioso pretexto d'uma urgencia de serviço que ninguem compreende, porque é sabido que esse ministerio e outros estão a trasbordar de dactilografas.

A não ser que ela seja mais habilitada que as outras.

Talvez saiba escrever á maquina.

Ou então escreverá sanscrito e talvez, quem sabe?, tenha a especialidade de escrever notas oficiosas que os governos agora produzem em grande abundancia, sendo mesmo a unica coisa em que mostram actividade e diligencia.

Mas quando acabará de vez este abuso de gastar prodigamente o dinheiro de todos nós?

## EM VIAGEM

### Novas de bordo do «Moçambique»

Foi hoje recebido o seguinte radio:

TENERIFE, 14.—Os passageiros do vapor «Moçambique», enviam saudades ás suas familias e seguem bem.

AUTENTICAS

# O melhor abraço

Ela adora o mar. Durante o estio e o outono as salsas ondas saboreiam a exuberancia da sua vida, a graciosa resistencia de seus musculos. Neptuno todo babado revê-se extatico naquele desembaraço de nereide. E então é vê-la nadar, mergulhar, fazer-se ao largo, desaparecer na distancia ou entre as criptas das vagas.

E se assim ador ao mar, que admira que o mar a queira como a filha dileta?

Passados os primeiros dias de outono, o tempo introviscou-se, as trovoadas teem sido contadas pelas luas e o baboso salso argento anda dessasocegado e triste. Ciumes de tanta gente linda que a Terra lhe arrebatou com o advento das chuvas e um novembro aspero.

Ela, porém, nada lhe prefere. Aquela soberba figura que a escorrer agua e limos, se cobre com busios e conxas, é a sua fascinação permanente.

Assim, ei-la, ha dias já, sentada sósinha na Boca do Inferno, em Cascaes, com um livro nas mãos, esquecida do livro e de si, absorvida em pensamentos largos como o oceano que se lhe rojava aos pés.

A amplidão! não ha nada como a amplidão para elevar as almas, para nos dar a abstracção das coisas.

As informações dos sentidos param e a gente perde-se, numa certa afinidade como o infinito.

Estaria assim a nadadora intemerata; e foi naquele enlevo dalma, que pai Atlantico a surpreendeu.

Uma vaga desegual, volumosa e potente arrebatou-a, sem que ela tivesse sequer previsto a possibilidade do rapto. Subito sentiu-se nos braços dum amigo, mas a excitação, a furia não se calmou depressa. Por uma inspiração divina, fez o contrario do que a todos ocorre. Em vez de nadar para terra, o que seria a morte, despedaçada contra os rochedos como o formoso Hipolito, afastou-se da costa, fez-se ao largo. Ali se despiu, ali se descalçou, ali, já mais tranquila, entre as ondas alterosas, se poz á espera da salvação.

Umas senhoras que por ali passavam, acenavam-lhe, que esperasse, que tivesse coragem; e ela pensava que lhe queriam significar que nadasse para terra.

«Mas é uma loucura»—exclamava ela; «seria despedaçada».

Entretanto, um rapaz que o destino ali levára, correu á vila a pedir socorro. O salva-vidas partiu, mas seguia a remos. O mar era muito e avançava lentamente. Ela ia-se arroxeando com o frio, descançava de costas, nadava depois de aguilha para se desentorpecer.

E Neptuno regalado sustinha-a amigo, triniante e gososo. Matára saudades, tinha-a ali em seus braços colericos, naquele dia de temporal.

O pai, o nobre pai da arrebatada seguia ignorante do sucesso por uma rua de Cascaes, quando ouviu:

—«Olha como ele vae tão descançado, e a filha a morrer afogada.»

Uma hora depois, o salva-vidas chegou-se a ela e um dos homens da tripulação estendeu-lhe os braços.

Após uma hora de deleite Neptuno amerceára-se, condera-se da sua présa.

De resto para que a quereria ele morta?... Nunca mais a sentiria, a dentro do seu reino, nos dia caloroso e de bonança.

—Foi o melhor abraço da minha vida; — disse a salva das ondas para o seu bondoso pai que ainda não retomperou, daquele imenso abalo, o seu coração.

Que Neptuno ignore o dito: os deuses são zelosos ciumentos dos homens e de seus feitos; — ai do arraes, se ele o toma de ponta!

D. Thomaz de Noronha.

## Grandioso festival de Beethoven

O proximo concerto da «Orquestra Sinfonica Portugueza, dirigida pelo maestro Pedro Blanch, que é extraordinario, e que se realisa no domingo no Teatro São Luiz, é uma das mais notaveis tardes de arte. Com um magistral programa especial, comemorativo do 15.º aniversario do nascimento de Beethoven, neste grandioso festival executar-se-hão por todos os professores dos respectivos naipes da Orquestra o celebre «Septimino», completo, com todos os andamentos, a famosa «5.ª Sinfonia», o «Allegretto Scherzando» da «8.ª Sinfonia», a brilhante ouvertura da «Leonora», e outras obras que constituem os maiores exitos da Orquestra Blanch. O entusiasmo por este festival é grande pela procura dos bilhetes pois todos querem, com tempo, assegurar o seu logar.

## MUSICA

**Concerto no Politeama.**—Ha muito se não reunem num unico concerto tantas obras preciosas como os que no domingo proximo se propõe executar no Politeama a orquestra organisada e dirigida proficientemente pelo talentoso maestro Fernandes Fão. Na 1.ª parte será tocada o «Oberon», de Weber; o preludio e morte de «Tristão e Isólda», de Wagner; e a «Morte e Transfiguração», de Strauss.

Conhecidas todas estas obras, é desnecessario é encarecer-lhes o valor; a sua junção, as responsabilidades de execução que lhes cabe redobrada, precisamente para se seguirem, é que faz com que as revelamos, para que não passe despercebido o esforço. A Sinfonica n.º 4 de Glazounoff, dos compositores russos contemporaneos um dos mais notaveis e productivos, já apreciada entre nós pelas soberbias de orquestração, preenche a segunda parte e a 3.ª iniciada com a admiravel peça de Borodine, «Nas steppes da Asia Central», seguida d'um grandiosissimo «Minuetto» de Oscar da Silva, fechando-se com a abertura dos «Mestres Cantores», de Wagner.



# ULTIMA HORA

## POLITICA

### As propostas de finanças e a conferencia Cunha Leal

E' hoje que o sr. Cunha Leal realisa a sua anunciada conferencia na Sociedade de Geografia como o fim de analisar as criticas feitas fora do parlamento ás suas propostas.

A conferencia é subordinada aos seguintes pontos: explicação da situação do paiz, do deficit orçamental, economico e suas causas; o estado dos cambios que tem posto a praça até agora á mercê dos especuladores; O Estado miseravel socorre a praça com escudos e libras, remedio para reduzir os «deficits» orçamental e economico; estabilisação e melhoria de cambio; compressão de despezas, emprestimos, circulação fiduciaria e impostos; Analise da eficacia destes meios e explicação dos motivos por que o ministro começou por recorrer ao imposto; analises dos diferentes sistemas de impostos; o cinkommenstein alemão; o imposto cedular em Inglaterra e França; o imposto sobre a riqueza mobiliaria na Italia;—sistemas mixtos de impostos; o imposto sobre o capital como complemento do imposto sobre rendimento na Russia e em alguns cantões da Suissa; o imposto cedular como complemento do imposto global em França;—inconvenientes geraes dos sistemas de impostos de rendimentos; analise da proposta do ministro sobre o imposto de rendimento;—respostas a varias entrevistas publicadas nos jornaes;—as falsas interpretações da sua proposta de lei e as leis em vigor em Portugal e no Estrangeiro;—a progressão das taxas nos paizes civilisados; O que se paga na França e na Inglaterra;—a contribuição de registos, etc. etc.

### A comissão parlamentar de finanças

A Comissão de Finanças voltou a reunir hoje no Parlamento para se ocupar das propostas Cunha Leal, sendo a reunião demoradissima. O sr. Antonio Maria da Silva que preside a essa comissão teve porem de permanecer na sala durante a sessão para se ocupar dos duodecimo pedidos pelo sr. Ministro das finanças o responder depois a um discurso do sr. José Barbosa sobre o mesmo assunto.

E foi demorado o discurso do sr. José Barbosa, dizendo-se que tal abuso da oratoria foi para dar tempo a que a comissão de finanças se entendesse... Já o sr. dr. Barbosa de Magalhãs ha dias fez o mesmo...

* *

As propostas de finanças tiveram já o condão de dividir o comercio. As associações comerciaes, a dos lojistas e a Comercial de Lisboa estão em desacordo. A primeira prometeu todo o seu apoio hoje ao presidente do ministerio, garantindo-lhe que ia estudar as propostas e auxiliar o ministro em tudo que esteja ao seu alcance.

E a divisão entre o comercio fez correr o boato, ao fim da tarde, de que talvez se preparassem manifestações de hostilidade ao sr. Cunha Leal durante a sua conferencia de hoje na Sociedade de Geografia. Mas todas as precauções foram tomadas, tendo-se realisado por tal motivo uma conferencia durante a tarde, na Sala dos Passos Perdidos, entre o presidente do ministerio e o 2.º comandante da policia.

* *

A questão dos duodecimos fez com que a discussão se arrastasse até muito tarde na camara dos deputados. Ao sr. José Barbosa está respondendo á hora a que escrevemos estas linhas o sr. Antonio Maria da Silva, com um longo discurso. A's 18 horas ainda não se tinha entrado na ordem do dia e logo que o «leader» dos democraticos acabe de falar o sr. ministro das finanças usará da palavra, afim de mandar para a mesa uma proposta de lei sobre o lançamento de percentagens ou seja um regimen transitorio para a contribuição industrial, predial, rustica e urbana, visto ainda não terem entrado em discussão as suas propostas.

## PARLAMENTO

### Na Camara dos Deputados

O sr. Plinio Silva, envia para a mesa um projecto de lei adiando as escolas de recrutas.

O sr. ministro das finanças fal sciente do caso o seu colega da guerra.

O sr. Orlando Marçal, apresenta um projecto regulando e beneficiando a situação dos ajudantes de escrivães, contadores e distribuidores judiciaes junto da Relação e tribunaes da 1.ª instancia. Requer urgencia.

Concedida urgencia e dispensa do regimento ro projecto do sr. Plinio Silva, para que seja discutido na primeira sessão de janeiro, aprova-se também a urgencia requerida pelo sr. Orlando Marçal, entrando depois em debate a proposta de duodecimos para os dois primeiros mezes de 1921, apresentada hontem pelo sr. ministro das finanças.

O sr. Lelo Portela, sendo contrario ao regimen de duodecimos, mas transigindo em face das necessidades do momento, votará apenas o que se refere a janeiro. O sr. Rego Chaves, embora aceite a opinião de que se deveria votar o orçamento geral do Estado, aprovaria nesta hora mesmo uma proposta que os autorisasse até ao fim do ano economico, por conhecer as dificuldades para se elaborar esse orçamento.

O sr. João Camoesas, votará apenas um duodecimo, e coagido por necessidade de habilitar o Estado a satisfazer os seus compromissos, estando disposto a corrigir o seu parecer se o sr. ministro das finanças apresentar razões que justifiquem os dois.

O sr. ministro das finanças quiz poupar trabalho á camara, cujos trabalhos o que lamenta, vão ter longas ferias, segundo se diz. Declara que se em janeiro for ministro apresentará uma proposta sobre orçamento geral para 1921-922.

O sr. Orlando Marçal, acha justificavel a proposta.

O sr. Eduardo de Souza, vota com declarações. O sr. Antonio Maria da Silva, defende a doutrina de que se deveria discutir-se o orçamento e reduzil-o, comprimindo as despezas. Insurge-se contra o largo periodo de ferias que se anuncia. Alvitra a votação d'um só duodecimo, sem isso representar desprimor para o ministro.

O sr. José Barbosa, combate a proposta.

### No Senado

O sr. Julio Ribeiro requer que pelo ministerio da intrução lhe seja fornecida nota das habilitações literarias que constam do processo do professor provisorio do liceu de Portalegre, sr. Casimiro Mourato.

O sr. Silva Barreto ocupa-se de assuntos de instrução, apreciando o estado em que se encontram os edificios escolares e faz uma ligeira analise da organisação do ensino primario. Conclue mandando para a meza um projecto de lei criando um muzeu pedagogico em Lisboa e muzeus escolares nas cidade de Porto e Coimbra.

O sr. Pereira Osorio requer urgencia e dispensa do regimento, o que é concedido, para a imediata discussão do projecto restabelecendo o tribunal do comercio do Porto, nos termos da legislação anterior ao decreto de 26 de maio de 1911. Aprova-se sem discussão.

O sr. Herculano Galhardo tambem requer dispensa das costumadas formalidades para a proposta de lei tornando extensiva a contribuição a que se refere o artigo 3.º da lei 999, de 15 de junho de 1920.

Refere-se aos conselhos por onde se façam exportações para o extrangeiro, não podendo, quanto a vinhos, ser superior por hectolitro á quantia de $40, para os vinhos licorosos, e $20 para os vinhos comuns. Dispensa e proposta aprovados.









## Ecos & Noticias

**Justa homenagem**

Pelo governo da Belgica foi agraciado com o grau de Cavaleiro da Ordem da Corôa o ilustre pintor sr. Albert Jourdain, que se encontra residindo em Portugal e tanto já nos honra com a sua obra aqui sentida e vivida, pelos serviços prestados no intercambio de Arte, que representou para os dois paizes a exposição de pintura belga que o ano passado se realisou em Lisboa.

Foi uma justa homenagem prestada ao grande talento de artista moderno que é Albert Jourdain, que já se considera entre nós como em terra propria, por tal forma se sente em comunhão de simpatia por esta segunda Patria, onde veio reatar a tradição que tão irmanados trouxe os grandes pintores flamengos e portuguezes do seculo XVI.

### Marinha de guerra

Realisa-se hoje, ás 21,30, na sala de desenho da Escola Naval, uma reunião magna de oficiaes da armada, promovida pelo Club Militar Naval, o fim de se assentar nos termos de uma mensagem a entregar ao sr. ministro da marinha.

Compreendendo a corporação a necessidade de desenvolver os meios de defeza nacional, sem aumento dos encargos do tesouro publico, pretende ela unicamente que sejam suprimidos serviços dispensaveis em tempo de paz e desenvolvidos todos os que possam contribuir para a eficiencia da missão da marinha de guerra.

### Serviço de policia nos teatros

No gabinete do comissario geral da policia houve uma conferencia entre o major sr. Azeredo e os representantes das empresas teatraes e de animatografos, afim de se acordar no aumento de gratificação aos guardas que fazem serviço nessas casas de espectaculo.

Ficou resolvido que aos cabos se dê 3 escudos e aos guardas 2$50 a cada um e por cada noite que prestarem serviço.



### Universidade Popular Portugueza

O sr. dr. Azevedo Perdigão, realisa hoje, pelas 21 horas, a 2.ª lição da série sobre «Economia Social; condição das classes trabalhadoras», concluindo a introdução de suas prelecções com o seguinte sumario:—Internacionalisação das leis operarias; sua necessidade e termos em que deve ser entendida; seus obstaculos e meios de os evitar. Primeiras tentativas:

O congresso de Paris e a Associação Internacional para a protecção das classes trabalhadoras. Fins e obra da Associação Internacional. Codificação das leis operarias e como deve realisar-se.

Passará em seguida á primeira parte, tratando das «condições geraes de inferioridade economica e social das classes trabalhadoras». Salariado e salarios. O salario dominando toda a vida operaria. Forma de pagamento do salario. Salario nominal e real. As variações do salario e factores d'essa variação.

A entrada é publica.



## Poeira da Arcada

**Conferencias**

O sr. Barbosa de Carvalho, administrador de Sobral de Mont'Agraço, conferenciou com o comissario dos abastecimentos, acerca do abastecimento de pão naquele concelho.

O senador sr. dr. Vasco Marques conferenciou hoje com o sr. presidente do ministerio e embarcou pouco depois no vapor inglez «Andorinha», com destino ao Funchal.

**Assuntos de instrução**

Os professores agregados do segundo grupo, sr. Manuel da Camara Leite, e do 6.º grupo sr.ª D. Maria das Dores Luciana Petra Urgina Rodrigues Tocha, foram colocados, respectivamente, nos liceus de Portalegre e eminino de Lisboa.

Foi para a «Diario do Governo» o decreto nomeando o sr. Augusto de Almeida Vasconcelos oficial da secretaria do liceu de Gil Vicente.

**Construção d'um hospital**

Na ultima sessão do Conselho Superior de Higiene foi distribuido para consulta o projecto e planta do hospital D. Ana Laboreiro d'Eça, que a respectiva camara municipal pretende construir em Condeixa-a-Nova.

















## Alfandega de Lisboa

### Leilão

Segunda e quarta-feira, 20 e 22, ás 13 horas, no armazem de leilões, proceder-se-ha á venda de 900 mil aduelas de castanho em varias dimensões.

As condições serão patentes no acto do leilão.

Alfandega de Lisboa, 11 de dezembro de 1920.

O escrivão

Alfredo Marcolino de Almeida

# A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3727 — 11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Quinta-feira, 16 de Dezembro de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de Impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 5 centavos


# Odio á imprensa

O sr. Cunha Leal, ministro das finanças da Republica Portugueza, proferiu hontem um discurso cujo «clou» foi um insulto á imprensa do seu paiz. Escolheu para esse fim a Sociedade de Geografia, fundada sobretudo pelos homens da pena, tendo sido a sua alma, durante muitos anos, um jornalista: Luciano Cordeiro. Felizmente que ao acto em que esse insulto se proferiu, sahido dos labios dum ministro da Republica, da Republica que deve sobretudo o seu triunfo á imprensa, não presidiu nenhum representante da Sociedade do Geografia. Presidiu um colega do sr. Cunha Leal, presidiu o sr. Alvaro de Castro que desgraçadamente não teve uma palavra para repelir o insulto em que todos os jornaes que não defendem ás cegas as propostas do sr. Cunha Leal foram incluidos, considerando-os, uns como estranguladores e os outros como faquistas.

E' curioso vêr como o espirito tacanho, espirito despotico se o ha, leva creaturas que tantas vezes por simples bamburrio, ou por falta de verdadeiras competencias se alcandoraram no poder, a não poderem disfarçar o seu odio á imprensa.

Um predecessor do sr. Cunha Leal, como ele governante deste paiz, como ele considerado um Messia, e como ele gostando de andar pelas salas das associações e dos centros invectivando os seus adversarios, o sr. João Franco, tambem a primeira manifestação que revelou dos seus propositos ditatoriaes, foi o odio cego á imprensa. Tambem para ele a imprensa era só dos mais medonhos crimes, porque não o apoiava, porque não estava disposta a fazer-lhe o jogo, porque compreendia que a sua missão não consistia em apoiar servilmente a politica dos governos em detrimento dos interesses do paiz e da causa da liberdade.

O odio á imprensa é a pedra de toque do espirito despotico, um dia revelando-se nos dograus dum trono, outro dia fazendo escudo das inconsciencias da populaça.

E' que a imprensa é a mais segura garantia da democracia; é que a imprensa é a maior força dos tempos modernos; é que a imprensa representa sempre as aspirações nacionaes, tantas vezes traídas pelos partidos e pelas politicas que se acomodam com as combinações mais hibridas, que transigem por meio de cumplicidades que vão quasi á apostasia. A imprensa é o espectro dos mediocres e dos vaidosos. Representa a opinião, sobretudo nos paizes onde o tablado dos comicios está interdito a tudo o que não renda o seu preito ao jacobinismo nas ruas ou ás prepotencias do poder. Por isso, todas as situações anormaes, nas sociedades regidas por monarquias ou republicas, se caracterisam pelo odio á imprensa, pela perseguição á imprensa, pelos insultos á imprensa.

Vae no domingo realisar-se um comicio para apoiar as propostas do sr. Cunha Leal.

Já para ahi corria o boato de que a esse comicio se seguiam manifestações contra os jornaes que não cordam com todas as disposições, com todas as palavras, com todos os pontos e virgulas das propostas de finanças. Sabidos os habitos da sua furia sectaria, é de presumir que tees manifestações se destinam a envergonhar mais uma vez a Republica, assaltando-se esses jornaes, porque é esse o argumento considerado irrespondivel.

Não seria mais do que a correspondia em gestos dos insultos hontem proferidos pelo sr. Cunha Leal, membro do governo da Republica, contra a imprensa portugueza. O que é certo é que nunca, até hoje, desceu de tão alto o estimulo implicito á consumação de novos atentados dessa especie.

Continuem nesse caminho, que vão bem! Portugal, consoante o reconhecia Oliveira Martins, sempre sofreu do acessos de furia africana. A obra da democracia, que é a obra da civilisação, tende a varrer dos costumes dos povos esses residuos de barbarie. Para isso, a acção da imprensa tem largamente contribuido.

Mas, neste principio do seculo XX, ha governantes, e governantes duma Republica que entendem que a melhor maneira de fazer a obra que á democracia compete está em açular contra ela as paixões, insultando-a e humilhando-a. Hontem, as ultimas palavras do sr. Cunha Leal foram cobertas com murros «á imprensa vendida»! A imprensa não está vendida; o que pode suceder, se se renovarem contra ela atentados que já tanto nos envergonharam, é que a Republica fique deshonrada.

## Aos artriticos

Que consomem preparados de Iodo estrangeiros, lembramos-se de que se o Iodal não fosse de efeitos admiraveis, não seria recommendado por professores illustres taes como os srs. doutores Bello de Moraes, Sobral Cid, Egas Moniz, Moreira Junior, Anibal Bettencourt, Lopes Martins, Costa Nory, etc.



# Abastecimentos
## Racionamento

**Parece que vão ser racionados varios generos e entre eles o pão. Terão os poderes publicos a consciencia do que poderá vir a acontecer?**

Quanto mais nos afastamos do termo do conflito mundial, mais poora a nossa situação ao contrario do que está sucedendo em todos os outros paizes que se vão refazendo dos abalos sofridos, caminhando desembaraçadamente para a normalidade da sua vida. Nós temos vindo vogando á mercê da incompetencia e da ganancia. Ninguem se incomoda a estudar as questões á luz da razão e do bom senso.

As soluções adoptadas são quasi sempre as soluções simplistas tão queridas dos ignorantes.

Não ha pão? Nada mais simples, suprime-se o pão! Não ha açucar? Ora, passa-se sem éle! E depois de tomadas estas resoluções ficam a considerar-se para dentro de si mesmos gigantescos estadistas. E nós temos de os aturar.

Insurgiram-se tanto contra o contrato dos trigos realisado pelo sr. Inocencio Camacho com uma firma da praça de Lisboa, pelo qual ficava assegurado o abastecimento de trigo por largo tempo a todo o paiz, com vantagens insofismaveis para o Estado, sob o ponto de vista do preço e do pagamento, e não encontraram nenhuma solução que o substituisse.

O resultado é este: O paiz está sem trigo e o pão vae ser racionado.

Mas sabem os menos esses senhores que mandam nos abastecimentos a que amarguras sujeitam a população, racionando-lhe o pão?

Ignorarão esses senhores que o racionamento do pão é a fome com todos os seus horrores? Pois porque é que tem crescido extraordinariamente o consumo do pão? Porque, apezar do alto, apezar do seu elevado preço, ainda é o alimento a que com mais facilidade chegam as classes pobres. Se ele falta, o que hade comer esta gente?

O açucar é outro genero que, segundo se diz, vae ser racionado a razão de meio quilo mensal por pessoa.

Se não é inconsciencia, é ignorancia completa do importante papel que este genero desempenha na alimentação publica. E' dos que figuram em primeiro logar na lista dos generos de primeira necessidade.

Os alemães, que estudam profundamente todas as questões e principalmente as que mais de perto se ligam com as imperiosas necessidades da humanidade, usam-no em grandes quantidades. Distribuem as suas forças armadas grandes porções d'este genero.

Entre nós todos sabem que o café e pão constitue o almoço da maioria da população que não possue meios para mais sucülentos ágapes, e pode-se calcular a falta enorme que lhe ha de causar o açucar.

Estamos d'aqui a vêr a resolução salomonica dos nossos ingentes estadistas: «Que tome o café sem açucar».

E não ha volta a dar-lhes.

Temos de os aturar.

### Comerciantes amadores e especuladores eventuaes

Não falta quem, para desculpar a incompetencia, negligencia e não sabemos mais quê, de muitas das pessoas que teem intervindo nos abastecimentos, lance a culpa da excessiva carestia dos generos alimenticios e da sua rarefacção no mercado para as costas dos comerciantes eventuaes. Nada mais inexacto e a prova é que já desapareceram esses comerciantes e nunca os generos atingiram tamanho preço, nem houve tão grande falta de generos no mercado como agora.

Portanto qualquer procedimento contra esses supostos comerciantes com o fito de baratear os generos, resultará inutil, porque já não existe o alvo. Mesmo que existisse, não resultaria esse procedimento coisa alguma.

Os Bancos não concedem já as facilidades de credito que então ofereciam, e alguns desastres bolsistas que apanharam alguns dos amadores d'essa especie de especulação, curaram muita gente da pretenção das especulações.

Não existem já, pois, os taes comerciantes eventuaes contra os quaes se anuncia um golpe como remedio eficaz contra as dificuldades crescentes da vida.

Só se o golpe não tem por objectivo estes comerciantes, mas outros que, tendo afinidades de variada especie com o Estado, se dedicavam a negocios em que este participava. No mundo comercial eram designados como *criaturas que trabalham á comissão nos ministerios*.

Eram trez as formulas por eles postas em pratica: preenchido o negocio, ou davam á dica ao primeiro capitalista que se lhes deparasse mediante comissão ou estabeleciam contracto com o E. digo indispensavel a sua participação, constituindo-se emprezas novas em que, além d'eles, entravam outras emprezas já existentes, ou se substituiam aos interessados, aos quaes iam depois oferecer o artigo sobre que tinha versado o negocio.

Se contra estes se dirije o anunciado golpe, possivel é que bata certo, porque d'esses negocios devem ter ficado vestigios visiveis nos respectivos ministerios. Contra os outros não; vão lá agarrá-los agora que acabaram os negocios ha tanto tempo, sem deixarem qualquer rasto.



## VIDA TEATRAL

# "LE PHALÈNE"

### de Henry Bataille em tradução portugueza

A dedicação de um Amigo deu-me a ocasião de ser o primeiro a trazer a publico uma noticia de teatro absolutamente inesperada: o sr. dr. Alfredo Pimenta, o poeta da «Paysagem de Orchideas» e do «Livro das Sinfonias morbidas», trabalha numa tradução da peça «Le Phalène» de Henry Bataille. E no desejo de encontrar a melhor interprete, hesita entre as senhoras Amelia Rey Colaço, Berta Viana da Mota e Ester Leão.

Do exito que tal representação deve trazer, não se pode duvidar. O teatro de Bataille—embora aqui os emprezarios profiram Wolff, Nicodemi... e o sr. Martinez Sierra—seduz o nosso publico, e melhor do que outro qualquer é capaz de educar o seu bom gosto, trazendo-lhe intuitivamente um pouco da espiritualidade e do horror ao banal de que anda tão afastado.

O teatro de Bataille, serie de fabulas de mulheres apaixonadas, tem o doce misterio de tudo o que trata dos sentimentos femininos. Henry Bataille é actualmente o mais exacto conhecedor da sensibilidade feminina, e mostra-nos nas suas peças toda a gama dessa sensibilidade; sob tal ponto de vista tem dotes superiores a Gabriele d'Annunzio.

Contando os grandes momentos intimos da alma feminina, em que se desfia ternura ás escondidas, ele conquista a parte do publico que pode sentir as paixões dissimuladas, as caricias subentendidas e as inquietudes do pudor, o que entende o amor como uma luta calma de pensamentos suaves e inconfundiveis, que não precisam de ser ditos mas apenas de ser seguidos com sinceridade e compreendidos no silencio.

Mas, um pouco pérfido nas suas amarguras e nos seus desesperos de amor, ou mesmo nos seus simples remates, o teatro de Bataille inspira de quando em quando a curiosidade das coisas do pecado...

As heroinas deste teatro, vitimas da passividade e da servitude do seu sentimento, leal e dedicado como o dar verdadeiras mulheres, morrem quasi sempre angustiosamente, com a dos cuidada inocencia da borboleta que procura a chama porque ela brilha...

Então sórvem o veneno, desvairadas em caprichosas vertigens sensuaes, na mesma irreflexão de um impulso, numa sujeição de hipnotisadas. E uma vez ele servido encaram o futuro com um heroico estoicismo de apostolos; se o Amor foi a sua vida, que seja tambem a sua Morte!...

Contrastando, pois, com aquele mostruario de platonismo amoroso, vem este outro de ineditas «nuances» dos caprichos praticos dos sentidos.

Ora se ha peça de Henry Bataille em que estejam bem acentuados—e maravilhosamente acentuados—estes dois motivos, é em «Le Phalène».

E' uma aventura em que ha ao mesmo tempo Amor mistico e pagão, lirismo e voluptuosidade. E' uma peça para agradar a todas as côres da plateia, e isso prova-o a discussão de que foi alvo, encontrando defensores e detractores na critica, mas sempre interesse e encanto no publico.

O sr. dr. Alfredo Pimenta conservará o ambiente que Henry Bataille creou na «Phalène»: tanto nas suas obras como neste novo aspecto do temperamento de Bataille, se respira a mesma atmosfera de sensualidade morbida, a mesma lascivia levemente corrupta e a decadente que um dia se tornaram forma d'Arte, e como tal mantem o decurso da peça num elevado grau de esteticismo onde não chegam as discussões sobre o moral e o imoral.

Não se poderia encontrar, portanto, outro tradutor que melhor soubesse sentir e compreender o momento artistico em que foi escrito «Le Phalène».

Sobre a dificuldade na escolha da interprete compreendo perfeitamente as hesitações do tradutor. Ele apoiou-as em afirmações justissimas. Ha em cada uma das escolhidas, qualidades que a fariam preferir se não se lhe opozessem defeitos que muito as prejudicam.

Assim, e para exemplo, o sr. dr. Alfredo Pimenta encontra na sr.ª Rey Colaço uma distinção de maneiras e um habito da vida espiritual e artistica que o papel de *Thyra* não dispensa; vê na sr.ª Viana da Mota um gosto no vestir, o portanto uma visão clara das necessidades de luxo —e do luxo um pouco avançado!— que a indumentaria de *Thyra*, ás vezes estranha e provocante, impõe; e finalmente na sr.ª Esther Leão, a mais completa realisação plastica da protagonista. E' a figura que melhor se ajusta ao caracter doentio do espirito e do corpo, da *Thyra*, pela violencia selvagem dos seus ritmos e dos seus gestos de *bel animal lâché*, e pelo seu aparente esgotamento que não se resigne, como essa outra brasa quasi a apagar-se depois de ter ardido ao calor de todas as chamas...

Como se vê, se só qualidades estivessem em campo estabelecendo o litigio, a escolha já era dificil. Mas o sr. dr. Alfredo Pimenta saberá bem pesar os argumentos, e se não conseguir uma solução satisfatoria no que respeita á representação de *Le Phalène*, porporcionar-nos-ha ainda um prazer delicadissimo, dando-nos a lêr o seu trabalho, por certo um primor de estilo, de espirito e de correcção.

**Ruy de Veras.**

# PELO TELEGRAFO

### Saudações aos soberanos belgas

BRUXELAS, 14.—No momento de sair da Belgica, o comandante do «S. Paulo» dirigiu á rainha um radiograma apresentando á soberana as suas homenagens dizendo que levava no coração uma afectuosa recordação do acolhimento que lhe foi feito na Belgica. Fez votos pelas prosperidades de suas magestades e pela heroica Belgica. O rei respondeu, desejando feliz viagem ao comandante e oficiaes do «S. Paulo» e afirmando que conservará uma agradavel recordação da visita.—(*Americana*).

### Uma gentileza do rei Alberto

BRUXELAS, 15—O rei Alberto sabendo que uma irmã do sr. Galogeras, ministro da guerra brazileiro, habitava nesta capital, convidou-a a assistir ao banquete que foi oferecido aos oficiaes do «S. Paulo». Sendo essa senhora casada com um oficial do exercito belga, que se encontra na região ocupada, o rei telegrafou-lhe convidando-o egualmente a tomar parte no banquete.—(*Americana*).

### A Argentina e a Inglaterra

BUENOS AIRES, 15.—O jornal «A Epoca» em resposta ao artigo do «L'homme libre» a proposito da simpatia do presidente Irigoyen pela Inglaterra, diz que sir Maurice de Bunsen conhece bem os sentimentos que o chefe do governo argentino manifestou nos momentos mais criticos da guerra e numa epoca em que se não podia prever ainda o fim.—(*Americana*).

### Novo caminho de ferro

BUENOS AIRES, 15.—Ha negociações entaboladas entre os governos chileno e o argentino para a construção duma nova linha de caminho de ferro de Salta a Antofagesta.—(*Americana*).

### Dois banquetes

GENEBRA, 15.—Pela comemoração do centenario do descobrimento do estreito de Magalhães, a delegação chilena ofereceu um banquete á delegação hespanhola. Presidiu o presidente da delegação do Chile, tendo á direita o embaixador de Espanha e á esquerda Rodrigo Octavio, presidente da delegação brazileira.

Ao «toast» Ribas Viena, delegado chileno, proferiu um eloquente discurso, pondo em relevo o papel de Espanha colonisadora e de cultura intelectual que deixou na America. Falando no Brazil, expressou-se em termos elogiosos para a Republica latina.

Quivares e Rodrigo Octavio agradeceram as lisongeiras referencias feitas á Espanha e ao Brazil.—*Americana*).

GENEBRA, 15.—A delegação do Brazil ofereceu um banquete á delegação da assembleia, sendo 84 os convidados. Trocaram-se brilhantes discursos.—(*Americana*).

### A assembleia de Genebra

GENEBRA, 15. — Juan Carlos Blanco, delegado de Uruguay, foi eleito vice-presidente da assembleia de Genebra em substituição de Peyraredon.—(*Americana*).

## VIDA ARTISTICA

### Sociedade Nacional de Belas Artes

Foi eleito o juri que ha de escolher e classificar os trabalhos apresentados á proxima exposição de aguarela, promovida por esta agremiação.

Como nos anos anteriores, é avultado o numero de obras a expor, algumas de raro merecimento e que valem bem ser admiradas e adquiridas.

O juri ficou composto pela seguinte forma:

Presidente: Jorge Colaço; vogaes: Alves de Sá e Leitão de Barros (pela aguarela), Martinho da Fonseca e Varela Aldemira (pelo desenho).

Na exposição figuram trabalhos de aguarela, desenho e pastel e a este certamen concorrem os nossos melhores artistas do genero, citando-se desde já entre eles: Roque Gameiro, Alves de Sá, Martinho, Leitão de Barros, Gabriel Constante, Jacque Barata, Ribeiro Cristiano, D. Raquel Gameiro, D. Hebe Gomes, D. Marina Roque Gameiro, M.lle Santos Matos, D. Berta Borges, D. Maria José Portugal, Varela Aldemira, Tertuliano, Frederico Aires, Eduardo Romero, Pedro Guedes, etc. etc.



### O problema das aguas

*Porque está você a chorar? Porque não chegaram os seus vestidos de Paris? Mas que horror! Porque se não queixa á repartição do turismo? Não sei se sabe que as lagrimas, como as violetas, não ficam bem ás raparigas bonitas. Olhe lá: porque não guarda as suas lagrimas—para daqui a seis mezes? Não eram oportunas? Engano. Teria uma optima ocasião de prestar um serviço á cidade. Se todas as mulheres chorassem no verão teriamos resolvido o gravissimo problema—da falta de agua. Ha uma comissão, é certo, para resolver o assunto, mas eu não sei, juro-lhe, se se nomeou uma comissão para resolver a falta de agua se se inventou a falta de agua—para nomear a comissão...*

### Ciumes

*Assisti hontem, na rua da Prata, a uma scena de pugilato. Os contendores injuriaram-se, arranharam-se, morderam-se—e ao contrario do que sucede quasi sempre nos duelos, não se reconciliaram. Perguntei o motivo da luta. Disseram vagamente: ciumes. C'est l'eterelle chanson. Todos aqueles que imaginam que o amor entre os gatos é um simples logar—comum—enganam-se redondamente. A tragedia da rua da Prata—foi uma pagina admiravel, orgulhosa de paixão entre bichanos... Ah! Esqueci-me de lhes dizer que os contendores—eram dois gatos.*

### Os ovos

*Os ovos aumentam de preço—dia a dia. Teremos em breve os ovos á venda nas ourivesarias—como as pérolas. E' interessante, não é? Mas porque aumentam os ovos? Porque as galinhas, não põem? Muito bem. Não se esqueça, então, senhor comissario dos abastecimentos, de fazer um apelo... aos gatos portuguezes.*

**Luis d'Oliveira Guimarães.**

## AUTENTICAS

# Ecce mulier!...

*Ex.mo Sr. D. Tomaz de Noronha*

Lisboa, 15 de dezembro de 1920

No jornal «A Capital» publicou v. ex.ª dois artigos de verdadeira propaganda feminista, sob os titulos, Sombras que passam» e «Ecce Mulier!» que não podem passar despercebidos no Conselho Nacional das Mulheres Portuguezas, unica associação de caracter essencialmente feminista que existe em Portugal.

Em nome desta associação de que, tenho a honra de ser presidente, venho apresentar a v. ex.ª os protestos da nossa mais alta consideração e estima pela publicação dos referidos artigos e ao mesmo tempo solicitar-lhe que se não esqueça da causa da mulher, que tão necessitada está do amparo das altas individualidades do nosso paiz.

O artigo «Ecce mulier!» vae ser transcrito pelos orgãos do Conselho Nacional das Mulheres Portuguezas, «Alma Feminina» enviando já um exemplar do ultimo numero para v. ex.ª poder avaliar o seu caracter doutrinario que, atravez de 6 anos tem sustentado contra toda a especie de dificuldades financeiras e muitas outras contrariedades.

Por ser a unica revista que se publica em Portugal, por ser a unica que se encontra em campo, só, sem o auxilio moral ou material de qualquer individualidade a não ser o das associadas do Conselho, por tudo isso talvez ela não tenha sucumbido ainda, continuando a manter uma linha de conduta que poderá ser apresentada como programa das feministas portuguezas.

O nosso Conselho e a «Alma Feminina» voriam com prazer o engrossamento das suas falanges combativas pela adesão desses elementos novos e inteligentes que V. Ex.ª tem encontrado durante a sua vida de professor.

Vindo eles até nós, encontrarão já uma organisação formada, intimamente ligada com outras associações congeneres, federadas no «Internacional Cauncil of Women» onde estão representados 32 paizes e entre eles Portugal e num total de 20 milhões de mulheres.

Todos eles serão sempre bemvindos.

Aceite v. ex.ª os protestos da minha admiração.

Saude e Fraternidade

A presidente:—*Adelaide Cabette*

### Universidade Popular Portugueza

Realisa-se hoje, pelas 21 horas, n'esta instituição de educação popular, rua Particular á Rua Almeida e Souza, ao Campo de Ourique, a 2.ª conferencia sobre *O estado actual da Sociedade Portugueza* pelo sr. dr. Reis Santos, professor assistente da Faculdade de Letras.



## CROQUIS DE VIAGEM

# NA BOA PAZ

### XXXII — *Da ponte dos Sospiri á ponte di Rialto*

O gondoleiro para encurtar caminho quer meter por algumas ruas estreitas, mas não lh'o consinto. Quero seguir pelo Canal Grande—o «boulevard» inundado—e só depois de ajustarmos um acrescimo de 5 liras, ás 10, da passagem até S. Marco, é que o pobre bandido se resolve a seguir pela rua principal de Veneza.

Quantos nomes ouço enumerar, sem poder fixá-los, de palacios, palacetes, casas adormecidas sob uma capa uma rela fulgente! O cobre dourado domina por aqui; restos de fausto, de riquezas doutros tempos, que se explicam nestas palavras ôcas mas ressoando tambem metalicamente.

—Il palazzo Foscari, il palazzo Contarini dello Figuro... queste és di Barbarigo della Terrazza...

Não tenho o gosto de conhecer os proprietarios desses nomes em estilo gotico, e as casas onde habitaram deixam-me a impressão de tumulos familiares profanados por escolas, hoteis, escritorios comerciaes e até repartições de finanças.

E' bem certo que a beleza reside nos nossos olhos, apenas no nosso espirito.

Se eu fosse poeta veria talvez mais beleza, só beleza neste scenario que desliza aos lados da gondola, e os mangas d'alpaca, os caixeiros, os professores de rabona que lá por dentro fazem a vida seculo XX, teriam a meus olhos outros aspectos, seriam doutores e doges, mercadores e artistas sacros. Mas a natureza não me fez frugivoro e por isso não sou poeta. O'lho claro, vejo profanações, mas não fantasio.

Veneza é bela, mas é pobre. Veneza é rica de pinturas, recheada de quadros celebres em qualquer «Chiesa», mas não trata bem o tourista. Veneza é interessantissima mas absurda ao fim de 15 dias; para qualquer acto publico tem de se ir no bote ou então girar pelas poucas ruas de pedra que são mais estreitas do que as da Alfama. Veneza é...

—La ponte di Rialto...

Já a conhecia. Uma galeria coberta em arcarias sobre um arco unico, um palanquim ao meio, duas escadarias lateraes ligando as duas margens do «Grande Canal». A alguns metros desta linda obra em pedra de Istria um pontão de ferro, um barracão de pau que é a estação dos vapores. Burgão agora o canal num passeio de 2 metros ornamentado a casas de laranja. Mas a gandola passa, desliza silenciosamente em frente doutros palacios, novas rendas douradas, novas filigranas de pedra, de marmores, coloridos, brilhantes, byzantinissimos mesclados com renascença, onde um dia, diz o gondoleiro e eu acredito piamente, morreu Wagner ou morreu Ticiano, foi recebido Henrique III de França ou residiu Byron...

Passa ao largo uma equipagem, prôa em cisne, com uma cabine central, palanque coberto de negro, «il felze», e eu pergunto ao gondoleiro se é uma gondola particular, pois tenho a veleidade de escolher, ou outra passeata barca igual.

Não; é uma gondola funeraria. Desisto de ir nela, e apresto-me para subir á terra. Estamos num recanto onde ha chapeus «dernier cri de Paris», um estabelecimento de gramofones e uma loja de candieiros. Um homem estende um «ganzo» para atracar a gondola e estende a mão.

Finalmente estou em terra; dois passos em frente, uma arcada, e eis-me na «piazza de S. Marco». Deslumbramento! Apoteose!

*

Se quem aqui chegar, não ficar durante 10 minutos sem fala, pode sem medo de fazer asneira, pedir a Deus que o leve, pois é um bem para a humanidade ver-se livre de tão respeitavel animalsinho.

*

Mas, 10 minutos apenas, porque depois começa-se a notar nesta grande praça iluminada pelo esplendor da Basilica o espetada pelo mostrengo da Campanilla, toda a imperfeição do conjunto, o ar de music-hall duma das mais originaes estoiras do mundo, o aspecto de postal destes pombinhos amestrados, o pano de fundo banal destas galerias cosmopolitas e a estupidez clrassissima de porem em pó este «binoculo de ver ao longe», com um bonet de pierrot no topo.

E ia a tirar em detalhe a beleza de cada um destes ornamentos da bela praça, quando um velho insta comigo para que o acompanhe, para que veja nas vez as fabricas de industrias regionaes, os celebres mosaicos venezianos, os celebres cristaes de Veneza, as rendas espanholas de Buranno, as dezenas espantosas de grandes e pequenas diferentes fabricas de vidros, porcelanas, missangas, deitam as por onde quem chega. Eu sei que não é nenhum museu, nem nenhuma exposição—como ele lhe chama—que vou ver mas deixo-me levar sentindo até o piscar de olho do homem para outro colega. Ruas minusculas, casas baixas, nesgas de ceu, formam a Veneza terrestre; se fim do labirinto, estamos na fabrica, onde o mostruario de pequenos artigos, recordações de viagem, bibelots artisticos, mosaicos feito á mão e á vista do freguez por raparigas, é para tontar: gondolas, pequenas campanillas em «biscuit», todo o classico armazenamento de objectos para ornamentação das salas burguezas, as Venus, as Graças, as antoras, os Hercules e os Apolos de palmo e meio, que inglezes e americanos compram em quantidade por que acham... de preço ridiculo.

Para sair é mais dificil do que para entrar, pois esta gente tem a certeza de que ninguem sae daqui sem levar alguma coisa; e nesta altura falo portuguez como um bom. Não nos entendemos e assim me apanho na rua.

Livre dos importunos angariadores de freguezes, disponho-me a penetrar na «Basilica». Atento-a bem; olho-a por fora, pelos lados e, não sei se por certo se é bela ou exotica. Um ar de coisa oriental, um sorriso cristão. A decoração é cantante. As cupulas são vistosas, grandes aboboras coloridas, bisantinas; os mosaicos, com fundos dourados alegram as fachadas; os grandes cavalos de bronze,—regressados recentemente da sua viagem até Roma—são quatro animaes de respeito enxertados na egreja; os arcos da frente, cheios de esculturas, dão a nota branca da egreja; mas tudo junto, misturado, aglomerado, compondo a basilica tica... a Basilica de S. Marco.

Um velhote desespera-se, dizendo duas facadas com os olhos, por não o aturarmos como guia. Só ele sabe o segredo dos azulejos, a historia das capelas, e pode conseguir entrada no Côro. São uma praga estes velhos, estes vendedores ambulantes, os pobres pedintes. Lá dentro S. Marco apresenta a mesma mistura de egreja bisantina onde se enxertou uma cruz latina. Mosaicos, luz, brilho; marmores orientaes, bronzes trabalhados, estatuas e pias baptismaes, altares e tumulos com assinaturas celebres; a meia luz desta cupula, a sintonia de côr profana dos mosaicos, dão-lo caracteristico ao templo.

Voltamos á rua; num recanto da praça está a Piazzetta, dando á esquerda ás arcadas afamadas do «palacio dos Doges», a frente ao mar acostando um formigueiro de gondolas ao cais em frente das colunas.

Do lado de lá do mar a «isola di S. Giorgio Maggiore» com a sua competente egreja.

A dois passos, por detraz do «Palacio dos Dozes», fomos espreitar, de gondola, a «ponte dei sospiri», ligando o velho palacio da justiça com as prisões em frente.

A agua era mais negra aqui, sombrio o paredão, evocador o arco. E, como a tarde caisse rapidamente, apressadamente, como as luzitas tremulas e frouxas das gondolas começassem a iluminar-se, os pombos brancos fotografaveis a recolher-se a bastidores, procurámos no consolo duma «minestra» propicia, remedio ao frio que a vista da «Ponte dei suspiri» nos causára.

O restaurant «Pilsen», onde e «contrato di Lavoro» tambem estabeleceu 12 %, sobre a conta, sobre-nos os braços e o seu menú pouco farto.

**Armando Ferreira.**

# No comissariado dos abastecimentos

### As bichas por causa das guias para carvão

Desde que se vae restabelecendo o serviço de transportes em caminho de ferro, vae aumentando cada vez mais o numero de pessoas que se dirige ao comissariado dos abastecimentos a pedir uma guia para poder transportar o carvão para casa.

Não compreendemos o motivo porque se ha de impôr aos particulares um tal incomodo. Desde que não se encontra carvão á venda nas carvoarias, em quantidade suficiente para o abastecimento do publico, que inconveniente ha em que cada individuo adquira uma ou duas sacas de carvão, onde puder, e o faça transportar para sua casa, sem ser incomodado pelos fiscaes das subsistencias?

E não seria mais vantajoso para o serviço do comissariado, ver-se livre da enorme multidão que ali tem afluido nestes ultimos dias, que deixa estonteado o sr. Mesquita activo secretario do sr. Francisco Trancoso?

Não podemos compreender o motivo porque se não pôe cobro a uma tal medida, injustificavel e incomoda.

Se é para evitar as explorações que se procura fazer, com as sucessivas guias de carvão, exigem-se as guias apenas para as grandes remessas. Mas para uma ou duas sacas obrigar um cidadão a perder um ou mais dias, á porta da repartição do comissariado, não se pode tolerar nem se compreende que seja tolerado por um homem inteligente, como deve ser o novo comissario dos abastecimentos.

E a proposito do carvão, convem lembrar mais uma vez ao sr. ministro da agricultura que não se deve esquecer de tabelar, quanto antes o preço das lenhas, se quizer que o fabrico do carvão não acabe por completo.

# VIDA SPORTIVA

## Campeonato de Foot-Ball

O já notavel primeiro grupo do Casa Pia Atletico Club joga no proximo domingo o seu ultimo desafio antes de partir para Paris e San Sebastian, pois vae á capital franceza jogar n'um torneio para que foi convidado e em que tomarão parte francezes, suissos e hespanhoes. No domingo, o Casa Pia tem como adversario o Internacional, que no seu ultimo desafio jogado se apresentou n'uma fórma esplendida e em excelente treino. Deve ser este desafio um jogo de muito interesse.

A seguir jogarão no mesmo campo, que é o do Campo Grande, o Sporting, antigo campeão e grupo de valor, este ano fortalecido pelas indicações do entreinador especial que contratou e o Imperio, agrupamento energico, sempre animado e que consegue sempre obrigar os seus adversarios a um jogo fatigante e cheio de cuidados.

## Campeonato de Florete

Para o 5.º campeonato de florete que o Ginasio Club organisa no dia 9 de janeiro, cuja inscrição se encerra no dia 2 do mesmo mez, estão nas várias salas de armas, treando-se com vontade sendo de calcular que o campeonato reuna grande numero de inscripções.

No Ginasio Club realisa-se no dia 22 uma poule de florete, iluminatoria aóra o campeonato; a essa poule devem concorrer esgrimistas, quase todos novos que pela primeira vez vão disputar um campeonato.

Espera-se ver concorrer a Sociedade Esgrima de Espada, o Centro Nacional de Esgrima, sala Antonio Vilas, Grupo d'Armas e Sports, etc.

## Festa no Ginasio Club

No domingo 26, o Ginasio Club organisa, solenisando a festa do Natal, uma matinée dançante, que será abrilhantada por um bom sextet, sendo o baile dirigido pelo professor Magalhães Pedroso.

Um grupo de socios oferece varios brindes para a arvore do Natal que a Direcção dedica ás creanças das classes infantis de ginastica, e que este ano são em grande numero, o que virá tornar extraordinariamente animada esta festa.

A inscrição para as classes infantis continuará aberta todas as noites, das 20 ás 21 horas, sendo as classes dirigidas pelos professores Artur Santos e Levy Jenochio, das 20 ás 21 horas.

## Grandioso festival de Beethoven

O proximo concerto da Orquestra Sinfonica Portugueza, dirigida pelo maestro Pedro Blanch, que é extraordinario, e que se realisa no domingo no teatro São Luis, é uma das mais notaveis tardes de arte. Com um magistral programa especial, comemorativo do 150.º aniversario do nascimento de Beethoven, neste grandioso festival executar-se-ha, por todos os professores dos respectivos naipes da orquestra, o celebre «Septimino», completo, com todos os andamentos, a famosa «5.ª Sinfonia», o «Allegretto Scherzando da 8.ª Sinfonia», a brilhante «ouverture» da «Leonor», e outras obras que constituem os maiores exitos da Orquestra Blanch.

O entusiasmo por este festival é grande pela procura dos bilhetes, pois todos querem com tempo assegurar o seu lugar.

## MOVIMENTO ASSOCIATIVO

**Trabalhadores de teatro.**—Realisa-se no domingo, pelas 15 horas, na séde da Associação, rua do Mundo, 31, 2.º, uma assembléa geral, para apreciação e aprovação da reforma dos estatutos e eleição dos corpos gerentes.

## Festas associativas

**Academia Recreativa de Lisboa.**—Hoje ha reunião familiar abrilhantada por um terceto. No domingo, recita com o drama «O soltimbanco», seguindo-se baile.

# Theatros e Cinemas

## Noticiario

**Entre nós**

No proximo dia de Natal, em "matinée", realisa-se no Teatro Avenida uma recita a favor do Asilo Oficina Santo Antonio, em que colaborarão considerados artistas, distinctos amadores e os pupilos do Asilo.

Os socios protectores do Asilo, a quem a comissão promotora pretende reservar a preferencia, poderão requisitar os seus bilhetes para a respectiva séde, Avenida Almirante Reis, 38 A (Telefone Norte 1830).

## MUSICA

**Concertos no Politeama.**—Além das admiraveis peças já enumeradas, que no domingo proximo se executam no Politeama pela orquestra sinfonica organisada e dirigida pelo talentoso maestro Fão, ha que citar ainda o *Oberon*, de Weber.

Os *mestres cantores*, abertura, de Wagner e o minuete, de Oscar da Silva, um trecho graciosissimo, cheio de suavidade e que mais uma vez serve para testemunhar o talento, já sobejamente conhecido, do nosso ilustre compatriota. O concerto de domingo, repetimos, reune atractivos excepcionaes, devendo por esse facto atrair a maior concorrencia.

## Maciste apaixonado

Crise financeira! E' o que dizem por ahi os jornaes, é o que se ouve por toda a parte. Não ha dinheiro, não chega o dinheiro, ha falta de dinheiro.

Será assim? Não será?

A emitir a crise, a verdade é que ainda não chegou ao Salão Central, onde todas as noites se esgotam os bilhetes.

E' que a soberba pelicula *Maciste Apaixonado*, pelas novidades que apresenta e pelas simpatias de que goza entre nós o seu protogonista, o actor-athleta Maciste, não só tem despertado no nosso publico o maior agrado, como continua na sua carreira triunfal.

Conclusão: a tal crise financeira não existe, e a existir será para tudo, menos para vêr o extraordinario *Maciste Apaixonado*, no Salão Central.

Na *matinée* de amanhã, 6.ª feira, além do *film* com o valoroso Maciste, ha a estreia da engraçada comedia em 3 actos *Taes mulheres, taes maridos*, para a qual já não ha bilhetes.

E ainda ha quem fale em crise financeira!...

## Companhia Nacional de Caminhos de Ferro

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

**CAPITAL — Esc. 924.365$00**

Nos termos do artigo 13.º dos Estatutos se faz publico que no sorteio das obrigações da série «Mirandela-Bragança», 37.901 a 37.905, 40.226 a 40.230, 44.996 a 45.000.

O pagamento dos juros e amortisação desta série, relativo ao 2.º semestre de 1920, começará no dia 3 de Janeiro p. f. em Lisboa, na séde da Companhia, Avenida da Liberdade, 59, 1.º, das 11 ás 14 horas e continuará em todos os dias uteis até 15 do referido mez e depois ás 6.as feiras para as relações conferidas em cada semana.

Este pagamento tambem se realisa no Porto, na filial do Banco Nacional Ultramarino e no Banco Aliança.

No acto do pagamento será descontada a avença de contribuição de registo que for devida e emolumentos de 6 olo nos termos da Lei.

Lisboa, 13 de Dezembro de 1920.

O director de serviço
*Belchior José Machado.*



# ULTIMA HORA

## PARLAMENTO

### Na Camara dos Deputados

O sr. Maldonado de Freitas trata da questão da compra de 8.000 toneladas de trigo que chegou ao Tejo, segundo se diz, com o peso completado por outros cereaes, por exemplo, centeio. Pergunta o que tenciona fazer o governo com relação ao preço do azeite, visto que os respectivos comerciantes anunciam que esse genero passará dentro em horas a ser vendido a 8 escudos o litro. Chama também a atenção dos respectivos ministros para os boatos de agravamento proximo da carestia das subsistencias e para o que se diz acerca de irregularidade nos Transportes Maritimos do Estado e ainda outros assuntos que considera importantes para o bom nome da administração publica. Requer em seguida imediata discussão do projecto que melhora a situação dos empregados municipaes.

O sr. presidente do ministerio requer urgencia e dispensa do regimento para uma proposta que autorisa o governo a pagar os debitos contraidos nos ultimos 6 meses com os fornecedores de alimentação aos presos indigentes a cargo das autoridades administrativas.

O sr. ministro do comercio, respondendo ao sr. Maldonado de Freitas no tocante aos assuntos por ele ventilados e respeitantes á sua pasta, lê uma nota das dividas do Estado aos T. M. E., dizendo que elas serão pagas assim que o governo se encontre habilitado com as necessarias facilidades financeiras. Depois envia para a mesa uma proposta sobre viação e transito, criando receita para o desenvolvimento do turismo, pela construção e conservação de estradas, levantamento de cais, aumento da rede ferro-viaria, etc.

Requer urgencia.

Votadas todas as dispensas para a proposta do sr. presidente do ministerio, aprova-se tambem esse documento.

Em negocio urgente, o sr. ministro da agricultura apresenta, requerendo para ela discussão imediata, que se aprova, uma proposta solicitando um credito de 50.000:000$00 destinado a acudir á crise economica, com a compra de trigo.

O sr. Antonio Granjo, começando por dizer que não ha nada como o tempo para fazer justiça aos homens, recorda o que se passou quando, como ministro da agricultura, ha tempos pediu um credito com o mesmo fim. Lamenta depois que o proponente não tivesse acompanhado a sua proposta de precisos esclarecimentos ou não prefirisse tratar com o parlamento da forma mais vantajosa da aquisição de trigos.

O sr. ministro da agricultura justifica a sua proposta, reputando-a indispensavel no actual momento! O sr. ministro das finanças diz que este governo não fará como os anteriores abrindo creditos pelo ministerio da agricultura sobre o das finanças.

Volta a falar o sr. Antonio Granjo, que diz ter o governo ainda 26.000 contos e que propostas como a agora apresentada não podem ser discutidas com urgencia e dispensa do regimento.

O sr. Herculano Galhardo requer urgencia e dispensa do regimento para a proposta autorisando o governo a satisfazer a quantia de 2000 contos aos Transportes Maritimos. Aprovados urgencia e proposta.

O sr. ministro da justiça alude ás considerações formuladas na preterita sessão pelo sr. Celorico Palma ácerca da nomeação de uma dactilografa para 3.º oficial. Essa nomeação fez-se, de facto, dentro da lei e com o visto do C. S. F. Conclue dizendo que ele, ministro, procedeu á reforma do seu ministerio, reduzindo o seu pessoal e extinguindo uma repartição. Tem redigida a sua lei do inquilinato ha 8 dias e ainda não conseguiu que ela fosse copiada devido á falta de competencia das dactilografas. Não atribue a esse facto incuria, mas sómente incompetencia.

O sr. Celorico Palma troca explicações com o sr. Lopes Cardoso acerca da nomeação da 3.ª oficial em questão, com a qual não concorda.

O orador provoca constantes risos e varios apartes porque lhes chama as suas alunas. Refere se á compressão de despezas no seu ministerio, para o que já tem elaborada uma proposta de lei, começando por extinguir os logares dos trez adidos navaes.

Essa compressão será feita com todo o criterio e não *á la diable*.

A sessão continua.

### No Senado

Do governo, estão presentes os srs. ministros da marinha, justiça e instrução.

## Julio Ribeiro

Segue no rapido de amanhã para o Porto, onde vae passar as festas do Natal, o distincto senador e nosso amigo sr. Julio Ribeiro.

## Corveta "Presidente Sarmiento,"

Saiu hoje do Tejo este vaso de guerra argentino, que ando, como se sabe, em viagem de instrução de guarda marinhas.

## General colhido pelo comboio

Na sala de observações do banco do hospital de S. José deu entrada, em estado grave, o general de divisão reformado sr. Manuel Inacio Nogueira, morador na rua do S. Bento, 311, 3.º, que em Algés foi colhido pelo comboio, ficando contuso pelo corpo e com as costelas fracturadas.

## Marinha de guerra

Entrou hoje no Tejo o vapor de guerra «Patrão Lopes», que foi a Cabo Verde tentar salvar um barco que ali se afundou e que teve de arribar a Las Palmas, a fim de sofrer fabrico dumas avarias que recebeu.

O sr. ministro da marinha, acompanhado do chefe do gabinete, segue amanhã para o sul a bordo do destroyer «Guadiana», que anda em exercicios de adestramento de praças.

## Restaurantes e leitarias durante a noite

E' afixado amanhã o edital permitindo que os restaurantes, cafés e cervejarias possam estar abertos da meia noite ás 4 horas da manhã, mediante o pagamento de 100$00 mensaes.

As leitarias podem conservar-se egualmente abertas mediante o pagamento de 50$00.

## Anuario colonial

Recebemos do ministerio das colonias o anuario colonial relativo no ano de 1917-1918.

E' um vasto trabalho discretivo e estatistico referente a todas as colonias e que honra aquela repartição do Estado.

Ao seu autor, o sr. Pires Avelanoso, agradecemos a amavel oferta.

## POLITICA

Decorreu sem interesse a sessão na Camara dos Deputados.

O debate arrastou-se sobre o pedido de um credito de 50.000 contos pelo ministerio da agricultura para a aquisição de trigos.

Intervieram no debate os srs. ministros da Agricultura e das Finanças, o sr. dr. Antonio Granjo, Antonio Maria da Silva, e José de Almeida.

O sr. ministro das Finanças de passagem, referiu-se ao contracto das farinhas, afirmando que não se tem procedido legalmente nas compras de trigo que teem sido feitas. Tal afirmação originou um longo discurso do leader do partido liberal.

A sessão deve terminar tarde, pois ha que aprovar a proposta do sr. ministro da Agricultura e outra do ministro do Interior sobre um credito para pagamento da alimentação aos presos dispersos por varias cadeias entregues ás autoridades administrativas.

E convem aprovar hoje essas propostas, porque a sessão de amanhã será destinada apenas á discussão das propostas do sr. ministro das Finanças sobre a contribuição predial e industrial.

A comissão de finanças já deu o seu parecer concordando sobre a contribuição urbana, introduzindo alterações importantes acerca da rustica, assentando em que os rendimentos colectaveis superiores a 50.000 escudos a contribuição ficará em 98 o|o para o Estado.

Nas contribuições industriaes houve tambem alterações e assim, por exemplo os caixeiros e os medicos ficam com a taxa egual a 1, e não a 2, como estava na proposta.

O sr. Cunha Leal concordou com o parecer.

Aprovada pois amanhã a proposta a que acima nos referimos, o parlamento suspenderá os seus trabalhos estendendo-se as ferias parlamentares até 10 de Janeiro.

### Partido republicano liberal

Iniciam-se depois de amanhã, 18 do corrente, ás 13 horas, no edificio do jornal *A Luta*, as sessões do 2.º congresso ordinario do partido republicano liberal.

Serão quatro as sessões, duas de dia e duas á noite, as duas primeiras no dia 18 e as ultimas no dia 19.

As companhias dos caminhos de ferro concedem bonus aos congressistas.

## POEIRA DA ARCADA

**Interesses de classe**

A comissão de melhoramentos dos manipuladores de tabacos, acompanhada do deputado socialista sr. Antonio Francisco da Silva, conferenciou hoje com o sr. presidente do ministerio sobre antigas reclamações da classe. Esteve tambem com o sr. Elisiario dos Reis, comissario geral dos tabacos.

**Pessoal de gabinete**

Assumiu hoje as funções de chefe do gabinete do sr. ministro da guerra o major de infantaria sr. Alvaro Teles de Azevedo.

**Inspecção a uma fabrica**

O inspector sanitario do trabalho, sr. dr. Manuel de Vasconcelos, apresentou ao conselho superior de higiene o relatorio da sua inspecção á fabrica de fiação e tecidos de Fafe.

**Reforma do ministerio do comercio**

Uma delegação da Sociedade dos Arquitetos apresentou ao sr. ministro do comercio algumas reclamações sobre a ultima reforma do ministerio do comercio.



## Reclamações academicas

Veio á nossa redacção uma comissão de estudantes do liceu que nos informou ter procurado o sr. ministro da instrução para lhe pedir, ou a revogação pura e simples do art.º 3.º do decreto 1068, ou a isenção dos disposições d'esse artigo dos alunos dos ultimos quatro anos do liceu. O art.º 3.º do decreto 1068 refere-se ao exame de admissão nas escolas superiores.

O sr. ministro garantiu-lhes que o 6.º e 7.º anos ficariam dispensados do exame, mas com respeito ao 4.º e 5.º ano, a sua resolução dependeria da opinião das estações competentes.

## Ecos & Noticias

**DOENTES**

Com um ataque de gripe, recolheu ao leito o nosso amigo sr. José Lopes Bispo, director do semanario republicano «A Independencia».

## NOTICIAS DA CAPITAL

**A cronica do roubo.**—Queixaram-se á policia: Artur Pereira, gerente da fabrica de vidros da rua 24 de Julho, 26, de que os gatunos entraram ali por meio de arrombamento, furtando uma maquina de escrever com o n.º 213:700 e varias peças de ferramenta, tudo no valor de 1:500 escudos; Antonio de Matos, rua do Vale Pereiro, 8, de que lhe furtaram roupas e outros objectos no valor de 380 escudos; Manuel dos Santos, rua do Conde das Antas, 61, de que na travessa de S. Domingos, foi abordado por trez meninas, que pelo processo do *conto do vigario* o burlaram na quantia de 17 escudos e um relogio e corrente de prata.

—Vitor dos Santos, rua do Norte, 115, 4.º, foi preso, porque estando empregado no escritorio da firma comercial Andressen & Henriques, na rua do Ouro, 184, 1.º, ali praticou um furto importante.



## O General Pedro de Souza Moura

**FALECEU**

Maria de Souza Moura, Manuel de Souza Moura, sua mulher e filho, Francisco de Souza Moura, Pedro de Souza Moura Junior, sua mulher e filhos, Maria Luiza de Souza Moura d'Oliveira Ribeiro e seu marido, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu muito querido marido, pae, sogro e avô, cujo funeral se realisará amanhã 17, pelas 1 (uma) hora da tarde, da sua residencia, R. Quatro de Infantaria, 34, 1.º, para o cemiterio do Alto de S. João.

// A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3728 — 11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Sexta-feira, 17 de Dezembro de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71 — Preço, ... centavos

# Desorientação

Uma circunstancia, supômos nós, não deve ter escapado ao leitor que siga com atenção as fases mais importantes da questão do dia, que é inegavelmente a da nova tributação. Essa circunstancia é a de ter feito parte da meza, na conferencia do sr. Cunha Leal, realisada na Sociedade de Geografia, o sr. José Maria Alvarez, presidente da Associação Industrial, e que n'essa mesma qualidade presidiu hontem á reunião que os industriaes promoveram, n'essa associação, a fim de reclamarem contra as propostas de finanças.

Por muito dispostos que sejamos a conciliar frequentemente certas atitudes, na realidade ilogicas, senão contradictorias, o certo é que, no caso presente, muito dificil será apresentar como justificavel a do sr. José Maria Alvarez.

Pode o sr. José Maria Alvarez proceder, em determinadas circunstancias, como cidadão e não como industrial, e o que mais é, presidente da associação da sua classe? Evidentemente que sim, mas não é agora o caso. O sr. José Maria Alvarez, que nem sequer é correligionario do sr. Cunha Leal, foi secretario da meza, na noite da sua conferencia, por ser o presidente da Associação Industrial, como logar identico ocupou o sr. Albert Macieira, a fim de representar a Associação Comercial.

O sr. José Maria Alvarez ouviu todo o discurso do sr. Cunha Leal, e, tendo-lhe já dado a sanção da sua presença, não teve uma palavra, não teve um gesto, para lhe significar discordancia sobre o mais leve ponto das suas propostas. Que quer isto dizer? Quer dizer que o sr. José Maria Alvarez, industrial, presidente da Associação da sua classe, se patenteou inteiramente de acordo com a tese dessas propostas.

Hontem, porém, reuniu a Associação Industrial, para protestar contra as propostas das finanças, e quem apareceu para presidir? O sr. José Maria Alvarez, que nem por uma palavra, nem por um gesto, significa discordancia sobre qualquer ponto dos ataques de que essas propostas foram alvo!

Dir-se-ha que este incidente não tem maior importancia. E' um erro. Tem uma grande, tem uma enorme importancia, porque demonstra a desmintação, a incoherencia, a confusão em que decorre a vida portugueza, e que se manifestam em face dos mais graves problemas nacionaes.

N'este momento quem pode saber o que pensa o presidente da Associação Industrial sobre as propostas que tanto afectam a industria portugueza? Que conclusão tirar das suas atitudes diversas? Está ao lado do sr. Cunha Leal? Está ao lado dos seus colegas? Ninguem o sabe. Talvez mesmo o proprio sr. Alvarez o não saiba!

E é n'isto que está o perigo, porque não ha maneira de construir com tal especie de materiaes. Planos de ressurgimento, de reformas, de iniciativas salvadoras, só podem realisar-se por meio da firmeza das afirmações. E' preciso definir, orientar, tomar um rumo, perserverar n'uma idéa, ter consistencia, saber-se o que se é e o que se quer. Se em vez d'isso não assistimos senão a contradições vivas e incessantes, por falta de estudo, por falta de energia, por falta de logica, por falta de expressão, que poderemos pensar senão que estamos n'um paiz sem resolução, sem firmeza, sem consciencia, sem caracter, em que tudo anda á matroca, desorganisado, perdido.

Não é assim que se inspira confiança á nação e ao estrangeiro, não é assim que se poderá conseguir o equilibrio das nossas finanças que não dispensa o equilibrio da nossa razão.

### O Rio de Janeiro ás escuras

RIO DE JANEIRO, 16.—A interrupção da corrente electrica, que, como noticiámos, morgulhou a cidade na escurião, foi motivada pela tempestade, que deteriorou os cabos condutores.

Horas depois a corrente estava restabelecida, não se tendo dado nenhum incidente nas ruas e não havendo nenhuma nova interrupção.—(*Americana*).

### Rectificação de orçamento

RIO DE JANEIRO, 16.—Foi rectificado o orçamento do ministerio das finanças, auctorisando um credito de 500 contos para solver pagamentos ao estrangeiro.—(*Americana*).

### Um desmentido

RIO DE JANEIRO, 16,—O ministro holandez Ober Maller e o consul Palm desmentem a noticia da rutura entre a Holanda e a Servia.—(*Americana*).

### O comercio inglez resentido com o Brazil

RIO DE JANEIRO, 16.—O director da Camara de Comercio Ingleza declarou, numa entrevista, que os comerciantes inglezes estão resentidos com o recente convenio belga-brazileiro, acrescentando que esse resentimento não é devido a despeito, mas se baseia num sentimento de equidade.—(*Americana*).

### Opiniões da imprensa sul-americana

RIO DE JANEIRO, 16.—A imprensa sul-americana acolhe com simpatia a moção apresentada á assembleia de Genebra pelo delegado da China, pedindo que um membro não permanente da Liga seja eleito entre as nações asiaticas, dizendo que o unico meio de conservar a paz no Oriente é fortalecer ainda mais a sua autoridade.

A imprensa espera que a sagacidade da Europa aprovará o modo de ver da China.—(*Americana*).

# DOIDOS, ELES!

## Captação de mandato ?!¡¿

!!!?¡¿ !?¡¿¿!! ...

¿ ¡ ¡

**Nota indispensavel.**—*A quem estranhe a pontuação da epigrafe é preciso explicar o seguinte. Quando o sr. tipografo tinha já seguro no divisorio o original deste artigo para começar trabalhando na composição, os tipos da sua caixa, achando graça á rabulice de que o sr. dr. Cunha e seu advogado usam, ao dizer que captei o mandato de sua esposa, puzeram-se a rir e a dançar ao mesmo tempo que, apesar de tambem não passarem de tipos cantavam em côro:*

*—«O' que tipos! O' que tipos!»*

*Quando leram o periodo em que se conta que o rei dos Advogados, bufando impaciencias, diz que se trata «dum caso sem precedentes no fôro portuguez» o charivari aumentou. Os pontos de interrogação e as exclamações desataram ás gargalhadas e ás cabriolas; alguns fizeram pied de nez e outros puzeram-se de pernas ao ar, não havendo maneira de os tirar dessa posição.*

*A certa altura, ergueu-se um conflito azedo entre umas virgulas (senhoras do conhecimento do sr. dr. Cunha) e um ponto interrogativo. Havia, segundo constava, três virgulas que defendiam aquele cavalheiro. «Ficam-lhe muito bem êsses sentimentos, gritava-lhe o ponto de interrogação; defendam-no, defendam-no que é um bom ponto!» Acudiram os pontinhos; e deve-se ao auxilio das reticencias o ter-se evitado mais grave conflito.*

*Em suma, foi um escândalo medonho em todos os caixotins: e o caso não era para menos.*

*Só depois de muito tempo, serenados um pouco os animos, é que o tipografo pode encetar a composição que vae lêr-se.*

Não quero perder agora o ensejo de me referir a dois pontos conexos com o que acabei de tratar, e que, como este, foram bordados pelo sr. dr. Cunha na trama do seu livro «Infeliz». A um deles já, de passagem, rapidamente aludi. São dois pontos curiosos, esses... Seriam duas rematadas tolices, se não fossem dois actos de requintada má fé.

No primeiro, diz o sr. dr. Cunha que captei o mandato de sua esposa. Tem graça... Costuma dizer-se «tem graça e não ofende»; aqui, porém, o caso tem graça pela absoluta carencia de base em que se funde, mas ao mesmo tempo ofende pelo malevolo intuito com que o sr. dr. Cunha nele entrou.

«Captar um mandato» é obter capciosamente a passagem duma procuração. Fraudulentamente enganado, o «mandante» fica na ignorancia do acto que praticou ou da extensão dos poderes que conferiu; ou, doutro modo, passou a procuração a um falso «mandatario», isto é, a uma pessoa a quem não a queria passar.

¿Que classificação pode ter quem levianamente ou de má fé atribue a um advogado uma ignominia desta ordem?

O leitor vae conhecer, desde o seu inicio, a historia da procuração que a sr.ª D. Maria Adelaide me outorgou e da que me foi conferida por Manuel Lopes Cardoso Claro—pois que as duas andam relacionadas entre si e uma serve de explicação á outra, e verá de par estas duas coisas:—o meu procedimento correcto e a incorrecção do sr. dr. Cunha.

Mas não vale a pena zangar-se a gente. Se o caso é engraçado e até ridiculo, nada de perder o bom humor!

Mais adeante, referir-me-hei ao outro ponto—em que o Rei dos Advogados diz que o meu acto foi sem precedentes no fôro portuguez. Uf!...

*

Não captei nem sequer solicitei qualquer das referidas procurações.

Em 15 de março de 1919 recebi esta carta:

«14-3-919...

Sr. dr. Bernardo Lucas: Peço a V... a grande fineza de vir ao Aljube desta cidade (quarto 14), pois tinha imenso empenho que V... me advogasse uma questão. E' devido a uma mulher que estou prêso e que quer contra mim exercer uma grande vingança. E era com a maxima urgencia que desejava falar com V... Aqui lhe contarei tudo.

Agradecendo desde já, sou De V... at.º ven.º e obrg.º *Manuel Lopes Cardoso Claro*. Estou detido já há 16 dias».

Ignoro quem indicou o meu nome ao Manuel. Parece que foi um agente de policia que a meu respeito lhe disse algumas palavras elogiosas. A esse meu desconhecido *admirador* aqui deixo um agradecimento.

Não pude, de pronto, atender ao que me pediam na carta acima transcrita. No dia 18, novamente me escreviam do Aljube, nos seguintes termos:

«... Sr. dr. Bernardo Lucas: escrevi a V... uma carta no sabado (*deve ter havido engano porque o dia 14 era uma sexta feira*) pedindo-lhe o obsequio de vir ao Aljube desta cidade, pois tinha uma questão urgente para V... me advogar. Torno a pedir-lhe encarecidamente para que, logo que possa, aqui vir ou mandar pessôa de sua confiança.

Agradecendo-lhe muito, subscrevo-me *Manuel Lopes Cardozo Claro*. Quarto 14.

Então, fui ao Aljube, mas o signatario da carta já lá não encontrei porque o tinham acabado de remover para a Cadeia da Relação do Porto. Entretanto, mandava ele alguem prevenir-me da sua remoção, insistindo em que lhe eu fôsse falar. Lá fui, á Cadeia, nesse mesmo dia 18 ou em 19, e com ele se passou o que narrei no prefacio do livro «*Doida não!*»

Para evitar uma quezilia ao sr. Miudinho, convêm, nesta altura, rectificar um engano tipografico que nas duas primeiras edições do «*Doida não!*» passou despercebido. No prefacio dessa obra lê-se que falei pela primeira vez, na Cadeia, com Manuel Claro «*em meio de março de 1918*», hove engano do tipografo, porque eu escrevi «*em meio de março de 1919*».

Sr. tipografo portuense: para outra vez, evite indispor contra mim o sr. Miudinho; ele já me chamou «*troca letras*» e é capaz de me chamar «*troca algarismos*».

E o sr. Miudinho tome cautela com os tipografos. Olhe que na primeira edição do *Infeliz*, a pag, 93, linha 18.ª antes da palavra «*epigrafe*» puzeram-lhe insidiosamente um a e depois um e. Tome cautela. E' caso grave, se lhe mudam os aa no e...

Fica o resto para os artigos seguintes. Isto não vai a matar.

**Bernardo Lucas.**

# SEGREDO A TODA A GENTE

## «Carlota Joaquina»

*A peça que hontem subiu á scena no teatro Avenida mereceu de alguns elementos—como direi—pouco atenciosos, uma apreciação absolutamente inexplicavel. A peça é boa? a peça é má? Não o discuto agora. O que nunca compreendi é que se faça critica teatral—com os pés. O que sempre estranhei é que se discutam idéas—com cacetes de Fafe. A pateada violenta de hontem—foi apenas um acto de má-educação. E como tal, longe de enterrar a peça, teve simplesmente a vantagem de a levantar.*

## Ferias

*Os trabalhos parlamentares suspendem-se hoje—com incontestaveis vantagens... para os senhores deputados. Os «profissionaes da balburdia politica» regressam á tranquilidade patriarcal dos seus lares. Vão fatigados—de falar á nação. Voltarão apenas para o ano. Mas que pena—Santo Deus—o ano vir tão cêdo! Entretanto, meus senhores, eu faço votos para que V. Ex.as ao trinchar o perú doirado do Natal—se não esqueçam do paiz.*

## Dia cinzento

*Esteve hoje um dia verdadeiramente londrino. Lisboa que já uzava de Inglaterra as camisolas e os cadeirões—passou a vestir-se tambem dos nevoeiros de Londres. Que horror—estes nevoeiros! Parecem á primeira vista encomendados pelas mulheres feias como pretexto para esconder a cara nos abafos de peles. Mas não. Estes nevoeiros são encomendados propositadamente pelos medicos—para nos arranjar pneumonias...*

**Luis d'Oliveira Guimarães.**

### Congressos regionaes

# O BEIRÃO

Em resposta á intensificação de trabalhos que a comissão de propaganda tem tido para levar a todos os recantos das Beiras, e até ás colonias e estrangeiro, a idéa alevantada e patriotica dum congresso que reuna no mesmo impulso e no mesmo interesse as trez Beiras, fixadas pelas Historia:—Alta, Baixa e Maritima,—muitas adesões e participações de trabalhos feitos teem chegado á comissão central.

Além dos nucleos já constituidos, oficiou o sr. Eduardo Simões Coimbra, presidente da camara municipal de Fornos de Algodres, dizendo a propaganda já ahi feita e a inclusão da verba de 200$00 no orçamento ordinario para as despezas a fazer na realisação do Congresso Beirão.

Egualmente a camara de Ceia resolveu dar todo o seu apoio ao Congresso Beirão a realisar na primavera de 1921.

A camara municipal de Pinhel oficiou dando desde ja o seu apoio moral á iniciativa e prometendo que a proxima reunião do senado municipal deliberará sobre a efectividade pratica deste apoio.

A camara municipal de Vila Velha de Rodam dá desde já todo o seu auxilio e toma a iniciativa da organisação da comissão local.

Os elos da propaganda vão-se apertando numa tal força de coesão que nenhuma duvida já resta á comissão central de que este Congresso será o ponto da partida para o resurgimento e valorisação de todas as grandes forças que existem na grande terra portugueza.

*CROQUIS DE VIAGEM*

# NA BOA PAZ

## XXXIII — *O ultimo sol de Veneza*

A vida em Italia é barata, se bem que carissima; os italianos gemem como nós portuguezes, debaixo duma triplicação de preços, que os estrangeiros não notam; para nós mesmos, colegas de desgraça é o unico paiz onde se poderia viajar se os sobresaltos não fôssem permanentes e as ameaças de revoluções, de comicios comunaes e de greves, o pão nosso de cada hora. Annunciam os jornaes, com o «Avanti» á frente, a greve geral de duas horas para amanhã, das 4 ás 6. E, como estes dignos amigos da Civilisação e do progresso param os comboios, estejam onde estiverem, resolvo seguir esta noite para Roma. O ultimo dia de Veneza passa-se numa vertigem. Em primeiro logar a visita ao «palacio dos Döges»,—il palazzo ducale—cujo pateo de entrada, pitoresco na sua mistura de gotico e renascença, me apresenta os «gigantes» Marte e Neptuno e as estatuas de «Adão» e «Eva». E' aqui que os doges eram coroados, e é aqui que dois estudantes, neste outubro de 1920, vendem bilhetes e programas para uma exposição de pintura futurista, em favor «dei bambini» pobres.

Não me seduz o futuro e prefiro o passado: por isso subo a «scala d'oro», vejo de relance os Veronese, os Tintoreto, os Tiepolo, numa serie de salas sombrias, com seus nomes conhecidos; a «della bussola» a «dei Tre Capi», e a «del maggior Consiglio», onde a vista cança de tanto quadro, tanta pintura. Sento o meu respeitavel e cançado corpo nos cadeirões dos conselheiros e embaixadores, profano com a minha indiferença os tronos e até não ligo importancia de maior a telas velhas, desaparecidas quasi e onde os olhos astutos dos artistas e dos visionarios adivinham mais do que vêem a mestria, a beleza, o extraordinario valor dos antigos mestres. Toda esta decoração mural e dos tectos, em cercaduras douradas, e em cores que se vão tornando numa massa parda, estalada, lambida pelo tempo, fatiga, cança e não me dão impressões gratas... não desfazendo em Tintoreto ou Veronése.

Para divertir o espirito tem ao lado o viajante o museu arqueologico, salas e corredores, humidos, cujas melhores telas são... as que se veem pelas janelas, com trechos da laguna ou recantos de Veneza.

Para alegrar a vista e fazer as pazes com a enorme torre quadrada que prantaram aqui de sentinela, suba-se no elevador até lá cima, desfrutando a magnifica vista da Campanilla. Como é curiosa, Veneza vista dos ceus! Ilha, esfuracada, minada, com côres alegres a destacar do cinzento das construções modernas; a praça de S. Marcos é uma clareira cá em baixo: o couraçado italiano um brinquedo de creança; as cupulas das egrejas, bolotas invertidas a espreitar entre o casario. Ao longe, uma lingua côr de terra, filamentada, onde se estabeleceu a praia mundana desta gente: Lido.

Desça agora pela escada ou pelo elevador—para baixo é de graça—e venha ver a terra. Deixe sob as arcadas da praça, os estabelecimentos, e os grandes restaurants, onde a multidão ociosa toma o seu chá das cinco ou os seus sorvetes; o Florian, «Quadri», «Lavena», derramam mezas quasi até meio da praça, baralham sextetos que deixam de ouvir o ruflar das azas dos pombos brancos; deixemos a «Procuratie vecchie» a «libreria vecchie», relanceie um olhar sobre a «Torre dell'Orologio» onde dois mesmarros de bronze colorido, grosseiros como deuses de Africa martelam as horas, e entramos na «Mercerie» a rua mais animada e mais chic de Veneza. Largura 2 metros e tal; pedras largas, ausencia de passeios porque aqui não ha outros animaes senão os homens, montras frente a frente, taboletas que quasi se tocam. O escuro da rua contrasta com a alegria e o «chic» das montras. As elegancias param em frente ás vitrines iluminadas.

Meia duzia de passos e as travessas começam a fazer á teia de aranha de planta que é esta Veneza terrestre; as travessas tem 1 metro e pouco de largo; os largos mais afamados, piazza «Manin», ou o «campo Francesco Morosini», são curiosos pelas suas proporções; as estatuas de Manin, de Goldoni, Tommasco merecem que se pare em frente alguns minutos; mas o principal para visitar-se o leitor gostar, são as egrejas e os palacios, onde por força ha de encontrar uma notabilidade, ou seja um quadro de Tintoreto ou um marmore de Lombardo.

As ruas são sujas, e limitadissimas; fugindo 20 metros para o lado desta directriz está-se em frente dum canal, sem sahida senão para uma gondola. Avançando desemboca-se em frente da ponte de Rialto; o movimento é enorme sobre esta unica ligação entre as duas margens do grande canal; tipos populares, — lembrando os nossos saloios — vendedeiras, hortaliceiras, creadas, passam para cima e para baixo, num formigueiro activo. Em volta, especie de feira da ladra, ha lojecas de panos, garridos mostruarios, capotes, fazendas, tecidos, barretes; mais adeante, da banda de lá, a porcaria aumenta na razão inversa da distancia á Praça de S. Marco. Galinheiras, morgues de peixes esquisitos, hortaliças, ovos a lira cada um, carne enxameada de mosquitos—os mesmos que á noite saem dos talhos para irem picar-nos aos hoteis, sejam eles modestos como o «Vapore» ou ricos como o de «l'Europe—e um chão lamentavel, indigno, porco, onde os «bambini» brincam e gosam as delicias duma infancia em Veneza. Voltemos para traz depressa, corramos atravez estes corredores até á praça de S. Marcos, a tomar ar e musica; e depois embarque para a «punta della Salute», a entrada do «grande canal», uma das mais reproduzidas «vistas» de Veneza artistica, a visitar a «Santa Maria della Salute», de grande cupula central e um quadro da juventude de «Titieo» ainda sob a influencia de «Giorgione» seu mestre; diga adeus á alfandega ali ao pé e mande seguir a «gondola» para a «Academia di Belle Arti» exclusivamente recheada de pintura veneziana, e arrumada de forma que se pode seguir a evolução da pintura. Seria enfadonho catalogar-vos com adjectivos banaes essas sinfonias de côr, essas orquestrações de colorido maravilhosas, algumas obras primas aqui pregadas em quilometros de paredes. De «museus» é feita esta cidade; ahi temos o «museu civico Correr», vidros, manuscritos, iluminuras, coleções numismaticas; ahi temos a «Scuoli di San Rocco», o gotico modernisado de «Santa Maria del Carmine», a construção religiosa importante de «S. Giorgio Maggiore» lá longe, fóra de Veneza, nos aquaticos arredores.

Mas, sem duvida, ao fim de gondolarmos ao acaso, ahi estamos em S. Marco.

Tudo se ilumina e comtudo Veneza fica na escuridão. E' dum efeito unico duma recordação que nunca mais desaparece, esta visão nocturna de Veneza; o luar põe reflexos cadavericos nestes palacios agora osseos, mumificados. As luzes bruxuleiam, dançam na agua negra, remexida pelos remos das barcas. As venezianas, nos seus chales, as que não são civilisadas pelo seu chapelinho do «Printemps», em cabelo, passam de pressa e em silencio pelas ruasitas pequenas que bordejam os canaes. Um silencio; um silencio de tragedia. Os restaurants regorgitam de gente, os hoteis poem os mosquiteiros sobre as camas das vitimas, os teatros veem acostar ás suas portas as primeiras barcas com espectadores; e tudo se vê de passagem, numa ultima mirada do trajecto para a estação, em que se vae cauteloso, sem ruido a deslizar na sombra da noite, e espreitando para os palacios e casas em volta. Os pavões gondoleiros gritam ainda e sempre, o eco de tantos seculos de historia, ao virar das esquinas:

—E!... óóóó!!!

*

Vou para Roma; a fugir, digo adeus á cidade original que tanta gente descreve em livros enormes e afinal nunca a vira assim. Apresso-me a marcar logares no «wagon directo», aquele que sem transbordo segue até Roma.

Jantar num restaurant de pinturas muraes que são scenarios de Baskt, e ás 10 horas da noite, da janela do meu compartimento vejo diminuir na distancia e na noite, essa crepitação de lumes sobre a agua, esse bailado de pirilampos, que fixo, imprimo, retenho ainda no fundo das pupilas.

Meus amigos, pela amabilidade e conforto das viagens em caminho de ferro italiano, essa noite... ia sendo o ultimo dia da minha vida.

**Armando Ferreira.**

# Partido comunista

Tendo-se levantado duvidas acerca da noticia, que ante-hontem démos relativamente ao jornalista sr. Manuel Ribeiro ir abandonar a direcção de «A Bandeira Vermelha», por se sentir melindrado por um oficio que a C. G. T. enviou aos presos no Limoeiro por questões sociaes, dizemos que essa noticia é o que ha de mais verdadeiro, visto que foi esse senhor que nol-a deu.

Nada mais precisamos acrescentar.

# Em S. Tomé

Recebemos hoje copia do seguinte telegrama:

S. TOMÉ, 13.—O Centro republicano Antonio José Almeida e o chefe dos serviços de fazenda requereram que se fizesse uma sindicancia ao curador geral, concretizando graves irregularidades praticadas na curadoria. Como procuram poderosas influencias evitá-la, pedimos a publicação na imprensa, para prestigio do paiz.—(*Direcção do Centro*).

# Uma experiencia concludente

Os escarros de tuberculosos, observados ao microscopio, quinze dias depois de um doente ter tomado a *Fibrocalcina*, acusam cerca de 1/3 a menos dos bacilos de Koch e 30 dias depois, apresentam cerca de metade dos bacilos

# O credito para os trigos

## O contrato do ministerio Granjo e o regimen actual

Está ainda na memoria de todos o contrato do fornecimento de trigos do governo Granjo, pelo qual era garantido o abastecimento de trigo por tres anos, com o desembolso dum terço apenas do seu valor em ouro, sendo os dois terços restantes pagos em bilhetes do tesouro reformaveis em determinadas condições.

Escusado é encarecer as vantagens de tal contrato que nos punha aqui os trigos pelos preços dos mercados de origem acrescidos apenas de 1,5 °/o.

Estaria a população pobre absolutamente garantida contra o espectro da fome, e o governo e o paiz livrar-se-iam da preocupação da descida vertiginosa da taxa cambial, porque seria possivel estabilisá-la.

Do governo Granjo faziam parte representantes do partido reconstituinte.

Este partido é ainda novo na politica e pela sua pouca idade, por certo, não fala desembaraçadamente; gagueja, hesita, e assim foi que o seu chefe, o sr. Alvaro de Castro, usando da palavra na camara, falara de tal forma que precipitou a queda do governo, visto que os seus correligionarios que faziam parte do ministerio, não puderam harmonisar a sua solidariedade nos actos governativos com as palavras do seu chefe politico.

Por seu lado os populares, com a forma epileptica da sua politica, desentranharam-se em insinuações, acusações e alusões a interesses ilegitimos, forcejando por incutir no animo do publico a suspeita de que o contrato estava longe da lisura e moralidade requeridas em taes actos de administração publica.

Havia ainda na camara um grupo discordante constituido pelos sequazes do sr. Domingos Pereira, os suplementistas, a que outros tambem chamam reconstituidos, para os quaes o programa politico é um suplemento, o seu objectivo é outro suplemento, a sua razão de ser é ainda um suplemento, e o seu maior padrão de gloria é a série de 29 suplementos ao *Diario do Governo* de 10 de maio, do ministerio presidido pelo seu para eles prestigioso chefe. Nada fizeram tambem para segurar o governo Granjo, apesar de toda a gente clamar que a instabilidade ministerial é o maior perigo que ameaça o paiz e a Republica.

Mas, pelo visto, ninguem se importa com o paiz, nem com a Republica. Felizmente a firmeza e energia do sr. Antonio Granjo conseguiram afastar para longe a questão moral e repor as coisas nos seus devidos termos, mas o contrato dos trigos foi relegado para qualquer comissão parlamentar e lá dorme o sono eterno dos justos.

Nós defendemos esse contrato com a firme convicção que ainda temos hoje, de que estavamos na razão e na justiça e não nos cançamos de dizer ao publico que se tratava dum documento claro, honesto e vantajoso para o tesouro e para o abastecimento da população.

No parlamento, porem, a politica de insinuações e acusações dos populares tinha produzido alguns frutos que juntos aos interesses da facção dos reconstituintes e dos suplementistas provocaram a queda do ministerio Granjo.

O contrato terminava com a serie de negocios rendosos que á sombra do fornecimento de trigos se vinha fazendo com o auxilio dos individuos que trabalhavam á comissão nos ministerios.

No regimen seguido via-se o ministerio da agricultura, a cada passo com a corda na garganta, como se costuma dizer, á mingua de trigo, e essa circunstancia poporcionava negocios rendosos aos fornecedores e ruinosos para o Estado. Por quanto se pagou esse trigo adquirido em taes condições, é segredo que não transpirou ainda, nem das repartições do tesouro publico, nem da caixa da casa Toriades, feliz abastecedora do trigo no nosso paiz. Mas ha de saber-se um dia, e então se conhecerão as razões da reacção que se levantou contra o contrato do trigo do ministerio Granjo.

### O Governo Cunha Leal

A queda daquele ministerio deu logar a mais uma dessas frequentes peripecias de se andar á procura dum governo durante dias e dias.

Formou-se emfim o ministerio presidido pelo sr. Alvaro de Castro em que assumiu a pasta das finanças o sr. Cunha Leal. Este irrequieto deputado, alcandorado naquela pasta, tomou desde logo uma tal proeminencia dentro do ministerio que o respectivo presidente ficou reduzido a uma sombra. Para uma só pessoa era o governo o ministerio Alvaro de Castro, era para o proprio sr. Alvaro de Castro.

Para toda a mais gente o ministeria era o governo Cunha Leal. Durou poucos dias.

Passou na governação publica como um raio devastador; não teve felizmente tempo de produzir todos os seus funestos efeitos.

Pretendia um impossivel n'um regimen constitucional — viver sem maioria no parlamento. Foi-se a terra, e de novo se repetiu a peripecia de se andar dias e dias em busca de um governo.

Depois de ter falhado uma combinação esboçada entre democraticos e liberais veio o poder a cair nas mãos do sr. Liberato Pinto que, tendo installado de novo o sr. Cunha Leal na pasta das finanças, desapareceu tambem por detraz d'esta ruidosa figura politica. O ministerio Liberato Pinto é, como o ministerio Alvaro de Castro, o governo Cunha Leal.

### Regressa-se á forma de acaso no abastecimento de trigos

E' o sr. Cunha Leal a mais buliçosa figura do ministerio, aquele que mais se move, que mais enche com a ruidosa resonancia dos seus actos este intranquilo rincão portuguez. E' a garra enorme, inexoravel, aberta para a nossa bolsa, com o criterio simplista de que, precisando o Estado d'uns tantos milhares de contos para solver o seu «deficit» que é o somatorio acusador de todos os desregramentos na administração publica, da magra algibeira do contribuinte deverão sair, ainda que seja á custa de sacrificios incomportaveis.

Para convencer o publico apresentou uma lista de casas importantes que pagam pouco ao Estado. Mas só falou em algumas, não em todas as que se encontram n'aquelas circunstancias.

A casa Soto Mayor, por exemplo, cuja riqueza é conhecida de todos, paga para o Estado 11 contos.

Porque não figurou na lista apresentada pelo sr. Cunha Leal, na Sociedade de Geografia?

Foi ela quem mais se insurgiu contra o contrato do trigo do ministerio Granjo.

Claro está que não o adopta no governo. Mas, precisando o Estado de trigo, não tem remedio senão mandar lá para fora libras aos milhares, e adeantadamente, na totalidade dos fornecimentos a fazer. Quer dizer, o abastecimento do trigo continuará a fazer-se em regimen de acaso e imprevidencia, á medida das necessidades instantes do ministerio da agricultura e á mercê dos preços que nos quizerem impôr.

Como, porem, a extraordinaria descida da taxa cambial quasi proibia a exportação das libras, pensou-se em racionar o pão. Mas o racionamento do pão é um facto grave e d'isso se aperceberam felizmente os que interferem n'esses assuntos.

D'ahi a necessidade de se pedir um credito enorme de 50 mil contos para mandar lá para fora adeantadamente para pagar os fornecimentos de trigo de que precisamos

Isso não sucederia com o contrato do ministerio Granjo e não teriamos de fazer agora mais esse enorme sacrificio, se ele não tivesse sido posto de parte em holocauto a manobras politicas partidarias.

No regimen adoptado, de acaso e imprevidencia, teremos ainda muitos mais sacrificios, como este, a suportar.

### O NOSSO PATRIMONIO

# Em favor das colonias

## Angola é o ponto para onde deve convergir a corrente emigratoria

Teem-se referido os jornaes, com o desenvolvimento compativel com a falta de espaço, de que enferma toda a imprensa portugueza, a uma nova organisação colonial, intitulada Companhia Colonial Agricola «Capela».

A «Capital», mercê da sua grande informação, e da multiplicidade de assuntos que trata, é dos jornaes de Lisboa onde o espaço mais escasseia: isso não nos impedirá, no entanto, de dizer tambem algumas palavras sobre a nova companhia, pelo que ela pode significar como agente de colonisação e fomento agricola da nossa Africa.

Do resto, os fundadores da Companhia «Capela» tiveram a gentileza de nos enviar os seus estatutos, e, conjuntamente, um relatorio-parecer, que melhor se chamaria um programa. E' esse documento que vamos analisar, satisfeitos por vermos que alguma cousa de util se pretende fazer no nosso dominio de além-mar.

*

Vejamos, antes de mais nada, porque isso nos parece o mais importante, quaes as culturas que a Companhia «Capela» poderá desenvolver nos seus terrenos. Ninguem ignora que nos faltam, a par doutros productos, os cereaes, o assucar e o algodão. De todos estes productos nós registamos um «deficit» permanente, e, se da falta do ultimo ha muito se resentem as nossas industrias delo derivadas, da escassez do primeiro nascem para o paiz encargos tremendos.

Ora, nesse relatorio, firmado por um engenheiro, viu-se que os terrenos desta companhia, prestando-se a uma infinidade de culturas, darão principalmente, alem daqueles trez productos mencionados, mais estes: o cacau, o café, a borracha, o tabaco, o arroz, o feijão, a batata doce e a enrojeia, etc. Quer dizer: dar-nos-ha tudo aquilo de que necessitamos, e, ainda mais, os gados e as madeiras, estas já de pronto, pois possue a «Capela» uma extensa região de matos virgens.

São esses os produtos que a nova empreza se propõe explorar em cuja

...tura intensa e por processos modernos.

Isto não é de modo nenhum indiferente á economia do paiz, antes pode, dentro de breve, influir poderosamente na debelação da pavorosa crise que nos flagela e que demanda remedios energicos; bastará isso para que vejamos com simpatia e, mais, com alvoroço, esta tentativa.

Folheando o relatorio da «Capela», porem, nós caminhamos de surpreza em surpreza, e não sabemos o que mais se nos impõe á atenção: se a vastidão dessas propriedades, se a sua situação que bem pode classificar-se—de unica!

Imaginem os senhores uma zona do sessenta quilometro, com uma superficie de mais de quinhentos quilometros quadrados, a menos de cincoenta quilometros do litoral, e comunicando com ele por meio de dois caudalosos rios, ambos navegaveis, o Bengo e o Quanza!

Quem conhecer a Africa sabe muito bem como ali escasseiam os meios de comunicação. Quantos terrenos estão incultos, e assim estarão por muitos anos, por falta de vias de comunicação e de transporte!

Pois a «Capela», a dois passos de Loanda, além d'essas duas correntes possue ainda uma estrada construida para transito de «camions», e, o que é melhor, é atravessada pelo caminho de ferro de Ambaca, em dois pontos!

Pois estas propriedades, que, como disse um colega, tem a vastidão d'uma provincia do continente, nunca foram cultivadas, tendo passado de possuidor para possuidor sem que qualquer deles se deixasse tentar pela fortuna!

Como se vê do mesmo relatorio, todas essas terras poderão produzir, após ligeiro preparo; de pronto, porém, a companhia proprietaria poderá, querendo, realisar muito capital, na extração de madeiras para mobiliario, construções navaes, etc.

Recapitulando, a companhia «Capela» propõe-se:

Desenvolver a agricultura dos cereaes; arroz, cana de assucar, cocau, café, algodão, tabaco, palmeiras, borracha, e desenvolver as industrias das oleaginosas, da moagem, da ceramica, das carnes, dos cortumes, do tabaco, dos moveis, das construções navaes; desenvolver amplamente o comercio de todos os produtos.

Uma das causas do afastamento do negro e que tambem influe no retraimento dos europeus é a falta de erabitação. A «Capela», como quem conhece muito bem as necessidades do meio, remediará o caso, porque tem no seu programa:

Construção de um edificio com todas as condições higiénicas e relativo conforto para habitação do pessoal europeu categorisado; dependias para o pessoal de terreiros e outros adequados para os serviçaes indigenas; construção de um edificio com as respectivas dependencias, que possa servir para um hospital modelar; construção de um terreiro edificio apropriado e escola de artes e oficios para indigenas, menores e adultos.

Para execução imediata desta parte do programa bem como para tudo quanto seja construções a realisar, tem recursos proprios nas propriedades: pedra, cal, tijolo, telha e madeiras.

A «Capela» montará uma bela serração mecanica, e nas outras zonas já determinadas pelas experiencias realisadas, procederá a diversas plantações, assim como dará o inicio á industrias da ceramica, na região onde se encontram os jazigos de kaolim.

Como todas as grandes emprezas, a «Capela», visando a dar-se uma vida autonoma, não ficará na dependencia, por exemplo, das companhias de navegação, e adquire, logo de começo, dois barcos de vela servidos de motores, com 2.000 toneladas de carga e destinados a transportar para a metropole os suas mercadorias. Tambem fará construir, com madeiras suas, embarcações para o trafego nas duas correntes fluviaes até á costa, visto que tanto o Bengo como o Quanza são acessiveis a barcos de 50 toneladas de carga.

A «Capela» entremostra-nos uma obra grandiosa, que todos temos o dever de auxiliar, sem excepção dos poderes constituidos.

Uma região tão vasta como é a «Capela», distando da costa apenas 49 kilometros, servida por caminho de ferro, pela via fluvial e pela estrada, e, prestando-se a uma infinidade de culturas—essa região deve constituir, de hoje em deante, o sonho dos portuguezes a quem domina a ambição, aliás legitima, de ser rico!

## VIDA SPORTIVA

### «Poule» hipica

Se o tempo se mantiver, realisa-se depois damanhã a «poule» hipica, organisada pela Sociedade Hipica no seu hipodromo de Sete Rios.

A poule começa ás quatorze horas e são validas as inscrições feitas para a «poule» marcada para domingo passado.

Os bilhetes requisitam-se na séde da Sociedade.

## Desastres no trabalho

Depois de operado do trepano, recolheu á enfermaria de S. Francisco no hospital de S. José, Artur Rocha, que caiu na escada, na geradora da Companhia Carris de Ferro, fracturando o craneo.



# O RACIONAMENTO DE GENEROS

## As medidas do novo comissario dos abastecimentos

Sr. redactor d'*A Capital*—A comissão anti-clerical 5 d'outubro deliberou provocar uma manifestação de agradecimento ao sr. comissario dos abastecimentos, pelas «promessas» de s. ex.ª relativas á subsistencia publica.

E' aprimeira vez que, neste paiz se faz uma tal manifestação, é mesmo «caso unico», em todo o mundo civilisado: homenagem e agradecimento, sobretudo agradecimento, a quem ainda «nada fez» e que, naturalmente «nada fará» como tem sucedido aos seus antecessores e pela mais simples razão: «pois que nada se poderá fazer emquanto o cambio tiver a divisa de 6 com tendencia para baixar».

Dizia hontem com verdadeiro espirito um deputado da nação, aliaz muito simpatico e que ha pouco foi chefe de gabinete de um dos ministros: «E' a primeira cousa de geito que faz o novo comissario provocar «desde já» uma manifestação «espontanea»... porque daqui a poucos dias não a poderia conseguir.»—Nós não somos bem da opinião do ilustre deputado, porquanto já se sabe que o preventivo comissario vae estabelecer o racionamento de generos indispensaveis á alimentação publica, e assim teremos racionados o azeite... que não ha no paiz porque a colheita é calculada numa quarta parte de uma colheita normal. Logo o racionamento corresponde a zero. Teremos o racionamento do assucar, cousa muito pratica... havendo assucar, mas como só se encontra a preços elevadissimos, toda a gente compreende para que serve tal racionamento—«resultado zero».

E' de presumir que o sr. comissario tenha em mente os demais racionamentos de generos... que tambem não existem.

Mas de tudo o mais curioso e ainda sobretudo pratico e bem imaginado, é o racionamento do pão.

Este, salvo o devido respeito pelo sr. comissario, é que nos parece de «eternas luminarias»... — quando haja gaz ou electricidade barata— pois num paiz como o nosso, em que os generos de alimentação publica se não encontram á venda, ou só a preços incompativeis com a bolsa das classes menos abastadas, racionar o consumo do pão, unico genero que é hoje a base da alimentação publica, nem ao proprio diabo lembraria!

O sr. comissario, por quem temos toda a consideração, tem de pensar no caso duas ou mais vezes, se não quizer provocar em todo o paiz uma reacção cujas consequencias desgraçadas são bem de prevêr.

E depois como julga o sr. capitão-tenente Trancoso efectivar em todo o paiz, nas cidades, nas vilas, nas aldeias, nos «montes», etc., etc., o tal racionamento? Isto seria ainda mais impossivel do que a repetição de uma «papisa», dada a conferencia medica a que os «Papas» teem de se sujeitar...

Tambem ouvimos dizer, mas não acreditamos, que o sr. comissario dos abastecimentos reparara que em Lisboa, e por esse paiz fóra, se encontrava muita gente gorda, e que este facto era devido ao excesso de alimentação, e para pôr cobro a um tal abuso, entendera reduzir ao minimo a alimentação publica, a começar pela do pão? A idéa era aceitavel num paiz em que toda a gente fosse gorda, mas como entre nós 90 °|o da população é magra, esta enorme percentagem ficaria em breve reduzida... a «mumias».

A par destas extraordinarias idéas sobre alimentação publica, tambem se diz que o azeite não será tabelado conforme a comisão indicou, nem o toucinho, nem a banha de porco, nem a manteiga de vaca, nem a margarina (que já se vende a 7$00 cada quilo fingindo ser manteiga de vaca), etc. No alto criterio do sr. comissario os produtos similares estrangeiros virão meter em ordem a ganancia comercial. Ha «apenas» uma pequena dificuldade: é que ao cambio actual, e até que chegue a 17 ou 20, aqueles produtos não poderão ser importados para ter acção contra a referida ganancia, e até lá (?) a exploração que se está fazendo continuará arrastando o consumidor á miseria e á fome.

Se isto não é um paiz de doidos varridos é, pelo menos, um paiz de inconscientes. — Z.

## A solução que um nosso leitor entende ser a unica para baratear os generos

*Sr. redactor:*

As minhas felicitações pelo artigo de hontem sobre racionamento de generos. Parece que voltamos aos tempos de guerra, em que havia falta de tudo por não haver transportes.

Querem novas tabelas? Vejam depois os resultados, como agora está acontecendo. Ha um ano o arroz nacional custava $45. Veio a tabela Luiz Ricardo, os lavradores não o cultivaram, e hoje custa uns 1$25 por kilo. O assucar com a tabela é um bom negocio para diversos e muita gente tem enriquecido á custa de guias e coisas diversas.

Veja o que se tem passado com o assucar estrangeiro. Começou por se vender a 3$50 e a concorrencia fez que baixasse em oito dias para 2$40, onde se conservaria, se não fosse, em parte, monopolisado.

Querem embaratecer a vida?

Entreguem a importação de trigos ás entidades que n'outros tempos a faziam, porque deixa o Estado de pagar diferenças de preços, cambios, etc.

Querem assucar? Deixem vir quantidades das colonias e uma vez que todos os importadores o possam mandar vir eles se encarregarão de o baratear pela concorrencia.

Com o carvão e arroz sucederá a mesma coisa uma vez que não haja tabelas nem guias de transito.

A solução unica para baratear os generos é acabar com tudo quanto sejam repartições de abastecimentos como já se fez em todos os paizes que entraram na guerra.

Deixem cultivar á vontade, sem dificuldades, porque havendo abundancia, os artigos baixam.

Os abastecimentos estão custando ao Paiz algumas centenas de contos sem proveito para ninguem.

Não largue de mão o assunto que tem a opinião publica ao seu lado. —De v. etc.—*Julio Neves.*





## O concerto Blanch de domingo

Ha muito tempo que se não organisa um concerto tão notavel como o do proximo domingo no São Luiz, em que a «Orquestra Sinfonica Portugueza», dirigida pelo maestro Blanch em concerto extraordinario, realisa um grandioso Festival comemorando o 150.º aniversario do nascimento de Beethoven.

No programa figuram os maiores exitos da Orquestra Blanch, entre eles o celebre «Septimino», completo com todos os andamentos, a 5.ª «Sinfonia», a ouverture da «Leonore», o «Allegretto Scherzando da 8.ª Sinfonia», etc. Não admira, pois, o grande entusiasmo que existe por esta bela tarde de arte e de elegancia no São Luiz.

## Azilo dos Cegos Castilho

E' amanhã, pelas 14 horas, que se realisa a matinée literaria e musical promovida por Madame Rangel Baptista com o concurso do sr. Santos Tavares e algumas senhoras da nossa sociedade, em beneficio d'esta casa de caridade.

No final da matinée haverá sorteio de artisticos brindes oferecidos por casas comerciaes.

## LIVROS E PUBLICAÇÕES

**O Luziada.**—Saiu o numero 4 d'esta publicação quinzenal, literaria, artistica e teatral, de que são directores os srs. Emilio Manoel Garrido e José de Souza Lobo. Escolhida colaboração.

**A B C.**—Saiu hontem mais um numero, o 23, d'este magnifico «magazine» literario, que vem, como sempre, interessante e com assuntos de actualidade.

**O Automovel.**—Recebemos e agradecemos o numero 15 d'esta publicação, da casa Vaquinhas & C.ª, Limitada.

**A revolta do Monsanto.**—O tenente coronel sr. Pimenta de Castro, comandante de infantaria 16, ao tempo da revolta de Monsanto, compendiou n'um volume que acaba de publicar, documentos que aproveitam á historia d'esse periodo agitado da politica portugueza.

O intuito do sr. Pimenta de Castro é ilibar-se das acusações que lhe foram feitas. Como nos não compete, a nós, prenunciarmo-nos sobre o facto, limitar-nos-hemos a noticiar o aparecimento do seu livro.

## 1.ª vara comercial de Lisboa

### ANUNCIO

Por este Juizo, cartorio do escrivão do 2.º oficio, correm editos de 30 dias, contados da publicação do segundo e ultimo anuncio, citando a firma Portuguez Guerreiro & Companhia, e Portuguez, residentes que foram em Setubal, onde aquela firma tinha a séde, e hoje ausentes em parte incerta, para no decendio, findo o praso dos editos pagarem no cartorio do escrivão do 2.º oficio da 1.ª vara comercial de Lisboa, a quantia de 130$59, de custas de sua responsabilidade, contadas e em divida nos autos de acção especial que áquela firma moveu Carlos da Costa Marques e os selos acrescidos, ou no mesmo praso nomearem bens á penhora suficientes para aqueles pagamento e para o mais que legalmente fôr devido até final, sob pena do direito de nomeação se devolver ao exequente, o Ministerio Publico.

Lisboa, 23 de Junho de 1920.

O escrivão do 2.º Oficio
Arnaldo Rebelo da Costa Franco e Abreu

Verifiquei: O Juiz Presidente.
Nunes da Silva



# ULTIMA HORA

# PARLAMENTO

## Na Camara dos Deputados

O sr. Orlando Marçal manda para a mesa um projecto de lei regularisando a situação dos aspirantes chefes das repertições do registo civil de todo o paiz, garantindo-lhes a qualidade de funcionarios publicos, sem poderem ser castigados sem processo e dando-lhes o direito a receberem de ordenado um terço de todos os emolumentos cobrados nas respetivos repartições.

O sr. Maldonado de Freitas envia tambem um projecto determinando que todo o individuo que sem estabelecimento proprio praticar actos de comercio ou de industria seja obrigado a munir-se de uma licença anual de contribuição, da importancia de 1.000$00, paga adeantadamente na tesouraria de finanças do concelho ou bairro onde resida.

O sr. Antonio Mantas reclama contra a falta de transportes ferro-viarios para o abastecimento da batata em Lisboa. Vota-se o projecto licenciando, logo após a sua incorporação, e com prejuizo das escolas de recrutas e de repetição, assim como de quaesquer outros serviços militares que lhes possam caber em tempo de paz, no exercito metropolitano ou colonial, os mancebos que forem oficiaes da marinha mercante nacional e aos quaes pertença a incorporação nos anos decorrentes de 1920 a 1925, desde que o requeiram e provem estar embarcados em navios portuguezes, compreendendo os medicos da marinha mercante.

Entra em discussão um projecto do sr. Maldonado de Freitas, determinando que as camaras municipaes igualem as subvenções dos seus empregados pelas que o Estado estabelecer aos funcionarios publicos em efectivo serviço ou reformados.

Na ordem do dia vota-se o projecto reorganisando os serviços farmaceuticos do exercito, com a constituição dum quadro especial, com ligeiras alterações dos srs. Costa Junior, Domingos Cruz e Pinto da Fonseca.

## OS POVEIROS

### Chegam ao Funchal 400 repatriados

No gabinete dos reporters, no governo civil, foi hoje recebido o seguinte telegrama:

«*FUNCHAL, 17 ás 8,30.—Primeira remessa de 400 repatriados do norte do Brazil; somos os martires que, regressando á patria amada, saudamos a academia, o povo e a imprensa da capital.*

*Viva a Republica Portugueza!*
*Pela comissão*, Marques».

## Ordem publica

Foi entregue á policia de Segurança do Estado um petardo, que o guarda 1039 encontrou nas escadinhas de Santo Justa, esquina da rua do Ouro.

# A firma Napoles & C.ª

## repele as acusações do sr. ministro das finanças

Recebemos a seguinte carta:

Lisboa, 17 de dezembro de 1920. Sr. Redactor.—No legitimo direito de defesa enviamos n'esta data a V. uma copia da carta que acabamos de entregar á Presidencia da Camara dos srs. Deputados.

Muito gratos ficaremos a v. pelo grande favor de permitir que no seu honrado jornal sejam publicadas quaesquer acusações concretas, venham elas d'onde vierem, que permitam ao publico tomar inteiro conhecimento sobre a veracidade ou não veracidade das declarações feitas no parlamento pelo sr. ministro das finanças.

Com toda a consideração, de v. etc.—
*Napoles & C.ª*

*Ex.mo senhor Presidente da Camara dos srs. Deputados da Nação Portuguesa.*—Pelo relato dos jornaes tivemos conhecimento, de que o sr. Ministro das Finanças havia dito no Parlamento, que a nossa casa, signataria do contracto para fornecimento de trigo, «era de tal ordem que, se não fosse o auxilio do Estado, estaria a estas horas no Tribunal do Comercio por motivo de falencia».

Esta afirmação é de muita responsabilidade, mas visto que o sr. Ministro das Finanças a fez, cumpre-lhe sem demora provar:

1.º que a nossa casa está ou estava em risco de falencia.
2.º que o Estado a salvou da falencia;
3.º que acto ou actos de auxiliopraticou o Estado para evitar esse acontecimento;
4.º—Quando e onde nos comprometemos a emprestar ao Estado cinco ou seis milhões de libras.

Infelizmente não temos a palavra na Camara para responder á agressão no propio lugar onde ela foi feita.

Esperamos, pois, que a Camara não deixará de apreciar o significado desta carta e de exigir que o sr. ministro das finanças se justifique, em termos claros e precisos, com factos insofismaveis, porque não ha direito de ferir o credito de ninguem, sobretudo em local onde não é possivel a defeza.

Reservando-nos o direito de fazer desta carta o uso que entendermos, pedimos a V. Ex.ª a fineza de dar conhecimento d'ela á Camara da sua Digna Presidencia.

Com a maior consideração, somos de V. Ex.ª Mt.º Attos. Vres. e Obgs.
ass) *Napoles & C.ª*

## General Manuel Nogueira

Faleceu hoje no hospital de S. José o general de divisão reformado sr. Manuel Ignacio Nogueira, que, como hontem noticiamos, foi colhido por um traywams em Algés.

## Conselho de ministros

O conselho de ministros reuniu esta tarde na secretaria das colonias, ocupando-se de assuntos de administração publica, especialmente das medidas que vão ser decretadas sobre subsistencias.



## Companhia Nacional de Caminhos de Ferro

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

**CAPITAL — Esc. 934.365$00**

Nos termos do artigo 13.º dos Estatutos se faz publico que no sorteio das obrigações da série «Mirandela-Bragança», 37.901 a 37.905, 40.226 a 40.230, 44.996 a 45.000.

O pagamento dos juros e amortisação desta série, relativo ao 2.º semestre de 1920, começará no dia 3 de Janeiro p. f. em Lisboa, na séde da Companhia, Avenida da Liberdade, 59, 1.º, das 11 ás 14 horas e continuará em todos os dias uteis até 15 do referido mez e depois ás 6.as feiras para as relações conferidas em cada semana.

Este pagamento tambem se realisa no Porto, na filial do Banco Nacional Ultramarino e no Banco Aliança.

No acto do pagamento será descontada a avença de contribuição de registo que for devida e emolumentos de 6 o|o nos termos da Lei.

Lisboa, 13 de Dezembro de 1920.

O director de serviço
*Belchior José Machado.*



## Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste

### Concurso para admissão de dactilografas de 2.ª ordem

### AVISO

As candidatas abaixo indicadas deverão apresentar-se na séde da Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, em Lisboa, rua de S. Mamede, ao Caldas, 63, pelas 12 horas do dia 17 do corrente mês, afim de serem submetidas á inspecção da junta medica dos mesmos Caminhos de Ferro, caso próvem satisfazer ás restantes condições de admissão:

1.ª—Maria de Lourdes Figueiredo.
2.ª—Deolinda Monteiro da Silva Henriques.
3.ª—Maria José de Almeida Frazão.
4.ª—Julia Borges do Canto.
5.ª—Rosinda Adelaide Ferro de Carvalho.
6.ª—Placida Ortiz de Urbina.
7.ª—Sofia da Conceição Sousa Ferreira.
8.ª—Alice da Purificação Macedo.
9.ª—Henriqueta Aida Guerreiro.

As candidatas aprovadas na inspecção medica terão de comparecer novamente no dia 18 do mesmo mês, pelas 11 horas, afim de prestarem provas escritas e oraes de habilitação ao logar a que se propõem.

O programa destas provas encontra-se patente na séde da Direcção.

Lisboa e Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, aos 13 de Dezembro de 1920.

O Chefe de Serviço da Secretaria
*Vasco Lupi*

## A'S GRANDES EMPREZAS

### Bom emprego de capital

No dia 22 do corrente, ás 13 horas, á porta do Tribunal da Boa Hora, e pelo inventario, Leal que corre na 3.ª vara Civel e cartorio do sr. escrivão Ferreira, serão postas em praça as duas importantes propriedades urbanas:

1.º

Todo o quarteirão situado na Praça de S. Paulo, n.os 1 a 15, que faz frente para quatro ruas, o qual vae pela 2.ª vez á praça em 600 contos (isto é por menos de metade do seu valor).

2.º

O predio da rua de S. José ou Alves Correia, n.os 83 a 87, o qual tem grande quintal e vae pela 1.ª vez á praça em 25 contos.

A contribuição fica a cargo do arrematante. Ambos estes predios tinham o encargo de usufruto da Viscondessa de Massamá, já falecida em abril ultimo, e todos os individuos que os estão ocupando não teem outros arrendamentos alem dos feitos com a mesma usufrutuaria, mas arrendamentos hoje julgados caducos de pleno direito, nos termos do artigo 9.º da lei do inquilinato em vigor, e artigos 2207 e 2241 N.º 1, do Codigo Civil.

O cabeça de casal
*Antonio Lourenço Rodrigues*

# A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3729 — 11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Sabado, 18 de Dezembro de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71 — Preço, 3 centavos


# A ORDEM

Quando o sr. Alvaro de Castro foi chamado a constituir gabinete, houve um momento de espectação por parte da opinião publica. O sr. Alvaro de Castro separara-se do partido democratico, anunciando a necessidade duma politica moderada, susceptivel de obter uma pacificação na sociedade portugueza que permitisse a obra que era a finalidade da sua acção restauradora do paiz. Repudiava os extremismos, as intolerancias: ora a harmonia, o equilibrio. O seu governo seria o que indicava a sua divisa partidaria. Seria um governo de reconstituição nacional. Seria o governo Alvaro de Castro. Não o foi: foi o governo Cunha Leal.

Cahia o ministerio Alvaro de Castro, talvez ainda muito mais em consequencia do assombro e da decepção com que foi recebida a sua composição heterogenea do que pela falta de uma maioria parlamentar. A nossa complicada politica invalidava quasi todas as soluções. Podia-se prever o descredito, o tumulto, o descalabro. O sr. Liberato Pinto foi convidado a formar governo, e aceitou essa missão.

Se o nome do sr. Alvaro de Castro tinha um significado que infelizmente está perdendo, o nome do sr. Liberato Pinto tinha outro. Se o primeiro chegara a representar a corrente mais forte da opinião publica, o segundo significava a maior força do Estado. Mais ainda: de segurança social. Recorrer ao sr. Liberato Pinto era recorrer á propria ordem. O sr. Liberato Pinto, no poder, deveria ser o expoente de todos os profissionaes da agitação, qualquer que fosse o rotulo com que se designassem. O seu governo seria a força posta ao serviço da lei, o escudo de todas as garantias colectivas e individuaes. Seria o governo Liberato Pinto. Engano: tem sido, como o seu antecessor, o governo Cunha Leal.

E' a personalidade do sr. Cunha Leal que aparece em destaque nas duas situações ministeriaes, e por isso tanto uma como a outra teem tido um ar extremista, violento, um aspecto «sans-culotte», que poderá ser util nas horas em que é preciso desencadear as lutas armadas, mas que só pode gerar retraimentos e pavores quando se trata, em plena anormalidade politica, de exigir do paiz, não o seu sangue, mas o seu dinheiro, para garantir a administração do Estado.

Tanto o sr. Alvaro de Castro como o sr. Liberato Pinto foram relegados a um plano secundario, a uma situação apagada, pelo sr. Cunha Leal. E' ele o homem que as seitas aclamam, é ele que procura sempre estribar-se na rua para que as suas ameaças não sejam tomadas á conta de simples explosões retoricas. O sr. Alvaro de Castro sumiu-se já na penumbra. Resta saber se o sr. Liberato Pinto não se resolverá a sahir dela. Vamos talvez ter ocasião de o verificar.

Ninguem ignora que amanhã se realisa um comicio em que será feita a apologia das propostas de finanças. O que se passou na Sociedade de Geografia pode ser uma indicação do que se passará no teatro Nacional, já consagrado como recinto das mais apaixonadas reivindicações jacobinas. Que palavras se pronunciarão nesse comicio? Que consequencias terá? Não o sabemos. Mas é necessario que saibamos se não ha o direito, nem mesmo nas colunas da imprensa, de analisar as propostas de finanças, de as discutir, de reclamar contra as suas disposições que sejam injustas ou arbitrarias. E' necessario que saibamos se é forçoso sujeitar as bocas a uma mordaça e as pernas a um grilhão. E que saibamos tambem se dos apodos e invectivas se passará ás vias de facto, de que já temos tido infelizmente exemplos em repetidos atentados contra a liberdade de pensamento.

Veremos, então, se amanhã começa a existir realmente o governo do sr. Liberato Pinto.

Menos do que ninguem poderá s. ex.ª alegar não ter á sua disposição os meios necessarios para manter inflexivelmente a ordem publica. Menos que ninguem, poderá s. ex.ª alegar não ter força, quando está no governo precisamente como sustentaculo da ordem que se não mantem com a segurança da força.

A Republica caminha para mais uma das suas provas, e esta pode ser decisiva.





# DOIDOS, ELES!

## Ao adversario, "salut"!

Ao regressar a casa, depois da primeira conferencia com o Manuel eu ia pesaroso. Talvez o sr. dr. Cunha não o acredite, mas no meu intimo alguma coisa tremeu levemente, como se, numa onda vibratoria quasi apagada, tivesse chegado até mim uma dôr que estalasse distante. Eu conhecia de Coimbra o sr. Dr. Cunha, de quem fôra contemporaneo, quando estudante da Universidade; poucas, muito poucas vezes tinhamos falado, (talvez duas ou trez), sem que as nossas relações passassem de momento ceremoniosas; o descalabro do seu lar cecti-o porém, apesar disso e como o «irremediavel» se impunha, o caminho, no meu entender, estava definido: eu saberia ser advogado e o sr. dr. Cunha saberia ser homem.

Advogado tenho-o sido, na convicção de haver honrado a toga que visto. Homem, vêja ele, em sua consciencia, se o é.

Foi nesse estado de ânimo que escrevi ao sr. dr. Cunha uma carta, que no «Doida não»! já foi inserta e que desejo tambem transcrever aqui:

«Porto 21-3-1919.—Ex.mo Sr. Dr. Alfredo da Cunha. L. de S. Vicente, 5, Lisboa.—A vida de advogado tem, por vezes, situações amargas. Convidado ante-hontem a aceitar a defeza dum homem, deparei com um lamentavel drama de familia com V. Ex.ª, queixoso no processo.

¿Que fazer? Recusar o encargo? Talvez o coração m'o ditasse, não obstante nunca terem passado de ceremoniosas as nossas relações; mas, se é certo que não sou um egoista, tambem é certo que mal vai á gente que se deixa levar só pelo coração.

Antes, porém, de dar o primeiro passo na causa, quero significar a V. Ex.ª que é com mágua que entro nela, embora vá, como é de lealdade profissional, pôr-me inteiramente ao lado do meu cliente.—De V. Ex.ª V.or At.º e mt.º obg.º — «Bernardo Lucas».

O sr. dr. Cunha não compreendeu o significado desta carta nem a delicadeza da minha situação. Quiz aproximar-se de mim, (para quê?!) tentou por duas vezes subir os degraus da minha casa, e eu tive de sacudi-lo, como já expliquei numa nota do «Doida, não»! (Pag. 181.) Não compreendeu sequer a delicadeza com que magoadamente eu lhe dizia que «mal ia áquelles que se deixavam levar só pelo coração»...

✻

O Manuel convidou-me não só a defendê-lo, mas a defender tambem a senhora, por amôr de quem estava preso e que, em Lisboa, como desvelada enfermeira, lhe salvára a vida... Aceitei a dupla incumbencia. O dificil estava em obter da sr.ª D. Maria Adelaide a procuração, sem a qual eu nada podia requerer a seu favor. Conhecia as draconianas disposições regulamentares do Hospital do Conde de Ferreira desde o tempo em que lá me tinham negado entrada para conferenciar com um cliente. Conseguira então vencer a recusa hospitalar mediante ordem formal dum Juiz perante quem deliberei reclamar, baseado numa antiga procuração que estava em meu poder. ¿Mas no caso da sr.ª D. Maria Adelaide como agir, sem procuração?

Pensei em fazer chegar ás mãos desta senhora, «por uma maneira misteriosa» (o Hospital do Conde de Ferreira é uma torre de misterios...), meia folha de papel selado, um sêlo, a formula dum mandato e uma caneta com tinta; e até me ocorrea á ideia de meter lá uma «doida com juizo» que levasse o papel selado... Está-se a vêr que é mais facil meter gente sã no Hospital do Conde de Ferreira do que internar lá vários malucos... Optei pela primeira solução e, emquanto para indagação duns misterios que eu precisava conhecer para desenvolvimento do plano que formara, entrava em acção a minha policia,—porque fique o leitor sabendo—que tambem tenho a minha policia, graças á qual até sei dos passos que tem dado certo jornalista do Porto...—eu punha-me a caminho do Roção, Castro Daire e Santa Comba, para investigar elementos em que pudesse buscar a defêza do meu constituinte.

Mas descancemos um pouco antes da viagem.

**Bernardo Lucas.**

# Não era completa a lista

## Casa que não paga ao Estado aquilo que deve

O sr. Cunha Leal, á mingua de argumentos que calassem no espirito reflectido duma parte dos assistentes á sua conferencia da Sociedade de Geografia, pretendeu estimulá-los com uma relação de casas fortes da praça de Lisboa que até hoje teem pago muito menos do que deviam, ao tesouro publico, e leu entre os aplausos daqueles que lá estava só para isso, a seguinte lista:

| Casa | Importancia |
|---|---|
| Armazens do Chiado | 4.200$00 |
| Armazens Grandela | 11.865$00 |
| Henry Burnay & C.ª | 5.900$00 |
| Hornung & C.ª | 918$00 |
| Jeronimo Martins | 2.323$00 |
| José Cordeiro Junior | 1.401$00 |
| Casa Tot | 5.785$00 |
| Levy & C.ª | 2.103$00 |
| Lima Mayer | 2.570$00 |
| Restaurante Tavares | 96$32 |
| Nunes & Nunes | 2.600$00 |
| Restaurante Montanha | 42$00 |
| Oliveira Soares | 211$00 |
| Ramiro Leão | 2.223$00 |
| Fonseca, Santos & Viana | 2.827$00 |
| Borges & Irmão | 595$00 |
| Bensaude & C.ª | 5.496$00 |
| Casa Hinton | 97$00 |
| Rugeroni | 5.500$00 |
| Gonzalez & C.ª | 390$00 |

Não surtiu efeito o expediente porque ninguem ignorava que, com efeito, muitas casas ha que não teem pago, senão uma percentagem minima daquilo que deviam pagar. Estava até entre a assistencia muita gente que poderia completar a lista que o sr. Cunha Leal apresentou, infelizmente, incompleta.

Porque se vê nela, por exemplo, a casa Soto Mayor que paga ao tesouro publico 11 contos, quantia insignificante para a importancia dos seus negocios e especulações.

Porque não figuraria na lista aquela casa?

Não forneceriam as repartições competentes ao sr. ministro das finanças a nota respectiva?

O sr. Soto Mayor é, como se sabe, o feliz arrematante da Agencia Financial do Rio de Janeiro.

## Visitas de estudo

Os alunos do 4.º ano do curso comercial da Escola Academica visitaram em grupos de 15, durante os quatro ultimos dias, a fabrica do vidro das Gaivotas.

Os estudantes eram acompanhados pelo director sr. Fragoso Pereira e pelo professor de sciencias sr. Bernardo Vila Nova, sendo recebidos com a maior gentileza pelo pessoal superior.

E' com esta a segunda visita de estudo que o referido curso faz no presente ano lectivo.

## Açambarcadores

*O ministro do interior francez, mostra-se resolvido—diz o* Gaulois*—a tomar energicas providencias contra os açambarcadores. E' justo—e pena é que em Portugal se não adopte o mesmo criterio. Entre nós o açambarcador constitue um tipo privilegiado. Tem-se por vezes a impressão de que as leis sobre subsistencias são feitas—exclusivamente para eles. E' por isso que nós passamos a vida a fazer namoro—ao comerciante. Dizia-me hontem não sei quem: tenho quase seduzido o meu merceeiro. Está quase a cair... com meio kilo de manteiga.*

## Finanças

*Ha muito que entendo—e com intima convicção—que se devia lançar um imposto sobre certas mulheres. Por exemplo: Sobre as viuvas com menos de trinta anos; sobre as divorciadas até aos quarenta; em geral, todas as raparigas bonitas. Não se pode deixar de concordar que estas simples medidas dariam ao Estado um lucro atraente. Em todo o caso se o governo adoptar o meu ponto de vista—juro-lhes que meto desde logo o meu requerimento para fiscal dos impostos.*

## Congressos

*Estão-se actualmente realisando dois congressos de partido—um, o do Partido Republicano Portuguez, no Porto; o outro, o do Partido Liberal, a dois passos de nós: no Liceu Camões. Estes congressos são interessantes—e uteis. Interessantes porque se chega sempre, depois de afirmações contraditorias, a uma harmonia deliciosa; uteis porque permite a muitos provincianos politicos uma ida ás cidades que não conhecem—por metade dos preços nos comboios.*

**Luis d'Oliveira Guimarães**

## As cem mil libras

Disse ha dias o sr. Cunha Leal no parlamento com aquele seu fogoso temperamento que não retem dentro de si, na medida do bom senso e da razão, o conhecimento dos mais graves e melindrosos casos que se vão danvesdo na finança, que houve uma casa bancaria que pediu ao Estado cem mil libras e que as não pagou. Estas coisas não se dizem assim publico e raso, mas quando saem pela boca fóra de quem tem obrigação de as calar, não podem ficar em meio. O sr. Cunha Leal, fazendo aquela declaração, devia ir até ao fim, apontando a casa que não havia satisfeito o seu debito ao Estado para que não ficassem todas as casas bancarias de Lisboa sob a suspeita gravissima de terem faltado aos seus compromissos sofrendo na sua reputação e na sua honorabilidade.

A casa a que o sr. Cunha Leal queria referir-se, é a casa Espirito Santo.

AUTENTICAS

# A panela salvadora

A manhã radiosa de quarta feira fez com que eu desse um passeio de bicicleta da Parede até ao Mont'Estoril.

Nem frio nem vento; uma atmosfera doce e azul como não é possivel encontrar, em dezembro, em nenhum outro canto do planeta. O mar então estava amoroso e calmo como um animal refeito. As velas brancas dos barquinhos de pesca eram como o airoso começo da volatilisação de tantas coisas belas por lá perdidas.

Perante aquele ambiente meigo e estonteante de luz não me lembrei mais de que ha uma Lisbôa, onde tinha de vir pagar o tributo pesado de meus labores citadinos.

Tão tarde voltei que não tive tempo de almoçar. Entreguei a maquina, a paciente amiga do meu isolamento e parti. Ao chegar a esta cidade de fortes e valentes arruaceiros, pensando na minha incuria, no meu desleixo, eu senti o meu cerebro invadido pela mais decedida tolerancia para com os homens de vida desordenada e ociosa. Nem mesmo os papalvos postados ás portas dos estabelecimentos, trocando impressões diarias, derretendo no fogo da cubiça que em seus olhos arde, as mulheres que passam, me pareciam torpes lazzaroni.

A culpa, toda a culpa, tem-na o clima; os encantos deste ceu e deste mar. Com tudo isto, ainda haver exigentes que nós queiram com juizo, será bem a prova de a que esta vida é um purgatorinho.

Mas a fome apertava. Deram 2 horas; e eu sem almoço. Não pude mais, entrei no Gibraltar e almocei. Mas durante o almoço é que foram elas. A' mesa proxima estava sentado um homem que falava muito alto, que ria estrondosamente. Era corpulento e forte e desafiava o infortunio como heroe que se sente inatingivel.

Eu nunca vi maior exuberancia de vida. Era homem do mar. Personagem cuja biografia andará iriçada de tempestades e de quatro anos de cautelas com os submarinos. E a sua voz um pouco velada pelos nevoeiros e pelo «gin» atirou para ali, descuidosamente, a seguinte passagem da sua vida:

Sua mulher saira hontem de manhã cedo. A sortida matinal causou-lhe surpresa, pois ele não conhece alguem que menos ausencia faça ao seu lar cheio de filhos—E ria... e comentava:

«Isto sendo eu homem do mar; passando como passo a minha vida por fóra. O que faria se estivesse cá sempre? Era a arca de Noé, a minha casa». Referia-se a pluralidade de sua prole.

Depois continuou o fio da sua historia.

«A' sua volta, vendo nela um desusado olhar de contentamento, a expressão de quem vê realisada uma medida de salvação, não pude conter-me e perguntei-lhe: o que foste fazer tão cedo, mulher?

E ela respondeu-me:

«O que imaginam você que ela respondeu?

«Aposto que não adivinham.

—Eles disseram:

«Foi á missa; foi á praça?»

«Qual missa, nem qual praça?

«Foi comprar uma panela!

Uma gargalhada geral ruboou por todo o restaurante, e terminada ela, ainda o riso franco e bem-humorado do homem do mar, se prolangava como o franjar de enorme vaga ao sol claro do outono.

«Mas que panela, meus amigos!» e o riso recomeçava:

«Parece a caldeira do meu barco! Nova gargalhada dos circunstantes.

«E' uma panela enorme, a maior que ela encontrou no mercado; é de ferro e fecha-se tão hermeticamente como a mais perfeita marmita.

Nesta altura comecei a achar o caso interessante.

—«Mas para que quer ela a panela? —perguntou-lhe um dos companheiros.

—«Eis a questão. Surpreendido, eu fiz a mesma interrogação.

«Para que foste comprar esse caldeirão? indaguei solenemente; — e ria, ria sempre.

«Então ela explicou-me a sua ideia.

«Tinha lido, tinha ouvido que o governo nos ia levar de casa tudo quanto tinha valor, e como não estava disposta a ficar sem as suas ricas coisas, meteria tudo na panela e bem sabia onde enterrá-la!

Nem o leitor pode calcular o efeito desta revelação. O sucesso de gargalhadas esfusiantes e sonoras não acabava mais.

Por fim, um dos convivas, indagou se ele concordava com a medida, se condescendera com a esposa cautelosa.

E ele disse singelamente:

—«Olha; ha 14 anos que ando no mar; tenho servido com prestimo, lealdade e honradez, e por isso tenho lá valores; não são pequenos valores, os que lá tenho.

Tenho lhes trazido tantas joias!... Ora entre os agentes duvidosos dos poderes publicos, que um dia entrem em minha casa e os meus filhos, vocês compreendem, eu opto pelos pequenos; e assim aqui teem como eu aceitei o alvitre da panela.

As mulheres ás vezes teem bons palpites.»

Pois é verdade; tal qual como perante a ameaça da invasão franceza, surge a panela enterrada como defeza contra as propostas de finanças. Com esta não contava o sr. Cunha Leal, nem eu, que fui o primeiro a sustentar que todos teem de pagar 5 vezes mais.

A suprema ignominia! Vencidos por uma panela!

E' por estas previsões e cautelas que eu tenho uma verdadeira veneração pelo tino administrativo das senhoras.

**D. Thomaz de Noronha.**

# PELO TELEGRAFO

**Comemoração d'um centenario**

QUITO, 17.—A Escola de Medicina de Paris convidou o Equador a tomar parte na celebração do centenario da fundação da Escola, que hontem passou.

O governo equatoriano nomeou uma delegação de trez medicos equatorianos residentes nesta capital para assistir ás festas.—(*Americana*).

**O Banco Nacional Argentino**

BUENOS AIRES, 17.—O governo aprovou a reforma do regulamento do Banco Nacional, apresentada pela direcção desse estabelecimento de credito.—(*Americana*).

**As culturas argentinas**

BUENOS AIRES, 17.—E' a seguinte a avaliação oficial das culturas de trigo, 5.996 000 hectares, linho, 1.409.850, e aveia, 834.000 hectares.—(*Americana*).

**Acidente de automovel**

BUENOS AIRES, 17.—Morreu, victima dum acidente de automovel, Carada, vice-consul da Argentina em Cardiff.—(*Americana*).

**Cantões de Eupen e Malmedy**

BRUXELAS, 17.—Espera-se que o cardeal Mercier peça ao papa que fiquem pertencendo á diocese de Liége os cantões de Eupen e Malmedy.—(*Americana*).

**Movimento diplomatas**

RIO DE JANEIRO, 17.— Chegaram aqui o ministro, o secretario e o conselheiro da legação, alemã. — (*Americana*).

SANTIAGO, 17. — Joaquim Osma foi nomeado consul do Chili em Madrid.—(*Americana*)

**Carestia da vida**

LIMA, 17.—O arroz atingiu um preço elevadissimo. O governo tomou medidas rigorosas para obstar a essa elevação.—(*Americana*)

**Oferecimento de 3.000**

LIMA, 17.—Madame Salicosas ofereceu 3.000 libras esterlinas para a construção da prisão central.—(*Americana*).

**Cotações, valor do escudo**

RIO DE JANEIRO, 17.—Cotação do café, 11$500; cambio sobre Londres 9 7/8 e 9 15/16; valor do escudo portuguez, 700, 810 reis.—(*Americana*).

LONDRES, 17.—A nova entrevista entre o ministro do comercio com o delegado sovietista sr. Krassine, malogrou-se por causa do tom violento das comunicações recebidas de Moscou.—(*Havas*).

BRUXELAS, 17.—Na 1.ª sessão da Conferencia de Bruxelas, que se realisou na 5.ª feira de manhã sob a presidencia do sr. Delacroix, os alemães entregaram aos chefes das delegações aliadas um simples memorandum, completando os que foram entregues em Spa.—(*Havas*)

TIFILIS, 17.—As tropas bolchevistas concentraram-se na fronteira da Armenia.—(*Havas*).

PARIS, 17.—O sr. Millerand foi na 5.ª feira visitar o sr. Paul Deschanel com o qual conversou durante muito tempo.—(*Havas*).

ROMA, 17.—A dissolução dos batalhões dalmatas em Zara deu logar a desordens, pelo que o almirante Millo mandou suspender a dissolução.—(*Havas*).

BERLIM, 17.—Diz um jornal que um oficial alemão matou hontem em Kattowitz um oficial inglez numa disputa que se levantou entre os dois.—(*Havas*).

GENEBRA, 17.—Na sessão desta manhã a Saciedade das Nações resolveu por unanimidade admitir a Albania no seio da Sociedade e regeitou a admissão de Adzsiboijan, Lichenstein e da Ulkrania.

A respeito da Alemanha, atendendo ás manifestações que foram feitas ao sr. Viviani na quinta feira ultima, resolveu não tornar a falar em tal assunto.—(*Havas*).



AOS SABADOS

# A semana literaria

**Coisas minhas**, por *Chagas Roquette* (Ed. Guimarães & C.ª). — **El Portugal**, por *Armando Labra Carvajal* (Ed. do auctor). — **Flandres**, por *Costa Dias* (Ed. Libanio da Silva). — **Recordar**, por *Jaime Azancot*

Em segunda edição, apareceu o livro «Coisas minhas» de Chagas Roquette. A edição vem ampliada, ampliada a valer. Mas quer viesse ou não, o valor do livro é absoluto. Ri-se com ele, do principio ao fim, ri-se com vontade, não ha crise moral ou substancial que resista ao humor de Chagas Roquette.

Os seus «contos e cronicas» tem condições sobrenatuares para continuar a obra caustica de Gervasio Lobato, de Cezar Machado, a ironia de Urbano de Castro: são originaes, não tresandam a imitação de francezismos aproveitados, caricaturam tipos burlescos da nossa fauna, demole vicios e erros, costumes e velharias ridiculas. E Chagas Roquette venceu, alem

da honestidade do seu trabalho, do espirito que nele scintila, pela singeleza das suas idéas, pelo terra a terra das suas personagens, pela luva branca das suas criticas, pelo chiste leve das suas «blagues». Faz sorrir e não ofende ninguem; eis o seu segredo.

Como comediografo, tem triunfos inesqueciveis de que o principal titulo é o «Senhor Roubado». Como homem de espirito os que teem o prazer de escutar a sua conversa dirão a graça espontanea com que polvilha os seus comentarios.

Estas «Coisas minhas» valem mais na sua simples forma literaria do que dezenas de poemas olheirentos a suspirar pelas vitrines em edições de luxo ... e de luxos. Canta tambem a nossa gente, «eles» e «elas», Saraivas e Elisas que se amam, as Marianas Seixas, as Donas Casimiras, os majores Freitas, os Pittas, os Seromenhos, os Mesquitas de Cintra, a D. Carlota Botelho, toda a tribu que nós conhecemos, que vivem comnosco, debruçados sobre a nossa vida, como nós devassamos tambem as suas miserias intimas, a disfrutar os seus actos «gauchés» e as suas «gaffes» na sociedade.

Todas as epocas teem o seu analista, espirito molieresco, que, com o seu riso satanico, a sua critica acerba põe em flagrante os seus ridiculos; para que negar que Chagas Roquette é actualmente o nosso mais vivo e mordaz observador dos costumes, o mais aguerrido flagelador da burguezia, o poeta em prosa do pirismo nacional?

E' pena que seja uma 2.ª edição, e não um livro novo o que agora temos de apontar, mas... do mal o menos.

Em resumo, «Coisas minhas» é um dos raros livros da nossa literatura humoristica e um dos mais espirituosos de Chagas Roquette. Merece, nestes tempos mazombos que vão correndo, um grande aplauso pelos risos que desperta: e, como já todos se tem farto de dizer desde Molière que inventou este axioma: «O riso é uma obra de bem».

✻

Os estrangeiros vêem sempre o nosso paiz com olhos de névoa, tomando erradamente as nuvens por Juno, os erros dum dia por costumes tradicionaes, as exaltações de momento por deficiencias hereditarias de caracter; cheiram a nossa vida superficial, e tiram conclusões. Em geral dizem mal, porque dizer mal dá sempre um tom de superioridade, e provoca o escandalo; o escandalo, as controversias, as polemicas são o reclame e o sucesso garantido do livro. Já assim era no tempo de M.me Rattazzi.

Por isso quando um livro da cavalheiresca personalidade de Armando Carvajal aparece, ficamos surpreendidos e por momentos perplexos. Como se pode, senão á força de inteligencia e grande poder de observação encontrar a verdadeira expressão da nossa gente, sentir as nossas artes, acompanhar, explicar, talvez melhor do que nós proprios, os fenomenos sociaes, as nossas turbulentas questiunculas? Como muito bem o sr. Sousa Costa lembra na sua carta prefacio, parece que alguem segredou ao nosso ilustre hospede os pontos a tocar no seu Portugal, de tal forma é prodigiosa e lucida a conclusão tirada em cada capitulo. E, comtudo, a honestidade é absolutamente indiscutivel; basta ter-se assistido á conferencia na Academia de Sciencias de Lisboa sobre Alexandre Herculano, pelo sr. Carvajal, para se ter a noção de quanto o seu espirito arguto penetrou, compreendeu as nossas magnas figuras literarias dentro da sua propria epoca; e, assim, «El Portugal» explica-se.

Ha pois motivos para um grato reconhecimento ao nosso ilustre visitante, que não veiu apenas gozar as nossas belezas naturaes emquanto via passar os anos do seu cargo, mas quiz propagandear o nosso paiz. «El Portugal» levado ao Chile, escrito na lingua da maioria das republicas sul-americanas, é semente prodiga lançada aos campos da amisade; ele dará uma colheita vasta de interesses mutuos e uma aproximação intelectual que fortalecerá todas as relações economicas que venham a intensificar-se.

Já o governo, os puderes publicos, as associações comerciaes, pensaram acaso na obra deste diplomata que, saindo da sua missão rigida da diplomacia oficial, vem ser para nós um diplomata de inteligencia e de coração?

✻

*Flandres*... Um livro mais da guerra; mas não vem deslocar nenhum, nem fica á esquerda dos que chegaram primeiro. Tem o seu logar proprio. Costa Dias, o autor do livro *Flandres*, explica porque veiu a sua obra tarde: «o direito de primazia na palavra, aos que o conquistaram vivendo e lutando junto do soldado».—

O novo livro é mais completo do que os de memorias, mais socegado, menos vivido sobre a metralha, enche-se duma prosa erudita quando descreve a passagem do conde de Assumar, um general portuguez, pela Flandres no seculo XVII; é de refinado gosto artistico quando descreve as visitas rapidas aos museus, ás egrejas ante quadros, ou arquitetura; é cheio de colorido quando narra impressões de cidades; a paisagem de costumes, durante a grande guerra; e dá finalmente o seu quinhão á guerra, na descrição farta, detalhada, quasi para estudo de alunos de «tatica» ou «estrategia», da batalha do Lys.

Por tudo isto podem os leitores facilmente depreender como as 300 paginas do sr. Costa Dias teem o seu logar especial na bibliografia da guerra.

✻

Para amenisar a «semana», eis um poeta e o competente livrinho de poesias. «Recordar» e o seu autor Jaime Azancot. O que podemos constatar, para sermos agradaveis a todos, é que são versos, que rimam, teem uma relativa harmonia, e são até patrioticos de vez em quando. Na poesia «Portugal», diz o poeta:

«eis um jardim de perfumadas flores» o que sendo banalissimo poeticamente, não é tão verdade com isso. Na «Ventura»:

*Quando eu morrer (que venha longe o dia)* e na poesia Esperança:

«Tristezas para quê? P'ra que choras»?

Demonstram que o poeta não é dos sorumbaticos e ciprestiços mancebos de todos os dias; mas o seu livrinho é apesar da bôa vontade do autor muito ôco, muito falho de ideias grandes.

Até as suas quadras não teem requizitos para serem quadras, isto é ficarem no ouvido popular:

*Saudade, palavra triste!*
*Quem nunca teve saudade?*
*A saudade, se ela existe,*
*é o esteio da amizade.*

Chôchinho, não é verdade? O futuro livro, se reincidir, será, esse sim, muito bom.

**Armando Ferreira.**

**Registo de entradas.**

*O mundo dos meus bonitos* por Santa Rita.

# Instrução Militar Preparatoria

**Sociedade n.º 5.**— Realisa-se amanhã, ás 9 horas, o exercicio d'esta corporação sob a direcção do coronel sr. Chagas, no quartel do regimento de sapadores mineiros, sendo marcada falta e castigados disciplinarmente os que faltarem sem motivo justificado.

Na séde da sociedade está aberta a inscrição voluntaria para a 2.ª secção (portuguezes dos 21 aos 45 anos) que desejem aprender instrução militar. São tambem prevenidos todos os mancebos que até ao fim do corrente mez completem 17 e 18 anos de que devem fazer a sua imediata apresentação á instrução militar preparatoria, sob as penas de lei não se apresentando.

# Theatros e Cinemas

## PRIMEIRAS E REPOSIÇÕES

**TEATRO AVENIDA** — *Carlota Joaquina*, peça em 1 acto do dr. Julio Dantas

Entre nós os dramaturgos, ao publicarem as suas peças, teem o habito de dirigir os exemplares para os jornaes aos criticos literarios e não aos criticos de teatro. Ora, tratando-se de uma obra vasta como a do sr. dr. Julio Dantas, publicada em edições hoje carissimas, é quasi sempre impossivel, a não ser por acaso, conhecer, por acquisição, a obra na sua totalidade e portanto fazer um honesto trabalho de critica. Confesso, pois, aqui que por essa razão li muito poucas peças do sr. dr. Julio Dantas; entretanto, e por sorte, a «Carlota Joaquina» está nesse limitado numero.

A sua leitura não me impressionou absolutamente nada e na sua representação sucedeu-me o mesmo. E' quasi uma insignificancia como episodio historico e uma futilidade como peça de teatro. E' um acto em que nada ha senão dialogo, ás vezes com espirito, nunca com qualquer outra qualidade; por certo um passatempo literario para o sr. dr. Julio Dantas, num domingo de inverno, ao calor do fogão.

Mal empregado titulo! As figuras atravessam a peça como fantoches; a sua psicologia escapa-se-nos por completo. E' um pretexto para se nos apresentar um pouco do ambiente da Rainha em Queluz; nesse papel de pintor o sr. dr. Julio Dantas trabalhou, como sempre que pinta, cuidadosamente. As suas preocupações na apresentação do quadro, foram esmeradas; a peça em scena é, porém, uma decepção. Começa-se por se nos mostrar a Sala das Talhas, no Palacio Real d Queluz. O scenario não é nada infeliz, as portas apenas um pouco modificadas, altas de mais, e a estilisação versailesca do jardim não existe. O scenografo com certeza nunca foi aos Jardins de Queluz. O mobiliario, duma modestia de Armazem da Rua da Palma; as cadeiras são miseraveis. As talhas da India... uma blasfemia!

Fica-se já um pouco desolado. Vejamos a interpretação. A sr.ª Maria Matos (Carlota Joaquina) n'um papel fora do seu genero, e n'uma caracterisação ridiculo, pouco grandiosa e excessivamente burlesca, apenas conseguiu dar uma ideia muito rudimentar do caracter da personagem. A sua emoção foi, no entanto, bem simulada. As palavras em castelhano um pouco mal pronunciadas; por exemplo «Corason» por «Corazon»; e mais, a phrase: «Frei José, esmola do meu bolso a todas as mães, etc.», muito emphatica. (A proposito, o texto que de clarim foi temporão). A grande tirada, quasi no fim, muito dificil foi infeliz; é demasiado longa, é insustentavel, e a sr.ª Maria Matos, que tem uma voz aspera e monotona, não lhe pôde dar relevo. Acaba-a de joelhos no chão, o que me parece forte; a rubrica marca «Caindo, a soluçar n'uma cadeira».

Agora, as Açafatas, todas vestidas muito modestamente. A sr.ª Hortense da Luz (Margarida), com um grande sinal no peito, desastradamente ajudado, mereceu aplausos; é uma artista diligente, e quando conseguir emancipar-se de certas acentuações d'um pirismo insuportavel, sobretudo patente nas rubricas com ingenuidade, e tambem educando melhor o gosto do vestir, agradará mais. Quando increpa o Sedovem tem um esbracejar desvairado que nada prova; a sua revolta deve ser manifestada mais na vehemencia das exclamações que na desmesura dos gestos. E na longa censura ao Sedovem: «Que mal te fez o sr. Infante? etc» é apaixonada demais, é lamecha...

A sr.ª Maria Andrade (Antonita) andou com geito na composição da sua figura. Tenho vontade de a ver n'outros papeis menos fugazes. Deve ter-se esperança...

O sr. Mendonça de Carvalho (D. Miguel) creou bem o seu tipo. A sua entrada foi muito boa, mas a primeira phrase lastimavel! Em vez de: «Mãe! minha Mãe! etc» disse: «Mãe! Mãe! etc.» o que soou mal...

Se o artista quizer eu explicar-lhe-hei porque!...

O sr. Antonio Melo (duque do Cadaval) muito tremulo nas pernas e firme de mais na voz. Pouca naturalidade, pouca sinceridade, muito postiço. O sr. João Lopes (Frei Manuel da Epifania) fez uma sahida quasi a correr, o que não é da gravidade de um confessor da Rainha. A sua aflição não é o bastante para a desculpar. Bem sei que o auctor rubrica: «desaparecendo pela E. baixa» e desaparecer sem alçapão só assim!... O sr. Gil Ferreira (Latanzi), o nosso bom comico, deve amaneirar-se mais, e procurar melhor pronuncia no italiano. A frase: «Ho l'onore di reverirla, etc.», foi bastante mal dita. O sr. Joaquim Almada (Sedovem), artista que noutro paiz onde o soubessem apreciar teria um excelente futuro, fez uma pessima entrada. O genero do papel sae da sua esfera. O seu exagero de delamação foi estupendo. Parecia um personagem... shakespeariano! O sr. Joaquim Costa (Frei José do Pilar) foi soberbo de caracterisação e de expressão vocal. E' o unico bem colocado no papel. A scena «ao piano» (as açafatas chamaram-lhe piano) feita com graça é justo. A frase: *digo que as mulheres são más, gulosas, mentirosas, enredadeiras, poços de vicios e de pecados, — mas Deus nosso Senhor não nos falte com uma!*, que triunfou como eu bem calculo que o sr. dr. Julio Dantas já esperava, uma maravilha. Noutra: *Cá para mim, uma mulher só devia sair de casa trez vezes: a batisar-se, a casar-se e a enterrar-se*, o *para* trocado em *por* é um engano a corrigir. O sr. João Ferreira (Leonardo) transtornou o papel: um cocheiro brutal passou a orador de comicios politicos, com gesto e fala empolada, e tremulos da voz. Coisas do bolchevismo. Muito, muito exagero, muito teatro...

O sr. Antonio Palma (Garrocho) andou com mais tino; o seu tipo tem mais exactidão, e o sr. Joaquim Silva (Cambaças) disse a frase: *o sr. infante desembarca em Belem, etc.*, em segredo. O sr. Reinaldo do Azevedo (Padre Crespo) um tanto forçado. O seu pequeno papel é antipatico, e parece desagradar-lhe...

A sala, polvilhada de poeira, saudou quasi na totalidade o sr. dr. Julio Dantas. Ali, como nos centros literarios ou no parlamento, foi, porém, muito discutido. Esboçou-se um desagrado que não compreendi se por motivos politicos se literarios.

Ouvi pronunciar as palavras «mariaizabelistas» «manifestação integralista», «anti dentistas», «camoezistas», etc. Não interessa.

Comoveu-me no intervalo a modesta comemoração do quinteto ao aniversario de Beethoven: executou o «Minuete» de Beethoven: arranjo de David de Sousa.

Estimaveis artistas...

**Ruy de Veras**

**P. S.**—Foi por excepção que hoje nestas notas sahi do campo exclusivamente literario em que me tenho mantido da critica ás peças de teatro. E isto por o meu camarada e amigo Armando Ferreira, proprietario da cadeira, de critico teatral de «A Capital» ter estado na outra «première» da noite, a do teatro Nacional.

**R. V.**





## O Grande Festival pela Orquestra Blanch amanhã no São Luiz

Vae ser uma tarde de completa enchente, de extraordinario entusiasmo, de grande arte e de rara elegancia, o notavel concerto que amanhã realisa no São Luiz a «Orquestra Sinfonica Portugueza», dirigida pelo maestro Pedro Blanch, comemorando o 150.º aniversario do nascimento de Beethoven. O soberbo programa é o seguinte:

1.ª parte.—5.ª *Sinfonia*, a) Allegro com brio; b) Andante com moto; c) Scherzo; d) Finale.

2.ª parte.—II—Septimino (completo com todos os andamentos) a) Adagio-Allegro com brio; b) Adagio cantabile; c) Minueto; d) Thema com variações; e) Scherzo; f) Andante com moto—Presto.

3.ª parte.—*Allegretto Scherzando da 8.ª Sinfonia*. IV—*Leonore*, ouverture n.º 3.

## MUSICA

**Concertos no Politeama.**—A concorrencia ao Politeama para o concerto que amanhã se realisa pela orquestra organisada e dirigida pelo ilustre maestro Fernandes Fão, tem sido enorme, tal o entusiasmo que o respectivo programa provocou. Compreende-se e pode-se ter a certeza que essa brilhante festa d'arte ha de ser das mais extraordinariamente concorridas.

Para exemplo digemss executam o preludio e morte de «Tristão e Isoldo» e a abertura dos «Mestres Cantores», de Wagner; a «Morte e Transfiguração», de R. Trauss; um minueto de Oscar da Silva; « Nos Steppes da Asia Central, de Borodine; a sinfonia n.º 4, de Glagounow e o «Oberon, abertura, de Weber.





# A conferencia do sr. Cunha Leal

O que foi afinal a conferencia do sr. Cunha Leal na Sociedade de Geografia? Ninguem sabe. Nós estavamos na ilusão de que faziamos ideia do que lá se passou, porque lemos com muita atenção o extenso extracto que dela fez «O Mundo». Durou pouco essa ilusão, porque aquele nosso colega declara hoje que aconferencia, são as suas proprias palavras, saiu infeizmente incompleta, dando uma imprecisa ideia de que o sr. Cunha Leal disse em defesa das suas propostas de finanças. Ha passagens completamente erradas e até afirmações exactamente opostas áquelas que o ilustre conferente fez.

Perante esta declaração d'«O Mundo» ficamos sem saber o que disse afinal o sr. Cunha Leal. Não foi com certeza coisa que interessasse, porque até os taquigrafos desataram a dormir, pois só assim se percebe que notas taquigraficas reprodusam «afirmações exactamente opostas áquelas que o ilustre conferente fez.»

Não foi feliz o sr. Cunha Leal na sua tão anunciada conferencia: publicando aos quatro ventos que aceitava controversia, deixa ao contraditor que lhe apareceu, um quarto de hora apenas para falar e as notas taquigraficas saem de tal modo estropiadas que nos extractos mais dignos de fé, pelas afinidades com o sr. ministro das finanças dos jornaes que os publicaram, saem «passagens completamente erradas e até afirmações exactamente opostas áquelas que o ilustre conferente fez.»

De maneira que da conferencia do sr. Cunha Leal nada se pode aproveitar. As acerbas criticas que todo o paiz tem feito ás propostas de finanças continuam de pé. Ah, perdão, alguma coisa de notavel se passou na conferencia, foi a teatral e olimpica saida do sr. Cunha Leal, exactamente na ocasião em que o seu contraditor analisava o caso picaresco dum desgraçado contribuinte do concelho de Lisboa que tivesse um rendimento colectavel de 125 contos pagar 27 contos de contribuição.

Foi n'essa altura que o sr. Cunha Leal se levantou mageetoso no alto do seu cargo de ministro e da sua reputada inteligencia a fulminar o seu contraditor com uma reprovação! Quando se viu n'uma sabatina levantar-se um dos contendores a reprovar o outro?

Fe-lo o sr. Cunha Leal e em termos espetaculosos. Copiamos d'«O Mundo» para edificação das gentes.

O sr. ministro das finanças. (Aparte). Ha nesta assembléa amigos meus como inimigos. Aos meus amigos eu peço do fundo da alma que ouçam com a mais religiosa atenção o orador presente, porque eu depois tambem hei de falar para se vêr quem é o reu e quem é o juiz. (Muitos apoiados).

(Sussurro).

«O orador» (Pinto Gouveia)——Permitia-me continuar apreciando alguns pontos mais das propostas do sr. ministro das finanças...

O sr. ministro das finanças, (com veemencia interrompendo).—Aqui constrangido a olhar para v. ex.ª e a ouvir a sua argumentação e eu que esperava uma discussão de caracter geral (muitos apoiados) ou o uma discussão de palavras e de chicana parlamentar.

(Muitos apoiados).

Declaro a todos os presentes, por minha honra o juro que eu ministro das finanças que aceitei o papel de discipulo, perante v. ex.ª transformando-me nesta hora em professor afirmo-lhe que o reprovo em todas as suas considerações ás quaes não me digno responder.

(Muitos aplausos).

(Vidas).

A' assembléa rodeia o sr. ministro das finanças e leva-o em triunfo.

A assembléa... deve ser exagero d'«O Mundo». Uma parte da assembléa é que deve estar certo, aquela que naturalmente nada tinha a sofrer com a dureza das propostas.

O sr. Alvaro de Castro, que presidiu á conferencia mostrou grande parcialidade, primeiro, avisando o contendor do sr. Cunha Leal de que só tinha um quarto de hora para falar, segundo deixando o mesmo contraditor sob o peso d'uma reprovação notificada assim deante da tanta gente, por quem a isso não tinha direito,

Que grande... conferencia!

# Vida Sportiva

## Campeonato de Foot-ball

Os desafios de primeiras categorias marcados para amanhã, efectuam-se no Campo Grande, no esplendido recinto atletico do Sporting Club de Portugal, e são os seguintes: ás 13 horas, Sporting contra Imperio Lisboa Club; ás 15 horas, Club Internacional de Foot-Ball contra Casa Pia Atletico Club, o unico grupo que ainda não sofreu nos desafios d'esta epoca, uma unica derrota.

Ha motivo especial para contar-se com que resulte cheio de interesse o desafio Imperio-Sporting. O Imperio tem um primeiro grupo muito energico, demasiadamente energico por vezes, rapido, persistente e que por vezes consegue realisar um jogo bem combinado, bem distribuido, bem orientado, reunindo assim um conjunto de qualidades a proposito para servirem de exame á forma actual do Sporting, que dizem ser muito boa devido ás indicações do seu entreinador inglez.

O Casa Pia está em vesperas de sair para Paris e San Sebastian, onde vae jogar, tendo especial importancia os jogos de Paris; que são de um torneio em que entram francezes, hespanhoes e suissos. Mais do que nunca quererá afirmar o seu valor, e para isso tem um bom adversario, o Internacional, que está jogando com resistencia e com perfeito dominio de «association».

Sporting-Imperio jogam ás 13 horas; Casa Pia Internacional ás 15 horas.

# Movimento Assocatiivo

**Academia de Estudos Livres.**—Esta Academia, que tantos serviços tem prestado á causa da instrução e educação nacional, vae recomeçar os seus trabalhos.

Amanhã, ás 14 horas, reune a assembleia geral para eleição de novos corpos gerentes, na séde da Associação Antonio Maria Cardoso, rua da Fé, 53.

# Ultima Hora

## POLITICA

# Congressos partidarios

### Os liberaes realisam o seu 2.º congresso ordinario no Liceu Camões

Conforme estava anunciado, iniciaram-se hoje os trabalhos do 2.º congresso ordinario do Partido Republicano Liberal, tendo sido este ano escolhido o vasto ginasio do Liceu Camões, ao Matadouro, para a realisação do mesmo congresso.

Estava este marcado para as 13 horas, mas, a exemplo do que diariamente sucede no parlamento, só meia hora depois começaram chegando os congressistas, entre os quaes se viam antigos e actuaes deputados e senadores, governadores civis, oficialidade de terra e mar, etc. ou seja antigos filiados nos partidos unionista, evolucionista, centrista e amigos do sr. dr. Afonso de Melo.

Emquanto se não abre a sessão os srs. drs. Celestino de Almeida, Alfredo Machado, Egas Moniz e Castro Lopes conferenceiam sobre a ordem dos trabalhos, que fica organisada pela seguinte forma:

1.ª sessão 1 hora para antes da ordem do dia em todas as sessões. Na 1.ª sessão saudações e cumprimentos. Ordem do dia a) relatorio do directorio e sua discussão; b) relatorio dos parlamentares e sua discussão.

2.ª sessão (á noite) ordem do noite a) relatorio da comissão administrativa e sua discussão; b) proposta do directorio sobre modificações na lei organica e sua discussão.

3.ª sessão (amanhã) ordem do dia a) Eleição do directorio e comissão administrativa; b) apresentação de trabalhos sobre questões de administração publica.

4.ª sessão (á noite) a) Continuação da apresentação de trabalhos sobre questões de administração publica; b) cumprimentos de despedida.

Pelas 14, 30 abre-se finalmente a sessão, tendo o sr. dr. Alfredo Machado, que está fazendo de secretario, saudado todos os congressistas e muito principalmente aqueles que de longe veem assistir ao congresso. Propõe que a presidencia seja conferida ao sr. dr. Jacinto Nunes, a primeira figura da Republica pelo seu caracter e pela sua indefectivel fé republicana.

A assistencia sublinha estas palavras com estrondosa salva de palmas. O sr. dr. Jacinto Nunes agradece comovido a manifestação e propõe uma saudação ao sr. Presidente da Republica, bem como a todos os presentes e aos que comungam nas mesmas ideias do partido liberal.

Os logares de secretarios são ocupados pelos srs. dr. Pereira Junior, de Vila do Conde, no impedimento do sr. dr. Alves de Oliveira, dos Açores, que não está presente, e dr. Hermano de Medeiros, dos Açores.

O sr. dr. Augusto de Vasconcelos propõe que uma delegação vá saudar o sr. dr. Antonio José de Almeida, sendo por proposta do sr. dr. Celestino de Almeida a meza encarregada de se desempenhar de tal missão. A meza é então substituida pelos srs. dr. Fernandes Costa, que tem a secretaria-lo os srs. Luzitano Brites, de Coimbra, e Souza Dias, de Benavente.

Para antes da ordem do dia inscreveram-se os srs. José Pedro Ferreira, O'Neill Pedrosa e Ricardo Paes Gomes, que enviou para a meza duas representações. O sr. Pedro Ferreira, após saudações lamenta a crise que atravessamos que é devida á falta de caracter e afirma que o partido liberal ascendeu na sua marcha triunfal, até onde se pode ascender com honra, quando o sr. dr. Fernandes Costa formou gabinete, dando-se depois d'isso um grande desfalecimento.

Leu depois um extremo artigo de fundo do jornal «O Circulo das Caldas», protestando indignamente contra a atitude dos reconstituintes, quando do governo Fernandes Costa termina enviando para a mesa uma moção, na qual se preconisa que o partido Republicano Liberal não volte a colaborar na formação de gabinetes com outros partidos.

O sr O'Neill Pedrosa manda para a mesa duas propostas.

Não havendo mais pessoas inscritas, o sr. presidente participa que vae entrar-se na «ordem do dia»: leitura de relatorio do directorio o que é feito pelo sr. dr. Ferreira de Mira no meio do maior silencio.

Desse relatorio, na impossibilidade de o dar na integra, extrahimos as seguintes passagens:

«Temos hoje alegria de poder afirmar aqui que o Partido esta melhor unificado e mais numeroso do que o era á data do seu primeiro congresso portanto, mais forte em numero e em cohesão partidaria».

..........................................

«Quando se constituiu o Partido Liberal, estava no poder um ministerio inteiramente democratico presidido pelo sr. Sá Cardoso. A vida do ministerio era dificil ele perdera a confiança do paiz que esperára debalde a apresentação de propostas tendentes a melhorar a nossa situação interna, já então grave. Uma recomposição feita durante as ferias do Natal, e interessando as pastas da agricultura, finanças e colonias, não lhe deu novos alentos. Em 7 de janeiro, perante uma moção de confiança na camara dos deputados, o governo do sr. Sá Cardoso viu-se abandonado por parte dos seus correligionarios, que apenas lhe deram uma maioria de 12 votos. O ministerio sossobrou.

Foi a primeira crise ministerial que se abriu depois da constituição do nosso Partido; e então, tivemos ocasião de enunciar principios que temos, até hoje, diligenciado manter. O Partido Liberal sentia-se habil para governar; e, fossem quais fossem as dificuldades e responsabilidades, arrastaria com elas desde que lhe fossem facultados os meios constitucionais de governo.

Entendiamos, e entendemos ainda, que o principio da dissolução do parlamento, introduzido já no nosso estatuto politico, devia ser então aplicada. De facto; não havia nas camaras, por essa epoca, mais que os dois grandes partidos Democratico e Liberal, alguns deputados constituindo o grupo popular, e os socialistas. E o principio de dissolução vingará pela razão de se sentir a necessidade de uma formula legal que permit sse libertar o paiz da situação de feudo de um partido unico.

Acusou-se, então, o Partido Liberal de querer governar, como se outra fosse a missão dos partidos politicos, e negou-se-lhe a dissolução do parlamento. Mas, uma situação democratica semelhante á que havia deixado o poder, era politicamente impossivel; e só havia o recurso de formar um ministerio liberal, ou um desses ministerios de concentração partidaria ou formula extra-partidaria, já desacreditados, ao tempo, quasi tanto como agora.

Aceitou então o Partido Liberal o poder, resignado a governar com um parlamento em que não tinha maioria».

Historia depois o relatorio, detalhadamente, o que se passou até á constituição do gabinete presidido pelo sr. dr. Antonio Granjo:

Relata o que foi a vida d'esse governo e continua:

«Numa sessão agitada da Camara dos deputados, o sr. dr. Antonio Granjo anunciou que ia apresentar ao chefe do Estado a demissão do gabinete embora tivesse sido aprovada uma moção do sr. dr. Brito Camacho favoravel á continuação do ministerio no poder. Tendo em conta essa moção, o sr. Presidente da Republica confirmou a sua confiança ao governo; mas, no conselho de ministros que se realisou depois, a demissão teve de ser definitivamente resolvida.

Tinha durado quase cinco meses o ministerio do sr. dr. Antonio Granjo; duração apreciavel, tendo-se em vista os nossos modernissimos costumes politicos. Com a sua queda abriu-se nova e dolorosa crise.

Os acontecimentos que se seguiram estão, tão recentes eles são, na memoria de todos. Durante a crise, e por mais de uma vez, tivemos de reeditar as nossas opiniões anteriormente expressas em situações analogas, insistindo em que, a constituir-se um ministerio de concentração, sempre um dos partidos republicanos com representação parlamentar ficasse estranho ao governo, para devidamente fiscalisar os seus actos.

Esse partido fiscalisador desejavamos que fosse o nosso. Quanto ao governo de um só partido, formula que preferimos, dispensamo-nos, por então, de combater denodadamente por ela, visto que a relutancia pela aplicação do principio de dissolução parlamentar se mantinha e a constituição actual do Parlamento não dava maioria, nem sequer escassa, a qualquer dos partidos nele representados».

Depois de relatar os recentes acontecimentos, conclue:

«Constituiu então o governo o sr. Liberato Pinto, com democraticos, reconstituintes, dissidentes democraticos, populares e independentes. Ao partido liberal ficou petencendo o trabalho de fiscalisação parlamentar e dele se está desempenhaedo por forma brilhante. Deste modo se realisou a solução que haviamos aconselhado quando pediu a demissão o ministerio do sr. dr. Antonio Granjo».

A meio da leitura deu entrada na sala o sr. dr. Brito Camacho, que é recebido com palmas e vivas.

O sr. dr. Brito Camacho, é convidado a substituir o presidente, o que faz entre palmas e vivas.

Agradece e pede ao sr. dr. Ferreira de Mira para proseguir na leitura do relatorio, que em varias passagens é sublinhado com apoiados e palmas.

Seguiu-se no uso da palavra o sr Albuquerque de Azevedo, que depois de saudar o sr. dr. Brito Camacho, lamentou o facto dos liberaes terem entrado em governos com outros partidos. O sr. Artur Marques, desvia-se da discussão para protestar contra a atitude dos liberaes em face da monstruosidade das propostas de finanças da autoria do sr. Cunha Leal.

Falaram os srs. Paes Gomes, Celestino de Almeida, Artur Marques, Belchior de Figueiredo, Ribeira de Carvalho, Viriato da Fonseca e Afonso de Melo, ocupando-se das atitudes que tomaram no parlamento.

Falou depois o sr. dr. Antonio Granjo que, acolhido com palmas, dá explicações sobre a atitude do directorio.

Diz que com este parlamento não ha partido algum que possa governar e impondo-se por isso a dissolução.

# O julgamento do sr. Lobo Pimentel

No tribunal de Santa Clara reuniu hoje o Conselho Superior de Disciplina, para julgar o capitão sr. Lobo Pimentel, acusado de varias arbitrariedades cometidas quando exerceu o logar de comandante da policia, no periodo dezembrista.

Esse conselho, que era presidido pelo sr. general Côrte Real, vogaes sr. Gouveia Alberto da Silveira, Teofilo da Trindade e Camacho, tendo como relator do processo o general sr. Abel Hipolito, reune cerca das 13 horas.

Perto das 15 horas suspendeu os trabalhos em virtude de uma das testenhas, julgada imprescindivel, não ter comparecido. Por este motivo foi o conselho transferido para o proximo mez de janeiro, entre os dias 6 e 10.

Estiveram ali afim de serem ouvidos, entre outros, os srs. almirante Canto e Castro, Brito Camacho e Machado Santos.

# Ecos & Noticias

### SUFRAGIOS

Com assistencia de dedicados amigos, parentes e colegas, realisou-se na egreja de S. Domingos a missa com libera-me e instrumental, por alma do inditoso aluno da Faculdade de Medicina, Luiz F. Alves de Sousa e Kaulfur falecido ha dois anos O acto foi deveras comovente.



# Noticias da Capital

**A cronica do roubo**—Foram presos: Aurora da Conceição Mendes, largo da Ajuda, 3, que com a cumplicidade e mais duas mulheres e dois homens, que se evadiram, fortou da porta do estabelecimento de Adriano da Silva Coelho, rua da Canceição, 85, uma pele de raposa no valor de 800 escudos, e Manuel Fernandes, rua Fernandes Tomaz, 26, 1.º por suspeita de ser um dos autores de varios roubos, cujo valor se ignora, perpetrados no Entre-posto central da Exploração do Porto de Lisboa.

—Quixaram-se á policia: Manuel Teles de Melo, da Guarda de que pelo processo do «conto do vigario», foi burlado em 550 escudos; Artur Marques, com oficina de calçado na rua dos Bacalhoeiros, 33, de que, por meio de arrombamento lhe furtaram calçado no valor de 500 escudos; Antonio da Conceicão Pinheiro, rua Luciano Cordeiro, 32, 2.º de que n'um carro electrico lhe subtrairam um relogio e corrente de ouro no valor de 500 escudos; José Maria de Barros, rua da Veronica, 78, 3.º de que tambem n'um carro electrico, lhe furtaram um relogio de prata, corrente e medalha de ouro no valor de 300 escudos; Celestino Pivance, tripulante do vapor americano «Banbiam», surto no Tejo, de que na hospedaria da rua de S. Paulo, 260, uma mulher de vida facil lhe roubou a quantia de 400 escudos; José Esteves, caixeiro da padaria na praça d'Armas, 8, de que Antonio Marques, moço da mesma padaria, lhe furtara a quantia de 185 escudos; Francisco Pereira, com escritorio na travessa do Maldonado, 1 1.º, de que, por meio de arrombamento, lhe subtrairam a quantia de 400 escudos; Antonio José Martins, rua do Barão, 49, 1.º, de que egualmente por arrombamento lhe furtaram roupas e outros objectos no valor de 1.000 escudos.

# A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOI..

3730 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães · Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Domingo, 19 de Dezembro de 1920 | Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL · Officina de impressão — 71, Rua da Bioa, 71 | Preço, 5 centavos


## OS PARTIDOS POLITICOS

Estão funcionando os congressos dos partidos republicano portuguez e republicano liberal. São as duas grandes forças partidarias da Republica, consubstanciando as duas correntes geraes de opinião, conservadora e avançada.

Livres de liames partidarios não nos é, todavia, indiferente o que ali se vae passando, antes pelo contrario nos merece o mais pressuroso interesse. Convem que cada um deles saia do seu respectivo congresso forte, unido, disciplinado e animado das melhores intenções de trabalho e dos mais sinceros propositos de sacrificio pela Patria e pela Republica. A pezar de todas as contrariedades, de todas as desilusões, de todas as surprezas, de todas as más vontades, invejas e vaidades que teem vindo consumando a sua obra demolidora, é nos partidos que repousa a esperança de melhores dias para o paiz, até agora rudemente maltratado por uma anarquia intelectual perigosissima para a sua independencia e para a manutenção das instituições.

Os partidos não teem existencia constitucional, mas formam-se espontaneamente pela tendencia natural para a coligação que teem todos os individuos que professam as mesmas idéas geraes e sentem a necessidade de conjugar os esforços de todos numa orientação estabelecida e bem determinada. E' a publica administração só teria a lucrar com essa unidade de vistas dos grandes agrupamentos, sendo apenas de lamentar que os homens que os compõem nem sempre limitem as suas aspirações ao que legitimamente lhes permitem as suas aptidões e se deixem muitas vezes dominar pela ambição e sugestionar pela vaidade, iniciando um trabalho de desagregação partidaria que se reflecte de modo desastroso na vida da nação, lançando a desordem e a confusão na direcção suprema dos negocios do Estado.

Estas tendencias devem, pois, ser energicamente combatidas para se evitarem os seus nocivos efeitos. Quando assim se não pratique, caminha-se apressadamente para o cáos, aos sons desacordes dalgum hino de reconstituição, duma marcha suplementista ou de descontes populares. E' o que agora se está presenciando na vida politica da Republica.

Os partidos teem, pois, uma grande tarefa a realisar—a concentração de todas as suas forças numa obra de disciplina e unidade, combatendo vivamente todas as tendencias discordantes, preparando-se ao mesmo tempo para fazer desaparecer como fumo as dissidencias existentes, fazendo-as varrer pelo bom senso do povo nas primeiras eleições gerais que se realisarem.

A estrutura politica partidaria da Republica, quando bem constituida, deverá condensar-se em dois grandes partidos, representando as correntes gerais de opinião, conservadora e avançada, que mutuamente se fiscalisarão. A Historia é a mestra da vida, costuma-se dizer, e se assim é realmente, nós temos a lição bem perto, não deixemos de a aproveitar. Emquanto a monarquia constitucional manteve o tão caluniado rotativismo no poder, não foi possivel á propaganda republicana abalar o regimen, mas logo que surgiram as dissidencias, e o rotativismo desapareceu para dar logar ás vaidades ôcas de perús armados em estadistas, facil foi ás forças republicanas abrir brecha no edificio minado pela lucta das ambições, vaidades insaciaveis.

Meditem e comparem se desejam ter uma noção bem nitida da situação presente e aplicar a tempo o remedio necessario para salvar a Republica. Esse remedio está na disciplina dos dois partidos agora reunidos em congresso nas duas principaes cidades do paiz. São as suas principaes organisações defensivas e se se não cura de as colocar ao abrigo dos ataques do verme roedor da indisciplina e da anarquia, ninguem poderá com razão admirar-se da derrocada de todo o edificio.

Atravessamos uma epoca perigosa e decisiva para o regimen. Estão aí acordadas no poder as dissidencias, e, o que é peor, já ambos os partidos pactuaram com elas, admitindo-as a partilhar comsigo do governo.

Deu-se assim fôros de legitimidade ás ambições irrequietas, ás vaidades insofridas, ao espirito de insubordinação e anarquisação. Necessario é arrepiar caminho. Guerra ás dissidencias deve ser o lema salvador da Republica e a bandeira desfraldada no caminho para a ordem, para a tranquilidade e para o trabalho.

Elas teem sido a unica causa de todas as dificuldades que assoberbam o paiz, a causa unica da instabilidade governamental e da esterilidade parlamentar. A' caça de mais um voto na camara ainda ha dias o chefe d'uma d'elas, o sr. Alvaro de Castro, abandonou por momentos o seu logar de ministro para ir defender uma eleição anulada pela respectiva comissão. Quer isto dizer que elas não descançam na sua faina de baralhar, e perturbar, para no meio da confusão satisfazerem as suas ocultas e desmedidas ambições.

Aos partidos incumbe opôr-lhes uma barreira infranqueavel que as reduza á impotencia.

Se o não fizerem, dissolver-se-hão eles proprios, pouco a pouco, e a Republica ficará sem defeza contra os ataques dos seus inimigos, que esses não desarmam, emquanto visionarem as possibilidades de a derrubar que lhes oferece a continuada luta das facções.

## O racionamento de generos

### E não se trata de vestuario?

*Sr. redactor.*—Não sei, nem presumo, quem é o sr. Z. que assinou o artigo relativo a s. ex.ª o comissario dos abastecimentos, mas o que posso dizer a v. ex.ª, sr. redactor, é que ha muito tempo que nos centros de cavaco, Rocio e Chiado, os ministerios, cá, se não teem rido tanto.

Aquela apreciação de homenagem de... «agradecimento a quem nada ainda fez» é de se lhe tirar um chapéu.

A referencia á «Papisa» pela verificação da «magna quantitate» é para se tirar dois chapeus.

O caso dos homens «grossos» reduzindo a «numias» 90 % da população, é para se tirar trez chapeus.

E o racionamento do pão «em todo o paiz», nem todos os chapeus usados pelo nosso respeitabilissimo amigo dr. Bernardino Machado chegarão para cumprimentar o «futuro inclito» comissario.

Emfim nestes tempos tristes que vão correndo quem, como o sr. Z., provoca um riso geral bem merece da Patria.

Mas ha uma cousa, sr. redactor, que me parece escapou do ex.mo comissario, visto que só «tem em projecto» tratar a gente «por dentro», sem se preocupar com a mesma gente «por fóra».

Causa horror, por este tempo invernoso, frigidissimo, ver que uma grande parte da população anda andrajosa, quasi nua. Não seria caritativo que o sr. comissario tomasse medidas de requisição de fatos para vestir os nus?

E isto seria bem mais facil, dado os grandes stocks de fazendas em todos os armazens, lojas pequenas e grandes, como os que se encontram na rua do Ouro, no Chiado, rua dos Fanqueiros, etc., etc., de que decretar requisições e racionamentos de generos que o Ex.mo comissario sabe que... não existem?

Se o sr. comissario não tiver a peito pôr a população portugueza em usar a moda que o Adão e Eva usaram no Paraiso, tem de considerar tão importante assunto, embora não seja pela «decencia» a que os paizes civilisados se habituaram.

E' necessario, pois, que o sr. comissario trate a gente convenientemente, por dentro e por fóra.—Um velho leitor de «A Capital».

## Instituto de Cegos Branco Rodrigues

A comissão executiva da junta geral do distrito de Lisboa, apreciando a obra de assistencia deste Instituto e tendo em vista a sua carencia de recursos, resolveu na sua ultima sessão, em 15 do corrente, contemplá-lo com o donativo de 50$00.

São relevantes os serviços prestados por este Instituto á educação das creanças cegas. Ainda neste mez foram admitidos trez alunos que vieram preencher as vagas de outros trez que completaram a sua educação, concluindo o curso de piano, no Conservatorio de Lisboa, terminando um curso superior, alcançando a maxima classificação de 20 valores (distinção e louvor) e obtendo todos o diploma de professores.

Dois destes alunos obtiveram colocação; um, em Guimarães, como organista, e outro em S. Bartolomeu de Messines, onde ganha a sua vida; e o que concluiu o curso superior de piano ficou regendo a orquestra do Instituto e ministrando o ensino musical aos alunos cegos.

A carestia das subsistencias veiu aumentar as precarias circunstancias do Instituto e se não houvesse os auxilios que espontaneamente têem sido prestados, impossivel seria continuar a manter-se.

Basta dizer que o exiguo subsidio concedido pelo Estado (58 escudos mensaes) é absorvido pelas propinas, selos de matriculas e cartas de exame, que têm de se pagar no Conservatorio.

São 26 os alunos ali matriculados.

Ao todo têm sido feito pelos alunos cegos, desde 1912 a 1920, nas escolas oficiaes, no liceu Passos Manuel e no Conservatorio de Lisboa, alem de 74 passagens de ano, 112 exames, com outras tantas aprovações e com 66 distinções.

## Artistas portuguezes

VENEZA, 18.—E' nos grato registar o enorme triunfo alcançado pela nossa compatriota a já hoje ilustre cantora Tagide Tavares no «Trovador».

Raras vezes uma artista tem triunfado por completo como sucedeu agora. O teatro Fenice, onde Tagide Tavares está cantando, tem enchentes colossaes todas as noites em que representa a nossa distinta compatriota.—(Correspondente).

## DOIDOS, ELES!

### No Roção

Era em Abril. Tomei o caminho de ferro para a Régoa e, depois, o automovel para Lamego.

Aí, pernoitei. No dia seguinte, de manhã cedo, pouco depois de romper de alva, um carro conduziu-me a Bigornes. Deliciosa manhã e formoso passeio! A paizagem, risonha ao começo vai-se tornando severa, ao aproximar da serra.

Ha suavidade, ha placidez, ha grandeza.

Lindo Portugal!

Chegado a Bigornes ponto onde devia apear-me do carro, para seguir um caminho irregular até ao Roção, procurei um homem cujo nome me tinham indicado, a quem pedi a fineza de me dar almoço e de me emprestar uma besta que me levasse ao logar do meu destino.

Almoço, deu-mo de boa vontade; quanto ao mais, tinha uma égua com que não podia servir-me, porque estava manca.

Perto não havia visinhos. Momentos depois, o cocheiro que tinha ido comigo observou-me:

—«Aí p'ra deante ha um cavalo, mas é doido».

—«Doido! Mande-o passar!.?! (Se fosse hoje, ter lhe-hia dito que o mandasse de presente ao sr. dr. Julio de Matos).

—«Foram os ciganos que o venderam».

—«Ha muitos ciganos por esse mundo».

Doido e burro! Era o que me faltava!

Tive que marchar «pédibus calcantis» até ao Roção e, segundo as teorias psiquiátricas do sr. dr. Cunha, devo ter endoidecido no trajecto pois que muitas vezes me vi parvo, ao encontrar na minha frente mares de lama e grandes poças de água cuja travessia eu realisava embarcando em galochas.

Isto é que um tanto aguou as dilicias do passeio. Mas a natureza era bela; o ar da serra era purissimo; pelos olhos bebia-se aquele estonteante vinho de luz, de que fala Junqueiro; entrava na alma uma pacificação enternecedora!

No Roção acolheram-me com aquela franca hospitalidade portugueza, que é tradicional nas nossas aldeias. Não só eu era um hospede, mas um amigo. Maria Carreira, a dona da casa onde passei dois dias admiraveis, foi para mim duma delicadeza impressionante. Os melhores lençois de linho, a mais bela toalha de mesa, a mais especial comida que poude obter-me no meio daquela serra de poucos recursos, tudo isso com o melhor agrado me propôrcionou. A mãe do Manuel, que morava perto, numa cabana dum só compartimento, não tardou a aparecer. Era uma velha ainda fresca, rija, simpatica, cheia de amor pelo filho. E a essas duas mulheres, que tinham a alma tranzida de mágoa — porque, se uma tinha na prisão o filho, por um acto de amor, a outra tinha preso o marido, por um acto de amizade — eu pude incutir a esperança de que um dia abraçariam, libertos aqueles que o seu coração chorava.

Não perdi o tempo com a minha ida lá. O «carcere privado», que tem servido de pretexto para conservar preso sem fiança, vai quasi em dois anos, esse pobre Manuel, não passava duma grosseira mistificação, inventada por algumas testemunhas e que se desfazia com percorrer simplesmente a casa onde se diz ter sido encarcerada a sr.ª D. Maria Adlaide! Tomei uma fita métrica, peguei num lapis, e levantei a planta-esboço da casa. Os peitoris das janelas distavam metro e meio do solo extrior; abriam duas delas para um campo e uma delas dava para a rua! Quarto interior, onde a sr.ª D. Maria Adelaide tivesse podido estar presa, não havia nenhum! Assim se inventara um «carcere privado!»

As informações que toda a gente ali me deu eram concludentes contra a dita invenção. Sentado num dos degraus da casa, que deitam para o quinteiro, estive durante horas, «coram populo», bem á vista de todos, numa especie de comicio de toda a gente da aldeia, a tomar notas do que homens e mulheres me iam dizendo. Uns sabiam que a senhora levada pelo Manuel tinha ali estado, porque ele mesmo o dissera; outras sabiam-no, porque, ainda durante a estada dela, era publico que a mesma senhora estava ali; havia pessoas que a tinham visto e outras que tinham conversado com ela. E não houve nenhuma que me fornecesse o menor indicio de ter existido qualquer carcere privado.

Ouvi cêrca de trinta pessoas, de cujas informes conservo apontamentos; e, baseado neles e no que vi, continuo a afirmar que o carcere privado é a mais grosseira das invenções e que a prisão sem fiança do Manuel é a mais flagrante das injustiças!

Outros elementos colhi. Depois da captura da sr.ª D. Maria Adelaide e do Manuel, uns agentes da Policia do Porto voltaram ao Roção a esquadrinhar a casa; trouxeram objectos varios, de cujo paradeiro ainda até hoje se não sabe, apreenderam um diario em que a sr.ª D. Maria Adelaide notara as suas impressões desde o dia em que entrára no Conde de Ferreira (documento importantissimo que tambem desapareceu, sonegado pelo sr. dr. Cunha) mas apesar de muito esquadrinharem não deram com duas cartas que me foram entregues por um cunhado do Manuel.

A elas terei ocasião de voltar a referir-me.

*

O meu trabalho findara. Era hora de jantar. Mais uma vez insistiam comigo para que tomasse a refeição no quarto, onde, numa mesa improvisada, se estendia a toalha, alva de linho, com guarnições de «crochet», pois que, diziam, não ficava bem oferecer-me de jantar na cosinha.

—«Não, não, respondi eu, tal como das outras vezes. Quero-me aqui, perto da gente e do cão».

«Vem cá, Piloto; vales mais do que muitos homens»!

E, descida a mesa do escano, emquanto a lenha crepitava no lar, refazia-se o meu vigor fisico na satisfação dum belo apetite. A alma dormitava, com a serenidade do dever cumprido.

Na manhã seguinte, bebida uma chavena de leite fresco e dito um saudoso adeus aos que tão cordialmente me tinham ali tratado, puz-me a caminho de regresso.

Acabadas de saír do forno, as bôlas da Pascoa fumegavam, exalando um perfume delicioso...

**Bernardo Lucas.**

## Abastecimento de trigo

### Confusão e maiores encargos para o Estado

No menor numero de palavras possivel o contracto de trigos do ministerio Granjo consistia em garantir por trez anos o abastecimento de trigo, pelos preços dos mercados de origem, acrescidos de 1,5 0[0, e pagando apenas um terço do fornecimento em ouro, sendo os dois terços restantes pagos em bilhetes do tesouro venciveis em seis mezes sem juro e reformaveis em determinadas condições.

E' tudo quanto de mais liso e claro.

Mas o parlamento, na sua alta sabedoria, repudiou o contrato de condições tão vantajosas e deixou o paiz, no que respeita ao abastecimento de trigos, á mercê do acaso, como até então.

O resultado foi sentir-se dentro de pouco tempo o Estado em sérios embaraços por falta de trigo. Chegou a pensar-se em racionar o pão, mas a divina providencia, que não abandona nem mesmo aqueles que dela não fazem caso, iluminou-lhes o cerebro, apresentando-lhes á imaginação a visão dos acontecimentos que fatalmente se seguiriam e uma medida que levaria a fome a todos os lares pouco abastados. Desistiram, por isso, daquela loucura.

Pensou-se, então, em importar trigo exotico e abriu-se concurso, mas, como em materia de abastecimentos tudo é confusão, veiu a reconhecer-se, segundo noticiavam os jornaes da manhã, que havia ainda trigo para alguns mezes, não sendo por isso, nem sequer abertas as propostas dos concorrentes.

Ha, portanto, trigo, dizem as gazetas. Ficamos sabendo que temos que comer para alguns mezes.

Mas o que não sabemos ainda é quanto nos custa essa certeza, e isso não é indiferente.

Precisamos, pois, de saber, com o direito que teem todos os cidadãos de se informarem do modo como são esbanjados os dinheiros publicos, em que condições foi comprado esse trigo que aparece, como por encanto, em quantidade bastante para alguns mezes, quando foi comprado e a quem, por que preço, qual a sua deusidade, quem abriu lá fóra o credito necessario para o pagar e a quanto montou esse credito.

Quem nos responderá?

Desejamos fazer o estudo dos encargos que advêm para o tesouro com a aquisição feita com taes cautelas que nem sequer as estações oficiaes sabiam que existia tal quantidade de trigo, e tanto que abriram concurso que teve de ficar sem efeito.

Pelo contrato do trigo do ministerio Granjo.

Tão levianamente posto de parte, não teriamos de pagar desde já a totalidade do fornecimento em ouro. Pagariamos apenas um terço e só essa vantagem que habilitaria o Estado a tentar estabilisar a divisa cambial, deveria ter bastante peso para se não repudiar tal contrato, feito em termos bem claros e honestos.

## Orfãos de soldados

A junta da freguesia da Encarnação convidou os interessados a apresentarem até ao dia 31 do corrente, na séde da junta, os nomes dos orfãos, que tiverem a seu cargo, de soldados victimas da guerra domiciliados naquela freguesia, afim de serem internados no orfanato da Cruzada das Mulheres Portuguezas.

## Segredo a toda a gente

### As cidades

*Os tipos populares desapareceram. As cidades estão hoje transformadas em grandes manchas cinzentas. O proprio ferro-velho, tosco e grotesco como um barro de Bordalo, com as suas bugigangas e a sua meia duzia de chapeus enfiados uns nos outros, até esse passou á historia—como os cegos das folhinhas, como os pretos caiadores, como os boleeiros das seges. L'Evê que se ressuscitasse morreria de tedio. Pobres aguarelistas! Mas afinal os pintores do tipo popular desapareceram por não terem que pintar; ou os tipos populares é que fugiram por não ter quem os pintasse?*

### O inverno

*Sua ex.ª chegou—frio, cortante, mordente. O sol adopta precisamente agora, como a Confederação Geral do Trabalho,—apenas oito horas de luz. O nariz de v. ex.ª, minha senhora, está gelado como um floco de neve cor de rosa. Decididamente o inverno chegou. Se as mulheres soubessem como os homens adoram o inverno! Porquê? Porque as mulheres se vestem—um poucochinho mais. E já o dizia Rivarol, num grande sorriso:—«Quant une femme se cache elle atteint le chefe dœuvre de la séduction».*

### Os beijos

*O beijo será realmente util á sociedade? Se é—porque se fundam emprezas para o extinguir? Se não é—porque o cultivamos todos nós? Ha pequeninas coisas na vida da humanidade que não servem para nada—e que afinal ninguem dispensa. E' o caso do beijo. Na minha opinião, porém, esse pequenino murmurio de duas bocas que se unem é absolutamente nocivo para a humanidade, sob o ponto de vista medico. Mas não será exactamente por isso—que nós não podemos passar sem ele?*

Luis d'Oliveira Gui...

## S. CARLOS

Não podemos deixar de aplaudir com entusiasmo o nosso distinto colega Freitas Branco, que com intenção elevada e justa realizou na 4.ª feira p. p. na sala de espectaculos d'este teatro, uma conferencia elucidativa, sobre a Opera e Poema de Wagner, o «Parsifal».

O seu gesto representa para o meio intelectual artistico portuguez um progresso que nos honra.

Mais d'uma vez obras interessantes, se teem dado entre nós em primeira representação, sem que ninguem se ocupe d'elas, e passando quase desapercebidas, unica e simplesmente porque se não preparou o publico a tempo e devidamente para as ouvir.

A colossal Opera «Parsifal» do imortal Ricardo Wagner é um acontecimento que merece toda a atenção, respeito e preparação.

N'essa Opera, Wagner transforma em realidade as delicias descritas no Lohengrin pelo seu protagonista (tenor) conduzindo-nos a um mistico e sublime cume dos Pyrineos chamado Montsalvat, onde existe um castelo creado por Titurel para conservar em Templo inviolavel aos profanos a taça Sagrada na qual bebeu Cristo na ultima ceia com seus discipulos.

Lohengrin, que d'esse mundo ignorado desce para salvar a inocente Elsa, é um cavaleiro do Graal, e precisamente o filho de «Parsifal» então já Sacerdote—Rei do Graal. Nas palavras do «raconto» do ultimo ato Lohengrin descreve-nos a sublime poesia e encanto d'estes cavaleiros que na Opera «Parsifal» poderemos admirar e conhecer em todo o seu mistico fulgor, atravez dos magnificos scenarios que o velario de S. Carlos nos mostrará.

Ainda é cedo para desenvolver este assunto ao qual dedicaremos alguns artigos, no intento de continuar a tarefa iniciada pelo nosso estudioso critico Freitas Branco.

**Maria Judice**

## Regresso de Constantino á Grecia

LONDRES, 18.—Continuam as negociações entre os governos inglês, francês e italiano sobre se determinarão que se retirem os respectivos ministros de Atenas logo que desembarque o ex-rei Constantino. Nas primeiras horas da tarde de hoje não havia qualquer resolução tomada sobre o assunto; no entanto sabe-se que a Inglaterra determinou por sua conta ao seu ministro naquela capital que não tenha quaisquer relações oficiais com o ex-rei.—(*Havas*).

ROMA, 18.—Desmente-se oficialmente que o governo italiano tenha reconhecido o rei Constantino e dado ordem ao seu ministro em Atenas para que lhe preste as honras devidas ao soberano de uma nação amiga.—(*Havas*).



CROQUIS DE VIAGEM

## NA BOA PAZ

### XXXIV — *De Veneza a Roma ou as 7 maneiras de dormir em pé*

Durante as primeiras duas horas, até á meia noite, nada de anormal; o comboio avança por uma escuridão absolutamente internacional de forma que eu não posso descrever-vos a paisagem nocturna de Italia. Na carruagem, no canto que agarrei á custa duma providencia dalgumas horas, eu medito, meio adormecido, na questão social desta terra. Porque fui levado a estes reflexões não sei, mas talvez os companheiros de viagem nesta primeira classe forrada dum estofo que foi «granat» e hoje é côr de coisa porca possam explicar o caso. A' esquerda uma «Dama» de chale, em cabelo, que resona desde Veneza e me eclipsa sob a gordura de metade de seu corpo; a metade que me pertence, visto que a outra se encosta ao esposo, um trabalhador da terra, de botas grosseiras e grande capote... por um triz á «alemtejana». Em frente, um caçador de barba por fazer, que, ao entrar, poz na rêde a mala e o chapeu que estavam marcando o logar a um «signor» que havia ido comprar jornaes. A carruagem vae apinhada, no corredor dormitam em pé algumas raparigas, muitos homens. Um joven, de cabelos muito crescidos, estiraça as pernas, atreve-se mesmo a pôr os pés nos minusculos intervalos do banco em frente. Fuma-se bem e cospe-se melhor para o chão; a vidraça vae fechada, mas só eu, parece-me, é que sufoco e morro asfixiado neste ambiente irrespiravel.

Nesta conjectura eu penso na questão social, não ha duvida; na indesciplina, no desrespeito, na inversão de classes, na exaltação de espiritos; e contudo, ainda nada tinah visto.

A revolução que já de fóra de Italia se via consumada pela posse das fabricas não existe realmente senão no estado latente; os operarios, por um acordo... largaram a preza. Isto não é bem uma vitoria. Os jornaes, os cartazes falam ás claras na comuna; em Milão, em Veneza, vi os «placards» que em toda a Italia preparam o povo para as eleições administrativas: anuncia-se a comuna como breve e como a felicidade do futuro, fala-se em Lenine como um apostolo, e a ousadia dos vermelhos é imensa realmente e representa uma grande força; mas a confiança em todos é ainda mais forte; cá dentro ninguem crê na revolução; todos sorriem e, o que é mais expressivo, todos lutam, contrapõem ás claras argumentos, defendem de armas na mão os ideaes contrarios. A união dos conservadores, avançados ou retrogrados, faz-se ante o inimigo unico, o inimigo da patria dentro da propria patria: o bolchevista não mete medo, é um partido politico que se guerreia.

Contudo, e essa é a revolução lenta, o povo, os costumes, o equilibrio da sociedade reflectem a anarquia que vae nos cerebros. E, se até aqui, na minha viagem pacinca, não fui ainda muito vitima da Italia moderna, daqui para o futuro já não posso dizer o mesmo.

*

Eis-nos em Bologna. Uma enorme gare, frouxamente iluminada, e eu que a filosofar para dentro dormira o meu primeiro sono em pé sou acordado por um «fachino» de bluza azul que nos põe a todos, na plataforma. Tento explicações. E' verdade que aquele é o «wagon-directo» para Roma; mas já não segue mais. Ha que tomar o «directo» de Milão, com duas horas de atrazo, e que—bela noticia—vem tão cheio que já não aguenta com mais um vagon... pela cauda.

Durmo o meu segundo sono até ás duas da madrugada, sentado nas maletas, regelado até aos ossos, depois de, em vão, ter procurado um «bufete», uma caixa de cigarros... Como é curiosa a estação cheia de gente pacientemente á espera dum comboio que vem cheio.

A' hora prevista do atrazo, realmente, o «directo» de Milão chega. Os «fachinos» que andam segredando o arranjo duma «posta» e arrecadando as liras pelo favor, atiram pelas portas as malas, para cima de outros que já lá estão, por cima de alguem que ali vem dormindo. Uma longa hora, ali; o tempo mais que suficiente para arranjar um optimo logar a um recanto do corredor. Não posso avançar mais, nem para dentro nem para fóra. Na minha frente ha dezenas de pessoas e uma noite inteira para passar. Quando aquela monstruosidade marcha, a luz, todas as luzes em côro, acabam por apagar-se; apenas de vez em quando o lume dos cigarros avermelha um rosto, um fosforo de cera, «Pro mutilati», num clarão esmaecido, amplia os vultos cabeceando em pé. Durmo sentado nas malas, ao lado duma artista romana — as artistas de Roma não enganam... senão os amantes — que pousa no seu colo a cabeça dum jovem de cabelos longos e anelados, que ela penteia com seus dedos esguios. A sua toilette com «fru-fru» de sedas, limpando o chão porco da carruagem onde se senta diz-me que são amantes beijando sob a céu estrelado de Italia, indo para a cidade Eterna completar um idilio que S. Marco já abençoou...

De pouco a pouco, ela tira um bonbon, uma guloseima da sua mala de plumas, trinca e cá a sorver aos labios dele, meio adormecido. Puro Milão-Film. Para o Amôr, que importa o chão porco, o odor a desinfectante que vem da «retirata», os pés que apalpam o chão estiraçado de dorminhocos, para poderem passar em busca dum alivio...

*

Que enorme noite. E o comboio, veloz, veloz, ganhando atrazo, ganhando horas de demora: primeiro trez, depois quatro, até que pela madrugada, em Florença, ainda orvalhada, em recorte negro no cinzento da ante-manhã, já não tenho esperanças de chegar a Roma senão com 5 ou 6 horas de atrazo. Dormi sentado numa mala, numa chapeleira, num ombro da vizinha do lado. E pergunto se é sempre assim que se viaja em Italia. E'; então, desde que morreu muita gente na guerra, a população parece que quadruplicou.

*

Em Arezzo é já dia claro; muito fresco, uma manhã linda. A paizagem é riquissima; pomar, jardim, não sei bem, mas tudo me parece privilegiado. Tiro deduções estupendas relacionando a influencia que pode ter num paiz a prodigalidade da natureza e... a incuria dos habitantes. A Italia, lembra-me Portugal, e a lembrar-me dele vejo trechos nestes vales que os apeninos, a espinha dorsal da peninsula, formam consecutivamente. Os nomes das terras onde passo e que leio nas estações caiadas a branco, a alvejar entre vinhas e hortas, não me despertam recordações; nunca aqui passei nem mesmo no meu curso dos liceus, quando tive de dar a volta ao mundo com o sr. Raposo Botelho.

Um grande lago á esquerda da via, depois Chiusi. Para entreter a debilidade em «Orvieto» compro um almoço de saco, o infalivel ovo cosido, o sal, o pão negro e uma maçã... dos meus pecados. Tenho um sobresalto: é o Tibre que se aproxima de mim, escorrendo dificilmente entre os penhascos que lhe servem de cama, leito duro para uma infancia tão debil. Quantas horas faltam para Roma? Pergunto a um empregado do comboio, o revisor, com muitos dourados no bonet, e que me responde laconicamente: «due» e estende a mão á espera da replica.

Hesito entre uma moeda de «50 centessimi», ou uma lira, mas o ilustre empregado, descaradamente, atréve-se a dizer que uma lira não é de «tropo»!

E' a questão social, não resta duvida. Mas já as atenções se voltam para dois individuos que quasi se esmurram: discutem a divisão da propriedade rustica e atiram-se ameaças de respeito; um deles é tambem empregado ferro-viario e eu peço a todos os meus deuses que a discussão termine em bem; ainda hontem, dizem-me, um comboio parou no meio dum descampado porque um passageiro increpou o procedimento do pessoal dos caminhos de ferro, e este resolveu que o livre critico não fosse conduzido por eles; os passageiros solidarisam-se, e a maioria vence; vence mas não põe o comboio em marcha. Só ao fim de algumas horas, com a intervenção das capas cinzentas, é que aquela caravana do seculo XX segue ao seu destino.

Mas, ahi está «Cività Castellana», um nome que faz desviar o curso ao rio de pensamentos sociaes que já vinha de novo rolando, e rolando mais depressa do que este magador comboio.

E então, eu sinto, como todos os mortaes, a sensação estranha de me aproximar de Roma. Roma pode ser uma banalidade, pode, depois de Londres, de Paris, ser uma cidade aquem da grande civilisação, pode ser suja, revolucionaria, mas é Roma, é a cidade eterna. O inexplicavel nos invade. A ancia de chegar, o respeito de entrar no solo dos Cezares. E' como se fossemos penetrar «au delá».

Por isso, neste vagon longo, cheio de gente que nao sente nada, que olha para os campos como eu olho para a Buraca ou a Damaia quando me aproximo de Lisboa, eu vou ancioso e sôfrego. O Tibre galga, corre, em «ésses» apertados, cavados em terrenos argilosos, junto á linha ferrea; até que por fim, circundando a cidade marchando no seu perimetro exterior diviso a silhueta da cupula de S. Pedro.

*

Precisamente com 6 horas de atrazo, chego a Roma; é uma da tarde e eu penso que se a loba deu de mamar a dois tambem é justo que me dê a mim o almoço que mereço.

**Armando Ferreira.**

# Theatros e Cinemas

PRIMEIRAS E REPOSIÇÕES

TEATRO NACIONAL — *A Pecadora*, 3 actos de Guimerá, tradução de Rafael Ferreira, em scena no dia 16 de dezembro de 1920

*Peça*

Não conhecer uma peça, nem mesmo o teatro de qualquer autor—porque o «Manelick» visto atravez a meninice janota de Luiz Pinto não poude dar-nos a grandeza do homem da terra, e consequentemente ideia do vigor de Guimerá—e ter de fazer o juizo, estabelecer um criterio sobre a obra atravez um desempenho horrivel e uma tradução menos expressiva, é uma tarefa ingrata.

Estabeleçamos para evitar confusões que a melhor boa vontade nos anima para com o Teatro Nacional. O nosso pobre teatro seria desdito por esse prazer estupido de zambumbar no nosso primeiro teatro de declamação; mas, como só pode, atravez a melhor boa vontade, encontrar uma scena elogiavel naquilo que nos dão no Nacional?

Não é com prazer que dizemos a verdade; é com lástima, mas naturalmente que esse dó consentido em *aguas mornas* seria conivencia nos crimes de lesa-arte; a desmoralisação lá de baixo é completa; pois que se acaba de voz mas não deshonremos ainda mais, aos poucos, a nossa arte. O publico saiu enfartado, aliviado ao ver tombar o pano do ultimo acto; o publico riu da tragedia... Ora pode alguem dizer o contrario?

Mas...

A peça agora dada em 3.ª recita de assinatura deve ter, pelo que se depreendeu debaixo da interpretação do Nacional, alguma côr regional, laivos de dramaturgia e até teatro em dose suficiente para captar a platéia em trucs conhecidos.

Novidades não nos dá, e os reclames «avant-première» que a empreza enviou aos jornaes, afim de tocar a alma sensivel, a porta romantica do publico, diziam já que se tratava duma «pecadora» arrependida, vindo á terra natal donde fugira em creança, e onde, depois de vencida a resistencia da honesta gente que a criara, desperta a paixão oculta do antigo companheiro de folguedos, hoje casado e com filhos. Para apresentar alguns tipos regionaes, catalães, a psicologia dos personagens não é definida, e a logica forçada a passar por «trucs» batidos, hoje já velhos porque vem do Dumas, terminando pela morte da «pecadora» em scena.

Como se vê, é intenso o drama, mas duma banalidade espantosa. Scenas inteiras, como o da «Loncas», nada tem dentro. Os personagens não são definidos, dissemos; realmente nunca se sabe ao certo se Daniela—a pecadora—está arrependida ou não, se tem um fundo bom ou mau; o autor bem nos diz que o seu caracter é voluvel, uma cabecita de vento, mas não basta para um 2.º e um terceiro acto em hesitações como os da protogonista.

E Romão? E' por acaso um caracter definido, e por acaso um tipo de honesto homem do campo? Não ha hesitação, abuso de paixão, composição feita em excesso no personagem.

E' possivel que vista «A pecadora» com interpretes adequados, lida a obra, estas dificiencias desapareçam e o todo homogeneo da peça surja a confirmar os creditos mundiaes... de Guimerá.

O facto é que, tal como nos foi dado no teatro Nacional não tocou, não sensibilisou ninguem.

*Desempenho*

Augusta Cordeiro... mas só ha uma pergunta a fazer: Quando é que Augusta Cordeiro quererá começar a fazer papeis contraes que certamente os fará com distinção? Augusta Cordeiro estourava de amplidão dentro da figura de Daniela, uma *cocotte franceza*; imagine-a com o seu peso todo, o artificio da sua vivacidade, da sua juvenilidade neste papel de «doidivanas», os seus gestos desabridos a que recorre para suprir a agilidade, o carregar dos *rrr*, o bater das silabas para marcar a parte tragica do papel...

Depois, depois... depois tudo, está tudo dito; não é nada daquilo, não pode ser nada assim, desde que o papel não se lhe adapta por mais estudo que fizesse, por mais que se cançasse. No entanto, o estudo não foi levado no minimo detalhe como parece, pois no ultimo acto, depois de terem dito na scena anterior, «está deitada», aparece de penteador branco, «merengue» imenso, prestes a morrer, e com meias de seda branca e sapatos de baile calçados. Umas chinelinhas seriam mais apropriadas.

A sua morte é falsa, e o caminhar para o berço sem atingir a expressão tragica que o papel exige, tomba no ridiculo. Emfim, faz o que póde, e a desilusão deve ser realmente uma coisa muito dura para uma «ingenua», ou uma «menina» de meio seculo.

Maria Pia, combalida duma doença teve o valor necessario para se equilibrar no personagem. Laura Cruz, com a plangencia da sua toada a chorar-se, a chorar-se, defende-se tambem o melhor que póde, emquanto Clemente Pinto, rouquenho, violento, precipitado, por vezes com a boca cheia de palavras que se atropelam, dizendo «Salvaret-te», o que não queremos imaginar seja da tradução como á tradução não atribuimos a frase «ensino as creanças da minha terra a lerem e a escreverem» que nos ouvidos com uma violencia unica! Clemente Pinto rude no 1.º acto, loquaz e falando com propriedade no 2.º, tragico em demazia, deste tragico teatro popular, dissociou-se por completo do restante desempenho. E foi este o mais importante facto da noite.

Cada qual para seu lado, a declamar, a gemer, a estortecer-se na tragedia, sem harmonia, sem saberem os papeis, Augusto Melo falando francez e portuguez com os seus botões, uma «caricata» figura de «visinha» com voz de cana rachada e apenas «Marilu», com a sua vozita clara a amenisar a desafinação geral.

*Scenarios*

E' um só e muito cuidado. Pena é que o ensaiador não reparasse em muitas pequenas coisas, dos quaes a principal é dizer-se: «são 8 e meia» e o relogio, a andar, a andar no «1 hora»... Esscenação pouco notavel. O publico viu, sorriu e saiu silencioso.

**Armando Ferreira.**

**Amanhã publicaremos**

*A critica das criticas*

*Bomba Rial*, primeira no Eden Teatro.



## Salão Central

O programa desta noite, além doutros films de grande interesse e atualidade, compõe-se da extraordinaria pelicula em trez episodios, nove partes, *Maciste apaixonado*. E quem ainda não viu tão interessante fita de aventuras, que aproveite o espectaculo desta noite, visto que é amanhã substituida por outra que vem precedida de grande fama, intitulada *O terror do rancho*.

A nova estreia do Central compõe-se de 15 episodios, 30 partes, sendo seus protogonistas os notaveis artistas Billy Compson e Jorge Larkin.



## O racionamento é inadmissivel

**Requerem-se outras soluções para o problema dos abastecimentos**

Estamos no paiz das restrições. Para qualquer lado que nos voltemos só nos depara o eterno «é proibido isto ou aquilo». A liberdade individual é uma rodilha a que todos os que se encontram em qualquer situação elevada limpam os pés.

Agora até mexem com a alimentação e tanto mexem, tanto mexem que acabam por mexer com os nervos da população. E depois será o que fôr.

Compreende-se lá porventura, cabe lá na cabeça de alguem que a dois anos do termo da guerra ainda se pretenda racionar-nos os generos? Não ha, alegarão. Não ha, porque não sabem encontral-os, diremos nós, não ha, porque quando deviam pensar no fomento agricola com o fim de intensificar a producção do paiz, estavam entretidos a perder tempo lá no parlamento a discutir frioleiras.

Racionar os generos é muito bonito para fazer no papel, mas na pratica dá detestaveis resultados. E racionar generos no papel toda a gente sabe fazer, não é preciso ir a Coimbra para tal função. O que se pretende é que apareçam os generos por preço razoavel, ou, pelo menos, por preços que não apresentem manhas de trapaceiros.

Na pratica o racionamento dá evidentemente asneira, porque nem toda a gente pode comer as mesmas quantidades, nem os mesmos generos. Conhecemos pessoas que não consomem 200 gramas de pão por dia e outras que se não contentam com menos de um quilo. Como hão-de forçar-se estas duas pessoas a sujeitar-se ao racionamento? A primeira bem resolve o caso, continuando a comer as suas 200 gramas, mas a segunda barafusta e não se convence facilmente.

Dir-nos-hão: «que remedio terá ele?» Mas isso é argumento de cabeça de pau, pois o que se pretende é resolver o problema sem provocar protestos. E o açucar é meio quilo por mez? A quem, por economia, fizer bastante uso do café e pão para o almoço e possivelmente para a ceia, ver-se-ha privado d'esse seu habito economico e obrigado a maior despezas com generos mais caros.

E o azeite? O gasto do azeite depende do sistema de cozinha adoptado. Quem costumar fazer muitos fritos ou costumar consumir bacalhau e peixe cosidos para nada lhe chegará o litro por mez. «Mas que não façam tantos fritos. Que não comam bacalhau e peixe cosidos! Por Deus! Lá veiu de novo o argumento de cabeça de pau.

Mas, com franqueza, não haverá maneira de resolver os problemas do azeite e do açucar, por exemplo, sem lançar mão do racionamento?

Não será possivel recorrer a alguns dos oleos comestiveis coloniaes e não chegará a competencia para fazer vir o açucar de Angola?

Não falamos no de Moçambique, porque a vinda desse para cá tem «quinaus», mas o de Angola não haverá maneira facil de o fazer cá chegar?

O recurso ao racionamento não resolve nada; favorece apenas em muito maior escala as negociatas ocultas sobre os generos racionados. E' assim a população prejudicada por dois lados.

## As promoções no exercito

**A sua aceleração faz que não haja subalternos na engenharia**

Sr. redactor de «A Capital»—Um jornal da manhã publicou hoje uma entrevista com o major de engenharia sr. Malheiro Raimão, o qual, falando sobre promoções no exercito, disse que elas se aceleraram dum modo impossivel.

Cita, para exemplo, a arma de artilharia.

Esquece-se o ilustre oficial de citar a sua arma, a de engenharia, onde a aceleração foi de tal magnitude que permitiu ao sr. Malheiro Reimão ser aos 32 ou 33 anos major. E verifica-se que quando é necessario mobilisar o batalhão de sapadores de caminhos de ferro, hoje regimento, para prestar serviço por ocasião de greves ferroviarias, esse regimento tem só oficiaes superiores, sendo os subalternos quasi na totalidade oficiaes engenheiros milicianos.

Ora isto é que o sr. Malheiro Reimão, oficial cujo merecimento somos os primeiros a reconhecer, se esqueceu de dizer. Vê-se, portanto, que a sua critica foi parcial, o que de modo algum se devia dar.

Agradecendo a publicação desta carta, sou de v. etc.—*J. F.*

## "Perola da China"

Para o anuncio que este conceituado estabelecimento adeante publica chamamos a atenção dos nossos leitores. Estamos entrados no periodo das festas do Natal e Ano Bom e quem ali fôr sortir-se tem a certeza de que não só adquire do melhor que ha, como ainda de que os preços são convidativos. E isto sem falar na delicadeza e amabilidade dos seus proprietarios, que cativam os clientes.



# ULTIMA HORA

## POLITICA

## O Congresso do Partido Liberal

**A 3.ª sessão—Uma calorosa saudação á imprensa**

Pelas 14 horas iniciaram-se os trabalhos da 3.ª sessão do 2.º congresso do Partido Liberal, sendo a concorrencia numerosissima, vendo-se repleta a vasta sala do ginasio do liceu Camões.

O sr. dr. Alfredo Machado, ao abrir a sessão, propõe para presidir o sr. Antonio Granjo, nome que é acolhido com palmas e vivas.

Depois de agradecer a honra que lhe era feita, o sr. dr. Granjo pede para ser substituido pelo sr. dr. Celestino d'Almeida, a quem a assembleia faz uma calorosa manifestação de simpatia, com o significado especial de ter sido excluido do ministerio Granjo como que por imposição dos democraticos.

O sr. dr. Celestino de Almeida agradece, comovidissimo, e propõe para o secretariarem os srs. drs. José Marques Loureiro, de Vizeu, e Ernesto Carvalho Branco, de Mondim de Basto, que, por não estar presente, é substituido pelo sr. dr. Sousa Dias, do Porto.

Lê-se o expediente, no qual ha inumeros telegramas de saudação da provincia.

Antes da ordem do dia, o sr. Judice Bicker protesta indignadamente contra os manifestos que foram distribuidos nas ruas da cidade contra os jornaes «Diario de Noticias», «Seculo» e «Capital.» Não se compreendem ameaças que deslustram a Republica.

Mal vae ao governo, e principalmente ao ministro das finanças, sr. Cunha Leal, o fazer-se rodear de gente que só pensa em levar a cabo uma obra de banditismo. Propõe uma saudação á imprensa, como protesto indignado contra os que assim a caluniam e aos seus directores, que trabalham honradamente.

A assembléa aprova essa saudação com uma prolongada salva de palmas.

Entre os srs. drs. Costa Cabral, Alfredo Machado e José Marques Loureiro ha discussão, acompanhada de certa agitação, a proposito da lista para a eleição do directorio conter nove nomes. Restabelece-se, porém, a calma após uma troca de explicações satisfatorias.

O sr. dr. Jacinto Nunes, acolhido com uma estrondosa salva de palmas, ocupa-se de assuntos parlamentares do desprezo a que tem sido votada a Constituição, ataca o dr. Afonso Costa e historia o que se passou com a concessão da anistia, depois da assembléa se ter manifestado pela oportunidade dessa concessão.

Protesta contra o ser-se obrigado a pagar impostos e contribuições que o parlamento não aprovou. E' saudado, ao terminar, com uma calorosa ovação.

O sr. dr. Ferreira da Rocha ocupa-se da eleição do directorio, manifestando-se contra os governos de concentração.

Trocam-se explicações entre os srs. dr. Alfredo Machado e Barros Queiros, requerendo o sr. Antonio Granjo uma inscripção especial sobre o incidente.

A's 15,20 entra-se na ordem do dia ocupando a presidencia o sr. Augusto de Vasconcelos, secretariado pelo sr. dr. Henrique Botelho, de Vila Real, e Silvestre Abranches, de Vizeu.

O sr. Julio Maria de Souza lê o relatorio da comissão administrativa que é aprovado.

A' hora a que fechamos este extracto está-se procedendo aos trabalhos do escrutinio para o novo directorio.

## Escola Militar

Realisou-se pelas 14 horas a sessão solemne de abertura do novo ano lectivo, sendo grande a afluencia de familias dos alunos.

Proferiu a oração de «sepicutia» o 2.º comandante da Escola, tenente coronel sr. Julio de Moraes Sarmento.

Assistiu o sr. ministro da guerra e o sr. presidente da Republica, por doença, não poude comparecer, fazendo-se porem representar.

## Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste

**Concurso para admissão de dactilografas de 2.ª ordem**

**AVISO**

As candidatas abaixo indicadas deverão apresentar-se na séde da Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, em Lisboa, rua de S. Mamede, ao Caldas, 63, pelas 12 horas do dia 17 do corrente mês, afim de serem submetidas á inspecção da junta medica dos mesmos Caminhos de Ferro, caso próvem satisfazer ás restantes condições de admissão:

1.ª—Maria de Lourdes Figueiredo.
2.ª—Deolinda Monteiro da Silva Henriques.
3.ª—Maria José de Almeida Frazão.
4.ª—Julia Borges do Canto.
5.ª—Rosinda Adelaide Ferro de Carvalho.
6.ª—Placida Ortiz de Urbina.
7.ª—Sofia da Conceição Sousa Ferreira.
8.ª—Alice da Purificação Macedo.
9.ª—Henriqueta Aida Guerreiro.

As candidatas aprovadas na inspecção medica terão de comparecer novamente no dia 18 do mesmo mês, pelas 11 horas, afim de prestarem provas escritas e oraes de habilitação ao logar a que se propõem.

O programa destas provas encontra-se patente na séde da Direcção.

Lisboa e Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, aos 13 de Dezembro de 1920.

O Chefe de Serviço da Secretaria
*Vasco Lupi*



## O comicio no Teatro Nacional

No Teatro Nacional, realisou-se hoje, pelas 15 horas, um comicio de apoio ao governo e ás propostas de finanças apresentadas pelo sr. Cunha Leal, ministro das finanças.

Abriu a sessão o sr. major Sebastião Correia, que iniciou o seu discurso por saudar o sr. Presidente da Republica, o governo e a imprensa.

Depois refere-se ás forças vivas, que estão praticando, diz, actos de lesa-patria e de lesa humanidade.

Em seguida, convida a presidir o sr. Lima Alves, que é secretariado pelos srs. alferes Seixas, pelo Partido Republicano Popular, capitão Lima, pelo Partido Republicano Reconstituinte, Conceição Leitão, pelo Partido Republicano Portuguez, e Constantino Martins, pelo Partido Socialista.

Organisada a meza, usa da palavra o sr. Lima Alves, que agradece a escolha do seu nome para dirigir os trabalhos. Refere-se ao estrangulamento de todos os ministerios e ao apoio que deve ser dado ao actual.

Sauda o sr. presidente da Republica e o povo republicano.

Dá conhecimento de que o falecimento de uma pessoa de familia do do sr. dr. Sande Marçal o impede de vir ali prestar o seu concurso. Propõe um voto de sentimento e por um dos assistentes é proposto que durante um minuto todos se levantem.

Em seguida, usa da palavra o sr. Antonio Bernardo, que diz ser o actual momento o mais dificil da historia portugueza.

Faz seguidamente um resumo da historia desde D. João II e dos momentos dificeis que temos passado, assim como á forma como os homens de todos os tempos tem procedido.

Seguem-se no uso da palavra o sr. Julio Roxo e o sr. Cunha Leal, que atacou a imprensa que lhe é adversa.

## Cruzador São Paulo

Entrou hoje no Tejo o cruzador da marinha brazileira «São Paulo», vindo de Cherburgo, que saudou á terra e ao comando das forças navaes, sendo os cumprimentos retribuidos pela bateria do Bom Sucesso e cruzador «Vasco da Gama».

Como se sabe, o «São Paulo» vem expressamente ao nosso porto para levar os restos mortaes dos ex-imperadores do Brazil.

## Serviço telegrafico da tarde

PARIS, 88.—Na camara dos deputados foi aprovado por 417 votos contra 188 o projecto de reorganisação dos caminhos de ferro, sendo os empregados admitidos a participarem no conselho superior dos mesmos caminhos de ferro e a beneficiarem dos lucros, mediante a posse de algumas acções.—*(Havas)*.

RIO DE JANEIRO, 18.—Assegura-se que o governo resolveu suspender as suas compras no estrangeiro o que pensa em restringir e talvez proibir a importação de objectos de luxo.—*(Havas)*.

MADRID, 19.—O ministro dos negocios estrangeiros desmentiu o boato espalhado de uma aliança entre a Espanha e a Inglaterra. A grève dos correios não chegará a tornar-se efectiva, pelo motivo de ser aprovada unicamente pela minoria dos interessados.—*(Havas)*.

DUBLIM, 18.—Nos arredores dos edificios dos funcionarios publicos britanicos foram colocadas redes de arame, sendo o edificio dos correios atacado pelos fenianos. Tambem foram atacados dois camiões militares, ficando 2 soldados mortos e varios feridos.—*(Havas)*.

PARIS, 18.—Segundo uma informação publicada pelo «Petit Parisien», o gabinete Fohrenbach e os chefes dos diferentes partidos, perante a impossibilidade de se encontrar uma personalidade que reuna no paiz maioria suficiente como presidente da Republica, resolveram desistir da eleição presidencial antes de estar fixada a data da cessação do seu mandato.—*(Havas)*.

PARIS, 18.—A comissão de delimitação das fronteiras do Sarre resolveu ampliar o territorio deste estado até á demarcação da cidade, ou seja dois pontos situados no Palatinado.

PARIS, 18.—O «bouxeur» francez Balzac poz o inglez Ton fóra do combate.

Ao 2.º assalto foi proclamado campeão da Europa de box, categoria de pesos medios.—*(Havas)*.

BRUXELAS, 18.—A conferencia dos tecnicos aliados e alemães, depois de ouvir as propostas dos alemães sobre as reparações, suspendeu as suas sessões até 2.ª feira para dar tempo á sub-comissão, nomeada para o efeito, para examiná-las e dar o seu parecer, que será discutido naquele dia. A impressão que deixou a conferencia é optimista.—*(Havas)*.

ROMA, 18.—A partir de 20 do corrente, os direitos aduaneiros serão aumentados em 200 o/o.—*(Havas)*.

PARIS, 18.—A demissão do sr. André Lefèvre, ministro da guerra, provocou na camara dos deputados na 6.ª feira, 17, um vivo debate sobre o desarmamento da Alemanha, debate que terminou pela votação, por grande maioria, de uma ordem do dia de confiança no governo, na qual se teem em consideração as preocupações da opinião publica e se mostra que a situação não justifica no momento presente qualquer inquietação.—*(Havas)*.

ATENAS, 18.—Correm boatos de uma insurreição militar contra o novo governo.—*(Havas)*.

GENEBRA, 18.—Encerraram-se os trabalhos da assembleia da Sociedade das Nações, depois dos discursos pronunciados pelos srs. Hymans e Motta, fazendo a apologia do trabalho realisado com feliz resultado pela assembleia.—*(Havas)*.

# A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3731 — II.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Segunda-feira, 20 de Dezembro de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71 | Preço, 5 centavos

# O DIA DE HONTEM

O dia de hontem, anunciado como devendo produzir, em muitos pontos do paiz, um grande movimento de opinião a favor do sr. Cunha Leal, representou para o sr. ministro das finanças e para os extremistas que o acompanham certamente uma decepção. Em vez do aplauso unanime, fremente, entusiastico, só a indiferença pelas bombasticas retoricas dos seus admiradores e a repulsa, cada vez mais flagrante e insofismavel com que o povo recebe as fumigerados propostas de finanças.

Estavam convocados comicios para diferentes cidades da provincia. Tivéram de ser adiados. O fervor das multidões não os levou a escolherem cada colina como um Aventino, donde intimassem a sua vontade soberana.

Pelo contrario. Só quem fôr surdo é que não sentirá já o rumor violento dum protesto que, de norte a sul, se levanta, e que em breve terá, só com a expressão do seu profundo descontentamento, a força precisa para reduzir a pó a arrogancia do sr. Cunha Leal, se s. ex.ª persistir em querer impôr as determinações impulsivas da sua vontade sobre a propria soberania nacional.

No Porto o sr. Liberato Pinto, discursando, reconheceu que era necessario lançar impostos, o que ninguem nega, o que ninguem pretende impedir, mas teve o cuidado de acrescentar que as medidas do sr. Cunha Leal hão de ser alteradas em harmonia com todas as reclamações justas que contra elas se formularem. Se fôr assim, pouco ficará da obra genial do sr. ministro das finanças.

O protesto desenha-se, o desenhase dentro da ordem, dentro da serenidade, enquanto o sr. Cunha Leal rebravêja entre meia duzia dos seus amigos, ejaculando insultos em vez de argumentos contra aqueles que não estão dispostos a deixar passar sem exame as draconianas medidas com que em vez de salvar o paiz o arruinaria definitivamente.

O que é preciso é que o povo de Lisboa, que sufoca no vacuo da sua impotencia os grupos afectos ao sr. Cunha Leal; o que é preciso é que a população da capital, que hoje conta perto dum milhão de habitantes, e que encolhe os hombros quando vê as manifestações feitas ao sr. Cunha Leal por duzentos ou trezentos individuos; o que é preciso é que o paiz inteiro, o qual já começa a preceber as monstruosidades que os perpostas do sr. Cunha Leal comportam, não atribua á Republica, não responsabilise as instituições por uma obra que é apenas devida á vaidades e á ambição da popularidade dum ministro. Esse ministro cairá, o governo a que ele pertence pode desaparecer, e a Republica ficará sempre, ela que é a ordem, que é o direito, que é a harmonia, que é a paz, e que nada tem de comum com a demagogia que inspirou as malfadadas propostas que além de tudo o mais, são inexequiveis.

Não é servir a Republica nem o povo procurar resolver o problema financeiro agravando por tal forma o problema economico que dentro em breve, como resultante d'esse agravamento, o problema financeiro surgirá ainda mais inquietante e esmagador do que já o é. A energia não é a epilepsia, e essa energia só é eficaz quando deriva ou resulta d'um estudo ponderado e tende a uma resolução razoavel do problema que se procura resolver.

O dia de hontem foi uma lição. Por isso é o retraimento do publico; amanhã sora a sua reprovação total e definitiva.

CROQUIS DE VIAGEM

# NA BOA PAZ

### XXXV — Roma de hoje... e de amanhã

A' saida da «Stazione di Termini» na piazza dei Cinquecento, tenho a impressão que se fixou na retina e nunca mais saiu dos meus olhos atraves os 5 dias de permanencia em Roma: «A cidade eterna» é amarelada, com um colorido a óca, nas construções, da lama das ruas, e até na alma dos creados dos restaurantes, mal educados, grosseirões, bolchevisados.

Prefiro ficar, em qualquer terra, no hotel ao pé da gare, talvez por sugestão, ter sempre debaixo da mão o comboio para me safar em caso de borborinho, talvez por comodidade, a comodidade de quem vem absolutamente de olhos fechados, como os descobridores doutras epocas que não levavam hoteis recomendados ao descobrir da India ou das Americas. Por isso fico no «Continental», á esquina para a «Via Cavour», e fico não sem a dificuldade do costume, porque a «crise» da falta de quartos repete-se em todos os «tons» por toda a parte.

Almoçado, o macarrão de que já não precisa para abrir as refeições, desço a rua. A rua é a Roma de hoje. E eu vejo-a, palpito-a, analiso-a com os olhos muito fixos.

O meu faro de lisboeta indica-me que anda coisa no ar. Passam pelotões de infantaria, tropa cinzenta; passam atoguedos militares com rabos de galos á cabeça — os «bersaglieri» —; há grupos que falam, gente que corre; os carros electricos, meu Deus, meu santo Deus, são maximos bombos velhos a transbordar de gente, e com homens escarranchados nas janelas; as «veturas», os trens de praça, os «taxis» negam-se ás corridas; pequenas discussões se estabelecem nos passeios.

E' anunciada greve geral prestes a rebentar.

A «via Nazionale» é a arteria mais animada da cidade, a rua do Ouro; desce até ao palacio Antonelli faz um cotovelo, vae dar á «piazza Venezia», onde desemboca a «via del Corso», a velha e respeitada arteria de Roma, estreita, sombria, onde não passam electricos, mas onde se amontoam os grandes estabelecimentos comerciaes; é aqui o grande centro do Roma, o centro da Roma de hoje. Em frente está, a tapar a vista para o Monte Capitolino, o «altar da patria», essa alta colunada, ou balcão em pedra branca, muito branca, imagem dos templos antigos, e que forma docel ao monumento a Vitor Emanuelle II.

Dois grupos laterais e a estatua equestre do rei em bronze dourado, dum ouro muito em cru, são notas agudas no côro suave das galerias monumentaes. Trepei lá cima, onde ainda se anda trabalhando, decorando, tirando os simples a algumas abobadas. E' gigantesco e impressionante pela vista sobre a cidade, se bem que a impressão seja minima, porque o monumento é contemporaneo e a vista limitadissima. Roma, é feita ainda de altos e baixos... as suas sete colinas; e, se nenhuma calçada tem a asperesa do nosso Chiado, sobe-se muito mais para se qualquer lado que se va. Só os nomes, tão evocadores, fazem esquecer as caminhadas embora prosaicamente, familiarmente metidos na vida de cada dia. Ir jantar a um restaurant no Monte Esquilino, ou comprar postaes ilustrados do Monte Palatino, é dum anacronismo deploravel. Mas que fazer? O cocheiro fala-me com delicia, com um extasi extraordinario do «Pincio», das belezas da vila Borghese, e um sacristia, na «Trinitá de Monts», garante que se der mais de 10 liras por ir até á capelinha do «Quo Vadis» ver o signal que o pé de Jesus deixou no chão, serei roubado. E' a Roma de hoje, assim, traficando, negociando, vivendo ainda os restos dama tradição e dum passado.

E entretanto a beleza dentro da cidade não é grande; as ruas são mal traçadas como as nossas, os grandes edificios são poucos e só as egrejas, muitas, todas poderosas, bojudas, enormes, a cada passo erguidas num trono de escadarias, marcam pela quantidade; os palacios, palacios que são museus, onde se visitam colecções ricas de obras primas, não as obras dos artistas romanos, porque são raros, mas as obras trazidas para Roma, senhora do mundo, outrora, são exteriormente casarões amarelados; as suas fontes em arquitetura farta, e os seus jardins sonhadores e suaurando luxuria já pertencem á Roma mais artistica, mais sentimental, a Roma amorosa que vim encontrar fazendo longa bicha á porta do «Cine» para ver Francesca Bertini, a nova deusa na «Princeza Giorgio».

4 horas. Os carros param, os trens não aceitam freguezes; mas o comercio aberto diz não estar ordens dos avançados; espera-se brevidade a greve; e isso todas as janelas estão embandeiradas mas com o tricolor de Italia: é assim que se responde á greve comunal.

Tomo cerveja no «Café colonna», na larga praça deste nome, em cujo centro, a coluna de «Marc-Aurelio», o primeiro enviado da Roma Antiga que tenho o gosto de saudar; é um «chiffre» esculpido, na côr amarelo acastanhada das marfins velhos, onde as guerras do general seguem em caracol até ao cimo.

Como os ares estão turvos, como escurece lentamente, arrepio caminho, e na «via Nazional» entro na galeria d'arte moderna, quasi á hora de fechar, mas com o tempo suficiente para de fugida tomar as minhas impressões, e saio sem grande emoção, ou porque realmente não seja tudo bom quanto vi, ou porque já estou embotado, e os meus olhos, os olhos leigos dum alfacinha que nunca havia ido alem de Paio Pires, não comportam mais vizões de arte; os quadros cançam, repetem-se, não interessante até. E' possivel que seja isto confissar mas... não ha nada que se chama uma indigestão de pintura. E assim passei o tempo marcado para a greve geral; voltam os carros a circular, iluminados já, os trens já chamam os freguezes. E abanco para jantar uma «suppa alla santé» numa mal servida «trattoria» ao pé do Teatro que hoje anuncia uma premier, quando trez autenticos bombas, estrondosas, infernaes, lisbotas pelo barulho, me fazem cortar com os dentes... o macarrão que chupava!

E mais trez e mais quatro, uma duzia. Tenho ideia de perguntar ao creado se é o sr. Machado Santos, mas ele, que já compreendeu o meu sangue frio... apressa-se a explicar que é o começo do comicio. E' a Roma de amanhã... a falar alto. E, realmente toda a gente circula, toda a gente passa, continua a fervilhar fazendo o «corso», em busca dum prazer, dum divertimento.

A cidade é mal iluminada, as lojas fecham cedo porque o despotismo da lei das «muitas horas de descanço» já cá domina, e muitas borboletas, pintadas, ousadas descem á rua, invadem a Roma do seculo XX. Não me dá impressão alguma; vejo romanas, jurо até que não são romanas mas francezas passeando numa Roma profanada por uma horda cruel de gente parda, faquehuda, que usa colarinhos moles e ssias pelo joelho, parodia a fala dos «consules» do «forum» em comicios anunciados a bomba, e anda escarranchada nos carros electricos a cuspir para quem vae a pé. Tipos regionaes, tigos populares? nem eles mesmo.

*

A' noite vou á tourada... A tourada é no teatro; uma peça de Tristan Bernard, que só se representa em acto e meio, e que eu tenho de ajudar a fazer cair batendo com a bengala no chão para socegar um exaltado da «poltrone» do lado que me julga um «claqueur» e se acha meio tentado a convencer-me que em «Roma... só romano» á força de algumas apostrofes e sôcos.

E eu pensei com os meus botões: em Portugal sempre somos muito pouco civilisados...

**Armando Ferreira.**

# CRÊ OU MORRES!

**Se alguem discorda é tratado da forma que abaixo se vê**

Foi profusamente espalhado em Lisboa o seguinte manifesto:

## AO POVO

## AOS VERDADEIROS PATRIOTAS!

## AOS DEDICADOS REPUBLICANOS!

## AOS DIGNOS PORTUGUEZES!

## VIVA A PATRIA! VIVA A REPUBLICA!

A quadrilha da moagem e dos monopolios, a finança e a riqueza feita á sombra dos roubos que teem feito ao povo, depois de nos levarem á miseria e á ruina, por meio de especulações infames, desejam agora fugir ao pagamento das contribuições!

Os bandidos que sugaram o sangue do povo até á ultima gota, respondem que é o povo que roubaram quem deve fazer sacrificios, quando o honrado governo presidido pelo destemido republicano Liberato Pinto, para salvar a nação, lhes foi pedir uma pequena parte dos seus monstruosos roubos.

Para fugirem ao que devem compraram parte da imprensa, conhecida pelas suas proésas, jornaes que não passam de baldes sujos onde a honra se vende como nas vielas, esse **SECULO** mercenario, esse **DIARIO DE NOTICIAS** repelente, essa **CAPITAL** hipocrita, e por meio dela preparam a traição ao paiz.

Não o consentiremos, povo! Se temos um governo que nos pretende tirar do atoleiro, se apareceu um Ministro das Finanças, alto talento e nobre caracter, gloria duma Patria, que promete salvar-nos, ha a obrigação de dar todo o esforço para que essa obra se realise.

Para isso vão-se fazer comicios em todo o Paiz e nesta cidade se levará a efeito um, no Teatro ..........., hoje ...... ás ...... horas onde discursarão brilhantes oradores de todos os partidos da Republica que se uniram para salvar Portugal.

Abaixo os bandidos dos açambarcadores!
Abaixo a imprensa miseravel!
Abaixo os falsos portuguezes!

## VIVA A PATRIA! VIVA A REPUBLICA!

No papel é o que se vê. Os espaços em claro mostram que o manifesto ficou feito para outras ocasiões; ficou de reserva para novos comicios.

Na pratica é o que se viu.

Algumas centenas de pessoas no teatro Nacional, dois discursos, um do sr. Antonio Bernardo e outro do sr. Alvaro de Castro, o chavão do sr. Cunha Leal no qual este ministro declarou que o seu talento não podia baixar-se a medir-se com individuos de craveira intelectual muito inferior á sua, como a do seu contradictor na Sociedade de Geografia, o sr. dr. Pinto Gouveia, expediente já velho sempre usado por quem quer livrar-se de dificuldades. O sr. Alvaro de Castro não deixou de sublinhar esta passagem em que o sr. ministro das finanças fez o elogio do seu proprio talento, com grandes encomios e frases ditirambicas. Dir-se-ia que muito gostaria de que ele tomasse um pouco do xarope reconstituinte.

Além do fracamente concorrido comicio do teatro Nacional, nada mais se passou de notavel no paiz que desse ao governo qualquer alento para proseguir no caminho escabroso que vae percorrendo. Houve no Porto uma manifestação favoravel ao ministerio promovida pelos populares que n'aquela cidade se decoram com o pomposo titulo de partido republicano popular, a qual em frente do hotel onde estavam hospedados os quatro ministros democraticos que fazem parte do governo, promoveu em vivas ao gabinete Liberato Pinto e á Republica.

O sr. presidente do ministerio agradeceu da janela do hotel, pronunciando um discurso inteligente e sensato como convem a um homem com responsabilidades do governo, que em nada afinou pelo diapasão do que se ouviram em Lisboa no teatro Nacional, e que nos dá esperança de que no governo virá por fim a prevalecer o bom senso.

Estava ainda anunciado um comicio em Santarem, mas esse foi adiado para melhor ocasião.

# SEGREDOS A TODA A GENTE

### Gatunos

*Ha dias, um conceituado gatuno da nossa praça entrou numa tabacaria da rua do Corpo Santo — e por distracção certamente, meteu debaixo do gabão, um pacote de tabaco. Mas o roubado que deu por isso, saltou sobre o nosso homem e agarrou-o pelo casaco. Eis senão quando o gatuno, sacudiu-o num safanão violento deixando-o caixeiro atonito — com o gabão, um chapeu de chuva e o pacote de tabaco nas mãos. Conclue-se, meus amigos, que não ha maneira nenhuma de prender gatunos — emquanto eles não andarem nús.*

### Liga das Nações

*Hymans, presidente da conferencia de Genebra, declarou com a maior naturalidade deste mundo: «A Liga das Nações foi uma grande esperança dada ao mundo; é preciso não a enganar». Decididamente Hymans é um «blagueur» delicioso. A «Liga das Nações» essa creação futil dos teoricos de direito internacional — falhou como era logico que falhasse, A humanidade não esperava nada de Suas Ex.as — a não ser a guerra da manhã. As palavras do ilustre ministro dos estrangeiros belga — se é que são convictas — apenas ficam como documentos da divergencia formidavel entre o criterio dos diplomatas ao criterio dos povos...*

### Estrangeiro

*E' interessante: em Portugal cita-se a toda a hora o estrangeiro — para se elogiar. O estrangeiro é em tudo melhor do que nós — simplesmente pelo facto de ser estrangeiro. E' esta a situação dum paiz, melhor a esta a opinião unanime de todos os paizes, que não creem em si proprios. Pois, meus senhores, notem o contraste. Talvez lhes sirva como lição. O estrangeiro é tambem raro o dia em que se não ocupa de Portugal — mas para dizer mal dos portuguezes.*

**Luis d'Oliveira Guimarães.**

# Um benemerito na miseria

Só hoje, assinado pelo sr. Alberto Souto, nos chegou ás mãos o seguinte telegrama, datado de Aveiro, no dia 18.

«Redacção de «A Capital» — Lisboa. — Telegrafei hontem ao sr. presidente da Republica, pedindo a sua interferencia em favor do velho arraes Gabriel Ançã, venerando reliquia dos nossos homens do mar, que, cheio de medalhas, condecorações e louvores, está morrendo de fome com a miseravel pensão de 40 centavos por dia, concedida em 1907. Rogo á imprensa de Lisboa que chame a atenção das estancias oficiaes competentes para o honrado e glorioso velho, que numa vida benemerita e altruista salvou das ondas mais de 70 vidas e está em risco de passar um Natal atormentado de privações. Por ele tenho feito com os seus amigos de Ilhavo quanto tenho podido, mas é indigno de uma Patria deixar ao abandono dos oitenta anos de edade, um heroe como Gabriel Ançã.

Peço o vosso poder o auxilio de sr. ministro da França, que por certo acudiria em nome do governo francez ao salvador dos naufragos do «Natalia». Peço á imprensa a sua decisiva protecção, que agradeço em nome de um dos mais virtuosos, humildes e dignos portuguezes a quem a Patria e a humanidade tanto devem».

Depois de tão comovente apelo, desnecessarias são as palavras que pudessemos acrescentar. E' convencidos estamos de que o governo se apressará a minorar a situação em que se encontra o velho arraes, cumprindo assim uma divida de gratidão para com o heroico lobo do mar.

### Segurança nos desastres de trabalho

A'manhã, ás 20 horas na rua Direita do Lumiar, séde da Cooperativa da Casa do Povo, realisa o professor sr. Ladislau Batalha uma conferencia em que tratará da organisação da segurança nos desastres do trabalho e suas vantagens.

A entrada é publica.

# AUTENTICAS

# A's "bonitas"

Fui ontem saudado pelo meu triunfo no campo glorioso do feminismo. Um grosseirão, na ideia futil de gracejar com o caso, invejoso por certo, levou a sua audacia a escancarar alvarmente as maxilas nesta frase canalha:

—«Não ha duvida, V. é o homem que tem mais partido com as mulheres em Portugal; mas é com as feias».

E tem a gente de aceitar como homens, como ser da nossa especie zoologica, um animal deste jaez!

Isto brada aos ceus! E depois é falso, mentira, redondamente falso!

A «suffragêtta» italiana é encantadora; Elvira Jar, a mais formosa russa na republica dos «soviets»; á propria mrs Pankurst quem a conhece bem sabe como ela é cheia de frescura, esbelta e fusilante de graça; mas que importa tudo isto? E' acaso a regular configuração do rosto que nos ha de impor a mulher?

O! a crassa boçalidade do eterno «suitor» portuguez!

Não vê ele, não vê muita gente, que o agrado feminino, partido somente da regularidade das feições, é justamente o que subalterniza a mulher; que o grande defeito da mulher portugueza consiste apenas em só viver para o homem, e de na sua abordagem tencionar todos os designios da sua existencia.

Vão á Alemanha e vejam se por lá não se ama; mas lá o amor não condiciona a constante obcessão feminina, nunca é a solução unica duma existencia.

Entre nós, não. Nesta familia finalista que nós somos, a mulher formosa aproveita o erotismo da raça, para, em logica pesadissima no calculo dos interesses, fazer de si um artigo que só busca azada e definitiva colocação pelo amor.

Tudo está por fazer em Portugal; até a mulher!

Por isso eu detesto as chamadas mulheres bonitas. Elas são verdadeiros monstros de insensibilidade e pelo que dá respeito ao pensamento, são de fugir.

Fisiologicamente, o desenho do seu rosto é tanto mais regular quanto menor seja o desenvolvimento de cerebro. As grandes protuberancias, o relevo das circumvoluções acodem sempre áquelas em que a vida cerebral tem mais intensidade. A mulher bonita não; essa assemelha-se á estatua. Não ri, porque pode vincar o rosto com uma ruga; não chora, porque pode ulcerar o fulgor de seus divinos olhos, com o corrosivo das lagrimas; e mesmo se alguma vez for impelida a sentir-se levada pelo imperio da sua animalidade, em breve recupera o equilibrio, a lucidez, a consciencia de tal impulso, e — ei-la que se defende, que se poupa, não vá a comparticipação no prazer avelhenta-la mais cedo!

Ela transforma a noite de nupcias numa marcha triunfal.

Nau enfunada á brisa da vaidade, jamais se deixa enternecer pelo regougo amoroso dessa outra vaga, a paixão dos homens.

Só uma luz interna procuram as almas que sabem amar. E' a luz, o fogo sagrado, a cujo reflexo tudo se alinda: as coisas, as paisagens, o homem.

E essa luz não é o geito equilibrado das feições que a fabrica, mas sim a capacidade da combustão nervosa.

O egoismo das profissionaes da beleza, o culto constante de si mesmas, perpetuado atravez dos inesgotaveis recursos do artificio, convertem-nas em idolos de pedra. Cada mulher bonita é como a personagem de «Peau de Chagrin» de Balzac, sacrificando a vida emocional á duração da harmonia das suas formas.

Isto pensei e isto reproduzi, hontem, a uma mulher de espirito. Almoçavamos na mesma meza. Ela concordou; apenas me pediu para juntar ás chamadas «bonitas», as actrizes...

—«E' verdade, tambem nunca envelhecem».

—«E sabe porquê? Porque se habituam a representar o amor».

Quantas vezes eu mesmo não terei usado essa «sabotage», a que se chama delezа.

Quem assim falava era mulher de teatro, conhecedora da vida em todos os seus aspectos, viajada e culta. Os seu nome, porque não dizê-lo? Era Mercedes Blasco.

**D. Thomaz de Noronha.**

LITERATURA FRANCEZA

# O premio "Goncourt" e o premio "Femina-Vie Heureuse" em 1920

### I — O premio «Goncourt»

O «comité» encarregado da escolha para o premio Goncourt, chamado o grupo dos «Dez», reuniu para esse efeito no passado dia 11, sob a presidencia de Gustave Geffroy. Compareceram apenas oito membros tendo os dois restantes mandado os seus votos pelo correio.

Como é de habito a reunião foi convocada para um restaurante e á votação é que se seguiu o almoço. Esta precaução higienica — a ordem das cerimonias tem sido invertida — era desta vez desnecessaria: a lucta foi calma e a vitoria facilmente decidida. A harmonia e a digestão dos convivas não se perturbaram, pois, com sentimentos por algum desacordo.

Uma vez completo o grupo, começou a eleição; houve, nas primeiras votações uma acentuada dipersão de opiniões, citando-se varias obras. Na ultima votação triunfou por uma maioria de seis votos o romance «Nêne» de Ernest Pérochon, contra «Une Ensilée» de mademoiselle Marcelle Vioux (2 votos), «l'Inquiète Adolescence» de Louis Chadourne (1 voto) e «Nègre Léonard et Jean Merlin» de Pierre Mac-Orlan (1 voto). Foi, portanto, eleito.

O premiado, Ernest Pérochon, filho de modestos rendeiros, nasceu em 24 de fevereiro de 1885 em Courlay Deux-Sèvres), e é actualmente professor em Vouillé. Publicou o seu primeiro livro em 1908, aos 23 anos, uma colecção de versos intitulada «Chansons Alternées», e no ano seguinte outra «Flûtes et Bourdons», seguiram-se-lhe dois livros de prosa «Les Creux des Maisons» (1911) e «Le Chemin de Plaine» (1913). Tomou parte na guerra como oficial interior de infantaria, foi ferido gravemente e condecorado.

«Nêne», o livro que obteve o premio, e que ainda não apareceu em Lisboa, trata um assunto simplissimo, um assunto muito pessoal. E' no nem há pouco que se deve concluir do impressão que se deve dos criticos. Nada do enredo banal da paixão de amor...

Todo ele se passa na lucta entre duas creanças que se disputam o afecto de duas creanças. Em poucas linhas: Um rendeiro, tendo enviuvado e ficado com dois filhos, admite ao seu serviço uma rapariga, Madalena, que se lhes dedica maternalmente, chegando, com os seus extremos carinhos a salvar um deles de uma doença grave e outro de um desastre. As duas creanças adoram-na e chamam-lhe meigamente «Nène».

Mas ao fim de alguns anos o rendeiro torna a casar. A sua segunda mulher não pôde suportar a influencia que «Nène» tem na casa e no coração das creanças. Porisso captiva-a pouco e pouco a ponto de as revoltar contra «Nène», que se vê obrigada a sahir da casa.

Então, num desespero, afoga-se num tanque, ao voltar da estrada.

Escrito com muita emoção, a simplicidade do entrecho deve dar um conjunto encantador.

Ha já, porém, quem se refira a este romance com desagrado, e é alguem de autoridade. Acusam-no de pertencer ao «typo Academia Goncourt». E um critico do «Temps» chama-lhe romance realista escrito segundo a receita do costume, condenando-lhe a linguagem regional, o abuso do vocabulario tecnico e do calão, a mediocridade e a insignificancia dos personagens, e o desinteresse que a heroina inspira pelo rudimentarismo e pela banalidade da sua psicologia. Acaba mesmo por lhe chamar inexplicavel e portanto não comovente.

O «Excelsior» publicou um trecho de «Nène», na dificuldade da escolha entre uma pagina de força e uma de sensibilidade, optou por uma scena dos trabalhos agricolas, á torreira do sol, depois da refeição do meio dia, regada profusamente por vinho da região, e onde o motivo local das discussões entre catolicos e protestantes aparece vivamente aquecido por aquelas duas chamas.

Para nós, portuguezes, que temos magnificas paginas com descripções dessas labutas agricolas, o confronto é ingrato para o autor francez. Recordamo-nos logo de tres bons trechos: o de Fialho, o de Aquilino Ribeiro e o de Eduardo Pimenta. E é curioso desde que sigo as criticas ao livro classificado para o premio Goncourt foi pela primeira vez me lembrei das «Terras do Demo» de Aquilino Ribeiro. Foi uma idéa que tive apenas se falou nas tendencias regionalistas do assunto e da linguagem, tendencias quasi excessivas, que o livro de Ernest Pérochon mostra; e a recente transcripção do «Excelsior», mais vincou essa idéa de semelhança entre os dois romances. De resto, é uma impressão prévia, e quem sabe se depois de lido não virei a reconhecer que nada a motiva!...

Esse trecho transcrito pelo «Excelsior», diga-se francamente, pouco deixa concluir sobre a personalidade literaria e o estilo do autor. Notase uma forte atmosfera de autenticidade.

de sem fantasias que a sacrifiquem a uma estetica um tanto convencional mas mais moderna, e um moderado, embora bem visivel grau de realismo delicado, «nuancé», que tem feito a muitos pensar no Maupassant. E então lendo a dedicatoria das «Chansons Alternées», trasladada para o «Figaro», podem prometer-se a Ernest Pérochon sinceras esperanças nos seus dotes emocionaes.

O manuscrito de «Nène» tinha sido oferecido a alguns editores de Paris, que tanto preparam candidatos ao premio Goncourt, mas todos o recusaram amavelmente. Porisso, foi entregue, como os anteriores do mesmo auctor, a um editor da provincia, um livreiro de Niort (ainda em DeuxSèvres) que o publicou, ha seis mezes com um prefacio de Gaston Chérau. Não era facil de encontrar em Paris, mas ha poucos dias, tendo-se espalhado que «Nène» tinha impressionado vivamente os «Dez» (todos ou alguns?!), um dos editores da capital comprou o restante da edição assim como o restante das outras obras de Ernest Pérochon, e espalhou-as pelos livreiros.

A falta de apadrinhagem, opondo-se a campanhas realisadas em favor de outros concorrentes, e o facto de se tratar de um novo completamente ignorado — o que nem sempre tem sucedido—tornam muito simpatica a decisão imparcial do «comité». Este desconhecia em absoluto o concorrente; os exemplares do livro oferecidos a cada um dos «Dez», traziam a simples dedicatoria: «Hommage respectueux», a data e a assinatura do auctor!

Vê se, no entanto, que a superioridade literaria da obra premiada não é unanimemente reconhecida. Ha dessidencias como sempre houve. E' natural.

Por exemplo, Binet-Valmer, romancista e critico da «Comoedia», lamenta que se não tivesse dado um pouco mais de atenção a «Une Enlisée» de M.lle Vioux, a «Des Inconnus chez moi» de Lucie Cousturier, e a «Ariane, jeune fille russe» de Claude Anett.

E J. H. Rosny ainé, o contista da Academia Goncourt, melancoliza-se pelo desprezo votado a «La Négresse du Sacré-Coeur» de André Salmon, duma originalidade muito mais indiscutivel, diz, bem como a outros novos de merito em quem quasi se não falou.

Mas, donde o veneno cae em catadupas é do artigo de Franc-Nohain critico literario do «L'Echo de Paris». O estilo do «Nène» é muito cuidado... é até cuidado de mais, mas não tem expontaneidade, procura efeitos, satura-se de imagens...—As suas paginas campestres farão esquecer as de René Bazin ou as do Emile Pouvillon, isto para não falar ja das de George Sand?

E essa paisagem de campo, consegue-se perceber, sentir, destrinçar-lhe os caracteres?...

Isso sim... parece-nos campo, é verdade, mas se nós sabemos que é o campo em Deux-Sèvres é porque no-lo diz e repete declaradamente e sem literatura!...

Não, Ernest Pérochon não era um desconhecido, pois tinha em Paris um grande e bem colocado Amigo— que é nada mais nada menos que Gaston Chérau, o seu prefaciador e um literato muito considerado—, mas se o fosse... poder-se-hia dizer que a eleição para o premio Goncourt não tinha sido de modo algum... uma «revelação»!...

E' interessante registar aqui estas opiniões dos outros; mas tambem é interessante ter uma opinião pessoal, o que não é possivel ter por completo emquanto «Nène» não chegar a Lisboa. Todavia, dos outros livros mais votados já posso dizer qualquer coisa.

«Une Enlisée» de Mademoiselle Vieux, que na votação geral teve 2 votos, é um pequeno romance adoravel, escrito com a mais intensa ternura e com a mais inteira verdade. Sobre ele discutiu-se muito a questão da moralidade do romance, e Henri Duvernois, num artigo de fundo da «Comoedia», tratando espirituosamente o motivo dessas discussões, afirma muito a serio que nada ha de mais moral que «Une Enlisée», porque nada ha de mais verdadeiro.

«Une Enlisée» é a historia, já muito envida e lida, de uma rapariga pobre, seduzida e depois abandonada, que prefere a prostituição a atirar-se ao Sena.

Encontrada ainda muito novinha, e depois de espancada pela ama, é recolhida até aos quatorze annos por uma senhora rica que a manda instruir. Em poucos annos enamora-se de Pedro, sobrinho da sua protectora, e torna-se sua amante.

Dois ou tres annos de felicidade e a seguir a rua. Clara está gravida.

Seguem-se todas as «étapes» habituaes na escala do vicio e da desgraça, desde o quarto mobilado até ao passeio do «boulevard». A completar tudo isso a morte da creança e a saudade do primeiro amôr. Clara passa a chamar-se Cecilia Rambaud, e melhora muito de condições, subindo no luxo e no conforto dentro da sua nova vida. Um dia encontra Pedro, o seu primeiro amante. Gosta d'elle ainda como sempre gostou. Casam-se. Mas um interminavel cortejo de fantasmas desliza constantemente entre ambos, no tedio mortal da sua vida de casados. Pedro é muito ciumento, as horas são longas, e Clara, enrijecido o seu coração, foge para voltar á vida de prazer, á vida cruel em que se atola e onde fará o possivel, tornada má, mentirosa, coquete, por provocar sofrimento aos homens, a todos os homens.

No decorrer d'este entrecho, acompanhamo-la por todos os logares de depravação, sentimos com ela todos os falsos prazeres e todas as desilusões dos venenos — o opio, o ether, a cocaina, o alcool —, pintados aqueles e descriptos estes com um vigor e uma nitidez admiraveis tanto mais extranhos quanto é certo que o auctor é uma senhora. A analise psicologica, tirando certos hiatos que nos deixam atonitos e nos interrompem a emoção para dar logar a raciocinios necessarios á comprehensão do que se passou entrementes — é o defeito do livro, o ser escripto em capitulos que não têm sequencia exacta —, a analise psicologica, escrevia eu, é primorosa.

Percebe-se que seja indispensavel usar de termos equivocos e de situações escabrosas para que a realidade não se prejudique... Mas que reconfortante candura a de certas paginas! E que sinceridade de sentimentos os confessados! A doçura com que está escripto o capitulo «Luce» e a paixão suave, vagamente sensualisada e muito perigosa do capitulo «La rencontre,» categorisam altamente o valor do romance e denunciariam por si sós a pena feminina.

E' perfeitamente explicavel a rajada em favor deste livro que já trazia o premio de 1920 oferecido por «L'Aide aux Femmes de Professions Libérales» e optimas referencias dos criticos literarios.

**Ruy de Veras**

*N. da R.* — Amanhã a continuação, e a seguir:

**II — O poemio «Femina — Vie Heureuse.»**

**PRIMEIRAS E REPOSIÇÕES**

**EDEN-TEATRO — Bomba Real** *revista em 2 actos e 8 quadros de Fernando Ferreira, Ascenção Barbosa e Abreu e Souza, musica de Ascenção Barboza, em scena pela 1.ª vez em Lisboa a 18 de Dezembro de 1920*

### *Advertencia*

Um dos autores da revista foi meu companheiro de carteira no colegio militar; como poderei eu dizer mal do seu trabalho? Mas, os leitores, a quem devo esclarecimentos sobre a verdade, podem ser ludibriados se me ponho aqui a dizer bem da revistinha do Eden? Não. Logo, para não ser desagradavel ao meu amigo, e não mentir, dizendo bem ao publico, não digo nada e todos ficam satisfeitos.

Vou antes fazer desfilar nesta coluna a revista que não critico, o que tambem nada influe no caso porque bom ou mau, o nosso tolerante publico que os politicos palavrosos levaram atraz de si, ainda se deixa in conscientemente conduzir pelas «claques» amestradas em alta escola. E o «nigocio» rende.

### *A revista*

A revista começou por não começar. Grande pateada, assobios durante mais de meia hora. Por fim Luiz Filgueiras tomou da batuta e surge o primeiro quadro.

E' um reino, como em todas as velhas revistas. O rei Fogo, vem de palanquim e quase que o prégam no chão. Escurece a scena, ouve-se um estalo e aparece Antonio Gomes, o Compére, com um casaquinho e um bigode que já entraram em 20 revistas, e que, é claro vae representar Portugal. O rei mostra-lhe o que tem lá no reino, a «Bomba», o «tric-trac», e o «Estalo», sem graça de maior; depois o «fogo rasteiro», o «fogo de vista» e o «fogo preso», um dueto a puxar para a indecencia o «foguete de assobio», e o competente faduncho no «foguete de lagrimas», com efeitos de lampadas de côres nos «fatos». O fado bisa-se sempre. Depois vem a «chuva de ouro» que é uma espanholita Mimosa em trage de vir ao mundo, e que na nossa «opinião é o numero melhor da revista»; pedimos «bis», mas o publico, que não percebe nada de arte... não nos ajuda. E' claro que o «Sempre em pé», o Compére, tem de partir e para isso vem a «Pirotecnica» (Maria Fonseca) uma senhora muito comprida que aposta com o rei Fogo não mostrar as mãos a ninguem durante o primeiro acto. E ahi vão todos mudar de fato.

Tam... tam... tam... tam... tam... Uma rua e a porta duma mercearia. O Gomes é o tendeiro, o Maria da Fonseca, continua muito calada, como um rato, para intrigar a gente. Vem numeros muito nóvos a «Sopeira», uma colecção de coristas cada qual a mostrar a sua pá, e que representam a «Liga Naval»; segue-se um numero politico que é absolutamente estupido porque vem repisar uma sédiça e fedorenta «chaige» ao dr. Brito Camacho, o «rapaz das castanhas» por Ema d'Oliveira, e a piada final do quadro que não é indecente nem porca o que muito espanta o publico depois dalgumas que já ouviu ao Compére. Tam tam tam tam tam tam...

Muda o quadro. Clara Batista, «Miss E'cran» vem ciceronisar o quadro e fazer «pendant» na «canastrice» á Pirotecnia. Os Jércolis, com muito bombo e muito bater de pratos, um dueto bem vestido, e musica de gosto «Frei Bonifacio e a Rosa do Adro», e ahi temos uma estopada de fitas celebres por Gabriel Prata com destino a um «Quò vadis» muito velho. Mais Jércolis, outro numero bregeiro a «Pinómania» e o «Raio X», por Julieta Rodrigues a meter-se com a plateia, mas com versinhos e piadas chôchas. Novidades nenhumas, nem grande critica a costumes ou a factos. Vem então a sr.ª Tereza Taveira, a eterna «Padeira de Aljubarrôta», desta vez vestida de «Romania», que evoca os feitos populares. Tam, tam, tam, tudo preto, ahi os temos a bailar; tam, tam, tam, outra vez tudo preto, e uma quantidade de resteas de alnos penduradas, com vistas de fazer mal aos olhos. Nieves Mimosa outra vez com a sua artistica plastica ao natural, num bailado que não deve ter sido marcado por quem marcou a revista, pois é bem bom, ou por outra bem boa... a marcação. Vem o carro do costume com muitos patos a fugir e creanças a valer, e quatro galegos a empurrar e termina o acto.

Palmas, pateada, a claque tezissima, o Gomes sosinho no palco a aguentar a trovoada, mas lá vem chegando á formiga, os simpaticos autores, o ensaiador, o contraregra, o maestro, todos, todos, todos.

O 2.º acto, passa-se numa rua fantastica, esquina duma livraria.

Entra a 2.ª «commére», a chefa do quadro porque a Pirotecnica só foi mudar de fato—por sinal muito alusivo, com «espigas»—mas continua a fazer-nos ouvir o silencio adoravel da sua voz; piadas ao Dantas, vem «Tina Coelho», de cosinheira a cantar o «Relicario»—o melhor numero de musica da peça—e depois de algumas indecencias do «dicionario das iniciaes» (sabem o que é?) e duma lenga-lenga do «Cancioneiro» com fins tambem pornograficos, bem explicita por Ghira, novidade de sensação a «Cigana». Tem esquecido dizer que o guarda-roupa tem coisas boas e más, e as coristas são de marca Shneider-Canet, havendo 6 maganões muito alentados, um dos quaes de oculos, que são de fugir a 7 pés. O resto tudo muito bom.

Tam tam tam tam... O ultimo quadro, e o ultimo carro a partir naquele momento do Rocio. O scenario é vistoso e merece aplausos, a ideia louvavel; mas, depois das «Rendas, Filigranas» e «Tapetes», em vez de se aproveitar o tema para se continuar a apresentar as nossas industrias, manda-se tudo que está em scena embora e vem um numero sem graça, a «Fifi» e a «Tia», e uma rabula boa de Ghira, o «Idiota Nacional». A «Fiandeira» é um quadro vivo por Tereza Taveira, de roca em punho, muito campezina e sapatos brancos de salto á Luiz XV. Mais um «fado», muitas graças ao frontão, o fertil frontão das revistas, um militar que falta á chamada, pum pum pum, apoteose vistosa.

A musica não é alegre, nem viva, é até monótona em geral; comtudo tem alguns numeros com leveza e originalidade; ha um autor que metrifica facilmente, e deve ser depois de apurado e afinado, mais um belo negocio.

Mas quê? eu não posso dizer nada.

**Armando Ferreira.**

## Noticiario

**Entre nós**

Por lapso dissemos que o papel de *Garrocho* na *Carlota Joaquina* era interpretado por Antonio Palma, quando é Abilio Amaral quem mereceu as nossas elogiosas referencias.

Tambem o tipografo trocou Joam Fonseca por João Ferreira.

# Ao sr. ministro do comercio

**Os roubos de mercadorias nos caminhos de ferro**

São muitas as reclamações que recebemos frequentemente, por causa dos roubos de que são vitimas as pessoas que remetem mercadorias pelos caminhos de ferro, principalmente nas linhas do Estado.

Não será possivel adoptar providencias energicas para se evitar que continuem a desaparecer as remessas de mercadorias, cujo valor atinge algumas centenas de contos?

Qualquer serviço de vigilancia que seja posto em pratica, não será porventura menos dispendioso do que as quantias a pagar pelas indemnisações reclamadas?

Parece-nos que já é tempo de se pôr em pratica qualquer meio, que consiga por côbro a tamanho banditismo, que é uma vergonha para um paiz civilisado.

## Festas associativas

**Sociedade Promotora de Educação Popular.**—O programa das festas do Natal é, este ano, o seguinte:

Dia 24, ás 20 horas, inauguração da exposição de fotografias de «Artistas Dramaticos Portuguezes» organizado pelo Grupo Dramatico desta Sociedade, «Terra de ninguem», interessante exposição de pequenas construções, armadas pelos amadores do mesmo Grupo e artisticamente dispostas, abrilhantando-as uma troupe musical e sendo a policia feita pelo Grupo n.º 10 dos Adueiros de Portugal; ás 21 horas. Recita com a comedia «O Senhor Roubado», seguindo-se baile.

Dia 25, ás 3 horas, festa da familia, arvore do Natal, distribuição de premios e brinquedos ás creanças que frequentam a escola, baile infantil e continuação das exposições, sendo a festa abrilhantada por uma banda de musica.



# O racionamento é inademissivel

### E' expediente já muito experimentado sempre com insucesso

De palavras está o publico cheio. O que ele agora pretende são actos que lhe tragam algumas facilidades de vida.

Não pede muito, é facil de contentar. Bastar-lhe-ia que não lhe faltassem os generos e que estes não subissem escandalosamente de preço de dia para dia.

Escusado é, porém, repetir expedientes já condenados pelos conhecidos insucessos com que foram coroados, como são o racionamento e a tabela. Esta dará talvez resultado na lenha por não ser facil fazer desaparecer as arvores, assim como resultou de efeitos beneficos nas casas por não ser possivel escondel-as.

Mas em todos os generos ou artigos que seja facil sumir, dará resultados contrapudecentes, como o tem demonstrado a expriencia já feita entre nós e feita lá fora em várias epocas.

Preciso é, portanto, que se apresentem soluções novas que não infinjam ás donas de casa um doloroso e permanente martirio.

O racionamento está por demais condenado e não se percebe como pôde renascer em espiritos que tem obrigação de ser esclarecidos, a ideia de o resuscitar.

Servirá apenas para enervar a população e fomentar os negocios ocultos de levar couro e cabelo a quem precisar de maiores quantidades do que as que fornece o racionamento ou a quem não possa perder tempo nas interminaveis bichas que, mais que nuuda, vão constituir, em todas as ruas, o pouco edificante espetaculo quotidiano da cidade de Lisboa.

Isto, a dois anos do termo da guerra é a mais estrondosa confissão da incompetencia de todos os que teem intervindo no problema das subsistencias!

Mostram-se agora ufanos e desvanecidos porque ha algum carvão vegetal em algumas carvoarias de Lisboa, como se fosse obra dos abastecimentos e não do facto de ter terminado a gréve do Sul e Suestel Já aqui por mais de uma vez o temos dito: não resolverão o problema do carvão vegetal, emquanto não tabelarem a lenha com que ele se faz. E, tabelando-a, se a lenha desaparecer, facil é mandal-a cortar por conta do Estado e pôl-a á venda nas proprias carvoarias, pelo preço de tal, com a assistencia dum soldado, sendo o produto da venda para o Estado com uma pequena percentagem para o soldado.

Ha bastantes anos numa greve de padeiros que houve em Marselha, a autoridade meteu quatro soldados da manutenção militar em cada padaria e nela trabalharam com os apetrechos da casa para fornecerem de pão a cidade. A greve acabou logo.

A energia é muito aceitavel quando posta ao serviço da grande massa da população contra um pequeno numero de abusadores. Quando a energia, porém, se mostra só no papel e contra as conveniencias e comodidades da maior parte do publico corre direitinha para um insucesso ridiculo.

Meditem bem as pessoas que superintendem nos abastecimentos, antes de atirarem para a publicidade qualquer resolução. E' serviço que demanda em quem o desempenha, uma muito especial competencia que não é facil encontrar-se em qualquer individuo de profissão estranha ao comercio, á industria ou á agricultura.

# AS CEM MIL LIBRAS

**A referencia feita por um jornal da noite ao Banco Espirito Santo, pretendendo interpretar umas declarações vagas do sr. ministro das finanças, determina-nos a fazer a seguinte declaração:**

**1.º—Nem a casa bancaria Espirito Santo Silva & C.ª, nem o Banco Espirito Santo, que lhe sucedeu, solicitou jámais do Estado qualquer emprestimo ou suprimento;**

**2.º—A' semelhança do que então fizeram outras entidades bancarias, quando o governo desejou melhorar os cambios, oferecendo as suas disponibilidades em cambiaes, aceitou a proposta que lhe foi feita em 8 de Outubro de 1919, tomando assim cheques sobre Londres nas condições que se fixaram e entrando com a respectiva importancia em escudos nos cofres do Estado;**

**3.º—Não tendo decorrido ainda o prazo marcado para a liquidação final deste negocio, são insubsistentes as afirmações feitas a tal respeito.**

**Lisboa, 20 de Dezembro de 1920.**

**A Direcção do Banco Espirito Santo:**

**CARLOS DE MELLO.**
**MATHEUS APPARICIO.**
**RICARDO R. ESPIRITO SANTO SILVA.**

# ULTIMA HORA

## O "S. Paulo" no Tejo

### O conde d'Eu e o principe D. Pedro devem chegar esta noite a Lisboa

O encarregado de negocios do Brazil, sr. Belford Ramos esteve esta manhã a bordo do cruzador «S. Paulo».

A ós alguma demora, o sr. Belford Ramos o comandante d'esse vazo de guerra, vieram, em uma vedeta, para terra, indo cumprimentar os srs. ministro da marinha e estrangeiros, major general da armada, autoridades superiores da armada e comante da divisão.

Os cumprimentos ao ministro da marinha foram em seguida retribuidos indo para esse fim a bordo do couraçado, o chefe do seu gabinete, o capitão tenente Procopio de Freitas. Amanhã vão fazel-o pessoalmente os srs. major general da armada e comandante da esquadrilha ligeira.

O comandante do S. Paulo tenciona amanhã cumprimentar o sr presidente da Republica, se o seu estado de saude lhe o permitir recebel-o e o presidente do ministerio que esta noute deve chegar do Porto.

Na estação do Rocio, ás 16,30 estavam os srs. Belford Ramos, Candido Soto Maior, Carlos Pimentel secretario do sr. ministro dos estrangeiros e outras pessoas que ali iam aguardar a chegada do rapido de Madrid onde vinham os srs. conde d'Eu, o principe D. Pedro e o barão de Muritiba.

Mas á estação, chegava aquela hora a comunicação de que o comboio onde vinham os ilustres infantes deverá chegar a Lisboa á meia noite.

O motivo do demora é devido a ao kilometro 228, entre Castelo de Vide e Pezo, ter descarrilado o tander da maquina, que sofrera avarias, não tendo havido, felizmente, nenhuns desastres pessoaes.

Os ilustres viajantes vão hospedar-se no Avenida Palace e não a bordo do couraçado «S. Paulo», como um jornal da manhã noticia.

## Presidente da Republica

O sr. dr. Antonio José de Almeida passou hoje o dia um pouco melhor do seu ataque de gota, que ainda o obriga a guardar o leito.

## Prisão d'um Jornalista

Tendo a Associação dos trabalhadores da Imprensa telegrafado para o Porto, ao sr. presidente do ministerio, pedindo que o jornalista Mimoso Roiz, que se encontra preso no calabouço n.º 2 do governo civil de Lisboa, juntamente com gatunos e vadios fosse transferido para os quartos particulares, o sr. Liberato Pinto imediatamente acedeu ao pedido, dando instruções no sentido solicitado.

Pelas 17,20 o sr. Mimoso Ruiz foi posto em liberdade.

## Morta por uma carroça

Na travessa de Campo d'Ourique foi atropelada por uma carroça, tendo morte instantanea, uma creança cuja identidade se desconhece.

O cadaver foi removido para a Morgue.

## A questão bancaria em Moçambique

No ministerio das colonias foi recebido um telegrama da camara do comercio em Moçambique, pedindo que seja resolvida com urgencia a questão bancaria naquela provincia, visto o crescente agravamento do agio da libra estar ali causando varios prejuizos.

## Professores dos liceus

Acabam de ser nomeados professores agregados do primeiro grupo dos liceus, Antonio Pires; do segundo, Francisco Julio Martins de Sequeira e Antonio Manuel Gamito; do terceiro, Agostinho d'Almeida Paiva e Manuel Inacio Anacleto; do quinto Joaquim Correia Monteiro e Carlos Costa; do oitavo, Tiburcio Afonso Teixeira, e do nono, José Julio Marques Leitão de Barros.

Foram admitidos ao concurso para provimento de uma vaga de professor efectivo do 2.º grupo de cada um dos liceus da Povoa de Varzim, Viana do Castelo, Lamego, Beja e Angra, respectivamente os srs. Hernani Cidade Antonio Correia d'Almeida e Oliveira, Adelino Robalo Cordeiro, Manuel do Estanco Louro e José da Silva Torres.

## Noticias da Capital

**Estabelecimentos abertos durante a noite.**—Na 1.ª repartição do governo civil já hoje se passaram algumas licenças para leitarias e restaurantes poderem estar abertos até ás 4 horas da manhã.

**A cronica do roubo.**—Foram presos: Jaime Fernandes, rua do Arco do Carvalhão, 277, por andar nos carros electricos a praticar furtos, sendo apanhado em flagrante a subtrair a carteira a José Abilio de Moura, rua do Paraizo, 48, 3.º; Augusto Francisco André, rua da Bempostinha, 72, 1.º, carroceiro da Companhia do Gaz, que ali furtou uma porção de pás, picaretas e chumbo cujo valor se ignora e que pretendia vender a um ferro velho; Francisco Rodrigues, rua da Penha de França, 150, empregado de Firmo do Nascimento, rua da Penha do França, que ali furtara varios objectos no valor de 128 escudos.

Queixaram-se á policia: Jaime Augusto Madeiro, hospedado no hotel de Inglaterra, de que junto á bilheteira do Coliseu dos Recreios lhe furtaram a carteira com 80 escudos; Maria de Jesus, rua Passos Manuel, 110, 3.º, de que seu cunhado Constantino Duarte sem residencia, se ausentou para parte incerta, levando-lhe uma mala com roupas, dinheiro e outros objectos no valor de 3:000 escudos.

# A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3732 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Terça-feira, 21 de Dezembro de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de Impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 5 centavos


## O sentimento nacional

Os defensores das propostas do sr. Cunha Leal propalam que ninguem paga mais. Nem as chamadas forças vivas, nem o povo. Esta afirmação é inteiramente destituida de verdade.

Em todos os paizes, alega-se, se tem recorrido ao imposto para equilibrar os orçamentos do Estado. E' certo. Mas não o é menos que em toda a parte se tem procedido duma maneira bem diversa daquela que o sr. Cunha Leal adoptou para levar o paiz a supor o aumento das contribuições.

Que diz o governo? Que temos um «déficit» de 300.000 contos. E' preciso cobrir esse «déficit». O paiz compreende muito bem essa necessidade, e está disposto a pagar. Todos, pobres e ricos querem pagar. Quem disser o contrario, mente. Se ha noção que tenha entrado no espirito de todas as classes, desde as mais elevadas ás mais humildes, essa é a de que é preciso pagar mais, para que se não afunde o Estado, para que todos não sofram as irremediaveis consequencias do descalabro nacional.

Mas isso não impede que se queira saber o que é que se paga e como se paga. Todos tem esse direito, ao qual nenhuma objecção é licita.

Ha um grande «deficit»? O que se afigura logico é que as contribuições sejam elevadas de maneira que elle se cubra, ou na sua totalidade, sendo possivel, ou pelo menos no maximo quantitativo possivel. Com esse esforço nacional, deve coincidir a maxima compressão possivel nas despezas publicas.

Tudo o que fôr alem d'isto é exagero e abuso.

Mas estando todos dispostos a pagar mais, e restando apenas saber se o governo está decidido a gastar menos, sobretudo da maneira perdularia como o tem feito tantos governos, torna-se acaso necessario desviar a questão do dominio puramente financeiro, que é o que lhe cabe, para invadir dominios de ordem social e moral que não teria necessidade de invadir?

Para que, pretendendo-se que o paiz pague mais do que está pagando, se vão alterar os costumes, desorganisar a propriedade, ofender o sentimento da familia, n'uma palavra, fazer demagogia para visto que todas estas violencias não tem nenhum fim util que as justifique ou atenue?

E' sempre grave abalar os fundamentos da propria sociedade. E' sempre grave ofender o sentimento, qualquer que seja a nota que a faça vibrar. O sr. Cunha Leal já o deve ter compreendido, mas se ainda o não compreendeu, em breve se capacitará que é por esse lado que lhe vão surgir as maiores e mais insuperaveis resistencias.

Estamos num momento gravissimo. Ameaça-nos o caos. Se não houver uma scentelha de verdadeira visão politica nos homens do governo, a situação será irremediavel. Mais uma vez o dizemos ao sr. Cunha Leal e aos seus colegas: integrem-se no sentimento da nação; não olhem para o paiz como quem olha para um inimigo. Ninguem pode ser inimigo do seu paiz, e se o patriotismo os não aconselha, ao menos que a reflexão os ilumine. A catastrofe não poupará ninguem. Só a confiança renascente pode evitar as calamidades que se aproximam.

## PELO TELEGRAFO

**Almoço em honra de Puyrredon**

PARIS, 20.—O presidente do conselho municipal e os membros do comité desse conselho ofereceram no dia 15 um almoço, em nome da cidade de Paris, ao sr. Honorio Puyrredon, ministro dos negocios estrangeiros da Republica Argentina. — (*Americana*).

**Em favor da Republica Dominicana**

BARCELONA, 20.—O conselho administrativo da «Casa da America» de Barcelona enviou á Liga das Nações um memorial advogando o caso da Republica de S. Domingos. Em favor desse paiz foram invocadas as seguintes razões:

1.º—A propria missão da Liga das Nações cujo papel essencial é «fazer respeitar todos os tratados internacionaes».

2.º—O artigo terceiro do tratado dominicano Yankee de 1907. O facto de ter invocado na proclamação do do capitão Knapp, chefe das forças americanas de ocupação da Republica Dominicana, a violação do artigo 3.º desse tratado, não implicava que essa violação trouxesse para ela a perda da sua independencia.

3.º—A ausencia, nesse paiz, de todo o meio de expressar a sua vontade e demonstrar ao mundo a sua verdadeira situação em consequencia da censura absolutamente rigorosa estabelecida pelas forças dos Estados Unidos.—(*Americana*).

**Troca de visitas**

RIO DE JANEIRO, 20.—Segundo a imprensa noticiou, o principe Humberto de Saboya, filho do rei Victor Manuel, virá ao Brazil no proximo ano, visitar, em nome de seu pae, o sr. dr. Epitacio Pessoa, presidente da Republica.—(*Americana*).

# DOIDOS, ELES!

## Gritos de angustia

De Roção voltei a Lamego e, encontrando um automovel, imediatamente retrocedi, a caminho de Castro Daire, onde precisava de entender-me com um advogado. Conferenciei nessa vila com o meu ilustre colega sr. dr. Pio Cordeira.

Tive ocasião de tambem ali me encontrar com um antigo companheiro de colegio, o facultativo municipal sr. dr. Mourão; e, porque se tratava dum medico e estivemos conversando sôbre o caso que me fizera ir áquela terra, mostrei-lhe as cartas que no Roção me tinham entregado, dias antes. Esta circunstancia vai como antecipada resposta, sobrescritada aos «miudinhos» que se lembrem de pensar que as cartas que vão ser transcritas podia a sr.ª D. Maria Adelaide tê-las escrito mais tarde, num «truc» combinado comigo.

Viu-as o sr. dr. Mourão, e mais pessoas as viram, muito antes de eu poder comunicar com a minha cliente.

Uma dessas cartas é já conhecida do publico; e, se a reproduzo agora, é para ficarem bem evidentes, relacionadas e documentadas as varias fases e razões do caminho que levou á passagem da procuração conferida por aquela senhora.

Eis essa carta que a sr.ª D. Maria Adelaide escreveu como se fosse dirigida a uma senhora, para no caso de ser interceptada, não se saber a quem se destinava. A carta era escrita ao Manuel, a cuja mão chegou, sem precalço:

«22 de Dezembro:

Minha querida Lucilia: Meteram-me no Hospital do Conde Ferreira, no Porto. E' horrivel! Em meu perfeito juizo num hospital de doidos!

Isto é peor do que uma penitenciaria. Tudo é proibido; tudo fechado á chave, até as janelas; tenho sempre uma empregada ao pé de mim, com a desculpa de me servir de criada; não me deixam ler jornaes; as cartas que escrevo vão á Direcção, para ela ler e depois mandar para o correio; as que veem para mim, veem, para a mesma Direcção abertas e, depois de lidas, é que mas entregam. Emfim, é medonho tudo isto. Já aqui estive muito doente uns quinze dias, mas fiz por melhorar, pois tenho fé em Deus e quero ter coragem para levar esta pesada cruz ao Calvario. Esta carta tem que dar muitas voltas antes de te chegar ás mãos; por isso não posso contar-te como as coisas se passaram, sem saber se a recebeste.

Não passa pela Direcção, mas é perigoso o meio de que me sirvo, pois a vigilancia aqui é muito grande em tudo e ha castigos muito severos. Como tambem não posso receber cartas tuas, manda um anuncio para o «Primeiro de Janeiro,» dizendo-me se recebeste, se estás bôa, se estás com tua mãe e se posso continuar a escrever por esta forma. Como titulo no anuncio, põe a data dos teus anos e assina com o numero da casa da Rita para ter a certeza que é teu. Ha aqui quem me empreste este jornal todos os dias.

Desculpa o papel, mas não tenho outro. Imagina que não me fizeram nenhum exame medico; mas o dinheiro pode tudo e a prova está á vista.

E' preciso que desconfies de tudo e de todos, em toda a parte e principalmente do B. R., que teve em tudo isto um papel de miseravel, como depois te contarei.

Não escrevo em nome da mãe, porque tambem o sabem e podem ter tomado providencia

Se achares melhor escrever em nome de outra amiga, dize no anuncio. Tenho sofrido muito, desde o dia que sabes, mas estou pronta a sofrer mais, se fôr preciso, para conseguir o que desejo, e agora mais do que nunca.

Aceita, querida Lucilia, tantos beijos como de lagrimas teem chorado os olhos da tua pobre *Maria*.

«Tristissimo Natal».

A outra carta, até hoje inédita, é a seguinte:

«Consegui evadir-me do horrivel carcere (a sr.ª D. Maria Adelaide refere-se ao hospital do Conde de Ferreira») onde sem piedade me meteram. Não posso dizer-te como as cousas se passaram, nem tão pouco te posso por hora dizer onde estou.

Peço-te que consultes um advogado bom, para saber o que devo fazer para me segurar contra qualquer nova tentativa ou contra a acção de interdição, se pensarem em a promover, e se convirá passar alguma procuração. Tem a resposta em ordem, porque, logo que eu tenha a certeza que não ha perigo, mandar-te-hei a minha direcção.

Ainda me parece uma ilusão!

Mas, graças a Deus, não me pode restar duvida de que já estou fora daquele manicomio, que durante dois longos mezes e dias me serviu de tumulo.

Depois te contarei tudo.

«Maria»

Esta ultima carta que se destinava a uma pessoa amiga da Sr.ª D.ª Maria Adelaide, não seguiu ao seu destino, por ter a sua autora, já depois de ela escrita, deliberado mandar ouvir um advogado de Lamego, o Sr. Dr. Acacio Mendes, e, em seguida, outro da Comarca de S. Pedro do Sul, o Sr. Dr. João Bandeira. Existem, no «Doida, não»! cartas destes meus colegas, confirmando o asserto. (Pag. 184).

São dois gritos de angustia os documentos que deixei acima transcritos. Era preciso acudir á pobre senhora, barbaramente metida num manicomio, barbaramente incomunicavel, bárbaramente impedida de se defender.

Urgia apresentar-se um advogado, que ela reclamava. Impunha-se cada vez mais a necessidade da procuração.

**Bernardo Lucas.**

## Soluções conciliatorias

### A melindrosa situação do paiz reclama que nos unamos todos para o salvar

Baixou de tal maneira a divisa cambial que o paiz sente-se bloqueado, o comercio asfixia, as industrias definham e a vida nacional ressente-se nas suas mais insignificantes manifestações.

Com a libra a 48 ou 50 escudos que volume de papel não precisaremos para comprar materias primas, artefactos, generos alimenticios, etc., de que tanto carecemos?

A situação evidentemente melindrosa e só com o concurso de todos será possivel fazer-lhe frente. Mais que nunca se impõe uma politica de conciliação, de harmonia de vistas e processos, com o fim de colaborarem todos na salvação comum.

Mais do que nunca é necessario chamar a uma activa intervenção nos negocios publicos as chamadas forças vivas da nação.

Com o seu auxilio, com a sua dedicação, com o patriotismo de todos ainda é possivel acudir a tão profunda crise.

Não se resolverá ela, só com a vontade ou a inteligencia deste ou daquele. Por mais alta que seja a craveira intelectual dum individuo, não basta para solucionar problemas tão complexos, como os que dizem respeito á vida economica e financeira da nação

E' preciso o concurso de todos e as medidas a tomar deverão merecer a aprovação do paiz inteiro, porque só assim serão escrupulosamente cumpridas, observadas e obedecidas.

Nem o tempo, nem as instituições que nos regem, admitem a acção isolada dum individuo ou dum grupo de individuos em materia de tanta monta. E isto que parece andar muito esquecido, tem diferido a resolução de importantes problemas de administração publica.

Forçoso é voltar á realidade das coisas. Nós vivemos em regimen republicano e, portanto, todos teem o direito de se fazer ouvir, quando assim o entenderem conveniente. E esse direito é, na ocasião presente, apoiado pela necessidade da colaboração de todos os que sentirem dentro de si o patriotismo bastante para dedicarem á salvação do patrimonio comum todo o seu esforço.

E nem só da salvação d'este se trata; a crise atinge-nos a todos nos nossos interesses particulares e mais as classes menos abastadas do que as ricas, porque estas teem sempre meio de fazer emigrar a tempo os seus capitães.

Porisso dizemos acima que, mais que nunca, se impõe uma politica de conciliação e aproximação sincera de todos os portuguezes, pois, se continuarmos a não nos entender, se continuarmos a puxar cada qual para seu lado, ouviremos em breve soar-nos á porta a trombeta dos credores a exigir-nos a satisfação dos nossos compromissos ou a... liquidação.

Parece que não estamos felizmente ainda nessa dura extremidade, porque o governo dispõe dos recursos necessarios para os seus pagamentos no estrangeiro; mas por quanto tempo mais poderemos dizer o mesmo, a continuar, como tudo leva a crer, a vertiginosa descida da divisa cambial?

## Carregamento de trigo

Vindo de New York entrou hoje no Tejo o vapor inglez «Atlantic City», com um grande carregamento de trigo consignado ao governo portuguez.

## O "milagre,, de Fatima

### Especulando com a credulidade do povo

Segundo nos comunica o nosso correspondente de Vila Nova de Ourem, pessoas a quem interessa a mistificação do celebre «milagre» de Fatima pretendem repeti-lo, chamando de longes terras o povo inconsciente e fanatico, como sucedeu em outubro de 1917. Como em 13 de maio do corrente ano, não puderam efectuar o chamado «milagre», devido á intervenção energica das autoridades, preparam agora, em conciliabulos, uma nova «fita», que, a realisar-se, meterá tambem grande instrumental!

Basta de especulações! que a quem compete tome as mais energicas providencias e que sejam obrigados, todos, absolutamente todos, a começar pelos padres, a cumprir com o seu dever.

ANTIQUALHAS HISTORICAS

# O João Pestana

**O Pestana e o somno -:- A Arte velha e a Arte Nova -:- João Pastrana, Antonio Martins e Antonio Nebrixa -:- O latim na côrte de D. Manuel -:- A rua do Freixinal -:- As obliterações do passado**

Não é facil votar ao abandono e muito menos ao esquecimento o passado onde tudo que nos rodeia vae sorver o alimento das suas mais fortes raizes.

Não ha passado que não tivesse alguma vez sido presente, nem presente que não venha a tornar-se passado em relação a um futuro ainda desconhecido, que será sempre a necessaria consequencia dos tempos que o antecederam.

Ha usos, costumes, ditos e anexins que se praticam, que se presenceiam, que se ouvem, que se repetem de paes a filhos, de geração em geração. por toada, por habito, por tradição, quantas vezes quasi inconscientemente, sem se lhe descortinar o intuito, o sentido, a origem, e que por isso mesmo andam deturpados.

Assim a quem não perceba, diz-se que não «intende de orta»; a quem come demais chama-se e «caldeirão de Pero Botelho», e quantos outros adagios cuja origem e sentido se perde na noite dos tempos!

Tal é o caso, por exemplo, com o proverbial João Pestana em que tão amiude se fala a proposito do sono.

João Pestana! Esta combinação de nome e apelido aplica-se ainda hoje como simbolo da sonolencia que se anuncia pelo piscar dos olhos, pelo pestanejar sucessivo.

Quando alguem escabeceia, movendo as pestanas, diz habitualmente que já lhe chegou... o João Pestana.

Porque se adoptaria a pestana e não a palpebra? O escabecear compreende-se, mas a pestana feita homem e precedida de um João!

Não tem evidentemente relação com João Pestana, heroe das Indias, pae do celebrado Francisco Pereira Pestana, capitão que foi de Goa e de Quiloa, nos tempos idos da Conquista em que muito mais se distinguiram pela vivacidade e pela bravura do que pela sonolencia...

Só embrenhando-nos no passado, ele nos dará alguma luz sobre o extranho caso.

Neste modo de dizer parece surpreender-se uma corruptela tradicional de nomes, uma confusão de idéas muito curiosa.

Teremos, porém, de remontar cinco seculos no passado, se quizermos dissipar as trevas em que o caso parece envolvido.

Em tempos de D. Afonso V estava em pleno uso nas nossas escolas o ensino do latim e era professor afamado Mestre Antonio Martins que em 1501 ainda regia «Gramatica de Pastrana», «arte velha» no dizer das Cronicas.

Respigando numa antiga resenha bibliografica, deparou-se-nos o seguinte: «1522, Arte de Pastrana, 3.ª edição.», com a nota de ser exemplar muito raro, do qual só havia um similhante na Livraria de Enxobregas, sem que constasse noticia doutro em Portugal ou no estrangeiro.

Fôra esta Arte a terceira impressa em Lisboa. Da segunda edição não achamos resquicio, mas só referencia a uma que supômos ter sido a primeira, impressa em 1501, em quarto e letra gotica com o nome de «Arte de João Pastrana», por onde se continuou a ensinar na Universidade de Lisboa, até que um Antonio Nebrixa veiu a adaptá-la á já então conhecida Arte Nova. A ele se refere o conde de Ficalho como o nome de Nebrija, como professor da Universide de Salamanca (*) e que teria vindo para Portugal leccionar.

Na edição citada de que já só existia um manuscrito que se guardava na Livraria da Santa Egreja de Sevilha, liam-se estes epitetos: «thesaurus pauperum, speculum puerorum», o que bem explica que o povo chamasse ao livro tesouro de meninos, designação que tambem chegou até aos ultimos tempos, dando mesmo o nome a um livro de historias do seculo findo.

Estes epitetos explicam um pouco a relação com o simbolismo do sono, e a facil corrupção de Pastrana em pestana.

Mestre Antonio Martins fôra quem primeiramente leu Pastrana, ainda «Arte velha» na Universidade de Lisboa.

Mas a epoca do renome passára, e posteriormente João Pastrana, com a sua arte velha ia em decadencia na luta que entabolara com a Arte Nova de Nebrixa, já então emendada pelo bacharel João Vaz (Valusci das Cronicas), que a entregou ao impressor João Pedro de Cremona.

Onde pára tudo isto? Que destino se tem dado a tantas preciosidades bibliograficas que nem nos arquivos já aparecem?

Ponderemos tambem que na côrte de D. Manoel o conhecimento do latim tornara-se uma condição essencial para que a qualquer fosse paga a moradia e ficasse apontado fidalgo.

Daqui o vir o estudo de Pastrana a tornar-se aborrecido, por ser obrigatorio na côrte, tanto mais que se impunha ao mestre mesmo de gramatica o dever de passar a certidão!

Tambem o enfado pelo Pastrana se agravara muito com a luta travada entre a arte velha e arte nova, adaptada por Antonio Nebrixa e aperfeiçoada por João Vaz.

Pastrana veiu, pois, a tornar-se um nome vulgar, desprezivel e por ultimo esquecido até á mutilação.

Este Nebrixa, por exemplo, referindo-se aos gramatistas, trata de resto os Gualteros, os Ebrardos, os Pastranas e quantos mais, que reputa indignos deste nome, no seu dizer latino. (**)

Tambem Jorge Ferreira, no acto 3.º—scena segunda da sua «Eufrosina», se refere com desprezo ao nome já aborrecido de Pastrana.

E' quanto se sabe. A Antonio Martins, primeiro mestre que leu Pastrana, sucedeu em tempos de D. Manoel o Mestre Freixinal que vemos ter dado nome a uma rua — Rua do Freixinal—, mencionada num sumario antigo das ruas de Lisboa no ano de 1551, impresso por Gusmão Galbardo, como situada na freguezia de S. Tomé, depois da rua do Cano, (?) e que era provavelmente a rua onde ele tivera a sua escola.

Em que sitio ficava? o que está lá hoje em seu logar?

Não se sabe. As investigações do paciente Julio de Castilho nada nos dizem a tal respeito.

Do celebre gramatista dos tempos de D. Afonso V tambem nada mais resta do que a corruptela inconsciente do seu nome, quasi homófono de um outro que, por sinédo que vulgar se relaciona com o sono e o enfado.

O movimento da Renascença com a sua Arte Nova derretara a Arte Velha que se tornara monotona e aborrecida. A obrigatoriedade do ensino de latim no Paço Real votara Pastrana ao esquecimento.

D'ele nada mais se sabe. Foi um meteoro que transitou sem deixar outro vestigio que não seja uma polarisação de idéas, já transtornadas, confusas, inconscientes...

Da sua obra só ficou uma triste memoria longinqua, muito obliterada, quasi totalmente esquecida...

O tempo, que tudo consome, tambem consumiu as tres edições da sua Arte Velha que a evolução dos espiritos fez sucumbir ás arremetidas da Arte Nova.

Então como hoje, o presente invade o passado, mas baqueia deante do futuro.

Pastrana... pestana...

Mais uma recordação que se esval, mais um nome sem significado, mais uma tradição obliterada...

João Pestana... o aborrecimento, a letargia, o sono!

**Ladislau Batalha.**

(*) *Garcia da Orta e o seu tempo*, Cap. I.

(**) *Mem. hist. do Ministerio do Pulpito*, de Cenaculo. Ed. 1776 — P. 112.

## Conferencias

E' amanhã que o professor sr. Ladislau Batalha realisa no Centro Escolar Socialista de Alcantara, na rua do Alvito, pelas 20 horas, uma nova conferencia publica, em que tratará do seguro contra os desastres do trabalho e maneira de o tornar efectivo e pratico.

E entrada é livre.

—Pelas 21 horas do amanhã, realisa o distinto medico espanhol sr. dr. D. Dionisio Afonso Fernandes de Alcalde, na faculdade de medicina, uma conferencia sobre «La panantogenoterapia como médio racional de curation del conglomerado nosológico llamado tuberculosis pulmonar».

## Congresso Beirão

A comissão que no Porto trabalha activamente pela realização do Congresso Beirão esta já instalando os seus diversos serviços de acção e de propaganda em completa harmonia com as comissões centraes de Lisboa. Na ultima reunião foi aprovada a creação, no Porto, de um Gremio Beirão, que, á semelhança do que existe em Lisboa, seja um forte nucleo de acção e idealismo patriotico. Beirões distintos, como os srs. José Marques, Belchior de Figueiredo e tantos outros que formam a grande e respeitada colonia beirã do Porto, põem ao serviço desta iniciativa o seu muito valimento e dão-lhe o calor do seu entusiasmo de portuguezes.

CROQUIS DE VIAGEM

# NA BOA PAZ

### XXXVI — *Roma de hontem*

Estendendo um dedo para o ar, abrangendo num gesto vágo o que não existe, pode dar-se uma ideia de Roma de hontem, vista hoje.

«Aqui foi a basilica Julia, alem o surpreendente templo de «Castor» e «Pollux»; este pedaço de pedra esculpida, onde a herva se encosta para trepar até ao sol, foi dos «Rostres», as tribunas das arengas; e além, onde não ha nada, é o palacio de «Tibério». Agora dê cá duas liras mais para o «Ministero della istruzione,» e venha vêr uns paredões em grés ou «terra rossa», as termas faustos as de Caracalla».

A Roma antiga não existe; supõe-se; é imaterial e invisivel; toda a aspiração de belo que eu nutria, a pressa com que galguei ao Monte Capitolio, e depois descia ao Forum romano, perderam-se em contacto com a realidade. A duvida invade-nos: Seria aqui que realmente uma civilisação avançada teve a sua cidade capital, seria aqui nesta pequena bacia encaixada entre montes arruivados que os tribunos e os generaes, os Cezares e as matronas jogaram as suas vidas, seria aqui neste recinto quantas vezes soterrado pela inclemencia e pela furia dum barbaro, e outras tantas vezes reedificada a capricho dum papa ou de um rei, transformada de pagã em cristã, aproveitada de templo a egreja, enxertada impudicamente nos restos duma civilisação por outras idéas e outras sensibilidades? seria aqui a Roma que evoca, ao pronunciar-se o seu nome, o misterio da sua beleza, do seu apogeu tribunicio, das suas lutas?

Olham-se as ruinas, muito bem colocadas aqui, em ar de modelos de museu e elas nada dizem.

Estamos num caminho, especie de viaduto donde se domina todo o «forum»; á esquerda algumas colunas caneladas, capiteis corintios, sobre montões de terra e lascas de pedra.

Dizem-me que são os templos de Vespasiano e da Concordia, acredito e vejo que coincidem com os... postaes ilustrados que mil diabos andrajosos me põem diante dos olhos para que compre. Depois, desço um caminho arborisado que vem dar ao «forum», passando por um «kiosque» onde o Estado vende os bilhetes de admissão.

Lá em baixo a impressão é ainda minima; as pedras não falam, emudeceram de vez á força de tantas profanações: desço a sacra via, toda musgosa, indecisa, mal definida, pedra aqui, pedra ali, dum lado limitada pela basilica «Julia», ou antes pelos degraus altos e terrosos da ex-basilica, representada apenas por duas colunas, ali colocadas como um «puzzle» de que se encontraram os bocados dispersos, perdidos; sofreu mais de quatro incendios na antiguidade e as suas magnificas cupulas, as suas decorações em marmore branco e de côr só podem ser vistas atravez as lunetas da fantazia. As tres colunas do templo «de Castore e Polluce» tem ainda qualquer coisa de grandioso no desengonçado dos seus bocados mal equilibrados com um fragmento do friso e da arquitrave; são mais evocadoras estas pedras, mas estragalhes a beleza, a divulgação em «pesa-papeis» das suas linhas geraes. Restos de escultura veem-se ainda nos altos relevos da «Rostres», e neste castiçal erecto e frio, a coluna de «Phocas».

A bater com as biqueiras das minhas botas lisboetas nos fragmentos dispersos de tanta coisa historica, eu chego a crer que o passado é uma coisa que anda por aqui aos pontapés. Como póde haver grandiosidade pois na evocação? Pelo chão, ora com duas lages puidas, ora em terra avermelhada, ora cheio de herva fresca, ha capiteis lascados, cilindros de pedra, tanto tijolo, tanta tradição, tanto caco. De pé, ficaram apenas os arcos; aqui, o de Setimo Severo, ali o de Titus, mais longe o de Constantino. São construções pesadas, pernas macissas, falando alto no «Senatus Populus», e apresentando ainda como o de Constantino, baixos e altos relevos artisticos. Sem dar por isso está o passeante em frente do «Coliseu», o grande antiteatro de Flavio; onde os leigos e os leitores do «Quo Vadis», vão procurar o sitio onde Nero se sentara... atestando assim a sua magna indigestão de datas historicas.

O «coliseu», salvo o devido respeito, não é o bem das portas de S. Antão.

Tem geral a menos e pedras a mais.

Causa medo aproximarmo-nos dele, não porque a evocação dos suplicios, das vitima cristãs, dos gladiadores, dos combates de feras impressionem um vivente do seculo civilisado das revoluções e da guerra, mas porque nas cercanias da entrada, adejam duzias de «explicadores» que falam francez e até... hespanhol, e assaltam os viajantes com uma ferocidade absolutamente do seculo II A. C.

O coliseu, a que falta a parte superior dum sector...da sombra, é imponente mesmo assim em perfeito estado de esqueleto. Visitam-se as galerias subterraneas, espreita-se para as jaulas das feras, passeia-se no «podium» dos senadores e das vestaes e quebra-se a cabeça a cismar que s eriam os muros e paredes que estão na arena,

O Forum dos cezares», e a visita ao «Palatino» deixam as mesma frias impressões. O «palacio de Tibero» dizem-me que era ali, onde está um bosque de carvalhos; e era dali que Caligula saía atravez da ponte que fez construir sobre o Forum, para ir falar ao Capitolio com Jupiter de quem era representante.

E, é assim por toda a parte; uma manhã fui ás termas de Diocleciano e não vi senão paredões que foram grandiosos, e lá dentro, numa vastidão de porporções uma egreja latina, como um riso escarninho em cima das ruinas dum mundo melhor e mais bem lavado... Porque quem cuidava assim com tal carinho das casas de banho havia por certo de trazer o corpo tão bem lavado como a alma entregue a Horacio ou Virgilio.

A egreja é alegre vistosa, clara, e chama-se S. Maria «degli Angeli» merecendo tanto a visita apesar da nossa pouca religiosidade como «museu nacional» instalado noutros restos das Thermas.

Seria ingratidão não percorrer a «via Appia», saindo da antiga «porta Capéne». Para isso, como o tempo é de sol, o unico que apesar de ter visto os «censôres» e os «martires» ainda fulgura sem ser em ruinas, tomo uma desconjuntada tipoia com um mostrador e muitos discos de côr que foram dum «taximetro» mas não funciona... pelo menos para estrangeiros, e mando bater para a campina romana. Tudo me lembra o nosso paiz; a entrada, quasi ás portas em altos e baixos, impossivel, desmazelada; o verde dos campos, a planicie, os pequenos «restaurants» populares os letreiros picarescos.

Vimos restos de aquedutos, velhos, e de «acqua Felice», o de «acqua Claudia.

Ando, ando, ando, sempre em busca da «via appia». Até que pergunto ao cocheiro e proprietario da equipagem, onde é a famosa via.

Desilusão: a «via appia» é esta estrada que vamos percorrendo; mas tambem é aquela por onde vamos agora meter, a via Appia Pignatelli.

E eu que ignorava como no correr dos tempos as vias Appias se tem multiplicado, pergunto ao romano meu colega de seculo e condutor do vehiculo, qual é a autentica, a celebre, e que ma mostre, sem misturas. Realmente ela aparece para mal dos meus pecados [illegible] meus ossos, porque mos ia fazendo em pó. E' uma viela perigoza e irregular, com vegetação silvestre lateralmente; sobe se em direcção á cidade; e finalmente um muro branco, um molhinho de ciprestes, elucidam me donde estou: nas «catacumbas de S. Calixto».

E' ainda o passado. Dou duas liras a um franciscano rotundico, que me vende o bilhete para descer ao formigueiro cristão, bilhete em cera pois é um pavio delgadinho o que ele me fornece.

Outro religioso acompanha-me até lá baixo; vem com cara de muito maçado e é com enfado que me conduz atravez as escadas e corredores subterraneos. Nada de importante constato, senão um friosinho respeitavel lá por baixo e alguns tumulos de papas, fóra a milagrosa St.ª Cecilia ainda meia mumificada. E' possivel que andasse muitos quilometros e é possivel que andasse empre á roda do mesmo eixo, visto que o panorama é sempre igual. Atrevo-me a emitir ao religioso que com «luz electrica» dava um belo labirinto para uso do verão, mas ele não acha graça e ferra comigo dois andares abaixo. Quando subo, venho derreado e com a mão a escaldar de pingos de cêra. Dou-me satisfeito com a idea que faço de todas as catacumbas e volto para o trem. Lá passo na infalivel capelinha «Domine quo vadis» mas eu respondo como na minha terra: «á volta, á volta... cá os visitarei». Dentro em pouco entrava pela porta de «S. Sebastiano» em Roma e estava nas «Thermas de Caracala» nem mesmo no «Tepidarium» consegui disipar o «frio» que estas paredes me causaram; são muralhas de grés adornadas de cicerones seculo XX, e os unicos banhos que hoje aqui se podem imaginar são... os dos perdigotos dos guardas a explicar a planta romana.

Nada, nada, que possa dar ideia das Thermas de Caracala, com o touro de «Farnése», a Flora de Napoles, os seus mosaicos, as Thermas que vivem ainda no nosso pensamento.

Mais nada vi da Roma antiga; descobri-me ante o «Pantheon», o mais expressivo e mais completo da sua geração, mas que senti um pouco envergonhado no meio da casaria burgueza em volta; fui sentarme num dos raros sectores dos ateliers dos

artistas do teatro de Marcellus, e no forum Trajano metido entre um gradeamento entre frades de pedra, perdi de todo a sensibilidade artistica e o meu culto pelo passado, vendo encostado á «coluna de Trajano», um par amoroso que, com licença da «policia», pousa em arroubos amorosos para um paisano que dá intermiavelmente á manivela duma magnifica cinematografia.

E nesta altura tive pena de que a «Cloaca maxima» fosse um pouco longe, pois precisava ir distrair o espirito para outro sitio.

A profanação do Passado!

Armando Ferreira.

## VIDA SPORTIVA

**Desafios de foot-ball**

Realisou-se ante-hontem no campo do Stadium um desafio entre os 3.os «teams» do Sport Club Recreativo da Pena e Grupo Sp. rt Adicense, cabendo a vitoria ao primeiro por 5 bolas a 1.

**O proximo concerto Blanch**

No 4.º concerto de assinatura da Orquestra Sinfonica Portugueza, dirigida pelo maestro Pedro Blanch, que no proximo domingo se realisa no teatro S. Luiz, com um cada concerto mais belos e notaveis programas organisa, executa-se em 1.ª audição o celebre «Capricio espagnol», composto de cinco numeros, o uma das mais consagradas obras do grande compositor russo Rymski-Korsakoff, a «13.ª Sinfonia», considerada a obra prima de Haydn, o «Oberon», de Weber, o encantador «Menuetto», de Bolzoni, o «Rienzi», de Wagner e outras obras dos grandes compositores classicos e modernos. E' um concerto como dificilmente se tornará a ouvir.



## No Sul e Sueste

As estações do Alegalega, Paião e Montemor, até aviso em contrario, não fazem serviço.

A da Lisboa S. Amaro, só recebe remessas da linha, não os expedindo até nova ordem.

As restantes estações estão já aptas a fazer todo o serviço que lhes está destinado.



## MOVIMENTO ASSOCIATIVO

**Empregados de bancos e cambios.**— Reune a Assembléa Geral amanhã, pelas 21 horas, na séde da Associação, calçada do Combro, 76, 2.º, com a seguinte ordem dos trabalhos:

1.º Eleição dos corpos gerentes para o ano de 1921; 2.º Discussão da proposta da direcção para o aumento de quota.



**Michel'angelo Lambertini**

**FALECEU**

Isaura Lambertini Larangeira e José Paes Larangeira, participam o falecimento do seu querido pae e sogro, cujo funeral se realisa amanhã, 22, pelas 14 horas, da avenida Duque de Loulé, 91, r|c., para o cemiterio dos Prazeres.

Não se fazem convites especiaes.



## A Critica das Criticas

### Carlota Joaquina — A Pecadora

*(Aqui corta-se nos jornaes e c... ta-se na casaca).*

**Matos Sequeira**

A «critica das criticas» tem desagradado a muita gente porque, dizem, representa uma reedição de «pancadaria». Salvo o devido respeito pelos colegas, parece-nos que não é bem assim. Trata-se de fazer o apanhado das «criticas», cortando naturalmente a parte que mais interesse o publico pela afirmação sobre a peça, mais definida dos nossos ilustres colegas.

Se todos dizem bem, é um elogio á oitava ou nona potencia, e quando batem todos... a culpa não é nossa. O nosso ganho é só um: tornar solidarios, fortalecer a opinião dos jornalistas, que as empresas pretendem sempre desvalorizar, amesquinhar.

Mas, vamos á tarefa. Tem a palavra o «Diario de Noticias» sobre a obra do seu colaborador Julio Dantas:

«Na obra teatral já vasta do Julio Dantas, «Carlota Joaquina» fica como um pequeno e notavel episodio dramatico em que admiravelmente fica registado mais um aspecto curioso da nossa historia patria».

«João Ameal», na «Situação», confirma o óco da peça e a sua beleza gutural da seguinte forma:

«A «Carlota Joaquina» é um pequeno episodio historico—que não chega a ter acção e se ergue especialmente pela sua beleza decorativa».

A «Patria» pretende explicar os «truca» teatraes da seguinte forma:

«Julio Dantas tem, além disso, uma arte de compor que o leva a calcular os efeitos a produzir, com bastante segurança».

Alvaro Lima, na «Noite», escreve:

«Resume-se, portanto, a peça daquele ilustre escritor a dar-nos uma vaga idéa dos costumes da epoca e a pôr em fóco a afectividade da afeição materna em Carlota Joaquina. Não é o bastante para interessar o publico e principalmente quando, ao contrario do que era esperado, o assunto não é apresentado ao publico com a suntuosidade que seria de esperar».

Mario Bonança é muito resumido e aplaude as bôas piadas da peça no «Jornal do Comercio»:

«E' fê-lo em bôa linguagem, n'um dialogo bem conduzido e amenizado de quando em quando por um dito de espirito que nos predispõe bem».

E Jaime Vitor, no «Tempo», confirma:

«Da peça do sr. Julio Dantas não ha muito que dizer; em primeiro logar, porque ela é um mero episodio da vida da rainha, tratado, é certo por um escritor de teatro, mas tendo outro valor além do que a um episodio é devido».

No «Luta» lembram-se os principios do dr. autor:

«Pode dizer-se, sem ofensa para o sr. dr. Julio Dantas, que a sua peçasinha é um nada, mas um nada bem apresentado».

Henrique Roldão, o «Vitoria», diz que não é uma grande peça, «mas uma aguarela fina e delicada, realçada com artistica mestria nas scenas mais violentas e que traduz com exactidão a epoca dos primeiros lustros do seculo e as datas de dramaturgo invulgar do autor».

E Matos Sequeira, na «Manhã»—estamos afeitos nos cortes a fazer, não vamos melindrar o nosso colega, que diz:

«E' uma aguarela forte da epoca em que pouco como unico senão a benevola delicadeza com que o seu autor nos pôs deante dos olhos e dos ouvidos a figura dessa ferazinha castelhana que acertou de ser rainha de Portugal».

E termina com muita verdade e espirito de observação:

«E, digam-me lá, não faz pena ver acabar a peça no momento proprio em que começa a principiar?»

No entanto quem foi buscar os melhores adjectivos foi Avelino d'Almeida, no «Seculo da noite»:

«Um maravilhoso poder sintetico assinala este punhado de scenas, em que perpassam e se agitam, sem que andem nos encontrões, mais de vinte personagens, qualquer delas contribuindo, pelo que faz e pelo diz, para vincar, com exactidão flagrante, o caracter da epoca, a fisionomia do momento».

Pena é que mais adeante, o mesmo critico escreva:

«E' de corpo inteiro que nos surge Carlota Joaquina, leôa em furio, alma extravasando»

que faz perguntar a muita gente boa se Carlota Joaquina, devia vir... em busto.

Mas os inimigos do regimen... dentista são muito mais energicos. Diz Vasco Falcão, na «Monarquia»:

«*Carlota Joaquina* parece ter sido feita apenas para servir de reclame ao *costumier* Castelo Branco. E, como que um guarda-fato que se abre em 1828 para mostrar aos espectadores a indumentaria da epoca. Como trabalho teatral, nada vale. Julio Dantas é um desses idolos que o publico se habituou a adorar, mercê dos elogios de alguns amigos».

e a «Epoca» descreve assim a obra:

«O sr. Julio Dantas, republicanamente, pôz em teatro uma Carlota Joaquina da sua fabrica de tipos femininos, e apareceu-nos uma ridicula matrona de gestos desageitados, gritos de histerica e atitudes de beata; uma furia que chora, barafusta, ri, manda, pula, implora, toma rapé e bebe chá, entre uma grande turba de gritadeira gentis,—côro da revista d'ano—, frades, cocheiros, picadores, um italiano macarroniando galanterias, e alguns fidalgos, um pelo menos,—o sr. duque do Cadaval, cuja despalavrosa e fugidia permanencia á luz da ribalta é insuficiente para lhe denegrir ou macular o prestigioso e glorificado nome.

E porque vae longo passêmos no «Nacional».

*

Em primeiro logar Matos de Sequeira, na «Manhã» que confessa «não poder fugir á verdade. Ontem representou-se no Nacional um drama de Angelo Guimarães, mais propriamente, hontem não se representou no teatro Nacional. Barbarizou se uma peça. O desempenho foi confrangedor, aflitivo, doloroso. Fez dó r cá por dentro ouvir declamar no nosso primeiro palco a seguinte frase: «Ensino as crianças a ler e a escreverem». A «screverem», repararam? E depois, de ponta a ponta, que série de vezes no interpretação! De quando em quando arrepiava-se-nos a pele!

Na «Noite», doutoralmente, Alvaro Lima, diz:

«Tenho a impressão de que, quando mesmo atingido uma perfeição no seu desempenho, «A pecadora» não seria peça de agrado seguro. Porquê? Em primeiro logar porque a peça é decalcada em moldes antiquados, deixando adivinhar antecipadamente ao espectador toda a sua sequencia e usando e abusando, por vezes, de «rodriguinhos» que, em tempos idos, provocariam, por parte da multidão, um entusiasmo que hoje só se consegue por um explendido trabalho de artistas».

Henrique Roldão pede a «lei» para a tradução e acrescenta:

«Do desempenho...

Não gostamos de dizer mal de ninguem...»

O que explica Vasco Falcão na «Monarquia»:

«O desempenho que hontem teve entre nós, foi deveras lamentavel. Augusta Cordeiro na «Daniela» atingiu, por vezes, o ridiculo...»

e até a falta de ensaios, como diz Antero Lima, na «Batalha»:

«Aquele primeiro acto está mesmo pegadinho com cuspo. Para o insucesso concorreu ainda a horrivel tradução e comporta (sem ser para a escada) coisas tetricas que os ouvidos mais duros se recusam a ouvir. Não quero garantir, vá lá a cautela, que elas se encontrem escritas, mas lá que foram ouvida na platéa, disso não ha duvidas. Culpa do tradutor? Culpa dos artistas?»

Mario Bonança sobe a peça escreve:

«O drama tem scenas interessantes, é certo, mas tem-nas talvez um tanto infantis, algumas de velhos moldes e conhecidos «trucs». Não se compreende com em casa de Simão se reune tanta gente. Ninguem lhe passa pela porta que não entre! A scena das creanças chamando Ana para a lição, e no final da peça, a scena das creanças rodeando Daniela sem uma razão verdadeiramente justificado, não nos dão a impressão que o seu autor imaginou».

«Eça Leal» diz no «Tempo»:

«Não podemos de forma alguma comparar os recursos artisticos de Maria Guerrero e Fernando Mendoza com os do Augusta Cordeiro e Clemente Pinto».

e até Eduardo Noronha, que conta o enredo, diz que a peça

De ora em quando ressente-se de ainda serem aproveitados moldes sujo postos de parte. O conjunto, no entanto, equilibra-se com energia e apresenta sequencia e logica desde a primeira cena até o desfecho».

No que só é atingido pela boa vontade, de «Jorge Ortiz» que adormeceu na plateia, com certeza, e depois escreveu no seu jornal, com o seu costumado brilho:

«Todo o terceiro acto, de dificil representação, foi desempenhado com equilibrio, com intuição e com relevo. Honra as suas tradições de actriz culta».

A «Epoca» pôe, porém, o caso neste pé:

«Incumbida da protagonista a sr.ª Augusto Cordeiro, que, para o papel, não possue já a desenvoltura nem a energia precisas, fez quanto em si cabe para não descambar no ridiculo, o porque quasi o conseguiu, daqui a felicitamos».

E afinal o publico, o grande critico, como é costume chamar-se para conveniencia propria, envia nos cartas como a que recebemos ha 15 dias e passamos a transcrever; afinal não somos nós. O publico sempre se interessa; o publico sempre sabe ver as coisas...

Sr. redactor.—Serve a presente para informar v. de que tem muito para analisar na peça «A Pecadora», que sóbe a scena na proxima sexta feira no teatro Nacional.

Nesta peça aparece Augusta Cordeiro fazendo o papel de «cócote parisiense» com a sua «graciosidade toda e aos pulos!!!...

Quando foi a recita de homenagem ao grande artista Eduardo Brazão, que foi levada a efeito por uma comissão, de que v. fazia parte, ela (Augusta Cordeiro) recusou-se a fazer a marquesa no seu papel «Marquez de Villemer» por ser um papel central e porque ela só quer fazer papeis de menina.

Quando viu a noticia no jornal «A Capital», do qual v. mui dignamente faz parte, de que tinha recusado o papel, exclamou muito zangada:—Os da Capital são umas más linguas, é claro, porque dizem as verdades. Se todos os criticos jornalistas fossem justos nas suas apreciações como v. é o seu ilustre colega A. L. já ha muito tempo que ela teria perdido a mania de fazer de menina. O Nacional está bonito!!! e cada vez pior como v. terá ocasião de ver na «Pecadora».

Sem outro motivo, agradeço a sua atenção para esta carta e sou de v. um assinante de «A Capital».—Lisboa 7 de dezembro de 1920.

# ULTIMA HORA

## Ex-imperadores do Brazil

**A cerimonia de amanhã—Visitas ao conde d'Eu**

O elogio funebre de amanhã nas exequias será proferido pelo sr. bispo de Evora.

Terminada a cerimonia, serão as urnas conduzidas ao Arsenal de Marinha. A que continha os restos mortaes da ex-imperatriz, como não estava em condições de seguir, foi metida numa outra, riquissima, do mogno, com tampo de cristal, sendo depois, tanto essa como a que contem o corpo do ex-imperador, colocadas em dois catafalcos.

O conde d'Eu, acompanhado do principe D. Pedro, barão de Muritiba, Belford de Ramos e Graça Aranha, dirigiram-se em automovel de manhã ao panteon de S. Vicente.

Voltaram ao Avenida Palace, onde, cerca das 14 horas, estevo apresentando os seus cumprimentos a comissão organisadora das exequias.

Tambem ali foi deixar os seus cartões elevado numero de pessoas.

O comandante do cruzador «S. Paulo» foi hoje ao Paço de Belem, cumprimentar o sr. Presidente da Republica, tendo sido recebido pelo secretario geral da presidencia.

**NA AMADORA**

### Associação Solidariedade com os Pobres

Esta prestimosa colectividade de beneficencia promove na vespera do Natal, pelas 20 horas, uma festa constando duma ceia oferecida á todos os velhos e orfãos daquela freguezia. O *menú* é o seguinte: sopa de carne com arroz e grão, bacalhau cosido com batatas e couves, castanhas, laranjas, vinho e arroz doce.

Cada velho e orfão será tambem contemplado com um escudo em dinheiro. Abrilhanta a festa a orquestra dos seguinhos do Asilo Feliciano de Castilho.

Foram convidados para esta festa os srs. ministro do trabalho, provedor da Assistencia sr. Nunes da Silva, governador civil, administrador do concelho, comandante e oficiaes do grupo de esquadrilha e de aviação *Republica*, etc., etc.

**VITIMAS DA TRAULITANIA**

### Pagamento de indenisações

MIRANDELA, 20.—Reuniu hoje a comissão de defeza das vitimas da Traulitania do norte, resolvendo telegrafar aos srs. presidente do ministerio e ministro das finanças, pedindo que ordenem o imediato pagamento das indenisações cujos processos estejam julgados de harmonia com a lei respectiva.—A comissão.

## POEIRA da ARCADA

**Presidente do ministerio**

O sr. presidente do ministerio chegou hoje de manhã do Porto.

**Conselho superior de promoções**

O conselho superior de promoções reune-se amanhã em sessão publica para julgar os recursos interpostos pelo sargento ajudante de infantaria 23, sr. João Gomes, eferes de engenharia sr. José Antonio de Miranda Coutinho, e majores com o curso do estado maior Carmino Ribeiro Nobre e Mario Augusto Xavier de Brito.

**O selo da Assistencia**

As correspondencias que forem lançadas nos receptaculos postaes nos dias 24, 25, 26 e 30 do corrente e 1 e 2 de janeiro proximo devem ser portea-das com a estampilha especial de um centavo para a Assistencia, aliás ficarão retidas nas estações durante oito dias.

## NOTICIAS DA CAPITAL

**Brindes e Calendarios.** — Da casa Domingos M. Cardoso, British Products Supply, Ltd., calçada do Carmo, 25, Lisboa, recebemos e agradecemos dois calendarios-cromos muito bonitos.

## Serviço telegrafico da tarde

**A colonia mexicana em Barcelona**

BARCELONA, 20.—Na ocasião em que o general Obregon tomou posse do cargo de presidente da Republica do Mexico, houve uma grande recepção nos salões do consulado mexicano.

O sr. Zentello, consul geral, e o sr. Salinas, inspector dos consulados, ofereceram um banquete ás autoridades da cidade. O alcaide, os presidentes da «Audiencia» o os membros da deputação provincial assistiram a ele assim como uma delegação da Associação da Imprensa. O governador fez-se representar.

A' noite, no hotel Ritz, um grande baile reuniu as altas personalidades da politica e da primeira sociedade.—*(Americana)*.

**Cotação do franco**

RIO DE JANEIRO, 20. — A cotação do franco tem regulado entre 395 e 415 reis.—*(Americana)*.

**Sessão agitadissima no parlamento italiano**

ROMA, 20.—Os deputados socialistas promoveram escandalos na respectiva camara, tentando agredir o sub secretario dos negocios estrangeiros, a quem acusavam de protegerem os factores das desordens que se deram em Bolonha.

Tendo ficado feridos dois deputados, foi levantada a sessão, mas na mesma ocasião entrou na sala um numeroso grupo de mutilados que obrigaram a abrir de novo a sessão e a discutir e aprovar um projecto de lei, que lhes dizia respeito, o que se fez.—*(Havas)*.

**O chefe da Republica irlandeza**

CHERBURGO, 20.—Corre aqui o boato que o sr. de Valora, um dos chefes do partido irlandez, chegaria na 3.ª feira, 21, vindo de New-York, pelo paquete «Aquitaino».

Parece que o sr. de Valora se dirige a Paris.—*(Havas)*.

**O remedio para a crise é aumentar a produção**

PARIS, 20.—Na camara dos deputados, o ministro do comercio, tratando da crise industrial, disse que a causa principal desta está no facto dos consumidores se recusarem a comprar o contra essa recusa nada pode fazer o governo. O remedio consiste, pois, em procurar fabricar e vender mais barato, aumentando a produção e na cordura dos fabricantes e comerciantes.

O ministro acrescentou que não decretará a proibição das importações nem das exportações.—*(Havas)*.

LONDRES, 21. — O general Sir Neuvil Mac Ready publicou uma proclamação em Dublin prevenindo as tropas de que se fisessem represalias seriam condenados os seus autores, a pena de morte.—*(Radio)*.

LONDRES, 21.—O gabinete inglez discutiu hoje o problema dos desempregados. Espera-se que o governo apresente planos para minorar as dificuldades dos sem emprego, na Camara dos Comuns.—*(Radio)*.

LONDRES, 21. — Dizem de Athenas que o rei Constantino foi recebido com extraordinario entusiasmo. Devido ao mau tempo a familia real desembarcou em Corintho e seguiu para Athenas em caminho de ferro inutilisando-os planos de recepção em Phalerum.

Os navios de guerra inglezes, francezes e americanos sairam do porto do Pyreu para o mar largo antes da chegada do rei.—*(Radio)*.

**Malas postaes**

Pelo vapor «Zaire» são amanhã expedidas malas postaes para a Africa ocidental, sendo ás 13 horas a ultima tiragem da caixa geral.





### Parque Automovel Militar

**Material circulante**

O Conselho Administrativo faz publico por esta forma que no dia 5 do mez de Janeiro de 1921, pelas 13 horas, se procederá na séde deste Parque em Belem á venda em hasta publica do seguinte material devidamente reparado.

| | |
|---|---|
| Carro Renault 12 H P—4 logares, carrosserie Sport | 1 |
| Carro Fiat 16—20 H P—landaulet | 1 |
| Carro Peugeot 24 H P—limousine de luxo | 1 |
| Chassis Fiat 20 H P—de correntes | 1 |
| Chassis Daimler 30 H P sem valvulas | 2 |
| Camions Fiat 18 B L—Para 3500 kilos | 6 |

As condições da venda estão patentes na Secretaria do Conselho Administrativo deste Parque em Belem todos os dias uteis das 12 ás 17 horas e os carros acham-se em exposição desde o dia 25 do corrente até ao dia 3 de janeiro p. f. na Garage da Rua Thomaz Ribeiro.

Quartel em Belem, 20 de Dezembro de 1920.

O Tesoureiro
*Antonio José Alvaro da Silva e Costa*
Tenente de Adm. M.ar

# A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3733 — 11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redação e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Quarta-feira, 22 de Dezembro de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de Impressão — 71, Rua da Bica, 71 — Preço, 5 centavos


## O eterno "truc"

Quando, reflectindo sobre a situação do paiz, analizando os seus maximos interesses, ponderando as conveniencias da Republica, se necessariamente se impõe o dever de discordar dos que se encontram no goso da preponderancia politica; quando se não está inteiramente de acordo com os mandões desta desgraçada terra, que em geral nela não sabem senão patentear o espirito arrogante ou demonstrar a sua incapacidade dirigente, áqueles que embora tenham dado as provas do seu republicanismo, tantas vezes mais antigo e persistente do que o dos seus caluniadores, por tal forma se manifestaram, não se hesita em apodá-los de monarquicos ou cumplices de monarquicos. Conhecemos o «truc». E' já tão velho quanto é infame, mas não ilude ninguem.

Ser republicano, para semelhante gente, deve consistir em estar sempre disposto a, por interesses partidarios ou outra qualquer especie de interesses, cooperar com o aplauso ou consentir com o silencio em quantas medidas ruinosas para a nação ou desprestigiadoras para a Republica possam germinar no cerebro de governantes para quem a democracia se pode adaptar facilmente a todos os moldes do despotismo.

Não houve, na imprensa portugueza, podemos proclama-lo com orgulho, nenhum jornal que desde a primeira hora, e mais persistentemente, atravez de dificuldades sem numero, fizesse, como a «Capital», a politica da intervenção na guerra, para dignificação da Patria e da Republica. Tambem, já de epoca anterior á proclamação das novas instituições, a «Capital» não tem deixado um momento de defender a Republica. Pois bem! No ultimo gabinete Afonso Costa, quando a censura, só destinada a acautelar o sigilo dos acontecimentos relativos ás operações da guerra, foi aproveitada por esse governo para uma mordaça na imprensa, que de questões de politica e administração internas tratava, a «Capital» foi perseguida, a «Capital» viu as suas colunas, dias e dias, sistematicamente mutiladas pela censura porque tratava da questão dos transportes maritimos, porque queria que os navios ex alemães tivessem uma aplicação util para o paiz, porque queria saber as suas contas, porque queria que se salvassem as cargas desses barcos, que se tem agora verificado que foram saqueadas, ou em grande parte se detirioraram devido ao desleixo do governo e das estações oficiaes.

Eramos então tambem tratados como monarquicos e porque está escrito que para certos puritanos zelar pelos interesses nacionaes e pela pureza da Republica é fatalmente ser monarquico!

Agora aparece a mesma arguição caluniosa e estupida que nos não comove. Porque? Porque entendemos, não que o paiz não deva pagar, pretensão que ninguem avançou, mas de forma que o sacrificio que se lhe vae impôr não represente o total descalabro da sociedade. Pois ignora alguem que chegamos ao momento mais grave da crise que ha tanto tempo atravessamos? Nunca a vida foi mais dificil. Não ha familia que não sofra as torturas dum inferno, a exceptuarmos é claro, a casa dos ricos.

Mas esses são meia duzia, e os que padecem contam-se ás centenas e centenas de milhares.

Dir-se-hia que o governo e os seus amigos só consideram o paiz constituido sómente por aqueles que vão aos restaurants e enchem os teatros. Atraz desses, estão milhares de seres que sofrem privações e miseria. E é nesta ocasião que se trata de lançar impostos, só com a idéa de arrecadar dinheiro sem se reflectir que a solução do problema financeiro nunca será real se se fôr agravar ainda mais o problema economico.

Nesta questão gravissima todo está em jogo: a Republica, o paiz, os proprios alicerces da sociedade. Pedir ponderação, cuidado, estudo e serenidade para uma questão desta ordem — é não ser republicano. Pois o contrario parece-nos que é ser mau ou imbecil.

## DOIDOS, ELES!

### Até Santa Comba

Para Santa Comba! Retomando o automovel, dirigi-me primeiro á cidade de Vizeu, onde mal paro e entro apressadamente no comboio da Beira Alta.

Era domingo de Pascoa. Havia festa nos lares e tambem a natureza estava em festa. Adivinha-se a alegria dos homens no fumo das chaminés das herdades, nos trajos garridos dos aldeões, no repicar dos sinos dos campanarios; a natureza, essa ostentava a sua alegria, fazendo brilhar a mais bela folhagem primaveril, o mais lindo azul do ceu, deslumbrante luz de sol. A severidade da paisagem serrana foi-se substituindo pelo ameno sorriso dos vales e pela compostura calma e doce da planicie; apenas em fundo do plano, se divisava, como que a recordá-la, o côrte airoso do Caramulo e, do outro lado, muito ao longe, a linha magestosa dos pincaros da Serra da Estrela.

Vagaroso, como quem não deseja incomodar-se, vae deslizando o comboio. Descança pachorrente nas estações, dando-me tempo a evocar, em algumas delas, a lembrança de coisas a que na minha alma os seus nomes andam ligados.

Eis-nos em Parada de Gonta, e, num abrir de memória, revejo-me no fundo daquele aldeia, passeando ao lado de Tomaz Ribeiro, cujos versos desde a manhã desse dia, cantavam em surdina aos meus ouvidos:

Jardim da Europa, á beira-mar plantado
De loiros e de acacias olorosas!

Surpreendo-me no aconchego do seu gabinete de trabalho, no convivio da sua mesa de jantar, saboreando o alvo pão de milho que em sua casa era uma delicia e de que o poeta falou com elogio, aos lisboetas, numa carta brilhante; na capela do solar, detenho-me, num momento de piedoso respeito, deante da sepultura de seus Paes; de novo passeamos agora, e ei-lo a mostrar-me a fonte onde Aninhas suspirava pelo irmão de D. Jaime, e o sitio onde ele, o meu grande amigo, escreveu os seus primeiros versos, — talvez o mesmo ponto, debaixo dos enormes castanheiros, onde sua filha, a sr.ª D. Branca de Gonta Colaço, alma de poeta como a do Pae, gosta de passar dias inteiros.

A' memoria acodem-me então os dias da meninice desta senhora, flôr em botão mal abrindo. Sinto-a a beijar enternecida a minha primeira filha, o seu encanto...

O comboio parte, acordando-me do meu sonho. Era lindo o sonhar; a natureza está em festa; mas, lá ao longe, no hospital do Conde de Ferreira, acha-se barbaramente encerrada uma senhora, que é preciso libertar. E que senhora!

Di-lo a pena carinhosa de D. Branca de Gonta:

«A sr.ª D. Adelaide Coelho da Cunha é, sem favor, encantadora. Como mulher e como artista, não ha nenhum prisma da sua individualidade que não irradie a graça, a formosura e a bondade doce, sem as quaes nenhuma superioridade feminina logra alcançar aquilo que no meu entender vale mais que a admiração de todos os espiritos, — a simpatia admirativa de todos os corações». (Do n.º 3 da revista «O Teatro»).

¿Ha de tolerar-se tal injustiça? Ha de endoidecer-se á força uma senhora destas? Terá secado porventura a simpatia em todos os corações?

Não! Não!

*

De novo o comboio pára. Sabugosa. E este nome evoca ao meu espirito uma figura mascula e simpatica, que é alguem — «gente de algo» — na literatura portugueza; e dos «Poemetos» do sr. Conde de Sabugosa retinem brandamente os versos feitos áquela padeirinha que amassou talvez o pão da mesa de Tomaz Ribeiro.

*

Tondela. E' pena que não haja tempo de ir num instante á vila dar um aperto de mão a pessoas amigas e de recordar com um medico de alto merecimento, apesar de ainda novo, a alegria extraordinaria de uma festa coimbrã em que nos encontrámos.

Parado então na gare de Tondela, mal eu imaginava, leitor, que esse medico havia de intervir um dia, por forma inesperada, no romance da sr.ª D. Maria Adelaide! O acaso faz das suas. E esse medico ha de ficar admirado, se ler estas linhas, porque ainda hoje não sabe que esteve conversando largamente com esta senhora, na minha companhia, por sinal!

*

Aproximo-me do termo da viagem. Treixedo! E' a penultima estação.

Chego-me á portinhola da carruagem, ólho com mais interesse os campos e os montes que se vão esfumando de bruma, como que interrogo uma alma que ali ande esparsa, na melancolia da tarde. E' que em Treixêdo teve uma das quadras mais risonhas a mãe da minha cliente. Naqueles arredores entre Castelejos, S. João de Areias e Treixêdo, deslizaram os seus dias de infancia, correu descuidosa a sua juventude, — na humildade dos pobres, a guardar ovelhas no monte e na bondade dos simples de coração.

Senhores alienistas, que com campanudas palavras dizeis ter a minha cliente desequilibrado do seu elemento étnico, por ela amar um homem do povo, fazei por ser menos banaes e vinde ao fundo da sua historia ancestral aprender que não enlouquece quem, tendo nas veias sangue do povo, por um homem do povo se sacrifica!

*

Estamos em Santa Comba. Já subo a encosta que me conduz á vida. E' cada vez mais densa a melancolia das coisas. Paro de vez em quando, a olhar com enternecimento a serenidade da natureza. E na minha alma ciciam os versos da sr.ª D. Branca de Gonta.

Saudosa vou dos largos horizontes
Desta Beira, que a bruma diviniza
Na côr azul, diáfana, indecisa,
Com que a tarde, ao cahir, oculta os montes.

Bernardo Lucas.

EM PLENO CÁOS

## Os serviços de Assistencia

### «Deixam muito a desejar» — diz-nos o director da policia administrativa sr. dr. Clemente Gomes : : : : :

Lisboa, capital de um paiz que se diz civilisado, continua a apresentar nas suas avenidas e nas ruas mais frequentadas, bandos de mendigos, mulheres desgrenhadas que arrastam atraz de si bandos de garotos porcos e famintos, á mistura com outros que, a titulo de pedirem a esmola tratam de surripiar das malinhas de mão das senhoras o que de valor encontram.

Após a proclamação da Republica crearam-se no nosso paiz varias especies de Assistencias e Tutorias, mas o facto é que tudo caminha *á la diable* e Lisboa pejada de mendigos e de menores em perigo moral, porque a Assistencia Publica não secunda os esforços da policia para terminar de vêz com tal estado de coisas.

Ouçamos o que sobre o assunto nos diz o sr. dr. Clemente Gomes, director da policia administrativa:

— Nós só enviamos para a Assistencia Publica os mendigos que são julgados inhabeis para o trabalho pelo competente exame medico feito por dois sub-delegados de saude. Pois, apesar d'isso, na Assistencia são logo postos em liberdade ou mandados em paz, poucos dias depois de estarem internados, bastando para isso uma simples informação de um visitador que não tem competencia medica!...

«Os mendigos, bem entendido, são os primeiros a pedir que os mandem embora, servindo-se para isso de todos os empenhos, e atendido o pedido os resultados não se fazem esperar. Voltam a mendigar, pois que outro fim não teve o pedido feito para serem soltos e dahi o verem-se constantemente nas ruas da capital, pedintes que teem inumeras prisões...

— E qual a forma de evitar tal estado de cousas?

— Pretende-se que os mendigos soltos sob a promessa de não voltarem a pedir sejam enviados aos tribunaes por falta de cumprimento da palavra dada. Mas como se pode isso fazer se não ha lei que lhes possa ser aplicada? E', como se vê, uma utopia, e com semelhante criterio só os mendigos aproveitam, pois que conseguem o que desejam, ou seja mendigar á sua vontade.

«Demais, sabido é que não ha materia criminal quando os mendigos não são validos para o trabalho, como expressamente se acha preceituado nos artigos 260.º, 261.º e 262.º do Codigo Penal, artigos 4.º e 5.º do regulamento de 12 de agosto de 1905, artigo 2.º e n.º 1 do § unico deste mesmo artigo da lei de 20 de julho de 1912, leis de 15 de dezembro de 1894 e 3 de abril de 1896.

E o sr. dr. Clemente Gomes, como que para garantir a veracidade das suas afirmativas, põe sob os nossos olhos um volumoso masso de processos referentes a varios mendigos, dentre os quaes o mais recente diz respeito a uma mulher presa ha 15 dias e que enviada para a Assistencia Publica, depois de devidamente analisada por dois sub-delegados de saude que provaram não poder ela trabalhar, saiu no mesmo dia em liberdade, com o fundamento de que se tratava de uma *profissional!*

«E ela ahi anda outra vez pelas ruas da capital, sem que a policia o possa impedir, — esclarece o director da policia administrativa. — Mas o que se passa com os menores é ainda mais edificante.

«Ha creanças que a policia encontra nas ruas a perverterem-se e em perigo moral. Fa-las imediatamente apresentar, salvo rarissimas excepções, na Tutoria da Infancia, mas ali tambem as não recebem, com o fundamento de que a lei não permite o internamento no refugio da Tutoria de menores em perigo moral, o que não é verdade.

E o nosso entrevistado consulta a lei n.º 540, de 19 de maio de 1916, cujo artigo 2.º diz claramente:

A' tutoria pertence a investigação e o julgamento dos processos relativos a menores em perigo moral, abandonados, desamparados e delinquentes...

— Recusando-se portanto a tutoria a aceita-los, os menores voltam para a policia e esta, para os não pôr logo na rua, e os não deixar entregues á degradação em que se encontravam, organisa novos processos, no que gasta tempo, papel e tinta e lá acaba por enviar tudo para a Assistencia, onde tambem os não aceitam alegando evasivas e a costumada e usual falta de vagas...

«Os menores calcurriam novamente para a policia, que nada mais lhes pode fazer, pois que aqui, no Governo Civil, só existem calabouços. A Provedoria, o que devia era mandá-los para asilos e nunca para a policia, que não dispõe de quaesquer recursos, como sucede á Assistencia e á Tutoria...

«Mas ainda ha mais — afirma o nosso interlocutor. — Temos por exemplo casos em que pobres mulheres com filhos teem de recorrer ao hospital. Os pequenos ficam, portanto, ao desamparo e vá de carregar com eles para o Governo Civil. A policia é o «bode expiatorio» e os menores aqui ficam pelos corredores 2 e 3 dias, o que é barbaro e desumano, á espera que a Provedoria lhes dê destino.

«Nos hospitaes tambem ás vezes se recusam a aceitar doentes com o fundamento de que eles não estão enfermos. O desgraçado anda de Herodes para Pilatos e já algumas vezes acabaram por vir morrer ao governo civil!

«Isto tudo é resultante de não haver uma cabeça só, dirigente unico de todos os serviços da Assistencia publica, sem haver necessidade de andar ás atenças uns dos outros e a encosterem-se á policia, que afinal é quem menos recursos tem.

«Nós aqui já tivemos um doido tres mezes n'um calabouço! E tambem tivemos um maluco que, carinhosamente tratado pelos guardas, lá se curou. Cá tivemos uma desgraçada, durante 15 dias, gravida e que nos deu enorme trabalho para dar entrada no Hospital...

E o director da policia administrativa, que se mostra desiludido, remata a sua palestra pela seguinte forma:

— Diz-se que Lisboa está pejada de mendigos e de menores em perigo moral, e isso é simplesmente um axioma. Ora, para se prover de remedio um tal estado de cousas, bastava que os estabelecimentos respectivos recebessem os menores e os mendigos, sempre que a policia para ali os enviasse. Em dois ou trez dias Lisboa estaria limpa dêsses indigentes. D'outra forma nada se consegue.

«A' policia apenas e só cumpre apresentar os indigentes nos estabelecimentos respectivos, e isso faz.

«Ora, desde que a policia assim procede, faz o que pode fazer, e iliba-se da sua responsabilidade quando se disser que Lisboa está pejada de menores e de mendigos.

### Rosendo Carvalheira

No Gremio Tecnico Portuguez realisa-se no dia 27, ás 21 horas, uma sessão solene para ser lido o elogio devido ao falecido arquitecto Rosendo Garcia de Araujo Carvalheira.

### Recenseamento eleitoral

Pelo secretario recenseador do 3.º bairro, que se compõe das freguezias de Ameixoeira, Bemfica, Camões, Carnide, Campo Grande, Chamusca, Lumiar, Mercês, Marquez Pombal, Santa Catarina, S. Mamede e S. Sebastião da Pedreira, foi solicitado a todos os chefes dos serviços publicos a remessa das relações do respectivo pessoal, para ser inscrito no recenseamento eleitoral.

### Bombeiros Voluntarios da Amadora

Realisa-se no dia 25, pela 14 horas, e não no dia 24, como primeiro se noticiára, a inauguração do posto de socorros desta benemerita instituição.

A assistir á cerimonia foram convidadas varias entidades oficiaes, entre as quaes o sr. ministro do trabalho.

### Festas do Natal

A direção do Club Simões Carneiro solenisa o dia de Natal com uma festa dedicada ás creanças, havendo sessão solene ás 15 horas, seguida da distribuição a 50 creanças dum bodo constando de lunch, um escudo em dinheiro e distribuição de varios brinquedos.

Para as creanças nossas protegidas teve o presidente da direção da conceituada instituição a gentileza de vir pessoalmente trazer-nos trez bilhetes, o que muito agradecemos.



### Amnistia em França

PARIS, 21. — O senado aprovou o projecto de anistia, mas recusou-se a ampliar essa medida aos marinheiros que se amotinaram no mar Negro. — *(Havas)*.



SEGREDO A TODA A GENTE

### Nieztche

*O problema politico portuguez recorda-me, hoje mais do que nunca as palavras profundas do meu velho Nieztche:* «La place publique est pleine de bouffons tapageurs — et le peuple se vante de ses grands hommes. Mais ils sont pour lui les maitres d'un moment». *Julgo-me dispensado de traduzir — e julgo que Sua Ex.ª me perdoará a ausencia de comentario. Dir-lhe-hei apenas que Nieztche escreveu o seu conceito admiravel — não pensando talvez que havia um paiz onde as suas palavras calçassem como uma luva....*

### A tuberculose

*D. Afonso de Alcalde, actualmente em Lisboa, vae realizar hoje na Faculdade de Medecina uma conferencia sobre a cura da tuberculose. A cura da tuberculose! Os sabios fa'am; os sabios afirmam; os sabios triunfam — o enigma mantem-se; o bacilo domina; entretanto o homem morre. No dia em que o terrivel bacilo de Kock encontrar o seu inimigo irredutivel — a humanidade terá mil razões para embandeirar em arco e iluminar a fachada.*

### Bôlos

*O senhor comissario dos abastecimentos autorisou as confeitarias e as pastelarias do Porto a venderem pasteis e bolos em todos os dias feriados e de festa. A idéa do sr. comissario dos abastecimentos pode ser profundamente justa; o que não deixa de ser é profundamente curiosa. Dá-nos a impressão duma mamã que disesse, muito risonha: «Meninos! se hoje se portarem bem comem um bolinho — no dia 5 de outubro...*

Luis d'Oliveira Guimarães.

## PELO TELEGRAFO

### A atitude dos ministros dos paizes aliados em Atenas

PARIS, 21. — Os ministros da França, da Inglaterra e da Italia não foram os unicos que ficaram na respectiva legação, não embandeirada, por ocasião da chegada de Constantino. Atitude identica foi adoptada pelos ministros dos Estados Unidos, Brazil, Belgica, Polonia e Servia. — *(Havas)*.

### A vitoria eleitoral do governo espanhol

MADRID, 21. — Os centros ministeriaes calculam que o resultado do escrutinio nos 26 circulos, cujos dados oficiaes ainda não chegaram ao ministerio do interior, dará ao gabinete uma maioria absoluta, até mesmo maior, ou seja um minimo de 205 deputados dedicados ao gabinete. A «Epoca», orgão ministerial, diz textualmente. Ainda não são conhecidos os resultados completos das eleições, mas sabe-se já o bastante para afirmar que desde 1913 nenhum governo, nem aquele que foi presidido pelo actual presidente, sr. Dato, chegou ao parlamento com um instrumento tão apto para governar. — *(Havas)*.

### A aventura de D'Annunzio

ROMA, 21. — D'Annunzio declarou que não reconhece a validade do tratado de Rapallo. O prazo que lhe deu o general Cavoglia expira as 6 da tarde do 22.

Se sua resposta ao ultimatum fôr desfavorável, sera proclamado o bloqueio efectivo de Fiume e das ilhas de Veglia, Arbe e S. Marcos. — *(Havas)*.

CROQUIS DE VIAGEM

## NA BOA PAZ

### XXXVII — *Roma da arte e do amôr...*

Dentro da cidade, o que o «touriste» pode encontrar com mais encanto para ver, são os palacios com nomes que lembram vagamente o apogeu do Papado, as fontes e os jardins. Os jardins publicos são um dos grandes termometros que eu consulto sempre numa cidade para avaliar um pouco a alma popular. Os «squares» londrinos são quadrados de relva em linhas rigidas; os jardins de Paris são «coquettes» decorações de verdura embelezadas constantemente; os «giardinos» de Roma teem a calma sensual, o silencio propicio ao amôr, onde espreitam a cada passo bustos de heroes romanos sem olhos ou cabeças de fauno a sorrir maliciosamente.

Batemos para o «Pincio», subindo em desconjuntada travessia pelo pavimento mal cuidado do Corso até á Piazza de Popolo. Esta é uma grande praça, a nossa Rotunda, donde irradiam ruas, e encostando-se ao monte Pincio. Ao meio um obelisco e varios «Neptunos» e «Tritões» jorrando agua, neste cicio suave e cantante que nos acompanha sempre em Roma. Pela «porta del Popolo» entra-se no jardim publico, na vila Borgheze, toda alfombra, toda sensualidade, rescendendo a luxuria que Messalina, a mulher do nosso bom Claudio, dissolveu nos jardins, outrora aqui aconchegados. E não será ela que por aqui anda de braço dado, muito agarrado, suspensa, a um joven artista que tem os seus trabalhos a completar na «Vila Medici» onde está instalada a «Academia di Francia, e ha trez anos disputa o premio de Roma? No terrasso, aquele terrasso que todos nós conhecemos de livros e oleografias, o panorama é afamado. Milhões de olhos o tem ido lá buscar, levando-o para a vida das recordações em toda a parte do mundo, e comtudo, ele lá está, soberbo, original, diverso de tantos outros panoramas que tenho colecionado.

No Terraço, um quadrilongo debruçado sobre a cidade, ha bancos onde se sentam damas de companhia, amas; a pequenada salta a corda; muita gente lê, os bustos brancos amputados sussurram bregeirices pagãs ás donzelas que aqui vem anciar uma vida de mór arte e mór amôr.

E aos pés, Roma. Mesmo em frente a Ponte Margherita, uma curva do Tibre, a mancha escura do castelo de S. Angelo, como um pudim de fôrma ao lado dum torrão de açucar: o torrão de açucar é a construção branca moderna do «palazzo di Giustizia. E, mais longe, a grande cupula de S. Pedro, como vigilante, guarda, protector do burgo que se agacha ao redór. O resto é tudo baixo, inferior a nós; os pequenos monticulos, o «Quirinal» á esquerda, com construções amareladas, velhas, os outros mais longe são apenas ondulações de casario que tiram o aspecto monotono ao panorama. Muitas cupulas, muitas flexas, muitas egrejas.

E' com saudade que se desce do «Pincio,» para ir pela via Sixtina, a trepar até á Praça «Barbierini», ornamentada por uma fonte, a «Fonte de Triton,» uma das muitas que dão alegria e... agua, á cidade. O «palacio Barbierini tem para visitar a sua colecção de pintura; e eu que gosto de dizer mal — na opinião das minhas vitimas — esfrego as mãos ante o quadro de «Duror,» um «cristo» e «os doutores» pintados, dizem, em 5 dias para explicar o caricato da... obra. Mas desçamos as escadarias faustosas, restos dum tempo melhor, e visitemos o «Quirinal,» o rival de S. Pedro. E', um nome que em Lisboa me fazia muita impressão, de grandeza e de respeito. Visto ao pé, atravez uma estafa numa calçada ingreme, é um paredão que mais parece uma caserna. Em compensação fico a contemplar estes «domadores» de «cavalos» em proporções grandiosas, de marmore, em volta dum outro obelisco.

São assim os monumentos de Italia, a falta de heroes nacionaes, a nação nasceu ante-hontem, faz com que as suas estatuas sejam em numero reduzido e se recorra, para embelezamento das praças, aos velhos despojos doutras epocas. Ao menos em Lisboa as celebridades são mais do que as praças! E ahi vou eu a rebolar até a um recanto que tanto pode ser o largo dos Alamos na minha terra, como a praça da «Fontana de Trevi» em Roma; é um largosinho; mas, meus amigos tem uma magnifica «fonte», a mais rica e grandiosa no genero como nunca vira nenhuma; para mais tem entre este amontoado de conchas, em explendida escultura um «Neptuno» uma «Saude» e uma «Fecundidade» que me dão logo vontade de beber desta agua; mas nem bêbo, nem deito uma moeda para o fundo da fonte, o que diz a tradição faria com que eu voltasse a Roma. E' verdade que experimentei, mas como o dinheiro é de papel, boiou... boiou e não foi para o fundo. Curvo-me perante a beleza da fonte e retiro-me, desejando a tão respeitavel Neptuno «Saude e Fecundidade».

Vale a pena visitar a «Piazza dei 4 fontane» a «fontana di Termini», jorrando, repuchando, dia e noite agua, o que me lembra exactamente as fontes do Rocio, repuchando, jorrando dia e noite... ar.

De todos os palacios, os nomes mais recomendados são o «Dora», o «Palazzo Colonna», «Altiera», «Orsini» «Respigliosi», «Venise», mas visitei apenas os dois primeiros e achei bastante; arrecadações de coisas belas e de coisas velhas; as obras primas são 10 em 200 quadros que passam sob a vista.

Qualquer destes palacios são construções enormes, grandiosas, pesadas, que se descobrem a olho nu no meio dos casarões visinhos.

Raras belezas arquitectonicas pelo interior, o que faz com que a cidade seja... banal. E discorrendo, vagueando, deambulando, pergunto o que é aquele palacio:

— La Camara de Deputati...

Meus amigos, fugi, juro que fugi da «Piazza de Montecitorio» e só dei por mim do lado de lá do Tevere, curando os meus sustos na «Passeggiata Margherita».

Armando Ferreira.

Imperadores do Brazil

## A trasladação dos seus restos mortaes

### revestiu extraordinaria imponencia — Uma justa homenagem, que é o pagamento duma divida de gratidão : : : : : : : : : : :

Começou hoje o Brazil a pagar a sua divida de gratidão aos ultimos imperadores da nação irmã e amiga.

Depois de varias *démarches* realisadas pelas chancelarias das duas Republicas procedeu-se hoje á cerimonia da trasladação das cinzas de D. Pedro II e da imperatriz D. Tereza Cristina, que durante cerca de 20 anos estiveram religiosamente guardadas no pantheon de S. Vicente.

A Republica Portugueza associou-se comovidamente á justa homenagem do Brazil aos dois monarcas que, sacrificando-se ao bem da sua Patria, se conformaram com o mandato do seu povo, abandonando a terra que lhes foi berço e vindo morrer no exilio.

Mas na grande republica irmã apagaram-se as paixões politicas, e o Brazil julgou ser seu dever que os seus ultimos imperadores fossem repousar na terra que eles amaram com tanto ardor.

Lisboa associou-se, como não podia deixar de fazer, ás manifestações de hoje, vendo-se em todos os estabelecimentos publicos, nas legações, nas casas bancarias e particulares, companhias e quarteis, camara municipal, etc, as bandeiras nacionaes a meia adriça.

Logo de manhã cedo, a cidade começou a movimentar-se, sendo extraordinaria a afluencia de povo nas ruas por onde estava indicado que devia seguir o cortejo funebre. As janelas apinhavam-se de senhoras trajando de preto, os eletricos para a Graça e S. Tomé, as carruagens e os automoveis seguiam sem cessar para S. Vicente, transportando convidados ou pessoas que por dever de cargo tinham de assistir á cerimonia que ali ia realisar-se.

Pelas 8,30 a policia, na força de cerca de 600 homens, com os respectivos chefes o comissarios de divisão, tomavam posições e não permitiam que qualquer pessoa saisse do alinhamento dos passeios.

No Largo de S. Vicente não era permitido o ingresso senão ás pessoa que se dirijiam para o templo.

Magnifico como não ha memoria, foi o serviço de policia e á briosa corporação se deve sem duvida a boa ordem com que tudo correu.

Quando entramos em S. Vicente, 9 da manhã, já tudo estava a postos.

Iam pouco a pouco chegando os convidados, entre os quaes se destacavam o corpo diplomatico «au grand complet», tendo á frente o Nuncio de Sua Santidade com as suas vestes roçagantes. O corpo diplomatico toma logar n'uma tribuna armada á esquerda no Arco do Cruzeiro. A' direita erguia-se outra tribuna, onde tomavam logar os representantes da Camara Municipal de Lisboa, senadores e deputados, direcção das Associações Comercial e Industrial e membros da colonia brasileira.

A meio dessas tribunas, ou seja ao centro do arco do cruzeiro, erguia-se o grande catafalco constituido por um grande estrado de trez degraus, tudo forrado a negro e debruado a prata.

Sobre esse estrado estavam duas eças douradas, magnifica obra de talha manufacturada no Porto e que custaram 2.000 escudos cada uma.

Rodeando o catafalco viam-se tocheiros e serpentinas num total de 46 lumes.

Proximo ás tribunas, havia duas filas de cadeiras; as do lado do corpo diplomatico para a imprensa estrangeira e ao lado oposto para os representantes da imprensa portugueza.

Estas cadeiras foram ocupadas por quem não tinha direito a lá estar, com magua o dizemos, mas emfim tudo se remedeou com a intervenção do sr. Alfredo Magno, o encarregado do funeral.

Na capela-mór, tomaram logar ao lado do Evangelho, ou seja á esquerda, o representante do chefe do Estado, membros do governo, pessoal dos respectivos gabinetes, comandante e oficiaes da G. N. R., oficialidade de terra e mar, etc., vendo-se ainda ali armado o solio destinado ao sr. cardeal patriarcha.

Do lado direito ou seja do lado da Epistola tomaram logar: o sr. conde de Eu, seu filho o principe D. Pedro de Bragança, os bispos de Mitilene, Evora e Portalegre, conde de Sabugoza, representante do sr. D. Manuel de Bragança, barão de Muritiba, Belford Ramos, encarregado de negocios do Brasil, pessoal da embaixada consul e vice-consul do Brasil, comissão promotora das exequias, cabido da Sé patriachal e oficialidade do cruza-

dor «S. Paulo», que se fez representar largamente e cujas fardas consteladas de condecorações e os dourados das dragonas davam uma nota de imponencia ao acto.

### A remoção das duas urnas para o templo

Pelas 10 horas, achando-se tudo a postos, tendo comparecido o Conde de Eu e seu filho, bem como o sr. Jaime Athias, secretario geral da presidencia, que representava o chefe do Estado, que continua doente e que por tal motivo não poude assistir á cerimonia, dirigiram-se alguns membros do governo com o seu chefe, sr. Liberato Pinto, para o panteon, a fim de se proceder á remoção das duas urnas para o templo.

Foi então lido o auto pelo sr. dr. Candido de Figueirêdo, funcionario superior do ministerio da justiça, e assinado em seguida pelo ministro da justiça, pelo encarregado de negocios do Brazil, sr. Belford Ramos e outras pessoas presentes, entre as quaes se viam o sr. Conde de Eu, o principe D. Pedro, o pessoal da embaixada do Brazil, major general da Armada, Conde de Sabugosa, director geral do ministerio nos Estrangeiros, condes de Tarouca, das Galveias e de S. Lourenço, marquez de Souza Holstein Moreira de Almeida, Antonio Wadington, general brazileiro sr. Tasso Fragoso, que se fazia acompanhar do comandante do cruzador «S. Paulo», oficialidade do mesmo barco de guerra, etc.

Após a assinatura do auto, que se fez sobre um «buffet» de pau santo, adeantou-se o reverendo conego Romão Guimarães, presidente do cabido, que fez as orações do ritual, sendo acolitado por parte do cabido e arcebispos.

Finda esta rapida cerimonia, os marinheiros e os fusileiros de marinha do «S. Paulo» desceram as urnas dos armarios onde se encontravam, organisando-se em seguida o cortejo pela seguinte forma:

A' frente, varias irmandades de cruz alçada e ciriosa, filas de irmãos ostentando capas vermelhas, clero, cabido da Sé, conego Romão Guimarães, urna conduzindo as cinzas da Imperatriz, urna contendo os restos mortaes do Imperador, o conde de Eu, seu filho, membros do governo, oficialidade de terra e mar e do «S. Paulo».

As duas urnas eram ladeadas por fusileiros brazileiros, cujas fardas vermelhas, capacetes brancos com ferragens douradas e polainas amarelas punham uma nota de destaque no quadro. Os fusileiros marchavam cadenciadamente com as armas em funeral.

O cortejo, assim organisado, deu volta aos claustros e veiu sair pela porta do Largo de S. Vicente, afim de dar entrada no templo.

Eram 11 menos 5 minutos quando o cortejo entrou na egreja, rompendo a orquestra com uma sentida marcha funebre.

As urnas foram então depostas sobre as eças, ficando a da imperatriz junto da tribuna do corpo diplomatico e a do imperador do lado da Epistola.

Rodeando as urnas, foram colocadas as corôas que eram em grande numero e entre as quaes se destacavam a do sr. Presidente da Republica; de D. Manuel de Bragança, sua esposa e mãe, da embaixada do Brazil, da colonia brazileira, dos corações Portuguezes e Brazileiros, da colonia brazileira etc.

Escoltando o catafalco ficaram os marinheiros do «S. Paulo» e os fusileiros, que sempre se mantiveram em rigoroso aprumo, o que chamou as atenções geraes.

A's 11 horas prefixas deu entrada na capela mór o sr. cardeal patriarca, que se fazia acompanhar de todos os bispos a que acima nos referimos e do cabido. Deu-se começo á missa de «requiem» da autoria do maestro Carlos de Araujo, sendo celebrante o reverendo conego sr. dr. Sequeiro Móra, acolitado pelos beneficiados reverendos Laceiras e Rocha, tendo como presbitero assistente o dr. Padre Esteves, prior de S. Vicente.

Dirigiu as cerimonias o reverendo beneficiado Eduardo Coelho Ferreira, auxiliado pelo reverendo Tavares e pelo cerimoniario dr. Antunes.

### O bispo de Portalegre profere uma comovedora oração

Finda a missa, subiu ao pulpito, que momentos antes fôra *assaltado* imprudentemente por um fotografo na ancia de tirar *clichés* e que teve de ser dali desalojado pela sua irreverencia, o sr. Arcebispo de Portalegre, o qual, ao meio dia começava a sua oração com a seguinte frase:

«O' Rei dos povos, ama a justiça para poderes reinar eternamente!»

O ilustre orador sagrado diz ser imponente e melancolico o pensamento que nos congrega em redor de dois ataudes silenciosos; todas as pompas que se está realisando não são mais que os murmurios da saudade, os crepes de luto que se agitam formam um quadro arrebatador e tragico em que o nosso espirito mostra a saudade que o tempo não faz emudecer, e muito menos quando se trata do eco da voz de uma Patria distante que chama ao seu solo natal os filhos ilustres que ao morrerem tinham na boca o nome da terra que lhes foi berço.

A morte arranca para as regiões do desconhecido as cinzas dos reis e dos mendigos, as quaes se confundem mas o quadro de agora vibra, porque nele se vê uma fé.

Nos sarcofagos que ha mais de 20 anos ali jazem, a egreja evoca os espiritos e implora para eles a ventura que só Deus pode dar. Chegou a hora em que só uma realeza vigora, é a Realeza da Morte que tudo calca, tudo faz vergar implacavelmente como que batido por um furacão. Um clarão sobrenatural ilumina de luz os catafalcos e vem dar á cerimonia as homenagens que vão subindo nos espiritos como um prece junto de Deus.

Um grande paiz que manda um couraçado para receber os seus reis mostra nobreza e demonstra que não se prende com dificuldades, para render homenagens. E' uma grande lição para que os reis e os governantes devem olhar.

Ocupa-se depois o orador da arte de governar povos, que entende ser muito dificil, porque sempre se faz o bem para colher ingratidões; é um duro viver o de reinar, é um martirio quando o homem é inconstante.

O poder que vem de Deus reconhece a subordinação para o mundo prosperar e ainda ha pouco o chefe de uma das maiores democracias apelava para Deus. Todo o imperante não passa de um enviado de Deus para fazer o bem, e será punido, será julgado severamente, terá de prestar contas quando dignamente não cumprir a missão que lhe foi confiada e que é um sacerdocio. O orador passa depois a traçar o perfil do imperante; traça a sua obra no meio da sua grandeza e magestade, mostrando que Ele era um vulto grandioso e benemerito.

Trata-se de D. Pedro de Alcantara de Bragança, era esse o seu nome, e ele deu ao seu Povo todo o inconfundivel, 50 anos de presidir aos seus destinos, amando sempre a justiça!

Quando os odios politicos se debatiam foi ele feito Imperador. Aos 16 anos foi proclamada a sua maioridade acolhida com ovações.

Mas lá longe nas provincias rebeldes houve empregar a força sabendo ele depois insinuar-se no espirito popular, motivo por que foi amado e respeitado.

Empreendeu a seguir uma longa viagem a todas as provincias, conseguindo facilmente conquistar os seus povos. E como não havia de assim ser, se ele era o Pae do povo, o que se prova com as audiencias que dava no seu palacio aos humildes a quem reparava injustiças!

Os escravos que arrastavam a grilheta tiveram em Joaquim Nabuco um verdadeiro apostolo e a alma do imperador sangrava e amargura por ver que não era reparada a injustiça feita a esses desherdados.

Em 1871 teve a felicidade de assignar a lei que não permitia do futuro que nascesse no Brasil mais um unico escravo; os que nasciam nas florestas passavam a ser homens livres.

Mas apesar d'isso a escravatura continuou e ele um dia suspirou:

—Não me deixem morrer sem eu saber que no Brasil a escravatura acabou!...

Em 1878 viu finalmente firmado pela mão gentil da princeza reinante a grande obra que fôra o seu grande sonho.

Passa depois o orador a descrever o que foi D. Pedro de Alcantara como homem de sciencia e de letras, cultor apaixonado das escolas, academias, estradas, caminhos de ferro, tudo em resumo teve nele um impulsionador. Só o viam feliz quando via feliz o povo. Os 5 anos da guerra do Paraguay, foram seculos para ele; O Imperador sofria como sucedia tambem ao seu povo.

Após 30 anos de constante labor veiu á Europa que o recebeu com extraordinarias manifestações de carinho'

Foi alvo de distinções mas ele preferia andar como simples particular, sentindo-se honrado em subir as escadas e os gabinetes dos sabios. Procurava assim levar para o seu paiz um mundo novo. Em Portugal não se esqueceu de conviver com os homens celebres d'aquele tempo e ainda está na memoria de todos a sua visita ao solitario de Vale de Lobos. Ele foi por assim dizer o elo que seria para estreitar as boas relações entre as duas nações irmãs.

E a Imperatriz?

Essa foi o verdadeiro anjo do lar e da pobreza: a sua divisa era: fazer o bem sem aparatos e sem afletações; suavisar tristezas era a sua maior paixão; nunca se metendo antes se mostrando estranha ás luctas politicas.

O lar do imperador podia bem comparar-se ao dr. Carlos Magno, era um ninho encantado...

Mas veiu a borrasca a procela e o vento que devia derrubar um governo levou tambem uma corôa.

Não completa o ele orador analisar a politica de uma nação amiga e irmã. N'este derrubar e erguer das instituições não se vê no Brazil uma palavra de odios contra os seus imperadores. Ele soube ser superior á dor: ei-los a bordo do «Alagôas» a caminho de Portugal que os acolheu galhardamente. A imperatriz não poude infelizmente resistir ao foração e já foi morrer no quarto de um hotel do Porto exclamando:

—Ai o Brazil, a minha terra tão lindo; não me deixam lá voltar.

O imperador, só, cá ficou, hirto na sua dôr, com as saudades da Patria e da esposa muito amada. Mas ele não protesta, e qual astro errante aguarda a hora derradeira, só se lamentando da ingratidão dos homens. Os sonhos da sua vida estavam desfeitos e em 5 de Dezembro de 1891 tambem no quarto de um hotel, em Paris, ele se finava pedindo que lhe trouxessem um saco que tinha n'uma das suas malas. N'esse saco reclinou a cabeça e expirou, vindo depois a saber-se que se tratava de um pedaço de terra brazileira.

Mas o Brazil é nobre e se Portugal guardou os despojos dos dois imperadores, o Brazil, n'um sublime exemplo, correio da sua nobreza, vae recolher briosamente os tristes despojos dos que lhe foram caros.

Salvé, pois terras de Santa Cruz! Salvé pois terras risonhas, salvé a tua nobreza de caracter que representa ainda o amor da liberdade.

E perante as duas urnas vê-se que duas patrias se abraçam, que sobre esses ataudes as duas nações amigas estendem os braços e se apertam comovedoramente as mãos.

Mortos venerandos, repousae em paz!

E vós, linda imperatriz, vêde, é o Brasil que vos vem buscar e lá ficareis pousando em paz!

Terminada a brilhante oração, foi cantado o «Libera-me,» presidindo o sr. Cardeal Patriarca, que lançou depois a absolvição.

### O cortejo a caminho do Arsenal

Organisou-se então o cortejo a caminho do Arsenal da marinha onde as urnas deviam embarcar para bordo do «S. Paulo».

Todos os convidados tomaram as suas carruagens e automoveis. Nas ruas do percurso encontravam-se formadas a infantaria, artilharia e metralhadoras da G. N. R., e as forças da 1.ª divisão.

No largo de S. Vivente formava uma força de infantaria da G. N. R. de grande uniforme e dando a direita ao templo uma força da marinha brazileira com banda e bandeira.

Ao aparecerem as urnas para serem depostas nos coches funerarios os fusileiros deram trez descargas para o chão enquanto as bandas de musica executavam o hino brazileiro.

Abria o prestito um esquadrão de lanceiros, seguindo-se os trens e automoveis com os convidados, indo em primeiro logar os srs. Jaime Atias, represendo o chefe do Estado, e Barreto da Cruz, secretario da presidencia, seguindo-se o sr. Belford Ramos, encarregado dos negocios do Brazil, acompanhado do sr. Graça Aranha, secretario da legação e por ultimo o sr. Conde d'Eu, Principe D. Pedro e Barão de Muritiba.

Fechava o prestito um esquadrão de cavalaria da guarda republicana, sob o comando do sr. major Conceição.

No acto da colocação das urnas nos coches, por uma bateria de artilharia da G. N. R, sob o comando do capitão sr. Limpo Serra, postada no Campo de Santa Clara, foi dada uma salva de 21 tiros.

Todos os convidados aguardavam no Arsenal a chegada do cortejo.

Estava ali uma força de marinha com a respectiva banda.

Todo o serviço de entrada era feito pela porta da Escola Naval, tendo pela porta principal entrado unicamente os dois coches com as urnas.

Sobre os carris estava colocado uma zorra toda forrada de preto, que sendo conduzida até proximo daqueles, onde as urnas foram colocadas, sendo cobertas com a bandeira brasileira, após o que se organisou o cortejo indo á frente o ministerio, convidados, sacerdotes, etc. Seguiu-se o armão que era puchado com o auxilio do cabos, por marinheiros portuguezes e depois os srs. conde d'Eu, principe D. Pedro, barão de Muritiba, Belford Ramos, etc.

Conduzida a zorra até junto de um guindastre foram as urnas retiradas com o auxilio daquele, durante o que rularam os tambores, para sobre um estrado forrado de negro construido á pôpa do rebocador «Trafaria»; depois de cobertas com a bandeira brazileira foram colocadas em cima delas tadas as corôas.

Findo esse acto, embarcaram n'um gazolina da Base naval o sr. ministro da marinha que se fazia acompanhar do sr. Julio Gales, major general da Armada e outros oficiais superiores.

Numa vedeta do couraçado «S. Paulo» deram entrada os sr. conde d'Eu, princepe D. Pedro, barão de Muritiba Belford Ramos, Graça Cuanha, conde de Sabugosa, comandante do «S. Paulo» e o general Tasso Frigoso.

No «Tetins», iam os sacerdotes, e no «Vondor» a comissão organisadora das exequias, colonia Brazileira, e imprensa.

Logo que todas as embarcações se puzeram em andamento os navios de guerra e couraçado «S. Paulo» derum salvas.

O sr. Belford Ramos era portador de uma pequena caixa de pau santo, tendo no tampo em prata o escudo brasileiro, a qual continha o auto da trasladação e as chaves das urnas, que por ele foram entregues ao comandante do «S. Paulo».

O serviço dentro do Arsenal foi dirigido pelo contra almirante D. Bernardo da Costa, capitão de mar e guerra sr. Milheiro e patrão mor tenente José Carlo Gomes.

## Theatros e Cinemas

### Reclames

E' 5.ª feira 30, no Ginasio, noite de permanente alegria e gargalhada: ali realisa a sua festa o impagavel Alegrim, com a «premiére» em «reprise» da graciosa comedia «A Madrinha de Charley,» em que tem largo ensejo de fazer valer os seus recursos comicos.

—O publico não quer senão o «Burro em pé» no Apolo, onde a companhia Nascimento Fernandes ganhou a bandeirinha do sucesso e do agrado, preparando-se um esplendido espectaculo para a «matinée» de sabado, dia de Natal, em que as creanças serão brindadas com brinquedos. A magestade do esplendor, da enscenação, do scenario e do guarda-roupa merecem ver-se, realisando-se já na sexta-feira a recita dos felizes autores.

### O proximo concerto Blanch

Não precisam de reclames espaventosos os belos concertos da «Orquestra Sinfonica Portugueza,» dirigida pelo maestro Pedro Blanch, que as tardes dos domingos enche por completo o teatro São Luiz, reunindo toda a sociedade elegante e todo o mundo artistico. O publico, que tem acompanhado os concertos Blanch desde o seu inicio ha dez anos, é que esta convencido que a Orquestra Blanch eguala hoje as melhores do estrangeiro, não só pela execução, pois que reune todos os melhores artistas musicos, como pela interpretação do maestro Blanch de todas as obras que apresenta.

Os programas, com um verdadeiro cunho artistico e educativo, são sempre admiraveis. Assim, o do proximo domingo apresenta em 1.ª audição o «Capricio espagnol,» com cinco numeros, a celebre composição que imortalisou o grande compositor russo Rymski-Korsakoff, a bela «Sinfonia em Sol maior» de Haydn; o «Rienzi,» de Wagner; o «Obezon,» de Weber, e outras obras.

### Salão Central

O programa do espectaculo desta noite é constituido por tres estreias de notavel sucesso: *O Terror do rancho*, colossal fita norte-americana, cheia de interessantes peripecias, que vem procedida de grande fama, com desempenho dos intrepidos artistas Bettsy Compson e Jorge Larkin; *A fibra da dôr*, empolgante drama em 1 prologo e 4 actos, cuja protagonista é desempenhada pela formosa e ilustre actriz Hesperia, e *Padrinho á altura*, uma verdadeira fabrica de gargalhadas, numa parte.

E', como se vê, um programa digno de ser visto e admirado.



# ULTIMA HORA

## Propostas de finanças

### Lembra-se a aplicação de taxas que seriam de certo bem aceites por todos

Recebemos a seguinte carta:

Lisboa, 22 de dezembro de 1920 Sr. director de *A Capital*. Tenho seguido atentamente a discussão levantada em torno das propostas de finanças. Sou um leitor assiduo do seu muito acreditado jornal e n'ele li, ha bastantes dias já, a proposito d'aquelas propostas, uma passagem que se me gravou no espirito com as marcas profundas d'uma grande verdade.

Dizia V. e a meu vêr muito bem, que a chave do problema financeiro, na parte respeitante ao imposto, não estava em exigir muito, mas sim em conseguir que todos, sem excepção, pagassem para as despezas publicas uma percentagem razoavel do seu rendimento. E ahi está uma verdade que é preciso proclamar bem alto. No Estado não póde, nem deve, haver parasitas.

Acabe-se de vez com a monstruosidade de haver classes que só reclamam direitos, fazendo-se ouvir por vezes tumultuariamente, valendo-se da força do numero, e nada querem pagar para o Estado, permitindo-se considerar as que pagam, quasi como toleradas, alcunhando-as de sugadoras do suor do povo e outras coisas feias. Ora isto é uma imoralidade. Todos, sem excepção alguma, devem pagar, em conformidade, claro está, com os seus rendimentos.

No nosso paiz vigora uma grande variedade de contribuições directas. Em nossa opinião deveriam existir apenas o imposto de rendimento e o de ostentação.

Mas para se estabelecer o imposto de rendimento cuja cobrança teria de assentar principalmente na declaração do contribuinte, necessario é primeiramente inspirar confiança ao paiz, não só com uma cuidadosa e racional compressão das despezas publicas, mas ainda com a certeza de que as taxas estabelecidas não poderiam ser alteradas sem uma previa consulta ao eleitorado pelo sistema adoptado para as revisões da Constituição.

Alem d'isso, o mecanismo d'esse imposto devia ser o mais simples possivel.

Quanto a nós bastariam tres cedulas, com as taxas correspondentes, da forma seguinte:

Cedula A—Rendimento proveniente do trabalho do individuo ou colectividade, seja qual for a profissão do primeiro e o genero de exploração da segunda.

A taxa correspondente a esta cedula, a aplicar aos vencimentos ou lucros obtidos, seria um quarto do rendimento anual em escudos, dividido por cem.

Nunca poderia, todavia, exceder a 10 %.

Cedula B—Rendimento proveniente de bens mobiliarios ou imobiliarios dum individuo ou duma colectividade. A taxa correspondente a esta cedula, a aplicar ao rendimento anual, seria metade deste rendimento em escudos dividido por cem. Não poderia, todavia, exceder a 20 %.

Cedula C—Riqueza eventualmente adquirida ou transformada. Aqui haveria que distinguir alguns casos:

x) Riqueza transformada (aquisições a titulo oneroso). A taxa a aplicar seria n'este caso um quarto do valor em escudos, pago pela aquisição feita, dividido por mil.

Esta taxa nunca poderia exceder 10 %.

y) Riqueza eventualmente adquirida (aquisições a titulo gratuito). A taxa seria metade do valor total da herança dividido por mil. Esta taxa nunca poderia exceder 20 %.

No caso de haver herdeiros forçados aplicar-se-ia a taxa só a metade da herança.

Julgo que ninguem dirá que são exageradas as taxas que propomos; havera, pelo contrario, quem as ache insignificantes e insuficientes. Não o seriam, desde que todos se compenetrassem da necessidade de pagar o que lhes toca. E' uma educação inteira a fazer, visto que entre nós se enraizou com a força d'uma verdade a convicção de que iludir o fisco não é crime.

A contribuição de ostentação é justificadissima, pois é necessario distinguir entre os individuos que, possuindo uma grande fortuna, a empregam na produção da riqueza e aqueles que a malbaratam em comodidades e prazeres que representam o superfluo. A taxa d'esta contribuição tem de ser, por sua natureza, um tanto pesada.

Acerca dos terrenos improdutivos, quando não estejam em pousio, deve promulgar-se uma legislação especial. Uma lei de sesmarias é indispensavel.

Em materia de impostos o fôr excessivo pode provocar a ruina economica do paiz e desperta a vontade de iludir o fisco. Não devemos deixar-nos ir na corrente dirigida pelos socialistas contra as fortunas particulares com a mira na egualdade economica que é um impossivel e quando pudesse realisar-se daria asneira.

O socialismo é uma doutrina erronea que vae fazendo caminho nas sciencias sociaes tal qual como o sistema ptolomaico dominou na astronomia durante seculos. Ha-de ser posto de parte como mais um dos grandes erros que entretiveram a humanidade.

Desculpe-me, sr. director. Alodgueime demasiadamente. Se n'esta carta encontrar materia digna de publicação muito lhe agradeceria; porque confesso que para isso a escrevi. Creia-me de V. muito atento venerador. — *S. M.*

### A lotaria de Hespanha

O primeiro premio da lotaria do Natal, de Hespanha, na importancia de 12 milhões de pesetas, coube ao numero 9053, vendido em San Sebastian; o segundo, de 6 milhões, ao n.º 15.041, Madrid; o 3.º, 3 milhões, ao n.º 16.308; o 4.º, 2 milhões, ao n.º 18 222, vendidos em Madrid; o 5.º, 1 milhão, ao n.º 845, vendido em Cadiz.



## MUSICA

### Politeama

Devido a um amavel convite do maestro Fão, fomos ao Politeama assistir ao seu concerto de domingo p. p. Não iamos animados dum grande entusiasmo; não porque nos inspirasse pouca fé o trabalho do maestro Fão, que aliás já admiramos á frente da sua magnifica banda regendo com pericia e conhecimentos tecnicos; sabiamos que ele é um estudioso, um competente, um tenaz.

Porém, entre nós, que tanto se cultiva hoje, o genero «Concertos Sinfonicos», não ha uma orquestra! Nalguns domingos chegam a realisar-se, á mesma hora, trez concerto! Uma orquestra completa, uma orquestra que possa corresponder dignamente ás exigencias de certas musicas, das quaes, hoje, já se abusa, não ha meio de se organisar?!

E' que, por cá, a competencia é que impera sempre; não ha maneira de reunir num só todos os elementos bons que possuimos (o que são mais que suficientes) para se conseguir ter uma orquestra digna duma capital como Lisboa!!

Não queremos dizer com isto que para tal orquestra fôsse exclusivamente necessario um unico director, não; dois, tres, tantos quantos que com competencia pudessem e soubessem colocar-se brilhantemente á frente dela.

Desse inevitavel estimulo nasceria a *Arte com A* grande, e não com *a* minusculo, como a miudo se ouve.

O maestro Fão, como regente de orquestra, revela as identicas qualidades que já apreciamos á frente da sua bem disciplinada banda. Escrupuloso, cuidando detalhes, destacando com nitidez os temas, obtendo por vezes efeitos de coloridos soberbos. Agradou-nos especialmente na «Morte de Isolda» e no «Poema Sinfonico» de Strauss, magnificamente cuidado e executado sem vacilações, o que a muitos causou surpreza.

Só desejariamos que nos fizessem ouvir mais algumas composições dos nossos compatriotas. E' necessario que alguem pense em pôr, em luz, os compositores portuguezes; sejamos um tanto nacionais as!

A enorme ovação que coroou o belo *Minueto* de Oscar da Silva trecho que se repetiu, prova bem que a nossa musica e os compositores portuguezes sabem e podem brilhar ao lado dos melhores estrangeiros.

Grandes manifestações de simpatia e apreço foram tributadas ao inteligente maestro Fão e á sua orquestra.

**Maria Judice**

### Morto pela amante

#### com uma faca de cozinha

Ampliando a noticia do crime perpetrado em Portalegre e de que os jornaes da manhã se ocupam, enviou-nos o nosso solicito correspondente o seguinte telegrama:

PORTALEGRE, 22.—Clotilde dos Remedios confessou com o maior cinismo ter assassinado, por ciumes, o seu amante Antonio Joaquim Rodrigues, guarda-livros da fabrica de lanificios Oliveira Meca.

O crime foi praticado com uma enorme faca de cosinha.—(*Correspondente*).

### Companhia Carris de Ferro

Chamamos a atenção dos interessados para o anuncio que adeante publicamos desta companhia Trata-se dos bilhetes de assinatura, não devendo os que pretendam tomar assinatura esquecer que a sua requisição deve ser acompanhada de duas fotografias eguaes.

















### MOVIMENTO ASSOCIATIVO

*Defensores da Republica 10 de Janeiro*—Reune amanhã, ás 21 horas, a assembléa geral deste centro, para resolver um assunto grave e urgente.



### "Agricultura Colonial"

Assim se intitula uma nova obra do distinto engenheiro agricola sr. J. E. Carvalho d'Almeida, vantajosamente conhecido, não só pela sua competencia, como por trabalhos anteriores.

N'este volume, trata o autor em especial das culturas das ilhas de S. Tomé e Principe, sem deixar de consagrar a sua atenção ás de outras nossas colonias.

Dá conselhos e indicações que, a serem postos em pratica, produzirão o melhor resultado.

E' o livro d'um estudioso e de quem sabe bem o assunto, estando-lhe por isso reservado um logar de destaque.

# A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3734 — 11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Quinta-feira, 23 de Dezembro de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de impressão — 71, Rua da Rosa, 71

Preço, 5 centavos


## Uma nota oficiosa interessante e feita... á ligeira

Os jornaes da noite de hontem publicaram a seguinte nota oficiosa:

*Apesar das dificuldades de toda a natureza a que tem sido forçado a resolver e de grandes responsabilidades que lhe legou o governo transacto, o actual ministro das finanças conseguiu já regularisar as contas do Estado no estrangeiro e fazer face a todos os pagamentos em ouro dentro e fóra do paiz.*

*Assim, só para trigo foram abertos até agora creditos na importancia de 620 mil libras, das quaes hontem foram pagas 227 mil. Apesar disto o governo está habilitado a fornecer á Junta do Credito Publico todas as verbas necessarias para o pagamento do coupon da divida externa e efectuar pagamentos em Londres de responsabilidades criadas anteriormente a esta situação na importancia de mais de 200 mil libras.*

Dos termos desta nota poderia deduzir-se que o sr. ministro das finanças tem algum processo especial de produzir libras em barda, pois que, apesar das grandes responsabilidades que lhe legou o «governo transacto», vae arranjando libras para satisfazer todos os compromissos. Mas o que, sobretudo, nos surpreende, é a leveza com que se faz tudo na administração publica.

Querendo a nota referir-se evidentemente ao ministerio Granjo quando diz «governo transacto», não se lembrou o seu autor de que o governo transacto foi o do sr. Alvaro de Castro no qual era ministro das finanças o sr. Cunha Leal. Ou foi na realidade esse governo que legou ao actual grandes responsabilidades?

Se foi, justo é que seja o sr. Cunha Leal a resolver as dificuldades, pela doutrina do velho rifão popular de que «quem as arma que as desarme».

Trata-se, todavia, evidentemente dum equivoco. Ao ministerio do sr. Antonio Granjo é que a nota se refere, mas ainda assim com infelicidade, porque não podendo admitir-se a hipotese acima formulada de ter o sr. Cunha Leal qualquer processo especial de produzir libras, temos de reconhecer que o ministerio Granjo lhe legou uma situação bem desafogada e tanto, que lhe permite satisfazer compromissos e abrir creditos no estrangeiro para a compra de trigos.

E a proposito. Bom é saber-se a quanto montam esses creditos para podermos calcular a como nos sae o pão que comemos.

E' bom não esquecer que o sr. Cunha Leal foi um dos que mais concorreram para ser posto de parte a formula do contrato Inocencio Camacho pela qual o Estado desenvolveria apenas um terço em oiro, sendo os dois terços restantes pagos em bilhetes do tesouro, vencíveis em seis mezes sem juro e reformaveis em certas condições.

Ora, se o sr. Cunha Leal concorreu para ser posto de parte esta formula vantajosa para o Estado, é porque tinha outra melhor. E' agora ministro das finanças; está em condições de a pôr em pratica.

Bem seria saber-se qual é e em que consiste.

### Natal

*Estamos no Natal. Decididamente Sua Ex.ª o inverno chegou. Cae a neve — iluminam-se as egrejas. Sopra o vento — e Bébé sorri. As mãos arripiaram-se de frio — e o azinho velho estála nos lares. Neste momento julgo oportuno lembrar-lhes — porque o seguro morreu de velho — que não deixem as suas botas na chaminé. Dantes o Natal vinha e enchi-as de brinquedos; este ano de certo o Natal vem — e leva as botas...*

### «Vida»

*Meu amigo. — Recebi o seu livro. Muito obrigado. Sabe que o achei interessante. Mas você não pensa nada daquilo que escreveu. E' escusado negar. Não pensa. O que não gostei foi do titulo. Achei-o detestavel. Vida. Você sabe lá o que é a vida. Algum de nós sabe porventura o que é a vida. Sofrer diz você. Mas isso di-lo toda a gente. Olhe lá! Quantos anos tem? Dezoito. Pois bem. Não diga mal da vida. Arranje uma rapariga bonita e folheie o Sara Throustra. Ele lhe dirá que nous aimons la vie; mais ne c'est parce que nous sommes habitués á la vie; mais á l'amour.*

### Homens e mulheres

*As estatisticas dinamarquezas revelam que o total das perdas humanas causadas pela guerra foi de trinta e cinco milhões de individuos. O mais grave, porém, não é este numero; o que é assustador é que nos estados beligerantes a maioria de mulheres sobre os homens é verdadeiramente aterradora: cinco, seis, sete mulheres para cada homem. Tudo nos leva a crêr que dentro de poucos mezes a humanidade masculina... será endoidecido por completo.*

**Luis d'Oliveira Guimarães.**

# DOIDOS, ELES!

## Resurreição!

No «Hotel da Vininha», em Santa Comba-Dão, a sala de entrada tinha, a mais dos outros dias, um tapete e achava-se adornada de plantas e flores. Haviam-na assim disposto para a visita pascal, porque, se entre nós não existe a comovente usança, que é tradicional na Russia, de no domingo da Resurreição as pessoas amigas ou simplesmente conhecidas se beijarem trez vezes na boca, depois de proferidas as palavras «Cristo ressuscitou!», é certo que nas nossas vilas e aldeias do norte todos dão sorrindo as boas-festas uns aos outros e recebem com agrado a visita do paroco. Abrem-se as portas de par em par e o sr. abade em todas entra, espargindo agua-benta e recolhendo as dadivas dos paroquianos. Dão-lhe os remediados trigo e centeio dos seus campos; os ricos destinam-lhe, como folar, um óbulo que, com ser hoje de papel, em vez de ser, como outrora, de prata ou de ouro, nem por isso deixa de ser acolhido com satisfação. Em muitas casas, numa mesa francamente exposta e sobre rica toalha bordada, veem-se pratos de fruta, pão de ló e vinho fino. E, como á delicadeza do dono tem de corresponder a delicadeza do visitante, até um mestre de cerimonia se veria seriamente embaraçado ao fim des delicadissimas visitas. Nunca me hei de esquecer da graça com que uma parente minha, de Santa Comba-Dão, narrava as dificuldades em que, a certa altura de uma visita pascal, um bom velho seu abade se vira para exprimir aos freguezes as «boas festas corporaes e espirituaes» e para explicar se a cabeça do Crucifico que tinha entre mãos estava inclinada para o lado direito ou para o lado esquerdo...

Numa cadeira de braços, sentei-me regaladamente como um senhor abade. A sala estava numa penumbra doce. O cansaço da viagem ia-me dominando. Os olhos fechavam-se-me como se uns dedos suavemente nelas pousassem. E meio acordado, meio a dormir, achei me dentro em pouco a pensar na Katucha, de Tolstoi, — infelis mulher que a leviandade dos tribunaes arremessou até ao fundo da Siberia, depois dum longo caminho de martirio.

Os tribunaes! Os tribunaes!...

Não descera, como Katucha, á profundeza do vicio a senhora por causa de quem eu ali estava. Descera, todavia, na escala social, por um erro de amor; e eram os tribunaes que — embora indirectamente, pois não a tinham colhido ainda nas suas engrenagens — lhe agravavam o erro e aumentavam o martirio! Entre as subias rodas de dentes trituradores, a alma comovida, porém, já um homem queria esmagar-lho o coração; e, se ele não esmagou até hoje, foi porque alguem, felizmente, metendo-se ao perigo, deitou mão a uma alavanca, detendo a perfida rodagem.

A noite descera inteiramente. Na escuridão da sala deslizaram, em silhuetas bem negras, personagens que devem ter surgido á minha invocação de Tolstoi. E assim como, de olhos fechados, a gente ás vezes vê fogo, eu vi tambem, naqueles momentos, desenhados a sangue num fundo de treva, as scenas lancinantes da «Robe rouge» e vi Pierre de Lano a dissecar a alma dos juizes...

*

No dia seguinte, de manhã cedo, entreguei-me ao trabalho de indigações. A dona do hotel informou-me que o Manuel Claro estivera ali hospedado algum tempo, antes de ir buscar a senhora D. Maria Adelaide, e que durante a sua hospedagem se mostrara sempre correcto para com todos. Dizia ele ter ido procurar habitação para sua mulher, que precisava de ares de campo e a quem muito agradava a paisagem beirã.

Escolhida a casa, tratara de a mobilar e fôra por fim buscar a sua companheira, com quem afinal se instalou.

A vida do Manuel fora a de um hospede vulgar e pacato. Ainda ultimamente, quando, em serviço judicial, tive de voltar a Santa Comba-Dão, insisti com a Vininha, pedindo-lhe de novo informações sobre este ponto e ela me demonstrou a falsidade com que um celebre agente da policia de Lisboa veiu declarar, no processo contra o Manuel, que este vivera ali hospedado á grande e á franceza.

Vi a casa aonde a sr.ª D. Maria Adelaide e o Manuel coabitaram, e cujo interior examinei detidamente, graças á amabilidade da sr.ª D. Maria do Céu, que lha tinha sub-arrendado. A invenção que o sr. dr. Cunha andava espalhando em Lisboa, de que sua esposa fôra encontrada a viver num casebre miseravel, seria pela base ao rés o andar que D. Maria do Céu sub-arrendara.

Ao sair dessa casa estava eu conhecedor tambem dos nomes das pessoas que tinham intervido mais de perto no drama que se desenrolara na noite de 24 de novembro de 1918. Era uma scena intensamente vivida, em que se debateram as mais variadas paixões que podem agitar o coração humano. O genio de Camilo Castelo Branco teria encontrado nela o filão aurifero duma extraordinaria obra prima, que seria por certo um segundo «Amor de Perdição».

Das personagens que ali se moveram em primeiro plano, uma apenas (excepção feita da mulher oiuente que mal se moveu, diga-se, porque a levaram quase de rastos) teve o dom de me inspirar simpatia. Foi o filho dessa senhora, esse rapaz que teve ali a alma rasgada de dôr, — alma, porém, que poucos dias depois, se fechava lamentavelmente á dôr, á desventura, ás suplicas de sua Mãe, e que continua impenetravelmente fechada!

Tudo me contaram as pessoas que encontrei de entre as que tinham estado em casa de D. Maria do Céu naquela dramatica noite.

De tudo tomei nota por escrito. Estavam assim conhecidas em St.ª Comba e no Roção, as melhores testemunhas da falta de verdade com que o sr. dr. Cunha arguia de louca sua esposa e de criminoso um homem com quem ele não tivera a coragem de se defrontar.

*

Não basta, porem, ter na mão os elementos com que se destroe a mentira. Não basta que se tenha razão. Não basta que se tenha justiça. E' infelizmente assim, porque os tribunaes são constituidos por homens e os homens estão sujeitos ao erro. Ha dois anos que Manuel Claro está preso inocente e os tribunaes não se apressam em o mandar pôr em liberdade. Nem sequer o deixaram ainda defender-se. Ha dentro da magistratura, quem esteja convencido de que o processo do Manuel é um grande erro, e não promova, apesar da obrigação que tem de o fazer, o desaparecimento da iniquidade.

A par disto, a sr.ª D. Maria Adelaide sofre o vexame duma arguição de doida, quando toda a gente de bom senso reconhece que ela está em seu perfeito juizo; quere defender-se e os tribunaes negam-lhe liberdade para agir, apesar de a lei dizer que todo o arguido tem o direito de defeza; quere alimentar-se; o apazar de a lei dizer que todo o ser humano tem direito á vida, os tribunaes negam-lhe com que ela se alimente.

Um e outro estão postos fóra da lei pelos tribunaes.

Até hoje a lei tem sido o sr. Dr. Cunha. A lei verdadeira, a lei racionalmente interpretada, a lei humanamente sentida não tem existido para eles.

Ao meditar nesta situação, recordo-me das vezes, destas palavras que Tolstoi põe na bocca duma das suas personagens:

«Mas então em que consiste a autoridade da justiça, se tudo depende do capricho desse ou daquele magistrado, que quero ou não quere cingir-se á lei?»

Não ha, porém, mentiras irresistiveis nem tristezas interminaveis. Como o sol desfaz o nevoeiro e brilha sôbre as tempestades, que afinal ante o seu poder se aniquilam, por mais violentas que sejam, a verdade e a justiça hão de triunfar.

E as duas almas, que cairam num erro de amor, vê-las-hemos surgir, purificadas numa pelo sofrimento. Resurreição! Resurreição!

**Bernardo Lucas.**

*Nota da Redacção.* — Já depois de recebido aqui este curta, foi Manuel Claro admitido a defender-se em instrução contraditoria, o que deu-lhe-mos a pedido do sr. dr. Bernardo Lucas.

*

**Lêr amanhã na CAPITAL**

**NA BOA PAZ**

**XXXVIII. — Ir a Roma... e não vêr o Papa**

Croquis de viagem por
ARMANDO FERREIRA

## Ministro da instrução

O sr. ministro da instrução, que vae passar com sua familia a festa do Natal, parte esta noite para o Porto.

## Faculdade de sciencias

O sr. Francisco Ferreira foi nomeado preparador interino do laboratorio de fisica da Faculdade de Sciencias de Lisboa.

## O dia de Natal

A junta da freguezia de S. Cristovão e S. Lourenço comemoram a festa da familia distribuindo um escudo a cada um dos seus oitenta pobres mais necessitados.



CAMINHOS DE FERRO

## Uma solução interessante para os ferroviarios e para a economia nacional

Supunha-se antes da guerra que certas condições da vida social — humana, é claro — eram imutaveis ou quase. Factores economicos de ordem geral na organisação existente, os socialistas chamam capitalistas, supunham-se permanentes e quase eternos. A guerra mudou o aspecto de tudo. O que se supunha absoluto viu-se ser relativo. As crises economicas destruiram todos os equilibrios estabelecidos. E os fenomenos economicos, que os legisladores omnipotentes, e não omniscientes, da conferencia da Paz deixaram de lado, mostram-se ainda mais rebeldes que os fenomenos politicos, a ficarem dentro dos antigos moldes.

A crise dos caminhos de ferro é um dos aspectos mais caracteristicos da chamada crise economica mundial.

A guerra quebrou na França, como era natural por ter sido no seu territorio que a campanha quase toda se deu, o equilibrio ou quasi equilibrio financeiro das explorações ferroviarias.

Mas nos paizes que não tiveram a guerra no seu territorio tambem o desequilibrio se deu. Em toda a parte as receitas ferroviarias não chegam para as despezas. Na França, desde 1914 o *dificit* ferroviario é de francos 5.500.000.000, para cobrir o qual o Estado entrou com 3.920.000.000 francos. Na Gran-Bretanha, por insuficiencia das receitas da exploração, o auxilio do Estado foi em 1919-1920 de 54.500.000 de libras. O aumento de salarios do custo de materias primas e de carvão, as greves, as perturbações da exploração explicam o facto como causas geraes.

Portugal não podia escapar á generalidade do fenomeno, e não escapou. Com as mesmas causas geraes operaram naturalmente os mesmos efeitos. E acrescem as causas especiaes do nosso paiz: a insuficiencia dos nossos caminhos de ferro em material fixo e circulante para as exigencias actuaes e até anteriores exigencias. Faltam vagons, faltam maquinas. Linhas e estações, se não todas, muitas, são insuficientes para o trafego. E, como as greves, a guerra e os cambios impediram ou dificultaram aquisições, a crise é no nosso paiz de alguma forma mais grave que a dos outros, na relação dos deficits na exploração das linhas e do dificultamento da nossa economia...

(...) a função dos transportes ferroviarios, essencial para a vida nacional, é deficitaria, em relação as necessidades nacionais, e deficitaria é a sua exploração comercial. Para adaptar os nossos caminhos de ferro as necessidades economicas do paiz são precisos milhares de contos, sobretudo com os cambios actuaes, para aquisição de material fixo e circulante, e para obras. As nossas linhas ferreas deixaram mesmo de exercer a função para que foram creadas, e tornaram-se mais um elemento de desorganisação e de descalabro á vida economica portugueza, se a readaptação se não fizer em pouco tempo. As ultimas greves, sobretudo, tornaram ainda o problema mais grave e de mais urgente solução.

Não é possivel admitir que o paiz possa viver sem caminhos de ferro. Não é possivel aceitar que continuem a ser um dos esgotos do Estado e os outros, na situação actual.

Ha que encontrar uma solução. E ha que encontra-la, — visto que o problema não é apenas de material, mas tambem de pessoal, — procurando uma formula que simultaneamente resolva o problema economico e o problema do pessoal.

Ha sem duvida entre as varias soluções...

(...) obras publicas n'aquele paiz. Este ultimo projecto está neste momento em discussão na camara dos deputados franceza. Ha que adaptar uma modalidade da formula a Portugal.

O projecto do sr. Loucheur é talvez, nas suas linhas fundamentaes, o mais conveniente a Portugal.

O problema tem, é claro, de ser estudado em detalhe nos seus dados e na sua solução. Mas talvez se não esteja fóra das linhas fundamentaes da solução, afirmando em primeiro logar a necessidade de unificação da exploração das linhas do Minho e Douro, Sul e Sueste, Norte e Leste e Beira Alta. A unidade de exploração está hoje reconhecida como uma condição de melhor aproveitamento economico em relação aos serviços ferroviarios e a cada paiz. Esta unificação implicaria a existencia de uma companhia unica, que naturalmente indemnisaria o Estado e as Companhias dos valores — determinados por arbitragem — que cada um traria para a nova sociedade. E' facto que o Estado tem em relação as Companhias o direito de resgate. Mas o resgate tem, pelo menos, o grande defeito da demora, presta-se as chicanas dos interessados, e não sabemos se a arbitragem não viria afinal a resolver as contendas, sendo assim preferivel torná-la, por mais rapida, como medida geral. No Minho e Douro a electrificação seria tecnica e economicamente viavel pela aplicação das quedas de agua, que em beatitude quieta de bonzos nós deixamos levar para o mar a energia que em ouro pagamos ao estrangeiro pelo carvão.

Depois, os ferro viarios, *todos* os ferro viarios, seriam interessados na prosperidade da empreza. A subscrição do capital seria em parte aberta ao publico, em parte feita pelo Estado, em parte reservada aos ferro viarios, que poderiam pagar em prasos determinados e por encontro mensal nos seus vencimentos. Os ferro viarios teriam representação na administração. E crear-se-hiam as *acções de trabalho*, atuidas que serão distribuidas gratuitamente e distribuidas por todos os agentes segundo determinadas regras, dariam direito a percentagem nos lucros eventuaes. Acabariam provavelmente assim os conflitos entre o capital e o trabalho, assegurando-se a maxima produtibilidade da empreza e com certeza uma solidariedade de interesses que nenhuma outra formula de solução tem sido capaz de dar.

Será tudo isto uma utopia? Não deve ser. E' uma necessidade. Sem caminhos de ferro não podemos viver. Se se julga dispensavel a função do transporte ferroviario numa sociedade civilisada, não ha de certo que pensar no assunto. E' deixar correr o que existem. Ou, seguir o costume tradicional, adoptar soluções fragmentarias, expedientes, que no fim custam tanto ou mais que uma solução global, tecnicamente definida e executada, e nos fazem vegetar dia a dia na incerteza do dia de amanhã.

Neste momento dificil da vida nacional não haverá quem tente esta solução? Não é certamente ela a solução completa do problema nacional. Mas é um dos seus aspectos mais importantes.

O encurtamento da distancia a Madrid nas linhas de leste e da Companhia Madrid-Caceres-Portugal, em colaboração com a Espanha, encurtando pela nova linha que corta os Pirineus a distancia a Paris, são aspectos secundarios do problema. Mas não realisariam eles o *desideratum* de Lisboa, porto de embarque e desembarque dos viajantes entre a Europa Central e as Americas?

O problema existe. A solução tambem. Aos politicos pertence ver os factos e para ocuparem-se dum assunto que é um dos mais serios aspectos da vida nacional.

## A loteria de Hespanha

**Dois portuguezes contemplados com parte do segundo premio**

SAN SEBASTIAN, 22. — Parece que o premio grande da loteria do Natal saiu a um tal Alfredo Montejo, natural de San Sebastian, residente actualmente na Republica Argentina, por conta de quem o bilhete foi comprado em meados de Agosto findo, em San Sebastian, por um amigo aqui residente, o qual lhe enviou pelo correio. — *(Havas).*

MADRID, 22 ás 20. — O segundo premio da loteria de hoje foi vendido inteiro, mas em vigessimos. Parece que dois vigesimos foram comprados por dois portuguezes, vendedores ambulantes, e que um terceiro vigesimo pertence a um estrangeiro residente em Linhares, Hespanha.

Ignora-se quem sejam os possuidores dos restantes vigessimos. — *(Havas).*

Além dos primeiros seis premios cujos numeros já foram publicados, foram contemplados: 250.000 pesetas, 22.207, Madrid; 150.000 pesetas, 6,241, Madrid; 100.000 pesetas, 3.141, Granada; 29.449, Madrid; 80.000 pesetas, 11.939, Ceuta, Madrid, 18.576, Barcelona; 60.000 pesetas, 25.625, Corunha; 4.563, Bilbau; 50.000 pesetas, 32.627, 32.897, 19.707, 391, 13.305, 18.938, 2.236, 19.660, 35.3 5, 18.495 e 9091.

## Os presos politicos e o dia de Natal

A comissão de senhoras que resolveu solicitar do governo que aos presos politicos seja permitido passarem o proximo dia de Natal em suas casas, foi encarregada de pedir ao sr. ministro da justiça que se ficarem nas prisões até ao regresso ali, dos mesmos presos, procurou hoje o sr. presidente do ministerio afim de lhe apresentar o pedido. A representação foi lida ao sr. Liberato Pinto pela sr.ª Brauca de Gonçalves Colaço, e em seguida outra senhora, que ali mouver repeti cam, reforçou o pedido. O chefe do governo manifestou quanto lhe seria agradavel aceder ao que lhe era solicitado, mas que o poderia fazer, porque nenhuma disposição legal a isso o auctorisava, prometeu convocar imediatamente o conselho de ministros para a ele submeter o assunto. Efectivamente, o sr. Liberato Pinto em seguida a ter saido a comissão, convidou os seus colegas do gabinete para com ele reunirem ás 17 horas na secretaria do interior.

Antes da reunião efetuou-se uma conferencia entre o chefe do governo e o sr. ministro da justiça.



LITERATURA FRANCEZA

## O premio "Goncourt" e o premio "Femina-Vie Heureuse" em 1920

### II — O premio «Femina-Vie Heureuse»

Mas, se entre os academicos as coisas se passaram nessa doce paz de cerimonia religiosa, nos salões da duqueza de Rohan, boulevard des Invalides, onde se fazia a reunião do juri feminino para a votação do premio Femina-Vie Heureuse, foi enorme a agitação e ruidoso o desacordo.

Acabou lamentavelmente num choque brusco de preferencias literarias, que um exagero arrebatado elevou ao mais alto grau.

O grande erro foi de principiar pelo almoço donde os espiritos bem dispostos e sem razão para precipitações poderam trazer toda a energia e toda a coragem para um combate que já era de esperar encarniçado e cheio de paixão.

Só as mulheres sabem ter filé nesta luta de simpatias... e de vaidades; quando elas querem não ha quem melhor defenda as causas dos homens e lhes crie a fama. Elas teem perseverança e dedicação. Segundo as diferentes noticias que li, parece poder concluir-se que havia dois fortes partidos: um que Madame Rachilde e Madame Séverine capitaneavam e outro a que pertenciam Jane Catule Mendès e Madame Crappi, com mais senhoras que não entraram activamente no grande debate.

Na primeira votação, sensacional e entrecortada por espirituosos e ironicos ápartes, houve logo um manifesto desentendimento de opiniões. Mas só por ahi ficasse o entusiasmo ainda tudo seria para admirar e louvar... o peor é que as vinte votantes conseguiram fazer aparecer na urna... vinte e um votos, assim distribuidos: quatro a Jean d'Esme por «Thi-Bâ, fille d'Annam»; quatro a Edmond Gojon pelo «Jardin des Dieux»; trez a Louis Viullemin por «L'Heroique Pastorale»; dois a Madame Lucie Cousturier por «Des inconnues chez moi»; dois a Maurice Verne por «Les Rois de Babel»; dois a Claude Anet por «Ariane, jeune fille russe»; um voto, finalmente, a François Mauriac («La Chair et le Sang»), Charles Oulmont («Adam et Eve»), Heléne Picard («Province et Capucines») e Jacques de Lacretelle («La vie inquiete de Jean Hermelin»).

Da terceira votação, menos desordeira, resultaram: trez votos para M.me Cousturier, nove para Edmond Gojon, seis para Jean d'Esme e dois para Maurice-Verne, apurando-se o vencedor na quarta votação: Edmond Gojon com onze votos. Aqui Jean d'Esme teve cinco, Maurice-Verne trez e M.me Cousturier um.

Foi então que se estabeleceu o pequeno tumulto. M.me Rachilde, impetuosa, encolerisada, gesticulando com veemencia, não se pôde conter e chamando os jornalistas denunciou-lhes que á sobremesa do almoço uma das senhoras e das de maior prestigio (soube-se depois ter sido M.me Crappi, que devia d'ahi a pouco ser eleita presidente de «La Vie Heureuse»), tinha lido algumas paginas da obra premiada, o que era manifestamente uma «manobra tendenciosa».

«Sim — disia M.me Rachilde — uma senhora cujo nome não devo dizer, escolheu o poema que mais poderia influenciar os votos e leu-o em voz alta, com uma bela dicção, fazendo-lhe valer qualidades de resto incontestaveis. Convenho em que a duqueza de Rohan recebe encantadoramente e que eu tenho um caracter violento, mas houve ahi uma manobra da ultima hora e não posso calar um protesto!...»

... E sem querer tomar parte na eleição da nova presidente, M.me Rachilde saiu.

Cá fóra, perseguida pelos jornalistas, acrescentou: «Se cada uma de nós se metesse a interpretar, á sobremeza, as melhores paginas do seu candidato, onde iria aquilo parar?!...»

... Ao passo que M.me Séverine, magoada tambem no mesmo ponto, chamava a atenção para o facto dos vinte e um votos e mais ainda para o que se passou com Maurice Verne, que teve quatro votos ficais até ao fim, enquanto no escrutinio foram mencionados só trez!

E dois dias depois, na «Comœdia», Madame Rachilde voltava á carga n'um artigo de fundo, delicioso de espirito, que intitulou «La Vie Heureuse et malheureuse» onde expõe o seguinte, que é interessantissimo: Coisa de um mez antes da distribuição dos premios, os «Amis des lettres françaises», sob a presidencia de J. H. Rosny ainé, tinham organisado uma «soirée» literariamente mundana chamada «Soirée Prix Goncourt-Vie Heureuse». N'ela dever-se-hia falar dos pretendentes e ler algumas das suas boas paginas, «sem deixar supôr nada de definitivo», procurando apenas encantar o auditorio. «Era o simples desejo de fazer o que se faz em todas as salas de redacção e em todos os salões onde se conversa...»

... afirma candidamente madame Rachilde!

«E com uma ingenuidade de que me arrependo fui procurar madame de Broutelles, que eu considero a fundadora da «Vie Heureuse», e não mesmo do premio «Femina,» e transmiti-lhe da parte da comissão o amavel convite para varias senhoras do juri e em particular para a duqueza de Rohan, irem assistir á «soirée».

Com a maior estupefacção, só que ao seu convite... mundano se responde com uma circular absolutamente ofensiva, na qual se avisa individualmente e colectivamente as senhoras de que não devem coder a uma especie de manobra... eleitoral, de caciquismo, cujo fim é o de influenciar os votos...

E sobre isso a lapidação de que foi vitima das suas adversarias, de Jane Catulle Mendès que lhe chamou «contrainante Rachilde,» e até da propria comissão que lhe pediu para se não tornar a ocupar daquilo com que nada tem, isto é do transporto domiciliar de determinados convites.

Ora parece-me, e parecerá a toda a gente, mesmo sem ouvir a outra parte, que M.me Rachilde tem razão. E porisso se chama a si propria «malheureuse», porque não compreende o motivo que prohibe num lado aquilo que permite noutro... e justamente quando mais exita pode ter influido!

Mais se apura ainda que M.me Rachilde defendia trez candidatos (o que era modesto ao pé dos doze, pelo menos, que tinha cada uma das senhoras da «Vie Heureuse») e que eram: «Serstevens com «L'Apostolat», Jean d'Esme com «Thi-Bâ» e Maurice Verne com o livro já citado.

Sobre estas trez obras vou dizer em breve as minhas impressões de leitura: tenho-as aqui já abertas, e encontram-se na nossas livrarias. Mas antes delas, devo tratar do livro premiado, o «Jardin des Dieux».

Edmond Gojon é bibliotecario do governo na Algeria e por isso ahi vive habitualmente. A sua obra poetica principiou por «Les Cendres de l'Urne», que está esgotado; seguiu-se-lhe «Le Visage Penché» que teve o «Prix des quarante-Cinq» e «La Grenade» «couronné par l'Academie Française». Tem um unico livro de prosa, um romance biografico chamado «Le Petit Germinet».

O triunfo alcançado deve ser uma agradavel surpreza para E. Gojon, que ignorava que o seu livro andasse metido em tão gloriosos trabalhos.

O «Jardin des Dieux» é editado pela casa Fasquelle Charpentier e traz a data de 1920. Foi escrito sobre a invocação de Stéphane Mallarmé.

Madame Alphonse Daudet, uma das maiores entusiastas por esta obra, encontra nela uma forma poetica perfeita, pura, bem compativel com as «nuances» da sensibilidade moderna, e uma inspiração graciosa e delicada.

Li-a com muito agrado, na precipitação da leitura de todas as obras que concorreram aos premios, e que chegaram a Lisboa em avalancha. Consegui, no entanto, isolar desse sortimento de impressões uma emoção clara dos poemas do «Jardin des Dieux».

Estes poemas representam quase todos impressões paisagistas da Algeria e do Oriente, quasi sempre banhadas de malancolia, mas cão desta melancolia cinzenta e brumosa dos poetas entediados e nostalgicos agora em moda, antes dum colorido muito vivo e muito são, muito perfumado, muito sereno, uma melancolia extremamente activa e voluptuosa, como a atmosfera local de côres intensas e de perfumes que o vento não leva.

A musica do verso é suave, a harmonia dos poemas é muito rica. Alguns deles são pequenas sinfonias que o ouvido escuta como pequeninos concertos.

A sua orquestração tem todas as suavidades da musica classica; parece-se de vez em quando até com a melodia de Samain.

Por exemplo:

Ce que j'ai vu planer sur ces grands monts sans arbres
Qu'éperdus de soif, nous foulions
Et qui, fauves et roux, semblent cachés leurs marbres
Sous le pelage des lions

ou:

Pour l'éclat d'un collier ou d'un seins qu'on voit luire
Parfois, entre les plis de ton voile avare
Pour ton encens, tes ors, tes parfums et tes cires
Et pour ta solitude et ta volupté!

Um momento de contemplação da Algeria:

Alger, comme je goûte encore en ta voyage
D'une ardeur qui, ce soir, touche á ta volupté

## A LOTARIA DO NATAL

# 8619... 366.666 esc.

### Para o ano o premio maior é de 600.000 escudos!

Na vasta sala das extracções da Santa Casa da Misericordia de Lisboa, realisou-se hoje a tradicional lotaria do Natal, ou seja a «taluda», como vulgarmente e conhecida pelo alfacinha

Ah! a taluda! a taluda!

Quantos sonhos, quantos devaneios, quantas ilusões postas nos magros centavos que se trocaram por cautelas e vigessimos para a lotaria de hoje.

E manhã cedo ainda os cauteleiros andavam numa roda viva apregoando:

—E' a ultima... E' a ultima. E' pr.á grande...

Quando chegamos á Misericordia, o «charivari» era medonho como aliás, sucede todos os anos.

Centenas de pessoas se amontoavam no largo e outras á viva força pretendiam entrar na sala, onde não cabia um alfinete.

Tudo ali estava como sardinha em canastra

O serviço de policiamento era feito por praças de infantaria da G. N. R. que se viram em palpos de aranha para conter a multidão irrequieta.

Ao meio dia e meia hora, o oficial maior procede á conferencia das bolas com os numeros e os premios, assistindo ao acto o representante do administrador do bairro sr. José Vila Lobos de Azevedo.

As bolas com os numeros foram retiradas das varas de aço e métidas na esfera competente, o mesmo se fazendo em seguida ás bolas com os premios.

A's 13 horas constitue-se a mesa, tendo na presidencia o sr. Luiz Maria Basto, secretario da comissão e chefe da 1.ª repartição, que é secretariado pelos srs. Joaquim Luiz Fernandes de Sousa e o representante da auctoridade. Mal se respira e na sala todos se comprimem numa amalgama que incomoda. Mas os assistentes a tudo resistem. Os pregoeiros tomam os seus logares junto ás grandes esferas o mesmo fazendo os conferentes e «deputados» ou sejam os individuos expressamente nomeados para procederem á verificação.

A um dado momento as esferas começam rolando vagarosamente e logo o primeiro pregoeiro anuncia:

—37571

—200 escudos!—responde o homem dos premios.

Uma ninharia! E logo são anunciados os: 5285, 2575, 3274, 1789, 3073, 1951, que teem tambem 200 escudos.

De 5 em 5 minutos os pregoeiros teem de parar, afim dos verificadores passarem para a mesa para serem conferidas as varas de aço que vão sendo cheias de esferas com os numeros.

Sae depois o 3690 com 500 escudos e na assistencia ouve-se um pequeno murmurio.

Momentos passados o pregoeiro anuncia:

—6372.

—100 contos!—responde o do lado oposto.

Na sala faz-se um movimento como que de satisfação e o numero contemplado côa de boca em boca.

Os alviçareiros correm, empurram toda a gente, voam e lá vão dar a noticia ao cambista que na tesouraria é ainda ignorado quem seja.

—Deve ser numero «vadio»,—diz um empregado.

As esferas continuam na sua marcha depois dos pregoeiros teem anunciado que os numeros 6371 e 6373, ou sejam as aproximações, estavam contemplados com 600 escudos cada.

Aparece depois o 8547 com 200 escudos e a seguir uma infinidade de numeros com o mesmo premio. O 5.300 e o 1215 teem 500 escudos cada, gastando-se depois largo tempo com a extracção de varios numeros todos contemplados com o mesmo dinheiro.

Sae então o 4837 com 20 contos e logo ha quem informe que se trata de um numero certo da tabacaria J. A. Souza, da rua da Prata.

#### Sae a «taluda»

Alguns numeros ainda saem com 200 escudos até que ás 14 menos 5 se suspende a extracção, como é da praxe, para um ligeiro descanço.

Momentos depois ou seja o tempo suficiente para se fumar um cigarro, voltam a rolar as esferas.

Na sala nota-se como que uma certa ancicdade pela «taluda!» Toda a gente segue com interesse a resposta dada pelo pregoeiro dos premios ao seu colega que anuncia os numeros. Mudam-se os pregoeiros, que são substituidos por outros, tambem de vozes potentes e sonoras, que fazem retinir bem aos ouvidos os numeros e premios que vão saindo, de 200 escudos, aparecendo o 4336 com 500 e logo a seguir 5969 com 10 contos.

Mais alguns numeros plebeus; o 8041 e 5430 com 500 escudos cada e o 4 com 200

A's 14,27 — hora fatal — o primeiro pregoeiro anuncia:

—8619...

Ao que o colega replica cadenciadamente:

— 300.000 escudos.

Parece então que se acaba o mundo.

O reboliço é enorme porque toda a gente pretende sair em tropel. Os alviçareiros, com gestos largos, arrebatados' mesmo brutaes, empurram toda a gente, abrem caminho á força, e lá seguem de galgão á procura do feliz contemplado, que se ignora quem seja.

—Deve ter sido vendido avulso, informam na Tesouraria.—E' desses numeros conhecidos como vadios, vendidos ao balcão...

Depois disso a extração já não despertava interesse. A sala ficara quasi vasia e os pregoeiros que se haviam esfalfado para anunciar que os n.ºs 8618 e 8620, ou seja as aproximações tinham sido contemplados com 1 conto, cada, continuam até ás 15 horas anunciando os restantes numeros, que faltavam e contemplados com 500 ou 200 escudos.

#### Um equivoco dos alviçareiros

Os dois conhecidos alviçareiros Alberto e «Coelho Bravo», como dois gamos, saem a porta da Misericordia, empurrando e quasi deitando por terra todos os que na sua frente se encontram.

Ha duvidas no numero ouvido: se é 2619 ou 8619. Discute-se isso, mas eles lá vão numa corrida doida, quasi pelo ar, pelas escadinhas do Duque.

A certa altura, o «Coelho Bravo» pára á frente do Alberto e dirige-se a antiga tabacaria Pina, na Mouraria, onde dá a noticia de que o 2619 tinha a «taluda». Vá de preparar tudo, areia encarnada, reclames, etc.

Manifesta-se ali uma certa alegria, pois que esse numero, ha muitos anos certo daquela casa, tinha sido vendido em cautelas.

Dai a pouco vem a decepção, pois a sorte grande tinha saido no n.º 8619.

A precipitação de dar a boa noticia é que rapidamente tinha feito perceber aos alviçareiros numeros diferentes, apesar da voz sonora do pregoeiro.

O 2.º premio, o n.º 6372, apesar de tambem ser «vadio», foi comprado na Misericordia pelo cambista Gouveia e Silva, que diz parecer-lhe tel-o vendido inteiro, não sabendo, porém, a quem.

Como acima dizemos, o premio de 20.000 escudos, que saiu no numero 4837, foi vendido em vigesimos pelo novo cambista J. A. de Sousa, da rua da Prata 184, que mandou imprimir os numeros de todas as cautelas desta loteria a letras douradas.

---

L'implacables couleur de ton ciel flamboyant
Sur tes bazars, de pourpre et de cuivre irrités.

Uma vez lembrou-me a «Serpent qui danse» do Baudelaire:

Quand si sensuelle, elle marche
Harmonieuse infiniment,
Je vois la danse devant l'arche
Dérouler son balancement.

Um ultimo quadro da paisagem:

Ici le vieil azur n'est jamais adouci
Et son néant royal pèse, implacable et calme,
Sur les sables figés autour des mornes palmes,
Et la mer toujours chaude est immobile, ici.

E' claro que não lhe falta a caraterisar a epoca um pouco de preciosismo, assim como frequentes sacrificios da harmonia á ideia a acusarem a imperfeição artistica.

Mas, é o livro dum contemplativo que não enfada pela frieza e pela monotonia da sua tristeza: a côr regional, de tons muito quentes e bem acentuados, livra-o da formula corrente do desolado que se lamenta em versos cheios de amargura, onde a humidade faz crescer o musgo é os bolores e a poeira veste de abandono. E' um novo que se não rende.

Vamos agora aos outros dois livros mais votados e a t'Serstevens, todos dos candidatos de M.me Rachilde.

**Ruy de Veras**

## O concerto Blanch de domingo

Grande entusiasmo tem despertado o extraordinario programa do 4.º concerto de assinatura da «Orquestra Sinfonica Portugueza», dirigida pelo maestro Pedro Blanch, que no proximo domingo se realisa no teatro São Luiz que terá mais uma completa enchente, pois ninguem deixará de assistir a um dos mais notaveis concertos destes ultimos tempos. Em 1.ª audição executa-se o celebre «Capricio espagnol», do grande compositor russo Peymski-Korsakoff, composto de cinco numeros de sugestivo encanto e famosa obra prima de Haydn, a «13.ª sinfonia em sol maior», o «Oberon», de Weber, o lindo «Menuetto» de Balzoni, a brilhante ouverture do «Rienzi», de Wagner, grandes exitos da orquestra Blanch e outras obras celebres.

## Theatros e Cinemas

### Medalhões

**Aura Abranches**

Temporamento artistico de primeira ordem é incontestavel que é hoje de gente moça a nossa primeira atriz. E' a mais completa. A mais segura, a que mais tem marchado á custa duma dedicação á sua arte, dum estudo consciencioso, duma inteligencia viva.

Não teve precepitações, nem se envaideceu. Começou por onde devia ter começado, e, pouco a pouco, tem ido deixando prudentemente o repertorio de maneiras garotas, para entrar nos papeis fortes, grandes dramas, substituindo as figuras que pouco a pouco vão desaparecendo do nosso teatro.

E' uma artista que procura de si para si progredir, melhorar, o que não sucede quasi sempre, em que as melhores tendencias e vocações são estragadas por errados predominios ou influencias de megalomanismo artistico.

Aura Abranches trilha por onde deve trilhar; hoje é já uma bela artista, ámanhã será uma grande artista.

As nossas saudações são sempre vivas e sempre sinceras, bem o sabem todos.

**A. P.**

## Salão Central

### O terror do rancho

Foi um verdadeiro acontecimento artistico a estreia do primeiro episodio, intitulado «Os vampiros», que hontem se estreou, da colossal fita de aventuras, em 7 episodios, 14 partes, «O terror do rancho». Os seus protagonistas, a cargo dos ilustres artistas norte-americanos Betty Compson e Jorgo Larkin, são duas simpaticas personagens, que muito prendem a atenção do publico com os seus rasgos de intrepidez e audacia.

Amanhã, sexta feira, estreia do segundo episodio «O mapa misterioso» não menos interessante e de não menos sucesso que o primeiro.

## MUSICA

### Concertos no Politeama

Não é demais repetir que o concerto de domingo no Politeama pela orquestra organisada e dirigida pelo ilustre maestro Fernandes Fão, se reveste de excepcionaes atrativos. Nenhum programa que conheçamos terá excedido o que no domingo se toca naquele teatro, ponto de reunião da nossa melhor sociedade. Sem citar outras peças lembramos que o programa inclue uma obra portugueza, o «Esboço sinfonico», de Freitas Branco; a celebre «Sinfonia Fantastica» de Berlioz e uma 1.ª audição em Portugal, o «Carnaval norueguez», de Svendsen, que entre nós é desconhecido. Completam-no obras de Schubert, Wagner, Lizat e Tschaïkowsky.



## VIDA SPORTIVA

### Uma idéa que deve vingar

#### Com a dissolução do Comité Olimpico e a inercia da F. P. S: é necessario crear uma entidade que dirija o sport nacional

O jornal «Os Sports» já ha dias que vem defendendo com entusiasmo uma ideia que lançou para a creação de uma entidade que dirija o sport nacional e que intensifique por todas as formas a pratica dos sports, conseguindo reunir nessa nova entidade as energias que felizmente ainda ha—visto que o C. O. P. vae em breve apresentar o relatorio dos seus trabalhos, dissolvendo-se em seguida, e a nossa Federação Portugueza de Sports continuar dormindo o sono dos justos...

A ideia, — estamos certos dissovingará, tanto pelo aplauso que os nossos clubs sportivos lhe darão, como individualmente por todos que se interessam pela pratica dos sports e desejam ver um maior numero de adeptos, melhorando a sua forma, em beneficio de revigoramento da raça.

O sport nacional — infelizmente é forçoso confessá-lo—está numa verdadeira decadencia se exceptuarmos o foot-ball, que dia a dia tem maior numero de adeptos e maior numero de jogadores bons. Os restantes sports além de não terem orientação metodica, vão sendo abandonados dia a dia por aqueles que o praticam.

São estas as principaes causas porque «Os Sports» se abalançou a lançar a idéa no seu numero de hoje em editorial; diz esse bi-semanario:

«... No nosso entender, a melhor forma dessa imprescindival entidade suprema do sport poder bem cumprir a sua missão é ser formada por sportsmen que ofereçam todas as garantias de competencia e trabalho. Está mais que provado que as entidades formadas por delegados dos nossos clubs nunca podem produzir uma boa obra, porque nelas impera sempre o clubismo deste ou daquele e tambem a rivalidade dos clubs. E' evidente que para constituirem a nova entidade não se podem encontrar individuos alheios a clubs, mas o que é preciso é que nessa antidade não representem o seu club.

Isto é a base da questão, porque *Os Sports* não quere senão lançar a idéa e conseguir que ela frutifique, porque, para tudo mais, lá estão os sportsmen que o nosso jornal convida para constituirem a nova entidade os quaes devem certamente merecer a confiança e apoio de todos os clubs sportivos, visto serem creaturas de conhecimentos tecnicos e com largos serviços já prestados á causa do sport

E, como uma semana que se perca poderão maiores males advir para o sport, o nosso jornal vae imediatamente convidar os seguintes sportsmen a reunir na redacção afim de assentarem na constituição da entidade suprema que ha de dirigir o sport no nosso paiz.

Os sportsmen a convidar são;
Prestes Salgueiro.
Lelo Portela.
Augusto Soares.
Dr. Salazar Carreira.
Antonio Soares Junior.
João Formosinho Simões.
João Pinto d'Almeida.
Alexandre Corrêa Leal,
Antonio Ribeiro dos Reis.
Antonio Neves.
A. de Campos Junior.

Já vêem, pois, os nossos leitores que, com estes homens, muito se pode conseguir para desenvolvimento e progresso da causa sportiva. E estamos certos que nenhum club negará o seu apoio e auxilio a uma entidade dirigente formada por esses sportsmen, que nos oferecem as melhores garantias de trabalho proficuo, inteligente e despido de partidarismos».

A reunião a que o artigo se refere efectua-se na proxima terça feira na redacção de *Os Sports*, pelas 21 horas.

Que ninguem falte e para isso basta que cada um se compenetre da actual situação do sport nacional.

**A. de C.**

# ULTIMA HORA

## POLITICA

### Uma reclamação diplomatica—O caso Alvaro de Castro

Um jornal da noite já ha dias anunciava a publicação de um documento sensacional e inedito, sobre curiosas declarações feitas em 1918 por S. Magestade Afonso XIII ácerca de Sidonio Paes, da intervenção de Portugal na guerra, dos Aliados, da aproximação das Nações ibericas e finalmente do sr. D. Manuel de Bragança.

O relatorio do que S. Magestade o Rei de Hespanha disse ao encarregado de negocios de Portugal em Madrid, em audiencia de 12 de Fevereiro de 1918, no Palacio do Oriente, foi hontem finalmente publicado pelo jornal em questão.

Deu maus resultados a publicação impensada de tal documento confidencial que o encarregado dos negocios de Portugal em Hepanha, sr. A. Ferreira de Almeida, 1.º secretario da Legação, enviou para o ministerio dos estrangeiros.

Hoje de tarde o sr. ministro de Hespanha envergando sobrecasaca e chapeu alto, a «toilette» das ocasiões solenes, sub.a as escadarias do ministerio dos Estrangeiros indo conferenciar com o titular d'aquela pasta.

Foi curta a entrevista mas depois começou correndo que o representante da nação visinha vinha apresentar uma reclamação diplomatica por motivo da publicação de tal relatorio.

O sr. dr. Domingos Pereira imediatamente comunicou ao sr. presidente do ministerio o que era passado e momentos depois varios ministros trocavam impressões sobre o caminho a seguir.

A's auctoridades foram logo dadas instruções para procedimento criminal contra o director do jornal em questão, tendo o director da policia de investigação sr. dr. Reis Junior, encarregado um dos seus agentes de proceder ás necessarias diligencias.

Pouco depois das 16 horas o jornalista sr. Bourbon e Menezes era preso e conduzido ao governo civil, onde á hora a que escrevemos está sendo ouvido pelo sr. dr. Teixeira de Azevedo, adjunto dos serviços de investigação.

O sr. Bourbon e Menezes está preso á ordem do governo, o qual deu instruções no sentido de se apurar como tal documento, que constitue segredo de Estado, saiu do ministerio dos estrangeiros.

Ao que consta, o sr. Bourbon de Menezes, quando nomeado para fazer parte de uma comissão de afastamento, no ministerio dos estrangeiros, tirou ali copia não só do documento hontem tornado publico, como de muitos outros.

Tal facto constitue um crime gravissimo, que o governo resolveu punir com toda a severidade.

O conselho de ministros foi convocado pelo chefe do governo para reunir ás 17 horas no ministerio do interior, e embora se diga que tal reunião era para se tratar da questão Alvaro de Castro e do pedido da comissão das senhoras para que os presos politicos passem as festas do Natal em suas casas, facto é que o principal motivo de tal reunião se limita á reclamação diplomatica.

Um director da Associação dos Trabalhadores da Imprensa esteve tambem no ministerio do interior afim de se avistar com o chefe do governo para com ele trocar impressões sobre o incidente. A entrevista não paude realisar-se por o sr. Liberato Pinto andar em conferencias, fóra do seu ministerio.

### Escola Academica

Realisaram-se ante-hontem duas bonitas festas neste importante estabelecimento de ensino.

A primeira começou ás 14,30 horas, tendo por fim premiar os alunos que, pela sua aplicação ao estudo, mais se distinguiram no ano lectivo transacto. Presidiu o director sr. sr. José Castelbranco, que foi alvo duma vibrante manifestação de simpatia por parte dos professores e alunos. Visivelmente comovido, agradeceu a todos a prova de carinho que lhe dispensaram e, não obstante a prohibição medica, não quiz deixar de presidir á festa dos alunos mais distintos da sua escola. Fatigado pela doença que ha dias o vem minando, foi breve no que disse na abertura da sessão, concedendo a palavra ao sr. João Candido de Carvalho, inspector escolar, que pronunciou um brilhante discurso, cheio de ensinamentos para os alunos.

A's 18 horas teve principio a festa dos pobres da freguezia do Sacramento.

Como sempre, esta festa, dum encanto especial, decorreu animadissima. Durante o jantar, em que tomaram parte 42 creanças, tocou a orquestra da escola, sob a regencia do maestro Antonio Eduardo Ferreira.

Após o jantar seguiu-se a distribuição das esmolas ás mães das creanças pobres, recebendo cada uma 5 escudos.

Antes da sessão cinematografica, com que terminou esta festa de caridade, os alunos do canto coral deliciaram os assistentes com lindas canções da autoria do João Candido de Carvalho e musicadas pelo maestro Antonio Eduardo Ferreira.

Foi uma festa que em todos deixou as melhores impressões.

### POEIRA DA ARCADA

**Sanidade interna**

Segundo o boletim de sanidade interna, apresentado na ultima sessão do conselho superior de higiene, na semana finda em 18 do corrente, manifestaram-se em Lisboa 6 casos de difteria, 1 de escarlatina, 4 de febre tifoide e 3 de variola, e no Porto 7 de febre tifoide.



## PELO TELEGRAFO

### Banquete diplomatico

QUITO, 22.—Clemente Ponce, ministro dos estrangeiros ofereceu um banquete ao corpo diplomatico, a que assistiram o presidente Tamayo e a primeira sociedade. Ponce proferiu um discurso, que foi muito aplaudido. Hartmann, ministro dos Estados Unidos, agradeceu em termos eloquentes as homenagens dirigidas a Wilson e a Harding.—(*Americana*).

### Os partidos no Chili

SANTIAGO, 22.—Os partidos da oposição preparam-se para derrubar o primeiro ministerio Alessandri, no caso de ser conseguida a organisação do ministerio presidencial.—(*Americana*).

### Diplomatas brazileiros

RIO DE JANEIRO, 22.—O secretario da legação sr. Macedo Soares parte para ahi no «Avon».—(*Americana*).

### Cotações, valor do escudo

RIO DE JANEIRO, 22.—Cotação do café, 11$300; cambio sobre Londres, 9 15/16 e 10; valor do escudo portuguez, 620, 720 reis.—(*Americana*).

### Constantino tenta captar as simpatias dos aliados

ATENAS, 22.—O rei Constantino mandou chamar o comandante da esquadra britanica para o condecorar com o grande cordão da Ordem do Salvador, mas o comandante negou-se a aceita-la. A legação franceza, informada dos propositos do rei Constantino de condecorar o comandante da esquadra franceza, dissuadiu o governo grego de o fazer.—(*Havas*).

### Carreiras para o Brazil e Argentina

Largou do Tejo esta tarde o vapor «Traz-os-Montes», dos Transportes Maritimos do Estado, que vae estabelecer carreiras entre Portugal e os principaes portos do Brazil e Argentina.

A bordo houve uma pequena festa, sendo oferecida uma taça de Champagne aos convidados e trocando-se afectuosas saudações.

No «Traz-os-Montes» seguiu o distincto jornalista brazileiro sr. dr. Carlos Cavaco, representando a nossa querida colega e directora da Agencia Americana D. Virginia Quaresma, que não poude aceitar o convite que para tal fim lhe foi feito pela direcção dos Transportes Maritimos.

## NOTICIAS DA CAPITAL

### Boas festas

Teve a amabilidade, que muito lhe agradecemos, de nos enviar boas festas a firma Luiz José Nunes Limitada, da rua do Arco do Marquez d'Alegrete, 31 a 39.

### Lotaria de Lisboa

*Os numeros mais premiados*

| | |
|---|---|
| 8619.... | 300.000$00 |
| 6372... | 100.000$00 |
| 4837... | 20.000$00 |
| 5969.... | 10.000$00 |

| | | | |
|---|---|---|---|
| 4469... | 2.000$00 | 4336... | 500$00 |
| 8618... | 1.000$00 | 4470... | 500$00 |
| 8620... | 1.000$00 | 5300... | 500$00 |
| 2925... | 1.000$00 | 5430... | 500$00 |
| 5160... | 1.000$00 | 5735... | 500$00 |
| 6381... | 600$00 | 6209... | 500$00 |
| 6373... | 600$00 | 8041... | 500$00 |
| 1215... | 500$00 | 8542... | 500$00 |
| 3690... | 500$00 | | |



### Os bons estabelecimentos

## A Casa Chineza da rua do Ouro

#### Novas e luxuosas instalações—Uma casa modelar

A Casa Chineza, até ha pouco instalada na rua do Ouro, n.ºs 234 e 236 foi forçada, em virtude da venda do predio, a mudar. O seu proprietario, o sr. Pereira da Conceição, não é, porém, homem que desanime perante dificuldades de qualquer ordem que surjam, e, assim, associou-se com dois outros seus colegas, como ele estimados comerciantes da mesma rua, os srs. José Mendes Quintino e Lopes, formando-se a firma comercial, Pereira, Quintino, Lopes, & C.ª, Limitada.

E dos estabelecimentos, aliaz já bem montados, de que todos esses senhores eram proprietarios, surgiu um outro, luxuoso, com magnificas instalações, ocupando os numeros n.ºs 274 a 278 da rua do Ouro, estabelecimento que honra a capital, pois vem demonstrar que aos nossos comerciantes não falta iniciativa e que compreendem bem que é uma condição essencial para atrahir a clienta uma boa apresentação.

A Casa Chineza tem, alem da especialidade, que a tornou vantajosamente conhecida, do chá e café, do qual chega a vender 1000 kilos por dia, outros variados ramos de negocio, taes como louças da China e do Japão, porcelanas, vidros, perfumarias, um sortido completo de bolachas nacionaes e estrangeiras, leques, emfim os artigos mais modernos e mais proprios para brindes.

A' frente da secção de chá e café estão os socios srs. Mendes Quintino e Pereira da Conceição, como poucos conhecedores desses especialidades, e á de bijouterias, perfumarias e outros artigos o socio sr. Lopes, dono da retrozaria, que estava instalada numa das portas hoje ocupadas pela Casa Chineza e que conhece bem esse ramo.

Nas trez montras do novo estabelecimento ostenta-se tudo o que ha de melhor e é um verdadeiro encanto passar em frente delas, a contemplar os soberbos serviços de almoço e jantar, os mil objectos proprios para brindes que ali estão em exposição.

Para que descrever o estabelecimento? Bastará dizer que os trabalhos de arquitectura são de Jorge Pereira Leite, os de pintura de José Reis e os de escultura, nas mizas que encimam as portas, de Fonseca, tendo sido os trabalhos dirigidos pelo sr. Luiz Pedro da Silva.

A Casa Chineza, que abriu hontem, teve uma concorrencia «hors ligne» e os seus proprietarios foram muito felicitados, felicitações a que nos associamos, porque fica sendo, sem contestação possivel, um dos melhores e mais luxuosos estabelecimentos de Lisboa.



## José Francisco Bastos

**FALECEU**

Emilia da Silva Bastos, Antonio Bastos e sua mulher Leonarda Machado Bastos e seus filhos, Virginia Bastos Barreiros e seu marido Carlos Joaquim Barreiros e seus filhos, Elvira Bastos, Virgilio Bastos sua mulher Maria Torrezão Bastos e seus filhos, Theodoro José da Silva, participam a todas as pessoas de familia e relações o falecimento de seu saudoso marido, pae, sogro, avô e cunhado, e que o seu funeral se realisa no dia 24 do corrente pelas 15 horas, da rua da Palma n.º 101 para o seu jazigo no Cemiterio Oriental. Não se fazem convites especiaes.

## José Francisco Bastos

**FALECEU**

A. Bastos, Limitada participam aos seus colegas e amigos o falecimento do pae do socio-chefe Antonio Bastos e avô dos socios Antonio e Jacinto Bastos e que o seu funeral se realisa no dia 24 do corrente pelas 15 horas da rua da Palma n.º 101 para o Cemiterio Oriental.

## Banco de Portugal

A Administração do Banco de Portugal resolveu emitir notas de Escudos 1.000 e Escudos 2.50 para circularem conjunctamente com as de outros valores, actualmente em circulação.

Os principaes caracteristicos destas notas pelo que respeita a côr, data, série, numeração, chancelas do Governador e do Director e mais dizeres que a compõem, bem como a filigrana do respectivo papel, podem ser examinadas nos exemplares que para esse fim se acham patentes neste Banco em Lisboa e nas suas delegações nas capitaes dos outros districtos.

Lisboa 23 de Dezembro de 1920
Pelo Banco de Portugal
Os Directores
*Francisco Maria da Costa*
*J. Pereira Cardoso*



## Parque Automovel Militar

### Material circulante

O Conselho Administrativo faz publico por esta forma que no dia 6 do mez de Janeiro de 1921, pelas 13 horas, se procederá na séde deste Parque em Belem á venda em hasta publica do seguinte material devidamente reparado.

| | |
|---|---|
| Carro Renault 12 H P—4 logares, carrosserie Sport.............. | 1 |
| Carro Fiat 16—20 H P—landaulet. | 1 |
| Carro Peugeot 24 H P—limousine de luxo.............. | 1 |
| Chassi Fiat 20 H P—de correntes.. | 1 |
| Chassis Daimler 30 H P sem valvulas.............. | 2 |
| Camions Fiat 18 B L—Para 3500 kilos.............. | 6 |

As condições da venda estão patentes na Secretaria do Conselho Administrativo deste Parque em Belem todos os dias uteis das 12 ás 17 horas e os carros acham-se em exposição desde o dia 25 do corrente até ao dia 3 de janeiro p. f. na Garage da Rua Thomaz Ribeiro.

Quartel em Belem, 20 de Dezembro de 1920.

O Tesoureiro
*Antonio José Alvaro da Silva e Costa*
Tenente de Adm. M.ar

# A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3735 — 11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Sexta-feira, 24 de Dezembro de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71 — Preço, 5 centavos


# Os presos politicos

As manifestações de houtem, em que mais uma vez foi posta em fóco a questão dos presos politicos, não fazem senão confirmar a necessidade de se encontrar uma solução para esse caso, que realmente confrange ou perturba uma grande parte da nossa sociedade.

As dezenas de senhoras que foram ao ministerio do interior solicitar do governo que consentisse na saída dos presos, por um dia, a fim de passarem o Natal com suas familias, ficando elas de refens nas prisões por eles ocupadas, podiam evidentemente uma coisa impossivel, e não julgamos senão atestar a inteligencia das senhoras supondo que elas mesmas não encontravam nenhuma viabilidade no seu projecto. Entretanto, o seu gesto não foi perdido, porque, como dissémos, mais uma vez pôz em foco uma questão que tem de ser resolvida para bem geral do paiz.

Por sua parte, as pessoas que se manifestaram contra qualquer favor especial feito aos presos, recordando terem sido vitimas das barbaridades duma situação por eles servida, senão estabelecida, tambem não se pode negar que lhes assistia razão. Elas lembram-se ainda das torturas sofridas, e dos perigos que a Republica passou. Se é preciso atender ao sofrimento duns, tambem se deve atender ao sofrimento dos outros.

E' que este caso não comporta favores nem tão violencia; o pensamento deve elevar-se mais alto, não atendendo senão á justiça e aos maximos interesses nacionaes.

O que é preciso é que o governo e o parlamento ponderem na necessidade da amnistia, porque só ela constituirá a intervenção precisa, legal, e queremos crêr que eficaz, no sentido de crear uma situação que seja para uns o gozo da liberdade, e para outros mais um sacrificio em prol da tranquilidade do paiz.

A amnistia não é um favor, arbitrariamente concedido; a amnistia representa um acto politico que os governos praticam, não com a idéa de conquistarem a gratidão dos beneficiados, mas o reconhecimento da nação. Perante a amnistia, todos terão que conciliar-se. Ela será feita, para nós, republicanos, não em favor dos nossos adversarios, que suportam a responsabilidade dos seus actos subversivos, mas para bem da patria, que deseja viver em paz, e da Republica que mais uma vez renovará com a sua bondade o seu prestigio.

Evidentemente, sendo um acto politico, o governo deverá julgar da sua oportunidade. Essa oportunidade, parece-nos logico supô-lo, afirma-se e acentua-se, á medida que se vae distanciando a data da ultima aventura monarquica. Já houve um governo que julgou ter soado a sua hora. O parlamento não pareceu tê-lo entendido assim. Mas o tempo passa, e é de esperar que governo e parlamento se encontrem em breve de acordo sobre essa melindrosa resolução.

O que se está fazendo, com gestos favoraveis ou desfavoraveis aos presos, é que não dá nada. A questão tem de ser resolvida dentro da legalidade, e só. Assim como é certo que ela não tem outra resolução que não seja a amnistia.

**Por ser dia de feriado nacional não se publica amanhã "A Capital", estando os nossos escritorios fechados.**

## Enredos toda a gente

### O casamento

*O casamento é uma loucura ou uma necessidade? — perguntava-me, houtem, com o mais curioso dos sorrisos, uma rapariga muito fina. Não sei. Sei apenas — já o dizia Garrault — que é mais facil conhecer uma mulher pelas suas perguntas do que pelas suas respostas. Em todo o caso o problema é grave. Se é uma loucura — porque nos casamos nós? Se é uma necessidade — porque existem solteirões? A questão colocada nestes termos é absolutamente insolucionavel. Vejamos outra hipotese: O casamento constitue uma necessidade para as mulheres — e uma loucura para os homens. Muito bem. Mas perdão: muito mal. Facilmente se explica o caso, ou não. Porque se chegaria á conclusão de que as necessidades se satisfazem com loucuras — o que é contraproducente; depois, teriamos que os homens fariam loucuras, em prejuizo proprio, para satisfazer as necessidades do intimigo — o que é inadmissivel. Decididamente eu não sei. Mas como insiste, digo-lhe, minha senhora: quando se casa com uma rapariga muito feia, muito indiscreta, filha dum pae com alguns contos de réis, o casamento — é uma necessidade.*

Luis d'Oliveira Guimarães.

# DOIDOS, ELES!

## Carta misteriosa

¿Que se passava adentro do Hospital do Conde de Ferreira, emquanto a minha «policia» farejava no Porto, e eu percorria, á cata de informações, o caminho do Roção á Santa Comba?

Vae-se dizer ou, antes concluir de algumas interessantes cartas que em breve mostrarei ao leitor.

Na primeira quinzena de abril de 1919, procurava-me no meu escritorio um homem vindo de Lisboa, que se dizia amigo do Manuel e nesta qualidade me dava a ler uma carta que ao seu amigo interessava. Tinha querido ir falar com este, levar-lhe noticias e oferecer-lhe os seus serviços, mas como a Cadeia estava isola da em consequencia da epidemia que então grassava no Porto (o tifo exantematico) e não podera lá ir por esse motivo, resolvera procurar-me, visto saber, por uns companheiros do Lisboa, que eu era advogado do Manuel.

A carta que ele trazia e que hoje possuo, era nos termos seguintes:

«Pôrto, 31|3|919

F... (a carta tem aqui um nome que, por emquanto não desejo tornar conhecido) Consegui fugir do Hospital donde fui encerrada fugi com o Manuel, mas tive a infelicidade de ser encontrada.

Porque meu marido entregou isto á policia, e eu foi novamente metida no Hospital e o Manuel preso no Aljubo do Pôrto.

Eu peço para vir cá a ver se pede por ele, porque tenho receio que, ele seja condenado faça isso porque eu tudo lhe pagarei.

Olhe peço para queimar esta carta e não a mostre ao... (*existe um nome neste ponto da carta*) e nem lhe diga que lhe escrevi.

Olhe se vier só Pôrto e falar com o Manuel diga que eu que não posso escogar por ele estar preso e eu que nunca mais o posso esquecer. Diga-lhe que me desculpe, mas amizade nunca lha perderei. Olhe todos lhe teem muita raiva e eu aqui estou ainda não sei quando sairei da qui (*sic*) o quando sair dizem que levam para a Inglaterra (*sic*).

Mas eu tudo lhe pagarei.

A Deus (sic) F... (*repete-se o nome*) ag radeço-tetudo e um dia te agradecerei.

Eu não sei se poderei tornar a escrever.

*Adelaide*».

A redacção desta carta não é nenhum primor; a ortografia e pontuação, que indico pouco mais ou menos como estão no original (falta aqui o sr. dr. Cunha para contar os virgulas) são de terceira qualidade; e a caligrafia não é melhor.

Estas circunstancias faziam-me suspeitar da veracidade da carta. Mas eu nunca tinha visto qualquer escrito da sr.ª D. Maria Adelaide e, como pessoas ha que teem manifestações de talento sem possuirem cultura literaria, bem podia acontecer que a carta fosse dela.

Quem me podia tirar de duvidas neste ponto era o Manuel, que devia conhecer a caligrafia da dita senhora e por isso fui á Cadeia perguntar-lhe se conhecia a letra daquela carta. Para os advogados abria-se excepção durante o periodo de isolamento higienico. Estamos á prova de epidemias. Se a peste se nos apegasse, já alguem m'a teria transmitido e eu seria «advogado não, antes vitima!»

E' preciso dizer que me desagradava, pela apresentação da carta ao Manuel ver-me forçado a ser transmisor, embora indirecto, dos sentimentos da sr.ª D. Maria Adelaide para com ele. Nunca tive geito para pau-de-cabeleira e tanto que, na presente questão, estabeleci esta regra, que tem sido observada até hoje: a sr.ª D. Maria Adelaide falar-me do Manuel somente a proposito do processo e, quando fosse indispensavel, e o Manuel falar-me da sr.ª D. Maria Adelaide somente em condições semelhantes.

Na ocasião referida, porém, não havia remedio senão mostrar a carta, porque me era indispensavel saber se estavamos ou não no verdadeiro caminho duma comunicação com a Bastilha do Conde de Ferreira.

O Manuel leu a carta e imediatamente me disse que ela não era da sr.ª D. Maria Adelaide.

Agradeci, portanto, ao homem que viera de Lisboa a amabilidade da sua visita e... nada de cair em qualquer cilada.

Bernardo Lucas.

## Pelo telegrafo

### O orçamento mexicano

MEXICO, 23.—O governo apresentou ao congresso o orçamento para 1921, estando as receitas calculadas em 271.135.666. Para cobrir o «deficit» o governo propõe levar os impostos sobre o petroleo, os creditos hipotecarios e as sociedades industriaes e comerciaes.—(Americana).

### Pedindo protecção

MEXICO, 23.—Pancho Villa pediu ao presidente Obregon a sua protecção contra uma troupe de 200 bandidos que se propõem matá-lo.—(Americana).

### Movimento diplomatico

MEXICO, 23.—O dr. Caturehli, director da agencia financeira mexicana em Nova York, foi nomeado ministro do Mexico em Paris.—(Americana).

MANAGUA, 23.—O dr. Alexandre Cesar foi nomeado ministro de Nicaragua nos Estados Unidos.—(Americana).

### Suprimindo os impostos de consumo

RIO DE JANEIRO, 23.—O deputado Octavio Rocha submeteu ao congresso um projecto de imposto sobre o rendimento de lucros e salarios, abrangendo tanto os nacionaes como os estrangeiros, em substituição dos impostos de consumo e artigos de primeira necessidade.

Esse imposto seria de 1% para os rendimentos de 6 a 12 contos, de 2% para os de 12 a 18 contos, de 7% para os de 24 a 30 contos, e de 10% para os superiores a 30 contos.—(Americana).

### O tesouro brazileiro

RIO DE JANEIRO, 23.—No dia 31 de outubro ultimo o ouro em barra e moedas na posse do tesouro brazileiro elevava-se a 58.350 contos.—(Americana).

### Cotações, valor do escudo

RIO DE JANEIRO, 23.—Cotação do café, 11$200; cambio sobre Londres, 9 7|8 e 10; valor do escudo português, 640, 760.—(Americana).

## Imprensa

Sae no proximo dia 1 de janeiro o primeiro numero da *Canção Portugueza*, hebdomadario literario de que é director o sr. José Antonio dos Santos Teles.

## Museu Bordalo Pinheiro

Como do costume, está depois d'amanhã, das 14 ás 17 horas, patente ao publico este museu, sito no lado oriental do Campo Grande, 242, revertendo toda a receita das entradas em favor do Azilo de S. João.



# Os interesses do paiz

## "A Capital" defende-os sempre, sem olhar a pessoa, com toda a energia

Um jornal da manhã onde os interesses da casa Torlades encontram sempre um acolhimento carinhoso, afirma que «A Capital» auxilia todos os que contrariam as medidas de finanças do sr. Cunha Leal, ao mesmo tempo que combate todos aqueles que contribuiram para que não fossem aprovados os já famosos contratos do trigo e do carvão.

Registamos essa opinião, assim como a noticia do conselho de ministros que encontramos nos jornais da manhã de hoje e que diz assim:

*O conselho de ministros, reunido hontem no ministerio do interior, tendo estudado os contratos de trigos existentes, resolveu adquirir mais 8:000 toneladas que, juntas com as existentes, perfazem o total de 35:000.*

Como já tivemos ocasião de referir, pouco tempo depois do sr. Cunha Leal subir ao poder, veio a publico a noticia de que não havia trigo no paiz e que era necessario racionar o pão, medida que nós combatemss com energia. Abriu-se concurso para a compra de trigos, mas quasi logo a seguir publicavam os jornais uma nota na qual se declarava que nem sequer seriam abertas as propostas d'esse concurso, pois tinha aparecido trigo para uns mezes.

Pouco depois, porém, apareciam de novo noticias de compras de trigos que a nota do conselho de ministros que acima transcrevemos, vem confirmar.

E' grande a confusão, como se vê, e esta questão dos trigos não é indiferente, porque representa para o paiz um prejuizo de algumas dezenas de milhares de contos em ouro.

Por isso nós, quer queiram, quer não, não abandonaremos a questão, disposta a esclarecê-la, custe o que custar.

Pelo projecto de contracto do ministerio Antonio Granjo, as compras do trigo far-se-hiam nas seguintes condições:

1.º—Remessas mensaes regulares pelo preço dos mercados de origem acrescidos da comissão de 1,5 %, e com a fiscalisação tecnica oficial.

2.º—não se abririam creditos no estrangeiro; os pagamentos seriam feitos em Lisboa á chegada do trigo, pagando-se nessa ocasião, em ouro, apenas um terço, e os dois terços restantes em bilhetes do tesouro, vencíveis em seis mezes sem juros, e reformaveis por prasos sucessivos com juro.

Eram estas as claras, honestas e vantajosas condições do contracto do ministerio Antonio Granjo que foi posto de lado, concorrendo para isso em grande parte o sr. Cunha Leal.

E' indispensavel conhecer agora as condições dos contratos negociados pelo sr ministro das finanças.

Abrem-se creditos no estrangeiro pela totalidade dos fornecimentos?

Fazem-se compras em ouro no mercado, levando a divisa cambial a descer a limites nunca dantes assinalados?

E' o que se deve esclarecer.

Podem gritar e barafustar que daqui não saimos.

Isto costuma fazer-se com o proposito de confundir e baralhar as questões e distrair a atenção do ponto principal.

Não o conseguirão.

Já assim sucedeu, quando aqui flagelamos a administração caotica dos Transportes Maritimos do Estado e, afinal, veio-se a confessar pela boca do proprio chefe da contabilidade daquele organismo, sr. major Branquinho, que não tinha sido possivel apurar as contas dos primeiros oito mezes daquela exploração.

O mesmo se pode dizer da agencia financial do Rio de Janeiro cujo contrato já devia ter sido denunciado e ainda não o foi.

Pois é sabido que tendo tido esse contrato por fim principal estabilisar os cambios, estes desceram, na sua vigencia, de 27 até ás divisas dos ultimos dias. Esse contrato apenas tem servido para desvalorisar o nosso escudo em relação á moeda brazileira e que tem dado logar a uma desenfreada especulação.

## "Os Sports,,

### E' posto amanhã á venda o numero de domingo

O bi-semanario «Os Sports», que já conta quasi dois anos de existencia, e que tem dia a dia visto aumentar o numero dos seus leitores, mercê de uma colaboração esmerada dos principais jornalistas da especialidade, é posto amanhã á venda, inserindo, alem das suas habituaes secções, largo noticiario do estrangeiro e de Portugal.

## ASSISTENCIA INFANTIL

### Cantina escolar de Alcantara

Recebemos o relatorio, referente a 1919-20, desta importante instituição de beneficencia infantil que, na freguezia de Alcantara, tantos beneficios tem prestado á instrução popular, porque é de preferencia ás creanças mais pobres que frequentam as escolas gratuitas que a Cantina concede salutar refeição diaria, exigindo delas apenas a prova da sua comparencia ás aulas e o pagamento de 1 centavo por refeição, o que tem por fim tirar á creança toda a idéa de que se lhe dá uma esmola.

Infelizmente, a sua acção não tem sido eficazmente apreciada, porquanto as suas cotisações diminuem emquanto as despezas aumentam pela alta dos generos mais necessarios. Assim, para o actual ano escolar, está a despeza orçada em 5.250$00 ao passo que a receita certa é apenas de 1.500$00, do que resulta um «deficit» de 3.750$00, motivo poderoso porque a Cantina não iniciou ainda, no presente ano lectivo, a sua benefica acção.

Informa-nos, porém, a actual direcção que está na disposição de abrir após as ferias do Natal, para o que já distribuiu os competentes boletins de inscrição pelas escolas da freguezia, contando antecipadamente com o auxilio que lhe foi prometido por algumas entidades oficiaes e ainda com o de particulares, para o que está dirigindo pedidos de auxilio a importantes casas e estabelecimentos comerciaes e industriaes da capital.

De esperar é que esse auxilio não deixe de se manifestar pelas pessoas e entidades que o possam fazer a fim de que tão importante instituição de beneficencia possa continuar e alargar, se possivel fosse, a sua benemerita acção nima freguezia, como a de Alcantara, tão populosa e fabril e onde, por certo, a miseria assentou arraiais mais que em qualquer outro bairro.

Para se avaliar da acção da Cantina, basta dizer que, como se deduz do relatorio que temos presente, ela distribuiu anualmente cerca de 20.000 refeições a 160 crianças. A sua fundação data de 1909 e, nestes 11 anos de existencia, já socorreu 1.120 creanças, alem de vestuario, calçado, livros escolares e medicamentos, quando a sua situação financeira o permitia. Devemos acrescentar que nos ultimos anos a Cantina se tem limitado á distribuição da refeição diaria, por os seus recursos não permitirem o alargamento dos seus beneficios.

## Natal e Ano Bom

A casa Grandela Limitada, para comemorar o 30.º aniversario da fundação dos seus armazens, distribue no proximo dia 1 de Janeiro, a exemplo do que tem feito nos anos anteriores, um bodo a 2.400 pobres.

Agradecemos os senhas que para os nossos protegidos nos foram enviadas.

— Amanhã, na séde da Associação Protectora das Creanças, travessa do Carmo, 2-A, é dado as creanças um jantar comemorativo do dia de Natal, á expensas da firma Nunes da Cunha Limitada.

— Depois de amanhã, pelas 15 horas, o Ginasio Club organisa, no grande salão de ginastica, uma interessante festa a que concorrem todas as creanças das classes infantis, que ali vão receber os brinquedos que ornamentam uma artistica arvore do Natal, que um grupo de socios oferece ás classes infantis de ginastica.

A final da *poule* de florete começa ás 13 horas e seguir-se-ha o baile dirigido pelo professor sr. Magalhães Pedrozo, sendo abrilhantado por um sextoto, que se fará ouvir das 15 ás 17 horas.

Deve ser uma interessante festa o bastante concorrida, como costumam ser todas as do Ginasio Club.



CROQUIS DE VIAGEM

# NA BOA PAZ

## XXXVIII — *Ir a Roma... e não ver o Papa*

Os jornaes da manhã que leio com muito boa vontade, dão a noticia que em Bolonha, a gréve geral teve como resultado uma meia duzia de mortos e algumas dezenas de feridos. E, anunciam tambem que vão ser feitos ás vitimas do comunismo enterros nacionaes mesmo nas bochechas dos vermelhos. Em vista do socego que reina, e apezar de não estar senão a algumas centenas de quilometros do fóco, resolvo abreviar a viagem porque... só sou «teso» lá no paiz, nas revoluções de trazer por casa. Amanhã pelas 9 da manhã partirei para Napoles, pois sempre quero ver se o Vesuvio em tamanho natural é coisa de respeito; mas não parto sem tentar ir ver o Papa, e, este ultimo dia em Roma consagro-o todo para o outro mundo, o mundo catolico e romano.

Li algures que Hutten, um velho incredulo e arrenegado escrevera que tres coisas impudicamente e ás claras vendem os romanos: Cristo, a mulher e a egreja.

Não pretendo afirmar que no seculo XX esteja ainda o caso assim, mas o certo é que realmente encontro no aspecto religioso desta cidade essencialmente pagã qualquer coisa que lembra a séde central duma grande casa de negocios ou um grande banco, de sucursaes por todo o mundo, bem espalhados e réclamados como o «Maple», a Singer ou o Credit. Em S. Pietro in Vaticano, instalam-se os escritorios principaes, adjuntos ao «general Manager» do catolicismo. Por toda a parte, em todas as ruas, topam-se os caixeiros viajantes desta importante formas dar conta dos seus negocios e a trocar impressões com o pessoal da séde. Roma é cheia de padres; condensam-se principalmente no «Borgo», hospedam-se nas «Trattorie» dos arredores da «Piazza di S. Pietro» e conhecem-se pelas cores e gorduras de cada um: a maioria do pessoal da casa é gorda, come bem, e vi-os comer e beber... melhor, nos restaurants da margem direita do Tibre, emquanto os seminaristas, os que vem de fóra em visita são em geral pessoas naturaes; as peregrinações são já menos raras que ha dez anos, mas ainda se junta muita gente para ir beijar o anel do Pescador.

O que é curioso é que em Roma ninguem faz caso dele, como se passa sem reparo ao pé dos cobradores do Banco de Italia. Ha os de vermelho, dizem que são os alemães, os de azul com facha de cores, os de negro com cintos escarlates, e, os escocezes vestem de roxo. Ha muitas irmãs de caridade e bastantes, a grande maioria de devotos,... em busca de impressões, como nós. Por isso, depois duma visita preparatoria á S. Maria in Aracoeli, uma egrejinha com a sua fisionomia historica no Monte Capitolino, da visita recomendavel a «S. Lorenzo fuori le Mura» com os seus mosaicos nas fachadas, da visita ao grande monstro que é «S. Giovanni in Laterano», a primeira das egrejas — diz o latim — reconstruida quantas vezes apeteceu ás furias dos homens, museu devassado por um altar, depois da ida a todas as St.ª Marias que de 10 em 10 metros se edificaram sobre velhos templos romanos, achei-me apto a seguir para o palacio do Papa a prestar a minha homenagem.

Aqui começam as dificuldades; tomo o carro n.º 1, atrelado, cheinho como um ovo, tres pessoas em cada banco de duas, e mais uma ao colo, a cochia recheada, e as plataformas de esmagar e reduzir um alfinete que ali fosse em pé; o que vale é que se pode entrar e sair por qualquer plataforma de que... nunca mais se sae senão no fim da viagem. Assim passo, muito bem entaleidinho entre duas irmãsinhas dos pobres, longo e importante Corso Vittorio Emanuel, prolongamento da Via Nazionale e que atravessa o Tibre na ponte em cantaria com o nome do mesmo rei, a dois passos da velha ponte de Nero. Olho para o sitio e não vejo nada; é verdade que tambem mal vejo o Tibre, uma humidadesinha sobre, terrenos argilosos, turva, suja, o mênos poetica possivel. Passo ao lado do Castel S. Angelo, um parelão negro rotundico, antipatico, que só um capricho de imperador, podia imaginar para seu tumulo e que muito util o aproveitado depois foi para fortaleza na Edade Media.

Não me interessa o mostrengo e nem mesmo posso pensar em fortalezas tal a minha alma veste arminhos para ir ver o papa. O carro mete por uma viela muito estreita, onde ha muitas mulheres a vender castanhas e outras com chegadas de S. Padre e todos os seus excelentissimos antecessores, e vae finalmente desembocar na respeitavel praça de S. Pedro. Fiquei surpreendido. E' a ultima palavra em grandeza. O templo é enorme, mas bem lançado, forte, nas suas colunas; num pouco elevado, ao cimo de escadarias, vem cá abaixo, até bastante longo, abraçar-nos com dois tenta culos em torquez, ornados de colunas; os numeros pezam, vão todos para os duzentos. As estatuas os santarrões que nos recebem lá de cima da telhado, tem imponencia e toda esta gente, devotos de obras de arte, de Boedecrok debaixo do braço, parecem minusculos vermes ao pé dessas colunas!

O ruido caracteristico das fontes lateraes, dia e noite a repuchar aguas, alegra aquele logar respeitoso. O obelisco ao meio da pulda roza de ventos de chão perde-se, desaparece ante a grandeza lateral. Não ha remedio senão confessar que perante tanta pedra e tanta riqueza arquitetonica estou quasi catolico.

Ha muita gente permanentemente em visita, e muitos vendedores de coisas exquisitas, licenças, guias, postaes e creio que santinhos.

Entro, encontro a «porta de bronze», no colorido esverdeado das bacias de lavar os pés em que a humidade actuou no cobre, fechada; só se abre nos jubileus — e ahi admiro o alto relevo expressivo, cristão e pagão ao mesmo tempo, pois até figura nele a Leda com o pato que conseguiu fazer cair na armadilha de tirar o retrato com ela.

Como me sobejam 4 portas, e de respeito, entro finalmente na egreja; lá dentro é a imensidade, a enormidade; mas não é a enormidade deselegante, pelo contrario, ha harmonia, extraordinaria concepção artistica de arranjo em todo o conjunto. Não é uma egreja, é uma arrecadação de egrejas, cada qual independente, com porta para a nave.

Eu confesso que levava um fim muito oculto ao ir a S. Pedro, que deixou um pouco de cara á banda, «o S. Pedro em bronze», na sua cadeira branca e que todos vão visitar em primeiro logar: ir admirar a «Pietá» de Michel Angelo», numa capelinha á direita do quem entra; ali rezei as minhas orações á arte, á beleza, ante o rosto de pureza virginal da mãe de Cristo. Foi onde me demorei mais; dali fui ás outras capelas, tantas, com tanta gente tratando da sua vida, ou antes da sua alma... que apressei os passos.

A cupula é da altura da abobada celeste, magistral de acabamento e de decoração; mas ha pequenas negligencias dos sacristãs que deitam tudo a perder; mesas de pinho, cadeiras com os pés quebrados pelos cantos a destoar da grandeza em volta. Os confessionarios para todos os povos do mundo, onde os «lusos» figuram, o que me fez ainda mais admirar a boa vontade e o metodo da casa na parte que trata das relações com o estrangeiro.

Nisto assalta-me um grande desejo de subir; a vista lá de cima deve ser bela, sobre Roma; e depois, impressiona sentir-me tão pequenino no meio destes santarrões que figuraram por certo nos paizes de Swift. Meto uma lira na mão do sacrista, mas não a consigo. Que «és termato, que não são horas» e não lhe dá o coração vencer. Desisto... até logo, porque eu sou casmurro como um portuguez; entre-tanto vou matar o tempo até ao Vaticano.

Vou com receio de que aqueles ilustres «valetes de copas» que estão á porta do palacio não gostem do proprio paisano civil do meu «paletot», e ignoro se a entrada é livre mas aventuro-me. O certo é que passei o «Portonodi Bronzo», e os «suissos», que, um baralho inteiro deles, girando de alabarda, dum lado para outro, não ligaram importancia á minha pessoa.

O certo é que dali a pedaço estou na «Capela Sistina», a olhar os frescos de Rafael os esquices de Volterran o toto bastante complicado de «Michel Angelo» e que teve este proposito com mira no futuro dos guardas e pequenos eclesiasticos que aqui viriam ganhar a sua vida explicando aos pecadores as idealisações e fantazias dos seus pinceis riquissimos. Os senhoros conhecem o «ultimo julgamento», pois estava a despedir-me dele, quasi a tomar o gosto a este scenario de museu a servir de bastidores a um palacio papal, e preparava-me para ir ás «loges» de «Rafael» quando o maldito dum sino desata a badalar que são horas de acabar a visita, e ahi fico eu com o prazer agridoce de que se começa mas não acaba.

Volto ás colunas da praça; ouço cantar o cantochão de bronze os sinos do Vaticano, talas varias, respostas diversas que só eles sabem.

Volto á egreja de «S. Pietro» e tento subornar de novo um dos muitos sacristãos que lá deixe ir lá acima, ouvir de perto os sinos, lançar um golpe de vista sobre o interior da catedral, debruçar-me sobre a Roma do Quirinal, estendido em frente ao seu prisioneiro.

Não houve forma. Ou o subarno está muito caro, ou eu não me expliquei bem; o certo é que tive de deixar S. Pedro sem sequer ter visto de que côr são os sinos do Padre Santo.

Armando Ferreira.

CANTORAS PORTUGUESAS

# Novo triunfo de Tagide Tavares em Veneza

Depois de 7 recitas quasi consecutivas e triunfaes de «Walkiria», a nossa compatriota, á qual chamaram os criticos de Veneza «Siglinda incomparavel», acaba de obter um exito ainda maior na «Leonor» do «Trovador».

Esta parte, repleta de responsabilidade vocal, é, mais que a «Siglinda» apta a fazer brilhar uma voz como a sua.

Cedemos a palavra aos principaes criticos de Veneza, que dizem maravilhas não só da sua voz, mas da sua arte e escola.

Começam no «Trovador», como já fizeram na «Walkiria», colocando-a sempre em destaque, falando dela como primeira figura do espectaculo. «Il Gazzettino» diz:

«A parte de «Leonor» foi confiada a Signorina Tagide Tavares, a aplaudida «Siglind» da «Walkiria».

Era a primeira vez que cantava o «Trovador», e teve que preparar-se a cantal-a só com dois dias de ensaios dando provas de uma extraordinaria facilidade em executar uma parte tão dificil e cheia de responsabilidade, á qual deu uma interpretação magnifica, tanto scenicamente falando, como pelo vigor do canto. A extensão da sua voz, a robustez do timbre, a perfeita afinação, a bela emissão, obtiveram desde o começo todo o favor do publico, que lhe prodigalisou entusiasticos aplausos.»

La Gazeta di Venezia diz:

«Sobre o palco existem interpretes de grande valor. Tagide Tavares possue uma voz «maravilhosa», daquelas vozes das quaes... já se perdeu ha muito o «molde», duma potencia, duma frescura, duma fluidez excepcional, egual em todos os registros, de timbre simpaticissimo. Grandes aplausos em todos os trechos coroaram o seu magnifico trabalho».

A nossa alegria é enorme em podes registrar, nestas linhas, o sucesso da nossa patricia e a opinião autorisada dos criticos de Italia.

Convem comparar estas áp...avras mal intencionadas de alguem, que por provada incompetencia scientemente, o ano passado, nas criticas sobre S. Carlos, ousou achar defeitos numa voz como a de Tagide Tavares!

Que se discuta a arte mais ou menos aperfeiçoada duma principiante, compreende-se; mas uma voz como aquela só tem direito á admiração de leigos e entendidos.

A' joven artista portugueza enviamos os nossos mais sinceros parabens, que devem ter algum valor a servir de exemplo, no meio de tantas invejas, por serem de alguem da mesma corda vocal.

Maria Judice

# A carestia da vida em Portalegre

## e a nomeação do chefe do distrito

PORTALEGRE, 22.—O governo não nomeou até hoje a autoridade superior do distrito.

Tal facto dá motivo a que os serviços corrêm á matroca, pois as autoridades, que actualmente teem a seu cargo a administração do distrito, tratam só do mero expediente, aguardando a vinda do futuro chefe.

Sobre materia de abastecimentos, a subida constante dos generos de primeira necessidade neste distrito está atravessando uma crise assustadora.

Os generos são açambarcados, e exportados para fóra do distrito, uns para diversos pontos do paiz, outros são colocados por preços fabulosos, e outros claudestinamente para a Espanha.

Apesar de Portalegre ser uma das mais ricas e produtoras regiões do paiz, os generos de primeira necessidade e da sua produção atingem já preços fabulosos.

Os porcos estão-se vendendo já por 50 escudos cada 15 quilos, o azeite a 3$50 o litro, toucinho a 3$50, o alqueire de feijão a 14 escudos e assim sucessivamente.

Só medidas energicas contra a exploração desenfreada podem pôr cobro a esta situação.

Só um governador civil inteligente, conhecedor das necessidades urgentes do distrito pode pôr cobro á especulação desenfreada. Urge que se faça a nomeação da autoridade superior do distrito, o que nos leva a chamar a atenção do sr. ministro do interior para a situação que Portalegre esta atravessando.

## Monumento ao coronel Baptista

A subscripção para o monumento que vae ser erigido ao saudoso coronel Antonio Mario Baptista está em 11.228$29, tendo a guarda nacional republicana contribuido á sua parte com 2.011$29.

## Sargentos da marinha colonial

No gabinete dos reporteres foi recebido o seguinte telegrama:

LOANDA, 22.—Os sargentos da marinha colonial saudam suas familias e estão bem.

# Theatros e Cinemas

## PRIMEIRAS REPRESENTAÇÕES

**TEATRO POLITEAMA — Coração Cego,** (*El corazon es ciego*), *peça em 4 actos de Martinez Sierra, tradução de Oldemiro Cesar, em scena pela primeira vez a 23 de dezembro de 1920* : : : :

### *Peça*

Quem conhecer o teatro de Martinez Sierra, ha de reconhecer que o «Coração cego» não marca apesar da sua modernidade, nenhuma evolução no apreciado escritor madrileno. Pelo contrario.

Martinez Sierra que evolucionava, tendendo para uma forma muito pessoal de teatro—a novela, leve, ironia, ôca mas agradavel, lirica por vezes, literaria, voltou no *Coração cego* aos inicios da sua carreira, estendendo, estirando um entrecho banal durante 4 longos actos—longos para o que ha a dizer—e consequentemente dando-nos mau teatro, repetição de scenas e vôo restrito de idéas e de fantasia.

Senão, vejamos: o que apresenta Martinez Sierra na sua peça: a idéa de que a falta de conforto no lar, a educação cinematografica das donzelas creando-as para a malicia, levam as virgens ao desamparo, ao embeiçamento quasi cego e estupido pelo primeiro *parvenu* menos escrupuloso que aparece; o *trucsinho*... para bem da moral das platéas, (Martinez Sierra é muito psicologo e sabe que peça que não agrade ás mamãs... não ha forma de ser boa) do incidente ocasional das facadas fóra de portas e a subsequente desaparição do cinico, deixando a honra da donzela ainda em perfeito estado de conservação. Depois o casamento necessario para tapar as bocas do mundo, não com um velho rico, mas com bandidote fasiario desempregado; e por fim prega com todos em Marrocos, a querer-nos indicar que é muito recomendavel para as quezilias de familia, o *sol acariciador* da costa de Africa. Eis o entrecho, depois de tirados os florilegios que enroupam em 4 actos este esqueletosinho.

Viemos encontrar no 1.º e no 2.º actos um paralelismo excessivo de scenas com *Le Lys*, por coincidencia levado á scena ha 15 dias ainda.

A mesma paixão da menina que tem frio e solidão em casa por um homem casado. A scena interrogatoria do 2.º acto, do pae que nesta peça...! é mãe, a revolta da acusada, o seu desespero, a sua ancia de vida; os susurros dos outros, a maledicencia dos proprios parentes.

Afóra esta coincidencia tão proxima de idéas e de scenas entre as duas peças no mesmo teatro, houve para arrefecer a plateia os proprios erros e deficencias da obra. O 2.º e o 3.º, actos constituem um unico acto repetido, repisado, scenas identicas como a exaltação da mãe, a bonhomia do pae, o refugio consolador duma creada confiante, a revolta da despresada contra a tirania dos homens... infalivelmente até ao proximo homem. E ha tambem a repetição de frases; as *balas na cabeça* que *Antonio* anda a anunciar, o *lavar de mãos* de D. Aurelia

Tudo isto são erros, erros de tecnica e detalhes da falta do assunto do autor para fazer em 4 actos uma peça que se resume em 2 ou 3 scenas. Essas scenas são exclusivamente a fala de Maria Luiza no 3.º acto com Antonio, o encontro de dois renegados...sociaes, e a scena final do 4.º acto, que vem fechar a peça nesta altura como a podia ter fechado no 2.º acto ou num 16.º, se os espectaculos não terminassem tão cedo.

Em resumo: desse teatro que podemos designar *faróftas, literatura e teatro em pó*, cheio de logares comuns e banalidades de trazer por casa, e que Martinez Sierra anda sempre a forjar para sua actriz, a Bárcena tem sucessos faceis, caindo bem nos digestões singelas dos espanhoes, o *O coração cégo*, é um chôcho rebento, cujas qualidades existindo de vez em quando não suplantam os defeitos em larga escala.

### *A tradução*

Oldemiro Cezar é um correcto tradutor; tem os seus mais recentes trabalhos que o honram no *Montmartre* e na *Flambée* qualquer deles espinhoso e bicudo.

Por este motivo em nada pode afectar o seu bom nome, o facto do «Coração cégo» aparecer traduzido para uma linguagem facil em demazia, cheia de plebeismos, que chegam a fazer dar saltos na cadeira, não aos criticos já acostumados, mas ao proprio publico; afirmo-lho. Ha frases hediondas:

—Como vae essé cadaver ?

—Foi um ar que lhe deu.

Numa peça em que o *calão* não nos parece que deva existir no original. Confessamos que não seguimos a peça espanhola nem as frases originaes, mas de qualquer forma, pelo simples observação da personagem que as prefere, e pelos titulos de poeta, literato, homem fino de Martinez Sierra achamo-las deslocadas, improprias.

Outras ha que atribuimos aos actores, como tem sucedido em varias outras peças noutros teatros; e pergunta-se; realmente apostam os actores em estragar as traduções mutilando as frases, ou são as traduções que erram? E' dificil ver claro neste tempo tão confuso e de tanta descrença. No entanto arrumamos para cima deles bastantes do que ouvimos:—*(estás num fervedouro, minha filha*, servir *de medianeiro a alguem)* a supressão de artigos—*Alice é que é*— e até trechos de dialogo como este:

—As senhoras F. e C. acabam de entrar para a sala.

—Mande entrar. (seindo a artista que assim acaba de falar).

Estamos certos que apurado, afinado, com córtes e atenção tudo se remediará.

### *Desempenho*

*Aura Abranches*, muito bem, como é de supôr. A sua festa, um papel intenso no 3.º acto, que disse com vivacidade e desespero; bem egualmente a scena do 4.º acto. Nada mais a registar, senão que o papel foi escrito para outrem, e os papeis que se escrevem para artistas são muito dificeis de vestir no corpo de outros.

Adelina Abranches, fez a sua insignificante rábula, carregando-a para o lado da baixa-comedia. A personagem é *irrisoria, ridicula*—diz-se em scena—mas dahi á caricatura em pinceladas de pochade...

Laura Fernandes fez o que poude e não foi pouco. Vestiu mal, como varias outras senhoras que entram em scena. Porque será—aqui em áparte—que as nossas actrizes de 2.º plano quando tem de apresentar toilettes, procuram sempre figurinos que não poriam nem veriam na vida real? Que coisas ridiculas e fantasticas... E afinal se pensassem um pouco no que a simplicidade e o gosto valem! Mas, diziamos, Laura Fernandes tropeçando aqui, exagerando ali, repetindo um gesto, uma entonação não foi dos peores elementos do conjunto.

Luzitana Sayal, tirando uma ou outra nota aguda discordante, teve muito acerto e trabalhou o seu papel com simpatia. E' um belo elemento a acarinhar, a tratar bem, a ensinar e proteger. Pelo menos denota-se vontade na joven artista. As restantes não desamparando o todo.

Sacramento salvou-se do papel, daqueles que pouco teem por onde se brilhe mas são duros de pôr em pé. Descaiu nalgumas scenas repetindo gestos seus, e manteve-se noutras sem comprometer ninguem.

Alves da Silva, repetiu umas patilhas, e foi prudente, foi mesmo bem.

Mario Duarte com bela dição alegrou o primeiro acto, e os restantes rapazes, Monteiro e Palma, com mais acerto, tambem os papeis eram mais faceis do que na «Alegria de viver». Os arabes levados da breca; tambem quem manda Martinez Sierra fazer passar um acto da sua peça em Tanger a ver nascer um queijo flamengo, só para lhe meter uma scena para o enredo; tem de completar os 20 minutos com costumes dum colorido que desconhecemos; no entanto, João Henriques, que querendo louvavelmente acertar em Sidi-Mafona, falou de arabe, de preto, de brazileiro e de velha sem dentes, ciciando, e Mario Campos — um artista que é justo nomear pelas duas rabulas que ultimamente tem feito com estudo — não deixaram de animar as scenas mortas e sem interesse por sua propria natureza.

### *Scenarios e mise-en-scene*

O primeiro acto é vistoso e amplo; um tal recanto de casa denota riqueza que corresponde não a um «piano» de salsifré mas ao menos a um quarteto. A palmeira da d. b. uma divagação do scenografo. No segundo acto ha um «panneux», cujo tecido é mal imitado, e a pintura detestavel; uma meza fragil.

No ultimo acto deve recomendar-se ao homem que faz nascer a lua (não é nenhum Deus, descancem que estamos ultrajando) que demóre a ascenção, ou comece mais tarde afim de não parar dentro de poucos minutos esse movimento ascencional, perdendo-se todo o artificio.

A recomendar aos artistas no primeiro acto que não metam todos as mãos nas algibeiras das calças ao mesmo tempo; parece um numer. do... cotilon.

### *A sala, os comentarios*

Muitas senhoras. Aura Abranches destronou Palmira Bastos no conceito feminino. Muitas palmas e uma corbeile... de papel. Lá dentro no camarim muitos abraços; caricaturas de Amareille, objectos de valor ou arte.

Sacramento que não sabe que uns oculos servem muitas vezes para ver para traz, ...está satisfeito. Os arabes fumam... lisboetas. A lua dorme no chão á espera de entrar em scena.

A' porta da rua, madame X pergunta ao marido, ao entrar para o auto: Não percebi porque seria que o Mario Duarte queria levar a Aura Abranches para o consultorio; ela tem tão boa dentadura.

**Armando Ferreira.**

## Noticiario

### *Boas festas*

Enviou-nos um cartão a b. f. o actor cantor Sales Ribeiro do teatro S. Luiz. Agradecemos e desejamos-lhe tambem um ano muito feliz e á sua Ex.^ma familia.

### *Uma estreia*

No teatro da Trindade, na peça em ensaios «Noite de Calvario», de Marcelino Mesquita, estreia-se no importante papel de «D. Manuel», o sr. Zarco da Camara, ex-capitão de cavalaria.

### *Homenagem*

Deve realisar-se na proxima semana a recita de homenagem a Castelo Branco, o costumier do «Burro em Pé». Nesse dia será publicado um numero unico dum jornal com colaboração de gente de teatro e criticos.

### *Mario Duarte*

Em conversa com Mario Duarte afirma-nos este senhor que não volta como se disse ao teatro, mas sim apenas durante duas ou tres noites desempenha o pequeno papel no «Coração cego».

### *Almoço d'homenagem*

Até hoje á noite devem ser reclamados, no camaroteiro do Ginasio, os bilhetes das pessoas que se inscreveram, ali, para o almoço que, depois d'amanhã domingo, pelas 13,30, se realisa no referido teatro, em homenagem ao ilustre actor José Alves da Cunha. Para que a manifestação tenha o aspecto da mais intima e significativa amisade, foi limitado a 50 o numero de convivas.

Entre as pessoas inscritas contam-se as sr.^as D. Berta Bivar, D. Julia d'Assunção e os srs. Antonio Granjo, Luiz Galhardo, Horta e Costa, Acacio de Paiva, Simão Laboreiro, Avelino d'Almeida, Manuel Jose Mendes, Ruy da Cunha, Erico Braga, Raul Paiva, Macedo e Brito, Jayme Victor, Joaquim Marreiros, capitão Durão, J. Clington, Otelo de Carvalho, Silvestre Alegrim, A. Cruz, A. Botelho e Carlos Mendes. O traje para o almoço é o de passeio, abrilhantando a festa o explendido sexteto do Ginasio.

Partindo hoje para o Porto o nosso colega Armando Ferreira faz-se representar, bem como a *Capital*, por A. de Campos Junior.

## Medalhões

**Lino Ferreira**

**Xavier de Magalhães**

Que pena temos em não possuirmos as carantonhas destes bons e alegres companheiros da vida. Joviaes, piadistas, fantasistas, dão-nos o prazer de vivermos horas a rir numa vida que até dá vontade de... chorar.

Quem faz rir é um bom. São dois bons. São mesmo, dois bons e meio porque Lino Ferreira vale por um e meio. O publico os aplaude, reconhecido, pois emquanto os outros lhe dão barrigadas de fome, nas suas revistas «enche o papinho de riso».

## Os crimes de Serrazes

Depois de larga e insistente campanha nos jornaes, por parte dos condenados como autores do assassinato do dr. Augusto Malafaia, foi requerida e ordenada rigorosa sindicancia aos meus actos oficiaes e um inquerito á minha vida particular.

Durante mais de 2 meses procedeu o sindicante á investigação da verdade, para o que recebeu longas e repetidas queixas dos denunciantes e percorreu varias comarcas do paiz, examinou processos e documentos e inquiriu 85 testemunhas, grande parte das quaes oferecidas em 6 rois diferentes, apresentados á medida que se iam realisando os depoimentos, seguidos sempre de perto pelos interessados na acusação.

Sem que eu fôsse ouvido ou deduzisse qualquer defesa, constatou o sindicante e julgou o Conselho Superior, por unanimidade, que eu procedi sempre correctamente no desempenho das minhas funções e que todas as queixas eram infundadas e as consideravam falsas, pelo que mandaram arquivar o processo.

O mesmo Conselho apreciou ainda as elogiosas referencias feitas pelo sindicante aos magistrados da camara de S. Pedro do Sul e ordenou que se procedesse criminalmente contra os responsaveis pela acusação e pelas afimações que, em face do processo, se mostraram contrarias á verdade.

**Cesar A. Santos**

*Procurador da Republica de Lisboa*

## As brôas do Central

Andam todos no Central,
De contentes, aos pinotes:
Ha risadas de cristal,
Ha encantos, ha decotes,
Tudo em honra do Natal!

Todo aquêle que se afoite...
E para entrar no Salão
O seu bilhete abiscoite,
Merece, alem da função,
Ter perú á meia noite.

Belos «films» de aventuras,
Outros cómicos, de riso,
Em tremendas diabruras;
Está-se ali no Paraiso...
A's claras... ou ás escuras.

Acabaram as poupanças:
Lá não faltam, noite e dia,
Mulher's, homens e creanças;
Ninguem pensa que alegria!
Nas propostas de finanças.

E o Central, em seu afan,
Todo audaz e todo ancho,
Dá as brôas amanhã...
... Ou seja *O terror do Rancho*
Que exibe no seu écran!

*Za-la-Mort*

## Movimento Associativo

**Grupo Dramatico Lisbonense.**— A direcção d'esta colectividade realisa depois d'amanhã na sua séde, pelas 13 horas, uma sessão solene para inauguração do retrato do falecido sonsocio Raul Pinheiro, seguida de manifestação funebre á sua campa, no cemiterio dos Prazeres.

## O grande concerto Blanch de domingo

Não fica vago um logar no belo concerto da «Orquestra Sinfonica Portugueza», dirigida pelo maestro Pedro Blanch, que se realisa depois de amanhã, domingo, no teatro São Luiz, e que está despertando o maior entusiasmo. Executa-se em 1.ª audição a famosa maravilha musical «Capricio espagnol», que imortalisou o grande compositor russo Ryneski Korsekiff. Damos a seguir o programa completo: 1.ª parte — I — *Oberon*, ouverture, Weber; II—*Capricio espagnol* (*1.ª audição*) Rymski- Korsaeff: a) Alvorada; b) Variazioni; c) Alvorada; d) Scena e canto gitano; e) Fandango asturiano. Todos estes numeros são executados sem interupção.

2.ª parte—III—13.ª sinfonia em sol menor, Haydn: a) Adagio-Alegro; b) Largo; c) Menuetti; d) Alegro con spirito.

3.ª parte — IV — Menuetti; Balzoni; V *Rienzi*, ouverture, Wagner.

## Ecos & Noticias

### FALECIMENTOS

Foi muito concorrido o funeral, que hoje se realisou, do sr. José Francisco Bastos, decano dos cambistas, que deixou em todos que o conheciam as mais saudosas recordações. Era mais conhecido pelo Bastos cambista, por ter sido durante muitos anos estabelecido com casa de cambios na rua da Alfandega. Era pae do sr. Antonio Bastos, chefe da firma comercial A. Basto, Ld.ª.

Sobre o feretro foram depostas coroas e ramos de flores com sentidas dedicatorias. Os restos mortaes foram encerrados numa rica urna e transportados num coche. No cemiterio organisaram-se varios turnos.

## A primeira feira de Lisboa

A reunião que estava marcada para hoje, na rua do Carmo, 90, 2.º, ás 21 horas, fica transferida para a proxima segunda feira, no mesmo local e á mesma hora, com a mesma ordem de trabalhos.

# ULTIMA HORA

### ACÇÃO DISSOLVENTE

## Foi preso em Lisboa o assassino do governador da provincia de Valencia

### O criminoso, que está entregue á policia de Segurança do Estado, deve ser enviado ás auctoridades hespanholas

O major sr. Marreiros, director da policia de Segurança do Estado, recebeu em 10 do corrente uma comunicação urgente de que devia chegar em breves dias a Lisboa un bolchevista perigosissimo, de nome Angel Pestana, de nacionalidade hespanhola, que procedia da Russia e era nem mais nem menos que o representante de Lenine na Europa.

Angel viajava com passaporte falso passado no consulado de Hespanha em Berlim em 23 de Setembro ultimo, em nome de Antonio Lulla Bollero.

O enviado de Lenine, tendo saido da Russia, destinava-se a Genova, donde seguiria para Portugal afim de efectuar varias «démarches» com elementos avançados, conhecidos bolchevistas e grupos secretos existentes tambem no nosso paiz, pretendendo-se assim reviver o fracasso do movimento geral anunciado ha mezes.

Não ignoravam as chancelarias, e «A Capital» se referiu até ao facto do governo japonez ter informado todos os governos aliados de que emissarios de Lenine tinham saido da Russia com a missão de alimentarem em todas as nações a idéa de um movimento mundial de solidariedade com o governo dos «soviets».

As autoridades portuguezas receberam então como é natural todas as informações e esclarecimentos, o que obrigou a policia de Seguraça do Estado a movimentar-se e a fazer abortar todos os preparativos da anunciada greve geral que devia rebentar egualmente nos outros paizes. Perseguidos e presos esses emissarios de Lenine pelas policias das varias nações, o movimento não teve a gravidade que se esperava, resumindo-se a alterações da ordem em Hespanha, muito principalmente em Barcelona e Valencia, focos de elementos considerados perigosos á sociedade.

Pretendia-se, ao que parece, fazer reviver novamente os manejos russos e d'ahi o motivo de pedido de captura de Angel Pestana, considerado como agitador inteligentissimo, homem culto e de grande ilustração.

O director da policia de Segurança do Estado, major sr. Marreiros, imediatamente encarregou um dos mais habeis agentes de descobrir o paradeiro da pessoa indicada, começando então a ser vigiado um espanhol, recentemente chegado de Barcelona, que dizia chamar-se Luiz C. Gomez e que andava fazendo propaganda dissolvente.

O Gomes, conforme ante-hontem referiram todos os jornaes, acompanhava com elementos de algumas associações de exaltados entre os quaes manifestava as suas ideias de exterminio. Gomez foi instalar-se na séde da C. G. T., onde a policia averiguou que ele dormia, mostrando-se sempre miseravelmente vestido, afirmando que sacrificara toda a sua fortuna pelo ideal que abraçou, o que não o impediu de ir fotografar-se como um verdadeiro «gentleman» aos grandes Armazens do Chiado, sendo-lhe depois apreendidas inumeras dessas fotografias.

O suspeito hespanhol foi ante-hontem preso na calçada do Combro á saida do antigo edificio do correio geral, e os jornaes referiram-se ás peripecias que depois se sucederam, pois o preso fugiu, sendo mais tarde encontrado no largo do Conde Barão onde de novo foi detido, deixando nas mãos do agente o casaco que trazia vestido, indo refugiar-se no consulado de Espanha, onde foi capturado de vez recolhendo incomunicavel a uma esquadra.

Pelas diligencias a que a policia de Segurança do Estado depois procedeu, veiu a apurar que não se trata do tal Angel Pestana, enviado de Lenine, mas sim de um sindicalista militante dos mais perigosos, agente de ligações entre bolchevistas hespanhoes e portuguezes.

Foi ele que com outros assassinou ha cerca de dois mezes, o governador geral da provincia hespanhola de Valencia, quando dos sucessos frequentes que ali se deram o que eram o inicio do anunciado e fracassado movimento bolchevista em varios paizes.

Andou o assassino a montes, mas agora preso vae ser entregue as autoridades do paiz vizinho por intermedio do consul de Hespanha em Lisboa.

Gomes, apesar de não passar de um miseravel, é um rapaz finissimo, muito vivo e inteligente, tendo um porte distinto.

Havia já conseguido arranjar no consulado de Hespanha os necessarios documentos para seguir viagem, sendo-lhe apreendido esses documentos na policia e apensos ao processo que é volumoso.

O major sr. Marreiros, logo que terminou as investigações, entender-se-ha com o sr. consul de Espanha afim de se combinar sob o destino a dar ao assassino. No processo figuram provas esmagadoras e provas irrefutaveis contra o preso, o qual ainda hoje voltou a ser largamente interrogado.

Quanto ao enviado de Lenine, o hespanhol Angel Pestana, o director da policia de Segurança do Estado recebeu hoje comunicação de que fôra preso em Barcelona quando desembarcava do vapor «Barcelo», procedente de Genova.

Angel viajava em companhia de outros bolchevistas: Herrero, Menendez e Peixacha, os quaes foram tambem presos.

## Carteirista que se evade ao ser conduzido á fronteira

Ha dias foram presos, no Terreiro do Paço, pelo agente Pereira dos Santos, dois terriveis carteiristas espanhoes, um dos quaes, Manuel Rodriguez Gomez, foi entregue ao governo para ser expulso de Portugal, tendo, dado entrada na cadeia do Limoeiro, onde ficou.

Hontem, recebeu instruções para preparar as suas coisas, pois que á noite seguiria viagem até á fronteira. Mandou avisar a amante, a qual resolveu acompanhal-o até ao Entroncamento.

O Gomes embarcou no comboio da noite, na estação do Rocio, em companhia da amante e do guarda 1667, que fora encarregado de o vigiar.

O comboio parou na estação da Azambuja e ali o gatuno teve a habilidade de se evadir.

O 1667, vendo que não havia meio de o apanhar, ficou durante a noite n'aquela estação, dando voz de prisão á amante do espanhol, acusando-a de cumplice na fuga.

O guarda apresentou-se hoje no governo civil onde contou o que sucedera e entregou a mulher, tendo sido as suas declarações reduzidas a auto pelo agente Maia.

## Noticias da Capital

**Caido na via publica.**—Um individuo cuja identidade se ignora e que aparenta ter 60 anos, foi encontrado caido na rua 24 de julho. Sendo conduzido para o hospital de S. José quando ali chegou era cadaver, motivo por que foi removido para a morgue.

## Alarme injustificado

Esta tarde ouviram-se na cidade grandes estampidos, que alarmaram a população. O caso não teve importancia, pois apenas se tratava do lançamento duns morteiros de uma obra em construção na rua do Ouro, em que foi levantado o costumado pau de fileira.

## Escola da Arte de Representar

Realisou-se nesta escola, no dia 21, um interessante concurso em que tomaram parte os alunos do 1.º ano, constando da recitação do dificil soneto de João de Deus, a «Vida». Todos os alunos se houveram com a maxima correcção, tendo sido adjudicado o premio ao artista—discipulo Carlos de Sousa.

## Universidade Livre

A quarta conferencia sobre direito penal, realisa-se depois de amanhã, pelas 21 horas, na séde da Universidade Livre, á praça Luiz de Camões.

E' conferente o sr. dr. Carneiro de Moura, que estudará as leis da criminalidade e aplicação das penas. Causas e modificações do crime.

A entrada é publica, sendo a conferencia acompanhada de projecções luminosas.

## Comboio assaltado

Foi assaltado um comboio de mercadorias ao passar no tunel de Xabregas. Desapareceram 4 sacas com feijão, ignorando-se quem foram os autores da proeza.

## O caso Bourbon e Menezes

No gabinete do chefe Nazareth, no governo civil, continua preso o jornalista sr. Bourbon e Menezes, acusado de ter publicado no jornal de que é director um documento diplomatico confidencial, que constitue segredo do Estado e que segundo a nota do sr. director da policia de investigação enviado ao jornaes foi subtraido do Ministerio dos Estrangeiros.

O sr. Bourbon e Menezes foi de noite ouvido pelo sr. dr. Reis Junior e ainda pelo chefe sr. Sequeira, da 3.ª secção de investigação, que lavrou auto de declarações na presença dos agentes Henrique de Figueiredo e Antonio Augusto.

O sr. Bourbon e Menezes recebeu durante o dia muitas visitas e entre elas a do sr. dr. Bernardino Machado. O director da policia de investigação mandou hoje passar buscas á residencia do preso e á redacção do jornal de que é director afim de verificar da existencia de quaesquer novos documentos, não tendo dado resultado as diligencias.

O sr. dr. Reis Junior que tencionava passar as ferias de Natal com sua familia em Santarem, teve de adiar a sua partida para aquela cidade afim de abreviar o processo.

O preso, ao que nos informou o director da policia de Segurança do Estado, será depois entregue para investigação áquela policia.

## Poeira da Arcada

**Propostas de finanças**

O sr. ministro das finanças vae depois de amanhã a Evora, realisar no teatro Garcia de Rezende, uma conferencia de propaganda das suas propostas fiscaes. O sr. Cunha Leal regressa na segunda feira.

**Recondução**

O tenente coronel de engenharia sr. Garcez Teixeira, foi reconduzido como delegado do ministerio da instrução, junto da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo.

**A questão das aguas**

Realisou-se hoje uma demorada conferencia entre o sr. ministro do comercio e os srs. Carlos Pereira, director da Companhia das Aguas, e Anibal Lucio de Azevedo, presidente da comissão encarregada de estudar o problema do fornecimento da agua á capital.

**Legislação do ensino primario**

Foi transferida para a proxima segunda feira, ás 20 horas, a reunião que devia efectuar-se depois de amanhã, pelas 13 horas, da comissão encarregada de rever a legislação do ensino primario.

**Ministro da instrução**

O sr. ministro da instrução demora-se no Porto até ao ano bom.

## MUSICA

**Concertos no Politeama**—Deve distinguir-se para os bons amadores de musica o programa do concerto que depois damanhã se efectua no Politeama. Propõe-se a magnifica orquestra organisada e dirigida pelo ilustre maestro Fão executar obras primas escolhidas, entre as quaes avultam «Os murmurios da floresta», de Siegfried, de Wagner; a «Sinfonia fantastica», de Berlioz; «Tasso», lamento e triunfo, de Lizt e o «Esboço sinfonico», de Freitas Branco. Qualquer delas assinalaria uma festa darte; todas, representam um estremado esforço para a satisfação completa dos habituaes frequentadores do Politeama. Mais ainda uma 1.ª audição, em Portugal, o programa anuncia: a do «Carnaval Norueguez, de Svevdren, um talentoso compositor desconhecido entre nós e que os mais reputados criticos mundiaes colocam a par de Grieg. Esta peça é soberba, tem o atrativo da novidade, não devendo, por isso, deixar de ser ouvida pelos grandes amadores.

# A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3736 — 11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Domingo, 26 de Dezembro de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de Impressão — 71, Rua da Bica, 71 — Preço, 5 centavos


*CROQUIS DE VIAGEM*

## NA BOA PAZ

**XXXIX**—*48 horas em Napoles e... chega*

Ao fim de uma hora de viagem os olhos cançam-se de não verem nada interessante. Num «directissimo» apinhadissimo e porquissimo sigo, manhã cedo, para Napoles; procuro a paisagem e não vejo senão grandes plantações de terra escura e pedras, passados os ultimos rebentos da campina viçejante dos arredores de Roma.

Os companheiros de viagem tambem não são de paisagem agradavel, tanto mais que ao canto do meio compartimento onde vou, está dormindo estiraçado, de janela fechada e cortinas corridas, um digno empregado dos caminhos de ferro; não quer saber dos mais e parece que está bem instalado porque resona rasoavelmente.

De forma que foi uma aborrecidissima viagem de quatro horas; para mais não ha forma de acertar com o Vesuvio. Deito a cabeça de fora, espreito e sempre que vejo um monte de maior edade digo para os meus botões a ensiná-los: ali teem o Vesuvio. Mas iso sim, não ha forma de ver o proprio.

⁂

A' uma da tarde chegamos a Napoles, a uma estação bastante indecorosa, em grandes obras, que nos deita, é claro, na competente praça de Garibaldi, e aqui temos o nosso general logo de entrada a fazer as honras da casa. No largo uma multidão de carrimpanas a tres cavalos, especie de diligencias portuguezas, com os nomes dos hoteis. O assalto desta gente é formidavel; arrancam-nos as malas, em grita, em confusão, e o certo é que estou ensandwichado entre um inglez com cara de banqueiro e uma creatura gorda, homem ou mulher, não sei bem, visto que tem saias mas usa bigodo, e metido numa «vettura» do «Hotel Londres», que se põe em marcha com os meus poucos ossos para destino desconhecido. Da «piazza Garibaldi», vejo eu atravez as escotilhas, metemos a uma longa rua em frente e andamos, andamos, aos tombos sobre o lagedo largo e improprio, sujo e pulsado pelos carris dos electricos. A fisionomia da cidade é banal; não tem expressão: casas vulgares como as da rua do Ouro ou Chiado, estabelecimentos pequenos, muita gente parda, reclames sem grandiosidade, animatografos manhosos, carros electricos deselegantes, velhos e carregadinhos como em toda a parte, trens de rodas de pau, tambem de respeitavel idade.

—Olha; aqui é a piazza della Borsa. Tem uma fonte com muitas figuras em pedra, mas que no todo lembra um paliteiro artistico. Estamos no Corso Umberto I, e passo sem interesse por edificações maiores, uma delas a Universidade; o hotel aparece por fim, á esquina duma grande praça, tendo o Vesuvio mesmo em frente do quarto. Fico satisfeitissimo; é ele mesmo a deitar fumo natural, lentamente, muito densamente, fumarada que depois se amontoa e enovela, formando uma nuvem que vae alastrando pouco a pouco. O que ainda não vejo é o mar; por isso logo que assento na «Camara», saio para bordo duma tipoia que me vae levar a ver o pôr do sol em «Possilipe», uma das maravilhas do Alcorão do Amor no Capitulo consagrado ás viagens em Italia.

Atravesso para isso, uma arteria chic, em curva, onde vim encontrar a infalivel galeria envidraçada «Galleria Umberto I» e logo em seguida a vistosa «piazza Plebiscito», com um enorme templo ao fundo, duas braçadas de galeria em colunadas e dois generaes a cavalo a comandar as referidas colunas. Do outro lado um palacio, ornado de estatuas, mas sem imponencia, nem magestade; rua ingreme, mal tratada e estamos em frente ao porto comercial de Napoles e tambem em frente ao Vesuvio que não ha forma de terminar com aquela cachimbada impliçativa e sonolenta. A «Stazione Maritima», com muitos caes abordaveis, muitos vapores, grandes e pequenos, o que me certifica o trafego comercial do porto; a metralha toda, guindastes, derickes, entrepostos; paquetes e barquinhos.

Seguindo por terrenos conquistados ao mar e que se estendem em frente aos grandes hoteis, as belas construções que olham para a bahia, passando em «St.ª Lucia,» um porto reles para barcos de recreio, hiates, estou na via «Partenope» em pouco tempo. Para aqui, Napoles tem outro encanto; é de ara mais lavada, e este passeio que um muro separa da agua do mar, disfrutando toda a curva da costa, uma ponta que se estende pelo mar, sempre cheia de casas, de chalets, de hoteis, entrecortada de verdura, e prolongada no mar pela «Ischia,» é surpreendente e muito capaz de nos obrigar a fazer as pazes com os «lazzaroni.» O «castello dell'Ovo», especie assim de S. Julião da Barra, paredão amarelado onde ha um casino e cinema em cima das recordações historicas, fica já para traz, e passamos hoteis, sempre hoteis, magnificos e ricos... pelo lado da frente, a olhar a maravilhosa bahia.

Um jardim publico, a «Villa Comunale», defendido nos extremos por gigantes de pedra, nús, figuras mitologicas em «tailleur» folha de parra.

Napoles levemente em anfiteatro é bela agora; e, após isto tudo, me lembra constantemente Lisboa, a linda vista do Tejo e com um lenço no nariz, Napoles tem a mesma beleza; a panoramica, a dos arredores, o beijo do mar, e ao mesmo tempo a incuria dos municipes e o perfume das sargetas. Avança a «vettura» incomoda por um passeio elegante onde cruzo com equipagens e em breve, meia hora de trote curto, estou em Posillipo, o caminho que segue sempre á beira da agua, pela peninsula fronteira ao Vesuvio. Napoles desfruta-se agora de frente e do alto, e tudo é lindo; as vilas da gente rica começam a aparecer, a casa de Garibaldi, o tumulo de Virgilio, até ao topo, ao extremo avançado, onde se apanhá um golpe de vista soberbo, as duas curvas, a que vae para o norte, com o pequeno Vesuvio, as povoações do litoral, em frente ás primeiras fundações das cidades da antiguidade, e Ischia como uma silhueta capriehosa que o sol realça no seu ultimo adeus do ocaso; a outra, a larga bacia de Napoles agora toda abrangida, com «Capri,» e o rosario de pequenas terras fronteiriças, Castellamare... e outros.

Para descançar a vista... um restaurant ao ar livre, toques de violino e pedinchice de esmolas.

E' um lindo passeio. E o tagarela cocheiro já se apresta para uma passeata á Gruta do Cão, ás sulfatosas proximas, ás mil maravilhas que ele sabe e mostra, tudo por 50 liras...

Voltamos para traz quando a tarde cae, e as luzes da cidade vem de começar a brilhar. Scenario feerico de natureza. Só por isto valeu a viagem até estes confins. Porque de resto, a vida aqui é a mesma de Roma, sem a civilisação duma capital.

O «Museu Nacional» vê-se de relance, embora mereça pela quantidade de valores que contém uma demorada visita. Pompeia está mais flagrante aqui que nas suas frias ruinas. A' vista de «S. Martinho», um outeiro sobre a cidade, é digna da trepaderia; umas horas na Galeria Umberto, em cruz, mais pequena do que as anteriores, mas sempre interessante, não se passam mal; mas mais nada; a «piazza Dante», com o grande poeta na sua bata branca de... laboratorio em frente ao colegio militar não se destaca muito das restantes ruas, estreitas, sujas, mal limpas, mal calcetadas, sem uma nota de interesse onde a vista ou o espirito se prendam; as mulheres que passam são as napolitanas do «Printemps» aos domicilios; as do povo vendem doces, coisas exquisitas em taboleiros com gazometros de acetilene. Cinemas varios, com uma fita só toda a noite, enchendo e despejando gente sem parar, tumultuosamente, infernalmente. No «Santa Brigida», onde caí em ir, até me iam ficando lá com um braço não sei para quê, tal a furia de entrar; e que descomposturas, e que rozario de interjeições destes «signores» e «signorinas»!

Ha ainda a Catedral, com seus ares de importancia numa rua escusa, peito do Corso. Fui, ao cheiro «di un miracolo» do sangue «del San Gennaro» que desde 1615 se liquefaz na ampola onde está fechado, duas vezes por ano, em maio e setembro, o assombro de todos que os napolitanos chamam: «venite a vedere»! E' uma das maravilhas de Napoles, como as canções... que não se ouvem senão nas revistas e operetas; e o Vesuvio. Pois é claro que fui ver. Mas o que é certo é que o sacristão que me mostrou a ampola, nem com a promessa de 20 liras foi capaz de me dar uma amostra do milagre... estando eu ali sosinho e não dizendo nada a ninguem.

Ora sem ver o milagre, sem ouvir canções, só me restava o «Vesuvio».

E para lá me dirigi, confesso que um pouco comovido porque desde pequeno não gosto de brincadeiras com... armas de fogo.

**Armando Ferreira.**

**Amanhã**—*O Vesuvio e o ultimo dia em Pompeia.*

## Ordem publica

Foram presos e entregues á policia de Segurança do Estado: José Maria Cortinhas, comerciante, da rua de S. Cyro, 23 e Silverio Pinho, carpinteiro da mesma rua, 25, que foram encontrados com uma carabina de guerra e grande quantidade de cartuxame, cuja proveniencia se recusaram a declarar.

Tambem foi detido Antonio Rodrigues, funcionario publico, da calçada de Sant'Ana, 114, 2.º, que com mais quatro que se evadiram estava na praça de D. Pedro fazendo propaganda contra o actual regimen.



## O racionamento de generos

Depois de varias conferencias havidas entre a direcção da Federação nacional das cooperativas e o sr. Comissario dos Abastecimentos respeitante á forma de serem abastecidas as Cooperativas dos generos que o Governo entendeu racionar, ficou assente o seguinte:

**Açucar para as provincias.** —Será enviado por intermedio das Camaras Municipaes, ordenando estas que as Cooperativas sejam preferidas na distribuição, devendo portanto as Cooperativas apresentar ás referidas Camaras uma relação com o n.º de socios que cada uma possue acompanhada do n.º de pessoas de familia, pertencendo a cada pessoa 500 grs. por mês.

No caso das Camaras Municipaes não cumprirem as ordens do sr. Comissario, as Cooperativas deverão reclamar imediatamente á Federação, afim dela exigir d'aquela autoridade o cumprimento da sua determinação.

Nos concelhos onde haja cooperativas, e cujas Camaras Municipaes não tenham recebido assucar, será ele fornecido por intermedio da Federação, devendo neste caso, as cooperativas enviarem-lhe o numero de socios e pessoas de suas familias.

As cooperativas cujo assucar lhes seja fornecido pelas Camaras Municipaes, deverão indicar á Federação a forma como desejam que lhes seja enviado o dinheiro que está em poder da mesma, e as que o requisitarem, em virtude das Camaras não o terem recebido, continuará o dinheiro em poder da Federação para ser enviado o assucar que requisitarem.

**Para as Cooperativas de Lisboa:** —As cooperativas deverão apresentar, a partir de 23 do corrente, na séde da Federação, uma relação com o n.º de socios que possue cada uma, afim da Federação requisitar ao Comissario dos Abastecimentos as respectivas cadernetas de racionamento que serão entregues ás cooperativas. As direcções destas entregarão as cadernetas aos seus socios, mediante apresentação do recibo de renda da casa do mez de novembro, e da declaração do numero de pessoas que cada socio possue. Os recibos serão por sua vez entregues na Federação, acompanhados das cadernetas de consumo que não tenham sido distribuidas, que os enviará ao Comissariado dos Abastecimentos, afim de serem os recibos carimbados e entregues novamente.

### A moda

*A moda nas mulheres obedece sempre —e quase nunca o parece—a uma logica preciosa. Julgavam-na talvez um produto exclusivo da fantazia da Jenny, da Paquin, da Doucet? Engano. Simplesmente a logica feminina diverge por completo da logica masculina. São antagonicas. São irredutiveis. São profundamente inimigas. Uma fez-se para combater a outra e é interessante notar que uma delas—a logica masculina —foi feita precisamente para ficar derrotada. Porque é mais fraca? Não. Porque é mais forte. O triunfo da logica feminina reside na sua propria fragilidade. Quando uma mulher se despe—deixem falar os platonicos — é porque o homem gosta de que a mulher se dispa. Não somos nós que o sentimos e muito menos que o diremos: são elas que adivinham. E' o seu instinto que lho revela. E' a sua logica que lho diz. Se a ultima moda amanhã mandar vestir as mulheres, estejam certos, meus amigos, que os homens já estavam fartos de as ver andar despidas.*

**Luis d'Oliveira Guimarães.**

## O caso Bourbon e Menezes

Ainda proseguem as diligencias por parte do director da policia de investigação, sr. dr. Reis Junior, afim de se apurar a forma como do Ministerio dos Estrangeiros saiu o duplicado d'aquele relatorio diplomatico e confidencial que foi publicado ha dias n'um jornal da noite, conforme é do dominio publico.

O director do referido jornal sr. Bourbon e Menezes que continua preso n'um dos quartos particulares do governo civil, recebeu hontem e hoje inumeras visitas de amigos e colegas.

O sr. dr. Reis Junior está na disposição de abreviar quanto possivel o processo, e evitar que as diligencias se prolonguem até aos 8 dias.

## Comissario dos Abastecimentos

A projectada manifestação de simpatia ao capitão tenente sr. Peres Trancoso, Comissario dos Abastecimentos, que estava anunciada para hoje ás 14 horas, não se efectuou em virtude d'aquele funcionario desejar que a mesma não fosse levada a efeito.



**UM FILM MAIS?...**

## Os crimes de Serrazes

**Vão ser processadas criminalmente oitenta e cinco testemunhas!**

O sr. Cesar dos Santos publicou ha dias uma carta na imprensa que a precipitação deixou sem o devido reparo e o justo comentario. Enganou-se, porém, redondamente quando pensou que essa epistola tinha tanto de esmagador ou de fulminante que não viesse a ser analisada em momento oportuno com o ridiculo que merecem as suas ameaças venenosas. Declara o sr. Cesar dos Santos—procurador da Republica de Lisboa não sabemos porque meritos ou qualidades —que a sindicancia feita aos seus actos relacionados com o julgamento do crime de Serrazes, lhe foi inteiramente favoravel. Não obstante as gravissimas acusações que pesavam sobre a sua conducta nesse tristissimo caso, o sr. Cesar dos Santos foi conservado naquele cargo, sendo ilibado de culpas que não são facilmente destructiveis. Mas a sindicancia assim o entendeu e não ousariamos mais discutir o facto se das palavras do sr. Cesar dos Santos não ressaltasse uma ameaça irrisoria para as oitenta e cinco testemunhas que, segundo a verdade ou, pelo menos, a sua consciencia, depuzeram no processo.

A verdade é que essas oitenta e cinco testemunhas, conforme afirma o sr. Cesar dos Santos, vão ser processadas criminalmente! Lê-se isto e não se acredita, tanto de vexatorio envolve para os tribunaes da Republica que evidentemente se não fizeram para que o sr. Cesar dos Santos os maneje á sua vontade e para distracção e regalo de certos elementos que por ahi já se andam a ufanar da ameaça, como fazendo parte de uma tenaz obra de perseguição e de odio que agora já procura envolver tudo e assaltar todos... Podemos afirmar que já hontem, nos cafés e nos centros mais frequentados, parentes muito chegados da casa Malafaia apontavam, com satisfação e orgulho, as pessoas que seriam processadas a pretexto da sindicancia ao sr. Cesar dos Santos.

Se tudo isto não fosse desolador para a Republica—sintoma sombrio dos tempos rancorosos que vão correndo, mercê de seitas e preponderancias inexplicaveis—seria digno de figurar n'uma farça de exito seguro.

Oitenta e cinco pessoas processadas criminalmente por causa... do sr. Cesar dos Santos! Pois não seria muito mais facil, muito mais exequivel e muito mais acertado ter deixado que ele fosse governar a vida para outro lado? Pelo menos seria de muito menos desdouro para a Republica.

## PELO TELEGRAFO

**A delegação brazileira na comissão de reparações**

PARIS, 26—De regresso de Genebra, chegaram aqui os srs. M. Rodrigo Octavio, presidente da delegação do Brazil á assembleia plenaria da Liga das Nações, dr. Gastão da Cunha, delegado, M. M. Alvaro da Cunha e Mendes de Almeida, secretarios.

Eram aguardados na gare pelos srs. M. F. de Castelo Branco Clark, encarregado de negocios do Brazil, M. M. Ouro, Preto, João Ruy Barbosa, barão de Nioac, M. Francisco Guimarães, coronel Andrade Neves e comandante Paula Guimarães, adidos á embaixada do Brazil, M. O. de Carvalho Azevedo, etc.—*(Americana)*

**A chegada ao Brazil da embaixada americana**

RIO DE JANEIRO, 25.—Entrou o «Florida» tendo a bordo M. Colby, secretario do Estado, e os membros da embaixada americana.—*(Americana).*

**Cotações**

SANTOS, 25.—Cotações do café: typo 4; 9.075 reis os dez quilos; typo 7, 7$975. Vendidas 16.000 sacas, ficando um stok de 3.027 221.—*(Americana).*

MADRID, 26 ás 0,30. — O numero de deputados ministeriais eleitos é de 180, faltando ainda alguns dados. O sr. Maura protesta por meio da imprensa contra as coações eleitorais, exercidas em prejuizo dos mauristas.

— Faleceu o sub-director da policia sr. Gulloh. — *(Havas.)*

ATENAS, 25. — Foi a instancias da familia real que o presidente do conselho, sr. Rhallys, desistiu da sua demissão. — *(Havas)*

ROMA, 25. — Parece que Gabriel d'Annunzio está enferme. — *(Havas)*

DRESDE, 25. — Constituiu-se o partido monarquico a fim de trabalhar a favor da restauração da familia real na Saxonia. — *(Havas.)*

LONDRES, 23, 12. — Cambio s/ Portugal.—6.—*(Havas)*

## Congresso telegrafo-postal

Realisa-se a primeira sessão amanhã, 27, pelas 10 horas, na sala «Algarve» da Sociedade de Geografia.



## O abastecimento de trigos

Não nos cansaremos de o repetir. O contrato de fornecimentos de trigo do ministerio A. Granjo era vantajosissimo para o Estado, além de assegurar de modo definitivo a alimentação principal de quasi toda a população.

Consistia esse contrato, nas suas linhas geraes, no seguinte:

1.º—Remessas mensaes regulares pelo preço dos mercados de origem acrescidos da comissão de 1,5 0/0, e com a fiscalisação tecnica oficial.

2.º—não se abririam creditos no estrangeiro; os pagamentos seriam feitos em Lisboa á chegada do trigo, pagando-se nessa ocasião, em ouro apenas um terço, e os dois terços restantes em bilhetes do tesouro, venciveis em seis mezes sem juro, e reformaveis por prasos sucessivos com juro».

Desta simples exposição resaltam imediatamente as inapreciaveis vantagens de inteira segurança da população no tocante á satisfação das suas necessidades de alimentação pelo que respeita ao pão, e a conquista do credito que era aberto com relação a dois terços de cada fornecimento.

O parlamento repudiou esse contrato sugestionado pela palavra de alguns dos seus membros e principalmente do sr. Cunha Leal que, sendo agora ministro das finanças, deveria negociar um contrato que oferecesse maiores vantagens que aquele.

Foi, portanto, com justificada anciedade que lemos o decreto que sobre o assunto publicou o *Diario do Governo* e que alguns jornaes reproduziram.

Esse decreto, publicado para satisfazer ás nossas instantes reclamações sobre a necessidade e o direito que o publico tem de conhecer as condições em que é comprado o pão, demonstra, em quem o elaborou, o desconhecimento do modo como decorrem os negocios sobre trigos.

Estes negocios são sempre feitos sobre navios que estão carregando no porto de origem ou já andam em transito. Não admitem, em geral, delongas superiores a 48 horas e as formalidades exigidas pelo decreto nunca permitirão fechar o negocio dentro daquele praso. Ou antes, nunca se poderá adquirir um carregamento de trigo senão no caso previsto no § 2.º do artigo 3.º, que diz o seguinte:

§ 2.º *Em caso de urgencia, o ministro da agricultura, ouvida a comissão a que se refere o artigo 1.º e o comissario-geral dos abastecimentos, procederá á aquisição de trigos ou farinhas exoticos conforme as circunstancias o determinarem.*

Se é isso que se pretende, não ha duvida que e esse objectivo assim alcançado, porque pelos outros artigos do decreto nunca cá chegará um grão de trigo. E senão vejamos. Pelo artigo 1.º subsiste uma comissão que reunia todos os sabados, quando não tinha que fazer e se entretinha a abrir propostas. Agora pelo decreto reunirá quinzenalmente, o que para receber e abrir propostas de negocios que teem de ser fechados em 48 horas, equivale a assentar antecipadamente em não realisar nenhum.

O § 3.º do artigo 3.º obriga os proponentes a depositarem, em dinheiro ou titulos, uma quantia *minima* de vinte mil escudos. Como ninguem sabe, quando trata com a entidade governo portuguez, e haja em vista o que sucedeu aos contratos do trigo e do carvão, a maneira como será interpretado o cumprimento das condições do contrato, podendo dar-se facilmente o caso de incorrer em qualquer intrepretação que importe a perda do deposito, todos os concorrentes incluirão, pelo sim, pelo não, a importancia do seu deposito no preço do trigo.

O artigo 4.º estabelece varias condições, algumas das quaes não poderão ser cumpridas, verbi gratia, a 2.ª relativa ao peso especifico que para os trigos da America do Norte não se póde indicar e a 6.ª relativa á descarga de 200 toneladas diarias, tornando-se quanto a esta precisa mais larga explanação.

Triste é confessal-o, mas é verdade, que o porto de Lisboa não tem condições para descarregar mais que 200 toneladas por dia. Ora todos os contratos com fornecedores estrangeiros de trigo estabelecem uma descarga de 500 toneladas diarias. E de duas uma: ou não a aceitam a clausula do artigo 4.º, ou, aceitando-a, sobrecarregarão o preço do trigo com a despeza a que dará origem a pobresa dos serviços do nosso porto. Póde-se calcular por baixo que para um vapor com 6000 toneladas o prejuizo será de 2700 libras e, como entram anualmente cerca de 33 vapores com trigo nosso porto, esse prejuizo atingirá anualmente a soma de 89 mil libras que, a 30 escudos a libra, representará um prejuizo de 2670 contos.

A clausula 6.ª tem todo o aspecto d'uma esperteza para não pagar sobre-estadia ou para pagar esta só quando a descarga fôr inferior a 200 toneladas diarias, mas evidentemente não surtirá efeito.

O artigo 5.º, dando preferencia ao pagamento em escudos, não só obriga os proponentes a acautelar-se sobrecarregando a mercadoria, mas ainda a especular com os cambios. Como pode alguem aceitar o pagamento em escudos, se ninguem está nos casos de firmar cambios?

Acêrca do artigo 6.º, estabelecendo quase consideradas as propostas de individuos ou sociedades colectadas como comerciantes, sem indicar a natureza do comercio d'aquelas personalidades, não se sabe o que pensar, porque, na realidade, que diferença faz para um negocio de trigos que o proponente não seja comerciante, ou tenha comercio... de chapeus, por exemplo?

Do exame rapido do decreto que ali fica, conclue-se que o sr. Cunha Leal não conseguiu dar ao paiz, em substituição do contrato que, em grande parte, por sua culpa, foi posto de lado, senão um decreto pastelão á sombra do qual não será possivel negociar nenhum fornecimento de trigo, a não ser nos termos do § 2.º do artigo 3.º, quer dizer, em caso de urgencia, negociado directamente pelo ministro da agricultura, e, portanto, por todo o preço e como quer que seja que apareça a negociar.

# DOIDOS, ELES!

## Continua o misterio

Alguns dias depois de eu regressar da Beira Alta, encontrei no meu escritorio nova carta misteriosa. Tinha-m'a enviado o Manuel, que a recebera do amigo de Lisboa, por intermedio dum homem do Porto. A carta, porém, fôra como a anterior, escrita áquele seu amigo.

Os termos dela eram estes:

«Pôrto, 9|4|199.

F... (oculto o nome do destinatario) — Como está de saude não verdade.

Olhe já ha dias devia ter recebido uma carta minha, eu julguei não lhe poder tornar a escrever mas felizmente ainda pude, mas peço para não mostrar esta carta a ninguem a não ser ao Manuel ao seu bom amigo.

Olhe peço para me responder a esta carta antes do dia 16 deste mez como já lhe disse julguei não poderlhe tornar a escrever mas felizmente ainda pude fazendo-lhe este pedido. Olhe como lhe mandei pedir se vinha ao Pôrto ver o Manuel fazendome grande favôr de me mandar dizer tudo o que sabe do que tem acontecido ao seu infeliz e bom amigo para o nome e morada que bai (sic) indicada. Peço-lhe pelo amor de Deus que guarde rigoroso (sic) segredo de eu lhe escrever, e na carta não me trate por Senhora e nem ponha o seu nome.

Faça de conta que eu sou sua irmã, pois se a carta levar desvio ninguem sabe para quem é. Se escrever ao Manuel diga-lhe que eu continuo aonde êle sabe que o não esqueço e que só terei alegria quando sober (sic) que ele está ao pé da mãezinha.

Agradeço-lhe tudo que fizer pelo seu amigo.

R............... n.º.......

M.......

(«Indicava-se na carta rua, numero e nome de sinataria, em grosseiras emendas feitas por sobrecarga, para inutilizar a indicação duma rua dum nome que anteriormente haviam sido escritos.»)

A caligrafia desta carta era semelhante é da carta antecedente perce bendo-se que o mesmo punho traçara as duas, mas a circunstancia de se mencionar desta vez o nome e a residencia duma pessoa na cidade do Pôrto, como que fazendo-se a indicação dum intermediario, começava a dar ao caso um ar de seriedade. Convinha saber que especie de pessoa era a indicada e que confiança podia ela inspirar.

O assunto era melindroso e tinha de ser tratado com toda a cautela. Não houve felizmente contrariedade alguma. Na casa apontada não existia ninguem com o nome que na carta se dizia, mas, depois duma conversa reflectida, sempre se conseguiu saber que tinha lá estado, algum tempo antes, uma criada com esse nome, a qual devia estar na terra, que era uma vila no concelho de Vizeu.

Possuidor deste elemento de pesquiza, tencionava eu ir ou mandar saber o que ele podia dar, quando, de subito, um telegrama urgente do Ex.mo Ministro da Marinha me chamou a Lisboa, para eu me incumbir da sindicancia a que se procedeu na corporação da Armada, por motivo da insurreição monarquica, acontecida pouco antes. Recebi o telegrama em 5 de maio. Parti imediatamente para a capital e, estando ainda lá em 16 do referente mez, fui surpreendido com a noticia, que do meu escritorio me enviavam, a dar conta de que nesse mesmo dia a sr.ª D. Maria Adelaide deveria ser sujeita, na «Morgue do Pôrto» a um exame medico-legal.

Fiquei contrariadissimo, porque, tendo-se combinado entre os advogados e o escrivão do processo-crime coutra o Manuel (unico processo que então corria) não se marcar serviço sem prévio aviso particular, me pareceu que houvera falta de lealdade para comigo (o que mais tarde averiguei não ter acontecido) e ainda porque do meu escritorio poderiam terme avisado na vespera, por meio dum telegrama urgente, que me haveria feito seguir imediatamente para o Porto, de modo a assistir ao exame. E, se eu tivesse assistido a ele, talvez a procuração estivesse outorgada desde esse dia. Mas a ocasião tinha passado; e tempo que passa não volta.

Comquanto o exame da sr.ª D. Maria Adelaide fosse requer do como uma formalidade do corpo de delito contra o Manuel, eu tinha o presentimento de que alguma coisa se tramava contra aquela senhora e, começando a inquietar-me com a situação dela, regressei ao Porto em 21 de maio, para pôr em ordem alguns serviços do meu escritorio e tratar em seguida, de descobrir a mulher que era apontada na ultima carta misteriosa.

Um acontecimento inesperado fêz, porém, mudar o rumo das minhas deliberações.

⁂

**NOTA.**—Na transcrição da carta hoje publicada, conservo parte da ortografia e da pontuação do original. Não estive com o trabalho de contar todas as virgulas nem de copiar letra a letra.

Disto fica prevenido o sr. dr. Cunha.

E a proposito, ocorre-me agora uma pergunta?

¿Porque sera, sr. dr. Cunha, que os cães entendem de virgulas?

Pode ser que a pergunta lhe cause estranheza, e por isso lhe vou explicar a razão dela. Li, ha muito, num poeta modernista—talvez em Antonio Nobre ou Eugenio de Castro—um verso como este:

Ao longe, os cães vão virgulando a anron.

e eu nunca pude perceber porque é que os cães andavam assim a virgular. Que eles são entendidos em pontuação, não ha duvida; di-lo Guerra Junqueiro na morte de D. João:

Os magros cães, Diogénes famintos
Andavam farejando a podridão,
E, com a cauda erguida para o ar,
Desenhavam dum modo singular
Estranhos pontos de interrogação.

¿Não lhe parece isto coisa de bruxaria?

Vou consultar uma bruxa que percebe de fluidos e magnetismos...

**Bernardo Lucas.**

# AS FESTAS DO NATAL

Decorreu com grande alegria o dia de hontem em Lisboa. A festa da familia foi solenisada em todas as casas desde a mais humilde até áquelas que a sorte bafejou, vendo-se tambem nas ruas grande animação e movimento. Os electricos andaram sempre repletos para o que bastante contribuiu a amenidade do dia, tendo tambem feito excelente negocio as pastelarias, leitarias e *restaurants.*

Inumeros bodos foram distribuidos em comemoração da festa da familia, tendo sido contemplados inumeros deshérdados da sorte. As juntas da freguezia de S. Mamede, Anjos, S. Cristovão e S. Lourenço, Mercês, Encarnação e Sacramento, distribuiram esmolas aos seus paroquianos mais necessitados o mesmo tendo feito as irmandades do Santissimo do Socorro, da Senhora da Saude e de S. Sebastião; junção dos amigos das creanças, Nucleo Sidonista da Pena e da freguezia da Encarnação; Em todos os azilos o Natal foi tambem solenizado tornando-se dignas de registro especial as festas realizadas no asilo d'Espie Miranda em Campolide, que esteve patente ao publico, sendo melhoradas as refeições dos asilados; asilo José Estevão Coelho de Magalhães, na rua do Sol ao Rato, onde se realisou uma sessão solene para distribuição do premio Ramel ás internadas; na Juventude Catolica onde houve recitação de poesias e bodo aos pequeninos necessitados, etc., etc.

Na assistencia infantil da freguezia de Santa Izabel, que mantem actualmente 24 educandas internas e sustenta uma cantina que fornece refeição aos alunos das escolas oficiaes 6, 9 e 72, realisou-se tambem a festa da familia organisada por uma comissão de senhoras, havendo recitação de poesias e arvore do Natal com brinquedos.

No salão da Associação Comercial dos Lojistas realisou uma sessão solene o grupo dos Amigos da Infancia, que distribuiu, a exemplo do que faz ha 13 anos, fatinhos e calçado a 60 creanças.

Usaram da palavra varios oradores tendo a interessante festa decorrido no meio da maior alegria.

No teatro Avenida realisou-se pelas 14, 30 a anunciada «matinée» a favor do asilo oficina Santo Antonio de Lisboa, com o brilhante concurso de alguns dos nossos mais ilustres artistas dramaticos e distinctos amadores do Club Estefania que representaram as interessantes comedias «Os quatro cantinhos», de Eduardo Schwalback e «A chavena de chá» de José Carlos dos Santos. As asiladas entoaram canções regionaes, trajando a rigor, tendo este numero arrancado aos espectadores, vivos aplausos.

No salão nobre do teatro Nacional realisou-se hontem pelas 14 horas com extraordinario brilhantismo, a destribuição a cêrca de 20.000 creanças, de brinquedos que pendiam de uma vistosa arvore do Natal. A festa que foi da iniciativa de «O Seculo» teve o condão de atrair ao largo de Camões e imediações uma enorme multidão que a policia continha a custo.

A destribuição foi feita por gente

meninas, tendo sido ainda destribuida ás creanças protegidas pela cantina escolar Marquez de Pombal, grande quantidade de brôas.

Tambem foi destribuido, nos escritorios d'aquele jornal, um bôdo a 2050 pobres, que constou de generos e dinheiro.

---

Em todos os hospitaes civis foram hontem distribuidos pelo respectivo director geral, brinquedos ás creanças hospitalisadas.

De noite, a exemplo dos anos anteriores realisaram-se bailes e recitas em varias sociedades de recreio. Os teatros e animatografos tiveram enchentes á cunha e como não ha memoria.

Os «restaurants» e leiterias estiveram abertas além da hora regulamentar segundo praxe de largos anos, não constando que as festas do Natal tivessem sido empanadas com qualquer ocorrencia desagradavel.

## A «matinée» de hoje no Ginasio Club

Realisou-se hoje no Gymnasio Club Portuguez uma *matinée* que esteve bastante concorrida, sendo distribuidos ás creanças varios brinquedos.

O baile esteve animado, terminando depois das 18 horas.

### Alves da Cunha

Decorreu no meio da maior animação, o almoço que hoje se efectuou no palco do teatro do Ginasio em homenagem ao actor gerente Alves da Cunha.

## Noticiario

**Entre nós**

Está despertando enorme sensação e entusiasmo a recita da reaparição de Eduardo Brazão, e em sua homenagem, que vae realisar-se, em breve, no Nacional, com a «reprise» d'«O Amigo Fritz».

Tanto para essa recita como para as seguintes, com a mesma peça, marcam-se, desde já, logares na bilheteira do Nacional.

—Quinta-feira é noite de permanente gargalhada no Ginasio: para que tal suceda basta saber-se que é a festa do impagavel Alegrim, com a graciosissima comedia «A Madrinha de Charley», que tem graça ás pilhas.

—O dia de Natal deu duas enchentes o Apolo com o maravilhoso «Burro em pé,» que hoje se repete, sem duvida com outra enchente. Prepara-se nova «matinée» para o Ano Bom, com milhares de brindes ás creanças e logares sem aumento de preços. Na quinta feira realisa-se um recita dedicada ao «costumier» Castelo Branco, publicando-se n'essa noite um numero colaborado por todos os escritores do teatro.

## Reclames

Triunfa todas as noites no Politeama, a delicada comedia «Coração cego» em que Aura Abranches logrou uma nova e notabilissima creação no dificil papel de Maria Luisa. O «Coração cégo» está p. sto em scena com o maior deslumbramento de scenario e guarda roupa, tem um enredo altamente moral e pode ser assim considerada a peça das familias, a mais propria para ser vista na época festiva que atravessamos.

O «Coração cego» repete-se hoje.

## Noticiario do Brazil

(*Do nosso correspondente Rogerio Pancada*)

**Companhia Cremilda d'Oliveira**

Entre as peças que esta companhia tem posto em scena no teatro Republica, o «Az» musicado foi, sem duvida, a que até agora teve as honras de despertar maior interesse no escasso publico que hoje frequenta os teatros do Rio.

O «Az», tal como foi agora aqui representado, deixa de ser comedia e não chega a ser opereta.

Para que possa ser anunciado assim falta-lhe quasi totalmente uma partitura.

As poucas notas atiradas para a scena nos finaes dos actos, fazem esfriar completamente a acção da peça.

O «Az», como heroe que é não admite meios termos. A vida ou a morte; comedia ou opereta.

Quanto a interpretação, foi de molde a deixar a melhor impressão nos habitués do teatro da Avenida Gomes Freire.

**Companhia Satanela-Amarante**

Reapareceu no Lirico esta companhia que brevemente nos dará a premiére da opereta, «Paris-Monte Carlo».

**Varias**

O emprezario José Loureiro já mandou marcar passagens para as companhias Aura Abranches e Esperanza Iris, que no proximo mez de março reaparecerão nesta cidade.

## Cinemas

Transcrevemos de *A Patria*:

**Os indios Coroados**

«Foi pelos fins de maio que nós, depois de uma travessia de dez dias, de Cuyabá, a cavalo, chegámos ás aldeias dos indios Coroados, a uma boa legua do ramo superior do rio S. Lourenço, num ponto que eles chamam «Quedjari».

Até ali, ha poucos anos, não seria facil a qualquer expedição acampar; os indios eram velhos conservadores da dinastia guerreira dos Coroados, tão celebres pelas lutas sangrentas que mantinham contra os brancos e mesmo contra as outras tribus do baixo S. Lourenço. Actualmente tudo está pacifico, tanto quanto haja um certo contacto com a inspectoria; pelo menos eles não atacam inopinadamente, mas ficam á espera de um incidente qualquer que provoque a luta. Para festejar a nossa aparição ali nos seus tugurios, os Coroados prepararam uma *juria*, festa de regosijo, e, no dia seguinte, assistiamos a essas trez horas de espetaculo selvagem e novo para nós, vindos das deliciosas capitaes onde se dansa o «fox-trot» e as boas musicas americanas. O contraste era chocante; a multidão de corpos nús besuntados de um vermelho de urucum, que as luzes do cair do sol ainda mais acentuavam, se alinhava e evoluia, em circulo, com cadencias de dansas absolutamente ignoradas de outros povos.

Os aparelhos estavam preparados e estacionámos fazendo correr o «film» cinematografico, pela primeira vez, naquele mundo tão novo para nós, como o fôra para Cabral em 1500. As dansas eram medidas pelos chocalhos feitos de «cabeça» contendo grãos ou pedrinhas das praias, produzindo um ruido, cada um, conforme o tamanho. Assim, com passos pesados, eles iam-se divertindo ao som de seus chocalhos levantando com seus movimentos uma poeira asfixiante.

Estavamos ali para ver coisas esquisitas. Uma certa confiança se estabeleceu logo entre os da tribu e nós, talvez uma ilusão necessaria para os que, como nós, não tinham outro meio senão ficar com eles.

As mulheres nos examinavam a pele branca, os botões da camisa, a corrente do relogio. Quanto aos aparelhos, olhavam-nos como misteriosas caixas que a eles bem apetecia quebrar para saberem o interior o que continha. As lentes eram como espelhos onde eles se riam ao ver a imagem deformada pela esfericidade dos vidros. Um grande cuidado fôra necessario, porque muita fita estragaram movendo eles a manivela da maquina a um ligeiro descuido nosso».

Foi assim que o grande sertanista Rondon, em uma de suas conferencias, fez a descrição dos indios Coroados.

—Brevemente será exibida no cinema «Odeon» desta cidade um film intitulado «O Homem Maravilhoso», editado quando da passagem recente pela America do Norte do famoso Georges Carpentier.

C.

## Vida Sportiva

### Urge criar uma entidade orientadora do sport nacional

A primeira reunião para a organisação de uma nova entidade orientadora do sport nacional, vae efectuar-se na proxima terça feira na redacção de «Os Sports», pelas 21 horas. Os sportmens convidados são: Prestes Salgueiro, Lelo Portela, Augusto Soares, dr. Salazar Carreira, Antonio Soares Junior, Antonio Ribeiro dos Reis, João Pinto de Almeida, Antonio Neves, Alexandre Correia Leal, João Formosinho Simões e A. de Campos Junior.

Tambem foram convidados a assistir representantes do jornal «Sport Lisboa» e revista «Foot-Ball».

### Club Naval de Lisboa

Convocada a assembléa geral deste Club a reunir em sessão extraordinaria, na sdée do Club, amanhã 27, pelas 12 horas, para discutir novas disposições estatuintes.



# ULTIMA HORA

## Fogo na Casa da Moeda

### Ardeu por completo o madeiramento da oficina de amoedação

Pelas 10 horas de hoje, declarou-se incendio na Casa da Moeda, destruindo quase por completo o madeiramento do telhado da referida oficina, não tendo o fogo passado aos restantes edificios; em virtude do rapido ataque feito pelo pessoal dos bombeiros.

Na oficina incendiada estavam instaladas as fornalhas, caldeiras, maquinas de recorte e branqueamento, atribuindo-se a origem do sinistro a faulha que tivesse ficado minando desde sexta-feira, ultimo dia que ali se trabalhou.

O edificio todo construido de alvenaria, ocupava uma area de 450 metros quadrados, e continha valores computados em mais de duzentos mil escudos.

Foi o guarda republicano n.º 212, da 6.ª companhia do 1.º batalhão que estava de sentinela á retaguarda do edificio, que deu pelo fogo e que estabeleceu o alarme, comunicando ao mesmo tempo o facto para o comandante do destacamento, sargento Valentim.

Para a central dos Bombeiros, foi tambem feito aviso de que o incendio era de importancia, pelo que, e ainda por se tratar de edificio do Estado, no local, compareceram inumeras viaturas, municipaes e dos voluntarios, bem como o pessoal competente.

Na cidade, logo que houve conhecimento do fogo correram os mais desencontrados boatos e cada qual contava o caso a seu modo.

O incendio, não obriga á paralisação dos serviços dependentes daquele estabelecimento.

O serviço de electricos, em S. Paulo, esteve paralisado até cerca das 13 horas. No local compareceu muito povo, que nada conseguiu vêr, em virtude do edificio incendiado não ter frentes para a rua. De prevenção, depois de concluido o rescaldo, ficaram dois bombeiros e quatro condutores.

Dos Paulistas saiu um piquete de 30 praças de infantaria da G. N. R. do comando d'um tenente, que esteve policiando o local, retirando após os bombeiros terem terminado os trabalhos.

O sr. Anibal Lucio de Azevedo, esteve depois no governo civil conferenciando com o director da policia de investigação sr. dr. Reis Junior, em virtude dos boatos que correram de que o fogo fora lançado. A policia vae proceder ás necessarias investigações tendo sido restituidos á liberdade os dois operarios que haviam sido detidos por suspeitos e contra os quaes nada se apurou, tendo o sr. Lucio de Azevedo declarado não suspeitar d'esses empregados que sendo dois dedicados republicanos, prestaram relevantes serviços durante a ultima greve.

A primeira preocupação dos bombeiros, foi cercar o edificio, conseguindo-se em pouco mais de meia hora, com seis agulhetas, circunscrever o incendio á oficina onde tivera inicio.

Todo o madeiramento embora, carbonisado, ficou no seu logar, o que deixa vêr, quão acertado foi o ataque e tambem a boa vontade e presteza dos bombeiros, tanto os voluntarios como municipaes.

A policia deteve para averiguações, o fogueiro, Joaquim Nunes da Silva e o torneiro Antonio da Silva, os que trabalhavam na oficina e que foram os ultimos a abandonál-a na sexta-feira.

O director da Casa da Moeda, sr. Anibal Lucio d'Azevedo, logo que teve conhecimento do ocorrido esteve no edificio, onde, em companhia do tesoureiro, sr. Leotte, e do sr. Silva Pereira, funcionario superior, e dos chefes de bombeiros e da policia, passou uma revista a todas as repartições encontrando tudo em ordem.

Assistindo aos trabalhos esteve o comandante dos bombeiros sr. Parente e o director da Companhia das Aguas sr. Carlos Pereira.

## Desvio de espolio

### Foi instaurado processo contra um titular que violou selos colocados pela justiça

*A Capital* noticiou, não ha muito tempo, ter-se suicidado com um tiro de revolver, no 2.º andar do predio onde se encontra instalado o café *Chave de Ouro* no Rocio, o sr. Camara Belmonte, proprietario de uns armazens de moveis na rua da Atalaia 185, 187 e 189. Por tal motivo foram os referidos armazens e escritorio devidamente selados pelo juiz de paz da freguezia das Mercês, sr. José Joaquim de Almeida, o qual recebeu hontem ordem do juiz da 4.ª vara para ali ir fazer o respectivo arrolamento.

Acompanhado do escrivão sr. Pereira da Costa e do oficial de diligencias sr. Belmiro da Conceição, apressou-se o sr. José Joaquim de Almeida a cumprir o mandato, mas qual não foi o seu espanto ao notar que os selos e as travessas de madeira que foram coladas nas portas tinham sido arrancadas.

Procedeu então o referido juiz de paz ás necessarias investigações, vindo a apurar pelos depoimentos de varias pessoas residentes na rua da Atalaia, que fora o sr. Visconde de Souza Prego que, acompanhado de um oficial do exercito e de um carpinteiro, retirara os selos e as travessas, tendo anteriormente entrado no estabelecimento pelas portas do saguão.

O referido tribunal levou dali alguns caixotes com tabaco e mobiliario sendo tudo transportado em dois «camions» para a sua casa na avenida Antonio Augusto de Aguiar.

Do facto foi levantado o competente auto devidamente testemunhado que vae ser enviado ao juiz da 4.a vara e respectivo delegado para procedimento judicial, visto tratar-se da violação de selos colocados pela justiça e desvio de espolio sem cumprimento das devidas formalidades.

## Natal amargurado

No largo dos Trigueiros, 5, res-do-chão, residem Adriano Ferreira e sua mulher, Ana de Jesus, que ali tem como hospede o trabalhador José Martins Soares.

Os tres estavam hontem jantando muito socegadamente, quando pela porta dentro lhes apareceram Joaquim Augusto, enteado do Adriano, o cabouqueiro José Marques e um outro individuo, cuja identidade se desconhece. Os tres que se encontravam muito embriagados, entraram a provocar os que estavam comendo, a que deu em resultado envolverem-se todos em desordem. Houve gritos de socorro e apitos, aparecendo então o guarda civico 1445 e um soldado de engenharia, os quaes tiveram de empregar a força para meter os discolos na ordem.

O Joaquim Augusto e o Marques, que sairam feridos na refrega, foram receber curativo ao banco do Hospital de S. José, recolhendo depois aos calabouços do Governo Civil. No referido banco foram tambem pensados os tres locatarios da referida casa, os quaes ficaram ligeiramente feridos na cabeça.

## Noticias da Capital

**Um falsificador.** — A um dos calabouços do governo civil recolheu Romulo José de Vasconcelos, da travessa da Nazaré, 20, que falsificou 4 recibos na importancia de 793$85, á firma Larangeiro, Agostinho, Limitada, da praça da Figueira, 30 2.º.

O Vasconcelo recebeu aquelas importancias que gastou em seu proveito, suspeitando ainda a referida firma que ele seja o autor do furto de produtos quimicos avaliado em 2.000 escudos, de que a firma em questão foi vitima.

**A serie diaria.** —Foram presos: Manuel Rodrigues Garrido, da Quinta do Padre, que na Metalurgica Portugal, da rua Moraes Soares, 166, furtou madeiras avaliadas em 600 escudos; José Duarte, da rua de D. Estefania, 115, que furtou objectos de ouro no valor de 1.000 escudos a Teofilo Duarte da rua dos Cordoeiros, 42, 2.º; João Pereira, da rua dos Cavaleiros, 52, 2.º, que andava pela praça de D. Pedro, metendo as mãos nas algibeiras dos transeuntes, sendo apanhado em flagrante quando furtava a carteira com dinheiro a José Ferreira Jacinto, da avenida Antonio Augusto de Aguiar, 74.

O guarda civico n.º 112, prendeu Manuel Augusto dos Santos, sem residencia certa, sobre quem recaiam suspeitas de ser o autor de um furto de joias no valôr de 2.000 escudos, de que foi vitima a vendedeira Maria da Conceição, do beco dos Surradores.

No acto da captura o referido guarda apreendeu ao preso varios objectos de ouro e a quantia de 771 escudos, cuja proveniencia o Santos não declarou.

—A' policia foram apresentadas as seguintes queixas: de Camilo Salvador, com oficina de tipografia na rua do Livramento, 70, a quem furtaram varios objectos avaliados em 278 escudos; de Constantino Picão Marinho, da rua dos Cavaleiros, 30, 1.º, acusando o seu companheiro de casa Armando da Silva, de lhe ter furtado a carteira com 200 escudos, desaparecendo em seguida; de Alfredo Durão, da Avenida Luiz Beivar, A. D, 1.º, a quem furtaram roupas no valor de 150 escudos.

**Um assalto.** —Pela rua Vieira da Silva, seguia a noite passada um holandez, quando n'um dado momento foi assaltado por dois meliantes que tentaram roubá-lo. O homem gritou por socorro, aparecendo varios populares que travaram luta com os assaltantes os quaes por fim foram presos e recolheram aos calabouços do governo civil.

São eles: José Miranda, da calçada de Santo Amaro, 79, e José Pereira Duarte, da rua do Colhariz, 9, á Ajuda.

Alguns dos populares que intervieram no caso ficaram ligeiramente feridos não carecendo no entanto de ser pensados, devendo-se á sua rapida intervenção não ter sido roubado o holandez.

**Maus figados...** —Na rua de S. Bento, tiveram hoje larga questão por um motivo futil Americo Dias da Cunha, da referida rua 300, 1.º e Manuel dos Santos, da Vila Maia, F.

N'um dado momento o Americo exaltou-se demasiadamente e empunhando uma pistola tentou agredir o antagonista o que não conseguiu por ter sido subjugado e desarmado. A pistola que lhe foi apreendida tinha 7 cargas.



## A provincia n'A CAPITAL

FARO, 24.—Queixam-se os passageiros que de Lisboa veem para o Algarve de passarem quase que uma noite em Beja.

—A camara deu 500 escudos para o seminario de Faro e outros 500 para serem distribuidos pelos pobres da cidade.

—Foi dissolvida a firma Bulhões Maldonado & Silva, sucedendo-lhe a firma Alfredo da Silva Limitada.—(*Havas*).

## Livros e Publicações

**A salvação de Portugal.** —O sr. Carlos A. Montalto de Jesus publicou em opusculo a conferencia que realisou na Sociedade de Geografia em 6 do corrente. Estudo consciencioso, apontando os males de que enformamos e os remedios a dar-lhes segundo o seu modo de vêr, bem merece ser lido e ponderado.

**Educação popular.** — Assim se intitula uma nova publicação editada pela cantina escolar Bernardino Machado, de Coimbra, que se apresenta bem redigida. Desejamos-lhe longa e prospera vida.

**A B C.** — O numero de Natal vem confirmar mais uma vez os creditos de que este magazine gosa. E', como costuma dizer-se, um numero em cheio, e que representa o melhor elogio que se lhe póde fazer.

## Parque Automovel Militar

### Material circulante

O Conselho Administrativo faz publico por esta forma que no dia 5 do mez de Janeiro de 1921, pelas 13 horas, se procederá na séde deste Parque em Belem á venda em hasta publica do seguinte material devidamente reparado.

| Material | Quant. |
|---|---|
| Carro Renault 12 H P—4 logares, carrosserie Sport | 1 |
| Carro Fiat 16—20 H P—landaulet | 1 |
| Carro Peugeot 24 H P—limousine de luxo | 1 |
| Chassi Fiat 20 H P—de correntes | 1 |
| Chassis Daimler 30 H P sem valvulas | 2 |
| Camions Fiat 18 B L—Para 3500 kilos | 6 |

As condições da venda estão patentes na Secretaria do Conselho Administrativo deste Parque em Belem todos os dias uteis das 12 ás 17 horas; os carros acham-se em exposição desde o dia 25 do corrente até ao dia 3 de janeiro p. f. na Garage da Rua Thomaz Ribeiro.

Quartel em Belem, 20 de Dezembro de 1920.

O Tesoureiro
*Antonio José Alvaro da Silva e Costa*
Tenente de Adm. M.ar

# A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3737 — 11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Segunda-feira, 27 de Dezembro de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de Impressão — 71, Rua da Bica, 71 — Preço, 5 centavos



## LUXO!

Hoje, numa pequena local do «Seculo», queixa-se «uma vitima do fisco» de que, habitando uma casa com oito pequenos compartimentos, e pela qual paga 45 escudos mensaes, acaba de ser colectada em 109 escudos de contribuição sumtuaria!

Não sabemos em que lei se estriba o fisco para exigir contribuição sumptuaria ao inquilino que paga 45 escudos mensaes, com a ameaça, que o mesmo correspondente do «Seculo» comunica, de que com a aprovação das celebres propostas do sr. Cunha Leal essa contribuição seria ainda aumentada. Mas o que desde já vemos é que o criterio que se está aplicando á cobrança das receitas do Estado é aquele que já se temia, isto é, o de sobrecarregar com pesados tributos os contribuintes pobres.

Lançar uma contribuição de 20 % sobre as rendas mais baratas da epoca actual, classificando de luxo o facto de se habitar numa casa com oito pequenos compartimentos, afigura-se-nos uma violencia intoleravel. Ninguem deve ignorar, nem governo, nem parlamento, nem repartições publicas, que hoje um simples quarto custa por mez 40 ou 50 escudos, que se paga por um esconso 15 e 20 escudos, e que se ha quem dê essas quantias é porque não póde dormir na rua, com sua familia, embora muitas vezes só com enormes sacrificios as pague.

E' isto que se chama luxo; é disto que se arranca uma contribuição sumtuaria de 20 %!

Resuscita-se por tal forma a antiga decima de renda de casas, que a Republica aboliu, e resuscita-se em condições alarmantes. Complica-se com a extorsão e afronta, porque é afrontar aqueles que passam privações, que já teem de fazer sacrificios superiores ás suas forças para contarem com um tecto, tributá-los como se fossem ricos, e quizessem viver na ostentação.

Por esta amostra já se vê o que será a aplicação dos projectos governamentaes. Ha de ser o povo, hão de ser os que vivem em condições afflitivas, ha de ser uma classe media que já se resvala na pobreza, que hão de pagar a maior parte dos 300.000 contos que o sr. Cunha Leal pretende arrancar á nação.

Evidentemente, todos devem pagar. Quem o duvida? Mas o peso da contribuição deve incidir sobre os que ganharem rios de dinheiro flagelando a sociedade portugueza com uma ganancia sem limites. Sacrificar os sacrificados é imoral, é barbaro, é revoltante. Podem os mais pobres dar alguma cousa para o Estado? Talvez. Mas nunca pagando 20 por cento sobre as suas despezas ja agravadissimas, e sendo tratados como ricos porque vivem em casas com meia duzia de compartimentos.

Nunca sairemos d'este sistema, que consiste em agravar os que menos recursos possuem. E agora é tanto mais irritante um sistema quanto ninguem ignora que o que antigamente tinha um preço modesto, se elevou agora a um preço esmagador. E' sobre esse esmagamento que o esmagamento tributario vem incidir.

Decididamente, parece que ha o empenho de levar a tal ponto a exacerbação do sofrimento social que ela venha a redundar no desespero!

### O riso

*O riso é incontestavelmente a melhor obra do homem. Não disse bem. Devia antes ter dito: o riso foi incontestavelmente a melhor obra do homem. A humanidade entristeceu. Já ninguem ri — porque ninguem sabe rir. A escola de Rabelais ou de Cervantes, de Lesage ou de Voltaire — não tem discipulos. A humanidade vestiu-se de escuro. Foi no guarda-roupa da nossa hiper-civilisação que ela encontrou o fato negro de Scaramuccia. A' antiga gargalhada, livre, franca, cristalina, á velha gargalhada portugueza dos abades e dos boemios que abalava as vidraças duma casa e se ouvia ainda nas ruas — sucedeu a casquinada seca; dura, irritante, um pedaço de chita que se rasga e cujo ranger se apagasse, como um murmurio, na brise-bise da primeira janela... Resta-nos o sorriso. Mas esse já Eça de Queiroz o definiu: «um desfranzir lento de labios que pelo esforço com que desfranzem parecem mortos ou de ferro». Decididamente um homem que não ri — é um homem que odeia; uma civilisação que não cultiva o riso, é uma civilisação que tem naturalmente de cultivar o odio.*

Luiz d'Oliveira Guimarães.

**Lêr amanhã na CAPITAL**

**NA BOA PAZ**

**XL. — O Vesuvio e o ultimo dia em Pompeia**

Croquis de viagem por

ARMANDO FERREIRA



## Porto de Lisboa
## e Caminhos de Ferro Portuguezes

### A C. P. aprova as bases para o projecto do contrato a negociar entre as duas partes

Afim de serem discutidas as bases do projecto do contrato a negociar entre a administração do porto de Lisboa, como compradora de terrenos e empreiteira de construção e a Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes, como vendedora desses terrenos e dona das obras a executar, realisou-se hoje, em segunda convocação, assembléa geral da C. P.

Por esse contrato, a administração da C. P. vende ao porto de Lisboa todos os terrenos disponiveis na 2.ª secção do posto entre o antigo caneiro de Alcantara e a Torre de Belem e situados ao sul da linha ferrea de Lisboa a Cascaes, com exclusão d'aqueles de que a companhia necessite para ampliação das suas instalações, sendo a respectiva area e limites fixados nos projectos a apresentar ao governo.

O preço a fixar para a venda desses terrenos será combinado entre as duas administrações, tendo em vista: o custo da construção das obras do Tejo executados pela C. P. com a compensação no valor venal dos terrenos; o valor actual do capital empregado para a referida construção, supostos os juros acumulados de 5 %; o valor actual do capital nominal emitido ao juro da emissão; o valor, no mercado, das obrigações correspondentes ao capital nominal emitido; a valorisação das obrigações no mercado, devida a uma amortisação rapida correspondente á venda do lote consideravel de terrenos que se deseja adquirir.

Por sua vez, a administração do porto de Lisboa construirá por sua conta os muros de caes e empedrados com todos os proizes, arganeus, escadas de serviço e mais accessorios na extensão da margem norte do Tejo, que no 1.º lanço da 3.ª secção do porto corresponde ao ante-projecto da ampliação da estação de Santa Apolonia. Esses muros, empedrados e seus accessorios ficam pertença da administração do porto de Lisboa, a qual construirá, de conta da C. P. a quem ficam pertencendo, os terraplenos correspondendo aos muros o empedrados.

A Companhia dos Caminhos de Ferro poderá entregar á mesma administração do porto, a construção de todas ou de parte das obras de superstrutura do projecto definitivo da ampliação da estação de Santa Apolonia.

Os muros, caes, empedrados, terraplenos e outras obras serão construidas no prazo de 4 anos a contar da data da assinatura do contrato. Quando tal prazo seja excedido, salvo caso de força maior, a administração do porto de Lisboa satisfará mensalmente á C. P. por cada mez em atrazo 1|12 da anuidade correspondente ao encargo a 5% em 30 anos com as despezas a fazer em todas aquelas obras, acrescidas da parte correspondente á renda das instalações que substituirem durante a construção, as instalações actuaes e mais uma importancia a fixar «á forfait» e correspondente ao valor industrial da exploração perdida e prejuizos de trafego na rêde da C. P.

Se as obras não fôrem começadas no prazo de dois anos a contar da data indicada, e concluidas no de seis anos, o contrato de construção é considerado rescindido e a Companhia pode fazer executar ou concluir as obras por conta do porto de Lisboa, levando em conta, na liquidação dos trabalhos feitos, as anuidades pagas.

A Administração do porto obriga-se a executar a construção por Secções, de acordo com a Companhia, de maneira a manter o serviço fluvial da Companhia em uma extensão de caes ou empedrado servido convenientemente por armazens e caes egual, pelo menos, á frente de que actualmente dispõe, e a manter o serviço maritimo na ponte-caes ou substitui-la oportunamente por extensão de muro equivalente, no serviço a prestar, á actual ponte.

O pagamento do terreno a que se refere a base 1.ª será feito pelo porto de Lisboa em 30 anuidades correspondentes á amortisação do custo dos referidos terrenos e mais o juro de 5%.

Os terrenos vendidos pela C. P. ficam hipotecados ao preço em divida e consignados os seus rendimentos com os das obras neles feitas até final do prazo concedido para pagamento em tanta parte quanta necessaria para garantir as anuidades dos preços, seus complementos e apenas convencionaes.

Quando qualquer anuidade não seja paga pontualmente, será sobrecarregada com o juro de 5 0|0 ao ano.

O pagamento do custo das obras, a que se refere a base 2.ª, será feita em 30 anuidadades correspondentes á amortisação do seu custo e, sobre a parte da empreitada executada, mais o juro respectivo de 5 0|0. O pagamento destas anuidades cessa desde que o Estado venha a tomar posse da exploração das linhas e obras de empreitada.

Nos termos que, no 1.º Lanço da 3.ª Secção do Porto forem entregues á C. P., poderá esta estabelecer os seus serviços sem intervenção da Administração do Porto de Lisboa.

No emtanto, e na parte das instalações que, nos termos do Base 11.ª, corresponderem á zona que deve ser considerada afecta aos caes e empedrados, deverá haver acordo com a Administração do Porto, toda a vez que se trate de alterações que possam ter influencia directa na receita do direito de caes.

As obras que forem construidas na 3.ª Secção do Porto de Lisboa, são principalmente destinadas ao serviço das mercadorias para abastecimento da Companhia ou áquelas que provenham ou se destinam á sua rêde e alem.

A conservação dos fundos junto ao caes e empedrados, o policiamento maritimo dos mesmos, as operações de acertagem, conservação dos respectivos aparelhos ficam pertença do Porto de Lisboa que perceberá portanto uma taxa de acostagem egual á que se cobrar na 1.ª secção do porto ou á que venha a ser convencionada entre o referido porto e a C. P.

Essa taxa será reduzida a 50 0|0 e 25 0|0 da taxa ordinaria conforme se trata de muros, caes ou taludes empedrados que recebam carregamento completo de mercadorias em transito ou para paizes estrangeiros.

As dragagens para conservação da necessaria altura d'agua junto aos caes e empedrados, para facil acostagem das embarcações não teem que descer a mais de 8 metros junto aos caes e dois metros juntos dos empedrados, sendo o porto de Lisboa responsavel pelas despezas suplementares quando por falta de agua até aqueles limites, o navio não possa atracar ao caes da gare maritima da C. P.

A conservação e reparações dos muros de caes e empedrados, proizes, escadas, defensas, etc., serão de conta do Porto de Lisboa (excepto, pelo que respeita a reparações, quando se prove que o estrago a reparar foi devido a falta de cuidado do pessoal da Companhia, e as dos terraplanos e superstruturas respectivas de conta da Companhia.

A exploração dos caes e empedrados será feita pela Companhia, pelo que esta retirará para si, do produto das taxas de direitos de caes sobre a tonelagem que exceder 250.000 toneladas pela mesma cobradas, a parte correspondente das despezas de exploração com o excesso de tonelagem a que se aplica o direito de caes a repartir, avaliadas como as que o Porto de Lisboa fizer com identicos serviços, pela aplicação do coeficiente de exploração respectivo.

Em anexo especial, sujeito a revisão de 5 em 5 anos, serão fixados alem d'este terrapleno quaes as vias ferreas e aparelhos de via, de iluminação e outros e as construções, que deverão ser consideradas como afetos aos caes, e, portanto, como correspondendo ao pagamento de direito de uso dos mesmos, e á sua repartição, bem como as despezas de exploração que deverão ser consideradas como tendo a sua compensação na cobrança do referido direito.

A solução de qualquer duvida ou adicionamento complementar d'estas bases necessarias á viabilidade do projectado contrato, na falta de acordo dos negociadores, sera por estes confiada a dois arbitradores, idoneos, indicados um por cada parte, para que brevemente e sem dependencia de formalidades resolvam o ponto, que assim lhes fôr submetido, intervindo em caso de divergencia, um terceiro arbitrador, por ambos eles escolhido de acordo se os negociadores o não tiverem logo indicado.

No contrato definitivo será consignada providencia analoga para sumaria resolução das duvidas, desacordos e questões, que possam surgir na sua interpretação e cabal execução, obrigando-se os outorgantes a formular para isso o competente compromisso arbitral como parte e condição d'ele, a que não deva faltar-se para inteiro cumprimento do mesmo contrato.

* * *

A' reunião de hoje, que, como dissemos, era em 2.ª convocação, presidiu o sr. dr. Fernandes Costa, que era secretariado pelos srs. Ginestal Machado, delegado do governo, e João Bray. Haviam assinado a convocação da assembléa 69 acionistas, representando 19.792 acções ou seja o capital de 1.151.980 escudos, correspondente a 326 votos.

Só compareceram, porém, 20 acionistas, mas como a assembléa podia funcionar com qualquer numero o presidente expoz os fins da reunião, sendo dada a palavra ao sr. Oliveira Soares que, em seu entender, mostrou ser o contrato pouco vantajoso para a C. P.

Taes opiniões foram refutadas pelo sr. dr. Caeiro da Mata, que demonstrou o não motivo de ser dos reparos do orador antecedente.

Não havendo mais oradores inscritos o presidente deu a discussão por terminada e poz á votação o contrato, o qual foi aprovado.

Em seguida encerrou-se a sessão. Eram 13 horas e 15 minutos.

## Literatura estrangeira

A «Capital» iniciará na proxima semana, uma secção literaria de critica aos livros mais afamados do mercado estrangeiro, que se forem publicando, mantendo assim os seus leitores a par do movimento literario mundial.

Esta secção que pontualmente se publicará ás 2.as feiras ficará a cargo do nosso cronista literario Ruy de Veras que, os nossos leitores teem tido ocasião de apreciar muito justamente.

## DOIDOS, ELES!

### Raio de luz

O acontecimento inesperado, a que aludi no final do meu artigo anterior, foi a recepção duma carta, que ao Manuel acabava de escrever um seu amigo da capital.

Aqui a tem o leitor:

«Lisboa, 24 de Maio de 1919. — Meu caro amigo Manuel:

Estimo a tua saude, que eu vou bom, graças a Deus.

Manuel, recebi a tua carta. Nela vi o que me mandavas dizer. Com respeito ao filho do ... (oculto uma alcunha) está na mesma casa; saude sempre na mesma, o pai vai bem. E com respeito a ... «(indica-se uma pessoa»), já ha muito que não o vejo nem tão pouco o procuro, devido ao seu feitio, como tu sabes.

Ha dias encontrei o «chauffeur» do Augusto José da Cunha «(ha nêste ponto da carta um engano, pois que o signatario dela se quer referir ao sr. dr. Alfredo da Cunha ou, melhor talvez, a seu filho sr. dr. José da Cunha»)» e preguntei-lhe, como quem liga nada, e ele de nada sabe. Só o que houve lá dizer é que a senhora desapareceu de casa, só e sem destino; dizendo que apareceu, dias depois, numa provincia no meio dum campo, dizendo que nada sabia e que tinha ali aparecido ou nascido; que era uma pobresinha de Cristo; que dava indicios de louca e que tinha sido internada no Porto, numa casa de saude e que o seu patrão, que tinha ido ao Pôrto do dia 12 do corrente, para a levar para Paris para uma casa de saude. Pois já vês, que ela não está ai no Pôrto; e manda dizer qualquer coisa a tal respeito.

Ha um mês, pouco mais, foi para ai ...... «(faz-se indicação dum homem)» que estava no ...... «(indica-se uma casa)» e é ...... «(dão-se esclarecimentos a respeito de tal homem)» e o .... «(oculto um nome)» lhe mandou dizer que te fosse aí visitar e lhe contasse qualquer coisa sôbre a tua vida, para vêr o que se podia arranjar; e êle foi aí, mas diz que a prisão estava isolada, por causa da doença. Manda dizer o que é passado e se ele te falou.

Já cá recebemos uma carta do .... «(indica-se outra vez o homem que esteve no Pôrto)», dizendo que te foi aí falar.

Manda dizer com urgência se foste tu que lhe falaste (lá, bem alto), pois êle nos disse que era tão grande a altura, que nem te conheceu, nem tão pouco te compreendeu, nem sabe se eras tu que lhe falaste.

Ele entregou ao guarda da prisão uma carta que nos lhe escrevemos para tu a leres e para tu falares com êle e teres sempre a direcção dêle, para te auxiliar no que tu ahi precises. Manda dizer se foste entregue ao não.

Recebe recomendações minhas e do .... e ...... («dois nomes aqui») e de todos os rapazes que te conhecem. — Teu amigo F. ... («lê-se no original o nome e a morada do sinatario»).

Ainda na margem superior da carta em linhas obliquas se lê o seguinte:

«O ... («volta-se a indicar o homem que veio ao Porto») diz que falou a um preso que está na sala n.º 2 e, como tu estás na sala 4, nos temos medo de nos estarmos correspondendo com outro preso, e por isso nos queremos que tu nos mandes a carta que o nosso amigo ... («referencia a uma das pessoas já indicadas») escreveu a ... («como acima») e ele diz que tu que a deves ter, que o guarda da cadeia ficou com ela, para tu a leres; e só assim é que nos temos a certeza que és tu que nos escreves. E manda a direção certa. Teu amigo ... («repete-se o sobrenome do sinatario»).

Antes de mais nada, repare-se nesta coisa, em que, já no «Doida não!» se falou: o sr. dr. Cunha espalhava que sua esposa tinha aparecido no meio dum campo, na provincia, como uma pobre de Cristo, dizendo coisas desordenadas!

Era a verdade com que ele falava! Este o seu lealissimo procedimento!

Depois disto, note-se o que ha de interessante no facto de nos ter provindo da sua propria casa a informação que serviu de ponto de partida para uma acção imediata e energica em favor da sr.ª D. Maria Adelaide: foi o «chauffeur» do sr. Dr. Cunha quem lançou inconscientemente um raio de luz sobre a escura trama que se estava maquinando contra a infeliz senhora, — raio de luz beneficamente guiadora. Aqui se vê como Deus escreve direito por linhas tortas. E' o movimento das atracções misteriosas da teosofia, como dizem as bruxas, — porque hoje em dia as mulheres de virtude «falam dificil».

Ao receber a carta que acabo de deixar transcrita, desapareceu do meu espirito toda a duvida a respeito dos projectos do sr. dr. Cunha. Não só ele pensava em levar sua esposa para o estrangeiro, como projetava fazê-la partir imediatamente. O exame realisado na «Morgue» fôra tanto para instruir o processo-crime como para conseguir a permissão de entrada em França, pois que a essa tempo as autoridades francezas dificultavam a entrada de estrangeiros, que não fossem para ali por motivos de saude ou outros de alta importancia.

Reconheci que era indispensavel não perder um momento, para evitar que a sr.ª D. Maria Adelaide fosse expatriada, o que seria a sua prisão perpétua, o seu enterramento em vida. Era preciso atacar de frente e sem demora a Bastilha onde a tinham aprisionada. Não havia tempo de esperar que ela mandasse, por ignotas mãos, uma procuração; era preciso ir lá dizer-lhe: «Eis o defensor que deseja; se lhe inspiro confiança, descanse em mim!

**Bernardo Lucas.**

## Congresso telegrafo-postal

Com grande afluencia de congressistas, na sala Algarve, da Sociedade de Geografia, iniciaram-se hoje ás 10 horas da manhã os trabalhos preparatorios para o congresso telegrafo-postal, cujas sessões proseguirão, sendo a primeira ás 14 horas.

A sessão preparatoria foi presidida pelo sr. Antonio Maria da Silva, secretariado pelos srs. João Pedro de Almeida Pessanha, Augusto Antonio Pedro dos Santos, João Maria Bacelar Garcia dos Santos e José Carlos Clemente do Vale, tendo como secretario geral o sr. M. P. de Melo.

Aberta a sessão, foram pelo presidente expostos largamente os assuntos que vão ser discutidos. Termina saudando o sr. presidente da Republica e o sr. ministro do comercio e comunicações.

Pelo sr. M. P. de Melo foi lida uma moção dizendo que o congresso telegrafopostal ao iniciar os seus trabalhos, nos termos e para os fins designados no artigo 491 da organisação vigente, sauda o pessoal dos correios e dos telegrafos e espera que ele, secundando os desejos dos funcionarios reunidos, quanto em si caiba, eleve o nivel da corporação até ao ponto que seja licito exigir um tal esforço.

Pelo mesmo secretario geral é saudado o pessoal telegrafo-postal e pelo sr. J. Bernardo Figueiredo o pessoal telegrafo-postal de todo o mundo.

Todas as saudações foram aprovadas por unanimidade.

Em seguida usaram da palavra os srs. Luiz Maia, Fernando Silva, Joaquim Chagas, Aragão e Brito, Cidraes e Custodio Lobo, os quaes apresentaram alguns alvitres e propostas verbaes.

A todos respondeu o sr. Antonio Maria da Silva, que agradeceu as palavras que lhe foram dirigidas e pediu a todos que com a sua boa vontade e dedicado esforço se unifiquem no intuito de que, dessa unidade de vistas saia da discussão para a nova organisação um trabalho proficuo para o bem de todos os que trabalham nos serviços de correios e telegrafos e para bem servir o publico.

Findo o que, o presidente, não havendo mais nenhum orador inscrito ou que desejasse inscrever-se, encerrou a sessão, marcando a seguinte para as 14 horas.

## PELO TELEGRAFO

### Vitimas de aviação

GUATEMALA, 26. — O engenheiro Artur Aguirre, irmão do ministro dos estrangeiros, Luiz Aguirre, foi vitima dum grave acidente de aeroplano, sendo o seu estado pouco satisfatorio. — *(Americana)*.

### O petroleo mexicano

MEXICO, 25. — Segundo as ultimas estatisticas, a produção do petroleo mexicano foi de 795 milhões de barris durante 1920. — *(Americana)*.

### O café de Santos

SANTOS, 26. — Cotações do café: typo 4, 9$100 reis os dez quilos; typo 7, 7$975. Vendidas 12.000 sacas, ficando um stock de 3.009.873. — *(Americana)*.

### O valor do franco

RIO DE JANEIRO, 26. — O franco tem sido cotado de 426 a 435 reis. — *(Americana)*.

### Jorge V em França

PARIS, 25. — Dia de Reis o rei de Inglaterra virá a França para visitar as regiões desvastadas, a cidade de Verdun e os fortes imediatos. — *(Havas)*.

### A aventura de Fiume

ROMA, 25. — Gabriel d'Annunzio está melhor. O governo italiano continua na disposição de não contrariar por forma alguma o texto do tratado de Rapallo para solucionar a questão de Fiume. — *(Havas)*.

LITERATURA FRANCEZA

## O premio "Goncourt" e o premio "Femina-Vie Heureuse" em 1920

### III — Outros livros votados

A casa editora Albin Michel, de Paris, espalha todos os dias no mercado pelo menos um livro novo. A Lisboa chegam trez vezes por semana duas novas obras editadas n'essa casa. E' um tipo de edição que depressa conquistou logar certo nas montras dos livreiros: traz comsigo o sabor de uma ultima novidade, porque, de recente organisação, todos os seus volumes veem cintados com o «Vient de paraitre»

Alem d'isso, n'uma sequencia com pequenos intervalos, esta edição teve uns poucos de premios literarios (— «Prix Goncourt 1917 — Grand Prix du Roman 1919 — Prix Vie Heureuse 1919 — Grand Prix de Litterature 1920 — Gran prix du roman 1920 — Prix de l'Académie Française — Couronnes de l'Académie Française —) e portanto, a extraordinaria procura dos volumes premiados impoz a consideração pelos outros volumes irmãos — uma Maria vae com as outras! —, tornando logo conhecidissimos estes romances de capa amarela (a tradicional capa amarela do romance francez!), d'um amarelo limão muito decorativo e não visto, com letras pretas, grandes e simples, bonita capa que envolve uma brochura cuidada em rasoavel papel.

Esta atenção, hoje um pouco posta de parte, pela boa apresentação do livro, é muito louvavel. Verdadeiro amigo dos livros e muito carinhoso nas coisas que lhes dizem respeito, sinto com enorme prazer essa atenção.

Poder-se-hia dedicar uma critica semanal exclusivamente aos romances da casa Albin Michel; ter-se-hia com que encher o espaço de um folhetim. E é provavel que me veja obrigado a isso, visto que penso em dedicar uma critica semanal ás novidades da literatura franceza e tão frequentes são elas n'essa edição. Farei a obrigação, n'esse caso, com a melhor boa vontade, porque simpatisei muitissimo e desde principio, com a edição Albin Michel.

N'esta serie que vou seguindo dos livros mais votados para os premios de fim do ano terei que falar tambem d'outros editores — e d'alguns infelizmente bem poucos esmerados! —; quis, porem, começar por este preambulo sobre a edição Michel, em homenagem a esses outros amigos dos livros e a proposito de «L'Inquiète Adolescence» de Louis Chadourne, que de lá veiu.

E' um romance de forma autobiografica, consagrado á observação psicologica d'um adolescente que está fazendo a sua educação n'um colegio de jezuitas na provincia.

Parece estar agora em voga, na França, este genero de literatura, os romances dos adolescentes, as «Petites histoires de pédagogie sentimentale», como lhe chama André Beaunier, o critico literario da «Revue des Deux Mondes»; aqui, e ainda para ler tenho eu «L'Enfant Inquiet» de André Obey, «La vie inquiète de Jean Hermelin» de Jacques de Lacretelle e «La Chair et le Sang» de François Mauriac, os trez, e segundo as criticas que já tenho lido, versando melhor ou peor esse mesmo tema da formação da alma do adolescente.

Em «L'Inquiète Adolescence» lê-se a sua vida de dois anos no colegio; e é o desfile das figuras do director, dos professores e dos prefeitos, e sobretudo as dos condiscipulos, recortadas e animadas por mão habilidosa; e é o elucidario de todos os sentimentos, os impulsos, as duvidas e as hesitações que agitam a alma juvenil n'esse periodo delicado da sua vida, tudo o que nós assistimos e tudo o que compreendemos nas trezentas paginas do livro.

E' o desabrochar da paixão sensual, a primeira paixão caracterisadamente masculina, preludiada no discorrer sobre o misticismo ingenuo trazido dos braços maternos e nas «amizades particulares» por camaradas preferidos.

O pequeno heroe de Louis Chadourne, Paul Demurs, tem por Jacques Lortal uma destas amizades. Este Lortal é tambem um adolescente, mas que vem do liceu e não dos rigores vigilantes da familia, portanto um adolescente que é já um homemzinho. E' o personagem mais bem descrito de todo o livro, e o mais interessante por esse e outros motivos. A descrição do seu caracter extranho é muito subtil, e o leve misterio que esse caracter contém, desperta curiosidade. E' ao mesmo tempo atrahente e aspero, enigmatico e inspirador de simpatia, brusco nas suas ironias e meigo nas suas confidencias. Impõe-se aos condiscipulos porque é a personificação da vida, de todas as coisas ainda desconhecidas que se passam lá fóra, e isso dá-lhe um prestigio tal que o torna o iniciador sentimental, o «meneur» para a aventura e para a liberdade.

Tambem ele já tem a sua aventura, o seu principio de vida, a sua existencia pessoal fóra da existencia escolar, e é á volta dela que o romance é tecido.

A capacidade intelectual e a precocidade inteligente de Jacques Lortal valem-lhe tambem uma certa admiração e maior benevolencia da parte dos mestres. E' estimado mas ao mesmo tempo receiado.

E' a sua influencia de «eveilleur» de Demurs e a evolução psicologica que este sofre depois de varias crises da imaginação, do sentimento e do espirito — a «inquietude», para usar uma palavra que é a sintese desta epoca da vida pueril — o que Chadourne estuda neste livro.

O estilo é muito simples e despretencioso. Tem paginas cheias de poesia, poesia sã e natural, sem interpretações doentias, doirando descripções da paisagem e de scenas de amor — só o amor sensual, o unico amor daquelas idades — dando-lhes maior delicadeza e revelando uma rica sensibilidade de escritor.

As trinta linhas do «torbillon de souvenirs odorants» são uma explendida evocação do já sabido papel importante que a persistencia de impressões olfactivas desempenha nas nossas recordações as mais remotas. Encontra-se, todavia e de vez em quando, uma banalidade (por exemplo, a formula vulgar com que cita a idéa que na Religião se faz de Lamartine: ainda ha dois dias a cuvi tal e qual na «Leiteira de Entre-Arroios» !); e quando usa termos ou emite conceitos que dizem respeito á medicina, arrisca pequenas heresias...

Em certos pontos é excessivamente parcial no seu comentario á educação jezuitica; noutros é justo, mormente quando exemplifica a falsa noção de pedagogia que ha em alguns estabelecimentos de ensino dirigidos por maus e inconscientes padres.

As duas almas femininas que atravessam o romance são de uma pobreza de intuição psicologica absolutamente lamentavel. Tenho verdadeira pena!... Mas tambem Louis Chadourne não é ainda um professor de psicologia...

A exactidão psicologica do motivo principal, contudo, reclama logo a admiração pelo livro; e as suas restantes qualidades acessorias transformam num romance um estudo que sem duvida alguma poderia figurar em bom logar das bibliotecas dos pedagogos e dos que se dedicam ao assunto da psicologia infantil.

Tive, durante a sua leitura, saudades dos tempos em que trabalhei essa questão do caracter do adolescente e da delinquencia infantil dos livros que então li e das tardes em que estudei a folhear os processos da Tutoria da Infancia.

E já lá vão cinco anos!...

— Concordo com que «La Négresse du Sacré Coeur» de André Salmon (edição da Nouvelle Revue Française) tem a originalidade em que Rosny ainé falou e a que me referi num dos artigos precedentes; mas dahi a aproximar esta aventura exquisita de qualquer dos outros bons livros concorrentes ao premio Goncourt e ao premio Femina, parece-me pretenção vaidosa da parte de uma autoridade incontestavel... E' uma liberdade de critico, perdoavel como a liberdade... do poeta. A fidelidade fotografica das scenas de Montmartre vividas nesta obra, não compensa a meu vêr, a sua acção demasiadamente prolongada e indigestamente compacta. Ha nelas interesse, mas muito exiguo; ha movimento, mas mal definido. E ha sobretudo um abuso necessario, mas insuportavel do calão e dos termos correntes no meio que o romance pinta, o meio de Artistas com mais ou menos futurismo nas suas idéas, e de raparigas que frequentam habitualmente os arredores da rua Saint-Vincent.

Nada disto me prendeu bastante o espirito para que não tivesse vontade de deixar a leitura em meio... Foi o que fiz, e talvez num dia de menos pressa e de menos avidez por outros livros que esperam a sua hora, eu continue com «La Négresse du Sacré Coeur» e reconheça a injustiça da minha primeira apreciação.

Até lá só sei chorar o tempo perdido...

Agora, dois dos candidatos de madame Rachilde ao premio Femina: Maurice-Verne e A. t'Serstevens.

**Ruy de Verás**

## Malas postaes

Pelo vapor «Highland Laddie», são amanhã expedidas malas postaes para o Rio de Janeiro, Montevidéu e Buenos Aires, sendo ás 12 horas a ultima tiragem da caixa geral.

# Theatros e Cinemas

## OPERA E CONCERTOS

**TEATRO DE S. CARLOS — Fausto**

A abertura do nosso primeiro teatro constitue sempre, entre nós, um grande acontecimento. S. Carlos é ainda o unico teatro cujo esplendor artistico tem sabido manter-se á altura das suas gloriosas tradições.

Esteve mudo durante alguns anos; a febre politica cegava aqueles que deveriam compreender quanto o seu funcionamento era indispensavel, tanto moral como materialmente. Não nos cansaremos de repetir, e ainda mais uma vez, que a abertura do nosso teatro lirico e o seu funcionamento regular, todos os anos, tem uma repercursão «importantissima» lá fóra; os artistas obrigados a proclamarem os seus triunfos, aos quatro ventos, encarregam-se de espalhar, pelos mundos fóra, os ecos dos exitos aqui obtidos.

Materialmente é indiscutivel que o comercio lucra, d'uma forma extraordinaria, com a sua abertura; a magestosa sala de S. Carlos é o recinto mais belo e que proporciona melhor, ás damas da nossa primeira sociedade, a ocasião para exibirem as suas custosas toilettes de soirée.

Gounod foi um dos compositores francezes que mais se identificou na grande escola italiana antiga; contribuiu para isso, certamente, a influencia do seu professor Paër (de Parma) e os longos estudos que fez, em Roma, na sumptuosa cidade dos cesares, onde obteve, como compositor, o grande premio.

Ouvindo o seu velho Fausto que conta quase um seculo de existencia; logo se depreende que se trata de uma opera do antigo estilo italiano, com todos os seus apreciaveis encantos e rugas que o tempo implacavel lhe vae imprimindo.

Analisar hoje, esta obra poetica e musical é absurdo porque nada se adeantaria ao muito que sobre ela se tem dito.

A unica analise a fazer é a forma diversa como ela hoje impressiona; Os tempos mudaram, certas denquices convencionaes, que entusiasmavam então, agora, deixam o auditorio indiferente e frio e só quando altamente executadas conseguem despertar interesse e adquirir proporções gigantescas. E' o que sucede ao Fausto que tivemos o prazer de admirar, em S. Carlos, sob a regencia do ilustre maestro Guy.

A sua interpretação é muito pessoal; no maestro Guy nota-se a preocupação constante de fugir ao convencionalismo, aos efeitos démodés dos quaes se abuzava então. A vida atual, é outra; vive-se com mais intensa violencia; vibra-se de outro modo. O seu temperamento nervoso e energico imprime, á musica do velho Fausto, uma frescura e vigor que ela já não tem.

Escrupuloso observador do rithmo, minucioso colorista, brilhante e impetuoso nas passagens mais soberbas da partitura conseguiu, principalmente na marcha, uma execução primorosa.

A orquestra, sob a sua batuta, alcança uma fusão e sonoridade das mais belas que temos ouvido; os violinos, quando cantam, parece que se duplicam; o mesmo se observa, com os violoncelos, nas inspiradas passagens do dueto d'amor.

A fibra e o elevado temperamento artistico de Guy, faz-nos prever magnificas execuções das operas modernas e muito especialmente em Wagner.

O Parsifal, sob a sua direcção, será um triunfo grande e um verdadeiro encanto para os apreciadores de boas execuções.

O conjunto que a empreza de S. Carlos apresentou na opera Fausto, foi dos mais completos e harmonicos, Madelaine Bugg é uma artista fina: de bonita e agradavel voz; canta com escola e pronuncia maravilhosamente.

Deu expressão e sentimento a toda a sua personagem sem contudo imprimir-lhe a sonhada poesia e a ingenuidade requerida; muito aplaudida na aria das joias; o seu trabalho no acto da egreja foi o que mais nos agradou.

Dino Borgioli é um Fausto elegantissimo, capaz de fazer perder a cabeça a varias Margaridas; acentua bem as passagens amorosas e cantou, aplaudidissimo, a aria, «salve dimora casta e pura».

Cirino é o artista de sempre; bela voz, arte scenica perfeita, criando um completo tipo mefistofelico, cuidando e fazendo viver a sua personagem com inteligencia e calor; deu vida invulgar ao «Dio dell'oro» contracenando na scena da espada como um verdadeiro actor!

Debutou, entre nós, o baritono Molinari que dispõe de recursos vocaes de primeira ordem, especializando-se nas notas centraes e agudas; disse com estilo a aria «Oh santa medaglia» e se tivesse cuidado a forma de vestir e a caracterização ternos-hia dado um Valentin completo.

As restantes partes bem. Córos disciplinados e afinadissimos; merito principal do seu instructor maestro Clivio.

Nos finaes dos actos aplausos calorosos reclamaram á ribalta, varias vezes, os valentes artistas e o seu director, ao qual o publico dedicou um entusiastico aplauso depois da marcha.

Que bela marcha não seria a do Crepusculo, sob a sua direcção!!!

**Maria Judice.**

## PALCOS E CLUBS PARTICULARES

**CLUB ESTEFANIA — O Dote,** *3 actos de Artur de Azevedo.*

Não temos que nos preocupar do valor desta peça, original do distinto escritor Artur de Azevedo, nem tão pouco em descrever-lhe o entrecho, tão conhecido ele é do publico frequentador do teatro, assim como da maioria dos nossos consocios, visto que esta lindissima peça já foi representada neste club, se não estamos em erro, em novembro de 1911.

Do desempenho actual diremos que os dois e unicos papeis femininos foram distribuidos ás senhoras D. Carlota Ferreira e D. Alda de Oliveira, possuidoras de qualidades já bem notorias de inteligencia, desempenhando os seus papeis de modo que mais pareciam artistas feitas do que simples amadoras.

Dos papeis masculinos e de maior responsabilidade (referimo-nos aos galas) encarregaram-se os srs. Jacobetty Rosa e Jaime Coutinho, ambos reaparecidos com «Oportunidade» no palco Estefania, e que mantiveram os seus creditos de amadores muito apreciados e estudiosos.

Merece-nos menção muito especial o sr. Luiz Coelho, que pela primeira vez pisou o palco do Estefania e que teve a seu cargo o «Agiota»; aparte o fisico um tanto leve para a personagem que representou, mostrou-se muito senhor do seu papel, que disse muito bem. Merecidos os aplausos que lhe dispensaram.

Os srs. Eduardo Vosques, Raul Coelho e E. Grilo, em outros papeis, não desmancharam o conjunto.

A deliciosa scena final do 3 acto foi prejudicada em consequencia do pano não ter baixado a seu devido tempo. Foi pena

Muito acertada a ensenação de Jacobetty Rosa. Felicitações.

Augusto Varela pontou muito a contento dos amadores. Emfim! Uma recita que «marcou» e que nos deixou realmente satisfeitos, e os que para ela contribuiram teem todo o direito ás nossas homenagens.

**V. R.**

## Noticiario

**Teatro Apolo**

Por motivo do falecimento da proprietaria do teatro Apolo não ha hoje espectaculo n'este teatro.

**Um orignal portuense**

Samwel Diniz vae fazer a sua festa artistica com a primeira representação de «Querer», peça em 4 actos, do escritor portuense Alvaro Paiva, o apreciado autor do «Sem Dote» levado á scena no Teatro Nacional ha 2 anos com grande sucesso.

**Uma imposição curiosa**

A' empreza do S. Luiz foi feita a imposição estranha de não tornar a representar naquele teatro a actriz Laura Costa, a qual realmente tem sido substituida no seu papel.

E ora aqui está como uma artista que deseja voar, com qualidades a estimulos, se vê de repente obrigada a não poder por os pés em quasi todos os teatros de Lisboa.

**A tradução da «Flambée»**

De Oldemiro Cesar, um correctissimo colega, recebemos o seguinte bilhete:

Meu amigo

Atribui-me v. no seu artigo sobre o «Coração cego» a autoria da tradução de «La Flambée» que pertence ao nosso camarada Melo Barreto.

Agradecia-lhe a rectificação.

Amigo grato,

*Oldemiro Cesar*

**Noticiario do Porto**

O nosso colega Armando Ferreira escolheu para correspondente desta secção no Porto, o sr. Abreu de Souza, o qual porá os nossos leitores a par do movimento teatral na 2.ª cidade do paiz.

# Vida Sportiva

## Vae crear-se uma entidade orientadora do sport nacional

A convite de «Os Sports» efectua-se ámanhã, ás 21 horas, na redacção deste jornal uma importante reunião, afim de se organisar uma entidade orientadora do sport nacional.

Os sportsmen convocados são:

Prestes Salgueiro, Lelo Portela, Augusto Soares, dr. Salazar Caneira, Antonio Soares Junior, Alexandre Correia Leal, Antonio Ribeiro dos Reis, Antonio Neves e A. de Campos Junior, João Formosinho e Pinto d'Almeida.

Devido á importancia do assunto, «Os Sports» pede a comparencia de todos os sportsmen convidados.

## MUSICA

**Dois soberbos concertos**

Já no Politeama se anunciam dois novos festivaes que entre nós deverão provocar o maior interesse: no sabado é o da eminente harpista Léa Bach, com dois concertos notabilissimos—um de Mozart e outro de Ravel, em junção com a excelente orquestra organisada e dirigida pelo maestro Fão.

No domingo é o 6.º concerto da orquestra, com um programa magistral e no qual serão tocados os «cantores portuguezes», de David de Souza.



# ULTIMA HORA

## O novo bispo de Portalegre

Com todas as praxes da liturgia catolica, realisou-se hoje na Basilica da Estrela a sagração do sr. D. Domingos Maria Frutuoso, novo bispo de Portalegre.

Muito antes da hora marcada, meio dia, já o vasto templo se achava repleto de fieis e amigos do novo bispo.

Após a entrada no templo do sr. D. Domingos Frutuoso deu-se começo á cerimonia, que se realisou no altar mór, começando por uma oração, seguindo-se a leitura do mandato apostolico e a missa e após esta a sagração, que foi feita pelo sr. Cardeal Patriarca, procedendo-se á oração episcopal e ás cerimonias usuaes em taes actos.

O novo prelado foi assistido pelo sr. arcebispo de Metilene, D. João Evangelista de Lima Vidal e D. Manuel Mendes da Conceição Santos.

O rev. bispo de Portalegre escolheu para seu secretario particular monsenhor Francisco Cancio.

## Liceu de Portalegre

O sr. dr. Emilio Canta Pulido foi autorisado a exercer as funções de medico escolar do liceu de Portalegre.

## BOAS NOVAS

No gabinete dos reporteres fôram recebidos radios: de Tenerife, de bordo do vapor *S. Jorge*, em que os oficiaes e creados enviam boas festas a suas familias e amigos e dizem seguir bem; dos passageiros de primeira classe, do comandante e oficiaes, dos tripulantes da primeira camara e dos tripulantes da segunda, do vapor *Zaire*, dizendo seguirem bem e desejarem boas festas a suas familias.

No gabinete da imprensa, no ministerio do interior, foi recebido o seguinte radio de bordo do vapor inglez *Darro*: Boas festas ás familias e amigos: Veloso Toja Machado, Manuel Campos, Albano Costa, Almerindo Gomes, Luiz Guimarães, José Coelho, Marques Coelho e Latino Pedro.

## Engajador condenado

No juizo de direito da Louzã foi julgado o conhecido engajador, residente naquela vila, Francisco José de Figueiredo Junior, contra quem o pessoal dos serviços de emigração tem por mais de uma vez instaurado processos por exercicio ilegal da industria de agente de passagens e passaportes, dos quais tem conseguido sempre livrar-se. O Figueiredo Junior foi agora condenado na pena de seis meses de prisão correcional, 250$ de multa e o dobro do selo da licença, ou seja 500$. Recorreu, porem, da sentença para a relação de Coimbra.



## Em volta do crime de Serrazes

Como hontem dissemos, confirma-se efectivamente o facto de irem ser processadas criminalmente as testemunhas que depuzeram no processo do sr. Cesar dos Santos.

Parece que entre as pessoas processadas figura uma conhecida individualidade do nosso jornalismo, que, ao apresentar-se no tribunal, levará a seu lado algumas das mais notaveis figuras da nossa politica.

O ilustre colega a quem nos referimos não só confirmará o que disse no seu depoimento, como fará ainda sensacionaes revelações sobre os factos ultimamente ocorridos em volta do julgamento de S. Pedro do Sul.

Além disso ao que consta, instaurará varios processos por difamação contra diversas pessoas, entre as quaes uma dama da alta sociedade hospedada no Avenida Palace encarregada pela familia Malafaia de ajudar a maquiavelica intriga.

## Quem alvitra? Quem reclama?

**Ruas absolutamente intransitaveis**

Por mais de uma vez nos temos referido ao deploravel estado em que se encontram as ruas da cidade.

Novamente voltamos a referir-nos ao assunto, embora certos de que não lograremos ser ouvidos pela vereação, que atualmente se encontra á frente do Municipio de Lisboa.

Já temos falado do vergonhoso estado da rua Francisco Sanches; que continua na mesma ou peor, apesar dos prometimentos constantes do respectivo vereador do pelouro, não só nos jornais, como ainda aos desgraçados moradores que teem a infelicidade de morarem naquela rua.

Hoje a outra rua que nos queremos referir é a rua Morais Soares, entre o antigo Poço dos Mouros e o Cemiterio do Alto de S. João.

Cremos que toda a gente conhece «de visu» o deploravel charco em que essa rua se encontra, excepto os sr. vereadores, e por isso devem dar um passeio para avaliar bem a razão d'estas linhas e se certificarem do estado a que teem chegado os pavimentos das ruas.

E' de esperar que se alegue o estado financeiro do Municipio, o que não é aceitavel, pois que já se gastou uma centena de contos, gastará mais duas com o capricho de «esquartejar» o Rocio, o que era por emquanto dispensável; não pode defender-se dizendo que não tem feito esses trabalhos por falta de dinheiro.

Aquelas ruas estão abertas ha já alguns anos.

Será desta que a vereação se resolva a produzir alguma coisa de util para os municipes?

Por emquanto duvidamos!

## O caso Bourbon e Menezes

Continua ainda detido nos quartos particulares do governo civil o jornalista sr. Bourbon e Menezes, não tendo o sr. dr. Reis Junior, director da policia de investigação concluido as suas diligencias sobre a publicação do documento diplomatico e confidencial, feita ha dias no jornal «A Noite» de que o detido é director.

No governo civil esteve hoje conferenciando demoradamente com o sr. dr. Reis Junior o sr. dr. Gonçalves Teixeira director geral do ministerio dos Estrangeiros. As investigações devem ficar concluidas por estes dias e o processo ser entregue ao governo, que depois resolverá sobre o destino a dar ao sr. Bourbon e Menezes. Este jornalista voltou hoje a ser visitado por muitos dos seus amigos e colegas.

## Noticias da Capital

**Um «entretenimento».**—Um grupo de individuos andou de madrugada, no Casal Ventoso de Baixo, disparando tiros, alarmando assim os moradores do sitio. O guarda 822, que ali estava de serviço não conseguiu captural-os, por se terem posto em fuga, apezar de sobre eles ter feito quatro tiros de pistola.

**A serie diaria.**—Manoel Guedes Martins, rua do Conde das Antas, 41, foi preso, porque sendo hospede de José Lourenço, lhe arrombara a porta do seu quarto, furtando a quantia de 200 escudos.

—José Bento Ribas, largo do Ministro á Ameixoeira, queixou-se á policia de que tendo dado dormida por esmola a um individuo de nome Manuel, este lhe subtraiu varios objectos no valor de 500 escudos.

**O fogo da casa da Moeda.**—Foi encarregado o chefe Tavares da 1.ª secção de investigação, de mandar proceder a averiguações, sobre o fogo que, conforme referimos hontem, se declarou na oficina da amoedação da Casa da Moeda e que se presume ter sido lançado.

A referida policia iniciou hoje as diligencias, devendo amanhã ser ouvidos alguns empregados d'aquele estabelecimento fabril.

## Companhia Carris de Ferro de Lisboa

**Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada**

**BILHETES DE ASSINATURA**

Esta Companhia faz publico que tem desde já á venda bilhetes de assinatura para o 1.º semestre de 1921, nas seguintes condições:

1.º—O prazo de validade dos bilhetes termina em 30 de junho de 1921.

2.º—O preço dos bilhetes é de esc. 120$00 (cento e vinte escudos) pagos no acto da entrega da carta em que forem requisitados.

3.º—Os bilhetes deverão ser requisitados á Companhia, nos seus escritorios em Santo Amaro, em carta impressa segundo o modelo que a Companhia fornece, devendo o requisitante juntar-lhe duas fotografias suas, eguaes, medindo 0,m045 x 0,m035, despegadas do cartão, não se aceitando fotografias que sejam de dimensões inferiores a estas, ou inutilisadas por qualquer carimbo.

4.º—A Companhia só se obriga a fornecer bilhetes de assinatura tres dias depois d'aquele em que receber a requisição, nos termos acima indicados, mas nunca antes do dia 31 de dezembro.

5.º—Os bilhetes são absolutamente pessoaes, intransmissiveis e insubstituiveis, salvo em caso de perda ou extravio devidamente comprovado, e só são validos para os carros electricos que circulam nas linhas da Companhia, excluindo, portanto, os que circulam nas da Nova Companhia dos Ascensores Mecanicos de Lisboa.

6.º—Em caso de perda ou extravio deverá o assinante fazer a participação á companhia, que decorridos oito dias, lhe fornecerá outro bilhete.

Durante este prazo, que a Companhia reserva para averiguar qual o paradeiro do primitivo bilhete, o assinante só poderá transitar nos carros pagando as suas passagens e sobre elas não terá direito a restituição alguma nem a perdas e damnos.

7.º—Quando qualquer pessoa que não seja o proprio assinante, fizer uso de um bilhete de assinatura, será o bilhete cassado pelo agente da Companhia e em seguida anulado, isto sem prejuizo do processo a seguir contra o auctor e cumplices desta fraude ou tentativa de fraude.

8.º—Os bilhetes de assinatura não terão valor algum quando não tragam a fotografia do assinante, não tenham o selo em branco da Companhia ou não estejam por eles assinados.

9.º—Os assinantes não podem apresentar, sob pretexto de quaesquer prejuizos, reclamação alguma contra a Companhia, por motivo de demora, paragem e interrupção na circulação da linha, mudança de serviços, diminuição no numero de carreiras, falta de logares ou por motivo de greve.

10.º—Fica o assinante obrigado a apresentar prontamente o bilhete ao condutor e bem assim quando exigido pelos outros empregados da Companhia, não sendo suficiente a declaração de ter assinatura.

Fica egualmente obrigado a reproduzir a assinatura quando se torne necessario para comprovar a sua identidade.

11.º—A falta casual ou forçada de utilisação do bilhete não constitue o assinante nem os seus sucessores ou herdeiros no direito de reclamar indenisação ou compensação alguma da Companhia.

Em caso algum poderá o assinante, quem o represente ou quem lhe suceda, reclamar o valor total ou parcial da assinatura, cujo preço, uma vez pago, pertence de direito e para todos os efeitos á Companhia.

Lisboa, Santo Amaro, 22 de dezembro de 1920.

*A Direcção da Companhia*

# A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3738 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Terça-feira, 28 de Dezembro de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 5 centavos




# Documentos diplomaticos

O caso da inconfidencia diplomatica que levou o sr. Bourbon e Menezes, director da «Noite», á prisão, em que o substituiu agora o sr. Fidelino Costa, colaborador do mesmo jornal, tem não só a importancia propria, mas ainda a que resulta de se verificar, mais uma vez, quo o uso abusivo de documentos que só duma maneira oficial poderiam ver a luz da publicidade, se inveterou entre nós, e bastaria isto, mesmo sem falar nas possiveis consequencias de cada caso para lhe acentuar o caracter de excepcional gravidade.

Em regra, documentos diplomaticos nem mesmo podem ser consultados no seu arquivo antes de decorridos cincoenta anos sobre a sua data. E ainda assim, só aqueles que o Ministerio dos Extrangeiros entender que não ha inconveniente em que se tornem conhecidos. Por aqui se vê como é melindroso o aparecimento de peças diplomaticas não só lá fóra, mas na imprensa, o que o mesmo é que mostra-las ao mundo inteiro.

Vimos ser alegado pelo sr. Bourbon e Menezes que já casos semelhantes ao de agora se produziram, ainda bem recentemente. Com efeito, ha um ano pouco mais ou menos, apareceu na imprensa o sr. Cunha e Costa declarando ser possuidor dum «dossier» sobre assuntos da guerra, e publicando, desse «dossier», alguns importantes documentos que só deveriam ser conhecidos pelo «Livro Branco», que ainda não se publicou. Logo a seguir, em outro jornal, apareceu o sr. Augusto Casimiro publicando documentos tão confidenciaes como aqueles, no sentido de contrariar as afirmações do sr. Cunha e Costa.

Nenhuma sanção surgiu, nem num nem noutro caso, e agora surge a publicação dum outro documento diplomatico. Mas desta vez a policia procura investigar as circunstancias em que tal publicação se tornou possivel.

A verdade é que de todas as vezes o mesmo procedimento se deveria ter adotado, e não o da impunidade que favoreceu os casos anteriores.

Não ha o direito de usar de documentos d'essa especie, e o sr. Bourbon e Menezes, se tivesse reflectido mais seguramente sobre a questão, seria visto, patriota e republicano como é, que nenhumas supostas vantagens de publicação d'esse documento poderiam contrabalançar as inevitaveis desvantagens que ela acarreta.

Um paiz onde não existe o segredo diplomatico, é um paiz que se arrisca a perder todo o conceito internacional. E a frequencia de fugir d'este genero está se tornando verdadeiramente alarmante.

Não queremos com isto agravar a situação do sr. Bourbon e Menezes tanto mais que acreditamos que não foi ele que se apossou d'esse documento, mas sim que simplesmente o aproveitou porque lhe foi facultado. Não ha duvida que os factos congeneres precedentes constituem uma atenuante nas suas responsabilidades. Somos dos que supomos que resente em taes condições esse acto só pela lei da imprensa é punivel. Nós mesmos acreditamos que supuz até prestar um serviço á politica nacional e porventura mesmo á dos aliados. O facto, porém, é que estamos em presença d'um delito, e que esse delicto afecta seriamente o bom nome de Portugal.

## Ao telefone com M.elle X . . .

*Está lá? Quem fala? Ah! é você? Perdoe: não a conhecia. Então como tem passado? Bem? Estimo muito. E eu? Olhe: não tenho passado bem. Sabe que passo sempre mal quando estou longe de si. Oh! Não sou tão amavel como julga: sou apenas verdadeiro. Diga lá outra vez que não ouvi bem. As mulheres não perdoam que um homem seja verdadeiro—mesmo que fale de vocês. Agora por acaso: leu o ultimo numero do A. B. C? Interessante, não era? Ah! Muito bem. Então anda agora a ler o d'Annunzio. Já o li em tempos. E que tal? Acha-o detestavel? Julgava outra coisa. Está mais careca. Mas é exacto: é uma verdadeira cabeça de nabo como você diz. Olhe lá. Tem ido ao teatro? Nem eu. Com noites destas! Dá a impressão que estamos na Siberia. Condenados pelos bolchevistas. E dahi quem sabe. Bom adeus. Muitos cumprimentos em sua casa. Muito obrigado. Adeus.*

**Luis d'Oliveira Guimarães.**

## Dr. Miguel Monteiro

Em goso de ferias do Natal, encontra-se entre nós o nosso querido amigo e distinto professor do liceu de Aveiro, sr. dr. Miguel de Mendonça Monteiro.

# O abastecimento de trigos

**Desde a queda do gabinete Granjo tem-se comprado trigo. A como e a quem? Falará finalmente o governo?**

Dizem os jornaes da manhã que o sr. Liberato Pinto conferenciára com os srs. ministros das finanças e da agricultura acerca dos contratos de trigo.

Ora até que emfim! Desde que o sr. presidente do ministerio se propôs inteirar-se dos casos ocorrentes acerca d'aqueles negocios do Estado, viu o paiz ser elucidado sobre as condições em que tem sido feito o abastecimento de trigo.

Quando o sr. Liberato Pinto organisou o ministerio, encontrou suspensos por decisão parlamentar os contratos realisados pelo ministerio A. Granjo. D'estes o do trigo estabelecia as seguintes condições que não é demais repetir:

1.º—Remessas mensaes regulares pelo preço dos mercados de origem acrescidos da comissão de 1,5 0|0, e com a fiscalisação tecnica oficial.

2.º—não se abrirem creditos no estrangeiro; os pagamentos serem feitos em Lisboa á chegada do trigo, pagando-se nessa ocasião, em ouro, apenas um terço, e os dois terços restantes em bilhetes do tesouro, venciveis em seis mezes sem juro, e reformaveis por prasos sucessivos com juro.

Tendo-se posto de lado um contrato em que não só se assegurava o fornecimento de trigo á população, mas ainda se comprariam dois terços do fornecimento inteiro a credito que é coisa que nos tempos que vão correndo, muito custa a conquistar, e porque havia intenção de negociar um contrato muito superior em vantagens.

O publico precisa pois de ser informado das condições do novo contrato.

Evidentemente, desde a queda do ministerio Granjo, tem-se comprado bastante trigo.

A quem, em que condições, a que preço, se com pagamento feito na totalidade em ouro, adiantadamente ou não, é o que se torna necessario esclarecer.

Esperamos que o sr. presidente do ministerio não fará demorar as suas explicações. Ou em nota oficiosa, ou no parlamento, mas falando claro para que toda a gente perceba.

Emito-se tanta nota oficiosa para desmentidos sem importancia de maior, porque se não publicará uma com os esclarecimentos categoricos, e absolutamente necessarios, sobre este caso, que tem para a população uma importancia capital? Trata-se do pão de cada dia.

De resto, não é este um caso em que, para ficar no segredo das secretarias, se possa invocar o interesse superior do paiz, a razão de Estado. Não envolve materia de caracter diplomatico. E que assim fosse, nós já estamos tão habituados a ver diplomacia a descoberto que mesmo n'esse caso pediriamos taes explicações claras.

Não se viu agora o marechal Foch acusar Clemenceau de ter precipitado a paz?

Não vimos ha pouco o ministro da guerra francez abandonar a sua pasta e declarar publico o caso que o fazia, porque se estava preparando nova guerra e que a França não estava preparada nem parecia querer preparar-se para ela?

Não vimos Giolitti, em plena agitação bolchevista, falar alto e claro acerca dos acontecimentos do Adriatico?

Com nenhum destes casos se parece o nosso do pão, não havendo, porisso, motivo para ocultar ao paiz o que se tem passado, tanto mais que este precisa de saber se se abandonou um contrato vantajoso para o substituir por outro melhor ou para continuar o fornecimento do trigo á mercê do acaso e da imprevidencia. Não vá acontecer o mesmo que sucedeu com a administração do T. M. E.

Como se sabe, a casa Torlades tinha a agencia dos vapores cedidos a Furness.

Nós reclamamos aqui as contas da exploração na parte entregue ao Estado e as referentes aos navios alugados áquela entidade ingleza.

Ninguem nos respondeu, até quo o paiz soube com assombro que não foi pssivel apurar as contas dos primeir.s oito mezes d'aquela exploração e que as dos mezes seguintes não eram as que uma boa administração deveria apresentar.

Não queremos generalisar, mas outros o farão talvez por nós.

O teimoso silencio que em volta das condições em que se tem comprado o trigo, desde a queda do ministerio Granjo, se tem feito, não se nos afigura de bom agouro para os interesses do paiz, porque se tivessem sido melhores que as do contracto abandonado, ha quanto tempo não teriam elas sido businadas por todas as trombetas da fama aos quatro cantos do paiz?

Mas se assim fôr, infelizmente para nós, vai com certeza falar o presidente do ministerio, sr. Liberato Pinto, e dizer ao paiz, aberta e francamente, a como tem sido comprado o trigo, desde a queda do gabinete Granjo, em que condições de pagamento e a quem.



*CROQUIS DE VIAGEM*

# NA BOA PAZ

## XL — *O Vesuvio e o ultimo dia em Pompeia*

Não aconselho ninguem a que vá ver o Vesuvio ao pé. Isto por varios motivos: em primeiro logar porque se pode ir lá acima e não ver nada, em segundo logar porque se apanha uma estafa com probabilidades minimas de interesse, e em terceiro porque se é explorado indecorosamente pelos ilustrissimos guias.

A ida ao Vesuvio mete o «touriste», um asno e um guia, podendo ás vezes o «touriste», se é ilustrado, servir de guia ao mariola que aluga o rocinante, ou então, como acontece a maior parte das vezes, ser o «touriste»... um asno em fazer a ascensão.

A trepadeira é dolorosa; o monte é sem sombras, nem sinal de folhagem; pedregulhos, blocos cinzentos que solidificaram. A meia encosta topa-se com o observatorio; é aqui que vive o «medico» do Vesuvio, especialista nos vomitos do monstro, e que tem por missão ir todas as manhãs ou tardes lá cima, á boca da féra, ver a lingua.... e tomar o pulso; é ele que previne para baixo das tenções benignas ou maldosas de S. Ex.ª. Estes ilustres sabios que vivem pendurados duma montanha, sempre a registar o halito do Vesuvio, sempre a ausculta-lo são os tipos mais originaes que conheço.

Sabem ás maravilhas o perigo de certos rumores, seguem com zelo as cicatrizes das grandes fendas, compreendem os rugidos do monstro e não sei se já teem á mão o remedio para as coisas que eles adivinham pelos sintomas epidemicos.

O Vesuvio tal como o visitámos não tinha interesse nenhum; as bocarras estavam abertas fumegando com naturalidade, um meio torpor de adormecido. As lavas cinzentas, pastosas, iam-se acumulando, em grandes beiças, que estremecem, estremecem e depois se solidificam; o que cá de baixo se imagina ser um orificiosinho regular por onde o fumo sae num sopro uniforme lá ao pé torna-se um laguna parda, um informe scenario, por onde, ha a certeza, se entra para... um poema de Dante. Tal como está na sua faze de repouso não mete medo a ninguem e, contudo, diz-nos alguem do lado, é a fase que mais deve ser observada e estudada; as grandes fendas por onde este referveute vapor se expande a fecharem-se, as grandes bocas de labios côr de cinza a curarem-se, e logo das entranhas, num grito que apavora, o monstro começa a lembrar a sua falta de ar. E os roncos são de abalar e as explosões desses pequenos tampões de lava respeitaveis; foi assim que ele arrazou Pompeia, será assim que ele arrazará Napoles se acaso o homenzinho do observatorio adormece um dia a ver o lindo panorama que cá do alto se admira.

Deixae, meus amigos, que aqui um dia vindes, bolsar a sua lava parda o Vesuvio, no prazer egoista dum monstro que arrota e baba-se para cima da humanidade; deixae, empaz na sua monstruosidade e voltae-vos para o mar, debruçae-vos sobre Napoles a dormir, pobre ingenua que esta hedionda fera guarda, nas pregas dos vales em redór; vêde as vinhas, vêde as pequenas povoações circundando as curvas da costa, e o mar, azul, muito azul num recorte caprichoso, como um lago imovel; vêde a beleza que existe em nos aproximarmos de Deus; se tudo cá do alto é lindo, se não se vê a porcaria das ruas, nem a lama das almas, como pode Deus, que ainda está mais alto, supor que lá na terra se precisa de mangueira das regas dum diluvio! Pobre Deus que vive na ilusão dum mundo lindo! Se até eu, sentado num pedregulho que talvez tivesse sido vomitado pelo Vesuvio, acho Napoles linda, encantadora, magnifica...

*

Visitado o algoz visitamos a vitima; foi noutro dia; um domingo. O cocheiro que contratei para me levar a Pompeia tinha tão bom coração que preferiu perder as liras do passeio a eu ficar de cama 3 dias; aconselhou-me a não ir de trem porque a estrada estava... o mais portugueza possivel, isto é, intransitavel.

Fui então de comboio, o da linha «circumvesuviana» e que serve todas as pequenas povoações ao sopé do verdugo. Não lhes conto nada do que foi essa tragedia; num domingo todo este povo turbulento e indisciplinado a querer ir para fóra, talqualmente uma ida para Algés ou Lumiar! A bicha para os bilhetes, os vidros partidos, a grita do mulherio, a correria para se apanhar logares, os que disputam e discutem, as plataformas a trasbordar e... lá vae... lá vae... Ha comboios de via reduzida de meia em meia hora que vão largando pelos arrabaldes os passeantes e seus farneis. A multidão é a mesma em toda a parte, os pisa-calos não distinguem idiomas.

A viagem é a passo de boi, as rodas chiam nos carris, o panorama pouco diferente do dos nossos arrabaldes; vilas, chalets de burguezia, quintarolas; trajes populares os costumes das napolitanas desaparecidos na totalidade; apenas uma fanciula gorda, muito gorda, trazia cores vermelhas num trajo de bilhete postal, e um menino ostentava um barrete em verde e côr de laranja. E já que falamos nas mulheres, sempre quero anotar que nas camadas populares não ha senão carnes amplas, gorduras flacidas, espapaçadas; nada que indique nervos, vibratilidade, secura de compleição.

Ao fim de duas horas muito compridas chega-se á Pompeia. E eu que julgava que esta gente toda, em romaria, vinha ver, como eu, a cidade morta, fico surpreendido de ser o unico a descer no pitoresco apeadeiro de «Pompei». Saio a estação e logo estou num restaurant, tudo quanto ha de menos contemporaneo de Marco Aurelio. Creados de casaca servem os 4 ou 5 convivas: um oficial grego, alguns caixeiros em estudia, muitas, moscas.

Este «restaurant», que é um verdadeiro «oasis» ao fim duma viagem aborrecidissima, num dia de calor como o de hoje, aproveita-se das circunstancias e oferece-me de almoçar por 50 liras mas com muitos extraordinarios. Para se avaliar ainda mais a seriedade desta respeitabilissima casa, direi que o preço dos almoços para os meus visinhos do lado foram de 40 liras para um e 27 para outro; quando eu perguntei a razão o creado com cara de baritono de «cavalaria rusticana», explicou que o primeiro não tinha queijo e o segundo nem queijo nem café; e continuou a sacudir as moscas com um espanador de papel e cana.

Se o almoço foi caro, a entrada na cidade morta foi gratis, por ser domingo. Desce-se e estamos numa rua de Pompeia.

Descrever uma rua é descrever todas; todas formam a cidade. As ruas são estreitas; grandes lages formam o pavimento e dum lado e outro passeios. As casas chegam-nos até á cabeça. Paredes, portas, muito, muitas que se seguem, repetindo-se durante largos cem metros. Os seus nomes sabem-se: a «Strada dell'Abbondanza, della Fortuna» a «Strada di Stabia,» «forum» com um aspecto de museu, muito decorativo nas suas colunas decapitadas, os templos quo só se veem até aos joelhos, alguns tanques, raras pinturas muraes, e algumas casas com nomes de pessoas que nos foram apresentadas nos «Ultimos dias de Pompeia.» Neste caso estão a casa di Marco Olconio, Cornelio Rufo, Marco Lucrezio, esta, aquela, uma ou outra com um «fauno,» ou um touro, um «cupido» que as faz destacar mas em geral desertas de interesse; respeitavel em Pompeia só ha a apanhar a estafa de quem lá anda a procurar impressões. A «casa dei Vetti» está bem conservada, o seu «atrio» rescende á epoca, mas atravez de tudo ha a duvida, a atroz duvida dos que não são arqueologos, sobre a veracidade dos caquinhos, dos calhaus, dos capiteis...

Para mais, estes guardas de bonet de pála levam-nos em segredo até casas suspeitas, onde mostram aos homens coisas da... biblioteca de Cupido pintadas pela parede, e estendendr a mão ao fechar da porta; as edições de postaes, o comercio de bibelots, as reproduções dos frescos, cheira tudo tanto a comercio que...

Os frescos sim... é interessante, é estupendo, o colorido que ainda nas paredes incertas, estaladas, humidas, teem estes quadros, onde ha danças ritmicas, movimentos de beleza hellenica, scenas da vida romana. E são eles, que com uma visita ao museu, instalado numa rampa ingreme, sob um tunel onde repousa tambem o jogo dum carro em pedra, amenisam a visita a este cemiterio de casas. No museu veem-se os nossos semelhantes do tempo de Pansa, sob um novo aspecto: modelados em lava.

Dizem os letreiros que são «impronti uma nidomo» e «donna», provenientes dos «ultimi scavi». Cinzentos, como a lava endurecida, pedras, esculturas, de que o molde interno é ainda um corpo de gente, numa posição estranha, ou gemendo, ou contorcendo-se, ou dormindo serenamente; são estes modelos macabros os ultimos sobreviventes . . . de Pompeia. Sob uma leve camada cinzenta o cinzel descobriu os ossos de alguem, um rico ou um pobre, sabe-se lá, e procurou as feições, o nariz, os olhos, dando aos cadaveres um aspecto eterno; nem as mumias egicias do British Museum estão tão bem conservadas. Um cão, exemplar historico, contorce-se, rabeia, sente-se quasi o seu latir sob a queimadura das lavas escaldantes. Mas será verdade? Estarão a «chuchar» comnosco? Aqui ao lado, neste armario, temos um belo e bem conservado prato de barro com um coelhinho no estado de esqueleto e cascas de ovos, no meio de outros generos alimenticios varios . . . e estas vitrines tão recheiadas de vida, de provas autenticas da civilisação dos pompeianos, abalam por completo a nossa crença. E' ver e... comer, mesmo os restos do coelhinho com cascas de ovos, embora seja um pouco indigesto.

*

De Pompeia a Napoles perseguem-nos visões tragicas, visões que o cinema veiu ampliar dando já um dia, em trez partes, os ultimos dias de Pompeia.

Vi casas cairem, e olho na boca do Vesuvio, olho no relogio, com receio de perder o comboio para Roma, fujo ante o desabar de colunas, templos, ante uma ensurdecedora gritaria que vem do alem-mundo, das vitimas, as eternas vitimas do grande monstro; mas o Vesuvio fuma tranquilo a sua cachimbada eterna, e os coelhinhos vivos podem ficar tranquilos que não irão parar ao museu de Napoles do ano 3000 e poucos . . .

**Armando Ferreira.**

*AUTENTICAS*

# O DESCREDITO

Quando alguem me aborda e me afirma que isto está perdido, eu pergunto invariavelmente:

"Quem o diz"?

Geralmente respondem:

"Dizem" . . .

E eu contraponho, tambem invariavelmente:

"Mande-os á fava"!

Se pretendem convencer-me da asneirada, rio-me e passo adiante, cada vez mais seguro de que a estupidez dos homens é incomensuravel.

Ainda hontem, o Francisco, aquele porteiro do liceu, que tambem tem uma historia, mas que não avéza mais do que um gabão velho a cobri-lo do frio e um cão tropego a suavizar-lhe a existencia, achando-se verdadeiramente preocupado com as propostas de finanças, me falou de tal fórma, acêrca da «debacle» nacional, que se me puzeram os cabelos em pé.

A frouxidão de caracter lisboêta, a duvida de si mesmo, um pessimismo morbido, que vive em perpetua dedução dos mais absurdos corolarios, estão-nos fazendo mal a todos os portuguezes, com a sua sugestão de morte.

Felizmente, que pelos campos, pela provincia, se não acredita nos estafados oraculos da capital; mas o pior é que se vae especulando dentro e fóra do pais, com os resultados de tanta parvoíçada que se diz e escreve.

Torpes insinuações não faltam. Ora são os teoristas da economia que nos zabumbam os ouvidos com a falencia imediata; ora o politico travesso que nos anuncia a liquidação da nacionalidade. Junte-se a isto, a burricalissima feição da nossa indole urbana, que vive de cocoras defronte do que pode pensar a França, do que nos fará a Inglaterra,—e o leitor terá deante de si o unico mal que nos assoberba. E' deste estado patologico que é preciso fugir, e quanto antes. E' a certa imprensa carpideira e profetica que se torna necessario cerrar os timpanos.

Quantas vezes um medico, raciocinando bem, léva as suas deduções fundamentadas para o lado com que muitos concordam, e o doente estoira para o outro.

E quantas, ao contrario, com diagnosticos, verdadeiras partes carregadas, embebidas na mais solida sciencia, se espera a morte do enfermo, para daí a dias o vermos, todo são e lampeiro, a dizer mal da medecina.

Na questão social, porém, como na medecina, o grave é, se o doente, se os povos, se deixam sugestionar no sentido de acreditarem nos diagnosticos que lhes anunciam o desenlace; porque então, tornando-se dificil fazer reacionar o corpo, seja ele um homem ou uma sociedade, entra-se abertamente no caminho da perdição.

Dantes eram só os politicos que se nutriam com o pregão dos males da Patria, que eles iriam estirpar como cancro maligno. ramificado, enraizado, á espera de tão portentosos operadores; agora são os teoricos da finança, os «perinãos» da Garrett, que cobrem a sua retirada, proclamando o apocalipse.

E os incautos, os ingenuos, os sem opinião sua, pessoal, independente, os que só querem saber a opinião dos outros, a darem á sua vida aquele tom desorientado e frustre de salve-se quem puder.

E' a esses que eu ofereço este conto veridico e vulgar:

Era uma vez um chefe de familia do meu conhecimento que andava muito triste e deveras atrapalhado. Gastára á doida, tinha boas fazendas, mas hipotecados e, sem saber aumentar-lhes a produção, parecia-lhe que o chão lhe faltava debaixo dos pés. Em vez de levar a sua actividade para a intensificação das culturas, para novos empreendimentos, o infeliz começou mas foi a cultivar a queixa cá fóra, a irascibilidade na familia. Estava dum mau humor que não se podia aturar. Contou á mulher (primeiro disparate) a sua ruina. Barafustou contra os filhos, contra os servos, pelo que lhe custavam.

«Isto tem de acabar»—disse ele por fim. O isto eram os gastos, que só agora reputava demasiados.

A mulher foi contando, por casa das amigas o que lá ia por casa. A cosinheira narrou a desgraça no talho: Uma grande infelicidade,—acordaram todos.

E fôra; fôra uma grande infelicidade, não, os poucos haveres a que aquela gente se via reduzida, mas a estupidez da sua divulgação.

Subito, semelhante a um milagre da sua má sorte, choveram as contas, simultaneamente, ao passo que o merceeiro, o do talho e a peixeira nada mais lhe fiaram.

O homem poz as mãos na cabeça e sentiu-se perdido. E fôra ele, e com ele a tagarela da sua esposa, os unicos autores do seu descredito. E' claro que atraz do descredito, das contas por pagar, surgiu logo o desdem da visinhança — será o reparo do leitor.

Puro engano, antes, ainda antes; mal a D. Maria chorona, como lhe chamaram, começou a explicar porque voltava com o mesmo vestido, logo principiaram os enfastiamentos.

Ha muita gente assim; está-lhes na massa do sangue; espiritos subalternos que se ponham a guiar os povos, não podem dar outra coisa.

Entretanto o Francisco, o do liceu, depois deste falatorio, ao assegurar-lhe eu, que não lhe levariam o gabão nem o cão, ficou risonho e tranquilo; assim fiques tu, leitor; porque, em que custe ás corujas, o solo portuguez está lindo, a abarrotar de seiva, e só espera, como noiva cheia de cio, por braços e por semente.

**D. Thomaz de Noronha.**

# "Vagabunda,,

## Uma carta do rei da Belgica

A' ilustre escritora e artista Mercêdes Blasco enviou o secretario do rei Alberto, Max-Léo Gerard, a seguinte honrosa carta, acusando e agradecendo a recepção do livro «Vagabunda», a que já largamente nos referimos:

*Madame.*—O Rei e a Rainha ficaram encantados ao receber o seu belo livro «Vagabunda».

Suas Magestades foram particularmente sensiveis á dedicação pela Belgica que lhe inspirou as paginas eloquentes da sua narrativa.

O Rei e a Rainha conhecem tambem os sofrimentos que teve durante a guerra e que dão á sua homenagem um valor muito especial.

Digne-se aceitar, Madame, as minhas mais elevadas homenagens.

Se o belo livro de Mercedes Blasco precisasse de consagraçao, seria esta a melhor.

# O caso Bourbon e Menezes

O sr. dr. Reis Junior, director da policia de investigação, continua com grande atividade as investigações afim de se esclarecer quem foi a pessoa que desviou do ministerio dos negocios estrangeiros documentos diplomaticos, entre os quaes o que veiu publicado no nosso colega *A Noite*, do que resultou a prisão do seu director, o sr. Bourbon e Menezes. Sobre o caso teem sido ouvidas numerosas pessoas, entre elas algumas de destaque, encontrando-se tambem já preso, por suspeito de envolvido no caso, o sr. Fidelino da Costa, que se encontra nos quartos particulares do governo civil e não n'uma esquadra incomunicavel, como alguns jornaes da manhã noticiaram.

Em consequencia do sr. Fidelino da Costa ser detido, foi posto esta madrugada em liberdade o sr. Bourbon e Menezes.

Parece que o caso se encontra bastante complicado, por n'ele estarem envolvidos varias pessoas, esperando-se a todo o momento que seja preso um individuo de alta cotação social.

# O Monte-Pio Geral

E' amanhã que reune a assembleia geral deste instituto de socorros mutuos, infelizmente transformado, como o cronista do «Autenticas» o tem varias vezes dito, em casa bancaria.

Aparecerá lá a piedade ou a usura? Irão deixar as pobres viuvas e os orfãos na mesma desgraçadissima situação, ou acabarão por lhes acudir?

A ver vamos, emquanto o auctor de «Autenticas» aguarda os acontecimentos, com o seu «dossier» fornecido pelas victimas daquela casa, inexoravel ás mais instantes petições.

Que os donos do Monte-Pio se amerciem dos infelizes, para que a tempestade não tenha de rebentar, como o nosso amigo o promete.



# O alargamento da circulação fiduciaria

**A assembléa geral do Banco de Portugal autorisa o conselho de administração a entrar em acordo com o governo**

No Banco de Portugal reuniu hoje a assembleia geral extraordinaria para apreciar a proposta de lei n.º 1074 que, como se sabe, autorisa o governo a celebrar com o Banco os acordos necessarios para a modificação da base 1.ª do contrato de 29 de abril de 1918, com o fim exclusivo de alargar em mais Escudos 200.000.000$ a possibilidade que o governo tem de obter do Banco emprestimos ou suprimentos em capital escudos.

Essa lei é do teor seguinte:

Artigo 1.º E' autorizado o governo a celebrar com o Banco de Portugal os acordos necessarios para a modificação da base 1.ª do contrato de 29 de abril de 1918, com o fim exclusivo de alargar em mais 200.000.000$ a possibilidade que actualmente o governo tem de obter do Banco emprestimos ou suprimentos em capital escudos.

Artigo 2.º O aumento da circulação designada no artigo anterior será feito conforme as necessidades do Tesouro, em séries de emissões; e dos emprestimos ou suprimentos obtidos dará o governo imediato conhecimento ao Parlamento.

Artigo 3.º Quando as circunstancias assim o exigirem o governo poderá determinar aumentos temporários, cuja soma total nunca poderá exceder 15.000.000$ na circulação de notas do Banco de Portugal, representativas de moeda de ouro, excluida a soma dos débitos do Estado, com o fim exclusivo de proteger a agricultura, a industria, o comércio e as cooperativas de consumo.

§ unico. Para os efeitos da doutrina expressa neste artigo serão sempre preferidas as cooperativas.

Artigo 4.º O governo em relatórios trimestraes dará conta ao Parlamento do uso que fizer desta autorização.

Artigo 5.º Fica revogada a legislação em contrário.

A's 14, 30 sob a presidencia do sr. dr. Vicente Rodrigues Monteiro, secretariado pelos sr. Manuel de Campos Ferreira Lima e D. Joaquim Henriques de Lencastre, é aberta a sessão, estando presentes 121 acionistas, representando um capital de 1.749 contos.

Por um dos secretarios foi lido o oficio que o conselho, de administração enviou á mesa da assembléa geral, pedindo a convocação de aquela assembléa extraordinaria e a referida lei, apoz o que é dada a palavra ao sr. dr. Mateus dos Santos, vice-governador do Banco, que leu um estenso relatorio, no qual se expõe a forma como por aquele conselho é encarado o teor do proposta de lei e que termina pelas seguintes conclusões:

*a)* Conceder suprimentos até á soma de 200.000 escudos, nos termos da clausula 1.ª do contrato de 29 de abril de 1918, ficando entendido na condição natural d'este acordo que a percentagem de 3|8 0|0 sobre 200.000 escudos que o Banco vai perceber, estará sempre sujeita á conceção, no sentido de não representar quantia inferior aos encargos d'aquela circulação constituida pela totalidade dos referidos suprimentos.

*b)* Aceitar a elevação até 115 000 escudos da totalidade da emissão propria lucrativa do banco, sendo a redução somente efectuada, no caso de desacordo entre o Estado e o Banco, sobre a epoca d'uma redução, por decisão de um tribunal arbitral.»

Terminada a leitura do relatorio, o sr. Mateus dos Santos faz ainda algumas concideracões.

E dada em seguida palavra ao sr. Antonio de Menezes e Vasconcelos, que começa por dizer que em uma assemblea geral realisada em 26 de abril de 1918 foi aprovado um contrato, em cujas bases foi resolvido que fossem reformados os estatutos.

Diz que até agora ainda não foram os mesmos reformados, ao contrario do que se faz lá fora, pois todos os bancos no estrangeiro, principalmente o de França, reformaram os seus estatutos.

E' de absoluta necessidade que os nossos tambem sejam reformados e nesta ordem de ideias, termina não dando o seu voto ao relatorio pois que a circulação fiduciaria tem sido aumentada sem que assembleas tenham sido convocadas para esse fim.

O sr. Mateus des Santos, dá, ao orador, explicações sobre o que o relatorio expõe.

O sr. presidente diz tambem que ninguem, como ele, reconhece que os estatutos necessitam de uma urgente reforma, e para esse fim deve ser convocada uma assembleia.

Não havendo mais oradores inscritos é o relatorio posto á votação sendo aprovado por unanimidade.

Ficou por esta forma autorisado o conselho de administração a tratar com o governo o aumento a que se refere a proposta da lei n.º 1074.

Suspensa a sessão por alguns momentos para a confeção da acta, é esta depois lida e aprovada, sendo em seguida levantada a sessão.

## Congresso telegrafo postal

Numa sala da Administração Geral dos Correios, na rua de S. José, realisaram-se hoje mais duas sessões preparatorias do pessoal dos correios, tendo o pessoal de telegrafos reunido em Santa Marta, onde foi discutido o capitulo VI.

Continuam as sessões preparatorias, realisando amanhã á noute uma sessão plenaria para apresentação e discussão dos trabalhos apresentados naquelas sessões.

# ULTIMA HORA

## VIDA SPORTIVA

### O Foot-ball Club do Porto

**Vem a Lisboa jogar contra o Imperio e contra o Sporting**

No sabado e domingo proximos jóga em Lisboa, o Foot-ball Club do Porto, que, acceitando para esse fim um convite do Imperio, obteve ao mesmo tempo o ensejo de procurar melhores resultados do que os que houve nos desafios que sustentou ultimamente contra o Casa Pia e contra o Bemfica. Nada nos consta sobre a constituição da linha dos portuenses, mas não temos duvidas em que será a sua melhor linha, não havendo, como da outra vez, substituições que a enfraqueceram.

No sabado jogam os do Porto contra o Imperio e no domingo contra o Sporting. Este ultimo desafio tem caracter de desforra, porque o Sporting, na epoca passada, foi derrotado no Porto pelo F. C. P., que lhe meteu duas bolas contra uma.

Os desafios realisam-se em Palhavã.

**HOJE**—Pelas 21 horas, reunião na redacção do jornal «Os Sports», afim de se constituir a nova entidade disputadora do sport nacional.

### D. Maria Amalia Maia da Saude

Finou-se hontem esta veneranda senhora, mãe estremecida do ilustre pintor sr. Antonio Saude, professor do Lyceu de Santarem, e do sr. José Victorio da Saude, funcionario superior da Caixa Geral dos Depositos, e tia do nosso presado camarada de redacção Luiz Saude Junior.

O funeral realisou-se hoje, pelas 16 horas, da residencia da falecida, em Algés de Cima, para o cemiterio de Carnaxide, onde o feretro ficou depositado, tendo-se incorporado no prestito funebre muitas pessoas.

A' familia enlutada e especialmente ao distincto artista sr. Antonio Saude e ao nosso camarada Saude Junior a expressão sincera do nosso sentido pesame.

### O "Diario de Noticias Ilustrado"

E' na realidade soberbo o numero que, a exemplo dos anos anteriores, o *Diario de Noticias* distribue como brinde do Natal.

O sumario é o seguinte:

«Sorrindo» (Capa)—Quadro de José Malhôa; «Pax, Libertas et Labor» (Frontispicio)—Allegoria de José Campas; «Terror» (Cont.)—Antonio d'Eça Queiroz—Ilustrações de Joaquim Lopes; «Notas á margem duma filosofia»—Guerra Junqueiro—Ilustração de Antonio Carneiro; «Cabeça de Serafim» (Esculptura) Teixeira Lopes; «As Bôas Fadas e o Amor» (Conto)—João Chave—Ilustração de Raquel Gameiro; «O Mar» (Versos) Raul Martins—Ilustração do Leitão de Barros; «Para a feira» (Fotografia)—M. G. de Lemos Magalhães; «Nomes proprios e improprios» (Caricaturas) F. Valença; «Melodia de Amor» (Musica)—Ruy Coelho—Ilustração de Rodrigues Junior.

Quadro Separado: «Sagrado abrigo»—Artur Loureiro.

Agradecemos o exemplo que nos foi enviado.



## MUSICA

**O proximo concerto Blanch**

Nunca em Portugal se executou uma sinfonia de Schumann, que nos grandes centros musicaes do estrangeiro faz parte do reportorio das mais notaveis orquestras. O maestro Blanch, proseguindo no seu programa artistico e educativo, vae ter a gloria de tornar conhecida dos portuguezes a obra-prima de Schumann, executando no proximo concerto da «Orquestra Sinfonica Portugueza» que se realisa no domingo no Teatro São Luiz a «Sinfonia n.º 3» (em mi bemol). Como se não bastasse este grande acontecimento musical para tornar memoravel este concerto, executa-se tambem o celebre poema Sinfonico de Strauss «Don Juan», uma das maravilhas orquestraes que constitue um dos maiores exitos do maestro Blanc e ainda obras de Schuberb, Liszt, Grieg e outros compositores.

## Salão Central

**O barranco da morte**

Mais um interessante episódio da soberba fita «O terror do rancho».

São dois actos magnificos, com os mais emocionantes episodios da epoca da colonisação dos territorios do Oeste dos Estados Unidos da America do Norte.

Como trabalho de cinematografia é tudo quanto de melhor tem aparecido nos nossos ecrans, já pela sua verdade historica, já pela sua «mise-en-scene», digna por todos os motivos da nossa admiração.

Do seu desempenho, que dizer?

Está ele a cargo duma troupe de notaveis artistas, á frente dos quaes tanto se destacam a formosa actriz Betty Compson e o eximio actor Jorge Larkin.

Amanhã, 4.ª feira, estreia na matinée de mais um episodio da colossal pelicula, intitulado «A cova do Diabo»



## Cruzada das Mulheres Portuguezas

Por determinação do sr. presidente da Republica, que dessa missão fôra incumbido pela Sociedade Continental da California, foram entregues pelo ministerio da guerra á sr.ª presidente geral 5.133$45,5 para a obra de reeducação profissional dos mutilados, do Instituto de Arroios. Esta importancia é metade da valiosa oferta que os nossos compatriotas enviaram agora e da qual foi destinada a outra parte á Assistencia aos soldados tuberculosos da guerra.

Mais uma vez a solidariedade esplendida dos nossos compatriotas vem demonstrar os laços cada vez mais fortes que unem todos os portuguezes no mesmo pensamento e na mesma fé nacionalista.

A Cruzada das Mulheres Portuguezas, tendo na sua presidencia e direcção pessoas que garantem a continuidade da sua patriotica acção da guerra, mais uma vez se sentiu honrada com a confiança dos poderes publicos, como a tem do grande publico que a ama e defende como uma das suas grandes forças sociaes.

A assembléa geral está convocada para o proximo domingo, ás 15 horas, sendo a ordem do dia: apresentação do relatorio da comissão eleita para recebe os livros e contas das comissões, opinião dos peritos e apreciação do procedimento dos socios que não acatam as resoluções da assembléa geral do dia 19 findo.

### O raid Lisboa-Madeira

**Festival militar no Coliseu dos Recreios**

Promovido pelo «Nucleo do Resurgimento Nacional», realisa-se no proximo dia 20 de janeiro, pelas 14 horas, no Coliseu dos Recreios, um imponente festival militar, que conta com uma vastissima e escolhida colaboração e que está despertando grande entusiasmo.

Far-se-ha ouvir a banda do comando geral da G. N. R., sob a regencia do maestro Fernandes Fão. O Colégio Militar e Pupilos do Exercito apresentarão numeros interessantes de ginastica aplicada, sueca e tactica.

O Instituto Feminino de Educação e Trabalho apresentará um escolhido do programa de ginastica com uniformes apropriados, além de caracteristicas danças regionaes e numeros de «orfeon».

O ilustre poeta-soldado Augusto Casimiro usará da palavra sobre os fins da festa.

A receita destina-se á compra do avião em que os distintos aviadores Brito Paes e Beires tentarão do novo o «raid» Lisboa-Madeira.

### BOAS NOVAS

No gabinete dos reporters foi recebido o seguinte telegrama:

S. VICENTE, 27, ás 14,10.—Os sargentos do *Pedro Nunes* seguem bem e dão as boas festas ás suas familias e amigos.

### Presos que fogem

Do forte do Monsanto, evadiram-se hoje de manhã os reclusos Antonio Rodrigues de Faria e Alvaro Lopes de Jesus.

O caso foi participado para a policia de investigação.



## PELO TELEGRAFO

**Cumprindo o tratado de Rapallo**

PARIS, 27. — Cumprindo o tratado do Rapallo, celebrado entre a Italia e a Iugo Slavia, a França suspendeu já todas as relações diplomaticas e consulares com o Montenegro.—(Havas).

**Combates com as tropas de Fiume**

TRIESTE, 27.—Começou já a luta entre as tropas italianas e as fiumenses, tendo havido mortos de parte a parte.—(Havas).

**A união da austria á Alemanha**

BERLIM, 27. — Nos circulos politicos afirma-se que a Austria pedirá brevemente á Sociedade das Nações a sua união á Alemanha. —(Havas).

**A valorisação da borracha**

RIO DE JANEIRO, 27.—O governo está estudando a valorisação da borracha.—(*Americana*)

**Banquete de despedida**

RIO DE JANEIRO, 27.—A Escola da Aviação ofereceu um banquete de despedida ao comandante Magnin, chefe da missão militar franceza do aviação ao Brazil, que sairá do Rio no proximo mez, com destino á França.—(*Americana*).

**O embaixador fracez no Rio**

RIO DE JANEIRO, 27.—O presidente da Republica recebeu Conty, embaixador da França, com quem teve uma demorada entrevista sobre assuntos que interessam aos dois paizes.—(*Americana*)

**Leador que resigna**

RIO DE JANEIRO, 27. = Carlos Campos, deputado por S. Paulo, resignou as funções de «leader» da maioria na Camara.—(*Americana*).

**Um desmentido**

BUENOS AIRES, 27.—Desmente-se que o governo tenha adquirido em Inglaterra tanks para o exercito.—(*Americana*).

**Caminho de ferro argentino**

BUENOS AIRES, 27.—As receitas dos caminhos de ferro na provincia de Buenos Aires renderam do 1.º de julho de 30 de novembro do corrente ano 18.188.800 francos contra 14.644.429 em egual periodo do ano anterior.—(*Americana*).

**Liquidação de contas**

BUENOS AIRES, 27.—O ministerio das finanças pagou na legação de França 2.409.242 pesos, liquidação de novembro de 12.875 toneladas de trigo adquiridas para combater a carestia da vida.—(*Americana*).

**Uma prorogação**

BOGOTÁ, 27.—Foi prorogado pelo prazo de dois anos o reembolso de adeantamento concedido á França para compra de cereaes e productos alimenticios.—(*Americana*).

**Couraçado «España»**

SANTIAGO, 27.—O couraçado «Espana» parte para Buenos Aires, tendo uma paragem em Bahia Branca, Argentina.—(*Americana*).

**Emprestimo de 9 milhões de dollares**

MANAGUA, 27—O Congresso aprovou o emprestimo contraido nos Estados Unidos de nove milhões de dollares destinado á construção do caminho de ferro nas costas do Atlantico, ao resgate do Pacific Rail Road e ao reembolso das obrigações do emprestimo de 1909.—(*Americana*).

**Diplomata que se demite**

QUITO, 27.—Munoz Vernaza, ministro do Equador na Colombia apresentou no dia 1 de novembro a sua demissão, que não foi aceite. Insistindo no seu pedido, por motivos particulares, foi-lhe deferido.

Vernaza foi o negociador do tratado de delimitação entre o Equador e a Colombia.—(*Americana*).

**Cotações, valor do escudo**

RIO DE JANEIRO, 27.—Cotação do café, 11$300; cambio sobre Londres, 9 7/8; valor do escudo portuguez, 780, 860 reis.—(*Americana*).

## NOTICIAS DA CAPITAL

**Brindes e calendarios.**—Da Companhia Jaenecke-Ault, de Newarke, New Jersey, recebemos e agradecemos um calendario para escritorio.

**Morte repentina.**—Joaquim Simões, de 35 anos, trabalhador na fabrica de cerveja no Campo Pequeno, morreu ali hoje de manhã repentinamente, sendo o cadaver removido para a morgue.



## Ao sr. ministro do Comercio

**Um espectaculo vergonhoso**

Decididamente nesta terra não ha meio de haver consideração alguma pelos direitos do publico que quer trabalhar. O espectaculo que se está passando diariamente na estação central dos correios, com a venda das estampilhas, é simplesmente revoltante!

Bichas interminaveis acumulam-se todas as tardes, junto de trez guichets, onde trez meninas fazem a diligencia de servir a grande quantidade de pessoas que ali aflue depois das 12 horas.

Mas elas, por muito zelosas que sejam em querer servir bem o publico, não podendo fazer o milagre de multiplecarem o numero das suas mãos, os seus colegas que por lá passeiam, sem preocupação alguma porque motivo não hão-de aproveitar os outras «guichets», que se conservam fechados, para assim darem despacho mais rapido á multidão que ali espera, e que lamenta com toda a razão que não sejam tomadas providencias urgentes. Nos dias em que é obrigatoria a estampilha da assistencia, o espectaculo então atinge o maximo de indignação, ou antes de consideração por vermos como os estrangeiros se lamentam de ter de passar alguns dias nesta desgraçada terra.

O sr. ministro do comercio, sr. administrador geral dos correios, ou seja quem for que possa dar remedio a esta situação, deve tratar de intervir quanto antes.

Vão ver o espectaculo e digam-nos se ha exagero no que escrevemos e no que os extrangeiros lá dizem, quando se vêm metidos em alguma das bichas interminaveis.

## Abastecimento do carvão

**E' urgente decretar-se o tabelamento da lenha**

Pelas noticias publicadas na imprensa, sabe-se que vão ser tabelados alguns generos de primeira necessidade, tais como o azeite, que ultimamente se tem vendido ao preço de cinco escudos cada litro. Alguns vendedores já vão dizendo aos seus freguezes, que esta medida irá fazer desaparecer do mercado este produto de primeira necessidade.

E para justificação do que afirmam, dizem que compraram o azeite por preço superior a quatro escudos cada litro e que não o podem vender ao preço da tabela oficial. O governo deve saber os meios que pensa pôr em pratica, para evitar que o azeite seja sonegado ao consumo do publico pelo preço da tabela oficial, paea ser vendido clandestinamente mais caro. Mas o que não compreendemos é o motivo porque não se tem estabelecido uma tabela de preço para a lenha, que continua subindo desmedidamente de custo, á medida que escasseia o carvão.

Sabe-se que são precisas cerca de quatro toneladas de lenha para se obter uma tonelada de carvão e assim, vendendo-se a lenha a 115 escudos cada tonelada, não vale a pena vender o carvão a 220 escudos a tonelada, que é o preço da tabela oficial. Dentro de poucos dias quando se consumam os *stocks* de carvão fabricado e que vem sendo transportado, para Lisboa não se encontra carvão de madeira á venda porque toda a gente procura vender a lenha por não valer a pena o preço do carvão.

Portanto o que de ha muito estava aconselhado era que se decretasse o tabelamento da lenha.

Este assunto salta á vista de toda gente e não compreendemos o motivo que possa ter existido, para que o governo não tenha procedido como toda a gente o aconselha.

Quanto mais tarde se tomar essa resolução, tanto mais dificil se tornará a solução do problema.

### Navio em perigo

Uma comunicação da Agencia Havas diz o seguinte:

Um sem fios, expedido em data de hoje ás 3,40, diz que o vapor americano «Red Mountain», que se encontra a 38.º e 47º de latitude norte e 23.º e 26º de latitude oeste, pede socorro.

### Porte d'arma

No governo civil teem sido entregues grande numero de requerimentos pedindo registos policiaes para poderem ser tiradas licenças de porte d'arma no proximo ano.

### Licença de porta aberta

Na 1.ª repartição do governo civil foram até hoje passadas 415 licenças de porta aberta para restaurantes e cafés.

### Malas postaes

Pelo vapor «Agiula» são amanhã expedidas malas postaes para a Madeira, Las Palmas e Africa Oriental via Madeira; sendo ás 8 horas a ultima tiragem da caixa geral.

## POEIRA DA ARCADA

**Direcção do ensino secundario**

O sr. SilverioPereira Junior reassumiu as funções de chefe de repartição interino da direcção geral de ensino secundario.

**Escolas primarias**

A sr.ª D. Etelvina Alves Figueiredo foi provida na escola primaria de ensino geoal de Anguiso, freguezia de Gestação, concelho de Baião.



## Companhia dos Caminhos de Ferro atravez d'Africa

**Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada**

Tendo-se procedido ao sorteio das obrigações a amortisar desta Companhia, em 1 de Janeiro de 1921, conforme o disposto no titulo 4. dos estatutos, coube a sorte aos numeros: 560—1215—1547—1898—2036—2335—2626—2715—2837—2936—5018—5510—5607—7752 de escudos 450$00, e 10131—10926—12554—13437—14229—14504—15030—15284—16429—15834—16128—17112—17943—18007—18875—19747—19770—20102—22397—22452—24283—31044—32798—33183—35511—35657—35818—38614—37881—40367—42504—42880—45035—48509—49821—49921—53095—55553—55893—56133 de escudos 90$00.

Este sorteio é feito nas condições dos quatro anteriores.

Porto, 21 de Dezembro de 1920. Pela Companhia dos Caminhos de Ferro atravez d'Africa, o presidente do Conselho de Administração (a) Augusto Gama.

## Club Naval de Lisboa

CAES DO GAZ

**AVISO**

**2.ª Convocação**

Por ordem do Dig.mo Presidente, convoco a Assembleia Geral deste Club a reunir em sessão extraordinaria, com qualquer numero de socios, na séde do Club, no dia 29 de Dezembro, corrente, ás 21 horas.

**Ordem da noite**

Discussão de novas diposições estatuintes.

Lisboa, 27 de Dezembro de 1920.

O 1.º Secretario
*Wladimiro Contreiras*



## Parque Automovel Militar

**Material circulante**

O Conselho Administrativo faz publico por esta forma que no dia 5 do mez de Janeiro de 1921, pelas 18 horas, se procederá na séde deste Parque em Belem á venda em hasta publica do seguinte material devidamente reparado.

Carro Renault 12 H P—4 logares, carrosserie Sport...............
Carro Fiat 16—20 H P—landaulet.
Carro Peugeot 24 H P—limousine de luxo..........................
Chassi Fiat 20 H P—de correntes..
Chassis Daimler 80 H P sem valvulas..............................
Camions Fiat 18 B L—Para 3500 kilos..............................

As condições da venda estão patentes na Secretaria do Conselho Administrativo deste Parque em Belem todos os dias uteis das 12 ás 17 horas e os carros acham-se em exposição desde o dia 25 do corrente até ao dia 3 de janeiro p. f. na Garage da Rua Thomaz Ribeiro.

Quartel em Belem, 20 de Dezembro de 1920.

O Tesoureiro
*Antonio José Alvaro da Silva e Costa*
Tenente de Adm. M.ar

# A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3739 — 11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Quarta-feira, 29 de Dezembro de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de Impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 5 centavos


## VIDA NOVA

Pouco tarda para que se reatem os trabalhos parlamentares, e durante este interregno, em que necessariamente a lucta politica tem diminuido de intensidade, visto faltar-lhe a sua principal arena, não terão os nossos politicos ponderado, com maior tranquilidade de animo e maior segurança de criterio, que a situação do paiz se não concilia com um tumulto constante de furiosas paixões?

A politica não pode ser feita de antagonismos indeleveis, de resentimentos inteiramente surdos a outra voz que não seja a das represalias. A politica tem de ser feita para o paiz, e das duas uma: ou temos de engendrar dum momento para o outro um novo pessoal politico, o que é impossivel, ou temos de levar o existente a estabelecer as bases dum equilibrio, duma harmonia, que permita uma conjunção de esforços indispensavel á salvação nacional.

Assim, os politicos portuguezes, afastados, por algum tempo, das escaramuças, dos conflictos e das intrigas parlamentares, devem ter feito como que um exame de consciencia, do qual resultaria, sem duvida, o reconhecimento de que só pode atirar a primeira pedra aos outros aquele que não peccou.

E' absolutamente preciso acabar com certos estigmas que se pretendem gravar indelevelmente na fronte de partidos e individuos. Pois não vemos nós os partidos acusarem-se, uns por terem sido partidarios da guerra, outros porque dela não foram partidarios? A verdade é que a guerra acabou. A questão tornou-se portanto bisantina. O que ha a fazer é procurar que a bravura dos nossos soldados, por todos reconhecida, o que lhe grangeou gloria, não seja essa gloria acompanhada pela ruina que os encargos da guerra, suportados pelo nosso paiz, como por todos os paizes, podem acarretar a uma nação como Portugal cuja situação financeira é ha muitos anos precaria.

Tambem se faz um cavalo de batalha com a recordação da epoca sidonista. Para uns essa epoca foi deprimente; para outros foi gloriosa. A verdade é que o sidonismo acabou, e que não se pode eternamente continuar numa especie de rixa velha por factos que cada vez se somem mais na noite dos tempos.

Acima de tudo está a Patria, está a Republica, e a Patria e a Republica necessitam da dedicação de todos os que se interessam pelos destinos nacionaes. A situação é tão grave que não se vê maneira de a resolver sem um acordo tacito dos partidos, orientados pelas proprias sugestões da opinião publica, que está farta de retaliações e dissidios.

Ainda ha pouco, ao desenhar-se uma derrocada bancaria, um movimento, em que a espiritualidade da raça se patenteou, conseguiu opor um dique á onda de descredito que tudo ameaçava galgar. Mercê d'esse facto, durante dias assistiu-se á melhoria gradual dos cambios. Como teria sido excelente que se encaminhasse em sentimento, que se aproveitasse esse espontaneo fervor em que o patriotismo manifestamente aflorava! Mas não! Nada se aproveitou; essa chama está a ponto de apagar-se; os cambios agravam-se de novo, e quem pode garantir que mais uma vez, com espontaneidade egual, um identico estado de alma transpareça na sociedade portugueza!

Ele só pode, presumivelmente, radicar-se, se a vida politica inspirar confiança. Se se verificar que se entra n'uma vida nova, que se extinguem rancores cujas violencias já repugnam, nada estará perdido. Mas se, ao abrir-se o parlamento, tornarmos de novo a assistir á desorientação, á desordem, ao pugilato das paixões e dos interesses sectorios ou pessoaes, então quem é que pode prover o futuro de Portugal?

### Mulheres que passam

*Vejo-as passar junto de mim como grandes bonecas de pó d'arroz. Não sei quem são. Ignoro tudo quanto se passa á volta delas—e apezar disso e decerto por isso mesmo o seu perfume envolve-me, perturba-me, acaricia-me, cantinha comigo ainda uns segundos depois delas terem passado. O seu misterio, perturba-me apesar a eternidade dum instante—que é afinal a unica eternidade verosimil. São mulheres que passam... Mulheres que se vêem—e que não se seguem, mulheres que se desejam—e não se amam. E afinal são elas, fateis como uma renda, volveis como um perfume, as unicas mulheres que sabem dar-nos no momento eterno e fugitivo em que se troca um olhar—a impressão exacta, a impressão perturbadora da alma incerta das mulheres que nós julgamos conhecer demais...*

**Luis d'Oliveira Guimarães.**

### Congresso Beirão

A Camara Municipal de Poiares deu a sua adesão para que o Congresso regional da Beira resulte a manifestação mais completa de todos os valores que fazem dessa provincia a mais bela e a mais interessante do paiz.

A camara municipal de Goes, não podendo colectivamente dar uma util cooperação ao Congresso, prometeu individualmente aos seus representantes todo o concurso para que nessa importante localidade se organise a comissão local e se encetem os trabalhos preparatorios duma boa propaganda.

## O ABASTECIMENTO DE TRIGOS

O decreto ultimamente publicado pelo governo não logrou satisfazer as necessidades da alimentação publica pelo que respeita ao pão.

O decreto nada resolveu e temos a certeza de não errar aventando que ele foi elaborado por quem desconhecia o mecanismo do negocio dos trigos.

N'uma rapida analise que n'um dos ultimos dias d'ele aqui fizemos, puzemos em relevo a fragilidade de muitas das suas disposições.

Ninguem irá evidentemente depositar a quantia minima de 20 mil escudos só pelo prazer de entrar n'um concurso e tomar responsabilidades com as quais os exportadores estrangeiros de trigo não concordarão, como por exemplo, a verificação do peso especifico á chegada. Toda a gente sabe, e só o auctor do decreto parece ignorar, que para os trigos argentinos ainda é possivel indicar o peso especifico, mas que os da America do Norte são classificados de modo diferente d'aqueles, designados por Manitoba n.os 1 e 2, Red Winter, etc., classificações mundialmente aceites, ao abrigo das «Corn trade associations» que os nossos legisladores não serão capazes de modificar por mais alta que seja a conta em que teem o seu proprio talento.

A fixação do limite maximo de 200 toneladas de descarga por dia é uma estulta pretenção.

Os contratos são todos feitos na base da descarga minima de 500 toneladas diarias. Melhor fora, portanto, que o governo providenciasse para que o porto de Lisboa fosse colocado em condições de efectuar aquela descarga, pois que a diferença de 300 toneladas por dia representará, para um vapor com 6000 toneladas, uma demora de 30 dias, quando a descarga se deveria efectuar em 12!

Resultará d'ahi uma sobre estadia de 18 dias, ou seja um prejuizo de mil e oitocentas libras ouro que nós teremos de pagar.

A preferencia estabelecida no decreto para quem se prontificar a receber em escudos é uma das muitas fantasias a que costumam entregar-se os nossos homens publicos. Quem ousaria, com efeito, aceitar uma tal condição, dado o regimem de instabilidade a que está sujeita a nossa divisa cambial?

Em resumo, o decreto ha dias publicado é mais um documento destinado ao arquivo dos papeis inuteis para atestar a ligeireza com que no nosso paiz se encaram os mais sérios assuntos.

Havia um contrato negociado pelo ministerio Granjo, pelo qual ficava assegurado o abastecimento de trigo durante tres anos, com fiscalisação tecnica oficial e pagamento efectuado em Lisboa á chegada dos carregamentos: um terço apenas em ouro e os dois terços restantes a credito.

Esse contrato de tão vantajosas condições para o Estado foi, porém, alvo d'uma oposição violenta por parte de alguns parlamentares, á frente dos quais se distinguiu o sr. Cunha Leal, não poupando as pessoas que n'aquele documento viam a solução d'um instante problema da alimentação publica e o inicio do restabelecimento do credito absolutamente indispensavel para o desenvolvimento do comercio externo.

O sr. Cunha Leal foi depois, mercê das agitadas flutuações da politica, guindado ás funções de ministro das finanças, ficando todos aqueles que defendiam o contrato Granjo com o direito de esperarem do sr. Cunha Leal coisa superior em vantagens para o Estado. Mas... a eterna tabula do «Mons parturiens...» o sr. Cunha Leal produziu apenas o decreto ha dias publicado e que nós já demonstrámos não resolver coisa alguma, a não ser comprar trigos sempre com «urgencia» por todo o preço e seja a quem for, nos termos do § 2.º do artigo 3.º.

Se o governo quizesse legislar com o fim de resolver realmente o problema do abastecimento de trigo com vantagem para o paiz, não sendo naturalmente possivel, depois do que sucedeu, reeditar o contrato Granjo, publicaria um decreto em que se determinasse: Que a concurso só pudessem apresentar-se comerciantes que provassem ser agentes directos dos exportadores de trigo exotico e pagassem a contribuição respectiva; a obrigação para o governo comunicar directamente aos interessados, previamente inscritos na Direcção Geral de Agricultura, com antecedencia nunca inferior a dez dias, a quantidade de toneladas que pretendesse importar; exigencia de uma oferta «firme», pelo praso de 48 horas, a apresentar á comissão legalmente constituida para apreciação das propostas, devendo admitir-se licitação verbal; decisão imediata da comissão sobre as propostas e exigencias do necessario deposito de garantia ao concorrente preferido; abertura imediata do credito necessario para a compra; descarga regulada pela carta de fretamento na base maxima de 500 toneladas diarias; verificação do peso total e do peso especifico pelos certificados de origem e regulamentos da London Corn Association.

Assim teria produzido o governo obra pratica, de real utilidade para o paiz.

E não queremos nada pelo conselho.

AUTENTICAS

## O Monte "impío" Geral

A' hora de «A Capital» andar já circulando pela cidade, deve estar reunida a assembleia geral duma Associação de Socorros Mutuos, á qual chamaram os fundadores — ó suprema ironia! Monte-Pio Geral. A essa assembleia concorrerá por certo uma maioria de amigos dos actuaes detentores da casa, e tudo se resolverá como aos taes cavalheiros parecer justiça.

Vae tratar-se da eleição dos corpos gerentes e do aumento de «bonus» ás subsidiadas.

Pelo que diz respeito á primeira parte da ordem da noite, estou em crer que todos os que se retirarem, sairão coroados de louros. E' dos livros. Pois quê; não ouvirão eles, sem pestanejar, todos os dias, durante um ano inteiro, os soluços das viuvas e o choro dos filhos dos seus consocios falecidos? Não foram aquelas almas misericordiosas ouvindo impassiveis os relatos da miseria, da fome e da nudez, estaticas na contemplação do logro que a sua inercia significava?

Que mais podiam pretender as pobres pensionistas? Surja, pois, o voto de louvor aos corpos gerentes e não se esqueçam de lhes outorgar o «zelo», como atributo primordial.

Que estouvado eu sou em querer que uma associação de socorros socorra; que a sua caracteristica mutualidade sirva, para com o valioso dinheiro dos mortos, se acudir á miseria das suas familias?

Que original casa de providencia me parece aquele banco e casa de prego da rua do Ouro!

Foram os nossos consocios já desfeitos entre as ossadas dos cemiterios que a fizeram tão rica que ela de orgulhosa oblitera a sua natureza, negando o aumento, a subvenção implorada. Foi com as antigas quotas, pagas em dinheiro forte, em moeda cheia de valor intrinseco, que se fez aquele poderoso estabelecimento bancario; mas os mortos não falam, não teem voto, e os vivos bem intencionados, espalhados pelo paiz e pelas colonias, só passados tempos largos saberão da sorte dos seus, quando um dia lhes faltarem.

Quer tudo isto dizer que eu não vou á assembléa geral de hoje; porque a condeno absolutamente. Para a eleição dos corpos gerentes, va lá; é do estatuto, cumpra-se. Mas para mistificação dum obalo e acrescentar as pensões, não.

Com que direito vai uma maioria, minuscula em relação ao numero de socios, um grupo de afectos aos que ali mandam, embora por lá apareça um ou outro protestante, deliberar sobre assuntos de tão ampla e extensa magnitude? Acaso os detentores actuaes do Monte Pio não teem outro meio de consultar a opinião dos verdadeiros donos daquela casa?

A sua gente tão fertil em avisos e circulares, na papelada do escritorio, com que «até se turbeculisam empregados!» não poderá recorrer correctamente ao plebiscito?

Assim, sim; assim se saberia da opinião dos associados; assim ninguem lhes discutiria a legitimidade do que fosse resolvido; com uma assembleia geral feita por uma maioria da casa, com um ou outro elemento discordante, se acuso o deixarem lá ter vida,—o que de lá sair será uma usurpação.

Fala-se em duplicar as pensões, duplicando as quotas. Mas então, para que serve a riqueza do Monte-Pio, feita com o dinheiro não desvalorisado dos antigos socios? A sua prosperidade, as suas disponibilidades, cujo capital inicial foi só o metal sonante dos associados, não são susceptiveis de reversão?

Se toda a vida bancaria e prestamista só serve para a perpetuidade dessas operações sem o fim logico de tornar possivel qualquer melhoria nos socorros ou nos encargos dos premios e das quotas, então direi abertamente que se extorquiu dinheiro á gente incauta, para com os seus obolos se lançar mais um estabelecimento bancario e prestamista apenas.

O logro é evidente, desde que se mantenham as mesmas pensões. Valendo o dinheiro cinco vezes menos, paga-las á antiga, sem procurar a equivalencia da desvalorisação, seria uma triste esperteza, se não fosse uma indiferença glacial pela sorte dos infelizes.

Tem estado em boas mãos não haja duvida a sorte dos menores e das viuvas!

**D. Thomaz de Noronha.**

CROQUIS DE VIAGEM

## NA BOA PAZ

### XLI — *A Italia... pelas costas e Nice á vista*

Para sair de Italia esgueiro-me pela beira mar. Seria um percurso admiravel se umas dezenas, talvez centenas de tuneis não enfeitassem a linha de cinco em cinco minutos.

O trajecto de Roma a Livorno, a Pisa, a Genova até Vintimiglio faz-se sempre á beira do mar, e confesso que a Italia vista pelas costas tem ainda toda a beleza natural que lhe dá fama. A parte até Livorno não sei como é, porque dormi o meu ultimo sôno italiano, refestelado sobre as pernas dum missionario grego que ocupava o canto oposto da carruagem e era mais comprido do que os meus pecados.

Ele, e um principe polaco que vem de alpercatas e barretinho de dormir, e me confessa que dormiu num banco da «piazza dei Cinquecento» por não ter logar em hotel algum, tendo ceado uma «birra», são os meus companheiros de viagem.

O principe é falador; calvo, bigode de general francez, fala-me de Portugal das pedrinhas e dos s. s. do Rocio—mal sabe ele que o Rocio anda agora a ajanotar-se e a cortar o cabelo á escovinha!—de Cintra, dos Estoris e da pena imensa que é não haver casinos, jôgo nas lindas praias portuguezas.

O ilustre polaco está arruinado; ele, que teve na Polonia mundos e fundos, vê-se obrigado a jogar a vida... no «baccarat» de Monte Carlo. Veiu da Sicilia, onde foi vender uma propriedade que por desfastio dos seus ocios de ricaço, nos tempos aureos da sua vida comprára; mal sabia ele que seria o unico recurso, apóz o bolchevismo, para ir colocar no pano verde da Côte-d'Azur.

A costa é recortada, o mar muito azul, e as cidades por que passo, Spezia, Chiavari, são vistas de relance, velhas cosmopolis sem caracteristico, cinzentas, sujas. Em Genova respira-se o ar de grande centro comercial. O comboio traz umas horas já de atrazo, demora-se aqui mais duas, e eu dou uma saltada á velha cidade, ingreme, sem ar, de ruas estreitas; do corrida vejo Genova, espelho de todas as cidades italianas: Garibaldi e Vitor Emanuel em estatuas, uma galeria envidraçada para o mundanismo, palacios ricos nas arterias «chics»; á saida do comboio vê-se o porto, um emaranhado de mastros, uma teia de cordas, gaveas, mastareus, canos de navios, e assim, em docas, em caes que se prolongam para as margens da cidade, se chega até San Pier d'Arena, centro industrial, onde tambem vão habitar os elegantes de Genova.

A linha corre agora entre fabricas, grande quantidade de oficinas, e rente ao mar carreiras de construção de navios, com dezenas de esqueletos, arcabouços, prestes a escorregar até á agua. Savona não tem importancia, ao fundo dum recanto da costa, e assim se segue durante horas, variando e repetindo a paisagem maritima sobre o Golfo de Genova. Pouco a pouco, atravez tuneis e galerias, vamos chegado á «Riviera», beleza de azul no mar, beleza de azul no ceu, Albenga, Alassio, Oneglia, e San Remo, que tem um pitoresco portinho defendido por um forte, seguindo a linha por um corso elegante, bem pavimentado, sobre o qual deitam construções modernas, hoteis ou clubs, certamente.

De «Bordighera» a «Vintimille» vão poucos minutos, e assim se larga a terra italiana com saudade ou sem saudades, não sei, porque isso fica para o balanço final. O missionario ficou em Genova, porque, é extraordinario, este bom homem, de barbas na cara e todo o aspecto de boa constituição, não podia comer nada hoje se logo cedo não fosse dizer a sua missa; e, muito satisfeito com as indicações do polaco sobre uma capelinha isolada, á entrada de Genova, apeou-se a [illegible] para depois seguir noutro comboio ao seu destino. Em «Ventimiglie» almoça-se num «restaurant», o derradeiro prato de macaroni; e nos corredores da grande estação internacional, duas revistas ás malas, por italianos e, pelas «madames» da «Douane» franceza. Os vagons do P. L. M. parecem sumptuosos palacios ao pé dos que deixamos e á hora marcada uma grande locomotiva puxa nos de novo pelas terras de França! A' hora marcada! Eis um sintoma de que deixamos a Italia...

*

Em plena Côte d'Azur... Paisagem de encanto, maravilhosa natureza, «bibelot» de Deus estes scenarios, estas paisagens dum lado e outro; Menton surge depois duma ponte internacional; tuneis ainda, a pôrem o escuro necessario para dar realce ás apoteoses de luz quando se sae deles. A vista é deslumbrante sobre a costa, e Monaco surge muito pessoal, muito «bonbon» de chocolate apresentando na «gare» uns militares vistosos como de cartas de jogar, ou sahidos de um costumier do seculo XVIII. A golpe de vista abrange-se o porto, o rochedo de Monaco, o casino, os hoteis em pedra branca, as avenidas muito recortadinhas, «hiates» no mar, gazolinas, objectos ricos da vida dos milionarios. No comboio entra uma «femina» de saia pelos cotovelos, decotada até aos joelhos, acabadinha de sahir de um banho de perfumes e de uma caixa de aguarela, recostada á sua badine, os cabelos cortados e o seu «ele» com um ar de «pato com... milho». Rescende a escandalo e perfuma a carruagem toda.

Mas ahi temos todas estas vilas tambem muito «coquetes», mundanas, Eze, Beaulieu, Villefranche, prendendo-se umas ás outras por renques de palmeiras e estradas macadamisadas e cobertas por pó... de arroz.

Nice.

«Nous voilá?»

«Nous voilá».

E a Providencia bem sabia o que fazia quando me punha no chão mais as malas já cançadas de tanto correr por mãos de corretores. Foi desde então que eu passei a exclamar nas minhas orações: Deus é grande e o principe de Monaco... muito meu amigo!

**Armando Ferreira.**

## A LEI 1040

### Um criterio que se não justifica —Protegendo monarquicos e castigando republicanos!

«Sr. director d'«A Capital»—Tendo por vezes «A Capital» feito referencia ás rigidas e injustas disposições da lei 1040, em termos que nobilitam esse jornal, que sempre se tem mostrado cioso da defesa dos bons principios em que deve apoiar-se uma sã democracia, pedia a v. o obsequio da publicação do seguinte:

Perante o pessimo acolhimento que a aplicação de tão monstruosa lei obtivera por parte de todas as consciencias liberaes, que com razão a reputaram como um instrumento de odio para ferir adversarios politicos, e as justas reclamações a que deu logar, o senador sr. general Hipolito, por acusião da comissão de guerra do Senado, elaborou um projecto de lei que substituiria a lei 1040, o qual vimos publicado no «Seculo» de 20 de novembro, e de cuja leitura se depreendia que com ele estava de acordo toda a comissão. No seu relatorio justificativo, mostrava-se a comissão de parecer que deviam ser satisfeitas algumas das justas reclamações apresentadas, e que adoptara como tema: «antes poupar um criminoso que punir um inocente».

Consta, porem, agora, que os senadores democraticos, que fazem parte da comissão de guerra, sugestionados não se sabe porque razão nem por quem, resolveram não concordar com as mais justas disposições do referido projecto de lei. Assim, diz-se que enquanto os oficiaes monarquicos, condenados pelos tribunaes militares punidos disciplinarmente, por se terem batido em Monsanto e no Norte contra a Republica, podem, segundo a opinião e voto dos aludidos senadores democraticos, continuar nos quadros do exercito no activo ou reformados, discordaram que igual garantia fosse dada aos oficiaes republicanos, que alem de não terem até hoje sofrido o mais leve castigo disciplinar, á Patria e á Republica alguns serviços prestaram, tendo apenas cometido o crime de terem incorrido no desagrado da demagogia...

Que motivo ha para esta disparidade de procedimento? Só o odio e nada mais. De acordo que aos oficiaes monarquicos condemnados em penas que pelo codigo de Justiça Militar não importam a demissão, se não imponha novo castigo. Mas com mais forte razão aos oficiaes republicanos, em tempos injustamente victimas da lei 642 de 21 de dezembro de 1916, visto que então foram absolvidos pelo tribunal militar que os julgou e por unanimidade do jury, não poderá novamente ser imposta a pena de demissão ou reforma, tanto mais que se foram reintegrados, a propria lei 642 lho permitia. Caso contrario aplicar-se-hão por duas vezes punições a oficiaes por delictos de que um tribunal regularmente constituido os absolveu. Entre estes oficiaes ha quem, alem do seu republicanismo indiscutivel, tenha feito, depois de justamente reintegrado, parte do C. E. P. em França. Com que razão poderá um oficial nestas condições ser atingido pela lei 1040? A não ser que neste paiz se tenha já perdido de todo a noção dos mais rudimentares principios da justiça! ?...

Desde que se não acatam as decisões dos tribunaes, o melhor será extinguil-os.

Alem destes ha outros oficiaes, entre os quaes se contam genuinos republicanos, que a seguir ao movimento de 14 de maio, por um impulso da sua consciencia, pediram a sua demissão, que lhes foi então dada.

Mais tarde foram reintegrados, em pleno estado de guerra. Deveriam tambem ser demitidos agora? Não ha tambem motivo para isso.

Extranha maneira de defender a Republica, inutilisando republicanos, emquanto para os monarquicos se usa de menos rigor!?... E' exquisito tambem que, invocando-se como principal causa da promulgação da rancorosa lei 1040 o facto de castigar oficiaes que se eximiram á ida para a guerra, se ponham na rua oficiaes republicanos que estiveram na França e em Africa, sacrificando-se pela Patria, emquanto voltaram ao activo oficiaes que se reformaram para não irem para lá!?...

Oxalá pois que o parlamento, desta vez, preste mais atenção ao novo projeto de lei, votando-o em termos que não subsistam agravadas as injustiças e iniquidades da lei 1040, como sucederia se aquele passar como os sr. senadores democraticos da comissão de guerra desejam... De contrario continuará a ser uma lei impropria de um regimen de tolerancia, de justiça e liberdade, como deve ser uma Republica. Para o caso chama-se tambem a atenção do sr. ministro da guerra, na certeza de que procurará limar as arestas de tal lei, moldando-a em principios de justiça e equidade. — *Um oficial do exercito*.

## DO ESTRANGEIRO

Nos Estados Unidos e no Canadá é tão elevado o numero de individuos desempregados que os governos respectivos se viram já na necessidade de promulgar medidas tendentes a remediar a crise.

—Nos arredores de Fiume travou se uma sanguinolenta batalha entre os partidarios de G. d'Annunzio e as tropas italianas.

E' curioso este episodio originado pela aspiração da «Italia irredenta.» Quem diria que para a realisação de parte d'esse grande sonho se matariam italianos uns aos outros!

—O congresso socialista de Tours marcha para a scisão.

—O bom senso vae imperando em França. Diminuem em grandes proporções os aderentes dos sindicatos do Sena e da C. G. T.

Acentua-se a reação contra as doutrinas importadas da Russia. Os membros da Confederação Geral Agricola declaram-se prontos a defender a tiro o seu pequeno patrimonio, fruto das suas economias.

Vae chegando a hora de se desmascarar esse grande erro a que se chama socialismo.

—Parece que a Austria vai de novo reclamar a sua união á Alemanha.

Sob o ponto de vista da humanidade essa reclamação deveria ser atendida. A Austria não tem recursos para viver independente. O que agora lá se está passando é pavoroso — a fome com todos os seus horrores. Apenas ha beterrába em abundancia, mas essa mesma só se obtem depois da permanencia por longas horas em intermina veis bichas.

—Na America do Norte, no proximo dia 1, será colocada no estaleiro a quilha d'um grande dreadnought que se chamará «Massachusetts» e será a maior unidade da esquadra americana.

Deslocará 43.200 toneladas; será armado com 12 peças de 40 centimetros e terá uma velocidade de 23 milhas.

Não se deve perder de vista a declaração que ha mezes fez ao congresso, o secretario de Estado da marinha, mister Daniels, de que em 1922 a esquadra americana estaria em condições eguais á da maior potencia naval do mundo.



## O incendio da Casa da Moeda

O agente Delgado, da 4.ª secção, esteve hoje ouvindo diversos operarios da Casa da Moeda ácêrca do incendio que ha dias se manifestou n'aquele estabelecimento do Estado.

Entre essas pessoas conta-se o operario sr. Calção, o qual fez um depoimento importante, declarando desejar ser acareado com alguns operarios cujos nomes mencionou.

Parece que o caso se acha muito complicado, havendo fundadas suspeitas de que se trata de crime, em consequencia das importantes declarações do sr. Calção.

*

Ao fim da tarde, o sr. Calção, que é o carpinteiro privativo da Casa da Moeda, foi de facto acareado durante largo tempo com 4 operarios, dois dos quaes pedreiros, que mais tarde sairam em liberdade por se ter apurado que não tiveram qualquer responsabilidade no caso. Contra os outros dois, Francisco da Costa Santos ou Raul Fernandes, da rua das Praças, 13, e Filipe Lucas Cabral, foi depois passada ordem de prisão, pois as suspeitas comprometiam-os bastante.

Mais tarde o Lucas Cabral saiu em paz por se ter verificado não haver motivo para procedimento contra ele, ficando no entanto preso e seguindo incomunicavel para uma esquadra o Santos que tambem dá pelo nome de Fernandes.

Este foi visto na tesouraria do estabelecimento antes do fogo, não se explicando a sua presença ali, pois que era dia feriado e na Casa da Moeda não havia trabalho.

O Santos e o Lucas Cabral, que são operarios das Obras Publicas, estiveram trabalhando na Casa da Moeda, donde foram transferidos para as côrtes e ha quem queira ver no fogo um gesto criminoso do Santos, por ter sido despedido d'aquelas obras. Não se compreende tambem a sua presença na tesouraria, porquanto o porteiro tem ordens expressas de não deixar entrar ali pessoas estranhas em dias feriados.

Facto é que o porteiro que se encontrava de serviço no dia do fogo, sendo um ebrio incorrigivel, não se encontrava no seu posto, mas sim n'uma taberna proxima, o que aliás é vulgar. Vae ser pois proposta a sua imediata transferencia d'aquele logar de responsabilidade.

O porteiro em questão egualmente esteve hoje no governo civil prestando declarações.



## O Ano Bom

Comemorando o dia do Ano Novo, ha, no Ateneu Comercial de Lisboa, baile no sabado, ás 21.30 horas, abrilhantado por um magnifico sexteto, sendo a entrada apenas para socios e suas familias, e imprensa.

Agradecemos o convite que nos foi enviado.

## BOAS NOVAS

No gabinete dos reporters, foi recebido o seguinte «radio»:

O pessoal de segunda classe do vapor «Traz os Montes» segue bem desejando a suas familias umas festas felizes.

## Pelas colonias

### Um pedido de sindicancia

De S. Tomé, com data de 23, recebemos hoje o seguinte telegrama:

O Centro Republicano dr. Antonio José d'Almeida, contando numerosos associados entre as quaes pessoas destaque como os drs. Freire, deputado Sá Couto, secretario geral, Avelino Leite, juiz da Relação, tenente coronel Alves Vellez e membros do conselho do governo, apoiado pelo Centro Republicano da Ilha do Principe requereu ao governador Lemos uma sindicancia aos actos do curador, fundamentando o pedido com factos concretos, apontando fraudes de dezenas de contos no cofre de repatriação e outras irregularidades, bastantes para imporem o deferimento do pedido. O governador Lemos, roceiro em S. Tomé e medico pago verificar as roças, ligado ao curador por beneficios recebidos mandou este requerimento a informar, nomeando depois uma comissão composta de dez amigos ligados a interesses das roças, presidida pelo auditor de fazenda, para fazerem o inquerito á curadoria. Os possuidores de documentos só os apresentarão a um sindicante imparcial, que dê garantias de justiça. Pedimos uma urgente sindicancia e protestamos contra a conservação do governador Lemos ao abrigo da lei 1022.

Desmentimos quaisquer informações tendenciosas para evitar a sindicancia, imposta para prestigio da Republica e apuramento da verdade.—Presidente da Direcção, *Augusto Gamboa*.

Tambem do Principe recebemos este telegrama:

O Centro Republicano dr. Avelino Leite, extra partidario, está solidarisado com a campanha de moralidade iniciada e mantida pelo Centro Republicano Antonio José d'Almeida da Ilha de S. Tomé.—Presidente da Direcção, *David Carvalho*.

### Um protesto contra a Companhia de Moçambique

BEIRA, 22.—Os agricultores, comerciantes e industriaes, reunidos em sessão magna, protestam energicamente contra a determinação telegrafica da Companhia de Moçambique, alterando o regimen das concessões.

A atitude dos interessados e a sua resistencia repudiando tão arbitraria e ilegal quanto anti-patriotica determinação, tem o apoio unanime da população, pois aberta e deliberadamente sacrifica os interesses geraes em favor de determinadas emprezas priviligiadas em que a companhia de Moçambique está interessada. — (a) *Martins*. Presidente da assembleia.—(*Havas*).

## Asilo Antonio Feliciano de Castilho

Para apresentação dos seus internados, promove a direcção do Asilo uma audição musical no proximo domingo, pelas 14 horas, na sua sede, rua Correia Teles, a Campo d'Ourique.

Deve a festa, como de costume, revestir o maior cunho artistico. A entrada é pelo portão lateral do gradeamento.

## Ordem publica

Maria Rodrigues Pinheiro, rua João do Olero, foi presa, porque estando numa «bicha», na calçada de Santo André, ali estava anunciando uma proxima revolução.

## Malas postaes

Pelo vapor «Belle Isle» são amanhã expedidas malas postaes para Dakar, Pernambuco, Pará, Manaus, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Aires, e pelo «Highland Laddie» para o Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Aires, sendo a ultima tiragem da caixa geral, respectivamente ás 11 e ás 12 horas.

# VIDA SPORTIVA

## A tentativa de "Os Sports" vinga

**Na reunião de hontem foi resolvido pedir aos clubs de sport o seu apoio para se crear um novo organismo federativo**

A idéa que o jornal «Os Sports» ha tempos vem lançando, afim de se criar um novo organismo dirigente do sport nacional, foi aceite desde logo, e confirmada hontem, na reunião efectuada nas salas da sua redação, reunião a que assistiram os srs. Lelo Portela, Prestes Salgueiro, Alfredo Soares, Ribeiro dos Reis, Soares Junior, Correia Leal, João Formosinho, Simões, Pinto d'Almeida, Antonio Neves e A. de Campos Junior. Pelo «Sport de Lisboa» esteve presente o sr. Djalme Bastos. Apenas o sr. dr. Salazar Carreira não poude comparecer, tendo contudo justificado a sua ausencia e declarado estar absolutamente de acordo com a creação do novo organismo.

A sessão foi presidida pelo sr. Lelo Portela, atual governador civil de Lisboa, tendo como secretarios os srs. Prestes Salgueiro e Correia Leal. Todos os presentes se manifestaram a favor da creação de um organismo federativo, podendo ser a F. P. S., desde que se consiga uma plataforma que permita nela o ingresso dos clubs não filiados desde a sua fundação, tanto mais que esses são trez das nossas principaes agremiações: Ginasio Club, Sporting e Club Naval.

Usaram da palavra os srs. Lelo Portela, Ribeiro dos Reis, Soares Junior, Campos Junior, Prestes Salgueiro e Alfredo Soares, que discutiram com entusiasmo a idéa de «Os Sports», tendo sido apresentadas quatro propostas, aprovando a assembléa a do sr. Ribeiro dos Reis, que é do seguinte teor:

«Proponho que o jornal «Os Sports» tome a iniciativa duma reunião de todos os clubs desportivos afim de se decidir sobre a creação duma plataforma que permita o ingresso de todos os clubs dentro da Federação Portugueza de Sport, ou com o fim de indicar á mesma Federação a necessidade de dar por finda a sua existencia, por não estar ela de acordo com o modo de sentir geral, justificando a necessidade da creação de um novo organismo federativo.»

Foi esta proposta aprovada por unanimidade, depois de um aditamento feito pelo sr. Alfredo Soares.

Tambem foi discutida e aprovada em principio a creação das Federações por sports, embora se organise desde já uma Federação de todos os sports.

No final da sessão todos os sportsmen presentes estavam absolutamente convictos de que á proxima reunião dos clubs desportivos, que se efectuará no dia 10 de janeiro, os nossos clubs a ela concorrerão, afim de se iniciar uma nova epoca de trabalho em prós do desenvolvimento do sport. Terminou a sessão depois das 24 horas.

O jornal «Os Sports» vae enviar desde já uma circular aos clubs desportivos, afim de se fazerem representar por dois delegados, aos membros da F. P. S. e aos sportsmen que hontem reuniram.

### Campeonato de florete

Continua aberta no Ginasio Club Portuguez a inscrição para o 5.º Campeonato de Florete a realisar em 9 de janeiro proximo.

A inscrição, que é individual, é aberta a todos os Clubs, salas d'Armas e unidades militares e fecha no dia 2 do mesmo mez.

**NO POLITEAMA**

### Concerto Leá Bach

O concerto que a eximia harpista Lea Bach efectua no Politeama no proximo sabado, e para o qual se está já verificando grande procura de bilhetes, apresenta uma novidade que é necessario fazer sobresair.

E' que na primeira e terceira parte se executam os «Concertos» de Mozart e Ravel, respectivamente, em junção com a orquestra. N'estas duas admiraveis peças, o trabalho que cabe á harpa é soberbissimo e a colaboração da orquestra indica por parte dos autores a superioridade da tecnica que lhes estabeleceu a celebridade.

E' preciso tambem dizer que Leal Bach só realisou festivaes semelhantes no Mexico e em Buenos Aires. E' esta a 3.ª vez que se repete tal acontecimento artistico.

**Concerto sinfonico.**—Além das peças que se executam no concerto de domingo, no Politeama, pela orquestra dirigida pelo maestro Fão, a que já fizemos referencia, serão tambem tocados o preludio do 1.º acto do «Lohengrin»; um sólo da «Thaïs» (Meditação), de Massenet, pelo notavel violinista René Bohet; o poema sinfonico «Preludios», de Liszt e a «Marcha Hungara», de Berlioz.

Outras peças ainda, que ámanhã anunciaremos, completam o magistral programa.



# Theatros e Cinemas

## Reclames

Repete-se hoje no Politeama a encantadora comedia em 4 actos, de Martinez Sierra, tradução de Oldemiro Cesar, *Coração cego*, um belo conjuncto de desempenho e uma peça des de mais luxuosa montagem.

—Amanhã, realisa-se no teatro Apolo, com o aplaudido *Burro em pé*, uma recita dedicada pela empresa ao professor de indumentaria Manuel Castel Branco, cujo artistico guarda-roupa tanto tem contribuido para o grande exito da peça. O *Burro em pé* repete-se no dia de Ano Bom em matinée, sem aumento de preço nos logares.



## MUSICA

**O concerto Blanch de domingo**

O assunto dominante de todas as conversas nos salões e no mundo artistico é o belo concerto da «Orquestra Sinfonica Portugueza», dirigido pelo maestro Pedro Blanch, que no proximo domingo se realisa no teatro São Luiz, que constitue o maior acontecimento musical d'estes ultimos tempos.

Pela 1.ª vez em Portugal se executa a celebre 3.ª «sinfonia em mi bemol», do grande Schumam e tambem o colossal poema sinfonico de Strauss, «Don Juan», um dos maiores exitos da Orquestra Blanch, a encantadora suite do «Peer Gynt» com os seus belos quatro numeros, a famoza «Rapsodia Hungara em dó», de Liszt, a brilhante «Marcha militar» de Schubert e outras obras.

Justificado está com este programa o entusiasmo que este extraordinario concerto está despertando e a que ninguem faltará.



## LIVROS E PUBLICAÇÕES

**Questões coloniaes e economicas.**—A Sociedade de Geografia, a quem o paiz já tantos serviços deve, resolveu condensar em um pequeno volume o resultado de alguns dos seus estudos e trabalhos, com o fim unico de orientar uma parte da opinião dos que se dedicam ás questões coloniaes, das mais importantes para a economia portugueza.

Diz, no prefacio, o secretario perpetuo da Sociedade, sr. Ernesto de Vasconcelos:

«O estudo acerca da «Situação Actual de Moçambique», tambem trabalho de uma outra comissão, em que tomaram parte alguns dos nossos mais eminentes colonistas, não deve ficar esquecido pela grande lição que encerra, sobretudo no respeitante á situação autonomica da provincia de Moçambique, em relação á Africa do Sul. Mostra-se que a colonia tem meios proprios de vida e atingiu um grau de expansão, em coisa alguma inferior a outras colonias africanas de identica situação geografica.

As dificuldades de ordem internacional que o estado de guerra trouxe á nação portugueza colocaram-nos em uma posição extremamente melindrosa e a «Comissão de defesa da integridade das colonias», instituida por nossa iniciativa, prontificando-se a colaborar com o governo para os fins em que foi constituida, dirigiu ao chefe d'Estado uma exposição em que se sumarisavam os pontos principais que havia a atender como mais urgentes. Um d'eles referia-se exatamente á magna questão dos transportes maritimos para as colonias a que urgia dar pronto remedio.

Todas as nações se preparavam para o momento terminal da guerra, revendo as suas forças economicas. O nosso paiz fazia excepção; mas era preciso, era urgente, sair de uma tal letargia.

Surgiu então na nossa Sociedade a idéa de se constituir uma comissão de competencias para o estudo de um plano economico que mais conveniente fosse para os interesses nacionais e formulámos a respectiva proposta depois por nós acompanhada de uma sumula dos meios tendentes a desenvolver a riqueza publica na metropole e nas colonias; o que tudo vai igualmente reproduzido no volume, bem como os pareceres já relatados por aquela comissão.

De todos estes trabalhos foi dado imediato conhecimento ao governo, ao qual sempre enviámos todos os pareceres e relatorios concernentes aos assuntos debatidos no seio das comissões d'estudo e na Sociedade que, continuando isenta do mal politico, emprega o seu tempo no estudo detalhado dos importantes problemas que ela desejaria ver perfilhado por aqueles que teem por dever atender ás magnas questões do paiz e das colonias».

E' mais um serviço e dos não menos importantes o que a Sociedade de Geografia prestou com a publicação do presente livro.

# ULTIMA HORA

## A atitude dos monarquicos

**Mais uma conspirata em marcha**

Ha quem ainda esteja crente de que os elementos monarquicos resolveram de vez pôr de parte quaesquer movimentos revolucionarios, afim de que vinguem as suas loucas aspirações. Chegou a afirmar-se que os realistas iriam disputar as proximas eleições, entrando assim no caminho da legalidade.

Santa ingenuidade dos que acreditam em taes «blagues»!

Os realistas integralistas não desarmaram nem desarmam e tanto assim que teem preparado um movimento para os fins de Fevereiro proximo.

Os conspiradores continuam fazendo as suas ligações, estando já organisado um novo «comité», de que fazem parte, entre outros, um antigo major de infantaria, que foi irradiado do exercito, e um padre bastante conhecido, que conseguiu arrancar a uma senhora residente para os lados de S. Sebastião da Pedreira a quantia de 6.000 escudos, que ela deu a titulo de auxiliar uma escola de creanças que afinal não existe.

Os integralistas continuam com extraordinaria actividade montando os seus nucleos em todo o paiz, conseguindo arranjar inumeros adeptos em Viana do Castelo, onde se conspira com grande entusiasmo, em Braga, Traz-os-Montes, Monguaide, Molledo do Minho, etc.

Dizem os conspiradores que a monarquia será proclamada sem se dar um tiro!

Ha ainda um titular de grande nomeada que contribuiu com importantes verbas e que atualmente se encontra em Londres. Só depois da chegada deste titular em janeiro proximo se começará activamente, nos arraiaes monarquicos, a preparação do movimento, que não sairá sem a certeza absoluta da vitoria, dizem eles!

Na Galiza os conspiradores teem tudo preparado para auxiliar o movimento.

## Ameaçados de despejo imediato

Ao sr. governador civil, foi hoje entregue um abaixo assinado dos moradores dos predios n.º 538 e 540 da rua de S. Bento, pedindo providencias para o facto de terem de fazer imediato despejo, sob a ameaça de prisão.

Moram ali umas quinze familias pobres, com numerosos filhos menores, não tendo casas para residir.

Acontece mais que todos os inquilinos teem as rendas pagas em dia, as quaes se encontram depositadas na Caixa Geral dos Depositos.

## O ultimo temporal

PORTO, 27.—O temporal nos tres ultimos dias tem sido grande, causando prejuizos, não havendo, porem, desgraças pessoaes. A «Sociedade Humanitaria» Matozinhos-Leça distribuiu 4.490 escudos pelas familias das victimas do naufragio da traineira de pesca «Varina». Na camara ouve uma reunião das juntas de freguezias e industriaes de padaria, sargentos do exercito, representantes governador civil, delegado abastecimentos que iniciaram o trabalho para distribuir pão de segunda qualidade ao publico. A alfandega rendeu 167 e 5841 libras em oiro.—*(Havas)*.

PORTO, 29.—Continua mau tempo. Devido á agitação do mar não houve movimento na nossa barra. A alfandega rendeu 170 contos e 744 libras em oiro.—*(Havas)*.

## A questão corticeira

Em virtude dos operarios das fabricas de cortiça terem reclamado junto dos proprietarios das mesmas o aumento de salario, reuniu hoje ás 16 horas, na Associação Industrial Portugueza, a Secção de Cortiças, a fim de tratar do assunto.

A reunião foi de caracter reservado.

## Importante furto a bordo do "Lima"

**Uma passageira que ficou sem joias e dinheiro no valor de 10:000 escudos**

Procedente de Manaus, chegou ao nosso porto a bordo do «Lima» dos T. E. M., a sr.ª D. Diana Pereira da Conceição Sampaio Gouveia, que se destina ao Porto.

Durante a viagem essa senhora foi roubada, ficando sem 10 aneis de ouro, alguns deles com brilhantes de grande valor, pulseiras, fios e cordões, brincos, abotoaduras com brilhantes e outras pedras, medalhas com brilhantes, relogios, alfinetes com brilhantes, um coração tambem de ouro, um pacote com 20 meias libras, 6 botões com brilhantes e a quantia de 1.500 escudos em notas.

A roubada, uma vez no Tejo, apresentou a sua queixa na policia maritima, a qual por sua vez enviou uma relação dos objectos roubados á policia de investigação.

A diligencia foi confiada ao chefe Tavares, da 4.ª secção, sendo natural que nada se descubra visto que o furto foi praticado a bordo durante a viagem.

## O caso do documento diplomatico

O sr. dr. Reis Junior, director da policia de investigação, ainda hoje se ocupou do falado caso do documento diplomatico, que, conforme é sabido, foi publicado há dias num jornal da noite. O sr. Fidelino da Costa que foi quem forneceu esse documento ao sr. Bourbon e Menezes, continua detido num dos quartos particulares do governo civil. Não é verdade que ali estivessem prestando hontem declarações os srs. Dr. Couceiro da Costa, nosso ministro em Madrid, e dr. Bernardino Machado, conforme hoje diz um jornal da manhã.

Hoje esteve prestando declarações o sr. Urbano Rodrigues, cujo longo depoimento foi reduzido a auto, indo depois o sr. dr. Reis Junior conferenciar durante largo tempo com o sr. presidente do ministerio.

## Achado de cartuchos

O sr. Antonio Domingos da Silva Reis, rua de S. Bento, 214, 2.º, entregou á policia um embrulho com 76 cartuchos para espingarda, que encontrou na rua Correia Garção.

## POEIRA DA ARCADA

**Comissario d'abastecimentos em Moçambique**

Foi nomeado comissario dos abastecimentos da provincia de Moçambique o tenente coronel Roque d'Aguiar.

**Inspector de comandos militares**

Foi exonerado de inspector dos comandos militares de Moçambique o major Viriato Lopes Ernes da Silva e nomeado para o substituir o major José Maria Cardoso.

**Por.os de Moçambique**

Foi nomeado capitão dos portos de Moçambique o capitão tenente Almeida Maduro.



## Companhia Carris de Ferro de Lisboa

**Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada**

**BILHETES DE ASSINATURA**

Esta Companhia faz publico que tem desde já á venda bilhetes de assinatura para o 1.º semestre de 1921, nas seguintes condições:

1.º—O prazo de validade dos bilhetes termina em 30 de junho de 1921.

2.º—O preço dos bilhetes é de esc. 120$00 (cento e vinte escudos) pagos no acto da entrega da carta em que forem requisitados.

3.º—Os bilhetes deverão ser requisitados á Companhia, nos seus escritorios em Santo Amaro, em carta impressa segundo o modelo que a Companhia fornece, devendo o requisitante juntar-lhe duas fotografias suas, eguaes, medindo 0,m045 x 0,m035, de frente e sem chapeu; não se aceitando fotografias que sejam de dimensões inferiores a estas, ou inutilisadas por qualquer carimbo.

4.º—A Companhia só se obriga a fornecer bilhetes de assinatura tres dias depois d'aquele em que receber a requisição, nos termos acima indicados, mas nunca antes do dia 31 de dezembro.

5.º—Os bilhetes são absolutamente pessoaes, intransmissiveis e insubstituiveis, salvo em caso de perda ou extravio devidamente comprovado, e só são validos para os carros electricos que circulam nas linhas da Companhia, excluindo, portanto, os que circulam nas da Nova Companhia dos Ascensores Mecanicos de Lisboa.

6.º—Em caso de perda ou extravio deverá o assinante fazer a participação á companhia, que decorridos oito dias, lhe fornecerá outro bilhete. Durante este prazo, que a Companhia reserva para averiguar qual o paradeiro do primitivo bilhete, o assinante só poderá transitar nos carros pagando as suas passagens e sobre elas não terá direito a restituição alguma nem a perdas e damnos.

7.º—Quando qualquer pessoa que não seja o proprio assinante, fizer uso de um bilhete de assinatura, será o bilhete cassado pelo agente da Companhia e em seguida anulado sem prejuizo do processo a seguir contra o autor e cumplices desta fraude ou tentativa de fraude.

8.º—Os bilhetes de assinatura não teem valor algum quando não tragam a fotografia do assinante, não tenham o selo em branco da Companhia ou não estejam por eles assinados.

9.º—Os assinantes não podem apresentar, sob pretexto de quaesquer prejuizos, reclamação alguma contra a Companhia, por motivo de demora, paragem e interrupção na circulação da linha, mudança de serviços, diminuição no numero de carreiras, falta de logares ou por motivo de greve.

10.º—Fica o assinante obrigado a apresentar prontamente o bilhete ao condutor e bem assim quando exigido pelos outros empregados da Companhia, não sendo suficiente a declaração de ter assinatura.

Fica egualmente obrigado a reproduzir a assinatura quando se torne necessario para comprovar a sua identidade.

11.º—A falta casual ou forçada de utilisação do bilhete não constitue o assinante nem os seus sucessores ou herdeiros no direito de reclamar indemnisação ou compensação alguma da Companhia.

Em caso algum poderá o assinante, quem o represente ou quem lhe suceda, reclamar o valor total ou parcial da assinatura, cujo preço, uma vez pago, pertence do direito e para todos os efeitos á Companhia.

Lisboa, Santo Amaro, 22 de dezembro de 1920.

*A Direcção da Companhia*



## NOTICIAS DA CAPITAL

**Disparando tiros contra uma janela:**—O sr. Luiz de Souza, capitão ajudante do 2.º Grupo de esquadrão da G. N. R., queixou-se á policia de que hontem á noite, nas terras do Duque de Cadaval, contiguas ao seu quintal, na rua de Pedrouços, 100, um grupo de individuos tinham disparado alguns tiros contra a janela da sua residencia.

Procedendo-se a varias pesquizas, não houve meio de averiguar quem foram os autores da proeza.

**Fugitiva recapturada:**—Virginia da Purificação Santos, sem residencia, foi presa por ter fugido das Casas de Trabalho, onde se encontrava internada.

**A serie diaria:**—Queixaram-se á policia: Serafim de Jesus Mourão, de Vila Viçosa, de que pelo processo do conto do vigario fôra burlado na quantia de 550 escudos e numa corrente de ouro e relogio de prata, no valor de 300 escudos, e Aleixo dos Santos, calçada da Graça, 57, de que num carro electrico lhe subtrairam um relogio de prata e uma corrente de ouro no valor de 100 escudos.

**Queda.**—No banco do hospital de S. José recebeu curativo Manoel Martins Guedes, de 45 anos, solteiro, empregado do comercio e residente na Estrada do Calhariz, em Bemfica, 25, r/c., que na referida estrada deu uma queda fracturando o braço direito.

**Desastre grave.**—Na enfermaria de Santo Antonio do hospital de S. José deu entrada em estado grave Manuel Rodrigues de Souza, 25 anos, da Caparica, chegador do vapor de pesca *Maria Helena*, residente na rua do Guarda-Mór, 37, 2.º, que a bordo do referido barco que se encontra em frente da Cova da Piedade, foi atingido por uma porção de agua a ferver expelida de uma caldeira, ficando queimado em todo o corpo.

**Cadaver desconhecido.**—Ante-hontem, pelas 23 horas, foi admitido no hospital de S. José um homem aparentando 60 anos, andrajosamente vestido, que foi encontrado cahido sem fala, pelo guarda 595 no Caminho Novo, falecendo momentos depois.

O seu cadaver foi removido para a casa mortuaria do referido estabelecimento onde se encontra em exposição afim de ser reconhecido e indentificado. Em uma das algibeiras foi-lho encontrado uma matricula da Camara Municipal pertencente ao carrocairo Carlos Bernardo Luiz, rua de Sant'Ana á Lapa, 29.

**Agressões.** — No banco do hospital de S. José, recebeu curativo, seguindo depois para casa, Antonio Dias, de 55 anos, residente em Oeiras, trabalhador, que ali foi agredido com uma paulada na cabeça por um tal Antonio jornaleiro que em tempos trabalhou por conta daquele. Parece que o motivo da agressão foi o Dias despedil-o do seu serviço.

**Atropelamento mortal.**—Na enfermaria de Santo Antonio do hospital de S. José faleceu hoje José Rodrigues Paz, residente na Vila Dias, 6, que em 22 do corrente foi atropelado por um automovel em Xabregas.

## Menor atropelado

Gravemente contuso pelo corpo, deu entrada na enfermaria de St.º Alberto o menor de 10 anos Henrique de Figueiredo Correia, da rua Castelo Branco Saraiva, n.º 4, que foi atropelado na rua da Boavista pelo carro eletrico 419. O guarda-freio não foi preso, por, em seguida ao acontecimento, se ter evadido.

## Bancos e companhias

**Companhia da Zambezia.**—Para hoje estava marcada uma assembleia geral para apresentação do relatorio de contas e eleição de corpos gerentes e de uma comissão para reformar os estatutos.

Por não haver numero suficiente para funcionar a assembleia, foi esta adiada para o dia 20 de janeiro, ás 14 horas.



## Club Naval de Lisboa

**CAES DO GAZ**

**AVISO**

**2.ª Convocação**

Por ordem do Dig.mo Presidente, convoco a Assembleia Geral deste Club a reunir em sessão extraordinaria, com qualquer numero de socios, na séde do Club, no dia 29 de Dezembro, corrente, ás 21 horas.

**Ordem da noite**

Discussão de novas diposições estatuintes.

Lisboa, 27 de Dezembro de 1920.

O 1.º Secretario
*Wladimiro Contreiras*

## Parque Automovel Militar

**Material circulante**

O Conselho Administrativo faz publico por esta forma que no dia 5 do mez de Janeiro de 1921, pelas 13 horas, se procederá na séde deste Parque em Belem á venda em hasta publica do seguinte material devidamente reparado.

| | |
|---|---|
| Carro Renault 12 H P—4 logares, carrosserie Sport | 1 |
| Carro Fiat 16—20 H P—landaulet. | 1 |
| Carro Peugeot 24 H P—limousine de luxo | 1 |
| Chassi Fiat 20 H P—de correntes | 1 |
| Chassis Daimler 30 H P sem valvulas | 2 |
| Camions Fiat 18 B L—Para 3500 kilos | 6 |

As condições da venda estão patentes na Secretaria do Conselho Administrativo deste Parque em Belem todos os dias uteis das 12 ás 17 horas e os carros acham-se em exposição desde o dia 25 do corrente até ao dia 3 de janeiro p. f. na Garage da Rua Thomaz Ribeiro.

Quartel em Belem, 20 de Dezembro de 1920.

O Tesoureiro
*Antonio José Alvaro da Silva e Costa*
Tenente de Adm. M.ar

# A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3740 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Quinta-feira, 30 de Dezembro de 1920 | Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de impressão — 71, Rua da Rosa, 71 | Preço, 5 centavos



# Em Portugal e na Hespanha

As noticias de Hespanha não teem sabido esconder a gravidade da situação revelada pela suspensão de pagamentos do Banco de Barcelona, um dos primeiros estabelecimentos de credito não só da capital catalã, mas de todo o paiz visinho. Os telegramas dizem mesmo que em Barcelona o panico é enorme, e quem pode assegurar que esse panico não se estenda á nação inteira?

Lamentamos o ocorrido com o Banco de Barcelona, e nenhuma especie de satisfação nos pode dar a iminencia dum «krack» bancario na Hespanha. Mas temos o direito de salientar o facto, porque ele constitue uma resposta decisiva ás creaturas que não se cançam de propalar, quer dentro, quer fóra de Portugal, que só o nosso paiz é que se encontra em graves dificuldades, sendo absolutamente precario o seu credito, mesmo dentro das fronteiras que o circunscrevem.

Para essas creaturas, empenhadas em denegrir o nome da Patria e em amesquinhar as instituições republicanas que nela vigoram, Portugal está numa má situação não só porque é uma Republica, mas tambem em consequencia da sua intervenção na guerra.

Isto se diz, mas os factos demonstram-nos que em Hespanha é que realmente suspende pagamentos uma grande casa bancaria enquanto que, entre nós, bastaram os primeiros rebates duma corrida a um banco para que o credito desse banco se firmasse, e assim aquilo que alguns julgaram que constituiria o inicio duma derrocada converteu-se numa afirmação de confiança.

Portugal é uma Republica, mas a Hespanha é uma monarquia. Contudo, nem porisso a Hespanha se exime a situações que assumem um aspeto mais alarmante do que as portuguezas.

Portugal entrou na guerra, mas a Hespanha conservou a sua neutralidade. Sobretudo essa circunstancia tem servido constantemente para um confronto tendencioso entre as resoluções de dois governos exaltando-se até ás nuvens o do governo hespanhol, o qual, de resto, não tinha a ligal-o a nenhum dos paizes em lucta um tratado de aliança. E porquê? Porque, em virtude d'essa neutralidade, a Hespanha enriqueceu. Todavia, a verdade é que a Hespanha se debate numa seria crise economica, e o que sucedeu com o Banco de Barcelona mostra que não é essa a unica crise. A Hespanha não entrou na guerra, e em Hespanha todos os dias se registam tumultos mais graves do que os nossos, causados pela carestia da vida; a Hespanha tem greves mais alarmantes do que nós, e é em Hespanha e não em Portugal que bancos começam a suspender pagamentos.

Que quer isto dizer? Isto quer dizer, muito simplesmente, que as consequencias da guerra em todas as nações se fazem sentir, não se excluindo d'esse numero as que se conservaram neutraes. Seria puerilidade pretender, por esta forma, significar que as nossas dificuldades não são grandes. Mas o que devemos é reconhecer que o mal tem um aspecto geral. Não ha hoje um unico paiz do mundo que não tenha serios problemas a defrontar.

As outras nações resistem? Tambem nós resistimos. E que resistimos seriamente prova-o o facto da Hespanha não ter podido esquivar-se á explosão duma crise bancaria que nós evitámos. E evitámo-la, sobretudo com o procedimento espontaneo do publico, e qual, tão levado pelo raciocinio como pelo sentimento, opôs uma barreira ao panico que se fa desenrolando, como, segundo os telegramas desta manhã, se está desenrolando em Hespanha.

O momento é de luta. Temos lutado, continuemos a lutar, e não ha direito de não nutrir esperanças na victoria.

# Cabelos brancos

*...controu então no seu cabelo loiro*
*...n cabelo branco... E' por isso que chora?*
*Mas que importancia tem*
*...m fio de prata nova no seu cabelo d'ouro?*
*Juro, minha senhora,*
*Que até lhe fica bem.*
*...ê-me a sua mão. Conversemos os dois.*
*...abe que acho cedo para os seus desenganos...*
*Depois*
*...sse cabelo branco tão futil afinal*
*Ainda não é velhice.*
*...Olhe: eu estou cheio deles e tenho vinte anos.*
*...Você velha porquê — mas é uma tolice,*
*Não vê as suas lagrimas que não lhe ficam mal,*
*Não vê os seus despeitos,*
*(Adoraveis encantos...)*
*O melhor das mulheres são os seus defeitos*
*E você tem-nos tantos!*
*Alegre-se comigo. Como ainda amanhece...*
*Ande. Não perca a esperança*
*Enquanto uma mulher chorar porque envelhece*
*Está uma creança.*

*Luiz d'Oliveira Guimarães*

# DO ESTRANGEIRO

Fiume, se não capitulou já, está prestes a fazel-o. Nem poderia resistir ás tropas italianas! A resistencia é uma alucinação do poeta.

Nem sequer ha já acôrdo entre Gabriel d'Annunzio e a população que deseja naturalmente socego e paz.

Ambos os contendores arvoram a bela bandeira italiana: ambos protestam amala até ao sacrificio da propria vida e em holocausto á esta amor sublimado estoselam-se mutuamente.

A nós que amamos a Italia quasi tanto como a nossa Patria, confrange-se nos o coração perante tão triste aventura nascida d'um desproposito d'um poeta se ervorar repentinamente em politico.

Entre nós passa-se o contrario: são os politicos que se transformam quasi todos em «poetas». Mas o resultado é o mesmo — o «desastre».

● Crise bancaria em Barcelona, na terra da indusria, do dinheiro e da abundancia. Um Banco, o mais importante da cidade, anunciou que suspenderia transitoriamente as suas transacções para se refazer de numerario. Foi como um rastilho de polvora. O panico dominou por completo aqueles que haviam confiado o seu dinheiro ao Banco.

Verificou-se que este tem um activo superior em trinta milhões de pesetas ao passivo, mas a multidão alucinada não raciocina e a corrida continua. Oxalá venha depressa o bom senso acalmar os animos desnorteados, como felizmente sucedeu ha pouco entre nós.

O clientes dos Bancos precisam de se convencer de que nenhum d'esses estabelecimentos vai á terra se não é qualquer aperto lhe não faltar a confiança dos seus clientes. Se algum Banco por falir é sempre a desconfiança e o panico d'aqueles que provoca a catastrofe, prejudicando-se a si proprios.

● Já foi promulgado o Home Rule concedido ao povo irlandez. Tem o defeito de todas as coisas que chegam tarde de mais; não remedeiam coisa alguma. O povo irlandez já não se contenta com o Home Rule, quer a sua completa independencia. Não a obtem decerto e a guerra civil continuará implacavel até acabar por empobrecimento completo do territorio e da população. A nosso ver, essa aspiração da Irlanda, se fosse realisada, não lhe traria nenhum beneficio importante. Ficaria sendo um paiz pequenino ás portas d'um muito grande e com as questões de raça e de religião a dilaceral-a.

Nunca poderia tirar grande proveito da independencia.

Se em Inglaterra tivessem dado ouvidos ás vozes autorisadas de Gladstone e de Parnell, muitas desgraças se teriam evitado!

● O bolchevismo liquidou na Hungria com a condenação á morte de quatro comissarios do povo e de sete a prisão perpetua.

E' o que virá a suceder na Russia n'um praso mais ou menos longo. Os grandes criminosos recebem sempre o castigo condigno.

# Pelas colonias

**Que é isto, sr. ministro? Novo protesto contra determinações da companhia de Moçambique**

A agencia Havas distribuiu o seguinte telegrama:

BEIRA, 23.—Associação Comercial, em sessão magna e com maioria absoluta dos seus associados, comerciantes, agricultores, banqueiros, advogados e industriaes, tendo tomado conhecimento da deliberação da companhia de Moçambique, relativa á concessão de terrenos, apresenta o seu veemente protesto, aderindo á resolução da restante população, de resistir e repelir semelhante atropelo, não só dos direitos adquiridos, como da marcha progressiva deste territorio, resolvendo mais empregar todos os meios sem excepção para que seja anulada no total e em qualquer dos seus detalhes tão injustificavel quanto antipatica deliberação. Esta associação considera estes factos como o resultado de não terem sido atendidos os seus veementes protestos de Setembro de 1919 contra a aprovação dos estatutos de Moçambique Industrial and Comercial Company, onde a companhia de Moçambique está largamente representada, bem como na concessão especial Hornung, que são entidades exceptuadas e beneficiadas por esta sua deliberação.—(a) *José de Lacerda* presidente da Assembléa.

Já hontem publicamos um telegrama identico datado de 22, assinado Martins, presidente da assembleia. Hoje recebemos esse que damos á publicidade, datado de 23, e assinado José de Lacerda presidente da assembleia.

Que se deduz? Que na Beira lavra uma grande agitação entre as classes mais consideradas do territorio da Companhia de Moçambique, reunindo em assembleias sucessivas, protestando contra as deliberações da referida companhia que é uma d'aquelas felizes que gozam de «direitos de soberania» que numa epoca de fraqueza e de acanhada visão do futuro, qualquer governo lhe concedeu, apezar de serem estrangeiros quasi todos os seus capitais, com comité em Londres.

Em abono da verdade devemos dizer todavia, que tem trabalhado alguma coisa. Não terá cumprido integralmente os compromissos a que a obriga a sua carta organica, mas alguma coisa tem feito em beneficio do desenvolvimento agricola do seu extenso territorio.

A deliberação que tomou, acerca de concessões no seu dominio, levantou os protestos relatados nos telegramas de hontem e de hoje.

O governo não póde fazer ouvidos de mercador. Tem que se informar e intervir no assunto dentro da latitude que para isso lhe dá a carta organica.

# D. Elvira de Noronha

Faleceu em Paris, onde havia fixado residencia, a sr.ª D. Elvira de Noronha, estremecida esposa do nosso prezado amigo sr. D. Manuel de Noronha e cunhada do tambem nosso querido amigo e colaborador D. Thomaz de Noronha.

A' familia enlutada e em especial a estes dois amigos a sentida expressão do nosso pezame.

# O incendio da Casa da Moeda

O agente Delgado esteve esta tarde ouvindo o comandante e chefe de secção do corpo de bombeiros sobre o incendio ocorrido na Casa da Moeda.

# Ainda a tragedia de Serrazes

**O sr. ministro da justiça requisitou o processo da sindicancia ao sr. Cesar dos Santos**

O sr. dr. Lopes Cardoso que, no actual governo, está sobraçando a pasta da justiça, é um espirito cheio de nobreza e de rectidão, justo e cavalheiresco, a quem os proprios adversarios politicos prestam homenagem e de quem a Republica tem a esperar assignalados serviços.

Não podia o ilustre titular da justiça encarar com indiferença os protestos que de toda a parte se levantam contra um magistrado, que se tem ultimamente envolvido n'uma machiavelica intriga que para a magistratura da Republica pode trazer, nem nada mais nem menos, do que o seu desprestigio.

Referimo-nos ao caso—de triste registro—do sr. Cesar dos Santos cujos actos reprováveis em nota do julgamento de S. Pedro do Sul, são suficientemente conhecidos para que a opinião publica os não condemne e clame por plena satisfação.

Ora essa satisfação não pode ser dada evidentemente com a sindicancia que acaba de ser feita, onde só as afirmações dos acolitos do sr. Cesar dos Santos e da familia Malafaia fazem fé e onde se chega á conclusão absurda de pedir processos criminaes para cada uma das pessôas que á referida sindicancia foram levar o depoimento da verdade ou—pelo menos—da sua consciencia.

Mas a analise de tudo isso, as conclusões ilogicas e disparatadas a que por vezes se chega no volumoso relatorio do juiz sindicante, serão objecto de um estudo circunstanciado que por emquanto não devemos fazer.

O sr. dr. Lopes Cardoso, ministro da justiça, acaba de requisitar o processo da sindicancia feita ao sr. Cesar dos Santos, o qual imediatamente lhe foi entregue e a sua opinião esclarecida, norteada por um grande espirito de justiça e de amor á Republica, ha-de certamente pronunciar-se sobre esse monstruoso documento...

# O abastecimento de trigos

«A Manhã» de hoje publicava a seguinte nota:

*Segundo informações colhidas em boa fonte, o governo não realisou até agora nenhum contrato de trigos. O que se tem feito, em tal materia, tem sido a ultimação de contratos iniciados pelo governo anterior.*

Que significa isto! Contratos iniciados pelo governo anterior?

Imaginemos que na melhor das hipoteses se trata apenas de «simples compras» efectuadas pelo governo anterior. Em tal caso foi feita a compra «sem contrato»? Mas ha mais: dado o tempo decorrido o trigo comprado já deve estar em Portugal e entregue á moagem. Então depois do trigo cá estar é que se «ultimam os contratos»?

Se se trata de fornecimentos (sem contrato, evidentemente) que fornecimentos são esses e quem foi o feliz fornecedor que por atenção especial tratou e está tratando o caso em familia?

Quaes as condições da oferta?

Que vantagens ofereceu ao Estado?

Como se admite que estejam sendo «ultimados contratos» em segredo e depois do governo ter mandado dizer para a imprensa que não abriria as propostas ultimamente apresentadas?

Que interesse de Estado haverá, tão forte que não se possa saber quanto custa e quem fornece o pão nosso de cada dia?

# O caso Bourbon e Menezes

Continua detido no governo civil o sr. Carlos Fidelino da Costa, tendo sido hoje durante todo o dia muito visitado.

O sr. dr. Reis Junior, director da policia de investigação, saiu hojo do governo civil, acompanhado do chefe Sequeira, afim de ouvir os depoimentos dos sr.s Liberato Pinto e Couceiro da Costa.

# VIDA ARTISTICA

Inaugura-se amanhã, pelas 13 horas, no salão Bobone, á rua Serpa Pinto, a exposição de pintura de Carlos Reis, Antonio Saúde, Falcão Trigoso, Alves Cardoso, Frederico Ayres e João Reis.

A visita da imprensa realisou-se hoje.

# Movimento no Tejo

Entraram hoje no Tejo os paquetes francez «Belle Isle», vindo de Bordeus, Corunha e Leixões, com 3 passageiros para Lisboa e 434 em transito, e inglez «Highland Laddie», de Londres, com 9 passageiros para esta cidade e 624 em transito. Ambos despacharam hoje mesmo para sair com destino aos portos do Brazil e Argentina, levando além daqueles passageiros elevado numero de pessoas embarcadas em Lisboa.

# PELO TELEGRAFO

## Argentina

**O infante D. Fernando de Espanha**

BUENOS AIRES, 29.—O infante D. Fernando, é esperado aqui no dia 1 de janeiro, saindo em seguida para o Chile, onde lhe preparam grandes festas.—(*Americana*).

## America Central

**A união das republicas d'esta região americana**

S. SALVADOR, 29.—Os ministros discutiram durante trez dias a entrada da Republica na união da America Central votada no congresso realizado em S. José.

Os delegados de Honduras, Costa Rica, Guatemala e S. Salvador, assinaram o pacto sem esperar pelo delegado de Nicaragua, que consultou a tal respeito o seu governo.—(*Americana*.

## Estados Unidos da America

**Aniversario de Wilson**

LONDRES, 30.—Dizem de Washington, que o presidente Wilson festejou o sexagessimo ano do seu nascimento com uma reunião familiar na Casa Branca.—(*R*).

**A defeza do canal de Panamá**

WASHINGTON, 30.—Vae ser apresentado um projecto de lei ao congresso que tem por fim fazer modificar o canal do Panamá de maneira a tornal-o inexpugnavel e ficar absolutamente a coberto de qualquer ataque quer venha do ar, da terra ou do mar.—(*R*).

**Auxilio dos Estados Unidos aos aliados**

CHICAGO, 30.—A America enviou doze milhões de pinheiros para a França, Inglaterra e Belgica para se arborisarem os distritos devastados pela guerra.—(*R.*)

## Canadá

**Os desempregados—Comercio de bebidas espirituosas**

TOURONTO, 30.—O Comité executivo da questão dos desempregados do Canada calcula que o numero dos sem emprego é de quatro por cento acima do normal. (*R.*)

QUEBEC, 30.—Parece que o governo está na disposição de abrir casas para venda de liquidos alcoolicos a preços moderados e de qualidade garantida.

Parece tambem que vae ser publicada uma lei autorisando a venda de cerveja de uma graduação mais forte, do que aquela até agora vendida. (*R.*)

## Japão

**O imperio do Sol Nascente está disposto a reduzir os armamentos**

LONDRES, 30.—O embaixador do Japão nesta cidade concedeu uma entrevista em que disse que o Japão está disposto a reduzir o seu armamento de acordo com as outras potencias, não só no interesse da paz do mundo, mas ainda no interesse do povo japonez.

O Japão acredita nos desejos mutuos de boa vontade de nação para nação e deseja o sucesso da Liga das Nações. (*R.*)

## Inglaterra

**Uma grande conquista—A resolução do problema dos adubos**

LONDRES, 30.—Os quimicos inglezes que trabalham sob a direcção do governo progrediram de tal modo nos processos de captar o azote do ar atmosferico que dentro de breves mezes a Inglaterra não necessitará dos mercados estrangeiros para adquirir este coadjuvante para as suas colheitas. (*R.*)

**Contas em dia**

LONDRES, 30.—As contas do tesouro deste ano comparadas com as do ano passado dão os seguintes numeros:

Receitas em 1920, libras 875649640; em 1919, libras 690463792. Despezas em 1920, libras 816753587; em 1919, libras, 1103174489.—(*R.*)

**A guerra civil irlandeza**

LONDRES, 30.—Dizem de Dublin que a condessa Markeivicz sinn-feiner proeminente foi sentenciada a dois anos de trabalhos forçados por conspiração e por ter organisado a associação conhecida como Fiara Furm cujo objecto era espalhar o terror, assassinando policias e soldados, e fazendo distribuições de armamento.—(*R.*)

## Italia

**O desanimo invade d'Annunzio**

ROMA, 29. — Esta manhã, em Abbazzia, os delegados fiumezes entregaram aos delegados italianos uma carta em que Gabriel d'Annunzio declara renunciar ao poder e aceitar as condições impostas pela Italia. São disolvidos os legionarios. D'Annunzio publicou uma proclamação dizendo que não vale a pena morrer pela Italia. Afirma-se que d'Annunzio sairá de Fiume em aeroplano.—*H.*

**O termo da aventura de Fiume**

TRIESTE, 30. — Depois das tropas regulares italianas terem entrado em Fiume foi proclamada a lei marcial.

O comandante das tropas regulares e os representantes de D'Annunzio concertaram as treguas.

Giolliti interrogado por deputados acerca da questão de Fiume disse que a acção militar empreendida contra D'Annunzio era absolutamente necessaria, para dar aos habitantes de Fiume a sua liberdade e para cumprir o Tratado de Rapallo.

Chegou o Duque de Aosta, primo do Rei de Italia, a Abbazia onde se está regulando a questão de Fiume.

A vinda do Duque tem por fim ver se consegue um rapido acordo para evitar o derramamento de sangue e convencer que D'Annunzio a entregue a sua auctoridade ao conselho comunal de Fiume.—*R.*

## Alemanha

**Progressos da lingua franceza entre a população operaria do Baixo Rheno**

PARIS, 30.—Por um inquerito feito nestes ultimos tempos, nos centros industriaes do Baixo Rheno, afim de determinar se o seu pessoal se interessa pelo idioma francez, esse inquerito deu os seguintes dados sobre os 101 estabelecimentos visitados, e que ocupam um pessoal de 39.820 operarios.

Unicamente 8.704 sabiam o idioma francez á data de 31 de março de 1918. No corrente ano a cifra subiu a 29.000, entre os quaes 22.000 o falam. Este brilhante exito deve-se aos esforços dos industriaes que organisaram classes até nas suas oficinas, e em escolas construidas pelos proprios operarios.—(*R*).

**A resistencia passiva da Alemanha**

PARIS, 30.—A imprensa franceza examinando os resultados já obtidos na conferencia tecnica de Bruxelas constata que as dificuldades actuaes da Alemanha, veem de que ela ainda não fez nenhum esforço serio para se adaptar á sua nova situação.

Os trabalhos de Bruxelas estabeleceram já trez pontos importantes:

1.º O orçamento alemão contem despesas injustificadas.

2.º Da-se uma margem muito larga para despesas sumptuarias.

3.º Ainda existem grandes possibilidades de materia colectavel.

A Alemanha descura tambem a exploração intensiva do carvão que ela poderia fazer com uma grande facilidade uma vez que as suas minas se prestem a isso.

As capacidades tecnicas da Alemanha e o seu esforço tecnico podem aumentar em porporções consideraveis a producção das suas industrias.

A exploração das suas florestas tambem se pode fazer de uma maneira mais proficua.

A Alemanha podera portanto estar em condições de satisfazer os compromissos que lhe foram exigidos.—(*R*).

## Romenia

**Os inimigos pretendem atacar a Romenia**

LONDRES, 30.—Os governos francez e inglez receberam uma nota da Romenia em que esta nação se declara seriamente alarmada pela acumulação de tropas hungaras na fronteira.

A Infantaria hungara já penetrou em variados pontos pela zona neutral da Transilvania aonde só estava permitida a passagem da policia emquanto não fosse delimitada a fronteira pelas comissões aliadas.

Tambem o governo dos sovietes acumulou na fronteira russo-romena doze divisões do seu exercito.—(*R*).

## Grecia

**Relações com a Servia — Politica interna**

PARIS, 30. — O ministro da Yugo-Slavia em Athenas declarou ao governo grego que o seu governo não podia renovar o tratado politico e militar que exestia entre a Servia e a Grecia e que finalisa em Fevereiro proximo, emquanto as relações com a França e com a Inglaterra não fossem modificadas.

A situação politica na Grecia é bastante confusa.

O sr. Rhallis tenciona adiar a Camara que deve abrir no dia cinco de janeiro para 2? do mesmo mez. — *R*.

## França

**Festas presidenciaes**

PARIS, 3.—Realisou-se ante-hontem a ultima caçada presidencial da estação em Rambouillet, em honra dos membros dos corpos do Estado, Conselho superior da guerra, e do Supremo Tribunal de investigação. O presidente da Republica presidiu ao almoço oferecendo em seguida aos seus hospedes uma brilhante festa musical.—(*R*).

## Hespanha

**Importação de açucar—Ministerio—Os expressos de Andaluzia não podem por ora funcionar**

MADRID, 30. — A «Gaceta» publicou um decreto prorrogando até 31 de março a importação de açucar em Espanha com direitos reduzidos a 35 pesetas por cada cem kilos.

O rei assinou o decreto aceitando o pedido de demissão ao ministro da instrução publica, sendo substituido pelo catedratico Montojo Rios, que prestará hoje juramento antes da reunião do conselho de ministros no palacio.

Já se encontra restabelecido o ministro da guerra, tendo estado a despacho com o rei.

Os comboios expressos da Andaluzia não poderão ser restabelecidos antes da primavera por falta de locomotivas encomendadas aos Estados Unidos e á Belgica.—(*R*).

**Crise bancaria em Barcelona**

MADRID, 30.—O ministro da fazenda manifestou ao governo os seus esforços afim de conjurar o gravissimo problema dos Bancos de Barcelona, porém não será concedida uma moratoria.

O alcaide de Barcelona telegrafou ao ministro da fazenda, manifestando que a falta de numerario causará a suspensão dos pagamentos aos operarios das industrias electricas.

O ministro decidiu que lhe sejam enviadas 624 mil pesetas caucionadas pelos impostos territoriaes.—(*R*).

**Ocupação de posições em Melilla**

MELILA, 30.—Foram ocupadas todas as posições territoriaes de Ulad ficando dominadas todas as povoações das zonas setentrionaes, tendo presenciado as operações os generaes Silvestre e Davalillos.—(*R.*)

AUTENTICAS

# UMA CARTA

Caro confrade. — Acabo de ver que trez pessoas protestaram hontem na assembleia geral do Monte-Pio, contra a campanha feita por um jornal contra aquela associação de socorros mutuos, transformada em casa de negocios chorudos.

Pelo meu artigo de hontem, sabe v. como eu condeno toda essa prosperidade, alcançada com penhores e transações de caracter bancario, se tal abarrotamento de riqueza não servir para ajudar as viuvas e os filhos dos associados que fizeram rica aquela instituição. Falei-lhes hontem numa possivel reversão de fundos e num plesbicito que mostraria honestamente a todos nós, corpo dispenso, que nós queremos.

Isto não agrada aos budhas daquela casa. Paciencia!.

Mas uma coisa é os mandões lá de dentro não se aceitarem [illegible] razoavel e justo ha no que eu sustento, e outra seria uma campanha contra o Montee-Pio.

Para isso seria preciso que todos considerassemos serem o Monte-Pio esses famosos corpos gerentes de duração anual.

Mas, seja como fôr, a queixa é livre e o desabafo alivia, e não serei eu que lhes leve a mal o seu protesto. Porque no fim de contas o que é um protesto?

Um grito, um gesto, uma frase ou frases que nada provam.

Melhor fariam os ilustres protestantes, demonstrando ás viuvas e aos orfãos que teem de se contentar com os 10 % e a sem razão dos nossos assertos.

Um burro que tem de puxar uma carroça, se se recusa, e lhe aplicam um chicote aos lombes, tambem protesta, abanando as orelhas e metendo a cabeça entre as mãos; mas quero crer que não ha carroceiro que se sinta persuadido de que o jumento tem direito á rebelião pelo facto de ele tentar a resistencia.

O protesto, como a lagrima, é livre, mas ou isto saiu tudo dos eixos, ou os respeitaveis protestantes fariam melhor em me convencer com provas e argumentos de que estou em erro.

O peor é que as pobres viuvas e orfãos só alcançarem 10 %! Até parece troça com a miseria.

Do que o Monte-Pio sofre sei eu. E' duma acanhada e caixeiral orientação, de que os seus corpos gerentes não teem sido capazes de sair. Mas este é um mal geral de toda a luminosa burguezia de contas e de negocios.

Muito gratos devem estar os corpos gerentes aos denodados protestantes. Valha-lhes ao menos esta ensejo de «chance».

Parede, 30.

**D. Thomaz de Noronha.**

# Falsificação de cedulas de $10

O agente Delgado, auxiliado pelo seu colega Costa, ambos da 4.ª secção da policia de investigação, a cargo do chefe Eduardo Tavares, descobriram hoje uma importante fabrica de cedulas falsas de 10 centavos.

Foram apreendidas grandes porções de cedulas eguaes ás que andam em circulação feitas na Casa da Moeda bastante perfeitas, com excepção do papel, que era ordinario, tintas, prensa e o cunho, que era de metal.

Sobre o caso a policia guarda a maior reserva e só amanhã poderá ser fornecida á imprensa o resultado das investigações.

# Marinha de guerra

A canhoneira «Mandovy» não vae para os Açores, mas sim para Leixões, a substituir a «Limpopo.»

Foram mandados activar os trabalhos de construção dos «destroyers Vouga e Tamega.»

# "Os Sports,,

E' o seguinte o sumario do numero de «Os Sports» posto hoje á venda: entrevista com F. Guedes sobre a reorganisação da Federação Portugueza de Box, secções de esgrima, football, automobilismo, educação fisica e atletica, alem do noticiario dos nossos clubs, provincias e estrangeiro.

Publica ainda «Os Sports» uma optima fotogravura com quatro figuras de sport: F. Guedes, Henrique Correia, João Formozinho e Julio Augusto.

**Lêr amanhã na CAPITAL**

**NA BOA PAZ**

**XLII — Como o principe de Monaco me ajudou a pagar a viagem**

Croquis de viagem por

ARMANDO FERREIRA

## Theatros e Cinemas

### Filipe Duarte

E' um nome, um belo nome de musica nacional. Filipe Duarte é actualmente o compositor, o maestro mais portuguez, mais caracteristico da nossa terra; tem nas suas composições a alma nacional; tem nos seus fados, nas suas canções, motivos que são populares.

Filipe Duarte não escreveu apenas a «Leiteira de Entre-Arroios»; a sua obra—para que trazê-la mais uma vez a publico se ela está ainda bem na memoria de todos—é vasta e toda divorciada dos estrangeirismos; é um poeta e um visionario, crente e um obreiro.

Tem trabalhado para revistas, procurando-dar-lhes um cunho seu, tornando nobre a missão da revista; agora abandonou o genero, tão por baixo anda.

A festa de hoje no «São Luiz» é uma homenagem ao seu val.r e ao seu talento; as scenas portuguezas que creaturas felizes vão ouvir são perolas da musica nacional, e as palmas ao esplendido maestro uma justa consagração a que gostosamente nos associamos.

### O costumier Castelo Branco

No Apolo realisa-se hoje uma homenagem a Castelo Branco. Todos os que lidam e apreciam o teatro sabem quanto a arte dramatica nacional deve a Castelo Branco. E' ele quem dá vida e anima, leva ás palavras e aos papeis a côr e o caracter da epoca; é ele quem á força de saber de indumentaria, de historia, á força de gosto artistico, consegue fazer duma novoenta peça, ou um desfile de personagens historicas, ou uma farandola vistoza de fantazias brilhantes, faiscantes de lantejoulas; é um grande factor dos sucessos, um trabalhador quasi imperceptivel para o publico leigo... do nome dos outros.

A. F.

## Noticiario

**Outra companhia de opereta?**

Ao que parece pensa-se em organisar uma companhia de opereta, em Lisboa ou no Porto, com Laura Costa, Alice Pancada; etc.

**Regresso de artistas**

Pedem-nos a publicação da noticia seguinte:

No dia 27 do corrente embarcaram no Rio de Janeiro a bordo do vapor «Avon» os artistas Raquel de Barros e Alves da Silva, que são aqui esperados no proximo dia 5 de janeiro.

**Um sucesso no Brazil**

As criticas dos jornaes brazileiros falam com entusiasmo cada vez maior em Alvares da Cruz, tendo-se dissipado por completo a frieza com que o publico estava preparando para o receber.

**Cumprimentos**

Martins dos Santos de regresso do Porto, onde passou o tempo na companhia do «Teatro Aguia d'Ouro» cumprimenta por nosso intermedio, o publico de Lisboa.

**Companhia dramatica no Porto**

Ao que nos diz Samwel Diniz, é provavel que fique para o proximo inverno no Porto á frente duma companhia dramatica constituida com elementos daquela cidade.



## Movimento Associativo

**Centro dr. Bernardino Machado.**—Reune amanhã, pelas 21 horas, a assembléa geral d'este Centro, na sua séde, rua de Alcantara, 27, 1.°.

## Salão Central

**O Barranco da Morte—A Cova do Diabo**

Não nos enganámos na nossa forma de reclamar a colossal pelicula em 7 episodios, 14 partes, *O terror do rancho*. O seu começo foi recebido com o maior sucesso, tendo continuado nos episodios seguintes. Os exhibidos, em estreia, nas duas ultimas *matinées* provocaram um exito ruidoso. Tanto *O barranco da morte*, como *A cova do diabo*, são duas autenticas maravilhas, que o publico se não farta de ver e admirar, não só pelas suas passagens cheias de emoção e novidade, como pelo desempenho dos seus dois primeiros artistas, a encantadora actriz Betty Compson e o insigne actor Jorge Larkin.

E lá temos amanhã, na *matinée*, a estreia doutro episodio, intitulado *Caravana sitiada*, o que será uma nova enchente para o Central.

## Musica

**O concerto Blanch de domingo**

O belo concerto da «Orquestra Sinfonica Portugueza» dirigida pelo maestro Pedro Blanch, que no proximo domingo se realisa no teatro São Luiz, é dos mais notaveis e artisticos.

Executa-se pela 1.ª vez em Portugal a soberba 3.ª «Sinfonia Rhenana», do grande Schumann, inspirada n'uma visita que fez á catedral de Colonia. E' uma extraordinaria composição que imortalisou o seu auctor.

E ainda o colossal poema sinfonico «Don Juan», a obra prima de Strauss, e um dos maiores exitos da Orquestra Blanch, a encantadora suite Peer Gynt», com os seus quatro deliciosos numeros, a bela «Rapsodia hungara n.º dó», de Liszt, e brilhante «Marcha militar», de Schubert e outras composições celebres.

E' uma notabilissima audição musical, a que ninguem deve faltar.

# ULTIMA HORA

## Um furto de 100 contos

### Foi preso no Porto o acusado que burlou um capitalista de Lisboa

O sr. Henrique Pinheiro de Magalhães, importante capitalista da praça de Lisboa, residente na rua Duque de Saldanha, 30, 2.°, tinha transações comerciaes com o sr. José Gualdino de Carvalho, da rua do Ouro 220, 3.°, a quem confiou importantes quantias para varios negocios.

Essas negociações parece não terem sido seguidas á risca pelo Carvalho, motivo porque o sr. Pinheiro de Magalhães apresentou queixa na policia.

Foi encarregado de proceder á averiguação o chefe Martinheira, da 1.ª secção de invetsigação, o qual apurou que o acusado havia fugido para o Porto, para onde foi pedida a sua prisão, que se efectuou ali hoje.

O Carvalho negociou ainda com letras do queixoso, sendo a burla avaliada em 100.000 escudos.

Contra a acusado existem ainda outras queixas na policia.

As investigações continuam por parte do chefe Martinheira, devendo o preso chegar amanhã a Lisboa.

## Noivo que agride a noiva a tiro

Maria Izabel, de 21 anos, filha de Izabel Margarida, residente no logar de Acafora, concelho de Cintra, namorava um rapaz residente no logar de Andorinhas, do mesmo concelho, chamado Benjamim Cartaxo, de 25 anos, trabalhador, com quem ha cerca de quatro mezes estava para casar, não se tendo o casamento ainda realisado em virtude de ela se negar a ir viver para as Andoinhas, conforme o desejo do noivo.

Por varias vezes o Benjamim quiz demovel-a da teimosia, o que nunca conseguiu, e por isso resolveu hontem instar com ela pela ultima vez, para o que se dirigiu ao logar de Acafora.

Uma vez ali mandou chamar a noiva e, como visse que a sua resolução era inabalavel, disparou contra ela trez tiros, indo um dos projeteis atingil-a na cabeça.

Socorrida pela familia, foi transportada para o hospital de S. José, onde foi operada pelo sr. dr. Medeiros de Almeida, recolhendo depois á enfermaria de Santa Mariana.

O agressor evadiu-se.

## Com o craneo fracturado

### ao ir em socorro do sogro

Ha tempos que o trabalhador Modesto Barrucho, morador no logar de Ribeira de Parreiros, proximo de São Domingos de Rana, concelho de Cascaes, se dirigiu a casa do fazendeiro Caetano dos Santos, residente no mesmo logar, afim deste lhe emprestar umas peças de ferramenta, pedido que foi imediatamente satisfeito.

Como tivessem decorrido muitos mezes e as peças de ferramenta não voltassem para o seu dono, este tratou de as pedir, resolvendo por isso o Barrucho dirigir-se hontem, acompanhado de seus irmãos Antonio e Sabino, a casa do fazendeiro, afim de lh'as entregar.

Nesta ocasião a fazendeiro exasperou-se com o Barrucho pelo facto das ferramentas se encontrarem muito deterioradas, o que deu origem a que os tres irmãos tentassem agredir o fazendeiro. Vindo em auxilio deste um seu genro de nome Francisco Augusto Paraizo, de 33 anos, viuvo, canteiro e residente no logar de Polima, da mesma freguezia, os Barruchos agrediram-no á pedrada, fracturando-lhe o craneo.

Conduzido ao banco do hospital de São José, foi operado de trepano pelo cirurgião de serviço sr. dr. Medeiros d'Almeida, recolhendo depois á enfermaria de Santo Antonio. Os agressores evadiram-se.

## Homenagem a um oficial

Depois d'amanhã, pelas 14 horas, os sargentos da bateria n.° 3 da guarda nacional republicana, aquartelada em Belem, inauguram o retrato do alferes sr. Pimenta, como preito de homenagem a esse brioso oficial e nosso prezado amigo.

Seguir-se-ha um banquete.

## Poeira da Arcada

**Conferencias politicas**

Estão aprasadas para hoje conferencias entre o sr. presidente do ministerio e os srs. Antonio Maria da Silva e Mesquita de Carvalho, que versarão sobre assuntos de caractor politico.

**Proteção contra o incendio**

O vogal inspector sanitario do trabalho apresentou ao Conselho Superior de Higiene, um relatorio acerca da protecção contra o incendio em Portugal, aplicada aos estabelecimentos industriaes. O mesmo conselho tomou conhecimento da comunicação oficial feita ao nosso ministro em Paris, sobre os casos de peste ocorridos naquela capital e em Marselha, nos meses de junho a outubro ultimos.

**Assucar para a Moita**

A sociedade agricola da Moita obteve do governo assucar louro para ser distribuido pelos habitantes da vila.

O referido artigo deve seguir para ali ainda na presente semana.

**Sanidade interna**

Segundo o boletim de sanidade interna apresentado na ultima sessão do Conselho Superior de Higiene, na semana finda em 25 do corrente manifestaram-se em Lisboa 5 casos de difteria, 3 de febre tifoide, 1 de menigite e 2 de variola.

## Politica e ordem publica

### Os monarquicos constitucionaes e os integralistas

Dissemos hontem que os realistas preparavam um movimento revolucionario para fevereiro proximo, afim de fazerem vingar os seus ideaes.

Hoje sabemos mais que os monarquicos constitucionaes não concordam com tal orientação e tanto que, tendo reunido nos ultimos dias, resolveram aliar-se ás chamadas forças vivas, afim de em conjunto disputarem as maiorias nas proximas eleições. Os monarquicos vão pois apresentar-se á luta eleitoral, mas como independentes e sem fazerem questão de regimen.

Por sua vez, os integralistas, em completo desacordo com os manuelistas, trabaham com afinco e entusiasmo pelo seu D. Duarte Nuno e vão aliciando gente para a sua causa. Contam—dizem eles— com o elemento militar, mas ignorem certamente que, vigiados como andam, todos os seus passos são conhecidos a tempo e horas de forma a inutilisar-lhes todos os manejos. N'um quartel das arredores de Lisboa tentaram tambem assentar arraiaes, mas o comandante, que é um republicano de fé e militar disciplinador, cortou-lhes as vasas e não os deixa pôr pé em ramo verde, como é vulgar dizer-se. Basta dizer que as chaves dos paioes e da casa forte onde se encontram guardadas as metralhadoras estão constantemente em poder do comandante.

Ha um elemento forte em que os conspiradores teem encontrado enorme e patriotica resistencia: é na guarda republicana.

Mas, esse obstaculo vencer-se-ha tambem, afirmam os integralistas...

Não dizem por enquanto a forma, e como, e será talvez muito dificil se não impossivel explica-la, mas como precisam alimentar o fogo sagrado da causa e explorar os incautos, lá os vão engodando com varias patranhas, principal forma de arrancarem algum dinheiro aos pobres de espirito que acreditam no canto da sereia.

A Badajoz chegaram, ha dias, os emigrados politicos Antonio Sardinha e Asdrubal Casqueiro e como haja suspeitas que ali fossem avistar-se com outros conspiradores, imediatamente o nosso ministro em Hespanha solicitou do governo da nação visinha o internamento daquelles dois emigrados.

Asdrubal Casqueiro, que foi capitão de cavalaria, esteve comandante do forte de Elvas no tempo do dezembrismo e foi carcereiro de inumeros oficiaes, entre os quaes figuravam o actual presidente do ministerio e outros. Ao rebentar a revolução monarquica no Norte e em Monsanto, Casqueiro voltou-se para os monarquicos, mas perdido o movimento mais remedio não teve que fugir...

* * *

A policia de Segurança do Estado procedeu hoje de manhã a varias buscas domiciliarias na area do Poço do Bispo, sendo apenas apreendidas uma arma de guerra, um revolver e algumas munições.

Tambem foram apreendidos grande numero de folhetos de propaganda monarquica, que foram encontrados nas residencias de Manuel Rodrigues, calçada do Grilo, e de Miguel da Costa, rua Direita de Xabregas, 74.

### FALECIMENTO

PORTO, 30. — Faleceu o engenheiro inspector Sebastião José Lopes.

## Noticias da Capital

**Brindes e calendarios.** — A casa Buttuller, da travessa de S. Domingos, 37 e 39, distribue pelos seus clientes e amigos uma folha calendario de algibeira.

**Morte subita.**—Depois de verificado o obito no banco do hospital de S. José, recolheu á Morgue Pedro Joaquim Correia Alves de Lacerda, residente na rua Manoel Bernardes, 95, 3.°, que faleceu subitamente na sua residencia.

**Dois pequenos açambarcadores.**—Foram presos Francisco Vieira, trabalhador, rua da Boa Vista, 26, 4.°, e Alfredo Lopes, tipografo, travessa do Cabral, 10, por andarem no largo Bordalo Pinheiro, vendendo carvão por preço superior á tabela.

**A serie diaria.**—Foi enviado para juizo Manuel dos Santos Rodrigues, rua do Seculo, 21, 3.°, por ter furtado varios objectos, no valor de 478 escudos, a José Bento Ribas, Largo do Ministro, 3.

—Queixaram-se á policia Carlos Silva Rezende Corneiro, rua Nova da Piedade, 64, 1.°, de que lhe furtaram um relogio e corrente de ouro, e Maria Moraes, rua Andrade Corvo, 55, do que lhe furtaram varios objectos de ouro no valor de 150 escudos,

—Foram presos Raul Antonio Antunes, rua Sabino de Souza, 65, por ter, pelo processo do «conto do vigario», burlado na quantia de 200 escudos Antonio Joaquim Picado, de Beja, e Encarnação do Rosario, praça do Miradouro, 37, por ter furtado a carteira com 240 escudos a Paulo da Silva, rua do Machado.

## "A Canção Portugueza"

Este hebdomadario literario, cujo aparecimento estava anunciado para o proximo dia 1, só sairá no dia 9, tendo passado a ser seu director o sr. Victor de Souza, na impossibilidade, por doença, do sr. Santos Teles.



OS DRAMAS DO CIUME

## Fere a amante com quatro tiros

### e suicida-se em seguida

Pelo meio dia de hoje todas as pessoas que passavam na rua da Palma foram alarmadas por algumas detonações, que partiram d'um predio situado um pouco acima de teatro Apolo. O alarme foi tal que aos gritos vindos da janela de 2.° andar, d'esse predio, com o n.° 286 alguem comunicou para os bombeiros que havia fogo, saindo imediatamente o material.

Algumas pessoas precipitaram-se para as escadas do predio, entre as quaes o guarda n.° 1360 que logo viram um guarda civico banhado em sangue no chão da cosinha e uma mulher muito ferida numa cama dum quarto proximo

Nesse andar mora o operario reformado do Arsenal, Bartolomeu Pinto, que alugou um dos quartos a Amelia Vigario, de 38 anos, solteira, natural de Santarem, praticante de enfermeira do Hospital Escolar, que ali vivia maritalmente com Alfredo Lourenço, de 27 anos, solteiro, natural de Lisboa, filho de João Lourenço e de Maria Rosa, e que desde o dia 3 do corrente mez pertencia á corporação da policia, onde tinha o n.° 2011, fazendo serviço na 4.ª esquadra, na Praça da Alegria.

Viviam os dois em comum, tudo correndo a principio, bem sem novidade, mas surgindo mais tarde discussão entre eles deixando o guarda de ir a casa por vezes, o que desgostava a Amelia.

A vida que levava indispôl-a de tal forma que ultimamente fazia todas as diligencias para que ele a deixasse, chegando a pensar em ir para o Brazil.

Hontem á noite, o policia foi a casa e, sem que ela percebesse, tirou a chave da porta do quarto, depois de a fechar, e saiu, não tornando a aparecer senão hoje de manhã, começando logo a discutir, como de costume, discussão que se azedou por ele ter levado a chave na vespera.

Parecia porem tudo terminado, dirigindo-se os dois para a cosinha para almoçar, quando bateram á porta. Era um correio que trazia um bilhete postal, para a Amelia, no qual uma amiga a convidava para ir hoje jantar na sua companhia.

Nova questão sugeriu, mais violenta, e ele levantou-se, foi buscar a pistola de serviço, e á queima roupa disparou sobre a Amelia quatro tiros Ela fugiu ferida para o quarto, indo cair na cama.

O policia voltou depois a arma contra si e deu um tiro na cabeça caindo redondamente por terra.

Ela foi conduzida ao hospital nos braços do guarda 1360 e de alguns populares e ele n'um auto dos bombeiros.

No banco do hospital foi pelo director do mesmo, sr. dr. Azevedo Gomes, auxiliado pelo enfermeiro Pereira, verificado que ela tinha sido alvejada com 4 balas, tendo uma no braço esquerdo, duas nas costas e uma no ventre, sendo-lhe feita a operação de laparatomia, após o que, em estado gravissimo, seguiu para a sala de observações onde ficou.

O Lourenço apresentava derramamento da massa encefalica, recolhendo depois do curativo, em estado comatoso, á enfermaria de Santo Antonio, onde faleceu pelas 16 horas.

## Inauguração d'um chafariz

COLARES, 30.— Realisa-se amanhã a inauguração do chafariz no sitio de S. Sebastião feito pela camara de Cintra. E' um grande melhoramento, para aquela povoação. Ao sr. Manuel d'Almeida, nosso digno vereador pertencem os melhores louvores porque ao seu zelo e dedicação é devido este beneficio de utilidade geral.

## Pela instrução

### Universidade Livre

No domingo, efectua-se a quinta conferencia do curso de criminologia e direito penal, regido pelo professor dr. Carneiro de Moura, que escolheu para a sua dissertação um tema muito atraente, quer sob o ponto de vista scientifico quer moral.

Assim tratará sobre as crises epileticas; formas de penas; a deliquencia e os deliquentes nas suas diversas fases.

Algumas projeções luminosas acompanharão a lição, para melhor elucidar os ouvintes.

As conferencias são publicas e principiam ás 21 horas.

### Academia de Estudos Livres

Reuniu a asssemblea geral desta prestimosa instituição educativa, para eleger os seus novos corpos gerentes que ficaram assim constituidos:

Mesa de assemblea geral: presidente, dr. Bernardino Machado; vice-presidente, José Pinheiro de Melo; secretarios, Manuel Esteves da Camara e José Lourenço Simas.—Direcção: dr. Antonio Augusto da Veiga e Sousa, Francisco Bernardino Cardoso, Adriano Abilio de Sá, Alfredo Cesar da Silva e Abilio de Oliveira Lourenço.—Conselho fiscal: Dr. Antonio Joaquim de Sá Oliveira, Joaqnim Cardoso de Sousa Gonçalves, Antonio Luiz Vasques Junior, Antonio Francisco Marques e Serafim Antonio Vasques.

Foram aprovados um voto de louvor á imprensa pelos serviços prestados á Academia e votos de agradecimentos ás pessoas e colectividades que a teem auxiliado, em especial a Junta Geral do Distrito, á Camara Municipal de Lisboa, á Provedoria da Assistencia e á Comissão oficial das Cantinas Escolares.

## Quem alvitra? Quem reclama?

### O telefone do hospital Estefania

*Sr. director d'A Capital.*—A extrema amabilidade de v. rogo o especial favor de, por intermedio do seu mui lido jornal, se dignar pedir providencias para o facto de «ha uns poucos de mezes» não funcionar o telefone do hospital da Estefania.

Compreende bem v. os incomodos, transtornos e cuidados que tal facto acarreta a quantas pessôas teem seus parentes ou amigos nas várias enfermarias daquele hospital e que desejam saber do seu estado, tanto mais que no mesmo hospital existem quatro enfermarias de cirurgia onde quotidianamente são feitas operações.

Esperando que v. se dignará pedir as providencias que tal caso requer, agradeço infinitamente grato e confesso-me de v. etc.—*José Dias d'Oliveira.*



## Parque Automovel Militar

### Material circulante

O Conselho Administrativo faz publico por esta forma que no dia 5 do mez de Janeiro de 1921, pelas 13 horas, se procederá na séde deste Parque em Belem á venda em hasta publica do seguinte material devidamente reparado.

| | |
|---|---|
| Carro Renault 12 H P—4 logares, carrosserie Sport.............. | 1 |
| Carro Fiat 16—20 H P—landaulet. | 1 |
| Carro Peugeot 24 H P—limousine de luxo........................ | 1 |
| Chassi Fiat 20 H P—de correntes.. | 1 |
| Chassis Daimler 30 H P sem valvulas.............................. | 2 |
| Camions Fiat 18 B L—Para 3500 kilos............................ | 6 |

As condições da venda estão patentes na Secretaria do Conselho Administrativo deste Parque em Belem todos os dias uteis das 12 ás 17 horas e os carros acham-se em exposição desde o dia 25 do corrente até ao dia 3 de janeiro p. f. na Garage da Rua Thomaz Ribeiro.

Quartel em Belem, 20 de Dezembro de 1920.

O Tesoureiro

*Antonio José Alvaro da Silva e Costa*, Tenente de Adm. Mar

# A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3741 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Sexta-feira, 31 de Dezembro de 1920 | Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de Impressão — 71, Rua da Bica, 71 | Preço, 5 centavos


## O caso da Agencia Financial

Segundo anunciam os jornaes da manhã, o governo resolveu definitivamente o caso da Agencia Financial do Rio de Janeiro. Consta mesmo que, visto findar hoje o prazo do contracto entre o Banco Portuguez do Brazil e o Estado, será talvez publicado ainda esta tarde um suplemento á folha oficial, rescindindo esse contracto e abrindo concurso publico, a que só poderão concorrer Bancos portuguezes, para a gerencia desse estabelecimento de credito portuguez no Brazil.

Foi a «Capital» o orgão da imprensa portugueza que mais atacou esse contracto, e se só podemos alegrar-nos que as suas consequencias fossem ainda mais ruinosas para nós do que o previramos, crêmos todavia que não nos será negado o direito de recordar a maneira como aqui combatemos em defesa dos interesses nacionaes.

O pretexto para se acabar a Agencia Financial que o Estado mantinha no Brazil, entregando-se as suas operações a um Banco que apezar de tudo quanto se quiz alegar em contrario era positivamente estrangeiro, foi o de que assim conseguiriam rapidamente uma melhoria da situação cambial. Os resultados só podem fazer considerar semelhante promessa como um intoleravel sarcasmo. Foi precisamente sob esse regimen que o escudo portuguez se desvalorisou no Brazil, até chegar á situação presente em que, valendo anteriormente 3$000 réis brasileiros, se encontra reduzido a um valor de 800 réis da mesma moeda. O cambio, que havia de melhorar, já chegou á divisa de 5. Perante semelhante constatação de factos, como deixar de sentir uma justificada indignação? A verdade é que fomos victimas d'uma especulação verdadeiramente ignobil.

O que isto significa no ponto de vista das amarguras por que estamos todos passando talvez não seja devidamente avaliado, embora todos tenhamos sido atingidos por esse verdadeiro crime. A desvalorisação da nossa moeda é hoje o maior perigo que ameaça o paiz, a sociedade inteira. Por causa dela é que se torna cada vez mais esmagadora a carestia da vida. Por causa dela é que Portugal, sendo um paiz tributario da industria estrangeira, se vê a braços uma elevação cambial que na realidade assume um caracter proibitivo para a importação. Por causa dela é que nos vemos na miseria, torturados pelos flagelos do presente, aumentados pelas incertezas do futuro!

Os que lucraram com a entrega das operações da Agencia Financial a um Banco estrangeiro são nossos autenticos carrascos. Na sua febre da ganancia a nada atenderam. Prepararam-nos as maiores calamidades. A resolução do governo, rescindindo esse funesto contracto, e mandando abrir concurso só entre Bancos portuguezes, mostra que nas esferas do poder se reconheceu o grande erro cometido. Assim ele se repare em condições de podermos respirar um pouco.

Falamos em erros. Muitos se têm cometido, e é porventura em consequencia deles que nos vemos assoberbados pelas maiores dificuldades. Sofremos a repercussão das consequencias da guerra, generalisadas a todos os paizes; mas agravamos as consequencias com esses erros funestissimos. Se os não tivessemos praticado, Portugal ainda podia ser um dos paizes menos experimentados.

Incuria, desleixo, faltas de ponderação e de exame, complicando-se com certas premeditações a que os interesses politicos não tem sido extranhos, tudo isso nos conduziu ao estado em que nos encontramos. E', porém, impossivel resgatar essas faltas? Não é. O ponto é que se queira com sinceridade e energia. Não estamos mortos; estamos em perigo, e os perigos podem-se vencer.

Em todo o caso, que o episodio da entrega das operações da Agencia Financial a um Banco do Brazil fique servindo de exemplo para governantes e governados. E' preciso não consentir em certos actos, que são intoleraveis, que são criminosos. E' preciso que todos velem os interesses do paiz como se fossem propriamente os seus. E na realidade são os seus interesses, a menos que outros interesses, mas esses ilegitimos, prevaleçam, pelo abastardamento das consciencias.

Que nunca mais se registem casos destes! Eles merecem o castigo das leis e a execração da opinião publica.

**Por ser amanhã dia de feriado nacional, não se publica A CAPITAL, estando os nossos escritorios fechados.**

AUTENTICAS

## Um vate contricto

O poeta entrou franca e abertamente em outra fase da sua razão aventureira. O antigo demolidor, espirito prostituido que viveu no agrado, em conluio com a pior das canalhas, aburguezia dos balcões, regressa ao paradoxo christão.

Depois de ter andado como um Satanaz de leitura facil a enamorar tanta gente chã da sua negatividade postiça, volta a mostrar-se tal qual é, foi e será — um crente. A' rutila estrela dessa moral que durou dois mil anos, se agarra com unhas e dentes a sua alma hebraica.

Não discute mais, não raciocina, — crê. E como se tivesse a morder-lhe, na consciencia moral de verdadeiro essenio, o remorso torvo de tanto haver blasfemado, não se contenta em ir ali, ao Loreto e, de joelho em terra, produzir no templo o seu acto de contrição. Ele aí veio a publico proclamar a divindade do catholicismo christão.

Homem de espirito, nunca deixou de ter uma alma religiosa. O seu typo hebraico, o nariz aquilino, a propria agudeza do seu olhar o representavam sempre como um membro do sinedrio. A sua rebelião em verso contra certos padrões que o Eterno tem tido o cuidado de oferecer á humanidade, para a auster no atolamento definitivo que hoje é forçoso considerar um facto, o que foi, afinal?

Transigencia com um publico descerebrado, que um seculo mais tarde adoptava a moda da revolução franceza? Submissão ao positivismo chato de publicistas que nem sequer leram o Comte? Amor á popularidade que só é possivel descendo-se ao escuro e estreito vão, a inteligencia o sentir dos vulgares? A ambição, tambem de caracter semitico, de vender muitos exemplares das suas obras?...

Não sei. O publico pensará como lhe aprouver. O certo é que o vate contricto, desde que deixou crescer as barbas á Tolstoi, nunca mais cessou de se absorver na contemplação daquilo a que alguns pensadores atribuem qualidades de mediação com o Eterno. Familiarisado com o suprasensivel, ele que tanto pretendera escalar a Torre da Sciencia, encostar-se a sonhar pelas algidas sombras dos templos. E' o critico mundano, o poeta da democracia, o idolo literario dos homens de grandes bigodes e unhas sujas, que, repeso por ter tolerado o sordido aplauso dos vermelhos sem elevação, se encasula na Fé, se metamorfoseia em apostolo, depois de a toda essa malta haver franqueado o caminho da desorença.

Ninguem como os literatos de profissão, para mudarem de idéas e de idéaes.

Até o Tolstoi, depois de uma vida de renuncia, dentro do seu neo-cristianismo puro, escrevendo a «Minha Religião», e conformando os seus actos e habitos com o Sermão da Montanha, acaba por nos dar a Resurreição; isto é, a condenação de toda a sua vida de caridade.

E', portanto, com os olhos postos em todos estes fabricantes de livros que eu pergunto a mim mesmo o que foi a obra demolidora, de iconoclastia, de maís este vate inconstante?

Se eu tivesse menos 20 anos, com aquele sopro audacioso, oriundo da inconsciencia que a mocidade integra em nossos nervos, diria sem rebuço que o Poeta fez a mais descaroavel «chantage» com o Infinito, a Alma de todas as almas, com o supremo Fulcro Psiquico, meta final para onde caminham os mundos e de que só o su-per-homem se avisinha.

Descaroavel «chantage» sim; pois que é isso de se passar a vida no desmoronamento do velho edificio moral construido pela Revolução, para depois de bem vendidas todas as edições, se entregar de corpo e alma a essa mesma verdade revelada?...

Oxalá o Altissimo, na sua infinita misericordia, seja menos austero do que o Papa Urbano IV o foi com Tannhaüser!

Para isso basta que o aceite, como certo governador da India atraiu a si o maior dos seus detractores.

Foi o caso que todas as noites nas minhas salas, defronte do Palacio do Governo, alguem gritava injurias e difamações contra o chefe da provincia.

Um dia, o governador, então meu amigo, perguntou-me quem o insultava com frequencia em minha casa. Convencido, como estava, de que o insultador o era para que tal se soubesse, declinei o seu nome.

Dentro de um mez o homem dos doestos, o gritador das injurias, apareceu nomeado para os mais rendosos cargos da provincia.

Será a um suborno desta natureza que o Poeta oferece o desmentido das suas arguições passadas e falsas? Das suas investidas banais e retumbantes?

Se assim é, oxalá que o seu Jehovah ou seu Cordeiro Pascal um dia imolados na ara da reconciliação, sejam da força do tal governador, vejamos a sua alma atascada de beneficios.

Entretanto que enorme se me afigura aquela familia de Iankees que, lutando com um fantasma que aparecia num castelo da Escocia por ele comprado, acaba por o vencer. A principio não acreditava no duende, era uma alucinação dos antigos donos do solar; riu e comprou. Mas logo na primeira noite a alma penada arrastou por tal forma as suas correntes de ferro pelos corredores que os recemvindos não puderam pregar olho.

Então se estabeleceu um combate sem treguas entre os corajosos americanos e o secular penitente do castelo. Os ardis, de parte a parte, os gestos de audacia, sucedem-se diariamente; estuda-se, planeia-se de dia, o que á noite se vae ousadamente pôr em pratica, e o conto termina por dar a victoria ao «yankee».

Oscar Wilde, o genial autor da novela, estuda assim o fantasma do passado que todos nós temos cá dentro; mas dá ao homem forte, ao homem de hoje, o triunfo sobre as vitórias herdadas. Por todo o conto o «yankee» se debate com a sua hereditariedade psiquica que chega a fazê-lo tomar a serio a invenção macabra do espirito dum lord, penado, por seus crimes, cioso do seu castelo; mas por fim o «Canterville Ghost» é vencido.

Sieffried tambem venceu Wodan. O nosso Poeta, porém, rende-se á discreção. E' mais um Prometeu que se abate, mais outra Babel que se desmorona. Em as suas ultimas linhas em prosa são — miseria humana! — a «mea culpa» de haver ousado....

Ai dos pobres de espirito a quem ele aliciou com a sua obra hesitante de rebeldia! ao verem-se agora ameaçados no mundo de confusão que o seu regresso lhes patenteia! Depois de com ele terem perdido a fé nos Deuses, veem-se por ele obrigados a pôr de parte a fé nos homens.

D. Thomaz de Noronha.

CROQUIS DE VIAGEM

## NA BOA PAZ

### XLII — Como o principe de Monaco me ajudou a pagar a viagem

Tenho a impressão que Nice é uma tabaroda onde se queima todo o dinheiro que se lhe chega. Nice é bonita ou feia? Não sei bem porque me dominou e o seu «coquetismo,» a sua graça, a sua sedução poderiam levar-me a mentir. Eu creio que nada tem novo, nem superior a qualquer outra praia amante dum casino; mas embriaga, estonteia. E' Paris sem a miseria das grandes cidades; é a França concentrada num pedaço de beira mar. O clima é admiravel, dizem os classicos, e eu, que o apanho sob um ceu azul de Portugal mas que se encontra por toda a parte, posso afirmar que, com um tempo bom, Nice é faiscante. Na topografia plana é uma cidade banal, na citação da fama resume-se Nice a uma «Place Massena» donde partem os electricos, com o jardim Albert I de palmeiras ao lado, tendo duma banda o casino municipal sem imponencia exterior, e, sobre o mar que ali vem murmurar, um casino sobre estacaria de ferro, vidraças, cupulas e que chamando-se pomposamente o «Palais de la Jetée» pode ser uma estação de vapores, ou uma grande barraca de banhos, simplesmente horrivel, vista cá pelo exterior. Para um lado e outro rente ao mar a «Promenade des Anglais» e o «Quai des Etats Unis,» em reconhecimento aos ilustres aliados que... lá vão deixar o seu belo dinheiro.

Estas «promenades» com cadeirinhas para alugar, renques de arvores, interminavelmente seguindo sobre o paredão que limita o voar, são as mais belas arterias de Nice.

Aqui se debruçam os grandes hoteis, arquitectonicos, moles de cantaria, Ruhl, Negresco, Suisse, centenas de outros, e aqui passeiam as suas amarguras os desiludidos do amor ou da sorte contando seus pesares ao mar que... tambem tem amantes.

A vila, recheia-se de estabelecimentos, bancos, grandes magazins, que pejam «boulevards» largos, estonteadoramente iluminados á noite. Não tem o encanto de Biarritz, — um «biscuit» galante, — esta Nice em aspecto de cidade, cidade de prazer, mas com quarteirões inteiros de casas comerciaes, cafés, muitas vitrines sempre variando os «etalages», carros electricos sulcando ruas longas, travessas, becos, cines barulhando dia e noite, varios teatros com tournées de Paris.

Apesar disso, são faiscantes os seus boulevards com arvoredo em filas, onde passam automoveis de luxo, depois das quatro horas ou cinco, quando acaba de sair da cama a Nice, que não é de Nice.

As ruas com nomes de generaes e politicos Mac-Mahon, Casteinau, Clemenceau, não são cuidadas como as das vilas, chics, Deauville ou Biarritz; são pavimentadas como as das cidades, calcetadas a paralelipipedos, excepto os passeios á beira mar; monumentos publicos: a «Notre Dame», «O Correio», as estatuas de Gambetta, da Victoria, da Rainha Victoria, e da Poesia...

A cidade está actualmente invadida pelos touristes, a maior parte parisienses, principalmente aqueles e aquelas que tem titulos e trocam corôas por fichas; e o numero de «aves» de arribação é tremendo, adejando em torno das mezas de jogo e dos restaurants duvidosos que enxameiam Nice. Os hoteis, e são tantos, trasbordam de gente que dorme até pela casa de banhos; no «Cecil» proximo á gare do P. L. M. é onde me aceito por 40 francos sem pensão; vou jantar e isso recomendo aos passeantes economicos a um restaurant, na rua Paul Deroulède, «Boeuf á la mode» que é farto e proprio; mas pareço que a fama já correu muito antes de chegar a mim, porque é preciso «bicha» para se apanhar uma meza livre.

Nisto de restaurants é preciso um tacto especial, principalmente para quem leva senhoras na bagagem, visto que com facilidade se entra num «restaurant chic» e só há no menu «lagouste» e na lista «Champagne».

Pela manhã, em Nice, o aspecto é totalmente diverso; é uma cidade de trabalho; há «midinettes», muito elegantes nas suas saias muito curtas, pintadas de faces, mas simples caixas, «demoiselles de magazins», há creadas a discutir o preço dos legumes, damas de chapelinho pelos talhos, empregados publicos apeados para os empregos.

Mas a Nice, que se vê de longe, através o espaço e a fantasia, é da noite. Ahi vou eu com a tenção até ao «Palais de la Jetée» onde dou ingresso por meio franco; é um respeitavel «Casino», soberbo por dentro, tendo a originalidade de estar dentro de agua. As vidraças que limitam a sala de jogo, o restaurant, deitam sobre o mar em bate bate constante sobre as estacas de ferro que suportam a casa. Caraguejola.

O programa diz que a Madame que está a cantar tem varios premios e é uma celebridade; realmente acho-a bastante gorda para celebridade e pre firo «pé ante pé,» debaixo d'alguns olhares terroristas dos amadores do canto e da gordura da madame passar á minha revista ao casino; e aqui em segredo vou confessar que para fazer parte duma trindade lisboeta, papá, mamã e filha das minhas relações de Lisboa, e tambem das minhas relações porque fazem um barulho de metralhadoras quando lhes dá para falar; e se não fosse a providencia de estarem a dormir tinha ficado em bonito estado; a que não me esquecerá é de lhes perguntar o opinião sobre o concerto quando me vierem atordoar os ouvidos com o «gozo» que tiveram... lá fóra, em «Nice.»

Para Monte Carlo ou há o trem, ou o comboio ou o electrico, atrelado o amarelo sem ser pulido, que estaciona em bicha defronte do casino municipal. De fugida direi que este é muito menos imponente do que o outro, visto que é baixo, tem feições de estação terminus e salas simples com decorações embora vistosas; o outro é só exteriormente chegando-se a desejar por vezes que o mar um dia, quando estiver com a areia, engula aquele exemplar de estação sul e sueste.

Vou de electrico por ser o mais economico e estar no fim de viagem; é um passeio lindo; este seguimento de povoações galantes, pequenos portos entre a costa, este mar sempre azul, muito azul ferrete, a verdura muito pujante dos arredores, são bem da «cote d'azur». Recomendo, sim, a todos que tenham alguns milhões de patacos que possam trocar por duas ou trez duzias de francos, que venham até esta abençoada região; não para fazer a vida da Nice elegante, mas para apanhar uma barrigada de natureza, de sol, de mar, de calma, de luz, estiraçado numa «vila» alugada nos arredores, ou para os lados de Monaco, ou para Cannes...

Em Monte Carlo não foi preciso mostrar os passaportes; chego lá á tarde, e tenho tempo de visitar todo o principado que cabe na... cova da mão. E' lindo, é mil e uma noites, é fantastico; só há palacios nesta terra, entre jardins de verdura, e a cantaria rebrilha ao sol trabalhada para ornamentação de casinos, hoteis, restaurants, palacetes e até da egrejinha. O porto parece que foi comprado num bazar de brinquedos; as ruas parece que foram passadas a ferro; e o «casino»...

O eterno espectaculo da gente sofrega, as mulheres decotadissimas, semi-nuas, fumando, jogando, amando... o que ganhou; os «smokings», os «casacas», já desvairados pelo vicio, como besouros negros em volta da luz que sae em jorros de miriades de lampadas; a musica ao lado, alguns pares dançando, outros refrescando as idéas.

Nada tem o aspecto de tragedia nesta casa enorme e afinal sei lá quanos são os felizes; cada qual guarda a sua tragedia, ou nas abas da casaca, ou sob os leques enormes de plumas.

E não sei porquê, debruçado sobre os «petits chevaux» que galopam em «carroussel», eu penso no austero principe de Monaco, em cuja lista civil figura qualquer coisa que sae desta jogatinaiafrone.

E tambem não sei porquê, levo a mão ao bolso e tiro uns francos, uns saudosos, que, depois das praxes, aposto por um simpatico cavaleiro de casaca verde que está muito apressado apezar... do cavalo estar parado. E' a minha contribuição ao simpatico principe de Monaco, penso com os meus botões.

Mas qual! Se é certo que as boas acções não é Deus quem as premeia, mas os bancos, dando-nos bons dividendos, o que é ainda mais certo é que o meu cavaleiro de labita verde venceu e eu fiquei a olhar, á espera de que um parceiro do lado me levasse o que não me tinha custado a ganhar. Pareço, porém, que o principe de Monaco só recebe pessoas honestas, das raras que ainda existem, e eu recolhi o producto de meu grande esforço e dos meus suores frios.

Voltei para Nice... de trem.

Armando Ferreira.

### Paixão

*Uma pequenina sala Imperio. Junto dum tremó, conversam os dois — ela, muito loira, muito viva, vinte cinco anos se tanto, fresca como uma gravura de Debucour', umas mãos nobres e longas como em certos retratos da pintura flamenga; ele, mais velho, trinta anos talvez, palido, moreno, um sorriso nos labios, uma flôr ao peito, um anel darmas nos dedos. Ela, depois de ter cruzado a perna:*

— *Porque queres tu casar comigo?*

— *Porque te amo.*

— *Ora! Ora! Isso é uma desculpa, nunca pode ser uma razão.*

— *Só te adoro, a ti.*

— *Ha dez anos que oiço essas palavras a todos os homens como tu.*

— *Juro-te.*

— *Cala-te. Vocês são todos o mesmo. «Amo-te, adoro-te». Ora deixa-te disso e dá cá um cigarro. Julgas se eu gostasse de ti não te tinha dito já. Não quero casar contigo, pronto. Estou no meu direito. Quero ser livre. Quero fazer as asneiras que quizer!*

— *Cruel! Morro por ti.*

— *Se tens de morrer, morre quanto antes.*

— *Amar-te-hei além da campa.*

— *Olha que massada! — Prometes que nunca mais dizes que me amas, que me adoras, que morres por mim? Se prometes, vá lá: sempre caso contigo.*

Luis d'Oliveira Guimarães.

## Emprestimo em ouro

### Aparece uma proposta a troco do aluguer dos navios ex-alemães

A casa Torlades fez uma proposta de emprestimo em ouro ao governo em troca do aluguer por baixissimo preço dos navios ex-alemães.

O montante do emprestimo é relativamente insignificante em comparação com o que se pode para o fazer.

Falta saber o que seria feito dos navios ex-alemães depois de alugados á casa Torlades por infimo preço, em que trafego seriam empregados, que carreiras iriam efectuar, etc., porque seria ridiculo que uma aprensão que nos levou á guerra, e que representa um importante instrumento de riqueza nacional, fosse assim hipotecada a uma casa estrangeira.

Acerca dos navios, o que há de mais urgente a fazer, é apurar as contas dos primeiros oito mezes da sua exploração, o que até agora não foi ainda possivel fazer, mas para o que se torna indispensavel empregar todos os meios necessarios para que o publico saiba como se estabeleceu a celebrada confusão de contas naquele importantissimo serviço.



## MUSICA

### Artistas portuguezes

Na 6.ª audição, que se realisa na proxima 2.ª feira, para apresentação d'um grupo de artistas novos, formado por Rey Colaço, será solista o eminente pianista Ivone Gomes [illegible] admirada já do publico de Lisboa, que executará a esplendida «Partita em dó menor» de Bach, [illegible], Sonata «Aurora» de Beethoven, o, para finalisar, o programa: a) Berceuse de Chopin, b) Scherzo de Balakireff (1.ª audição em Lisboa), e a brilhantissima Rapsodia n.º 12 de Liszt.

## PELO TELEGRAFO

### Brazil

#### A emigração portugueza

RIO DE JANEIRO, 30. — Os ultimos emigrantes portuguezes aqui chegados encontraram já onde exercer a sua actividade. — *(Americana)*.

#### Cotações

RIO DE JANEIRO, 30. — Cotação do café, 11$100 réis; cambio sobre Londres, 977/8; valor do escudo portuguez, 750, 920 réis. — *(Americana)*.

### Estados Unidos da America

#### A ária do desarmamento

WASHINGTON, 31. — O senador Lodge, presidente da comissão senatorial dos negocios estrangeiros, convocou a comissão para uma reunião que tem por fim sondar a Inglaterra e o Japão ácerca da questão do desarmamento. — R.

#### Propõe-se a revisão do programa naval com o fim de o reduzir

NEW YORK, 31. — O senador Mac Cumber, presidente da comissão senatorial de finanças, depois de ter deixado a residencia do presidente eleito Harding, em Marion, declarou que no interesse da economia nacional, o programa das construções navaes devia ser revisto pelo proximo congresso.

Declarou tambem que tinha muita satisfação em ver que as varias nações de mais poderosos armamentos estavam dispostas a reduzi-los. — R.

#### A furia do reclame e a honestidade de Wilson

WASHINGTON, 31. — O presidente Wilson recusou a oferta de cento e cincoenta mil dollars que lhe foi feita em troca do primeiro artigo jornalistico que ele escrevesse depois de deixar a presidencia.

O presidente recusou sob o pretexto de que um unico artigo nunca poderia valer tal soma. — R.

#### Caruso em melindroso estado

NEW-YORK, 31. — Caruso, que estava sofrendo de uma pleurisia, foi operado.

A operação foi coroada do exito, mas o estado do famoso tenor ainda é muito melindroso. — R.

### Inglaterra

#### O governo inglez explora a fabricação do assucar

LONDRES, 31. — O ministerio das colonias aprovou o projecto da construção de dez mil manufacturas de assucar da Jamaica para serem exploradas sob a direcção do governo. — (R).

#### Intervenção da egreja catolica para minorar os males provenientes da agitação irlandeza

LONDRES, 31. — O clero catolico da Irlanda dispoz-se a empregar toda a sua influencia para fazer cessar a campanha de violencias na Irlanda.

Já foi anunciado que seriam expulsos da egreja todos os que assassinassem membros das forças do corôa.

O dr. Gilmarti, arcebispo de Tuan, numa carta á sua diocese, diz:

«Devo prevenir e cautelar os homens contra o perigo de entrarem em sociedades secretas».

Esta pastoral causou uma certa impressão.

Todos os membros das sociedades secretas serão excomungados.

As juras feitas pelos membros de taes sociedades não teem força e os que as pronunciaram serão livres como se as não tivessem pronunciado. — (R).

#### Comercio com os Estados balkanicos

LONDRES, 31. — A imprensa ingleza diz que se estão fazendo negociações internacionaes de grande importancia entre influentes financeiros inglezes e grupos de negociantes da mesma nacionalidade e do extrangeiro, tendentes a estabelecer operações comerciaes com os estados Balkanicos.

O resultado destas negociações terá uma grande importancia não só comercial mas politica (R.)

### Alemanha

#### A sua resistencia passiva ás determinações do tratado de paz

LONDRES, 31. — A imprensa ingleza referindo-se á reunião do gabinete em que se vae tratar da recusa da Alemanha para licenciar as tropas de defesa da Baviera e da Prussia Oriental, diz que a Inglaterra embora satisfeita com a maneira como a Alemanha licenciou o seu exercito regular, concorda com a França nas suas objecções acerca da existencia de tão formidaveis forças irregulares.

Os jornaes acrescentam que, a menos que o governo alemão não comece desde já a desarmar essas forças, cumprindo as suas obrigações para com a França, esta nação será autorisada a agir. Isto quer dizer que o exercito francez poderá avançar e ocupar novos territorios de maneira a castigar a Alemanha do seu procedimento. (R)

### Italia

#### Fim da tragedia fiumeza

ROMA, 31. — Corre o boato nesta cidade de que d'Annunzio saiu em aeroplano. — R.

### Finlandia

#### Partida de plenipotenciarios

PARIS, 31. — Os plenipotenciarios finlandezes enviados a Moscou para proceder á retificação do Tratado de Dorpat, entre a Finlandia e o governo dos soviets, sairam de Helsingfors em 28 do corrente. — R

### Polonia

#### As suas relações com a França e com a Bulgaria

PARIS, 31. — Anuncia-se oficialmente a vinda do marechal Pilsudski a esta cidade no mez de Janeiro. Os graves problemas da Europa Oriental dão a esta viagem uma grande importancia, porque permitirá ao chefe de estado polaco trocar impressões com os homens de Estado francezes e aliados.

O marechal que é general em chefe do exercito polaco, aproveitará a sua vinda a França para visitar os campos de batalha da grande guerra, que deu á Polonia a sua independencia e a sua integridade. O eminente vulto polaco receberá em França o acolhimento caloroso que que é de esperar da amisade tradicional das duas nações. — R.

PARIS, 31. — Comunicam de Varsovia que chegou ali Stambouloff o qual deve ser recebido pelo chefe do estado. — R.

### Russia

#### A folia bolchevist

MOSCOU, 31. — Os comissarios do povo decretaram que a partir de janeiro de 1921 deixarão de pagar o combustivel que utilisarem, os operarios e empregados em institutos governamentaes, todos os invalidos da guerra, e do trabalho, os mulheres, as viuvas e os filhos dos soldados do exercito vermelho e dos marinheiros, e todas as pessoas com a categoria dos comissarios do povo. Aquelas mesmas pessoas terão a regalia de gosar gratuitamente dos serviços e telegrafos postaes. — (R).

#### Experiencias com o telefone sem fios

MOSCOU, 31. — O comissario dos correios e telegrafos Liubovitski diz que com uma comunicação radio telefonica da estação de Khodcka em Moscou tinha sido ouvida em Tobitz, á distancia de 4.500 vestas, batendo assim o record mundial de comunicação a distancia pelo telefone sem fios. — (R).

## O caso do documento diplomatico

O director da policia de investigação criminal, sr. dr. Reis Junior, esteve hoje ouvindo o arqueologo sr. dr. Virgilio Correia sobre o tão falado caso da publicação de um documento diplomatico e confidencial num jornal da noite.

Os depoimentos foram reduzidos a auto pelo chefe da 2.ª secção sr. Sequeira.

O sr. dr. Reis Junior ainda deve ouvir hoje o sr. Bourbon e Menezes, director do jornal que publicou o documento em questão, e o sr. Fidelino da Costa, que continua detido num dos quartos particulares do governo civil.

O director da policia de investigação, continua trabalhando activamente afim de ultimar o processo, devendo as suas deligencias prolongar-se pelas noites de hoje e amanhã.

E' natural que o sr. dr. Reis Junior tenha de ir a Madrid proceder a varias diligencias na nossa legação e ouvir o sr. Vasco de Quevedo, secretario da mesma legação, visto serem insuficientes os esclarecimentos vindos da referida legação e que foram pedidos pela policia de investigação.



## "Os Sports,,

**Em virtude de amanhã ser dia feriado, o bi-semanario «OS SPORTS» é posto amanhã mesmo á venda.**

## Pessoal maior dos correios e telegrafos

Da comissão do pessoal maior dos correios e telegrafos nomeada pela assembléa geral ante-hontem realisada, recebemos um oficio dirigindo-nos entusiasticos vivas e saudações.

Agradecemos reconhecidos a gentileza para comnosco havida e não publicamos a moção que acompanhava esse oficio por os jornaes de manhã já a terem inserido e lhe terem feito largos comentarios.

## ANO BOM

Na cantina escolar de S. Mamede, comemorando o dia de Ano Bom, realisa-se amanhã, pelas 13 horas, um jantar a 60 creanças suas protegidas.

## De bordo do "Congo"

No gabinete dos reporters foram recebidos radiogramas, do Las Palmas, dos oficiaes e pessoal do vapor «Congo», dizendo seguem bem e desejam boas festas a suas familias e amigos.

# Theatros — Cinemas

## Pelo Porto

### NAS PRIMEIRAS

**TEATRO NACIONAL — Porto, tantos de tal,** *fantazia regional em 1 prologo, 2 actos e 11 quadros, de Arnaldo Leite e Carvalho Barboza, musica de Fernando Athos e Bernardo Ferreira.*

Apezar da má vontade dos criticos de café e do despeito de muito ilustre desconhecido, as peças dos conhecidos auctores portuenses continuam a triunfar.

A' campanha demolidora dos nulos e dos falhos que pelos baiucas de má lingua estadeiam qualidades que não possuem, e nas gazetas enxopadas de inveja chicoteiam a reputação dos honestos, respondem Arnaldo Leite e Carvalho Barboza com mais uma nova produção, uma fantazia de acentuado sabor regionalista, original pelo entrecho, viva pelo humorismo do dialogo, educadora pela ação que exerce em varias passagens, de uma elevação fóra do vulgar em trabalhos deste genero. Da serie, infelizmente diminuta, das fantazias dos dois escritores do norte, exceptuando «A mulher», que o publico do Porto não compreendeu, «Porto, tantos de tal» é talvez das suas melhores produções.

Tem deliciosos motivos para enfeitiçar a nossa emoção, graça se por vezes bebe versos, versos de poetas e, acima de tudo, de portuguezes. Cantar o Porto, mostrar ao vulgo que, tudo ignora, os padrões heroicos desta cidade invicta, e enaltecer dentro de cartas figuras-simbolos já popularisadas as qualidades adormecidas deste povo bom e sofredor, eis o desejo ardente desta nova fantazia regional.

Depois d'um prologo em verso tendo por fundo uma nesga do Douro, montes d'um verde pagão accovado á beira rio e um barco caracteristico recortando os seus passos elvos num céu de calmaria entra-se no primeiro quadro «Norte de Portugal», num canto do salão arabe da Bolsa onde a cidade do Porto dá recepção a algumas das vilas e cidades d'aquem Mondego.

Ao entrada do compère «o tripeiro» é um truc original, otima a rabula cheia de filosofia na sua aparente simplicidade de «Justiça de Fafe» e o numero «Coimbra» vestido com gosto, cantado com sentimento e ensaiado á moderna. O segundo quadro «Valor, Lealdade e Merito», a Invicta d'outrora, a velha cidade do Arco de Vandoma e do Pelourinho onde se chicoteavam as faltas, verdades, revive numa serie d'episodios arrancados á historia do burgo heroico, numa mira de os engrandecer aos olhos ambotados d'egoismo da gentalha d'hoje.

Surgem novamente das 'betesgas e vielas medievas as figuras do povo que tanto luctou pela justa causa da Liberdade.

Evocam-se datas celebres, 1208, 1637, 1808, 1837. E em rapidos ações dramatisadas a historia é vivida e é dado um nobre exemplo...

Estamos no quadro «Especialidades da terra» o quarto da peça. O Lourenço e o Longuinhos, são os chefes de um bazar regional.

Varios productos surgem então em simbolos que lhes correspondem como o terceto do «Bacalhau á Gomes de Sá, Peles á Provinciana» e «Papas de Sarrabulho». As tortas e os pingos de tocha e a rabula do «Policia da Regua» incontestavelmente a melhor de toda a peça. E este primeiro acto termina numa sentida e merecida homenagem ao Infante de Sagres, filho do Porto e tão heroico como heroica foi a terra que lhe deu berço...

«Flores do Norte» é o primeiro quadro do segundo acto.

Rendilhada literatura, o perfume d'uma poesia embaladora, e um punhado de figuras, moldadas em carinho e saudade, como esses dois bronzes do «Cavador» e do «Poveiro». Um quadro seguinte a transbordar de graça, e aquilo é necessario para as galerias rirem, intitulado «Aquem Mondego». Um dueto cheio, as «Arcosas» e o «Arcinho» um numero popular, a coga-rega da procissão d'aldeia e a rabula do «Almocreve das Petas» em que quo a já estafada «Passagem do Regimento» é aproveitada com graça infinita...

Do desempenho, dois nomes em primeiro logar, Alfredo Ruas na composição das suas quatro rabulas comicas e na dição quente e arrebatadora do seu «Poveiro» e Soares Correia, sobrio no «Tripeiro» sem exageros e acrobatismos desnecessarios em palcos de revista e não perdendo uma unica charge da peça. Depois, e sem distinção porque todos se uniram para um conjunto harmonioso Santos Carvalho no «Cicorone» Agostinho Lopes no «Cavador» Alberto Miranda no «Longuinhas» Alfredo Pereira cantando correctamente, Antonio Bastos e Dabine Justino Magalhães, viva a «Coimbra» com alma e soube compor na sua ingenua simplicidade a «Fiandeira» do quadro historico, Alda Teixeira uma endemoninhada «Arcosa» Evangelina Bastos feliz na composição da sua grotesca «Zefa Pereira» Zulmira Vargas maliciosa demais no «S. João de Braga» Candida Rosa, escondida em papeis de pouca importancia; e o resto do elenco feminino acompanhando correctamente os colegas.

A muzica de Fernando Alves e Bernardo Ferreira, por vezes d'um caracteristico bom portuguez, por vezes elevando-se, como no numero dos «Peraltas e Secias», é toda ela feliz e ouve-se com interesse «O fado de Coimbra» é sentimental e encanta. O numero das «Fiandeiras» é uma deliciosa canção embaladora, e a cegarega impõe-se pela sua originalidade e graciosa instrumentação.

Da scenografia, ensenação e guarda-roupo, Reis Filho com uma scena feliz «O bazar regional». Colorido, detalhes nas composições das figuras, bom gosto na estilisação dos rompimentos. Viegas nas duas fezes do apoteose do primeiro acto continua a manter as suas já velhas tradições de scenografo desenhador. Renda Serra e Amancio pinteram um delicioso pano talão para o prologo. Del Barco, com profundo pezar o digo, pois se trata d'um artista consciencioso, não conseguiu realçar a scena Salão Arabe, e Rebelo Junior não foi feliz, a não ser no quadro «Flores do Norte». Ensenação de Jaime Silva cuidada, apezar do r petido da anteriores peças.

O guarda-roupa de Valverde com varios grupos de mestre como o da «Coimbra», «Fiandeira», «Uvas do Douro» e «Carapuças e socos».

**Nuno Gil.**

## Noticiario

**Entre nós**

**Recita a favor de Cristiano de Souza**

E' na segunda feira que no teatro S. Luiz se realisa a favor do actor Cristiano de Souza invalidade pela doença.

Abrirá o espetáculo uma conferencia pelo distinto jornalista sr. Santos Tavares.

Representar-se-hão em seguida dois actos de uma opereta, com o concurso da querida e gloriosa artista Virginia, havendo um intermedio em que tomam parte, alem d'essa artista, Ausenda de Oliveira, Maria Pia, Amelia Rey Colaço, Emilia de Oliveira, Amelia Pereira, Augusto Cordeiro, Palmira Torres, Maria Aldina, Lina Demoel, Henrique Alves, Fernando Pereira, Henrique de Albuquerque, Robles Monteiro, Rafael Marques, Armando Saraiva, Artur Duarte, Alves da Cunha, Tomaz Vieira, Rois (pae) Alfredo de Souza, Francisco Judicibus e Francisco Vizira, etc.

Os artistas dos teatros Trindade, Politeama, Apolo e Eden concederam um dia dos seus ordenados em favor de Cristiano de Souza.

E' pois uma recita simpatica a que todos os artistas não deixarão de se associar.



**NO POLITEAMA**

### Concerto Léa Bach

Pode considerar-se notabilissimo o concerto que amanhã efectua, pelas 15 horas, no Politeama, a insigne harpista Léa Bach, Festa d'arte, distincta, toda Lisboa por ela se tem interessado, podendo por isso, antecipadamente, prever-se-lhe um grande exito. O programa divide-se nos concertos de Mozart e Ravel, o primeiro para harpa e flauta, com acompanhamento de orquestra, e o segundo, que forma a 3.ª parte, para harpa e acompanhamento de quarteto de cordas, flauta e clarinete. A 2.ª parte, preenche-a Léa Bach, segundo a sua inspiração do momento, circunstancia que mais interessante torna ainda este excepcional certamen. As primeiras familias da nossa sociedade, que bem apreciam o talento de Léa Bach, já mandaram marcar os seus logares.

## MUSICA

**O belo concerto Blanch de domingo**

Em cada novo concerto a esplendida Orquestra Sinfonica Portuguesa dirigida pelo maestro Pedro Blanch, mais se notabilisa, quer pela execução quer pelos programas. O 5.º concerto que se realisa no proximo domingo no teatro São Luiz, constitue um dos maiores acontecimentos musicaes destes ultimos tempos. Nunca em Portugal se havia ouvido a 3.ª «sinfonia» do grande Schumann. Pois no domingo a Orquestra Blanch executa essa colossal obra prima, o que é caso para ninguem faltar a este belo concerto, em que tambem se executa o celebre poema sinfonico de Strauss, «Don Juan», um dos maiores exitos das anteriores audições, a «Rapsodia em do» de Liszt, a encantadora «suite» «Peer Gynt», a «Marcha Militar» de Schubert e outras obras notaveis.

## MOVIMENTO ASSOCIATIVO

**Trabalhadores de teatro.** — Reune depois d'amanhã, ás 15 horas, na séde, rua do Mundo, 81, 2.º, a assembléa geral, para continuação de trabalhos pendentes da assembléa anterior.

## Festas associativas

**Grupo dramatico actor Carlos Santos.** — E' o seguinte o programa comemorativo das festas do 2.º aniversario da fundação:

Dia 2 de janeiro: — A's 13 horas e meia, sessão solene para a qual estão convidados o distincto actor Carlos Santos, patrono do Grupo, e varios oradores; ás 21, baile abrilhantado pelo quarteto Ciriaco, com diversos atractivos.

Dia 9: — Recita com a peça «O usurario», «Noivos de Margarida», «Recordações de Viuva Alegre», e um acto de variedades.

**Academia Recreativa Leões Amigos** — No proximo domingo, ás 13 horas, ha sessão solene e ás 21 baile abrilhantado pelo quarteto Ciriaco.

# ULTIMA HORA

## As falsificações da cedulas

### O falsificador é um habil desenhador e está incomunicavel n'uma esquadra

Ha muito tempo que em varios estabelecimentos do Bairro Alto apareciam cedulas de 10 centavos falsas, que eram passadas por uma mulher.

O caso foi participado ao agente Delgado, da 4.ª secção, o qual por sua vez informou do que se passava o chefe sr. Eduardo Tavares, que lhe ordenou que procedesse ás respectivas investigações, nas quaes foi auxiliado pelo seu colega Costa.

As diligencias deram tão bom resultado, que, ha dias, os dois agentes apoz algumas noites perdidas em vigilancia, descobriram a fabrica onde as cedulas eram feitas, assim como conseguiram saber quem era a mulher encarregada de percorrer do dia os estabelecimentos, apanhando-a ante-hontem em flagrante.

Presa e conduzida para o governo civil, ahi foi largamente interrogada pelo agente Delgado, declarando ignorar que as cedulas eram falsas e estacaramente que lhe eram dadas pelo homem com quem vivia.

Em face de taes declarações, os agentes dirigiram-se á travessa de Agua Flor, 26, 3.º, onde foram buscar o individuo indicado, que, sendo conduzido ao governo civil se viu ser João de Sousa, habil artista desenhador que tem trabalhado pela sua arte em varios jornaes.

Interrogado, confessou que era ele que fabricava as cedulas, que não tinha cumplices e que a mulher com quem vivia ignorava a falsificação.

Declarou ainda que foi a necessidade que o levou a proceder assim, acrescentando que muitos falsificavam cedulas, mas imperfeitas, ao passo que as que ele fazia eram superiores ás que andam em circulação da Casa da Moeda. Se não fabricava notas falsas de 50 escudos, era isso devido a não ter os aparelhos necessarios, porque, se os tivesse, as faria ainda melhor do que as do Banco de Portugal.

O Sousa está incomunicavel numa esquadra do Bairro Alto.

A mulher, que se chama Luiza Mendes, encontra-se presa para averiguações.

Os agentes Delgado e Costa passaram uma rigorosa busca á residencia do Sousa, sendo ali apreendidas grandes porções de cedulas falsas, umas já feitas e outras ainda por concluir, ingredientes para o fabrico, rolos de mão, uma prensa e o respectivo cunho feito em metal.

Todos estes objectos são feitos com grande perfeição.

Em consequencia do magnifico serviço prestado pelos agentes, o chefe sr. Eduardo Tavares vae propor ao director da policia de investigação que sejam louvados na ordem do corpo da policia e gratificados pelo governo.

* *

Ao fim da tarde voltou a ser interrogada a Luiza Mendes, que depois de muito apertada confessou que do facto tinha conhecimento que o amante falsificava notas, tendo-se ela encarregado de fazer a sua passagem. Mais declarou que tal fabrico durava já ha trez mezes.

## Quem alvitra? Quem reclama?

**O Canal da Lama**

*Sr. director d'A Capital.* — Esta carta não é escrita em Marrocos. E' em Portugal. Tambem não é escrita em Sarilhos-de-Cima. E' em Lisboa. Ainda não é escrita na velha Alfama. E' aqui, num bairro novo, no bairro Camões, em plena rua Luciano Cordeiro, na parte em que ela agora é conhecido pelo «canal da lama». O caso é assim:

Ha 2 anos ruiu aqui pela base um predio de 4 andares. O material desmoronado conservou-se até ha poucos mezes em plena rua, sem que a camara o fizesse remover de cima do passeio.

Ha dois invernos que os moradores desta extremidade sul da rua Luciano Cordeiro eram obrigados a subir carreiros abertos sobre os montões do material, isto para fugirem ao tremendo lodaçal que pelo represamento das aguas se formava no leito da rua, e por não ser possivel tambem utilisar o passeio fronteiro em razão de todo ele, umbora largo, estar tomado por tapumes e madeiras de novos predios em construção.

Este inverno, porem, a coisa vae peor.

Não é já possivel transpor o montuoro dos destroços, porque estes desapareceram e em sua substituição vieram as terras de novos caboucos abertos para as fundações do novo predio que estão fazendo no logar do antigo.

Resta-nos portanto unicamente o leito da rua com lama de palmo e meio nos dias de chuva, pois as valetas estão cobertas de terra e as sargetas entupidas. De noite, sobretudo, ou nos estatelamos no lamaçal, ou ficamos empapados até ao artelho! E' uma vergonha, simplesmente, que sobre de ponto com a escuridão. E' um prejuizo para nós, os moradores, pelo estrago que nos causa no calçado, no vestuario e no figado.

Tem-se reclamado providencias da Camara, mas em vão. Ela só tinha que obrigar os constructores a removerem o entulho e para isso dispõe de uma esquadra privativa de policia, e de um codigo de posturas com multas, julgamentos, etc. Mas não faz nada.

O povo, no seu criterio simplista, diz nestes casos que os mestres de obras «untam as mãos» dessa policia, e o povo parece que tem razão, a avaliarmos pela inercia das autoridades.

Mas faz tristeza uma coisa assim. Ha vereadores capazes de se fazerem obedecer? Ha funcionarios municipaes capazes de cumprir as ordens recebidas? O que diz V. a isto, sr. director *d'A Capital*?

De v. etc. — *Um leitor.*



## O furto de 100 contos

Seguiram para o Porto dois agentes da 4.ª secção de investigação, que foram á capital do Norte buscar o preso José Guaidino Carvalho da Silva, da rua da Junqueira, 158, rez-do-chão, direito, e com escriptorio de de comições na rua do Ouro 220, 3.º acusado, conforme hontem referimos, de ter burlado em quantias avultadas em 100.000 escudos, o importante capitalista, sr. Henrique Pinheiro de Magalhães, da rua do Duque de Saldanha 30, 2.º.

Com o Carvalho da Silva foi tambem preso por suspeito o negociante, sr. Antonio Correia Pereira, do Largo de S. Domingos que estava hospedado no mesmo hotel com o Carvalho da Silva.

O director da policia de investigação telegrafou já para o Porto, pedindo para o Correia Pereira, ser restituido á liberdade pois nada ha contra ele.

## A bolsa ou a vida!

### Parece tratar-se de uma brincadeira de mau gosto...

Alguns jornaes, noticiaram ha dias que um dos nossos mais habeis agentes da policia fora destacado para Setubal afim de averiguar o que de verdade havia sobre umas ameaças de morte feitas a um importante industrial d'aquela cidade, caso ele se não dignasse dar de mão beijada a quantia de 15.000 escudos.

Os mais habeis «reporters» procuraram debalde apurar o nome do queixoso e obter uma copia da carta ameaçadora.

Trata-se do industrial sr. José Gago da Silva, com escritorio na rua do Ouro, 149, 3.º, a quem, por vezes, foram exigidas varias quantias e por ultimo enviada a seguinte carta:

«—Dia 27 ás 10 da noite. Avenida Todi em Setubal.

Ir á Praça da Republica enterrar dentro de uma cova que está já feita, a quantia de 15 contos.

«Itenerario: Vá pela Avenida Todi, depois, meta á rua onde está o escritorio do Gomes da Costa, meta á rua formada por blocos na mesma direcção da rua do Gomes da Costa do lado direito, entre o terceiro e o quarto bloco está a cova onde deve ser metido o dinheiro, o qual deve ser depois coberto com a pedra que está de um lado e depois a terra que deve estar do outro».

Em virtude de tais ameaças foi destacado para Setubal o agente Antonio Maria, que esteve de atalaya toda a noite, não conseguindo afinal descobrir qualquer pessoa a remover a cova, pelo que se suspeita que se trata de uma partida pregada ao queixoso.

## Lisboa a saque

### N'uma noite desapareceram 21 candieiros de iluminação

Lisboa está positivamente a saque, mercê, sem duvida, da falta de policia para vigiar uma cidade de tão grande area como a da capital.

Diariamente nos temos referido aos numerosos furtos acusados á policia, parecendo não haver forma de se evitar um tal estado de coisas.

Os larapios, á falta de melhor, furtaram a noite passada nada menos de 21 candieiros da iluminação publica espalhados por varias ruas da cidade.

A companhia do gaz apresentou hoje mais uma nova queixa no governo civil.

## Um carteirista recapturado

O tenente Graça, comissario de policia, esteve hoje durante todo o dia no seu gabinete procedendo ao inquerito sobre a fuga do temido carteirista hespanhol Manuel Rodrigues Gomez, quando ha dias acompanhado do guarda civico 1667, seguia no comboio para a fronteira, por ter sido expulso de Portugal.

O Gomez, que seguia na companhia da amante, uma esbelta e soberba moçoila, meteu a rapariga á cara do policia, para assim se pôr em fuga, mas de nada lhe serviu o ardil, porque passados dias foi recapturado na rua da Prata.

O temido carteirista, bem como a amante e o 1667, estiveram hoje prestando declarações perante o referido comissario.

## O fogo na casa da Moeda

A policia da 4.ª secção, a cargo do chefe sr. Eduardo Tavares, prosseguiu hoje nas suas diligencias sobre o grande incendio que se manifestou no domingo ultimo na officina de amoedação da casa da Moeda.

O agente Delgado ainda hoje esteve ouvindo varias pessoas, parecendo estar averiguado que não houve crime e que o fogo foi casual.

## POEIRA da ARCADA

**Tolerancia de ponto**

Nalguns ministerios houve hoje tolerancia do ponto da tarde por ser vespera do Ano Bom.

**Congresso telegrafo-postal**

O sr. ministro do comercio recebe amanhã pelas 15 horas, a comissão delegada do pessoal maior dos correios e telegrafos que lhe vai entregar a moção votada na assembléa geral da classe, protestando contra a orientação e trabalhos do congresso telegrafo postal.

**Inspectores escolares**

Os candidatos a inspectores escolares que ainda não legalisaram todos os seus documentos tem de proceder a essa formalidade na proxima segunda feira, visto que as primeiras provas do concurso se realisam no dia imediato, aliás serão excluidos.

**Observatorio de Ponta Delgada**

Foi aberto concurso por 60 dias, para provimento do logar de ajudante amanuense do observatorio Meteorologico de Ponta Delgada, com o ordenado anual de 300$, e actualmente com a subvenção diferencial.

# VIDA SPORTIVA

### Entre grupos do Porto e Lisboa

**O foot-bal Club do Porto contra o Imperio e o Sporting**

No campo de Palhavã realisam-se amanhã e depois, ás 15 horas, desafios de foot-ball que teem todo o interesse, porque n'eles toma parte o campeão do Porto, Foot-ball Club do Porto, jogando amanhã contra o Imperio e no domingo contra o Sporting, clubs que o grupo portuense bateu na epoca passada e que vão agora procurar uma boa desforra. Tambem na epoca passada o F. B. C. Porto bateu o Bemfica e o Carcavelinhos.

No mez passado estiveram os portuenses em Lisboa, mas, como traziam a sua linha incompleta, não conseguiram impor-se. D'esta vez não lhes falta nenhum dos seus melhores jogadores.

## Perola da China

Passa amanhã o 41.º aniversario da fundação d'este considerado estabelecimento da rua da Palma. Os seus proprietarios, seguindo a par o passo os progressos realisados n'um já tão longo periodo, teem sabido elevá-lo de forma a ser considerado um dos melhores da capital.

Para comemorar o dia, para eles de verdadeiro jubilo, oferecem um lunch a alguns amigos e representantes da imprensa. Agradecemos aos nossos amigos o convite com que nos honraram.

## O nevoeiro

Durante a madrugada e manhã de hoje, caiu sobre a cidade um grande nevoeiro, não se vendo um palmo adeante do nariz, como é vulgar dizer-se.

Por tal motivo no Tejo não houve movimento ás primeiras horas do dia não se tendo feito á tabela as carreiras dos vapores para a outra margem do rio e vice-versa.



## Candido Augusto da Costa

**FALECEU**

Maria Luiza das Neves Costa, Candido Augusto da Costa Junior, Mauricio Costa, sua esposa e filhos, Helena da Costa Arriaga, seu marido e filhos e Maria Luiza das Neves Costa, participam a todos os seus parentes e pessoas das suas relações o falecimento de seu querido marido, pae, sogro e avô e que o seu funeral deverá ter logar amanhã, 1 de janeiro, saindo o prestito da sua residencia da Rua Passos Manuel n.º 86, 1.º, pelas 14 horas para o seu jazigo no cemiterio oriental.

## Candido Augusto da Costa

**FALECEU**

A firma Candido Augusto da Costa Limitada cumpre por este meio o doloroso dever de comunicar a todos os seus estimados amigos e clientes o falecimento do seu chorado e saudoso chefe e gerente Candido Augusto da Costa, e que o seu funeral se realisa amanhã ás 14 horas da sua residencia, na Rua Passos Manuel n.º 86, 1.º para o seu jazigo no cemiterio oriental.

## Candido Augusto da Costa

**FALECEU**

Os advogados João de Vasconcelos e Alberto Idéas participam a todos os seus colegas e amigos o falecimento do seu amigo e pae do seu querido companheiro e colega Dr. Mauricio Costa, e que o seu funeral se realisa amanhã, 1 de janeiro, pelas 14 horas, saindo o prestito funebre da casa da residencia do falecido, na rua Passos Manuel, 86, 1.º, para o cemiterio oriental.



## Parque Automovel Militar

**Material circulante**

O Conselho Administrativo faz publico por esta forma que no dia 5 do mez de Janeiro de 1921, pelas 13 horas, se procederá na séde deste Parque em Belem á venda em hasta publica do seguinte material desmandado reparado.

Carro Renault 12 H P — 4 logares, carrosserie Sport.

Corro Fiat 16 — 20 H P — landaulet.

Carro Peugeot 24 H P — limousine de luxo.

Chassi Fiat 20 H P — de correntes.

Chassis Daimler 30 H P sem valvulas.

Camions Fiat 18 B L — Para 3500 kilos.

As condições da venda estão patentes na Secretaria do Conselho Administrativo deste Parque em Belem todos os dias uteis das 12 ás 17 horas e os carros acham-se em exposição desde o dia 25 do corrente até ao dia 5 de janeiro p. f. na Garage da Rua Thomaz Ribeiro.

Quartel em Belem, 20 de Dezembro de 1920.

O Tesoureiro

*Antonio José Alvaro da Silva e Costa*

Tenente de Adm. M.ar